CONEXÕES PARA UM TEMPO SUSPENSO:
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA

Organizadoras
Francisca Ferreira Michelon
Ana da Rosa Bandeira
Paula Garcia Lima
Letícia Silva Dutra Zimmermann

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas

Catalogação na Publicação
Simone Godinho Maisonave – CRB-10/1733

C747 Conexões para um tempo suspenso [recurso eletrônico] : extensão universitária na pandemia. / organizadoras: Francisca Ferreira Michelon, Ana da Rosa Bandeira, Paula Garcia Lima e Letícia Silva Dutra Zimmermann. – Pelotas: Ed. UFPel, 2020.
716 p.

Ebook - PDF ; 37,67 MB
ISBN: 978-65-86440-50-8

1. Ensino superior 2. Extensão universitária 3. Sociedade 4. Pandemia Covid-19 I. Michelon, Francisca Ferreira, (org.) II. Bandeira, Ana da Rosa, (org.) III. Lima, Paula Garcia, (org.) IV. Zimmermann, Letícia Silva Dutra, (org.)

CDD 378.01

Filiada à A.B.E.U.

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Expediente UFPel
Gestão 2017-2020

Reitor
Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor
Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria
Paulo Roberto Ferreira Jr

Pró-Reitora de Graduação
Maria de Fátima Cóssio

Pró-Reitor de Pesquisa e
Pós-Graduação
Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Francisca Ferreira Michelon

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo
Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Infraestrutura
Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento
Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas
Sérgio Batista Christino

Expediente Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura

Pró-Reitora
Francisca Ferreirta Michelon

Secretária
Nádia Najara Kruger Alves

Coordenador de Arte e Inclusão
João Fernando Igansi Nunes

Coordenadora de Patrimônio Cultural e
Comunidade
Silvana de Fátima Bojanoski

Coordenador de Extensão e Desenvolvimento Social
Felipe Fehlberg Herrmann

Núcleo de Formação, Registro e
Acompanhamento
Chefe Ana Carolina Oliveira Nogueira
Cátia Aparecida Leite da Silva
Rogéria Aparecida Cruz Guttier

Núcleo de Ação e Difusão Cultural
Chefe Mateus Schmeckel Mota
Letícia Dutra Zimmermann

Chefe da Seção de Mapeamento e Inventário
Andrea Lacerda Bachettini

Chefe da Seção de Integração Universidade e
Sociedade
Norlai Alves Azevedo

Seção de Captação e Gestão de Recursos
Chefe Paula Garcia Lima
Elias Lisboa dos Santos

Colaboradores
Profa. Desirée Nobre Salasar
Prof. Dr. Jerri Teixeira Zanusso
Prof. Dr. Valdecir Carlos Ferri

SUMÁRIO

40. USO DE MÍDIAS SOCIAIS COMO ACOMPANHAMENTO E INTEGRAÇÃO PARA ALUNOS DO CURSO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA DURANTE A PANDEMIA

Maurizio Silveira Quadro, Matheus Goulart Carvalho, Grégory Correia da Silva, Henrique Peglow da Silva, Thalia Strelov dos Santos, Sthéfanie da Cunha

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFPEL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Com este livro, encerra-se a Coleção Extensão e Sociedade, a primeira vertente da linha editorial proposta pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) ao Núcleo Editora e Livraria da Universidade Federal de Pelotas (NELU). A segunda vertente foi a do Patrimônio Cultural[1], que registrou a produção vinculada a este setor inédito na administração da UFPel: a Coordenação de Patrimônio Cultural e Comunidade. E a terceira vertente compreendeu a produção vinculada à Coordenação de Arte e Inclusão[2].

1. Neste âmbito, foram publicados os livros “Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade”, “O patrimônio industrial da UFPel”, “Acessibilidade Cultural: atravessando fronteiras”, “ Estudos Interdisciplinares em Patrimônio Jesuítico-Guarani” e “Coleção Coordenação de Comunicação Social da Fototeca Memória da UFPel”.

2. Neste âmbito, foram produzidos os catálogos “Catálogo fotográfico OIANT: Orquestra de Instrumentos Autóctones e Novas Tecnologias UNTREF – Argentina”, “Catálogo UFPel: Extensão e Cultura -PREC- 2019” e o “Catálogo Arte-sul Coexistir”.

A coleção Extensão e Sociedade é uma publicação seriada que publicou, com este, seis livros de 2018 a 2020[3]. Os livros apresentaram temas de interesse social sobre os quais a extensão universitária atua no sentido de contribuir para gerar reflexão e debate. Quatro destes livros foram organizados a partir de editais e um deles registrou parte das palestras da V SIIEPE (Semana Integrada de Inovação, Pesquisa, Ensino e Extensão) da UFPel.

Nesta publicação, reúnem-se textos submetidos no Edital 05/2020 PREC/NELU sob o tema "Conexões para um tempo suspenso: as formas da extensão universitária da UFPel durante a pandemia da Covid-19".

Foram aceitos relatos ou reflexões sobre trabalhos de extensão realizados no período de março a julho de 2020, que abordassem ou tivessem se originado em função do contexto da pandemia de Covid-19. O principal objetivo do livro, portanto, é ser um registro e difundir, na forma de livro, a análise de resultados das ações extensionistas desenvolvidas na Universidade Federal de Pelotas relacionadas ao tema que se insere em um dos maiores desafios mundiais da atualidade.

O tema pandemia, por desafiador que é, estimulou inúmeras ações na UFPel. Além dos textos inscritos no edital do livro, outra parcela de contribuição é advinda de submissões feitas para revista Expressa Extensão[4], que estava recebendo textos com a mesma temática. Aqueles inscritos para a seção artigos foram convidados a ingressar na presente publicação, auxiliando a fazer um grande compilado da produção extensionista da nossa universidade, durante o período da pandemia.

Os textos submetidos foram avaliados por pareceristas *ad hoc*, externos à UFPel, e de notório conhecimento na área temática da Extensão

3. Em 2018, "Infância Cidadã"; em 2019, "Ações Extensionistas e o diálogo com as comunidades", "A universidade do encontro e da inclusão: conferência e mesas da 4ª SIIEPE" e "Fronteiras"; em 2020, "A Extensão Universitária nos 50 Anos da Universidade Federal de Pelotas" e o atual.

4. A revista Expressa Extensão é uma publicação periódica quadrimestral da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas, que publica textos inscritos em edital com temas vinculados ou oriundos de questões de interesse à extensão universitária. Disponível em https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/index.

referida pelo trabalho. A comissão editorial do livro, composta pelas Professoras Francisca Ferreira Michelon, Ana da Rosa Bandeira, Paula Garcia Lima, pela Técnica Administrativa Letícia Silva Dutra Zimmermann e pelo Professor Eder João Lenardão, conduziu a análise de 40 textos submetidos. Ao todo, participaram do processo de avaliação em torno de 60 pareceristas de diferentes IES de todo o Brasil.

Todos os textos que foram submetidos são de autores da UFPel, ainda que possam contar com coautores externos e são oriundos de programas, projetos ou ações com ênfase em Extensão, na ocasião do edital, concluídos ou em andamento e aprovados no Módulo Projetos Unificados/Cobalto do sistema de gestão acadêmica da UFPel.

O livro está disponibilizado gratuitamente para *download* em formato *ePub* e no catálogo online da Editora, no repositório institucional da Universidade.

Portanto, ao concluir-se o ano de 2020, marcado pelo evento global da pandemia de Covid-19, encerra-se a linha editorial com um registro dos mais significativos para o futuro, cuja finalidade é informar sobre o desempenho da extensão universitária na UFPel em um momento desafiador, inédito, até aqui, na sua trajetória de meio século.

AS ORGANIZADORAS

CONEXÕES PARA UM TEMPO SUSPENSO

UM REGISTRO DE COMO A UNIVERSIDADE MOVIMENTOU-SE EM UMA ÉPOCA DE IMOBILIDADE

Na antiga e conhecida obra de Daniel Defoe “Um diário do ano da peste”[1], há vários trechos ao longo do livro que narram e refletem sobre as histórias decorrentes do isolamento social aplicado durante o grande surto de peste bubônica em Londres, no verão de 1665. Embora tenha publicado o texto mais de cinco décadas após o fato, Defoe apresenta um relato novelístico sobre aquela ocorrência que, através da testemunha ocular criada pelo escritor, permite aos leitores do presente estabelecer alguma relação entre o nosso momento e um passado que desse dista três séculos. A relação à qual me refiro não são as doenças, os patógenos e o conhecimento que se tinha e que se tem dos meios de combate e prevenção, mas os sentimentos humanos que emergem, quando no conjunto de estratégias empregadas para conter o avanço da infecção, a conduta recomendada é o isolamento domiciliar, ou seja, evitar o contato direto entre pessoas que não habitam sob o mesmo teto.

1. DEFOE, Daniel. **Um diário do ano da peste.** Tradução Eduardo Serrano San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2014. 3 ed.

Os significados e as consequências do uso dessa estratégia são muitos. Vale lembrar que o isolamento da pessoa infectada é uma prática antiga que tomou novas formas com "o avanço do conhecimento científico e aos significados atribuídos à saúde e à doença, ao longo da história da humanidade" (NICIHATA *et al.*, 2004, p. 63)[2]. Também, o isolamento da pessoa infectada ou doente foi sendo progressivamente institucionalizado, constituindo-se, com o passar do tempo, nos hospitais específicos ou nas alas específicas dos hospitais. Defoe, através do seu narrador fictício, faz referência ao esgotamento rápido da capacidade de receber doentes no Hospital dos Pestilentos e da urgência por outros iguais em Londres, contrapondo essa solução a então vigente de fechar as casas nas quais houvesse infectados. A casa era fechada com os doentes e os não doentes dentro, colocavam-se dois vigias na porta, um para o dia e outro para a noite e, assim, ninguém saía.

A escritora estadunidense Katherine Anne Porter[3], em um dos seus contos, publicado originalmente em 1936, traça, com um estilo muito pessoal, o panorama da experiência dramática de ter contraído a gripe espanhola, em 1918, e ter sido hospitalizada e isolada das pessoas próximas por um tempo longo, do qual ela, na sua agonia, não conseguia dimensionar. Sobre a mesma pandemia, John Barry[4] descreve ao longo do seu *best-seller* o terrível esgotamento dos leitos nas enfermarias e hospitais em várias cidades dos Estados Unidos, e o isolamento desesperado que decorreu do medo que a doença desconhecida provocava na população. Descreve, a partir de dados levantados, a situação dos soldados que em diferentes acampamentos acometidos pela gripe iam sendo isolados, até o isolamento de toda a unidade militar, que virava um campo de morte. E, tal como Defoe, descreve o desespero do isolamento forçado pela circunstância dos familiares ainda sadios com os seus

2. NICHIATA, Lúcia Yasuko Izumi, GIR, Elucir, TAKAHASHI, Renata Ferreira, CIOSAK, Suely Itsuko. Evolução dos isolamentos em doenças transmissíveis: os saberes na prática contemporânea. **Rev Esc Enferm USP,** 2004; v. 38, n.1, p. 61-70.

3. PORTER, Katherine Anne. **Cavalo pálido, cavaleiro pálido**: três novelas. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1964.

4. BARRY, John M. **A Grande gripe**. A história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

parentes doentes ou mortos, em casa. Trabalhos acadêmicos também incluem dados referentes ao isolamento quando estudam as grandes pandemias e pesquisas históricas buscam elementos que descrevam as mais antigas registradas de algum modo, como a Peste Justiniana.

Portanto, como outros, o isolamento é um recurso recorrente nas pandemias que pontua em tempos, lugares e situações distintas o afastamento dos doentes e o confinamento preventivo dos sadios. As referências históricas são vastas, seja na literatura científica ou ficcional, e tal como afirma o médico e escritor Stefan Cunha Ujvari[5], os seres que provocam as doenças contagiosas nos humanos, que em determinado momento se tornam surtos, endemias ou pandemias, podem ser tão antigos quanto a própria humanidade, ou mais. Conclui-se, assim, que o isolamento social, domiciliar e outros é experiência já conhecida. Nós sabemos deles, talvez tanto quanto os esquecemos. Possivelmente, não é fato que agrade a maioria lembrar. No Brasil, ao final do ano de 2020, talvez seja possível realizar um compêndio de diferenças nas curvas de infecção da doença Covid-19 que variaram de local para local e observar a ocorrência e intensidade da prática do isolamento domiciliar que as acompanharam.

No entanto, o que motivou o registro que se condensa neste livro foi o entendimento de que a situação peculiar gerada pela pandemia e decorrente do isolamento merecia ser registrada pelo relato daqueles que a viveram na Universidade Federal de Pelotas. Pretendeu-se, com isso, inventariar como os extensionistas reagiram ao desafio tanto do trabalho remoto como da suspensão do calendário letivo na UFPel, ciente de que o que ocorreu aqui foi o mesmo ou semelhante ao que ocorreu em quase todas as instituições de ensino superior no Brasil. Foi um sentimento que gerou este livro, o de que o setor administrativo responsável pelas políticas dessa dimensão, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, deveria oportunizar uma forma de memória das ações daqueles que não desanimaram diante da nova realidade e continuaram em movimento quando os acontecimentos sugeriam a suspensão e a espera.

5. UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus.** São Paulo: Contexto, 2012.

As muitas revistas de extensão universitária, de modo geral mantidas pelas Pró-Reitorias de Extensão das instituições de ensino superior no Brasil, reservaram, neste ano, um ou mais números para o tema da pandemia. Também a nossa Revista Expressa Extensão o fez e, assim, publicamos dois compêndios com a mesma temática. Entretanto, o presente livro, ao contrário da Revista, abriu um edital interno, específico para os projetos da UFPel que desenvolveram ações e estratégias para manter suas atividades, primeiro, durante a suspensão do calendário letivo e após durante os dois calendários alternativos de 2020. O que esse fato representa, efetivamente, é que o processo de reação ao estado de suspensão, na UFPel, foi entendido como exemplar de uma ocorrência importante, tanto pela manifestação de que muitos estavam conscientes do momento, como da capacidade de a ele responder imediatamente. Resta saber, e dizer, qual foi essa resposta. Na UFPel e, possivelmente, nas demais universidades, foi usando os recursos disponíveis, que se traduzem nos meios digitais e acesso à internet. Será fácil observar que todos os relatos apresentam ações educativas ou de divulgação. Para os projetos, foi tanto um caminho possível como indiscutível.

A fim de deixar um registro útil ao futuro, retomo algumas datas que marcaram os momentos na sequência em que ocorreram. Logo, será possível perceber no fluxo desta breve linha do tempo, como os sentimentos, as decisões, as ações e os resultados delas também foram sequenciais.

O primeiro caso suspeito de infecção no Brasil começou a ser monitorado em 20 de fevereiro de 2020[6] e não seria confirmado. No entanto, seis dias depois foi confirmado o primeiro caso em São Paulo. Após dias depois, confirmou-se o segundo caso, também em São Paulo. Por volta dessa data, o Ministério da Saúde monitorava 433 casos suspeitos. Em seis dias, mais dois Estados confirmaram casos. No dia 09 de março já havia oito Estados com casos confirmados e o número de casos suspeitos era de 907. Entendido que a pandemia havia chegado no Brasil, o Ministério da Saúde iniciou as tratativas com o Poder Legislativo para liberação de recursos voltados à ações de enfrentamento à doença. Em

6. Todas as informações desta sequência de fatos foram obtidas na fonte: SANAR MED. **Linha do Tempo do Coronavírus no Brasil**. Disponível em: https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil. Acesso em: 23 out. 2020.

17 de março foram registrados os primeiros óbitos em decorrência de Covid-19. Na mesma data, o número de casos confirmados chegou a quase 300 e aproximadamente 8900, o número de suspeitos. No entanto, a testagem estava indicada apenas para os casos graves, o que tornou os números da notificação pálidos frente ao que estava acontecendo, na realidade. Ainda assim, no Rio de Janeiro foi decretada situação de emergência e iniciaram as medidas para evitar a aglomeração de pessoas. Dentre elas, o isolamento e a quarentena. Depois de mais de dois dias, já havia 20 estados com casos confirmados e a contagem das notificações passa a mudar no mesmo instante. O registro dos óbitos aumentou. Os protocolos de atendimento a pacientes com possíveis sintomas de Covid-19 mudam e mudarão nos meses seguintes. No dia 20 de março, o Ministério da Saúde reconheceu a transmissão comunitária do novo vírus no país e indicou que as autoridades estaduais tomassem medidas para promover o distanciamento social. Poucos dias depois, todos os estados notificaram casos confirmados.

Isso foi em março. Depois a pandemia avançou, espalhou-se para fora das grandes cidades, levando vidas e expondo os conflitos mais profundos da nação: políticos, sociais e humanos. As informações de toda a ordem jorraram pela mídia e pelas redes sociais. Cenários diversos constituíram-se e se decompuseram em um fluxo de adversidades que mutilaram, pouco a pouco, a melhor compreensão dos fatos. Mudanças foram impostas e não houve como negá-las. A negação da gravidade do evento global adveio de muitas formas, de diferentes lados, por diversas razões. As perdas de naturezas fundamentais atingiram, e atingem, os mais vulneráveis. E em pouco tempo, o Brasil estaria entre os países mais acometidos pela pandemia e se tornaria o segundo mais crítico, após os Estados Unidos.

Uma data deve ser lembrada: 7 de agosto. Passados 150 dias da primeira vítima da pandemia no Brasil, foi noticiada a cifra de 100 mil mortes causadas por Covid-19. O número seria superado rapidamente, porque era apenas um marco. A doença continuava o seu rumo, independente de quem nela acreditasse ou não. Avançava mais se tratada com desprezo, se dita como se morrer dela fosse algum fato esperável, aceitável e natural. Isso foi pronunciado oficialmente no Brasil e foi defendido por muitos. Ainda agora, enquanto escrevo este texto, não há

evidências de que tal opinião tenha mudado. Cresce, inclusive, o movimento anti-vacina. No entanto, quase todos que afirmam a naturalidade da morte por essa doença, referem-se à morte dos outros, usam-se de um realismo insensível para desvalorizar a vida, ao menos a dos demais. Talvez não o afirmem se for à sua porta que esta morte venha bater.

Pois bem, a segunda pandemia do século XXI pode ser um aviso de que precisamos, rapidamente, aprender mais, sentir mais e humanizar nossos valores.

Talvez seja possível já estarmos neste caminho. As instituições de ensino viram-se, de um dia para o outro, confrontadas com a pandemia. As instituições federais, amparadas pela sua autonomia pedagógica e administrativa, reagiram rapidamente. A UFPel, em 13 de março, emitiu a Portaria que autorizava o trabalho remoto no setor administrativo por 3 semanas. Findo o prazo, novos documentos foram emitidos prolongando o limite da autorização. No mesmo dia, outra Portaria suspendeu o Calendário Acadêmico 2020. Para a Instituição, a partir desse momento, o relógio parou em um tempo suspenso em expectativa e espera. No entanto, tudo estava acontecendo. Ficar em casa tornou-se um grande desafio porque a imobilidade tinha que ser vencida e, a bem da verdade, as possibilidades eram poucas. No início, a rua era o silêncio, mas dentro das casas as vozes se multiplicavam. As conexões clamavam ser estabelecidas para que o tempo não se tornasse mais uma vítima da pandemia e a vida, em todas as suas dimensões, não virasse uma reta oblíqua descendente de motivações e superações.

Diante desse cenário, surge a ideia que promoveu o livro que ora introduzo. Do lugar de onde nos encontrávamos trabalhando, os fatos assumiam suas ocorrências nas redes sociais, nos recursos das salas virtuais, nas transmissões simultâneas. Como se as luzes de um salão fossem ligadas ao mesmo tempo, todos se enxergaram e enxergaram suas possibilidades da mesma forma. E, por elas, agiram. A novidade do encontro virtual e dos usos das redes para divulgação tornou-se, em pouco tempo, fato corrente. E foi dessa forma que os meses de 2020 transcorreram. Como setor administrativo de uma dimensão universitária que baliza suas diretrizes no encontro e no diálogo, observamos e vivemos esse momento intensamente. Observamos o esforço, a tentativa e a vontade de nossos extensionistas em não interromper as ações.

Projetos de naturezas muito diversas acabaram convergindo para os recursos que se tinham e, sem abandonar seus objetivos, mantiveram-se enfrentando o estado de imobilidade que se impunha. Portanto, o que esse livro contém é um registro de parte do que foi feito, relatado por aqueles que o fizeram. No conjunto dos seus capítulos, é uma declaração de resistência, de movimento, de ação em um tempo e espaço no qual tudo gravita nas ondas da virtualidade.

Também é uma homenagem à força da extensão universitária desta Universidade. E essa força, que aqui está mostrada, não reside nos recursos, nos ditames, nos sistemas, nos setores administrativos, mas nas pessoas que fazem a proposta e a realizam, mesmo que a ordem global seja a do suspender. Esse livro é um registro para que recaia luz sobre tal força e, igualmente, para que este momento singular não seja esquecido.

Serão necessários alguns passos à frente para conseguirmos enxergar o que estamos vivendo. Por isso, este é um livro para o futuro, porque nós sempre o teremos e nele estaremos através da memória, se trabalharmos para isso.

FRANCISCA FERREIRA MICHELON
Pró-Reitora de Extensão e Cultura
da Universidade Federal de Pelotas
Gestão 2017-2020

7 ARTES QUE CURAM

Lúcia Bergamaschi Costa Weymar
Guilherme Franck Tavares
Stéfani Seefeldt Krolow

Um projeto de extensão universitária que "cura" artes que curam "crises"

"7 artes que curam" é um projeto unificado, com ênfase em extensão, cuja grande área relaciona-se à Linguística, Letras e Artes. Realizado na Universidade Federal de Pelotas, é vinculado à unidade Centro de Artes e, mais especificamente, ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Iniciado em 27/05/2020, com término previsto para 31/07/2021, o projeto "7A" situa-se tematicamente nos eixos da cultura e da comunicação e a linha de extensão na qual se filia é ligada às artes ditas integradas. Mesmo se tratando de proposta com ênfase extensionista, o projeto em questão não descuida das ações ligadas ao ensino (com a orientação de alunos em projetos de design) e de pesquisa (com a produção em grupo

e orientação aos alunos na construção de textos acadêmicos que reflitam a experiência obtida).

Face aos tempos de confinamento que estamos vivendo em função da pandemia da Covid-19, percebemos que o que tem nos salvado é o encontro com a arte. Deste modo, e com a interrupção momentânea das atividades ligadas ao ensino, o CA/UFPEL, unidade extensionista por natureza, passa a disponibilizar possibilidades da extensão universitária, tais como o projeto “7A”, cujo conteúdo *on-line* propõe temáticas que, com certeza, vão ao encontro de interesses coletivos.

> O Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas é uma unidade que desde sua origem se caracteriza pela vocação de realizar ações de extensão em dança, teatro, música, design,cinema e artes visuais. A extensão significa para as Artes a possibilidade de socializar, expressar e encantar a comunidade em geral para as possibilidades que, dentro e fora da Universidade, podemos realizar com a Arte (DA SILVA, 2017).

A extensão é compreendida como um exercício de aplicação da ciência, e também como uma resposta às demandas sociais, o que é o nosso caso. Ou seja, no que se refere à extensão, o projeto “7A” objetiva apresentar a toda a comunidade um número significativo de videoconferências, publicadas de modo remoto na rede social *Instagram,* realizadas por professores, técnicos e/ou mestres egressos do Centro de Artes a partir da curadoria de sete artes, de seus campos de atuação ou não, que podem fazer a diferença no enfrentamento de situações de crise como a que toda a sociedade mundial está passando em 2020. Sendo assim, pretendemos divulgar a *expertise* dos profissionais ligados à unidade mencionada a partir de escolhas particulares e relativas a sete manifestações artísticas, as quais, para o conferencista, apresentam-se como possibilidades de cura aos males advindos do isolamento social ora vivido.

O projeto tem como meta atingir o maior número possível de pessoas da comunidade tanto do Brasil como de todos os países de língua portuguesa, e tal alcance tem sido obtido uma vez que já são evidentes

as visualizações, as "curtidas" e os comentários observados nos vídeos já publicados. Contamos, igualmente, com o apoio da mídia local na divulgação do lançamento, através do *site* da universidade[1] e do jornal de maior circulação na cidade[2].

Como a proposição é de vídeos e não de *lives* o material reunido estará, para sempre, na página do *Instagram* relativa ao projeto, o que facilita futuras pesquisas. Se porventura o projeto perdurar até julho de 2021, como previsto independentemente do retorno ou não das atividades presenciais, temos a expectativa de publicar um total de quase cinquenta vídeos que muito poderão incrementar as pesquisas em artes de colegas e de acadêmicos, através das ações de ensino e extensão nele realizadas.

Aqui entendemos a expressão "cura" enquanto recurso, saída, tratamento, solução, remédio, terapia, restabelecimento, e, igualmente, como indica sua etimologia, enquanto cuidado, vigília de objetos icônicos, de imagens e de registros, atividade que antes era restrita aos nobres e ao clero e que hoje se dá no espaço público, e que, para tal, necessita de um agente.

> O termo "curadoria" é um derivado de "curador" que tem origem no latim "curare". Em português, a expressão pode ser traduzida como curar/cuidar/conservar; a etimologia permite interpretar a área como a que *toma conta de algo* e, na área artística, esse *algo* corresponde às obras de arte (LEONZINI, 2010).

Este agente, que no campo das artes seria o curador, é o "catalisador do processo curativo de uma obra, de um período histórico ou movimento artístico, de um suporte material, meio ou técnica, ou mesmo de

1. CENTRO DE ARTES REALIZA PROJETO "7 ARTES QUE CURAM". **ccs2.ufpel.edu.br**, 2020. Disponível em: https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/06/08/centro-de-artes-realiza-projeto-7-artes-que-curam>. Acesso em: 19 ago. 2020.

2. DIAS, Ana Cláudia. A arte como um bálsamopara alma: Projeto do Centro de Artes da UFPEL apresenta ao public videos que elencam sete produtos culturais de destaque. **Diário Popular, Pelotas, 13/6/20. Disponível em:** <https://www.diariopopular.com.br/cultura-entretenimento/a-arte-como-um-balsamo-para-alma-151938/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

(grupos de) artista(s)" (PEQUENO, 2012, p. 16). Assim, temos, no projeto "7A", duas acepções para a palavra cura, todavia percebemos que há um desdobramento na segunda, um duplo sentido, à medida que contamos tanto com a curadoria realizada pela equipe do projeto ao selecionar a organização dos vídeos postados quanto com as curadorias realizadas pelos próprios convidados ao selecionar a linguagem artística e as sete artes a ela relacionadas.

Contudo, o que importa é divulgar conhecimento, quer sejamos nós, os sujeitos do projeto "7A" os "catalisadores do processo curativo", quer caibam às artes selecionadas, os objetos do projeto "7A", a cura enquanto recurso, saída, ou solução. Todavia, divulgar conhecimento pressupõe, para além dos sujeitos do projeto e dos objetos apresentados, a figura do receptor que, nas comunidades virtuais, assume um *status* partícipe jamais visto na história da comunicação (na sequência veremos um exemplo, no ítem "i" do capítulo 2, do quanto a interação do público pode possibilitar novos conteúdos).

Jenkins (2008) defende que a convergência nas redes é uma forma de se gerar novas mídias e até mesmo uma sociedade mais democrática, enquanto que Santaella (2011) acredita que as redes aguçam fortemente a produção de subjetividades pois as produzem a partir do compartilhamento e da solidariedade.

> (...) as características primordiais dessas redes encontram-se na heterogeneidade, na diversidade, nos fluxos ininterruptos de interações, nas conexões planetárias (...). Os processos comunicativos, que rizomaticamente se tecem nas redes sociais digitais, deixam perceber, entre seus aspectos mais relevantes, a intensificação do poder de produção de subjetividade que neles está emergindo devido principalmente aos novos formatos de relações intersubjetivas que as redes propiciam (SANTAELLA, 2011, p. 125-126).

Com o que, afinal, este receptor, no caso toda nossa comunidade, interage nas redes? No projeto "7A", cada profissional é convidado pela equipe (formada por uma professora, um técnico e uma acadêmica,

autora principal e co-autores deste texto) a apresentar, na modalidade de conferências *on-line*, sete produtos, objetos ou projetos, de autoria alheia, e relativas à mesma linguagem, os quais ajudariam, em seu ponto de vista, a curar a humanidade em tempos de adversidades coletivas, tais como sete animações, sete audiovisuais, sete cartazes, sete danças, sete desenhos, sete esculturas, sete filmes, sete fotografias, sete gravuras, sete HQ's, sete livros de história da arte, sete livros-objeto, sete marcas, sete músicas, sete peças de teatro, sete *performances*, sete pinturas, sete artistas, sete poemas, sete tipografias, sete objetos, etc.

2. "7 artes que curam", do/o que temos tratado

Articulado aos projetos de ensino Suldesign Estúdio, escritório de design do Centro de Artes no qual atua o técnico programador visual Guilherme Tavares, e Suldesign On Off, também coordenado pela Profª Lúcia Weymar, o projeto "7A" proporciona atividades de ensino que possibilitam aos acadêmicos aprendizado altamente qualificado, em algumas de suas etapas, como veremos a seguir. Igualmente, sua articulação com os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de Design Digital e de Design Gráfico permite investigações acadêmicas mais aprofundadas acerca do projeto em si ou de suas ações em separado, o que nos levaria a dimensões relativas à pesquisa, assunto a ser explorado futuramente em instâncias apropriadas.

Quatro principais etapas metodológicas compõem o projeto e caracterizam suas principais ações: a) convite aos professores do CA/UFPEL, nossos sujeitos; b) desenvolvimento de material de design e gestão da rede social escolhida; c) edição e publicação dos vídeos e imagens propriamente ditos – ação principal do projeto – e, finalmente, d) orientação, produção e submissão de textos acadêmicos decorrentes da experiência de ensino e de extensão, questão a ser aprofundada posteriormente, em espaço oportuno, como há pouco declarado.

Deste modo, iniciamos com os convites. Tão logo recebemos as primeiras manifestações de apoio da Pró-reitoria de Extensão, em início de junho de 2020, convidamos por meio de *e-mail* todos os profissionais atuantes na unidade a apresentar suas sete especialidades ou sete

interesses. Muitos responderam, pelo *e-mail* ou pelos grupos de WhatsApp, elogiando o projeto, mas poucos manifestaram interesse concreto em participar. Deste modo, a coordenação decidiu fazer um contato mais direto, por telefone, e tem obtido retorno significativo haja vista que o projeto conta, atualmente, com publicações agendadas para os próximos dois meses. Em tempos confusos, de trabalho remoto que não se sabe quando terminará, temos a consciência de que os convidados receiam firmar compromissos em longo prazo.

Na sequência, demos início ao design de identidade. Importa declarar que, uma vez que o projeto de ensino Suldesign On Off acima mencionado é projeto articulado ao "7A", convidamos sua bolsista, acadêmica Stefani Krolow, a participar da equipe. Sob direção de arte do técnico Guilherme Tavares e da professora Lúcia Weymar, a acadêmica desenvolveu a identidade visual do projeto, criou a página no *Instagram*, projetou, e segue projetando, *banners* de divulgação, e tem realizado a gestão constante, quase diária, da rede social citada que, em face ao interesse manifestado pelo público, talvez seja em breve acompanhada pelo aplicativo *YouTube* (Fig. 1).

Figura 1 – No alto da figura, à esquerda, símbolo da marca usado no avatar da página; abaixo, marca prioritária e, à direita, *feed* da página (cada palestrante conta com três posts: o de divulgação, o do vídeo propriamente dito e o da seleção das sete artes escolhidas).

Fonte: Acadêmica Stéfani Krolow, 2020.

A principal ação do projeto, cujo gênero pode ser considerado como evento *on-line*, tem muita relevância para as sociedades local, nacional e internacional. A partir de uma ação como esta, tais comunidades podem ter acesso remotamente a obras de artes escolhidas por professores doutores, e pelos demais especialistas na área em questão, e fruir de um conhecimento geralmente compartilhado apenas em sala de aula ou em periódicos acadêmicos. A ação extensionista tem nos trazido resultados surpreendentes em termos de qualidade do material postado e de retorno do público.

Os vídeos são semanalmente publicados, nas sextas-feiras ao final da tarde, na página do projeto no *Instagram* (http://instagram.com/7artesquecuram). Escolhemos este dia e horário por percebermos a avalanche de *lives* postadas em dias de semana e, como nossa intenção é proporcionar cultura e prazer ao público, divulgar uma atividade cultural como esta aos finais de semana pareceu apropriado. Até o presente momento, dez vídeos foram publicados no *feed* da página, acompanhados da divulgação prévia de cada palestrante e do título da palestra, além da posterior citação das sete artes escolhidas.

a) Vida, existência e ensino de artes: a música como pretexto para reflexão

Dito isto, organizamos a agenda inicial contando com a participação do principal nome, atualmente, do CA e dos dois coordenadores do projeto. O lançamento do projeto se deu em 12 de junho de 2020 com a videoconferência "Vida, existência e ensino de artes: a música como pretexto para reflexão", realizada pela Diretora do Centro de Artes, professora Ursula Rosa da Silva, doutora em História pela PUCRS e em Educação pela UFPel.

As sete músicas escolhidas pela professora são: Caçador de mim, de Milton Nascimento; The sounds of silence, de Simon e Garkunkel; Paciência, de Lenine; Apesar de você, de Chico Buarque; Novo tempo, de Ivan Lins; Honrar la vida, de Mercedes Sosa, e Intuição, de Oswald Montenegro.

b) 7 cadeiras notáveis

No final de semana posterior, no dia 19/6/2020, apresentamos “7 cadeiras notáveis”, vídeo realizado pelo designer, artista e fotógrafo Guilherme Franck Tavares, mestre em Artes Visuais pela UFPEL e técnico programador visual no Suldesign Estúdio do CA.

As sete cadeiras selecionadas são: Lounge Chair & Ottoman (Model 670 & 671), Charles e Ray Eames, 1956; Wassily, Marcel Breuer, 1925; B306, Le Corbusier e Charlotte Perriand, 1930; Zig-Zag, Gerrit Rietveld, 1932; Panton, Verner Panton, 1967; Louis Ghost, Philippe Starck, 2002, e Terra (Grass Chair), Studio Núcleo, 2000 (Fig. 2).

Figura 2 – Sete cadeiras selecionadas na ordem elencada no texto.

Fonte: Acadêmica Stéfani Krolow, 2020.

c) 7 artes em cartaz

Na sexta-feira seguinte, dia 26/6/2020, publicamos o vídeo “7 artes em cartaz”, de autoria da professora Lúcia Weymar, doutora em Comunicação Social pela PUCRS, lotada no Colegiado dos Cursos de Design .

Os sete cartazes escolhidos por Weymar são: Menos Barulho, Josef Müller-Brockmann, 1962; Maps (América do Sul), Paula Scher, s/d; Apartheid/ Racisme, Grupo Grapus, 1986; Livros! (Retrato de Lily Brik), Alexander Rodchenko, 1924, Nie!, Tadeus Trepkowski, 1952; Álbum Greatest Hits de Bob Dylan, Milton Glaser, 1966 e Exposição da AIGA (Associação Profissional de Design) em Detroit, Stefan Sagmeister e Jessica Walsh, 1999. (Fig. 3)

Figura 3 – Sete cartazes selecionados na ordem elencada no texto.

Fonte: Acadêmica Stéfani Krolow, 2020.

d) Paulo Gaiger nas 7 artes que curam

Dia 03/07/20 publicamos o vídeo "Paulo Gaiger nas 7 artes que curam", de Paulo José Germany Gaiger, que é doutor em Ócio e Potencial Humano pela Universidade de Deusto de Bilbao, na Espanha, e atualmente ministra, no calendário alternativo da UFPel, as disciplinas Estudos sobre Mitologia, Ócio e Arte e Arte e Gênero, no Centro de Artes.

As sete artes escolhidas por Gaiger se dividem entre música e literatura, e são elas: Os meus versos, Florbela Espanca e Paulo Valentim; Da minha aldeia, Alberto Caeiro/Fernando Pessoa; Mar e Lua, Chico Buarque; Não vá ao supermercado aos domingos (Ser feliz é complicado. Bem mais fácil é sofrer), Paulo Gaiger; O ciúme, Caetano Veloso; Traduzir-se, Ferreira Gullar/Fagner e Comentários a respeito de John, Belchior.

e) 7 artistas para conhecer

Lauer Alves Nunes dos Santos é professor titular do Centro de Artes da UFPel, diretor do Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo (MALG), doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, mestre em Artes Visuais pela UFRGS e bacharel em Pintura pela UFPel. Em 10/7/20, o professor apresentou o vídeo "7 artistas para conhecer", no qual apresentou obras de sete artistas, sendo que os dois últimos são comentados a partir da perspectiva de suas exposições em dois museus.

São eles: Lenir de Miranda, Lenir de Miranda, 2004; Pellegrin, José Luiz de Pellegrin, 1993; Féliz Gonzalez Torres 4, Féliz Gonzales, 2001; Dora-com-leque-de-plumas, Leopoldo Gotuzzo, Dora Gotuzzo, 1923;

Andy+warhol+Benz+racing+car, Andy Warhol, 1986; Rathko Tate, Tate Modern e Molinari 1, Fondation Guido Molinari.

f) 7 dramaturgias que curam

Marina de Oliveira é professora do Centro de Artes da UFPel, atriz formada pela UFRGS, além de ser mestre e doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS. No dia 17/07/20 seu vídeo "7 dramaturgias que curam" inaugurou, no projeto "7A", um formato de vídeos mais curtos uma vez que começamos a perceber que uma enorme quantidade de informações *on-line* e comentários informais do quanto as pessoas, mesmo em quarentena, sentiam que o tempo parecia pequeno para tantos aprendizados.

As sete dramaturgias selecionadas pela professora são: O Rei da Vela, Oswald de Andrade, 1933; Eles não usam black-tie, Gianfrancesco Guarnieri, 1958; Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto, 1955; Navalha na Carne, Plínio Marcos, 1967; O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu, Jo Clifford, 2009; Exu, a boca do Universo, Daniel Arcades/Fernanda Júlia (Onisajé) e A Febre, Maya Da-Rin, 2019 (Fig. 4).

Figura 4 – Sete dramaturgias selecionadas na ordem elencada no texto.

Fonte: Acadêmica Stéfani Krolow, 2020.

g) 7 materiais para desenho

Dia 24 de julho foi o dia de José Carlos Brod Nogueira, artista plástico, bacharel em Arquitetura e em Pintura, especialista em Desenho Artístico e mestre em Artes Visuais, apresentar sua videoconferência denominada "7 materiais para desenho". Zeca Nogueira, como é conhecido, atua como professor da área de desenho do Centro de Artes, e ministra as disciplinas Fundamentos do Desenho I e II e Atelier de Desenho I e II.

Os materiais selecionados, cujo uso é didaticamente explorado no vídeo, são: Grafite; Lápis de cor; Carvão/sanguínea; Pastel seco; Nanquim; Hidrocor/marcador e Aquarela.

h) Oriente

Fábio Gallié mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, com dissertação voltada às artes decorativas de interiores, e é Técnico em Conservação e Restauração no MALG, lotado no Centro de Artes, UFPel. O vídeo "Oriente", que apresenta sete pratos de origem oriental, foi publicado em 31/07/20 e conta com três imagens do tipo Nippon: Prato com paisagens de lago; Prato com faisão 1 e Prato com faisão 2, e quatro imagens do tipo Imari: Prato menor, oitavado; Prato grande; Prato com vermelho e Prato só azul (Fig. 5).

Figura 5 – Sete pratos selecionados na ordem elencada no texto.

Fonte: Acadêmica Stéfani Krolow, 2020.

i) Entre design e música: cura pelas capas de discos

Emerson Ferreira da Silva foi o primeiro egresso do mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel a ser convidado a participar do projeto "7A", possibilidade que já aventávamos e que se legitimou, aqui especificamente, uma vez que surgiram comentários na página sugerindo a temática da arte das capas de discos, assunto que Emerson trata em sua dissertação, pois, além de ser graduado em Design Gráfico, Ferreira é músico.

As capas de disco selecionadas e analisadas no vídeo denominado "Entre design e música: cura pelas capas de discos", postado em 07/08/20, são:Noel Rosa - Aracy de Almeida, Di Cavalcanti, 1954; Gilberto Gil

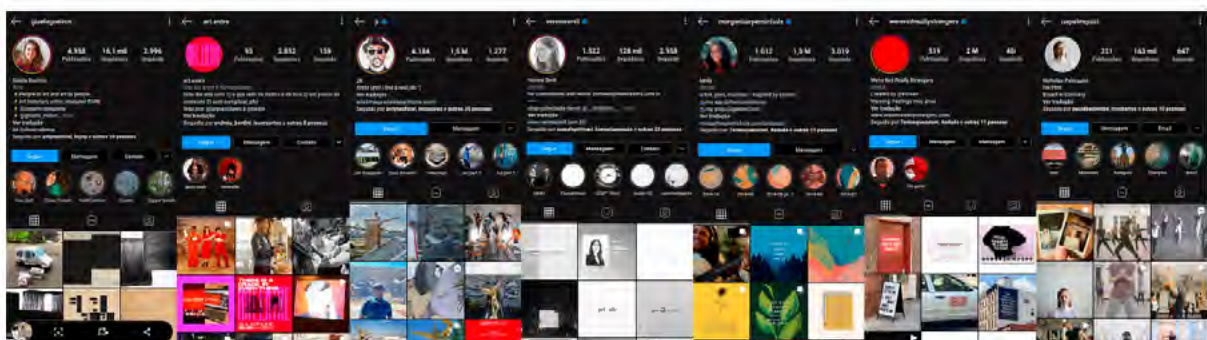
- Homônimo, Rogério Duarte/Antônio Dias/David Drew Zingg, 1968; Bitches Brew - Miles Davis, Abdul MatiKlarwein, 1969; Beyond the blue horizon - George Benson, Bob Ciano/Pete Turner, 1971; Clube da esquina - Milton Nascimento/Lô Borges, Cafi, 1972; Ópera do malandro - Chico Buarque, Elifas Andreato, 1979 e Vitalogy -Pearl Jam, direção de arte: Joel Zimmerman, 1994 (Fig. 6).

Figura 6 – Sete capas de disco selecionadas na ordem elencada no texto.

Fonte: Acadêmica Stéfani Krolow, 2020.

j) 7 perfis de arte no Instagram

Enfim, em 14/08/20, Roberta Coelho Barros, doutora em Comunicação Social pela PUCRS, mestre em Sociologia das Sociedades Contemporâneas pela Sorbonne, Paris V, e professora dos Cursos de Design no Centro de Artes da UFPel, apresentou "7 perfis de arte no *Instagram*", um vídeo no qual são selecionados os seguintes perfis para seguir naquela rede social: @giselagueiros; @art.entre; @jr; @ verenasmit; @morganharpernichols; @werenotreallystrangers e @napalmquist (Fig. 7).

Figura 7 – Sete perfis de arte no Instagram selecionados na ordem elencada no texto.

Fonte: Acadêmica Stéfani Krolow, 2020.

Ainda não temos instrumentos para apreciar os resultados do projeto “7A” em se tratando de cura enquanto recurso, solução ou tratamento para crises coletivas. Talvez nunca os tenhamos, e nem é objetivo deste projeto quantificá-los ou até mesmo qualificá-los. Mas claramente existe um ideal de atingirmos algo desta natureza; segundo, por exemplo, Michelon (2020), “nele (ideal) reside uma expectativa: a de que o sentido da palavra universidade possa ser entendido como universo – infinito – e universal – absoluto –, enquanto qualidades de um conhecimento que não termina e a que a tudo pode ser aplicado”. Tampouco desejamos analisar as curadorias artísticas, enquanto processo de organização e cuidado, das dez exposições *on-line* com seu conjunto de sete artes cada, atualmente no ar: “(...) a prática curatorial deve colocar-se como problema, não encerrando significados, mas, ao contrário, deixando brechas para outras possíveis leituras e comentários” (PEQUENO, 2012, p.19).

Após alguns meses de andamento do projeto “7 artes que curam”, temos percebido dele aflorar algo muito maior do que a questão da *cura* percebida enquanto recurso aos momentos de crise ou enquanto *curadoria* de imagens artísticas. A interação da comunidade com os vídeos apresentados, conhecida através da leitura dos comentários nos *posts* dos convidados, remete à questão primeira de uma universidade, ou seja, à educação.

Alguns desses comentários podem ser aqui apreciados: “*Maravilhoso. Filosofia através das canções e na clareza das palavras da profa. Ursula Rosa. Agradecido*” (item a); “*Excelente apresentação. Prof Guilherme é muito objetivo, demonstra ótimo conhecimento e gostei muito das cadeiras selecionadas. Belos exemplos*” e “*Uma viagem no tempo através da cadeira!! Fantástico Guilherme, parabéns. Baita professor/designer. Obrigada pela pesquisa*” (item b); “*A eloquência, conhecimento da matéria e o desembaraço da Prof. Lúcia transformaram os 50 minutos das 7 Artes Que Curam, em puro deleite e aprendizagem! Parabenizo a Prof. Lúcia pela excelência e faço a sugestão de desdobramento dos tópicos divididos na apresentação, em três novos episódios. Seria ótimo! Fica a sugestão*” e “*Que delícia escutar e viajar com minha brilhante amiga Lúcia pelo inesgotável universo do cartaz! Quantas possibilidades, quanta força e alcance! Linguagem direta, visual, que impacta nossos sentidos, nossa consciência, ou apenas nos instiga o pensamento!*

Parabéns!! O formato da aula foi muito importante para dar ritmo na apresentação! O tempo passou sem perceber” (item c); “*Artista muito versátil, escolhas muito acertadas! Parabéns” e “Lindo vídeo pra aquecer essa noite fria! Adorei a seleção; obrigada pela crônica, ainda mais interessante sendo recitada!*” (item d); “*Excelente áudio com uma abordagem tão rica e humanista nos mostrando trajetórias e encontros de felicidades artísticas. Sempre é bom estarmos reflexionando sobre o que fazemos. Isso é a construção da memória. Ah, muito bem comentados os vários artistas e suas formas de fazer arte. Parabéns*” e “*Sempre muito bom te ouvir! Provocas apreciações e reflexões enriquecedoras. Parabéns Lauer! Adorei*” (item e); “*Que máximo. Amei, muito! Qta criatividade e que olhar incrível e sábio. Enviando a vários amigos por aqui*” e “*Maravilha! Marina! Parabéns. Obrigada por me proporcionar esta experiência*” (item f); “*Lembro que quando assisti esta aula em Desenho I, com o Zeca, meus olhinhos brilharam pelos materiais! Grande mestre*” e “*Parabéns Zeca! Aprendi muito e reaprendi! Um artista completo tu és*” (item g); “*Super, esplêndido. Obrigada pela pesquisa e por nós apresentar o acervo do Malg. Parabéns Fábio*” e “*Muito bom @fabio.galli.526 ! Já encaminhei para L. C. Vinholes, que beneficiou o MALG, a UFPel e Pelotas com esse grande legado! E muitas pesquisas pela frente com o acervo do museu*” (item h); “*Que maravilha essa relação entre música e artes visuais reveladas pelo design!!! Parabéns!*” e “*Muito bom!! Achei bárbara aquela capa da Araci de Almeida interpretando Noel Rosa. Acredito que deve ter sido difícil escolher só 7 capas pra falar. As capas de LP acabaram se tornando um excelente canal para a descoberta de novos talentos nas diferentes formas de se expressar a arte. Parabéns*” (item i) e, finalmente, “*Uma dose generosa de sensibilidade e alegria no meu sábado. Obrigada, @robcbarros*” e “*Que vídeo maravilhoso! Me deu uma mistura de estar acompanhada e ao mesmo tempo poder viajar , durante esses tempos tão estranhos q temos q nos recolher nos nossos casulos e procurar alternativas virtuais para enriquecer nossa mente!! Parabéns pelo projeto Roberta , virei sua fã e vc é uma graça , com tanta clareza e uma calma q toca na alma, explica o porquê escolheu esses perfis tão especiais*” e “*Linda tua apresentação embalada por tua “calma que embala a alma”! Parabéns Roberta e Lúcia pelo lindo projeto*”.

Satisfação é o nome de nosso sentimento. E retomamos: mais do que proporcionar uma espécie de salvação pela arte ou as duplas possibilidades de curadoria em arte, tanto da equipe quanto dos convidados, talvez

estejamos exercitando, e de modo bastante significativo, momentos não formais de educação pela arte ou educação de arte.

> A Extensão é um processo educativo e científico. Ao fazer Extensão estamos produzindo conhecimento, mas não qualquer conhecimento, e sim um conhecimento que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade e vice-versa, uma vez que está alicerçada numa troca de saberes – popular e acadêmico –, produzindo conhecimento no confronto do acadêmico com a realidade da comunidade (HOFFMANN, 2017).

Conclusão

A equipe do projeto "7 artes que curam" segue muito entusiasmada e avalia que o projeto tem obtido um impacto positive até o momento. A leitura dos elogiosos comentários escritos pela comunidade externa à UFPel converge com o que sempre almejamos: que parte do conhecimento do mundo tem de ser produzida nas universidades através de seus métodos científicos específicos, contudo, o conhecimento resultante disso tudo, de nada vale, se não for socializado.

Referências

DA SILVA, Ursula Rosa. **Catálogo de Extensão 2017** (Prefácio), Centro de Artes, UFPel, 2017. Disponível em: <http://ca.ufpel.edu.br/documentos_temp/catalogo_extensao_2017.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

HOFFMANN, Carmen Anita. **Catálogo de Extensão 2017** (Apresentação). Centro de Artes, UFPel, 2017. Disponível em: <http://ca.ufpel.edu.br/documentos_temp/catalogo_extensao_2017.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LEONZINI, Néssia. Apresentação. In OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: BEI, 2010, p. 9-11.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Revista Expressa Expressão**, ano 2020,

volume 25, número 01, janeiro 2020, (Editorial). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/17944/pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

PEQUENO, Fernanda. Curadoria: ensaios & experiências. **Revista Concinnitas**, ano 2012, volume 02, número 21, dezembro de 2012. Disponível em; <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/download/12337/9583>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Entrevista concedida à Revista IHU online**. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/entrevistas/2011/edicao_5/lucia_santaella.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

Sobre os autores

LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR, graduada em Educação Artística na FURG, doutora em Comunicação Social na PUCRS. Professora adjunta do Centro de Artes da UFPel. Coordenadora do Projeto 7 artes que curam.
E-mail: luciaweymar@gmail.com

GUILHERME FRANCK TAVARES, graduado em Artes Visuais na UFPel, mestre em Artes Visuais na UFPel. Técnico em Programação Visual na UFPel. Coordenador Adjunto do Projeto 7 artes que curam.
E-mail: gui.tavares@gmail.com

STÉFANI SEEFELDT KROLOW, graduanda em Design Gráfico na UFPel. Membro da equipe do Projeto 7 artes que curam e bolsista do Projeto unificado Suldesign On Off aquele vinculado.
E-mail: stefani.krolow@gmail.com

DESAFIO DO MESTRE - DESCONTRAÇÃO COM INFORMAÇÃO NA PANDEMIA

Carine Dahl Corcini
Marina Zanin
Fernanda Rodrigues Mendonça
Antonio Sergio Varela Junior

Introdução

O ser humano é por definição um animal social, que depende de sua comunidade e núcleo familiar para desenvolver suas aptidões e características sociais. Schegloff, Jefferson e Sacks (1974), consideraram a conversação como a pedra sociológica fundamental da interação entre humanos, sendo necessária para a constituição de diversos fatores de personalidade, caráter, valores, cultura, habilidades e o desenvolvimento de uma pessoa integral, completa. Isso se reflete na maneira através da qual nos relacionamos com o mundo e organizamos a jornada da vida: selecionamos uma carreira a seguir e passamos a buscá-la através do

ingresso na universidade, do acompanhamento do professor, da rotina da universidade (sala de aula, estágios, conversas) e do contato com os colegas.

Durante o tempo em que nos dedicamos a isso, a figura do mestre não apenas evidencia os caminhos, como serve de amparo e "corrimão" para que possamos atingir nossos objetivos. Segundo Garrick e Dearing (1997), um dos principais propósitos do educador é inspirar e cultivar intelectualmente seus estudantes de forma que eles desenvolvam suas capacidades mentais e sociais da melhor forma possível, se tornando adequados para o trabalho e a vida em sociedade.

A relação do indivíduo com a sociedade e a forma como um afeta o outro é bastante complexa, e a relação professor-aluno é uma das mais importantes na vida. Morales (2001) disse que a relação docente-discente é de grande complexidade e engloba muitos aspectos, não se podendo reduzi-la a uma relação didática impassível ou uma relação afetiva e calorosa, mas uma mistura das duas. Deste modo, o professor não apenas tem o papel de transmitir o conhecimento acadêmico, mas também o papel social de construir a cidadania do aluno através do relacionamento entre os sujeitos.

Entretanto, quando esta realidade de troca social e intelectual foi interrompida abruptamente, instaurou-se um cotidiano permeado por incertezas e solidão. Século XXI, ano de 2020: pandemia pelo Sars-Cov-2 e a Covid-19 para o mundo. Máscaras de proteção, medidas higiênicas intensificadas e distanciamento social caracterizam uma nova realidade na qual ruas desertas, hospitais repletos e escolas fechadas tornam-se comuns. O ser humano é forçado a se readaptar; estabelecer novas regras, costumes e normalidades que, agora, parecem já não ser tão estranhas. A pandemia, além de impor uma situação de isolamento, também traz uma realidade de afastamento pessoal, em que toques e abraços são proibidos, e até mesmo sorrisos são escondidos atrás de máscaras. Para um povo caloroso como o povo brasileiro, esse período é especialmente frio e desafiador.

Nesse cenário de distanciamento, se expressar, discutir, socializar e compartilhar experiências se tornou extremamente necessário, mesmo que estritamente através da modalidade online. Encontrar espaços de troca nesse momento tão atípico nos forneceu uma possibilidade de vivermos essa experiência sem que perdêssemos contato com nós

mesmos e com os outros, concedendo a possibilidade de extrairmos o melhor possível dessa experiência como seres humanos: nossa capacidade de reinvenção e adaptação; e, assim, aproveitar o que o ambiente online tem a oferecer, que é a aproximação de pessoas rompendo questões geográficas e temporais.

Estratégias educacionais que reaproximem a comunidade acadêmica e a contextualizem na realidade enfrentada por docentes e discentes tornam-se a base forte da nossa manutenção. Muito embora o curso de Medicina Veterinária se constitua de uma pluralidade no sentido mais amplo da palavra, tornando complexo o desenvolvimento de ações que abranjam o público na sua totalidade, apostamos em uma proposta que pudesse retratar nossa identidade e aproximar os mais diversos públicos dentro da classe: somos um único tecido; complexo e formado por diversas células com funções diferentes, mas trabalhamos em conjunto e, da mesma forma, enfrentamos tudo aquilo que nos desafia. Assim, surgiu o Desafio do Mestre.

O projeto

Utilizando-se da cybercultura e apostando na conectividade, ensino híbrido e reinvenção, o Desafio do Mestre tem como proposta um jogo desafiador e descontraído entre a comunidade acadêmica da UFPel e tem como público-alvo toda a população interna e externa da Universidade. Além da participação direta dos acadêmicos do curso na abordagem dos temas, é também um desafio para os docentes, que precisam compartilhar seu conhecimento de forma remota e em tempo bastante restrito, ao passo em que cativam a atenção de sua audiência. Seu principal objetivo, além da aproximação de toda a comunidade de forma a diminuir esses sentimentos de isolamento e solidão, é a valorização das diversas áreas de aprendizagem, permitindo que os cenários educativo, cientifico e extensionista da UFPel permaneçam ativos durante a pandemia.

Porém, é necessária parcimônia nesse momento. Amorim (2020) identificou que, diante desta nova realidade, a sociedade acreditou ter muito tempo livre, uma vez que trabalho e estudos passaram a ser realizados de dentro de suas próprias casas. *Lives*, cursos, oficinas e encontros

online tornaram-se a nova rotina, permeada, também, pela pressão em nos tornarmos mais produtivos diante dessa maior disponibilidade de tempo. Sentimentos de ansiedade e inadequação tornaram-se corriqueiros diante da cobrança por sermos eficazes e produtivos mesmo frente a essa adversidade. Diante disso, justificado pelos preceitos de ensino e descontração necessários para o momento, o presente projeto tornou-se tão importante e envolvente.

O projeto Desafio do Mestre aposta nessa atmosfera despojada para trazer conteúdo à comunidade, unificando-a, e estando presente nessa nova rotina, sem, contudo, causar desconforto ou sentimentos negativos.

Figura 1 – Marca do projeto Desafio do Mestre.

Fonte: Elaborado pela coordenadora Carine Dahl Corcini.

A proposta constitui-se da criação, por parte dos servidores da Universidade Federal de Pelotas, de vídeos educativos com duração máxima de dois minutos que abordem temas inusitados e criativos de interesse da comunidade interna e externa da UFPel. Cada etapa do projeto é caracterizada pela gravação de um vídeo por determinado professor; este vídeo é postado em mídia digital no YouTube, sendo compartilhado extensivamente no Facebook, que há alguns anos já foi apontado como uma rede social com capacidade de revolucionar o processo de aprendizagem (VEIGA, 2017). O conteúdo é compartilhado em perfis de grupos de estudo, perfis pessoais de professores, perfis de colaboradores do projeto e no grupo da Faculdade de Medicina Veterinária/UFPel no Facebook, além de ser, também, enviado por e-mail.

Figura 2 – Primeira temporada do Desafio do Mestre, episódio 27 – professora doutora Carine Dahl Corcini falando sobre a Síndrome do Bebê Sacudido.

Fonte: Acervo do projeto.

Em 1959, John Dewey apontava em seu livro *Democracia e Educação*, que apesar da crença de que a aprendizagem está ancorada na absorção de conhecimento de forma passiva, ela constitui um processo ativo de troca de conhecimentos e experiência, e da construção conjunta de conceitos. O formato de postagens em uma plataforma de Mídia Social é apoiado neste conceito, e abre um espaço amigável para a interação dos acadêmicos com o tema, sendo por vezes desafiados pelos servidores a contribuírem com a explicação do assunto através de comentários nessa rede social, além de ser possível que interajam com curtidas, compartilhamentos, comentários e sugestões, fazendo com que o processo de aprendizagem do estudante seja menos passivo e mais ativo.

Ao fim de cada vídeo, o respectivo docente desafia o professor seguinte, definindo o tema a ser discutido no próximo "episódio". Assim, gradativamente, a comunidade docente e discente dá sequência ao projeto que mantém sólido o vínculo entre os diferentes âmbitos da comunidade acadêmica. O humor faz com que o conteúdo seja compreendido mais facilmente, assim como a duração dos vídeos e se mostrou uma ótima forma de integrar a comunidade acadêmica, tanto com relação ao conteúdo propriamente dito quanto ao estar presente uns para os outros.

Nesse período de recolhimento social, atividades que busquem manter a convivência ou conectar pessoas são necessárias e responsáveis por um grande impacto positivo na saúde psicológica de todos os indivíduos envolvidos. A interrupção inesperada do período letivo e dos contatos sociais advindos deste, além da quebra da rotina de sala de aula e o afastamento da figura do professor, que representa confiança, apoio e conhecimento, podem fazer com que os acadêmicos desenvolvam uma miríade de sentimentos negativos. Justamente por essa conjuntura atual, tornou-se necessária uma proposta que aproximasse todas as áreas e classes, discentes e docentes, e fizesse com que todos se sentissem acolhidos e parte de um grande movimento, caracterizado por integração, superação, extensão e ensino.

A necessidade de estabelecimento de vínculos afetivos intensos e duradouros possibilita o desenrolar do projeto; os acadêmicos acumulam experiências e conhecimento sobre os assuntos discutidos na Universidade, e sendo o curso uma escolha pessoal, se imagina que tenham adoração pelos conteúdos abordados.

Diante da necessidade de estabelecimento e manutenção de vínculos na nova realidade vivenciada pela comunidade acadêmica, a implementação de um projeto capaz de aproximar alunos e professores com vídeos curtos, desafiadores e atrativos parece cumprir de forma eficaz os anseios de uma geração que tem urgência na obtenção de informações e se encontra em um momento de carência social. O formato curto dos vídeos objetiva, também, desafiar os servidores a aperfeiçoar sua capacidade de explanação e síntese, além de servir como estímulo ao engajamento da comunidade.

O projeto Desafio do Mestre foi baseado nesses conceitos e vem sendo desenvolvido com o objetivo de manter a conexão entre docentes e discentes em um momento delicado vivenciado mundialmente. O projeto permite que os estudantes permaneçam conectados à universidade e sua comunidade não apenas como expectadores, mas como participantes ativos, visto que interagem diretamente com diversas etapas do projeto. Assim, o tripé que assegura o desenvolvimento do presente projeto (conectividade entre docentes e discentes, crescimento pessoal e profissional em situação de adversidade, e amparo à classe universitária) faz com que este venha atingindo todos os objetivos aos quais se propôs.

Na primeira temporada do Desafio do Mestre os temas trabalhados foram:

- Oftamologia Veterinária – Profº Dr. Fabrício Braga
- Anatomia da Cabeça – Profª Dra. Ana Valente
- Gestação e Parto em Éguas – Profª Dra. Bruna Curcio
- Melanoma em Equinos – Profª Dra. Cristina Fernandes
- Cicatrização Cutânea - Profª Dra. Ana Paula Nunes
- Cuidados do Cirurgião Para Evitar Contaminação Cirúrgica - Profª Dra. Josaine Cristina da Silva Rappeti
- Leptospirose – Prof. Dr. Everton Fagonde da Silva
- Virose nas Abelhas – Prof. Dr. Geferson Fischer
- Pitiose - Profª Dra. Daniela Isabel Brayer Pereira
- Coronavírus Canino – Profª Dra. Silvia de Oliveira Hubner
- Lesões Extra Renais na Uremia – Profª Dra. Fabiane Borelli Greco
- Chocolate é Cardiotóxico? – Profª Dra. Paula Priscila Correia Costa
- Interações Celulares no Sistema Nervoso Central – Profª Dra. Izabel Cristina Custodio de Souza
- Disfunção Cognitiva em Cães – Profª Dra. Marcia de Oliveira Nobre
- Peptídeos que Modulam a Dor – Profª Dra. Giovana Duzzo Gamaro
- Fisiologia da Dor – Profª Dra. Niedi Hax Franz Zauk
- Ortopedia Equina – Prof. Dr. Charles Ferreira Martins
- Anatomia do Membro – Profª Dra. Ana Luisa Schifino Valente
- Alterações Endometriais – Profª Dra. Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner
- Vitamina B12 e Maturação de Hemácias – Profª Dra. Mabel Mascarenhas Wiegand
- Métodos De Contracepção Masculina – Prof. PhD Thomaz Lucia Junior
- A Importância De Biotérios E Da Experimentação Animal – Profª Dra. Cristiani Folharini Bortolatto
- Como Avaliar o Frescor de um Peixe – Profª Dra. Rita de Cassia dos Santos da Conceição
- Interpretando o Paciente e Não o Exame – Profª Dra. Ana Raquel Mano Meinerz

- Práticas Integrativas na Veterinária – Profª Dra. Marlete Brum Cleff
- Avaliação Dermatológica – Prof. Dr. Cristiano Silva Da Rosa
- Síndrome Do Bebê Sacudido – Profª Dra. Carine Dahl Corcini
- Doenças Endócrinas em Cães e Gatos – Profª Dra Mariana Cristina Hoeppner Rondelli
- Sindrome Metabólica em Equinos- Prof. Dr. Carlos Eduardo Wayne Nogueira
- Coronavirus em Aves – Prof. Dr. Gilberto D'ávila Vargas
- Tratamento Da Dor – Prof. Dr. Martielo Ivan Gehrcke
- Patógenos Bacterianos Em Alimentos – Prof. Dr. Wladimir Padilha da Silva
- Esporotricose – Dra. Angelita dos Reis Gomes
- Clonagem Animal e Epigenética – Profª Dra. Eliza Rossi Komninou
- Funções do ATP Extracelular – Profª Dra. Roselia Maria Spanevello
- Como Podemos Avaliar o Balanço Energético Através dos Produtos Metabólicos- Cetonas e Uréia – Profª Dra. Rejane Giacomelli Tavares
- Lipídeos na alimentação de não ruminantes- Profª Dra. Débora Cristina Nichelle Lopes
- Emissão de metano pela pecuária - Profª Dra. Fernanda Medeiros Goncalves
- Lã dos ovinos – Prof. Dr. Stefani Stefani Macari
- Importância econômica e social do cavalo - Profª Dra. Anelise Maria Hammes Pimentel
- Diagnóstico laboratorial bacteriano – Dra. Silvia Regina Leal Ladeira
- Meios de cultura sólidos – Dra. Patrícia da Costa Ferreira
- Saúde Única – Prof. Dr. Fabio Raphael Pascoti Bruhn

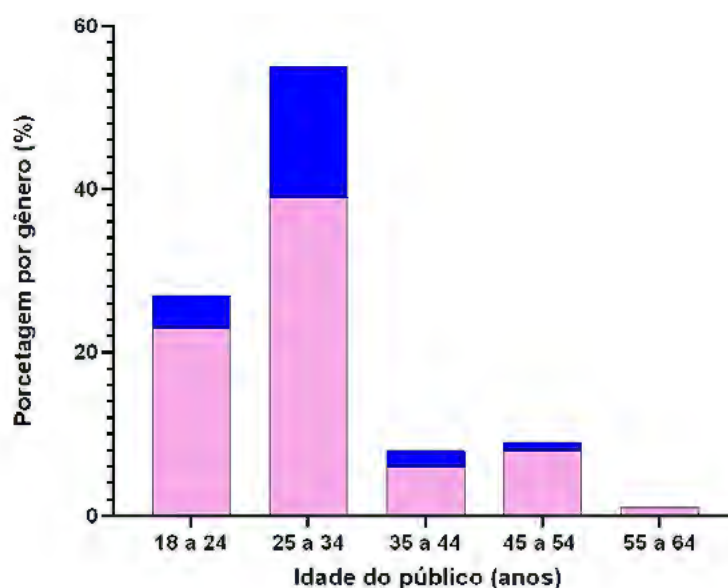
Resultados

O projeto teve seu primeiro vídeo publicado em 27 de maio de 2020. Na primeira temporada, tivemos 43 episódios, sendo alcançadas mais

de 16.353 visualizações, mais de 410 horas assistidos e 1.500 marcações de 'gostei'. A pandemia do novo coronavírus pode causar impacto na saúde mental e também no bem-estar psicológico, esse recolhimento social alterou a rotina e as relações sociais de uma forma muito abrupta; mas a universidade permanece como porto seguro e amparo àqueles que a constroem.

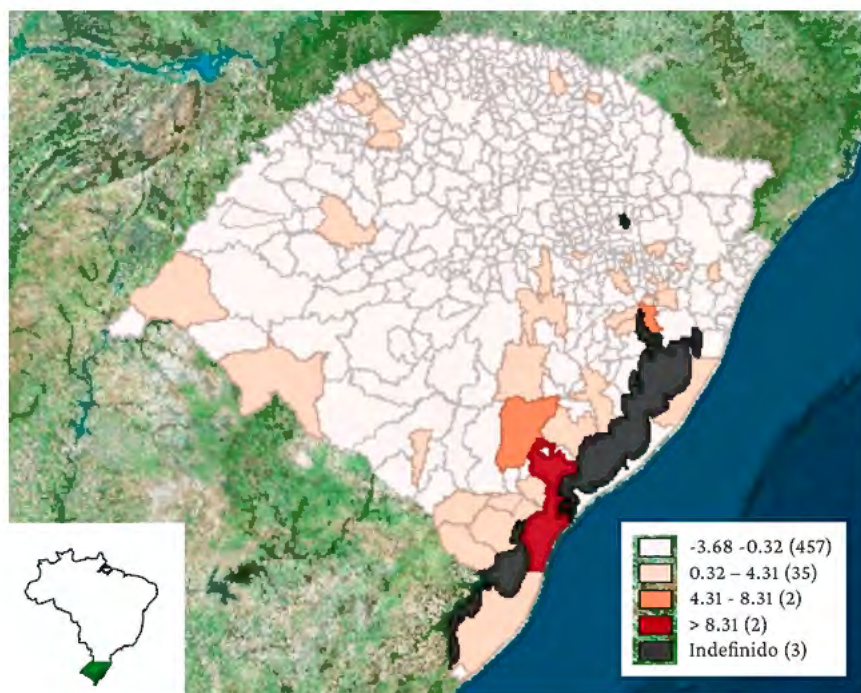
A Universidade Federal de Pelotas iniciou o semestre letivo (2020/1) no dia 09 de março de 2020 sendo, como sempre, cheio de expectativas. Na mesma semana (13 de março de 2020), foi publicada a portaria de suspensão das atividades acadêmicas e o calendário acadêmico 2020, apesar de que, nesse momento, existisse a perspectiva de que a suspensão seria breve e temporária só de alguns dias. Após 60 dias de recolhimento social, muitos acadêmicos se encontravam ansiosos, inquietos e aflitos, no desconhecimento dos dias e semanas sequentes. Somente 21,6% dos entrevistados relataram sair diariamente de casa, por necessidade; portanto, 78,4% de nosso público encontrava-se recolhido em casa, sendo os meios digitais e de contato online os únicos remanescentes.

O público do projeto Desafio do Mestre é constituído, em sua maioria, pelo gênero feminino (73,3%), sendo distribuído nas faixas etárias de 18 a 24 anos e predominantemente entre 25 e 34 anos (Fig. 3).

Figura 3 – Distribuição por faixa etária e gênero dos visualizadores do Projeto Desafio do Mestre.

Fonte: Relatórios do YouTube (agosto/2020).

No início do projeto, foi estabelecido um tempo de dois minutos para que um assunto fosse abordado. Surpreendentemente, é possível perceber que, através dos relatórios obtidos nos questionários acerca do projeto, a atenção dos telespectadores se mantém até um minuto e trinta segundos. Esta análise é importante, pois evidencia que, mesmo que o público tenha, em sua maioria, aprovado o projeto, é imprescindível que as informações sejam ofertadas em um período de exibição preciso e restrito.

O Projeto Desafio do Mestre conseguiu ultrapassar barreiras geográficas significativas. Através de relatórios extraídos do Youtube, foi possível observar que 4,3% do público encontrava-se em outro país (Portugal, Equador, Estados Unidos e Irlanda). No Brasil, a distribuição ficou em sua maioria no Estado do Rio Grande do Sul (84,4%), seguido pelos Estados de Santa Catarina (5,6%), São Paulo (4,6%), Minas Gerais (3,3%), Espírito Santo (0,9%) e Pará (0,5%). No Estado do Rio Grande do Sul, a maioria dos visualizadores se concentrou nas cidades em torno de Pelotas (Fig. 4).

Figura 4 – Número de visualizadores do Projeto Desafio do Mestre no Estado do Rio Grande do Sul- Brasil/2020 – Critério em percentis, área demarcada em vermelho teve maior número de visualizadores (Pelotas, Rio Grande).

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir destas informações, é importante que tomemos ciência de como bons projetos podem atravessar barreiras físicas e adquirir grande capacidade de alcançar os lugares mais remotos. Mesmo em situações preocupantes e desfavoráveis aos costumes do ser humano, usarmos das tecnologias disponíveis no cotidiano para que a ciência, a educação e o fortalecimento de laços mantenham-se fortes é desafio e parte imprescindível do nosso papel na comunidade acadêmica.

O Desafio do Mestre permitiu que o conteúdo trazido em cada vídeo fosse independente o suficiente para que o telespectador participasse na sua busca de conhecimento, entendendo que ele faz parte da narrativa principal. Mesmo mantida a individualidade dos "atores" e dos assuntos, existem pontos de ligação entre as diferentes narrativas de um mesmo universo de conhecimento. Quando realizada a avaliação, constatou-se que mais de 10% dos entrevistados buscaram maiores informações sobre o tema após assistir o vídeo, o que remete **à** vertente principal da educação, que traz o estudante como ator principal de sua aprendizagem.

Tivemos relatos importantes, como:

"Despertou o desejo de compreender melhor assuntos pouco conhecidos por mim, mesmo que distante da universidade."

"Foi um projeto importante, pois pela paralisação das aulas, acredito que muitos estudantes e profissionais gostariam de continuar aprendendo, revendo conteúdos, revendo professores durante a pandemia, de forma prática e dinâmica acredito que o projeto foi um sucesso!"

"Surpresa com a participação e desenvoltura dos professores, de uma forma simples e fácil conseguiram transmitir o seu conhecimento em determinado assunto. Os temas sempre foram de total importância, atualizados e didáticos."

"Feliz, pois pude ver os professores que tive durante a graduação, muitos que não via mais, e também acho que é uma forma de carinho e contato mesmo estando longe."

"Me trouxe um pouco de esperança e força para passar por esse período, ver os professores traz um misto de emoções boas e saudade da faculdade."

"Acalentou os corações dos alunos que tiveram seus planos pausados abruptamente."

"Nesse momento de pandemia me fez sentir realmente parte do curso e acolhida."

“Acolheu, fez com que eu não me distanciasse tanto da universidade.”

“O mais legal foi ver algo feito em conjunto por todos os professores da Faculdade de Veterinária. Acho que o projeto aproximou todo mundo.”

Situações como esta demonstram que a comunidade possui interesse na continuidade do projeto, visto que este representa aprendizagem e descontração para um momento de angústia. Mesmo o projeto não trazendo, em um primeiro momento, a dependência do acolhimento e aceitação por parte dos acadêmicos como um pré-requisito para a sua continuidade, hoje, relatos como este servem como combustível para a sua perpetuação. Somado a estes depoimentos motivadores, mantemos firmes as ideias iniciais de integração entre a comunidade e valorização das diferentes áreas de ensino que constituem a Medicina Veterinária. A partir disso, o projeto atinge seu principal objetivo que é o de tornar esse cenário atípico uma etapa desafiadora e promissora, que torne os seus participantes cidadãos e profissionais melhores, sejam eles parte ativa ou expectadora e os lembre, também, que não estão sós.

Agradecimentos

Agradecemos toda a comunidade acadêmica da Universidade por se manter unida e presente nesse momento incerto. A todos servidores que acreditaram, executaram e possibilitaram a continuidade na primeira temporada do projeto, vocês foram maravilhosos. À CAPES, pela bolsa de mestrado da segunda e terceira autora. Ao CNPQ, pela bolsa de produtividade da primeira autora (310203/2018-0) e do último autor (310327/2018-0).

Referências

AMORIM, Rejane Maria de Almeida. Produções em tempo de isolamento: uma experiência da extensão durante a quarentena. **Revista Metaxy.** Edição 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/announcement/view/472>. Acesso em: 14 ago. 2020.

VEIGA, Gisele Almeida Lima da. Facebook: uma extensão da sala de aula. **Revista Compartilhe Docência.** v. 2, p. 31, 2017.

DEWEY, John. Democracia e educação: introdução à filosofia da educação. Companhia Editora Nacional. v.21, pp 416, 1959.

MORALES, Pedro. A relação professor-aluno o que é, como se faz. São Paulo. **Editorial y Distribuidora**, 2001.

GARRICK, Sir Ronald; DEARING, Sir Ronald. **Higher education in the learning society:** report of the Scottish Committee. NCIHE, 1997.

SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail; SACKS, Harvey. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

Sobre os autores

CARINE DAHL CORCINI, graduada em Medicina Veterinária pela UFPel. Doutora em Biotecnologia pela UFPel. Professora Associada da Faculdade de Veterinária. Coordenadora do Projeto Valorização da Medicina Veterinária.
E-mail: corcinicd@gmail.com

MARINA ZANIN, graduada em Medicina Veterinária pela UFPel. Mestre em Ciências Fisiológicas pela FURG. Colaboradora do Projeto Valorização da Medicina Veterinária.
E-mail: mariinazanin@gmail.com

FERNANDA RODRIGUES MENDONÇA, graduada em Medicina Veterinária pela UFPel. Colaboradora do Projeto Valorização da Medicina Veterinária.
E-mail: nandarm.vet@gmail.com

ANTONIO SERGIO VARELA JÚNIOR, graduado em Medicina Veterinária pela UFPel. Doutor em Aquicultura pela FURG. Professor Associado do Instituto de Ciências Biológicas. Colaborador do projeto Valorização da Medicina Veterinária.
E-mail: varelajras@gmail.com

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Giulia Oliveira Ribeiro
Milena Quadro Nunes
Michele Mandagará de Oliveira
Aline de Castro e Kaster
Felipe Fehlberg Herrmann
Gabriel Moura Pereira

Introdução

O momento de pandemia da Covid-19 que se vivencia, em que o isolamento social é necessário, interfere em diversas atividades, incluindo as realizadas em meio acadêmico, como é o caso dos Projetos de Extensão "Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul" e "Comunica Saúde". Porém, como os seus objetivos são promover a saúde e divulgar informações e cuidados, faz-se imprescindível que

se desenvolvam atividades para a comunidade no contexto atual. A comunicação sempre foi a base para toda relação entre pessoas, e, quanto melhor a comunicação, mais envolvimento interpessoal. A inclusão de dispositivos expandiu a comunicação entre diversas sociedades pelo mundo todo (FAORO; ABREU; DEMARCHI, 2017). As redes sociais são meios de socialização e divulgação de informações, sendo consideradas uma excelente ferramenta devido à sua alta capacidade de disseminação (LIBARDI *et al.*, 2018). Com isto, resolveu-se utilizar as redes sociais como ferramenta para disseminar informações, mantendo o vínculo com os indivíduos que acompanhavam as postagens online e estabelecendo-o com novos usuários.

O Projeto de Extensão “Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul” foi criado no ano de 2018, a partir de uma parceria entre a Faculdade de Enfermagem e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), RS. Desde a sua criação, o projeto realizou atividades presenciais em diferentes comunidades da zona sul, as quais buscavam a troca de conhecimentos com a população e, consequentemente, a realização de educação em saúde, a fim de promover, recuperar e reabilitar a saúde. Atualmente, o projeto totaliza 132 integrantes de diferentes universidades da cidade de Pelotas, contando com alunos de 12 cursos e professores, os quais revisam as atividades de sete cursos.

O Projeto de Extensão Comunica Saúde, que realiza educação em saúde com a comunidade surda de Pelotas, foi criado no ano de 2019 devido à demanda expressada por professores surdos e estudantes de Enfermagem sobre a necessidade de capacitação dos profissionais para atendimento à pessoa surda. Ocorreu uma parceria entre a Faculdade de Enfermagem, o Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, e a Associação dos Surdos de Pelotas (ASP). As atividades realizadas pelo projeto são feitas de forma presencial na ASP, com o intuito de compartilhar conhecimento utilizando informativos visuais. O Comunica Saúde é um projeto novo, que contém 19 integrantes, sendo estudantes de Enfermagem, tradutores e intérpretes da Língua Brasileiras de Sinais (LIBRAS) e professores de Letras - LIBRAS da UFPel.

Como as atividades realizadas pelos projetos sempre ocorreram de forma presencial, devido ao atual contexto, fez-se necessário que

se avaliem diferentes maneiras de organizar o trabalho, de forma mais eficiente e inclusiva possível. À vista disso, os projetos de extensão realizaram uma parceria e têm trabalhado em conjunto na elaboração de vídeos educativos, com o intuito de divulgar informações sobre saúde em português e LIBRAS.

Dessa forma, o presente texto busca descrever atividades praticadas pelos referidos projetos de extensão: a "Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul", que envolve diversos cursos de diferentes universidades, com o intuito de levar o conhecimento adquirido às comunidades mais vulneráveis; e o "Comunica Saúde", que é um grupo focado em compartilhar conhecimento com a comunidade surda. Isto posto, ambos visam ao cuidado da saúde coletiva por meio de atividades abertas à comunidade em geral, buscando proporcionar acesso à informação, promoção, prevenção e recuperação da saúde através da troca de conhecimentos.

A partir das informações apresentadas, foi definido como público-alvo dos projetos a comunidade em geral, tendo como objetivo divulgar orientações e informações claras e de fácil entendimento durante a pandemia, para o maior número de pessoas possível. Desse modo, pensou-se que a maneira mais eficaz de alcançar este propósito seria publicar vídeos curtos e explicativos em redes sociais com elevado acesso. Assim, membros dos projetos empenham-se em buscar informações em bases de dados científicas, com orientação e supervisão direta de professores universitários, para que possam ser transmitidas à comunidade com segurança e de forma acessível e transparente. Utiliza-se, como ferramenta de disseminação, as redes sociais dos dois projetos, quais sejam Facebook, Instagram e YouTube.

O acesso à informação é indispensável para que a população possa se posicionar quanto aos assuntos abordados, compartilhar suas dúvidas e saberes e, consequentemente, estimular a atuação em busca de uma melhor qualidade de vida, a qual é viabilizada pelo empoderamento que as informações podem gerar (FARIAS, 2016).

Logo, o uso das redes sociais permite uma comunicação interativa, livre e flexível, favorecendo a liberdade de expressão e uma maior troca de informações (JUNQUEIRA *et al.*, 2014). Todas as pessoas têm direito a informações sobre o serviço de saúde e acesso à promoção, prevenção,

proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 2011). O uso das redes sociais é um excelente instrumento para realizar educação em saúde, devido ao seu alto alcance na sociedade, podendo promover ações de prevenção, campanhas de vacinação, informativos, entre outras (FRANÇA; RABELLO; MAGNAGO, 2019).

De acordo com a Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiro de 2018 (CETIC.BR, 2019), os domicílios com acesso à internet no país passaram de 18%, em 2008, para 61%, em 2017. Já em 2018, avalia-se que cerca de 67% do total dos domicílios estavam conectados, sendo este percentual o equivalente a 46,5 milhões de domicílios, o que reforça a propensão de crescimento do acesso à internet por domicílio no país.

Dentre as atividades na internet investigadas, a comunicação ganha destaque por sua função, estando o uso de redes sociais como o Facebook e Instagram em segundo lugar, o que foram citadas por 75% dos usuários. Quanto às atividades relacionadas ao compartilhamento e criação de conteúdo investigadas, compartilhar textos, imagens e vídeos foi a mais citada, passando de 60% em 2013 para 74% em 2018. Nas atividades relacionadas à busca de informações, 45% dos usuários citaram as relacionadas à saúde e a serviços de saúde (CETIC.BR, 2019).

As ferramentas de disseminação de informações devem ser moldadas de acordo com o público que se deseja atingir, atendendo às diferenças sociais, culturais e econômicas. A comunicação de maneira clara, coesa, inclusiva e horizontal faz-se indispensável para que seja educativa (GARBIN; GUILAM; NETO, 2012).

O Facebook, uma das redes sociais utilizadas, possui mais de 2,5 bilhões de usuários, permitindo um maior alcance de visualização de vídeos (XAVIER *et al*., 2020). Portanto, a produção e publicação de vídeos é um método muito utilizado para a divulgação de informações específicas para o público (MARQUES, 2018). Já o Instagram, desde o seu lançamento, atraiu mais de 150 milhões de internautas, sendo uma plataforma que também viabiliza o compartilhamento de vídeos (HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014). Por sua vez, o YouTube conta com mais de dois bilhões de usuários, os quais assistem mais de um bilhão de horas de vídeos por dia, gerando bilhões de visualizações (YOUTUBE, 2020).

Visto que as redes sociais são utilizadas pela população para diversos fins, podemos concluir que é um meio onde há numeroso volume de informações relacionadas a um assunto específico. Por ser uma rede com elevada circulação de informações, faz-se necessário o cuidado com o que é disponibilizado e acessado. A infodemia – excesso de informações tanto verdadeiras quanto falsas e de rápida propagação– é um ponto negativo para o qual se deve atentar em virtude da dificuldade que gera em se diferenciar quais são as orientações apropriadas. Portanto, é necessário buscar a informação correta, de fontes seguras e no momento adequado (OPAS, 2020).

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência com suporte de artigos científicos para embasamento teórico e análise de interação do conteúdo postado nas redes sociais dos projetos. A apresentação do material postado foi organizada em seis etapas: pré-produção, produção, avaliação, edição, publicação e análise da interação.

Pré-produção é quando se realiza a busca do assunto para o vídeo para a produção do roteiro, procurando-se os temas de maior interesse dos usuários. Na produção, é realizada a gravação dos vídeos por integrantes dos projetos. Avaliação é a fase em que o vídeo é enviado a professores responsáveis por analisar o conteúdo, e, por sua vez, ocorre em duas partes: a primeira é quando o roteiro é avaliado e a segunda é quando o vídeo gravado é avaliado. Edição é o momento em que o vídeo está aprovado e é enviado para as estudantes de jornalismo, as quais realizam a formatação e adequação para postagem. A postagem dos vídeos se dá nas redes sociais dos dois projetos de extensão; e, na continuidade, observa-se a interação e a visualização do material pela comunidade em geral, momento em que se observa o *feedback*[1] dos usuários.

Em geral, é publicado um vídeo por semana, a fim de não saturar as redes sociais e, consequentemente, viabilizar menor interação dos

1. Segundo o dicionário Houaiss (2009), feedback é qualquer processo por intermédio do qual uma ação é controlada pelo conhecimento do efeito de suas respostas.

usuários. Outrossim, foi escolhida esta periodicidade para que um vídeo não reduza a atenção do outro. Para que seja possível avaliar o impacto das atividades realizadas, utilizou-se o número de visualizações para determinar o alcance; quantidade de compartilhamentos e de curtidas nas redes para avaliar o interesse do público; e os comentários para observar o efeito do vídeo na comunidade e opiniões a respeito.

Os integrantes dos projetos discutem sobre qual assunto relacionado à Covid-19 irão realizar os vídeos, para que possa ser confeccionado o roteiro. Os temas buscam sempre reforçar as orientações de cuidados e fornecer algumas orientações com alimentação e até mesmo com animais de estimação; e a fim de se abordarem temas de maior interesse do público, é disponibilizada uma caixa de perguntas no Instagram. Outrossim, utilizam-se temas que as pessoas relatam, para os integrantes dos projetos, possuir interesse.

Para análise de interação das redes sociais Facebook, Instagram e YouTube, utilizaram-se ferramentas próprias destas plataformas, as quais possibilitam visualizar características do público atingido e o tipo de interação realizada. Por fim, para análise da qualidade das informações e materiais produzidos, são observados os comentários dos usuários sobre eles.

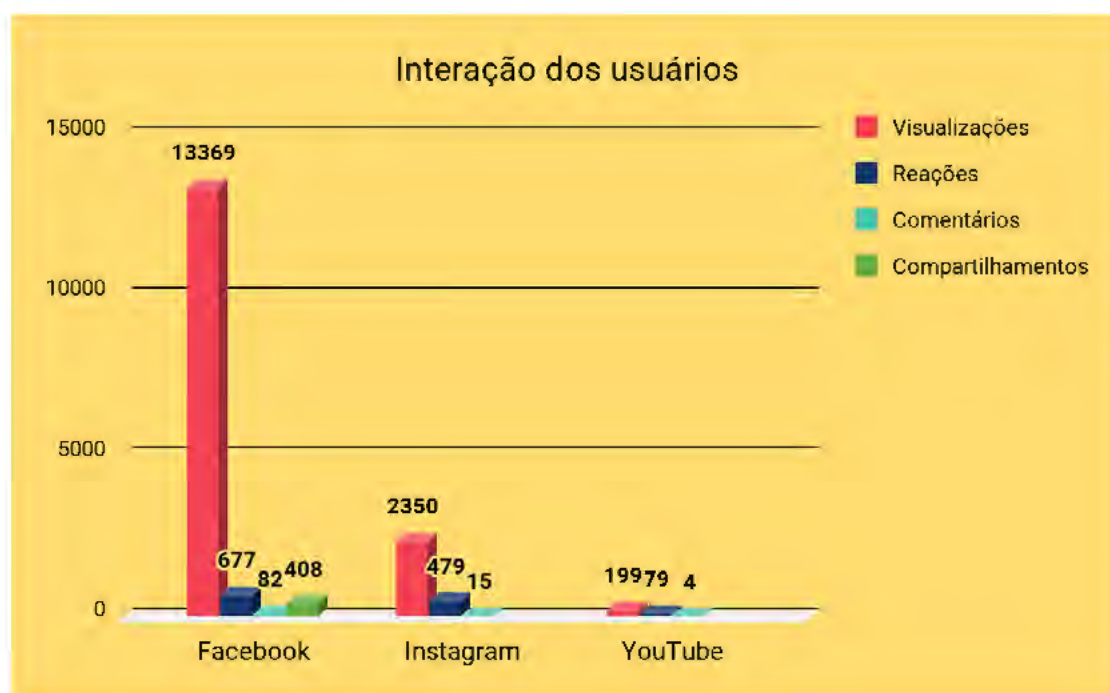
Resultados e discussão

Os vídeos elaborados e postados durante a pandemia da Covid-19 abordam assuntos como medidas preventivas relacionadas à doença, atividades para realizar em casa com o objetivo de descontrair o grupo familiar e proporcionar mais leveza à rotina, e maneiras de conversar com as crianças sobre a importância de certos cuidados, como a higienização frequente das mãos e o distanciamento social. Atualmente, os projetos realizaram a postagem de 22 vídeos nas três redes sociais utilizadas: Facebook, Instagram e Youtube. As publicações ocorreram entre os dias 18 de março e 6 de agosto de 2020.

Os conteúdos abordados nos vídeos foram diversos, como: medidas de prevenção da COVID-19; testes existentes para a doença; perigo da automedicação; organização da rotina e sugestões de atividades durante

a quarentena; higienização dos alimentos; cuidados com os animais de estimação após passeios; álcool na prevenção do coronavírus; como escolher a máscara apropriada e higienizá-la; brincadeira para ensinar às crianças sobre a necessidade do distanciamento social e a importância de lavar as mãos, como buscar atendimento, vacinação contra a gripe, modelo de distanciamento controlado adotado no Rio Grande do Sul e violência contra a mulher durante o distanciamento social. A multidisciplinaridade presente no projeto permite a abordagem de diferentes assuntos, os quais buscam oferecer informações de maneira integral, ou seja, informações de cuidados para diferentes situações.

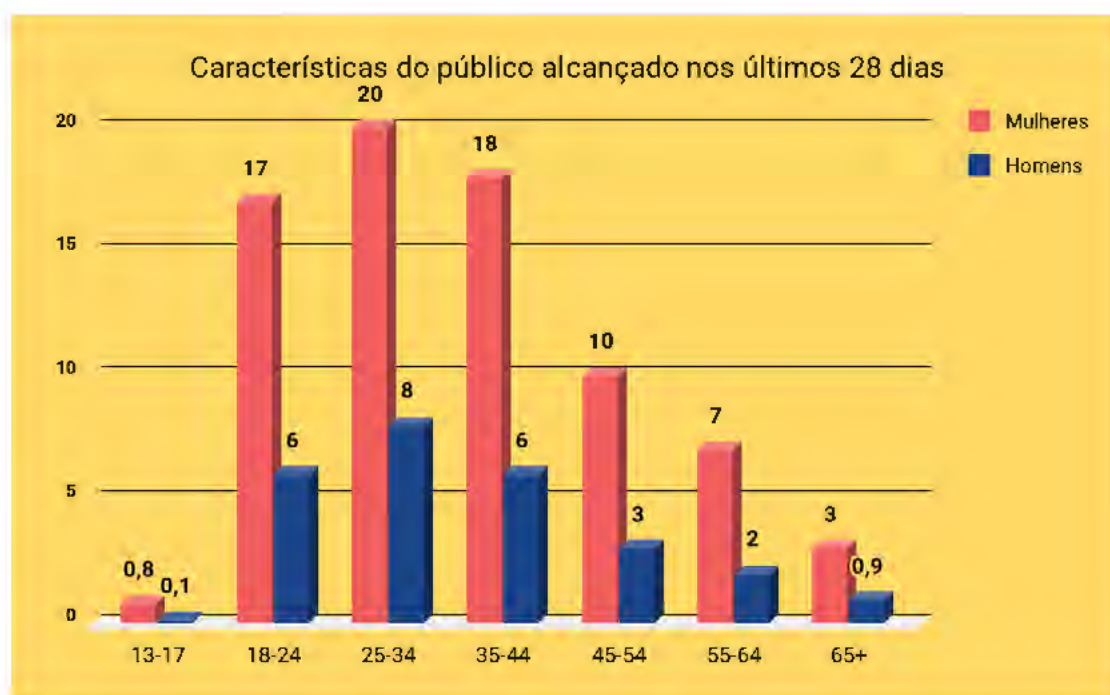
No gráfico a seguir (Fig.1), é apresentada a interação dos usuários com o conteúdo divulgado.

Figura 1 – Interação dos usuários.

Fonte: Autores.

A partir do gráfico de interação dos usuários, é possível observar que o conteúdo postado apresenta elevado número de visualizações e resposta positiva quanto à interação dos usuários, a qual é evidenciada pelos números de reações, comentários e compartilhamentos. As redes sociais Instagram e YouTube não possuem ferramentas que permitam contabilizar o compartilhamento do conteúdo, portanto, não foi possível

representá-lo no gráfico. Analisando as redes sociais utilizadas, é possível observar que as que apresentam maior interação são o Facebook, Instagram e YouTube, respectivamente. Segundo o relatório Internet Trends 2019 (MEEKER, 2019), no final de 2018, dos usuários de internet, 30% utilizavam o Facebook, 27% o Youtube e 19% o Instagram. Os projetos apresentam, em conjunto, 818 seguidores no Facebook, 623 seguidores no Instagram e 37 inscritos nos canais do YouTube, o que influencia na interação apresentada nas redes sociais.

O objetivo das atividades de divulgar informações teve um alcance total, em todas as redes sociais, de 15.918 visualizações; a interação dos usuários contemplou 101 comentários, 1.235 curtidas e 408 compartilhamentos de conteúdos referentes à prevenção da Covid-19 e de dicas de cuidados em geral. À vista disso, é possível observar que o conteúdo apresentou impacto positivo, pois, além do número elevado de visualizações e interações, não foram registrados quaisquer comentários negativos, o que faz com que seja pensado que as informações foram úteis, pois além de assistirem aos vídeos, os internautas também os compartilharam para que seus amigos pudessem assistir.

Figura 2 – Características do público alcançado nos últimos 28 dias.

Fonte: Autores.

Para avaliar as características dos usuários alcançados pelo conteúdo publicado, foi realizada uma média do público das redes sociais dos projetos a partir do sexo e faixa etária, a qual permite visualizar que 75% dos usuários são mulheres e 25% homens. É possível observar a predominância do sexo feminino, encontrando-se a maioria na faixa etária entre 18 e 44 anos.

As redes sociais são plataformas que apresentam elevada velocidade na disseminação de informações. O Facebook é a rede com mais usuários, contabilizando cerca de 2,5 bilhões de pessoas (XAVIER *et al.*, 2020). Segundo os dados do IBGE (2020), mulheres acessam mais a internet do que homens, sendo 75,7% dos usuários mulheres e 73,6% homens, os quais encontram-se, em sua maioria, na faixa etária entre 20 e 24 anos. Quanto à utilização da internet com a finalidade de acessar as redes sociais, foi relatado por 78% das mulheres e 72% dos homens esta prática, encontrando-se a maioria dos usuários na faixa etária entre 16 e 34 anos (CETIC.BR, 2019). O acesso à internet com a finalidade de assistir vídeos online, séries e filmes foi citado por 87% dos homens e 83,2% das mulheres (IBGE, 2020). Quanto ao acesso à internet com a finalidade de realizar pesquisas relacionadas à saúde, a porcentagem é de 48% para mulheres e 43% para homens (CETIC.BR, 2019).

Em relação à localização dos usuários alcançados, é possível observar que estes acessam de diversas cidades, incluindo Pelotas (RS), Camaquã (RS), Jaguarão (RS), Dom Feliciano (RS), Porto Alegre (RS), Rio Grande (RS), Montevidéu (UY), Arroio Grande (RS), Lajeado (RS), Santa Vitória do Palmar (RS), Itaqui (RS), Canguçu (RS), São Lourenço do Sul (RS), Guaíba (RS), São Paulo (SP), Canoas (RS), Bagé (RS), Estrela (RS), Caxias do Sul (RS), Capão do Leão (RS), Taquara (RS), Santa Maria (RS), Piratini (RS), Florianópolis (SC), Gravataí (RS), Salvador (BA), Uruguaiana (RS), Rio de Janeiro (RJ), Amaral Ferrador (RS), São Gonçalo (RJ), São Leopoldo (RS), Jundiaí (SP), Curitiba (PR), Lorena (SP), Brasília (DF), Passo Fundo (RS), Cruz Alta (RS), Eldorado do Sul (RS), Santa Cruz do Sul (RS), Blumenau (SC), Florida (UY), Recife (PE), Viamão (RS), Ijuí (RS), Coxilha Grande (RS), Hamburgo (DE), Rondonópolis (MT), Belo horizonte (MG), Belém (PA), Catolé do Rocha (PB), Salvador (BA).

Tendo em vista a localização dos usuários alcançados pelas redes sociais dos projetos, reforça-se a ideia de que as redes sociais apresentam

elevado nível de disseminação de informações, podendo atingir o mundo todo. Além disso, são meios de construção de conhecimento e conscientização das pessoas quanto à situação que certa localidade se encontra (JÚNIOR SOUSA *et al*., 2020).

Os estados que apresentaram maior índice de interesse pelos usuários, entre 20 de março de 2020 a 30 de julho de 2020, na busca por assuntos relacionados ao coronavírus no Brasil foram Santa Catarina (100%), Paraná e Paraíba (95%), Distrito Federal (94%), Bahia (93%), Rio Grande do Sul (92%), Minas Gerais (88%), São Paulo (86%), Pernambuco (84%), Mato Grosso (83%) e Rio de Janeiro (80%) (GOOGLE TRENDS, 2020).

Inicialmente, os perfis dos projetos nas redes sociais tinham como intuito divulgar convites para atividades e exposição de eventos realizados. Entretanto, em meio à pandemia, o propósito mudou, passando de perfis utilizados para publicar convites para perfis que também buscam publicar informações pertinentes relacionadas a cuidados com a saúde.

Conclusão

A pandemia é uma condição delicada, a qual o mundo vivencia, portanto, é um momento em que se faz necessário que diversas atividades sejam modificadas, criadas e recriadas para que possam continuar sendo realizadas. Com isto, a união dos dois projetos em foco é uma ação de suma importância para compartilhar, com a comunidade em geral, informações essenciais na prevenção da Covid-19.

A compreensão de que todos possuem o direito de acesso à informação de qualidade permite refletir o quanto é importante divulgar informações corretas, que favoreçam o autocuidado e intensifiquem o alcance do conhecimento. Entretanto, mesmo com o aumento do acesso à internet por domicílio no país, é sabido que, infelizmente, muitas pessoas não o possuem. No Brasil, em 2018, 14.991 mil domicílios não possuíam acesso à internet, podendo ser por falta de disponibilidade de rede, falta de interesse e/ou dificuldades financeiras (IBGE, 2020), ou seja, a desigualdade social, econômica e política faz-se presente também em meio digital, o que representa uma barreira entre o empoderamento

causado pelas informações disseminadas e o autocuidado realizado pela população (GONÇALVES, 2013).

Haja vista que as redes sociais apresentam facilidade na disseminação de informações, há uma grande divulgação não apenas de notícias seguras, mas, também, de notícias falsas, que acabam obtendo imensa proporção. A informação inadequada pode levar o indivíduo a acreditar nela e, consequentemente, atuar contra as medidas de prevenção decretadas por fontes oficiais, como o Ministério da Saúde, gerando divergência entre os cuidados a serem seguidos e prejudicando o autocuidado (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017; LIMA *et al.*, 2020). Em função disso, é extremamente relevante projetar o conteúdo das atividades com informações verídicas, buscando esclarecer notícias falsas e incentivar o autocuidado.

Os conteúdos divulgados contribuem para a promoção da saúde em meio à pandemia, procurando conscientizar a população em geral sobre o impacto e a importância que suas atitudes podem causar. Os projetos visam aumentar, cada vez mais, o alcance da população para com o conteúdo divulgado, porém, há a plena consciência de que a mudança ocorre pouco a pouco, e ter a chance de empoderar – ainda que, apenas, um indivíduo – já configura um grande passo para o objetivo final, que é fornecer informações acessíveis e de qualidade para o maior número de pessoas. Tendo em vista que cada indivíduo e comunidade possuem suas particularidades, é imprescindível que, paulatinamente, as atividades realizadas sejam elaboradas de maneira a englobar diferenças sociais, econômicas e culturais, tornando a informação compartilhada a mais acessível e inclusiva possível.

Por conseguinte, os integrantes dos projetos buscam diferentes maneiras de atuar de forma não presencial e oferecer suporte para as pessoas que utilizam e, também, para as que não utilizam as redes sociais.

Percepção dos estudantes

É extremamente gratificante poder atuar nos projetos, tanto presencialmente quanto virtualmente. A cada passo dado para a realização de uma atividade, ocorre a troca de conhecimentos, percepções

e opiniões que viabilizam a expansão do pensamento, uma vez que os integrantes estão abertos a diferentes possibilidades de organização e atuação. Os integrantes dos projetos atuam, também, entre si, oferecendo apoio e incentivando uns aos outros, o que torna a atuação mais leve e estimulante. Tendo em vista cada etapa estabelecida para elaborar uma atividade, é possível afirmar que os projetos representam a união de pessoas de diferentes cursos, instituições, percepções e realidades, porém, com um propósito em comum: atuar no empoderamento da população através da educação em saúde, estimulando o autocuidado e, consequentemente, viabilizando uma melhor qualidade de vida. A exclusão digital de grande parte da população é um desafio, no entanto, continuaremos a buscar formas de atingir o maior número de pessoas possível com materiais educativos.

Referências

BRASIL, MS. **Carta dos direitos dos usuários da saúde.** Brasília: Ministério da Saúde. 3.ed. 2011. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_direitos_usuarios_saude_3ed.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

CETIC.BR. Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros:** TIC Domicílios 2018. São Paulo: CGI.br, 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FAORO, R.R.; ABREU, M.F.; DEMARCHI, M. Redes sociais como ferramentas de comunicação: uma síntese teórica. **Revista Ciência da Informação**, Maceió, v.4, n.3, p.25-39, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/4097>. Acesso em: 29 jun. 2020.

FARIAS, M.G.G. A informação como potencializadora da autonomia e da integração social. **TransInformação**, Campinas, v.28, n.3, p.323-336, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n3/0103-3786-tinf-28-03-00323.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FRANÇA, T.; RABELLO, E.T.; MAGNAGO, C. As mídias e as plataformas digitais no campo da Educação Permanente em Saúde: debates e propostas. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v.43, n. especial 1, p.106-115, 2019. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/sdeb/2019.v43nspe1/106-115/pt>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GARBIN, H.B.R.; GUILAM, M.C.R.; NETO, A.F.P. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.347-363, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000100019>. Acesso em: 2 jul. 2020.

GONÇALVES, M.C. **Exclusão digital na era de inclusão digital.** 2013. 39f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9E9EHC/1/monografia_exclusao_digital_na_era_da_inclusao_digital_ufmg.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

GOOGLE TRENDS. **Coronavírus.** 2020. Disponível em:<https://trends.google.com/trends/story/ US_cu_4Rjdh3ABAABMHM_en_pt-BR>. Acesso em: 14 ago. 2020.

HOUAISS, A. (Ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM. Acesso em: 2 ago. 2020.

HU, Y.; MANIKONDA, L.;KAMBHAMPATI, S. **What we instagram:** A first analysis of instagram photo contente and user types. Proceedings of the 8th International Conference on Weblogs and Social Media, p.595-598, 2014. Disponível em: <https://asu.pure.elsevier.com/en/publications/what-we-instagram-a-first-analysis-of-instagram-photo-content-and>. Acesso em: 2 jul. 2020.

IBGE. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 12p. Disponível em:< https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2020.

JÚNIOR SOUSA, J.H. *et al.* Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de Prospecção,** Salvador, v. 13, n. 2, p. 331-346, 2020.

Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/nit/article/view/35978/20912>. Acesso em: 14 ago. 2020.

JUNQUEIRA, F.C. *et al.* A utilização das redes sociais para o fortalecimento das organizações. *In*: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 2014. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/22020181.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

LIBARDI, M.B.O. *et al.* Comunicação em saúde por meio do ambiente virtual: relato de experiência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 39: e20170229, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v39/1983-1447-rgenf-39-e20170229.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

LIMA, C.R.M. *et al.* Emergência de saúde pública global por pandemia de COVID-19: desinformação, assimetria de informações e validação discursiva. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.6, n.1, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/410/version/420>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARQUES, V. Vídeo Marketing – Conquiste mais audiência Online. **Actual,** 2018.

MEEKER, M. **Internet trends 2019**. [s.l.]: Bondcap, 2019. Disponível em: <https://www.bondcap.com/report/itr19/#view/title>. Acesso em: 14 ago. 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19**. Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14>. Acesso em: 30 jun. 2020.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder:** Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg Cedex: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html#>. Acesso em: 13 ago. 2020.

XAVIER, F. *et al.* Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19. **Estudos Avançados**, v.34, n.99, p.261-281, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v34n99/1806-9592-ea-34-99-261.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

YOUTUBE. Statistics, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/en-GB/about/press/>. Acesso em: 26 jul. 2020.

Agradecimentos

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas, pelas bolsas ofertadas aos projetos “Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul” e “Comunica Saúde”. Agradecemos, também, a cada aluno, professor, técnico e colaborador que viabilizou a realização das atividades postadas. Os projetos só são possíveis graças à ação de cada um que os integra. A todos os espectadores, deixamos a nossa mais sincera gratidão por cada acesso e interação.

Sobre os autores

GIULIA OLIVEIRA RIBEIRO, acadêmica de Enfermagem do 8º semestre da UFPel. Bolsista do Projeto de Extensão “Comunica Saúde”.
E-mail: giulia-riibeiro@live.com

MILENA QUADRO NUNES, acadêmica de Enfermagem do 5ºsemestre da UFPel. Bolsista do Projeto de Extensão “Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul”.
E-mail: milenajag@outlook.com

MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA, graduada em Enfermagem pela UFPel. Doutora em Enfermagem em Saúde Pública pela USP. Docente na Faculdade de Enfermagem na UFPel/Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva. Coordenadora dos projetos de extensão “Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul” e “Comunica Saúde”.
E-mail: mandagara@hotmail.com

ALINE DE CASTRO E KASTER, graduada em Letras/Libras pela UFSC. Mestranda em Letras pela UFPel. Docente no Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Coordenadora Adjunta do projeto de extensão “Comunica saúde”.
E-mail: alinelibras@gmail.com

FELIPE FEHLBERG HERRMANN, graduado em Matemática e em Administração de Empresas pela UCPel. Doutor em Engenharia de Produção e Sistemas pela UNISINOS. Docente na Faculdade de Nutrição da UFPel/Departamento de Nutrição. Coordenador adjunto do Projeto de Extensão “Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul”.
E-mail: herrmann.ufpel@gmail.com

GABRIEL MOURA PEREIRA, graduado em Enfermagem pela UFPel. Mestrando em Enfermagem na UFPel. Coordenador discente do projeto de extensão “Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul”.
E-mail: gabriel_mourap_@hotmail.com

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA MATEMÁTICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Juliana Carvalho Bittencourt
Fernando Fernandes Ribeiro
Rodrigo Marques Queiroga
Daniela Stevanin Hoffmann
Patrícia da Conceição Fantinel

Introdução

A Extensão Universitária Matemática, através dos projetos Matemática na Comunidade e Matemática na Escola, segue atuando junto à comunidade externa à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no contexto da pandemia da Covid-19. Este texto apresenta, a partir do relato sobre a implementação do projeto Matemática na Escola, a justificativa para manter as ações extensionistas em Matemática de forma remota, a adaptação metodológica dos projetos citados e das práticas

pedagógicas elaboradas e os resultados esperados dessa interação comunidade-universidade em tempos de pandemia.

Prensky (2001), ao discutir a influência das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICS) sobre as sociedades, definiu dois perfis de pessoas, separados por questões de imersão tecnológica, os nativos digitais e os imigrantes digitais. Os nativos digitais nasceram imersos em um mundo repleto de tecnologia e as incorporam naturalmente a seus hábitos na medida em que os desenvolveram com base no uso das TICS. Os imigrantes digitais presenciaram o surgimento e alastramento de uso da tecnologia com dificuldade, precisando reformular e criar novos hábitos para adaptar-se à presença das TICS e às demandas sociais consequentes. No contexto dos projetos de extensão aqui tratados, entende-se que os nativos digitais são os estudantes da educação básica e os imigrantes digitais são todas as demais pessoas envolvidas, os licenciandos extensionistas, as coordenadoras dos projetos, as professoras da escola parceira, pais e responsáveis, etc.

Segundo Ba, Tally & Tsikalas (2002, p. 6), fluência digital é "um conjunto de hábitos que as crianças utilizam na sua relação com as tecnologias da informação para aprenderem, estudarem e divertirem-se". É senso comum de que as crianças lidam melhor com a tecnologia do que a maioria dos adultos, especialmente, os idosos. Avaliando essa premissa, a partir dos conceitos de nativos e imigrantes digitais (PRENSKY, 2001), e de fluência digital (BA, TALLY & TSIKALAS, 2002), podemos inferir que os estudantes da educação básica teriam naturalidade em lidar com as ferramentas digitais do ensino remoto, que são parte das TICS com as quais eles se desenvolveram. Pais e responsáveis, professores e licenciandos são as pessoas de quem esperaríamos dificuldades.

Entretanto, essas inferências são condicionadas pela realidade socioeconômica, levando às questões: quem tem acesso à tecnologia e que tipo de tecnologia utiliza? Koutropoulos (2011) questiona a existência de uma geração digital universal e aponta que o estereótipo do nativo digital se aplica a uma minoria. Rossato (2014) considera que, embora o acesso às TICS esteja em ascensão constante, ainda há exclusão social na forma de exclusão digital.

O desafio de manter a relação com a comunidade externa à UFPel, no contexto da pandemia da Covid-19, e adaptar os projetos para o

ensino remoto foi aceito porque a equipe extensionista acredita que possa contribuir, não apenas contra a exclusão escolar relacionada à Matemática, mas, contra a exclusão social (ROSSATO, 2014). É preciso compreender as questões de exclusão relacionadas ao ensino remoto, desde a falta de acesso às TICS até a dificuldade em utilizar diferentes plataformas digitais de aprendizagem (redes sociais, ambientes virtuais, etc.), para ser possível auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem de Matemática via remota.

Desde o início da implementação das ações remotas dos projetos, pudemos refletir sobre as questões teóricas, a partir das dificuldades práticas apontadas pelos estudantes do ensino fundamental participantes, como acesso restrito à internet; acesso às atividades remotas por meio de aparelho celular do seu responsável e realização das atividades sem acompanhamento pedagógico.

Justificativa

Durante o primeiro semestre do ano de 2017, dois acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática Noturno do Instituto de Física e Matemática da UFPel, idealizaram montar um projeto que contribuísse com a comunidade a que pertencem, ambos residentes do bairro Cohab-Tablada na cidade de Pelotas. Procuraram o apoio de algum professor do curso que se disponibilizasse a orientar e auxiliar os alunos das escolas daquele bairro, na compreensão dos conteúdos abordados na disciplina de Matemática. Como havia a necessidade de local para atender estes possíveis alunos, foi feito o contato com a diretora da Associação Comunitária Cohab-Tablada, que apoiou a iniciativa, integrou o projeto e ofereceu um espaço na sede da Associação para sua execução – uma sala com lousa, mesas e cadeiras. Após parceria com duas professoras do curso, foi iniciado o projeto de extensão Matemática no Bairro.

No segundo semestre daquele ano, foi implementada a primeira ação de extensão do projeto Matemática no Bairro: Aulas de Apoio de Matemática, a partir da demanda de alunos do ensino fundamental, a fim de (re)construir os conceitos matemáticos e desenvolver o raciocínio lógico matemático. Com o objetivo de atender estudantes das três instituições

escolares que recebem a comunidade do bairro Cohab-Tablada (Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Antônio Leivas Leite, Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora das Dores e Instituto Lar de Jesus), no contra turno escolar, as Aulas de Apoio iniciaram com um encontro semanal e de acordo com a demanda, passaram para dois encontros semanais, atendendo moradores da comunidade que estudavam em outras escolas. As figuras 1 e 2 mostram dois momentos de uma atividade desenvolvida com o Tangran – material didático que pode ser utilizado na exploração de conceitos matemáticos, como perímetro, área, frações e proporcionalidade.

Figura 1 – Alunos produzindo o Tangran.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 2 – Alunos explorando o Tangran.

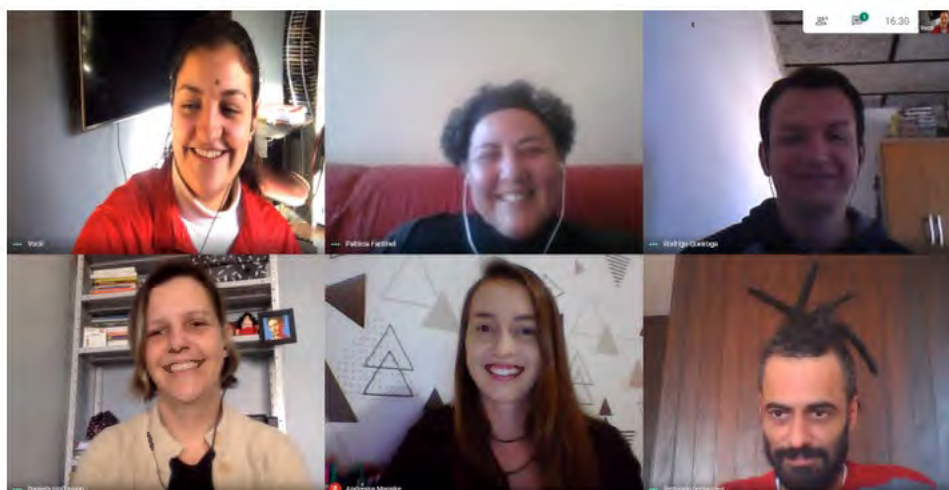
Fonte: Arquivo Pessoal.

Este ano, com base na experiência relatada, foram criados dois projetos de extensão: Matemática na Comunidade e Matemática na Escola, com duração total prevista de três anos. Cada projeto conta com um extensionista bolsista, com bolsas vigentes de junho a dezembro, oportunizadas pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), e três extensionistas voluntários. Todos os extensionistas são graduandos, cursando entre o quarto e oitavo semestre dos cursos de Licenciatura em Matemática, Integral e Noturno, da UFPel. A mesma equipe extensionista atua nos dois projetos de forma unificada, planejando e produzindo materiais pedagógicos de Matemática que possam ser utilizados em ambos projetos. Em função da equipe unificada e do trabalho conjunto, os projetos se misturam de forma a podermos focar, neste momento, no desenvolvimento do projeto Matemática na Escola.

De acordo com as orientações da UFPel e da sua Pró-Reitoria de Extensão e Cultura para o contexto da pandemia da Covid-19, os projetos precisaram ser adaptados para seguir atuando junto aos alunos do ensino fundamental e auxiliá-los na aprendizagem da Matemática de forma remota. Ambos possuem uma ação extensionista com a comunidade externa à Universidade em implementação em 2020.

Metodologia

Nos projetos Matemática na Comunidade e Matemática na Escola, adaptados para o contexto da pandemia da Covid-19, estruturados segundo demandas da comunidade externa à UFPel, são realizadas ações de planejamento e avaliação constantes. O planejamento ocorre em reuniões remotas semanais, em ambiente de webconferência da UFPel, conforme a figura 3. Nesses encontros, a equipe avalia as ações implementadas e discute as demandas, elabora e estuda propostas de intervenção didática e produz materiais pedagógicos para o ensino de Matemática.

Figura 3 – Reunião remota da equipe.

Fonte: Arquivo Pessoal.

O projeto Matemática na Comunidade contatou a presidente da Associação Comunitária Cohab-Tablada, que informou da inatividade da Associação neste momento de distanciamento social. Como o contato com novos possíveis participantes do projeto ficou impraticável, os participantes do projeto Matemática no Bairro do ano de 2019 foram contatados. Esses alunos manifestaram falta de interesse em participar do projeto de forma remota. Este projeto está buscando retomar o contato com esses alunos, via *WhatsApp,* e apoiá-los com as questões de aprendizagem de Matemática e com as questões tecnológicas.

A produção de materiais está sendo realizada com base na experiência bem sucedida do projeto Matemática no Bairro. A equipe está preparando atividades com conceitos matemáticos dos anos finais do ensino fundamental segundo a Base Nacional Comum Curricular. As propostas seguem centradas no estudante, visando à exploração de conceitos matemáticos, utilizando materiais didáticos manipulativos como suporte pedagógico. No contexto da pandemia da Covid-19, propõe-se que os alunos criem seus próprios materiais e os utilizem junto aos familiares da residência. Foca-se na utilização de material comuns em domicílios, como tampas plásticas, prendedores, papelão e baralho de cartas, para além de recursos online (sites e aplicativos de celular). As atividades visam contemplar os dois projetos, tanto neste momento de ensino remoto, quanto na volta ao ensino escolar presencial.

O projeto de extensão Matemática na Escola, iniciado por demanda de uma professora de Matemática da Escola Estadual de Ensino Fundamental Adolfo Fetter, tinha como objetivo geral integrar a Universidade e a comunidade, via ações de extensão relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem da Matemática, respeitando e valorizando os saberes e fazeres acadêmicos e cotidianos, de forma a contribuir para o combate à reprovação em Matemática e à evasão escolar e para a vivência da Matemática na escola. A equipe tentou contato (telefone e e-mail oficiais) com a direção e secretaria da escola, entretanto, não houve retorno.

A fim de encontrar nova escola parceira, buscou-se contato com as escolas do bairro Cohab-Tablada. Houve retorno de duas professoras de Matemática da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Antônio Leivas Leite, responsáveis pelas turmas de sexto e sétimos anos do ensino fundamental. Após uma reunião remota para a apresentação do projeto, elas se integraram à equipe, compartilhando suas vivências da escola pública no contexto da pandemia.

As professoras da escola, de acordo com as orientações da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, trabalham remotamente com seus alunos, via plataforma *Google Classrom*, disponibilizada pelo governo estadual[1], e via grupos de *WhatsApp*, organizados pela escola e por elas. As duas também disponibilizam as atividades, de forma impressa, para que sejam retiradas na escola. Segundo as professoras, a participação dos estudantes nas atividades remotas é preocupantemente baixa: "Em uma turma de 25 alunos matriculados, no mês de julho, cinco alunos entregaram as tarefas e dois participaram das aulas online". A baixa participação, segundo os próprios estudantes, é devida à falta de acessibilidade à internet, ao uso compartilhado de aparelho celular e ao ambiente inadequado para o estudo em casa.

A partir da demanda real apresentada pelas professoras, a equipe do projeto está buscando diferentes formas para interagir e criar vínculo com os estudantes. A equipe solicitou acesso à plataforma *Google Classroom* a fim de auxiliá-los, também, no entendimento da própria plataforma, que é um ambiente novo e diferente das redes sociais e aplicativos

1. https://escola.rs.gov.br/inicial

de comunicação popularmente conhecidos. Pretende-se ter acesso aos materiais de aula das professoras, para acompanhar os conteúdos trabalhados e elaborar atividades que auxiliem com os conceitos matemáticos escolares. Ainda, entende-se que a criação de um espaço de convivência do projeto dentro do ambiente de aprendizagem represente o espaço físico da escola que seria ocupado em circunstâncias normais.

Enquanto o acesso à plataforma de aprendizagem institucional não foi efetivado, o contato direto com os alunos de sétimo ano foi realizado via *WhatsApp*. Foi criado um grupo de conversa no aplicativo que, por ora, conta com a participação de 23 estudantes da educação básica e três extensionistas universitários. A equipe está avaliando, dentre as ferramentas utilizadas pela escola, qual é a melhor para comunicação com os estudantes e para a implementação das atividades do projeto e considera a possibilidade de utilizar *Google Classroom* e o *WhatsApp* de forma articulada.

Em paralelo ao esforço em contatar e estabelecer vínculo com o público alvo do projeto, os extensionistas estão elaborando atividades remotas para auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem de Matemática, de acordo com os conteúdos que as professoras estão trabalhando com seus alunos. Buscando atender à demanda das turmas de sexto e sétimos anos, estão sendo produzidos materiais sobre Números Inteiros como, por exemplo, uma atividade com a utilização de um termômetro para introdução da reta numérica e diferentes problemas matemáticos. Há, também, uma proposta de estudar conceitos geométricos, a partir de uma atividade em que os alunos desenham a planta baixa da sua residência e buscam identificar formas geométricas dentro de casa. Busca-se criar uma relação da Matemática com o seu cotidiano, explorando conceitos matemáticos como polígonos e sólidos, perímetro, área e volume, e problemas envolvendo medições e proporcionalidade.

Resultados obtidos e/ou esperados

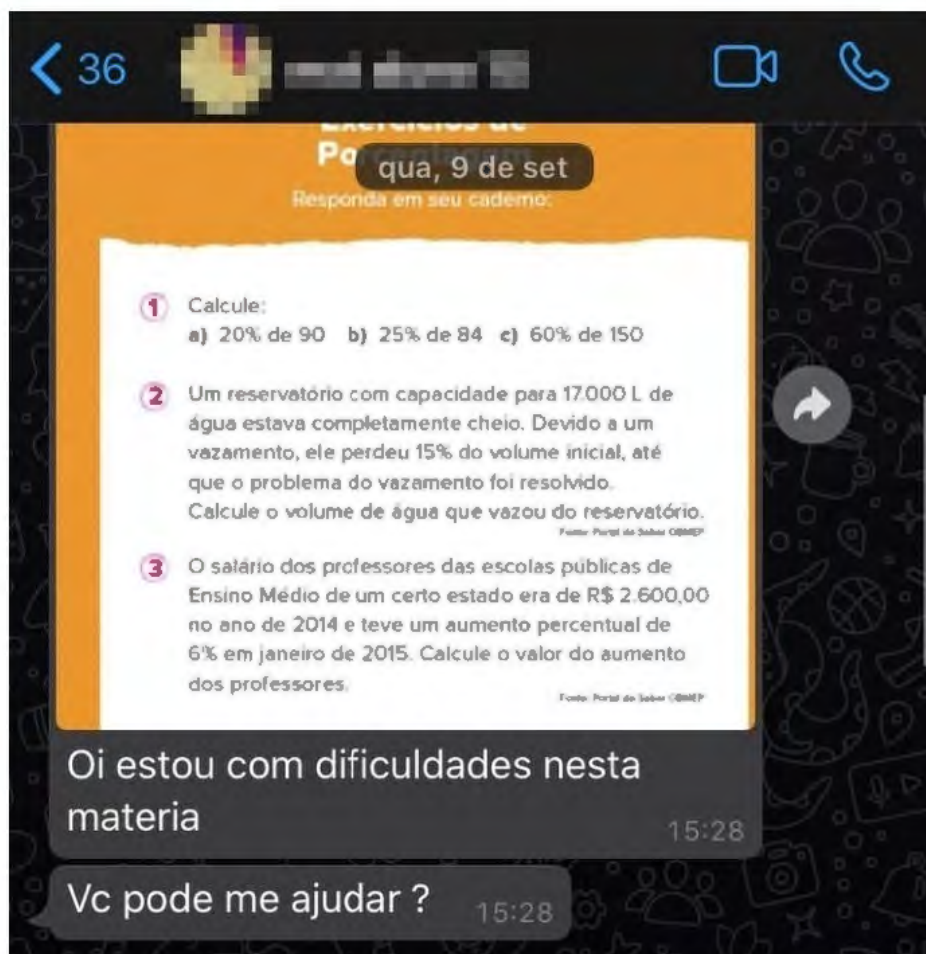
A experiência em andamento nos projetos mostra que natividade digital e imersão tecnológica, características comumente reconhecidas nos jovens, não são condições suficientes para que os estudantes de

ensino fundamental tenham acesso e consigam acompanhar a escola na modalidade remota.

No projeto Matemática na Comunidade, os alunos mostraram desinteresse pelo projeto em forma remota e relataram estar desanimados com o ensino remoto de suas escolas. Os retornos dos alunos indicaram que eles utilizam aparelhos celulares dos responsáveis, limitando o tempo de estudo. Novas tentativas de contato serão feitas para divulgar os materiais produzidos, em conjunto com o projeto Matemática na Escola, com a intenção de estimular o diálogo e manter o vínculo com os participantes do ano anterior.

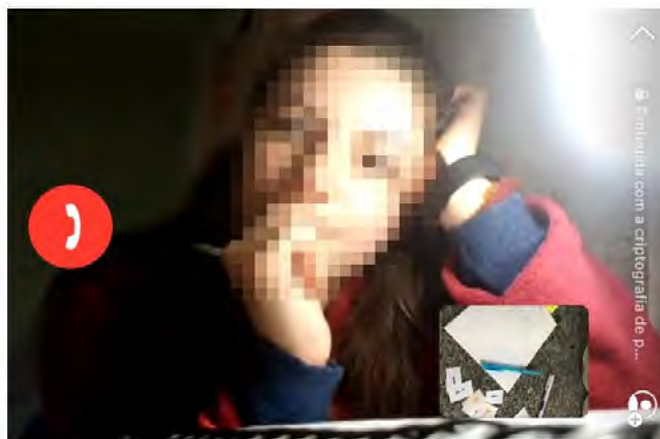
No projeto Matemática na Escola, do total de 69 alunos das turmas de sétimo ano, sendo 57,97% do gênero masculino e 42,03% do gênero feminino, 23 alunos estão participando de um grupo de conversa via *Whatsapp*. Nesse grupo, 65,22% são do gênero masculino e 34,78% do gênero feminino. Desses, 11 alunos, 54,55% do gênero masculino e 45,45% do gênero feminino, confirmaram o interesse em receber o auxílio do projeto nas atividades de Matemática.

Na figura 4, observa-se um pedido de apoio feito diretamente para uma extensionista, por fora do grupo do *WhatsApp*. Identificou-se a necessidade de criação de vínculos individuais com os participantes. Em outra conversa privada, por mensagem de áudio de 37s, uma aluna falou sobre a falta de interação do restante dos colegas: "*Minha turma assim... Pelo que eu conheço eles são todo mundo meio tímido, que não se importam tanto assim com os estudos. Mas... Para falar a verdade sou muito tímida, mas... Tipo a gente não tem... A turma em si, não tem muito costume, quando cria um grupo de matemática assim como tu já deve ter visto, pouquíssimos devem ter ti chamado, se alguém te chamou além de mim, no caso. E... Por que... Todo mundo... meio... tipo... Ai, que vergonha, não sei o quê... Eu pensei umas vinte vez, antes de ti chamar, mas... não me arrependo (ri!)*".

Figura 4 – *Print Screen* da mensagem de texto de aluno.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Os extensionistas realizam chamadas de vídeo individuais com os alunos e os auxiliam na compreensão dos conceitos matemáticos presentes nas atividades escolares com a utilização de material didático manipulativo. Na figura 5, pode-se ver uma estudante e, no canto inferior direito da imagem, fichas com sinais de positivo e negativo. Esse material foi utilizado para auxiliar nas atividades escolares que tratavam de operações com Números Inteiros. A proposta é explorar os conceitos para que os alunos possam compreendê-los, não resolver as atividades por eles.

Após essa chamada de vídeo, a aluna agradeceu o apoio em mensagem de áudio de 20s: "*amanhã de manhã eu vou tentar fazer essas expressão... as expressões... e... ai, muito obrigada por vocês estarem me ajudando, mesmo... assim... tipo, eu não sei nem como eu ia tá fazendo sem vocês, muito obrigada mesmo.*"

Figura 5 – *Print Screen* da chamada de vídeo.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Os resultados aqui apresentados correspondem a três meses de desenvolvimento das ações de extensão via remota. Pretende-se realizar um levantamento sobre o alcance dos projetos neste ano, destacando a produção de material didático pedagógico específico para atividades remotas.

Os projetos pretendem atingir uma de suas metas iniciais e expandir seu atendimento de apoio, contribuir para questões relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem de Matemática e, também, para o enfrentamento da exclusão social oriunda da exclusão digital. O enfrentamento da exclusão social, possível de ser realizado pela equipe dos projetos, é junto aos alunos que têm acesso, mesmo que restrito, à internet e, pelo menos, a um celular. Junto a esses alunos, combate-se a exclusão digital, a partir do vínculo com a Matemática escolar, na utilização das TICs.

Aos alunos do ensino fundamental, acredita-se que os projetos irão contribuir para a aprendizagem de Matemática e de questões relacionadas ao uso das TICS (plataforma de aprendizagem institucional). Igualmente, mesmo não sendo público alvo dos projetos, acredita-se que as professoras, ao se integrarem à proposta, também poderão ser beneficiadas com a parceria.

Aos discentes de graduação extensionistas, acredita-se que os projetos possam contribuir com sua formação docente ao proporcionar a vivência desse contexto único junto aos professores e estudantes de educação básica.

Entende-se que, independente de sermos nativos ou imigrantes digitais, todos somos aprendizes no contexto da pandemia da Covid-19. A UFPel, que também está em adaptação nesse contexto, segue suas ações universitárias de ensino, pesquisa e extensão, no e para o enfrentamento das consequências da pandemia. Através de seus projetos de extensão, a Universidade segue sua atuação social, compartilhando saberes com sua comunidade externa, auxiliando e aprendendo sobre novas necessidades.

Referências

BA, H. TALLY, W. & TSIKALAS, K. Investigatingchildren'semerging digital literacies. **Journal of Technology, Learning, and Assessment**. vol. 1, nº 4. 2002. Disponível em: http://escholarship.bc.edu/jtla/vol1/4/. Acesso em: 01 ago. 2020.

KOUTROPOULOS, A. Digital Natives: TenYears After. **Journal of Online Teachingand Learning**, vol. 7, nº 4, 2011. Diponível em: <http://jolt.merlot.org/vol7no4/koutropoulos_1211.htm> Acesso em: 02 ago. 2020.

PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. **Onthehorizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

RIBEIRO, F. F.; QUEIROGA, R. M.; FANTINEL, P. C.; HOFFMANN, D. S. MATEMÁTICA NO BAIRRO: Matemática como agente integrador entre universidade e comunidade. *In*: V Congresso de Cultura e Extensão da UFPel - V Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel, 2019, Pelotas. **Anais[...]**. Pelotas: UFPel, 2019, p. 429-431.

ROSSATO, M. A aprendizagem dos nativos digitais. *In*: A. Mitjáns Martínez, & P. Álvarez (Orgs.), **O sujeito que aprende**: diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural (pp. 151-178). Brasília: Liber Livro, 2014.

QUEIROGA, R. M.; CARDOSO, J. A. L.; FANTINEL, P. C.; HOFFMANN, D. S. AÇÃO "AULAS DE APOIO DE MATEMÁTICA": da Invisibilidade para Visibilidade. *In*: XIII Encontro Gaúcho de Educação Matemática (EGEM), 2018, Santa Maria. **Anais[...]**. Santa Maria: UFSM, 2018, v. 4, p. 943-950.

QUEIROGA, R. M.; CARDOSO, J. A. L.; RIBEIRO, F. F.; FANTINEL, P. C.; HOFFMANN, D. S. AÇÃO "AULAS DE APOIO DE MATEMÁTICA": recontextualizando os conceitos matemáticos. *In*: 18ª Mostra da Produção Universitária - MPU / FURG, 2019, Rio Grande. **Anais[...]**.Rio Grande: FURG, 2019.

Sobre os autores

JULIANA CARVALHO BITTENCOURT, graduanda em Licenciatura em Matemática Noturno na UFPel. Bolsista do projeto.
E-mail: jcbittencourt07@gmail.com

FERNANDO FERNANDES RIBEIRO, graduando em Licenciatura em Matemática Noturno na UFPel. Voluntário do projeto.
E-mail: ribeirofernandofernandes7@gmail.com

RODRIGO MARQUES QUEIROGA, graduando em Licenciatura em Matemática Noturno na UFPel. Voluntário do projeto.
E-mail: rodrigomqueiroga@gmail.com

DANIELA STEVANIN HOFFMANN, graduada em Licenciatura em Matemática na UFRGS, doutora em Informática na Educação na UFRGS. Professora associada da UFPel. Coordenadora dos projetos de extensão Matemática na Comunidade e Matemática na Escola.
E-mail: danielahoff@gmail.com

PATRÍCIA DA CONCEIÇÃO FANTINEL, graduada em Licenciatura em Matemática na UFRGS, doutora em Informática na Educação na UFRGS. Professora adjunta da UFPel. Coordenadora Adjunta dos projetos de extensão Matemática na Comunidade e Matemática na Escola.
E-mail: patifantinel@gmail.com

OS EGRESSOS E AS EGRESSAS DO CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA DA UFPEL: INSERÇÃO LABORAL E ADEQUAÇÃO CURRICULAR

Leonardo Tavares Pereira

Lorena Almeida Gill

Introdução

Realizado pelo Programa de Educação Tutorial - Diversidade e Tolerância (PET-DT) e pelo Núcleo de Documentação Histórica (NDH), o presente estudo aborda o acompanhamento de egressos e egressas do curso de Bacharelado em História da UFPel. A sua investigação deu-se a partir da criação de um questionário online, com 25 questões respondidas por 38 pessoas, de um total de 96 formados. Os objetivos da pesquisa estavam relacionados, prioritariamente, a verificar a situação laboral em que se encontravam os egressos, bem como o grau de satisfação que tinham em relação à formação obtida na Universidade.

Portanto, a metodologia baseou-se em uma análise quali-quantitativa, com auxílio de perguntas, cuja perquirição permitiu a construção de pequenas narrativas.

Para a composição das questões, foram observados fundamentalmente dois conceitos, quais sejam, inclusão social e equidade. Ainda que o primeiro deles se refira à possibilidade de abranger pessoas que estejam excluídas do processo de socialização como negros, indígenas, deficientes e pobres, é preciso considerar que:

> A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico (SAWAIA, 2001, p. 8).

Já por equidade, entende-se a possibilidade de uma igualdade de direitos que se vincula ao acesso, à participação e aos resultados no ensino superior. Desta maneira:

> Equidade de acesso é o fator inicial de discussão quando se fala em Educação Superior, no entanto ela só ocorre a partir do momento que todos têm as mesmas condições de competir, isto é, quando o ensino anterior ao Ensino Superior é oferecido em qualidades iguais a todos, proporcionando então, uma competição justa. O mesmo ocorre em relação à equidade de progresso e resultado no Ensino Superior. Dessa forma as barreiras ou dificuldades encontradas por cada estudante não podem estar associadas a questões consideradas como fora de controle, ou seja, aquelas que existem independentes do querer de cada um, tais como raça, sexo, idade, deficiências, família ou situação socioeconômica, as quais se identificam neste trabalho como "características iniciais" (FELICETTI; MOROSINI, 2009, p. 11, grifos das autoras).

O curso de Bacharelado em História foi criado no contexto do Programa de Apoio a Planos e Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) que tinha como meta, dentre outros aspectos, dobrar o número de alunos em cursos de graduação para os próximos dez anos. Assim, através de sua administração central, a UFPel instigou o Departamento de História para que fosse formado um novo curso, o que acabou sendo feito a partir do trabalho de uma comissão formada pelos professores Lorena Almeida Gill, Beatriz Ana Loner e Sebastião Peres, que elaboraram a proposta para o Bacharelado de História, com início no ano de 2008[1].

A partir desse estudo, vem sendo possível repensar o curso e projetar uma reestruturação curricular baseada nas perspectivas apontadas pelos respondentes, bem como dos alunos atuais, especialmente daqueles que se aproximam da formatura, além dos professores e técnicos-administrativos envolvidos no processo.

Entendendo o contexto atípico ocasionado pela pandemia de Covid-19, inaugurou-se, no PET-DT e no NDH, o trabalho totalmente remoto, o que nos despertou interesse e possibilitou realizar estudos como o de egressos; bem como: o de trabalho informal realizado pelos universitários; sobre a política de cotas no curso de Pedagogia; a covid-19 no cotidiano dos alunos e da comunidade pelotense; assédio moral e sexual dentro da UFPel; ofícios em extinção; além de projetos de extensão, especialmente aqueles relacionados à criação de jogos sobre a História de Pelotas, em uma perspectiva de dialogar, especialmente, com as pessoas idosas, público com o qual se interage fortemente em épocas que são possíveis trabalhos presenciais.

Justificativa

O acompanhamento de egressos e egressas das Instituições de Ensino Superior (IES) nasceu nas décadas de 1960 e 1970, nos Estados

1. O curso iniciou sua primeira turma em março de 2008, oficialmente foi criado pela portaria n. 1.610 de 15 de outubro de 2009, reconhecido pela portaria n. 175 de 18 de abril de 2013 e teve a renovação do reconhecimento obtida pela portaria n. 921 de 27 de dezembro de 2018.

Unidos e na França, devido à complexificação e diversificação do mercado de trabalho e, também, tendo em vista a necessidade de normatizar a obtenção de títulos e diplomas (PAUL, 2015). Junto a esses dois fatores, somam-se o aumento do ingresso nas universidades e a busca de uma crescente avaliação destas instituições (PAUL, 2015).

Já no Brasil, o desenvolvimento do acompanhamento de egressos ainda é retraído (ANDRIOLA, 2014; PAUL, 2015; SIMON; PACHECO, 2017; LIMA; ANDRIOLA, 2018), sendo instituições pioneiras nesse quesito a Universidade Federal do Ceará (UFC), a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade de São Paulo (USP). Esse acompanhamento se dá, na maioria das vezes, por meio de pesquisas esporádicas e advindas de cursos específicos, que objetivam a obtenção de informações a respeito dos egressos, mas também pela elaboração e implementação do "Portal do Egresso" — um *site* feito pelas Instituições de Ensino Superior (IES) em que ex-alunos podem cadastrar seus dados e interagir com a sua universidade (SIMON; PACHECO, 2017). A ideia é que seja aperfeiçoada a qualidade de ensino e praticada a formação continuada, utilizando diversas estratégias, especialmente a coleta de informações.

A criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), através da lei nº 10.861 de 2004, é um marco no que diz respeito à realização de pesquisas sobre egressos (SIMON; PACHECO, 2017). Cabe salientar que o SINAES cumpre papel avaliativo acerca de instituições, cursos e estudantes e está submetido ao Ministério da Educação (MEC). Importa destacar ainda que o SINAES leva à criação de pesquisas sistêmicas, visto que a prática de envolver todos os entes da instituição contribui à construção de dados padronizados e passíveis de comparação entre cursos e instituições (SIMON; PACHECO, 2017).

As pesquisas e projetos de acompanhamento de egressos são essenciais, pois visam diminuir as distâncias entre as IES e a sociedade, de forma que o profissional possa contribuir para a constante tarefa de aperfeiçoamento da educação e do processo humanitário. Também, no diálogo com ex-alunos, pode-se assimilar as exigências e transformações do mercado de trabalho e assim repensar e aprimorar as práticas pedagógicas. Indo além, esses trabalhos são importantes fontes de informação já que "os pesquisadores poderão tirar ensinamentos teóricos das

informações coletadas, contribuindo na identificação das tendências subjacentes e melhorar os instrumentos de investigação” (PAUL, 2015, p. 322).

De outro ângulo, o Programa de Educação Tutorial, criado no ano de 1979, com o nome de Programa Especial de Treinamento, tem a preocupação em efetuar trabalhos relevantes que se vinculem na direção da construção permanente de uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Entendendo essa tarefa, o PET-DT e o NDH compreenderam que observações a respeito das atividades fim das IES são essenciais, assim como traz Andriola (2014, p. 205): “nada é mais relevante do que a investigação das repercussões sociais das atividades de uma IES, através, por exemplo, do acompanhamento sistemático dos seus egressos”. Sendo assim foram consideradas atividades fim das IES o ensino, a pesquisa e a extensão (ANDRIOLA, 2014).

No âmbito da educação, é preciso também observar que, no Brasil, vive-se atualmente o fortalecimento de um discurso anticientífico e antidemocrático. E, não obstante a isso, estamos sendo acometidos, em 2020, pela pandemia de Covid-19. Ao levar em conta o cenário atual, este trabalho também procura apresentar formas do atuar no universo da internet, em tempos de crise.

Metodologia

As etapas desta pesquisa compreenderam: 1) escolha do público-alvo, qual seja, ex-alunas e ex-alunos dos cursos de Bacharelado em História da UFPel; 2) elaboração de questionamentos; 3) formulação do questionário na plataforma *googleforms*; 4) divulgação *online* do questionário; 5) tabulação dos dados e elaboração de gráficos; 6) análise e divulgação dos dados obtidos, para discussão com a comunidade.

Conforme já dito, no formulário *online* foram construídas questões que possibilitaram uma análise quali-quantitativa, através de 25 perguntas. As interrogações se relacionavam tanto a aspectos pessoais (idade, identificação em relação ao gênero e à composição étnico-racial e se foi cotista), quanto a questões relacionadas à situação laboral e à formação posterior (foram perguntados sobre a realização de mestrado

e doutorado). O questionário solicitava, ainda, que o egresso abordasse aspectos que considerava positivos ou negativos no curso e mudanças curriculares que via como necessárias, questionando a possibilidade de o respondente fazer novamente ou não essa graduação.

Os formulários foram divulgados por meio de postagens e compartilhamentos em grupos e perfis do *Facebook*, especialmente, usando redes de professores e professoras, vinculados aos cursos de História da UFPel.

Este estudo baseou-se nas direções indicadas pelo SINAES, relacionadas a outros trabalhos semelhantes. Segundo Simon e Pacheco (2017, p. 98): "o perfil do egresso, a avaliação do ensino, o desejo de dar continuidade aos estudos e, principalmente, a transição do egresso para o mercado de trabalho. Essas são as principais perspectivas preconizadas pelo SINAES".

O estudo também seguiu parâmetros próximos aos apontados pela Organização Mundial para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), tais como traçar o perfil sociodemográfico, a efetividade profissional e realizar avaliação do curso (LIMA; ANDRIOLA, 2018).

Apesar de basear-se nas indicações do SINAES e da OCDE, esta pesquisa optou por construir perguntas que valorizassem a memória dos egressos. Para tanto, foram priorizadas as narrativas ao invés de questões de apenas assinalar, com a intenção de que os respondentes ficassem mais livres para explanar suas experiências. Compreende-se que:

> Dessa forma, há necessidade de diversificação dos estudos avaliativos com alunos e egressos a fim de ampliar a visão sobre a profissão e especificar vicissitudes relativas à formação e atuação em diferentes contextos econômicos (LIMA; ANDRIOLA, 2018, p. 107-108).

Pelo caráter do estudo não foi imposto um período pós conclusão do curso para o acompanhamento, pois o objetivo foi obter dados da maioria dos formados. Dessa forma, as respostas mostram que a turma que mais se engajou com o questionário foi justamente a primeira, do ano de 2008, conforme será explicitado a seguir.

Após a obtenção das respostas efetuou-se a tabulação dos resultados e a análise das questões abertas, as quais possibilitaram que se pensasse nas trajetórias de vida construídas pelos egressos e egressas, a partir de

sua situação atual.

Resultados

Conforme já referido, o estudo conseguiu atingir 39.5% dos egressos do curso de Bacharelado em História da UFPel ao serem abordadas questões fechadas e abertas. Dentro dos diversos dados obtidos pela pesquisa, pôde-se elencar alguns que dão conta de indicativos propostos pelo SINAES e a OCDE no que tange à eficácia institucional e à responsabilidade social da Universidade, bem como à qualidade da formação obtida. Pensando nesses indicativos, os resultados serão apresentados em alguns eixos como perfil sociodemográfico; período em que estava no curso; pós-graduação; continuidade da carreira acadêmica e objetos de estudo; efetividade profissional; propostas de mudanças curriculares e avaliação do curso.

Com relação ao perfil sociodemográfico, no item gênero, 52,6% (n=20) identificam-se como mulher e os 47,4% (n=18) restantes como homem. Observa-se que esse resultado segue padrões absolutamente próximos aos nacionais, os quais indicam que, hoje, as mulheres são a maioria das egressas do ensino superior, ou seja, compõem 52,7% dos graduados[2].

Sobre a composição étnico-racial, 81,6% (n=31) identificaram-se como branca, 10.5% (n=4) como preta e 7,9% (n=3) como parda. Esse dado deve ser problematizado, tendo em vista que o número de pretos e pardos é bastante baixo e contrasta com duas formas de ingresso na UFPel: desde o ano de 2012[3], a universidade possui uma política de cotas que destina 50% de suas vagas a pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas, deficientes, remanescentes do ensino médio em escolas públicas e alunos

2. Conforme dados constantes na página do INEP, para o ano de 2016. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206 Acesso em: 7 jul. 2020.

3. A política de cotas foi instituída por força da lei nº 12.711. Na UFPel, o percentual começou com 40% em 2012, e já no ano seguinte passou a 50%, momento em que começaram a ser instituídas várias modalidades de ações afirmativas.

com renda familiar baixa. Pelo Programa de Acompanhamento da Vida Escolar (PAVE), o ingresso por cotas atinge, atualmente, o percentual de 90%. Dessa forma, o fato de que apenas 18,4% dos formados sejam pretos ou pardos contrasta com a possibilidade mais inclusiva da política de cotas. É fato que muitos daqueles que começam o curso de Bacharelado pedem reopção para a Licenciatura, mas é preciso considerar também que não basta apenas o ingresso, é necessário mais políticas de permanência na Universidade.

No tocante à idade, há respondentes desde 21 até 65 anos, tendo a maioria deles 30 anos (50%) e idade média de 33 anos. Como se trata de um curso vespertino, abriga um número considerável de pessoas que já são formadas em outros cursos; de profissionais autônomos e, ainda, de aposentados — que buscam temáticas abordadas pela História, especialmente a da cidade.

Na questão sobre o local de nascimento dos egressos, foram relatadas 16 cidades. Cerca de 97,4% (n=37) são do estado do Rio Grande do Sul (RS), com um total de 44,7% (n=17) nascidos em Pelotas. Pode-se observar que o curso tem quase que somente alcance estadual, ao menos no que diz respeito aos egressos. Tal fato dialoga com a baixa concorrência nos vestibulares, por certo desprestígio dos cursos de História, em especial dos bacharelados, e da não regulamentação da profissão de historiador[4].

Sobre o local de moradia, os egressos habitam, atualmente, 13 cidades diferentes, sendo que 52,6% (n=20) continuam morando em Pelotas. A maioria, portanto, está no RS (89,4%), mas há um que mora em Santa Catarina (2,6%), um em Minas Gerais (2,6%) e, ainda uma egressa que vive em Christchurch, na Nova Zelândia (2,6%). Percebe-se, assim, que após a formação houve uma pequena mobilidade geográfica.

No tocante ao ano de ingresso, aparecem respondentes com início do curso desde o ano de 2008 até 2017. A maioria, 55,2%, (n=21), ingressou

4. Um projeto de lei do senador Paulo Paim (368/2009), sobre a regulamentação da profissão de historiador, ficou anos no Congresso e finalmente foi votado em 2020, tendo sido vetado pelo Planalto. No dia 12 de agosto de 2020 a Câmara Federal derrubou o veto presidencial. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/senado-derruba-veto-regulamentacao-profissao-historiador/. Acesso em: 16 agosto. 2020.

entre os anos de 2008 e 2012. Chama a atenção, conforme já dito, que o ano de criação do curso foi o de maior adesão de egressos/as à pesquisa. Tal fato pode ser pensado tendo em vista que esta foi a turma em que se teve o maior número de formados e que uma grande parte deles seguiu com uma carreira acadêmica. Hoje, vários dos egressos, com ingresso em 2008, já são mestres e alguns são doutores.

No que diz respeito às cotas, 89,5% (n=34) não foram cotistas. O percentual restante de 10,5% (n=4) abarca diferentes modalidades de ações afirmativas, desde étnico-raciais até aquelas vinculadas a uma baixa renda familiar e à formação em escolas públicas. Embora o curso destine 50% de ingresso a cotistas, estas não estão sendo acessadas em sua integralidade. Vale dizer que muitos alunos que ingressam, no decorrer de suas formações, acabam trocando o foco de seus estudos e mudando de curso, conforme foi observado anteriormente.

Quanto à participação em bolsas de estudo, 73% (n=27) dos egressos responderam que tinham acessado alguma bolsa, variando entre oito projetos diferentes. Dentre elas, as mais constantes são: CNPq (28,9%), UFPel (23,6%), FAPERGS (13,1%), CAPES e PET[5]. Há um senso comum de que o valor de R$ 400,00 mensais concedidos para uma bolsa poderia proporcionar melhor permanência na universidade, mas, tendo em vista a falta de reajustes, não se pôde confirmar essa ideia. De fato, as bolsas são um importante fator para a inserção laboral, como também foi constatado em diversas outras pesquisas de acompanhamento de egressos pelo mundo (PAUL, 2015). As verbas destinadas à concessão de bolsas de estudos, em sua maioria, foram criadas nos anos iniciais do REUNI, período em que recursos financeiros às universidades atingiram valores muito altos. Também é importante frisar que, desde 2015, com a diminuição dos recursos destinados às IES, muitas bolsas têm sido canceladas. De todo modo, a narrativa de um dos respondentes explicita a importância que teve a bolsa para a sua formação e permanência: "*Foi onde tive a base para a profissão e o incentivo para seguir, principalmente a*

5. As siglas referem-se ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS (FAPERGS), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Programa de Educação Tutorial (PET).

partir da oportunidade que tive enquanto bolsista de iniciação científica" (respondente 1)[6].

Sobre a realização de pós-graduação, 15,7% (n=6) estão realizando mestrado, sendo que 5 (13,1%) desses estão com mestrado em andamento na UFPel (todos na História); 44,7% (n=17) já concluíram curso de mestrado em diversas áreas, como História, Educação, Sociologia e Antropologia. Foram 28,9% (n=11) os que cursaram mestrado na UFPel e outros em universidades como a UFRGS, PUCRS, UFMG e UFSM. Já em relação ao doutoramento, 23,6% (n=9) estão realizando o doutorado na área das Humanidades e 3 (7,8%) deles já possuem o doutorado (História na PUCRS, História na UNISINOS e Educação na University of Canterbury, Nova Zelândia). Também aqui não se percebe grande mobilidade geográfica, pois a maioria continuou com a formação no Estado do RS.

Já sobre os objetos de estudos a que atualmente os ex-alunos respondentes se dedicam, seja em pós-graduações ou em estudos particulares, os temas são diversificados: pós-abolição, mídias e História, História Política, História Agrária, Ditadura Militar, Imigração Portuguesa, Mundo dos Trabalhadores, Arqueologia da Escravidão, Gênero, Honra Masculina, dentre outros. Muitos desses temas dialogam com áreas de pesquisa e de interesse dos professores, os quais, atualmente, lecionam nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em História da UFPel, bem como no Programa de Pós-Graduação em História da UFPel.

No que diz respeito à efetividade profissional, tem-se que: 50% (n=19) dos formados estão empregados, mas somente 15,7% (n=6) trabalham na área de formação. É importante destacar que esse número, apesar de diminuto, é semelhante ao resultado da pesquisa de Diagnóstico do curso de Bacharelado em História da UFPR, realizado pelo PET História da UFPR, no qual 22,4% dos egressos se encontram trabalhando em suas áreas de formação[7]. Voltando à apresentação de resultados, 15,7% (n=6) dos egressos/as trabalham como professores, já que muitos deles obtiveram uma dupla formação, ou seja, são também licenciados. Até

6. As narrativas serão utilizadas de forma anônima.

7. A pesquisa, divulgada pelo *Facebook*, foi realizada entre 28 de junho a 31 de agosto de 2019 e contou com 49 respostas. Trata-se de um diagnóstico de 10 anos do curso de História – Memória e Imagem PET História UFPR, 2019.

o ano de 2019, a diferença de disciplinas entre os cursos (Bacharelado e Licenciatura) era de apenas nove cadeiras, o que possibilitava que muitos se formassem e, em um ano, obtivessem uma segunda diplomação. A partir de 2020, com a reformulação curricular, há uma maior diferença entre os currículos dos dois cursos.

As dificuldades para o ingresso no mercado de trabalho foram muitas (76,3% dos respondentes se referiram a elas), conforme as seguintes narrativas:

> *A principal delas é o fato de ser bacharel. O mercado de trabalho não se encontra aberto para esse profissional. Nos arquivos a maioria das vagas é destinada a arquivistas e/ou museólogos. Diante disso, nos resta buscar empregos em outras áreas e/ou retornar à faculdade para fazer Licenciatura (respondente 2).*

Ou, ainda, segundo um outro egresso: "*Alta competitividade, critério de experiência super valorizado. Nos espaços culturais não há clareza do que faz um bacharel em História*" (respondente 3).

Sobre a mesma temática, ou seja, as dificuldades de adentrar o mercado de trabalho, assim se expressa um outro graduado:

> *Na História? Muitas. A falta da Licenciatura impossibilita o acesso a uma gama de concursos. Ademais, o mercado de museus e arquivos não nos recebe de forma decisiva. Isso ocorre também nos setores públicos que poderiam suprir uma demanda por profissionais com experiência nos debates sobre patrimônio cultural e demais debates sobre esta temática (respondente 4).*

Quanto à avaliação do curso, foi pensado em seus aspectos positivos e sugestões de mudança curricular: tem-se que 86,8% (n=33) dos egressos/as apontaram algum aspecto positivo e 71% (n=27) tiveram alguma proposta para melhorar a graduação. Os principais aspectos positivos foram: a compreensão pessoal e de contexto histórico-político (21%), a boa formação dos professores e professoras (15,7%), a participação em projetos de pesquisa, ensino e extensão (13,1%), as metodologias

utilizadas, como a Educação Patrimonial (7,8%) e a História Oral (5,2%) e, particularmente, a qualidade das disciplinas práticas, como a de acervo (31,5%), que pode ser pensada através da seguinte narrativa:

> *As disciplinas práticas que nos colocam dentro dos acervos são certamente a melhor experiência do curso, pois além de nos apresentar a realidade dos arquivos no Brasil (e os desafios de se trabalhar em um), nos possibilita termos um contato direto com fontes que podem acabar sendo pesquisadas no futuro. Além disso, as disciplinas de Educação Patrimonial (em especial a II) são excelentes para que possamos ter um contato maior com as pessoas fora da Universidade e, de certa forma, tentar agregar ao conhecimento dessas sobre como o patrimônio pode e deve ser algo amplo, no qual os indivíduos se sintam representados (respondente 5).*

Uma outra fala reflete sobre a formação mais integral realizada pelo Bacharelado em História: "*O curso me ajudou a ter uma visão mais ampla do mundo e abriu meus olhos para questões e teorias, que eu nunca havia considerado, por conta do meio onde eu cresci*" (respondente 6). Mas há também aspectos negativos a serem considerados para a avaliação do curso e que se relacionam, em quase a sua totalidade, à falta de mercado de trabalho, conforme texto que segue:

> *O principal aspecto é a atuação zero no mercado de trabalho. Concursos e oportunidades de emprego são raridade. Eu só trabalhei como professora, pois era mestre na área e, mesmo assim, demorei muito tempo para conseguir uma oportunidade. Atualmente, eu curso Licenciatura em História, justamente visando preencher uma lacuna no meu currículo (respondente 7).*

Há ainda uma narrativa que relaciona o curso às condições econômicas de quem o faz:

> *Acredito que o Bacharelado sozinho não funciona para quem vem de família humilde. Precisamos sempre de um "trunfo" na hora do aperto, como poder prestar concurso para dar*

aula em escola, antes de ter condições e tempo para fazer uma pós. Uma solução interessante seria mesclar ambos os cursos para dar mais flexibilidade na carreira do recém formado (respondente 8).

Também pôde-se observar algumas respostas que interseccionam diferentes pontos positivos como a compreensão pessoal e a metodologia de História Oral:

As histórias contadas pelos meus avós e bisavó tornam a narrativa oral real e possível de elucidar, através da disciplina História Oral. Como ingressei primeiro no curso de museologia, a arquitetura de Pelotas me fascina pela disciplina Arquitetura de Museus (respondente 9).

Sobre as mudanças curriculares, várias sugestões aparecem: mais cadeiras (44,7%); de teoria e metodologia (23,6%) e de libras (5,2%), discussões sobre raça (5,2%), laboratório de fontes digitais (5,2%). A ideia de unificação dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura foi citada por 10,5% dos egressos. Na seguinte fala de um egresso, é agregada a necessidade de se ter uma formação que aborde também ferramentas digitais:

Uma formação que reunisse novamente Bacharelado e Licenciatura. Cada vez mais o mercado, em nome da lógica financeira, mas que não podemos fazer vistas grossas a essa realidade, tem exigido que um mesmo profissional dê conta de diversas tarefas, nem sempre concernentes a sua área de formação específica. Penso que uma grande, nesse sentido, deveria contemplar a questão da tecnologia com maior ênfase. O historiador que não dominar o mundo digital hoje, as diversas possibilidades e meios de pesquisa, ferramentas digitais, sai da academia defasado. Formar profissionais que, ao mesmo tempo, tenham noção de por onde iniciar uma pesquisa, aprender a dar aula, ter práticas de organizar acervos e desenvolver projetos de educação patrimonial saem, no meu entendimento, melhores preparados para o mercado de trabalho (respondente 10).

Por fim, a última pergunta relacionava-se à possibilidade de voltar no tempo, matéria prima da História. Questionados se fariam novamente o Bacharelado, metade deles respondeu de forma negativa (50%) e, novamente, apareceu o mercado de trabalho e não a qualidade da graduação como determinante para a procura de outra formação. 47,3% (n=18) disseram que fariam o curso novamente, sendo o maior motivo a satisfação pessoal e os professores (34,2%). Contudo, é importante também elencar que 31,5% (n=12) disseram que cursariam a Licenciatura em História. Muitas vezes, esses dois pontos estão colocados juntos como observa-se:

> *O curso de bacharelado foi excepcional. Tive excelentes professores, disciplinas que contribuíram muito para minha formação de pesquisador. Contudo, conforme havia mencionado, acredito que pelas características que o mercado tem exigido de profissionais, bem como pelas possibilidades que tem surgido de concursos, hoje não faria apenas o bacharelado, mas também a licenciatura (respondente 11).*

As narrativas revelam a satisfação da maioria dos egressos com a formação obtida, mas também a pouca efetividade profissional, uma vez que nenhum egresso atua em sua área de formação, somente a partir do curso de Bacharelado em História. Conforme já referido, tem-se um mercado de trabalho extremamente restrito e apenas com uma recente regulamentação da profissão. Esse ponto é nítido pelos egressos, tal como demonstra esse relato: "*O curso oferece disciplinas e aprendizado prático satisfatórios para o mercado de trabalho, porém não existem oportunidades para exercer a função profissional*" (respondente 12).

Considerações Finais

Conforme já abordado, o estudo foi realizado através de um formulário Google, o qual apresentava questões fechadas e abertas. O lançamento do questionário se deu no contexto da pandemia por dois motivos: no primeiro, os bolsistas do PET-DT e do NDH precisaram reinventar formas de atuar, a partir de encontros e atividades remotas e, também, porque se

imaginava que seria possível abarcar um maior número de respondentes, o que mostrou-se efetivo, já que do total de 96 formados, 38 dedicaram um pouco de seu tempo para pensar sobre a graduação realizada, seus problemas e pontos positivos.

No geral, compreende-se que a grande maioria das pessoas que respondeu ao formulário percebe que a formação acadêmica obtida na UFPel foi bastante relevante, não apenas relacionada aos saberes construídos, mas ainda para a aquisição de uma formação cidadã. A maior dificuldade se relacionou ao escasso ou quase inexistente mercado de trabalho, já que ainda não havia a regulamentação da profissão de historiador no momento das respostas, dificultando saber quem deve exercer determinadas funções em espaços como arquivos, bibliotecas, acervos e museus. Com a recente derrubada do veto presidencial à PL n. 369/2009, e aprovação da Lei nº 14.038, de 17 de agosto de 2020, espera-se que a situação mude.

Os dados coletados com a pesquisa servirão para organizar uma reestruturação curricular, conforme já relatado. Dessa forma, uma análise preliminar foi apresentada aos professores e estudantes do Departamento e do Colegiado em História e, atualmente, trabalha-se com quatro possibilidades para o futuro da graduação: um enxugamento na base curricular, fazendo com que o curso atenda, principalmente, pessoas que já têm uma outra graduação e pretendam fazê-la visando novos conhecimentos; o fim do Bacharelado e o oferecimento de nova turma de Licenciatura no período da tarde, já que é mais procurado; uma reestruturação que aproxime novamente o Bacharelado do novo currículo da Licenciatura e, por fim, a manutenção do curso da maneira como está, o que julga-se ser a alternativa menos provável, uma vez que não levaria em conta o que o presente estudo diz, ou seja, o curso é bom, mas não existe mercado de trabalho.

Recuperando os conceitos de inclusão social e equidade trabalhados no início do texto, compreende-se necessário dizer que não só o Bacharelado em História, mas também a UFPel e a Universidade Pública como um todo têm se preocupado com a inclusão social ao destinar cotas em diferentes modalidades, por exemplo. Busca, ainda, formas de permanência por meio de uma série de auxílios que considerem moradia, alimentação, transporte, dentre outros. Já a equidade, sobretudo, dos resultados, tem

se mostrado uma tarefa difícil, pois seria necessário acompanhar mais de perto alunos que possuam maiores dificuldades, especialmente se essas dizem respeito ao campo socioeconômico, o que nem sempre tem se mostrado efetivo.

De todo modo, o texto pretende lançar ideias para novos estudos que dialoguem com a necessidade de se pensar não só em uma grade curricular que abranja diferentes saberes, mas também com a realidade de uma sociedade, cuja desigualdade mostra-se a cada dia mais presente.

Referências

ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Estudo de egressos de cursos de graduação: subsídios para a autoavaliação e o planejamento institucionais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 54, p. 203-220, Dez, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000400013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 5 jul. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. **Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira**. 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria--na-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em: 7 jul. 2020.

Diagnóstico 10 anos do curso de História – Memória e Imagem PET História UFPR. 2019. 33 slides. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1UfJKpOo_yEj7H76dQS-pRfggj1wnxt8I/view>. Acesso em: 5 ago. 2020.

FELICETTI, Vera e MOROSINI, Marília. Equidade e iniquidade no ensino superior: uma reflexão. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 9-24, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362009000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 2 ago. 2020.

LIMA, Leonardo Araújo e ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Acompanhamento de egressos: subsídios para a avaliação de Instituições de Ensino Superior (IES). **Avaliação** (Campinas), Sorocaba, v. 23, n. 1,

p. 104-125, Abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772018000100104&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PAUL, Jean-Jacques. ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS DO ENSINO SUPERIOR: experiência brasileira e internacional. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 309-326, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103=49792015000200309-&script-sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24 jul. 2020.

SAWAIA, Bader. Introdução. *In*: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 7- 13, 2001.

SIMON, Lílian; PACHECO, Andressa. Ações de acompanhamento de egressos: um estudo das universidades públicas do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Ensino Superior.** Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 94-113, 2017. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/REBES/article/view/2023>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Sobre os autores

LEONARDO TAVARES PEREIRA, graduando do curso de Bacharelado em História na UFPel. Bolsista vinculado ao Núcleo de Documentação Histórica da UFPel e ao PET Diversidade e Tolerância.
E-mail: leonardotavarespereira1998@gmail.com

LORENA ALMEIDA GILL, graduada em História na UFPel. Doutora em História na PUCRS. Professora Titular do Instituto de Ciências Humanas da UFPel. Coordenadora do Projeto Núcleo de Documentação Histórica da UFPel e do PET Diversidade e Tolerância.
E mail: lorenaalmeidagill@gmail.com

CURIOSAMENTE E A DIVULGAÇÃO NEUROCIENTÍFICA DURANTE A PANDEMIA COVID-19

Adriana Lourenço da Silva
Ricardo Netto Goulart
Cid Pinheiro Farias
Stefanie Bento Mena
Eduardo Linhares da Silva
Caroline Gheller

Introdução

A neurociência é uma área de conhecimento de natureza interdisciplinar, que incorpora estudos da evolução, do desenvolvimento, da biologia celular e molecular, fisiologia, anatomia, farmacologia do sistema nervoso, além da neurociência computacional, comportamental e cognitiva. Juntas, dão o suporte para a compreensão dos nossos sentimentos, pensamentos, processos de aprendizagens, criatividade,

sensações e habilidades motoras. A partir da década de 90, novas técnicas permitiam aos pesquisadores o desenvolvimento de hipóteses funcionais do cérebro, desenvolvendo uma neurociência mais integrada. A "década do cérebro", como foi denominado os anos 90, estimulou esforços científicos globais para compreender o cérebro humano em termos de saúde e doença. Publicações sobre neurociências nos meios de comunicação são cada vez mais corriqueiras, pois geram interesse na população. Ao mesmo tempo, é perceptível que a desinformação gerada, diversas vezes, pelos meios de comunicação causa um efeito em cascata nocivo para a população (BRAIN, 2003).

Tais elementos motivaram o desenvolvimento do Projeto de Extensão CuriosaMente, uma iniciativa interdisciplinar com a finalidade de divulgar e produzir conteúdo sobre as neurociências. Além disso, essa iniciativa tem como intuito instigar o engajamento discente sobre o pensamento crítico científico e político-social acerca da descentralização do conhecimento acadêmico para além dos muros da universidade. Dessa forma, pensa-se o projeto não só como uma investida pedagógica, mas também como um ato de consciência social.

Ao analisarmos as últimas publicações do jornal Folha de São Paulo, verificamos 62 matérias sobre descobertas neurocientíficas. Não somente a mídia impressa, mas atualmente a mídia digital ganha destaque como grandes disseminadores das descobertas científicas. Nesse sentido, com a ascensão das neurociências ao status de amálgama entre o universo Psicológico e Biológico, é natural que o entusiasmo para esta linha de pesquisa e sua aplicação em diversas áreas tenham gerado subprodutos de credibilidade duvidosa. O aumento da prevalência dos denominados *neuromitos* e o crescimento de atividades baseadas em pseudociência alcançaram hoje um status de credibilidade preocupante, sendo amplamente divulgadas nas grandes mídias (BALL; MAXMEN, 2020). A falta de conhecimento suficiente contribui também com a comunicação deficiente para a população geral, reforçando "mitos" pseudocientíficos que causam importante ônus ao conhecimento sério, que vem sendo desenvolvido, uma vez que concorre e/ou deslegitima a credibilidade da ciência baseada em evidências. Contudo, muitas das informações são as mais acessíveis à população não universitária através das revistas científicas populares e jornais, sendo esses os principais colaboradores

para a compreensão e divulgação das descobertas neurocientíficas (HERCULANO-HOUZEL, 2002).

A complexidade da linguagem acadêmica e as mídias de divulgação dessas produções também possuem responsabilidade sobre a qualidade e extensão da divulgação do conhecimento. O discurso de autoridade científica é, há muito tempo, utilizado para a legitimação de informações, e com a neurociência não foi diferente, infelizmente, o pouco interesse e investimento na divulgação científica geram efeitos adversos (PATIÑO; PADILLA; MASSARINI, 2017). Segundo o levantamento realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), quase 70% dos jovens (15-24 anos) entrevistados declararam ter interesse em ciência e tecnologia. Ademais, o mesmo grupo de entrevistados considerou que a ciência traz "muitos benefícios" para a humanidade, e 82% concordaram com a afirmação de que "a ciência e a tecnologia estão tornando nossas vidas mais confortáveis". Apesar disso, somente 26% disseram buscar informações sobre o tema com frequência; e apenas 12% souberam citar o nome de alguma instituição "que se dedique a fazer pesquisa científica no Brasil" (MASSARANI *et al*., 2019).

Assim sendo, o investimento em práticas pedagógicas utilizando um método que vise à democratização do conhecimento acadêmico por meio de projetos de pesquisa e extensão educacional com o intuito de promover condições para ações e transformações de situações dentro e fora do ambiente acadêmico é de suma importância. Uma forma de realizar tal feito é a divulgação científica por meio das mídias sociais e atividades *in loco*, como escolas e eventos comunitários. Fazer uso de espaços comuns entre comunidade e academia para que haja a aproximação é mais que um ato de combate à pseudociência e valorização do trabalho científico, mas também um ato de ética e retribuição à sociedade por meio do conhecimento. A utilização das mídias sociais tem-se mostrado uma importante ferramenta para tal finalidade. Por meio dessas, torna-se possível adentrar no dia a dia da população e compartilhar informações de maneira ágil e simples (KLIGERMAN *et al*., 2005; DA CUNHA, 2011; DE SOUZA, 2020).

Tais meios de interação, entre comunidade e academia, alcançam um novo patamar frente aos impactos sociais causados pela disseminação

da COVID-19. Com isolamento social, e o aumento do uso da internet, estratégias elaboradas de aproximação com a população, por meio das mídias sociais, como, por exemplo, Instagram, Facebook e Twitter, alcançaram um novo patamar. É importante diversificar os meios de comunicação científica com a população, pois o acesso ao conhecimento varia conforme a faixa etária. Com relação à população mais jovem (15-24 anos) e a busca pelo conhecimento científico fora da escola, verificou-se que acesso via rádios, livros, jornais, ou até mesmo televisão e internet é baixo. O principal meio utilizado para acessar informações relacionadas a ciência e tecnologia reportado pelos jovens é o Google, seguido pelo Youtube, WhatsApp e Facebook (MASSARANI *et al.*, 2019). Os dois últimos são considerados pelos entrevistados como os principais difusores de notícias falsas, declarando, ainda, a dificuldade em conferir a veracidade das notícias de ciência e tecnologia (C&T) publicadas nesse meio (MASSARANI *et al.*, 2019).

Nesse cenário, torna-se pertinente tanto a produção quanto a análise do impacto da divulgação de C&T. A utilização do método de pesquisa-ação crítica contempla tais atividades, permitindo, de forma pragmática, o acompanhamento dos efeitos sociais resultante das práticas de extensão investidas por grupos de pesquisa e extensão. De acordo com Franco (2005), a pesquisa-ação crítica é um método adequado quando;

> [...] transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade e, então, tem se utilizado a conceituação de pesquisa-ação crítica.

Dessa forma, propõe-se uma intervenção que promova tanto transformação do observado quando do observador, intervindo sobre a realidade de ambos em uma relação dialógica crítica. A promoção do conhecimento crítico discriminativo sobre conteúdos neurocientíficas de

forma interativa (universidade/comunidade) tem como intuito transcender a educação formal sobre o tema, mas também desenvolver a análise crítica sobre qualidade das informações pulverizadas nas diversas mídias que contribuem para a formação da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, compreendendo que a educação é parte integrante da concepção de qualidade de vida biopsicossocial e respondendo ao compromisso político-social que a universidade pública tem para com a população, o objetivo deste trabalho é analisar e descrever as atividades de divulgação científica desenvolvidas pelo grupo de extensão CuriosaMente a luz o método pesquisa-ação, com o intuito de transformar os hábitos de consumo de materiais de conteúdo neurocientífico pela a população leiga. Para além, é pretendida a consolidação de uma via de mão dupla entre público e colaboradores, visando à participação ativa da comunidade na produção do material — por meio de sugestões, dúvidas e afins.

Justificativa

A divulgação científica é prevista tanto como dever ético das produções científicas financiadas pelo estado, quanto parte do tripé acadêmico, composto pelo ensino, pesquisa e extensão. A divulgação científica de qualidade tem como objetivos, informar, orientar e desmistificar conteúdos de teor acadêmico para a população leiga (ALBAGLI, 1996). No cenário atual, onde a pandemia de COVID-19 condiciona a sociedade a uma maior exposição às mídias sociais, torna-se de suma importância a produção de conteúdo informativo como forma de promoção, não só de conhecimento das neurociências, mas também como forma de promoção de saúde (ALMEIDA E ALMEIDA, 2012). Com base nisso, a divulgação científica reforça o pensamento crítico da sociedade, o desenvolvimento social, econômico e tecnológico (SAGAN, 1996), fenômenos esses, essenciais para o desempenho da cidadania e manejo do bem estar social.

Metodologia

Com o intuito de aproximar a ciência com o público geral através da divulgação neurocientífica, o CuriosaMente iniciou suas atividades em 2020 com a abertura de um processo seletivo gratuito para estudantes da Universidade Federal de Pelotas, servindo como critério de seleção a disponibilidade de horário para os encontros. Como resultado, constituiu-se uma equipe interdisciplinar de (2) professoras coordenadoras, (1) professora colaboradora, (1) bolsista e (11) alunos voluntários, todos com interesse em comum na difusão do conhecimento científico sobre as diversas abordagens das neurociências.

A proposta do grupo de extensão é a busca por temas que envolvem neurociências e a divulgação do conhecimento neurocientífico, assim como tornar público artigos produzidos baseando-se em evidências, relacionados a assuntos da vida cotidiana, hábitos de saúde e pesquisa. O projeto foi elaborado para ocorrer de forma presencial, todavia, em sua primeira ação, em março de 2020, o evento público e gratuito "Semana do Cérebro" coincidiu com a classificação pela OMS (Organização Mundial da Saúde) da Disseminação do Coronavírus (COVID-19) como Pandemia e as medidas de distanciamento social adotadas em todo o mundo. Desta forma, o projeto foi reestruturado para ocorrer de forma remota, mas mantendo sua característica principal como divulgador científico.

A internet sempre foi um recurso extremamente eficiente para dispersão de informações, potencializando-se ainda mais diante da pandemia de COVID-19, pois devido ao isolamento social, as pessoas têm recorrido cotidianamente de forma demasiada a esse instrumento para comunicação, busca por conhecimento e notícias.

Diante disso, o meio utilizado para aplicação do projeto foram as mídias sociais, em especial, Facebook e Instagram, em que imagens didáticas, mapas conceituais, sínteses de pesquisas e estudos científicos são usados como ferramentas de disseminação da informação. Todos os materiais publicados são baseados em conhecimentos encontrados em livros e artigos científicos relevantes e atualizados. A fim de proporcionar a melhor compreensão possível aos mais variados públicos, utiliza-se de uma linguagem popular, explicando termos científicos quando empregados.

Os conteúdos compartilhados nas redes sociais são selecionados, debatidos e revisados durante as reuniões que ocorrem semanalmente via plataforma de webconferência da UFPel ou Google Meet. Para isso, há a existência de um cronograma onde ficam delimitados os assuntos a serem produzidos, sendo estes advindos da escolha dos colaboradores pela afinidade, sugestões do público, ou a necessidade de trabalhar com algum tópico que está sendo vivenciado no momento — como a COVID-19. Ao fim da produção, o material é exibido para o grupo e revisado pelos professores para só então ser publicado de fato. Assim sendo, nessas reuniões os integrantes desenvolvem seu pensamento científico e crítico através de debates sobre a literatura neurocientífica e a desmistificação de conteúdos midiáticos sobre o tema, assim como por meio de discussões epistemológicas em modelo de revisão narrativa com base nas propostas pedagógicas do projeto.

As primeiras postagens apresentam a história, a equipe e os objetivos do projeto, a fim de contextualizar o público leitor com a proposta. A partir disso, cada semana corresponde a um tema diferente, na qual são produzidas três publicações. Deste modo, cada tema equivale à uma linha horizontal completa, ou seja, o *feed* do Instagram do CuriosaMente possui uma organização estética padrão, possibilitando ao visitante uma visualização ordenada do projeto e dos temas trabalhados, despertando uma sensação de continuidade e instigando o espectador a conhecer a propositura do perfil (Fig. 1).

Figura 1 – *Feed* do CuriosaMente no Instagram.

Fonte: instagram.com/curiosamente.ufpel

A ferramenta *stories* também é utilizada para propor *quizzes* interativos com o tema da semana, assim como dispor de espaços para sanar dúvidas, dessa forma, criando um ambiente aberto para troca de conhecimento entre os membros e seguidores, onde quaisquer questionamentos sobre a temática da semana poderão ser discutidas e respondidas via esses espaços, ou também, via troca de mensagens no privado.

Outra forma interessante de interação via mídias sociais são as *lives*, constituídas de transmissões ao vivo, de entrevistas e de eventos, proporcionando uma relação com o público em tempo real, com *feedback* imediato. Em vista disso, serão organizadas transmissões pelas mídias sociais do CuriosaMente, nas quais, ocorrerá a participação dos integrantes do grupo, assim como de neurocientistas do Brasil e do mundo.

A avaliação do impacto das ações promovidas pelo grupo foram realizadas à luz do método pesquisa-ação, baseando-se, exclusivamente, na interação do público com a conta criada nas redes sociais, sendo usada análise quantitativa, segundo o número de acesso, pessoas que seguem o perfil, curtidas e compartilhamentos, e qualitativa, quanto à participação da comunidade nos comentários das imagens publicadas, as mensagens privadas recebidas e as respostas obtidas pelos quizzes dos conteúdos publicados pelo grupo.

Resultados e discussão

O Projeto de divulgação científica CuriosaMente utiliza as plataformas de rede social online Facebook e Instagram para o compartilhamento de conteúdo e interação com a comunidade. Devido, possivelmente, ao início tardio das atividades dentro do Facebook, os dados relacionados às postagens dentro da plataforma se mostram insuficientes. Dessa forma, aqui, serão avaliados os resultados compartilhados pelo Instagram.

Quanto ao número de seguidores, observou-se que desde a criação do primeiro post até o presente dia foram angariados cerca de 1167 seguidores; sendo este um período de 37 dias. Também foi possível observar dados referentes à atividade e público – em um recorte de 7 dias. Dentro do aplicativo Instagram, há a opção "Painel de Informações", local onde criadores de conteúdo podem analisar o número de pessoas que visualizaram os conteúdos publicados, quais ações são realizadas no momento desse contato e onde esse público encontra material postado.

O sistema divide as informações de atividade em 3 seções, sendo essas, o alcance, impressões e interações. Remetendo, respectivamente, ao número de contas únicas alcançadas, a retenção dessas contas às postagens e, por último, a busca de novas informações acerca dos tópicos por meio do material complementar.

Figura 2 – Alcance e impressões obtidos por meio da plataforma Instagram.

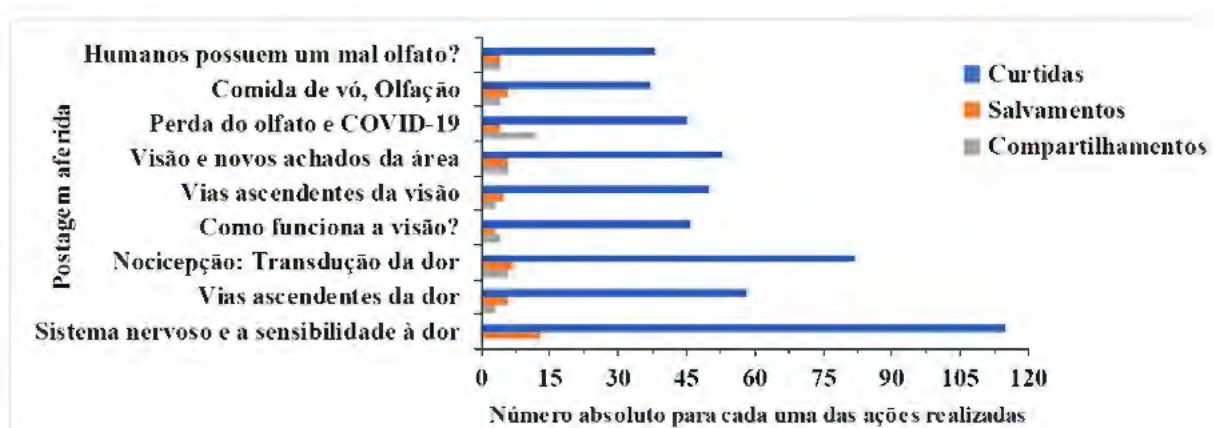
Fonte: Dados destinados para criadores de conteúdo do Instagram.

De acordo com os dados recuperados na plataforma, o alcance no perfil do projeto é de cerca de 669 pessoas, com média 5.59 contatos com o conteúdo postado por pessoa e um número total de 3741 impressões (Fig.2). Referente às interações, isto é, o número total de cliques ao *link* com material complementar, a quantidade de vezes no qual as pessoas entraram em contato com as publicações ou *stories* e, a partir disso, encaminharam-se ao perfil. Isto é, a transposição entre o conteúdo superficial e um material mais denso dos assuntos. Segundo os dados do Instagram, o número de cliques atuais é de 7 vezes e o número de visitas ao perfil por meio do conteúdo é de 142 vezes (Fig. 3).

Figura 3 – Cliques ao material complementar e visitas ao perfil obtidos por meio da plataforma. Instagram.

Fonte: Dados destinados para criadores de conteúdo do Instagram.

O painel de público cede informações sociodemográficas de localização, o gênero e idade dos seguidores do perfil do projeto no Instagram. De acordo com a plataforma, 53% do público observado reside no município de Pelotas, 73% são jovens adultos, com idades entre 18 a 34 anos de idade e 68% se declaram como do gênero feminino. Dados que contam sobre a efetividade e, dessa forma, demonstram também onde deve haver o reforço das táticas aplicadas, ou seja, formas de entendermos e traçarmos planos para chegarmos a um público cada vez mais diversificado.

Figura 4 – Número de curtidas, salvamentos e compartilhamentos para o espectro das últimas 9 postagens.

Fonte: Compilado realizado pelos autores a partir dos dados para criadores de conteúdo disponibilizados pelo Instagram.

É possível também verificarmos a média de *likes* e compartilhamentos das postagens e *stories*. Ao analisarmos o espectro que contempla as últimas 9 postagens, verificamos um número total de 524 curtidas, com uma média de 58.20 a cada postagem. Quanto ao compartilhamento, os seguidores da página enviaram os tópicos para outras pessoas pelo menos 42 vezes. Evidencia-se que o maior engajamento do público (Fig. 4) ocorre em postagens que lidam com situações do dia-a-dia, como a dor, ou ainda quando são exemplificados mecanismos da COVID-19 — a doença que mais traz ansiedade para a população nos dias de hoje (SHANAFELT; RIPP; TROCKEL, 2020).

Com base nos dados obtidos a partir do Instagram foi possível não só inferir um engajamento social e uma possível demanda acerca dos conteúdos neurocientíficos publicados, como também um

desenvolvimento crítico sobre temas e a importância do trabalho empenhado pelo grupo.

Conclusões

Conforme Porto (2009, p. 158),

> A divulgação científica é um meio de democratizar o conhecimento sobre ciência. Trata-se de um meio de levar ao público em geral fatos científicos e os pressupostos que sedimentados na investigação do fato e na produção do conhecimento acerca deste.

Dessa forma, promover a interatividade do mundo virtual possibilita promover um conteúdo mais adaptado com a temática neurocientífica. A internet, bem como as mídias sociais, vem sendo amplamente utilizada pela população como recurso mais adequado para o acesso ao lazer e serviços em meio ao cenário de isolamento social atual. A restrição de comunicação presencial e permanência da população em suas casas aumenta o tempo de uso e exposição ao conteúdo disponível nessas mídias. Tal fenômeno social potencializa o impacto social da informação acessada, seja ela de boa ou má qualidade, dando margem a projetos de diversas naturezas.

Nesse cenário, projetos com finalidades informacionais, jornalísticos, educacionais, interativos/comunicativos e de lazer ganham força e proporcionam a oportunidade de disseminar conteúdos de cunho educativo a fim de promover a popularização da ciência. (PALACIOS, 2003; BRITO, 2015).

Assim sendo, a construção de um instrumento para a disseminação de informações de cunho científico e de fácil acesso se apresenta como uma fundamental estratégia para o cultivo de uma relação próspera entre comunidade e universidade. Entretanto, é necessário que essa divulgação ocorra em todas instâncias, com efetividade para diversos gêneros, localidades e faixa etárias. Dessa forma, ao analisarmos os dados, verificamos que ainda há um considerável caminho para que

consigamos atingir em sua totalidade a parcela da sociedade que nos dispomos inicialmente. Isto é, irmos de encontro ao público que se encontra abaixo do limiar inferior dos 18 anos de idade e acima do limiar superior dos que possuem mais de 34 anos de idade; com a mesma relação entre os gêneros e que atinja a comunidade além de Pelotas.

Ao mesmo tempo, é também de suma importância apontarmos os significativos resultados alcançados neste curto período. A análise se deu principalmente de forma quantitativa, porém é perceptível a mudança e geração de conhecimento por parte da equipe interdisciplinar formada, por meio da produção de diversas publicações com assuntos atuais e relevantes para a neurociência. As construções coletivas das postagens e as trocas de informações entre os acadêmicos, oriundos de diversos cursos, propiciaram um aprofundamento dos conhecimentos adquiridos durante o percurso acadêmico destes discentes que integram do grupo. Desta forma, foi vivenciado na prática a necessidade de erigir coletiva e interdisciplinarmente os conhecimentos das áreas como química, fisiologia e outros que servem de base para neurociência.

Para que a pulverização de informações alcance os diversos públicos, é necessário que sejam trabalhadas diversas táticas e estratégias. Pudemos notar, anteriormente, um baixo percentual de homens sendo alcançados. Portanto, é importante que desenvolvamos mecanismos para que esse e outros segmentos e outros sejam atingidos. Ao mesmo tempo, também é essencial que a atenção para o que já alcançamos seja continuada.

O alcance ao público infanto-juvenil também é esperado, inclusive por meio dos eventos presenciais, em um futuro próximo — o que vem a viabilizar a transposição para aqueles que não estão nas redes sociais. As ações em escolas são de suma relevância para a construção de um cenário onde a ciência é cultivada e, como primeira ação do gênero, está em reestruturação a criação da II Semana do Cérebro. Sendo este um evento que se construiu para ampla divulgação científica popular. Devido à pandemia, a ação foi adiada, porém ainda há a pretensão de realizá-la – principalmente se considerarmos seu impacto para a comunidade.

Ademais, é perceptível que as transmissões ao vivo tanto de entrevistas, quanto de eventos, se tornaram cada vez mais recorrentes. A possibilidade de interação com o público em tempo real, com *feedback*

imediato é um dos grandes benefícios deste formato. Em vista disso, estão em planejamento e organização transmissões pelas mídias sociais do CuriosaMente, nas quais ocorrerá a participação dos integrantes do grupo, assim como de neurocientistas do Brasil e do mundo.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), pela oferta de bolsa de extensão, à Coordenadora Adjunta, Giovana Duzzo Gamaro, por sempre engrandecer o grupo com seu auxílio e aos demais integrantes,Mariangela HeppeLopes, Giulia Batista de Freitas, Ana Paula Chiarelli, Karoline Teixeira Lopes,que realizam um trabalho excepcional todos os dias.

Figura 5 – Equipe CuriosaMente (2020).

Fonte: Os autores.

Referências

ALBAGLI, S. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996.

ALMEIDA E ALMEIDA, M. de. **A promoção da saúde nas mídias sociais** – uma análise do perfil do Ministério da Saúde no twitter. 2012. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

BALL, P.; MAXMEN, A. The epic battle against coronavirus misinformation and conspiracy theories. **Nature**, v. 581, n. 7809, p. 371–374, Sep. 2020.

BRAIN Myths. **Nature Neuroscience**, v. 6, p. 99, 2003.

BRITO, V. B. Divulgação Científica nas Redes Sociais: breve olhar sobre o conteúdo jornalístico da Universidade do Estado do Amazonas no Facebook. *In*: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais[...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

PORTO, C. de M. (Org.). **Difusão e cultura científica**: alguns recortes. Salvador: EDUFBA, 2009.

DA CUNHA, M. I. Indissociabilidade entre ensino e pesquisa: a qualidade da graduação em tempos de democratização. **Perspectiva**, v. 29, n. 2, p. 443-462, 2011.

DE SOUZA, M. J. M. LITERATURA JOVEM ADULTO,PROJETO DE EXTENSÃO E A DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: A LEITURA COMO UM DIREITO CIDADÃO. **Pensares em Revista**, n. 17, 2020.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483–502, 2005.

HERCULANO-HOUZEL, S. Do You Know Your Brain? A Survey on Public Neuroscience Literacy at the Closing of the Decade of the Brain. **The Neuroscientist**, v. 8, n. 2, p. 98–110, 2002.

KLIGERMAN, D. C. *et al*. The Open University Program experience and its contributions to social transformation. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 195-205, 2005.

MASSARANI, L. *et al*. O QUE OS JOVENS BRASILEIROS PENSAM DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA? **INCT-CPCT**, 2019.

PALACIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, p. 14-33, 2003.

PATIÑO, M.; PADILLA, J.; MASSARANI, L. **Diagnóstico de la divulgación de la ciencia en America Latina:** Una mirada a la práctica en el campo. León: Fibonacci – Innovación y Cultura Científica, A. C., RedPOP, 2017.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. Editora Companhia das Letras, p. 442, 2006.

SHANAFELT, T.; RIPP, J.; TROCKEL, M. Understanding and Addressing Sources of Anxiety Among Health Care Professionals During the COVID-19 Pandemic. **JAMA**, v. 323, n. 21, p. 2133, 2020.

Glossário

AMÁLGAMA – Fusão de propriedades diferentes em um todo.

DESMISTIFICAÇÃO – Destituir o caráter místico ou misterioso de algo.

FEEDBACK – Representa a junção de feed (alimentar) e back (volta), ou seja, a reação a um estímulo.

FEED – Elemento que reúne todas as publicações do perfil e serve como um resumo do conteúdo que é produzido.

IN LOCO – No próprio local.

LIKE – É um ícone que permite aos visitantes demonstrar sua satisfação com o que está sendo compartilhado.

LINK – É o endereço digital representado através de um texto sublinhado em azul, que tem objetivo de direcionar para uma página ou recurso.

LIVE – Função de redes sociais onde o autor pode transmitir vídeos ao vivo.

NEUROCIÊNCIAS/NEUROCIENTÍFICA – Ciência que estuda o sistema nervoso.

NEUROMITOS – Termo aplicado para todo conhecimento que não reconhece as etapas científicas na análise gerando ideias falsas.

ÔNUS – Aquilo que aplica cargo, peso, dever.

PESQUISA-AÇÃO – É um modo de investigação que usa técnicas de pesquisa diferente para informar a ação que mudará a prática.

POSTAGEM – Qualquer mensagem, texto, imagem etc., publicada na internet.

PSEUDOCIÊNCIA – Um conjunto de ideias e afirmações que parecem científicas, mas surgem de um princípio sem pesquisa.

QUIZZES – Teste ou agrupamento de questões com objetivo de testar os conhecimentos acerca de um assunto.

STORIES – Publicação temporária que podem ser visualizadas apenas por um período de 24h.

ADRIANA LOURENÇO DA SILVA, graduada em Ciências Biológicas-Licenciatura na UFRGS. Doutor em Ciências Biológicas-Bioquímica na UFRGS. Professor Associado do Instituto de Biologia da UFPel. Coordenador do Projeto CuriosaMente.
E-mail: adrilourenco@gmail.com

RICARDO NETTO GOULART, graduando em Medicina na UFPel. Atua como bolsista e organizador no projeto CuriosaMente desde junho de 2020.
E-mail: ricardonettogoulart@gmail.com

CID PINHEIRO FARIAS, graduado em Psicologia na UFPel. Mestre em Ciências da Saúde na FURG. Atua como voluntário no projeto CuriosaMente desde junho de 2020.
E-mail: cidpinheirofarias@gmail.com

STEFANIE BENTO MENA, graduanda em Ciências Biológicas na UFPel. Atua como voluntária no projeto CuriosaMente desde junho de 2020.
E-mail: stefaniebentomena@hotmail.com

EDUARDO LINHARES DA SILVA, graduando em Ciências Biológicas na UFPel. Atua como voluntário no projeto CuriosaMente desde junho de 2020.
E-mail: dud.linhares1@gmail.com

CAROLINE GHELLER, graduanda em Ciências Biológicas na UFPel. Atua como voluntária no projeto CuriosaMente desde julho de 2020.
E-mail: carolinedbgheller@gmail.com

O ALUNO COMO PROTAGONISTA DE SEU APRENDIZADO: CONGRESSO ACADÊMICO, UMA NOVA PROPOSTA

Thales Moura de Assis

Alice Voese Damé

Bianca Brasil Almeida Fernandes

Mariana López González

Ellen Cristina Dupsk

Celene Maria Longo da Silva

Introdução

O ano de 2020 está marcado na história de muitas pessoas, porque depois do surgimento do primeiro caso da COVID-19, na China, em 2019 (OLIVEIRA; MORAIS, 2020) a população mundial precisou alterar hábitos sociais e estilo de vida. A doença causada pelo novo coronavírus, também conhecida como COVID ou COVID-19, é uma doença que afeta, predominantemente, o sistema respiratório e com maior risco de morte em idosos

e/ou pacientes com doenças crônicas como hipertensão (WANG *et al.*, 2020). Dada a gravidade da doença e ao surgimento de casos em grande número de países, a Organização Mundial da Saúde (OMS) a definiu como uma pandemia (SANTOS; RIBEIRO; CERQUEIRA, 2020), causando interferência na rotina populacional em nível mundial. O Brasil teve a primeira confirmação de coronavírus no dia 26/02/2020 e o Ministério da Saúde decretou quarentena no país apenas 16 dias após o primeiro caso, quando nesse momento já contávamos com mais de 100 detectados (MACEDO; ORNELLAS; BOMFIM, 2020). Concomitantemente, houve uma série de ações que visavam estagnar a disseminação e achatar a curva da doença, como o isolamento e o distanciamento social, a quarentena e o *lockdown*, medidas tomadas para que o Sistema Único de Saúde (SUS) não entrasse em colapso (ZIMMERMANN *et al.*, 2020). Hoje, cerca de quatro meses após o primeiro infectado, o Brasil conta com quase dois milhões de casos (1.864.681 positivados), no momento da elaboração desta escrita, e com letalidade de 3,9% para essa doença (BRASIL, 2020).

Essa situação modificou o funcionamento do dia a dia das pessoas, seja nas formas de comunicação, seja de vivência, seja de aprendizado. Ocorreu uma mudança drástica, sem aviso-prévio, sem tempo para preparar-se para essa transformação radical, dada a velocidade que essa doença atingiu o mundo.

Em decorrência dessa situação, alguns serviços foram classificados como essenciais e outros não essenciais. Em relação aos serviços da saúde, considerados essenciais, certos procedimentos e consultas eletivas foram protelados (XIYA *et al.*, 2020), mas há casos em que o atendimento precisa acontecer, como as gestantes que entram em trabalho de parto, sendo esse o público-alvo do projeto de extensão "Internato Extracurricular na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas", que já está em atividade há muitos anos, mas efetivou-se como um projeto de extensão no decorrer do ano de 2019. Essa modalidade de internato conta com alunos do Curso de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). A participação dos estudantes na assistência tem grande aceitação por parte das gestantes e da equipe técnica do hospital (médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem). Na perspectiva de uma equipe multidisciplinar, como há nos hospitais, os alunos observam e aprendem a lidar com a

interdisciplinaridade dentro do ambiente hospitalar, pois cada área atuando em sua especificidade, juntas, somam para que o resultado desse trabalho seja integrativo e positivo, tanto para a unidade quanto para a sociedade (PEDUZZI, 2016).

A seleção para ingresso no internato costuma ter grande procura, porque os alunos vivenciam na prática a rotina de uma maternidade que atende o SUS. O objetivo desse estágio é capacitar alunos para que eles possam tornar-se médicos aptos a atuarem em área básica, como a materno-infantil. A maternidade do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Pelotas é considerada uma maternidade de baixo risco, que possibilita formar graduandos do Curso de Medicina nos cuidados da gestante em trabalho de parto, parto e puerpério. Essa formação é - muito importante, tendo em vista que conhecer os sinais de trabalho de parto (a termo e prematuro) será de relevância na formação do médico generalista. Mesmo se os futuros profissionais não escolherem trabalhar na especialidade, em algum momento de suas vidas, poderão ser questionados sobre os sinais de trabalho de parto ou mesmo ser solicitados ao atendimento de parto em uma emergência. Nesse serviço, são atendidas pacientes de Pelotas e de outras cidades referenciadas ao local.

O Internado na Maternidade foi elaborado com base na estrutura dos projetos de extensão que estão alicerçados em quatro diretrizes que ancoram o conceito da extensão no ensino superior brasileiro, resguardado na Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018 do Conselho Nacional de Educação (CNE) e são elas (BRASIL, 2018; UFPEL, 2019):

> I – a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;
>
> II – a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;
>
> III – a produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da

construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais,

IV – a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processos pedagógicos únicos, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico.

Desse modo, o internato e os seus objetivos cumprem com o papel de dar retorno à sociedade daquilo que é produzido nas universidades, transmitindo o conhecimento à comunidade de várias formas (LEEDER, 2007), podendo ser, por exemplo, por meio de cursos, de consultorias ou de prestação de serviços (UFPEL, 2019) que é a ação principal do nosso projeto de extensão. As instituições de nível superior têm por meta a formação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão, o que propicia a promoção de mudanças significativas na comunidade externa (CASTRO, 2004), respaldada na formação do estudante que deve ser formado ciente das necessidades da sociedade em que vive. Com isso, a ação que é desenvolvida com os discentes os torna mais próximos de um dos mais importantes eventos na vida de cada mulher, como nascimento de um filho. O acolhimento prestado às gestantes pelos estudantes, através do "Internato Extracurricular na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas", faz uma mescla do ambiente acadêmico com a prática social do atendimento propiciado nas maternidades. Também, oferece uma visão mais humanizada e responsável por parte de toda a equipe, pois a elaboração social, no conceito da Extensão, perpassa também ao professor (RODRIGUES *et al.*, 2013), esse que é um importante modelo para o aprendizado recebido e aplicado pelos alunos à comunidade, ratificando a importância do projeto vigente do internato na missão de preparar novos profissionais na área da saúde e que esses possam ser mediadores, transformando a realidade socialmente desigual e com muitas dificuldades no acesso à saúde em nosso país.

As universidades têm papel relevante na formação do aluno, pois é nela que o estudante vai crescendo em sua formação, adquirindo experiências e vivências para que, ao término de sua graduação, possa exercer sua profissão com formação técnica de qualidade (BURON, 2016) na área em que irá atuar. Para que isso aconteça, ele necessita do respaldo

científico para sua formação, mas também estar sensível às questões sociais atreladas ao processo de aprendizagem (VANIN, 2005), porque um médico, por exemplo, não deveria prescrever um fármaco que custe um terço da renda familiar do paciente. Essas são situações que endossam a importância do contato do acadêmico com a comunidade para que o futuro profissional construa, além das técnicas científicas, consciência social — um papel muito importante desempenhado pelos projetos de extensão (MENEZES; SÍVERES, 2013). A relevância das instituições de ensino superior como unidade modificadora da realidade social de muitos brasileiros, através dos discentes e docentes, tornou-se tão importante que, empossada da Resolução Nº 7 do CNE, em 18 de dezembro de 2018, a UFPel tornou obrigatório a existência da Extensão Universitária em todos os cursos ofertados, a partir da Resolução de Nº 42 do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão (COCEPE).

A universidade pode estar vinculada com a comunidade externa de três maneiras: programas, projetos ou ações com ênfase em extensão (MARTINS, 2012). As atividades extensionistas, oriundas de uma das três modalidades citadas, têm muitas formas de apresentar-se, como: cursos, propriamente dita de extensão; publicações e outros produtos acadêmicos; prestação de serviços e eventos; este, podendo acontecer como congresso, seminário, conferência, ciclo de debates, entre outros (UFPEL, 2019).

Em novembro de 2019, quando não imaginávamos que o mundo pararia em decorrência de uma pandemia, os alunos do “Internato Extracurricular na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas” **(projeto de extensão)** e da “Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia (LAGO) da UFPel” **(projeto de ensino)**, ambos coordenados por uma professora universitária (UFPEL) e com coordenação / suporte logístico *in loco* por uma médica plantonista da maternidade da Santa Casa, reuniram-se para acordarem sobre questões técnicas, uma vez que ambos os projetos são interligados. Os internos da Maternidade têm aulas quinzenais organizadas pela LAGO, ao passo que alguns ligantes fazem estágio na Santa, como também é conhecida a maternidade. No decorrer da reunião, surgiu a ideia de organizar uma jornada de ginecologia e obstetrícia, com foco na saúde da mulher, o qual foi esboçado para ocorrer no início de março, época em que seria o retorno do recesso acadêmico.

Diante das modificações do nosso cotidiano impostas pela pandemia do novo coronavírus, começaram a surgir inúmeros eventos on-line, inclusive congressos, que antes aconteciam em modalidade presencial, dando espaço para uma nova modalidade de aprendizagem e de ensino (MONTEIRO, 2020). Logo, levando em conta essa nova realidade, surgiu a ideia de realizar um congresso on-line de GO. As reuniões de planejamento aconteceram de forma virtual entre os alunos coordenadores do projeto (Fig. 1), com o intuito de discutir sobre as possibilidades e as viabilidades de transformar o que seria uma jornada presencial em um evento totalmente on-line. Embora os desafios fossem imensos, a concepção foi acatada com muito entusiasmo e, posteriormente, houve outra reunião, junto da coordenadora dos projetos, para que fossem expostos os propósitos dos alunos sobre o plano pretendido. Prontamente, a professora encarregada acolheu a proposta com bastante empolgação, comprometimento e entrega, do mesmo modo com que faz com suas atividades acadêmicas, muito consciente do seu papel técnico e social como formadora de profissionais, além da essencialidade da troca entre a academia e comunidade.

Figura 1 – Reunião com alguns dos membros da equipe de organização do congresso.

Fonte: Equipe da organização.

Uma vez definidos os objetivos gerais, foram convidados mais cinco alunos para ajudar na construção e na realização do evento. Diversas reuniões on-line foram necessárias para detalhar a metodologia de organização do evento e o seu público-alvo. Ficou então definido que o enfoque seria levar conhecimento não só para a comunidade acadêmica,

mas também para a população que tivesse interesse na área da saúde da mulher com uma visão global, pois essa é a base dos assuntos que foram abordados nas palestras, passando pela parte médica, equipe multiprofissional de atenção à mulher, aspectos sociais de assistência, dentro outros temas. Assim, portanto, surgiu o "I Congresso Online da LAGO-UFPel" que ocorreu nos dias 22 e 23 de agosto de 2020, tendo como público-alvo principal os alunos do ensino superior e público secundário, os egressos e profissionais da área da saúde, comunidade em geral e mulheres.

Figura 2 – Arte para a divulgação do congresso.

Fonte: Equipe da organização.

Diversas reuniões virtuais com a equipe organizadora foram feitas para que sugestões, dúvidas e decisões fossem tomadas, a fim de tornar o evento palpável. Após dar conta dessas diligências, os alunos decidiram pontos cruciais, mesmo que todos os colaboradores fossem inexperientes em fazer acontecer um evento de porte nacional, o empenho foi tal qual o almejo dos resultados. As tarefas de cada aluno, ou em dupla, foram divididas em: escolher uma plataforma on-line para hospedar o evento, avaliando tudo que fosse pertinente a ela; montar o site do evento após a escolha, bem como administrar a página do evento; buscar apoio das sociedades médicas (SOGIRGS, AMRIGS) e de outros alunos, de diferentes instituições, para a divulgação do evento; lançar uma chamada pública para receber patrocínio (sorteio de livros ou brindes on-line, por exemplo); atuar como "designs" para fazer a arte do material de divulgação (Fig. 2); elaborar as artes com nomes e formação dos palestrantes; estratégias

para a divulgação; convidar, solicitar dados e fazer um intermédio com os palestrantes; administração das redes sociais do evento; administração e manutenção de atas e planilhas do que estava sendo feito.

Foi acordado que o congresso tivesse palestrantes dispostos a transmitir seus conhecimentos de forma agregadora para os ouvintes, sejam eles profissionais da área de saúde, acadêmicos ou oriundos da comunidade externa, a fim de que pudessem aproveitar ao máximo os assuntos propostos de forma a consolidar o bem-estar e os cuidados na área de ginecologia e da obstetrícia voltados para a saúde da mulher. Haja visto que, como não teríamos somente o público da área da medicina, era fundamental que os conhecimentos transmitidos pelos palestrantes fossem claro, objetivo e de linguagem e entendimento acessíveis.

Portanto, essa foi a maneira que os alunos do projeto de extensão encontraram para que pudessem sentir-se úteis para a comunidade e atuassem, mesmo que indiretamente, a fim de contribuir para que a sociedade os identificassem como alunos de uma instituição de ensino superior, comprometidos com a transformação do modo de vida em tempos de COVID-19.

Justificativa

O “I Congresso On-line da LAGO-UFPel” foi pensado para acontecer da maneira alternativa, uma vez que a forma tradicional (presencial) não será possível no momento em que vivemos sob a pandemia da COVID-19.

Avaliações sobre o novo coronavírus, datadas em abril, mostram que, no mundo, em termos aproximados, foram infectados cerca de 1,6 milhões de pessoas; mais de 100 mil, infelizmente, morreram, mesmo quem em alguns locais cerca de 90% das pessoas tenham feito (e ainda estejam fazendo) isolamento social (FERNANDES, 2020). Levando isso em conta, muitos estados brasileiros começaram a emitir diretrizes com o objetivo de que fossem cancelados eventos com um número elevado de pessoas. Por exemplo, o Decreto 64.862 de 13 de março de 2020 do estado de São Paulo, proibiu aglomerações superiores a 500 pessoas para a prevenção do contágio pelo novo COVID-19 (BRASIL, 2020). Foram suspensas atividades na educação em todo país, na UFPel, desde a

graduação até a pós-graduação, as atividades presenciais foram interrompidas, através da Portaria nº 585 de 13 de março de 2020, segundo a UFPel (2020).

Tendo em vista a temática do evento organizado, cabe destacar que a saúde das mulheres tem sido alvo de estudo mais minucioso, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. Nota-se uma transformação no perfil de morbidade da mulher a partir das mudanças do acesso ao mercado de trabalho, da redução da natalidade com o surgimento das pílulas anticoncepcionais e da inversão da pirâmide etária do brasileiro, o que deixa evidente a essencialidade de fundamentos científicos para o atendimento da mulher (AMARAL; DE AZEVEDO; ABBADE, 2007).

Dada a importância necessária ao papel das organizações estudantis na formação do aluno — fundamentada na indissociabilidade da pesquisa, ensino e extensão — é relevante destacar que as ligas acadêmicas são importantes organizações e propiciam meios para a divulgação do conhecimento em diferentes temas e áreas da medicina (OKAJIMA *et al*., 2019). A experiência em organização das atividades da Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia (LAGO-UFPel) foi instrumento importante para tornar possível a realização desse projeto.

Sampaio, Limongi e Torres (2000) mostram que a forma de ingresso no ensino superior, no Brasil, é seletiva e restritiva, já que as maiores chances do aluno do ensino médio de ingressar na universidade aumenta diretamente em proporção à renda familiar e à escolaridade dos pais. Assim sendo, muitos estudantes não têm condições econômicas de participar de um congresso nacional ou de grande porte que aconteça de forma presencial, porque ele terá de abarcar gastos com a inscrição, passagens (rodoviárias ou aéreas), despesa com deslocamento, hospedagem e alimentação. Somando todas essas despesas, o custo poderia exceder muito o valor recebido do auxílio moradia dos beneficiários, por exemplo, o qual é oferecido pelas universidades públicas, amparadas pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) (BRASIL, 2010) ou mesmo implicar em mais custos para as famílias desses estudantes. Diversos autores ressaltam a importância desses eventos científicos na formação e na consolidação dos conhecimentos do graduando, bem como no desenvolvimento da ciência (CAMPELO; CENDÓN; KREMER, 2000).

Portanto, o evento on-line pretendeu levar conhecimento para a comunidade acadêmica e população geral que tenha interesse na área da saúde da mulher com custo reduzido, oportunizando, assim, que um maior número de pessoas interessadas tenha acesso que antes, provavelmente, seria muito difícil.

Metodologia

O "I Congresso On-line da LAGO-UFPel" foi um evento com ênfase em extensão, assim como o projeto no qual foi cadastrado: "Internato Extracurricular na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas". A equipe organizadora foi composta por nove participantes (6 alunos da UFPel, 2 alunas da UCPel e a coordenadora dos projetos) que se reuniram por diversas vezes de forma on-line, na plataforma Zoom. Também foi criado um grupo no WhatsApp para que ocorresse interação entre os organizadores, de forma mais recorrente. Na primeira reunião, foram discutidos os detalhes que seriam trabalhados na organização, como: escolha da data e plataforma para hospedar (o evento) e outra para gravar as aulas; quanto à programação, definição dos palestrantes; valores do congresso; divulgação e escolha das artes; divisão das responsabilidades que cada membro da equipe teria e, por fim, questões sobre certificados de ouvintes e de palestrantes. Todos esses pontos foram sendo discutidos de forma virtual e, a cada reunião, o congresso tomava mais forma. Tão logo, foi decidido sobre os módulos que ficaram dispostos em:

- Módulo 1: Obstetrícia
- Módulo 2: Equipe Multiprofissional de Atenção à Mulher
- Módulo 3: Aspectos Sociais de Assistência à Mulher
- Módulo 4: Ginecologia
- Módulo 5: Subespecialidades em Ginecologia
- Módulo 6: Cirurgia Ginecológica
- Módulo 7: Caminhos Profissionais para o Ginecologista e Obstetra
- Módulo 8: Interface da Ginecologia com as demais Áreas Médicas.

As palestras apresentadas no dia 22, pelos respectivos profissionais, foram:

- Diabetes mellitus gestacional – Dra. Letícia Weinert
- Parto Humanizado – Dra. Fernanda Laranjeira
- Cirurgias obstétricas: uma visão além da cesariana – Dra. Scilla Lazzarotto
- Profissão e atuação da obstetriz – Dra. Roselane Feliciano
- Cuidados da enfermagem obstétrica no pré-natal, parto e puerpério – Dra. Suzana Cecagno
- Benefícios da fisioterapia do assoalho pélvico – Dra. Nathalia Ferreira
- Orientação e aspectos sociais do pré-natal e parto – Dra. Priscila Argoud
- Experiência do serviço de violência sexual e aborto legal do Hospital Pérola Byngton (SP) – Dr. Jefferson Drezett
- Atuação médica em tempos de judicialização da saúde – Dr. Fernando Machado
- Experiência no uso de LARC à nível SUS – Dr. Thiago Guazzeli
- Laserterapia na disfunção urogenital e estética vaginal – Dra. Fabiane Ongaratto
- Patologia benigna de mama – Dr. Thiago Gonzalez
- Atualização sobre climatério e menopausa – Dra. Luiza Schvartzman

As palestras apresentadas no dia 23 foram:

- Principais patologias em ginecologia infanto-puberal – Dra. Adriane Manta
- Área de atuação em medicina fetal: o que saber? – Dra. Tatiane Fogaça
- Cirurgia ginecológica oncológica por via vaginal – Dra. Rosilene Reis
- Videolaparoscopia em ginecologia – Dr. Roberto Zambonato
- Cirurgia robótica em ginecologia – Dr. Leonardo Bezerra

- Complicações em pacientes após cirurgias ginecológicas – Dra. Celene Longo da Silva
- Como é ser pesquisadora na área materno-infantil no Brasil? – Dra. Carla Vitola
- Atuação do ginecologista e obstetra após a residência médica – Dra. Ranniere Rolim
- Avaliação clínica e conduta inicial de tumores ginecológicos – Dra. Cristiane Petrarca
- Alteração dermatológicas na gestação – Dra. Fernanda Lauermann
- Mastologia: formação, atuação e aspectos gerais da subespecialidade - André Mattar
- Estratégia de prevenção da infertilidade– Walter Borges
- Mamografia para a ginecologia e obstetrícia – Laura Gomes

A plataforma escolhida possibilita ao organizador do congresso ter uma visão de todos os recursos sobre o evento em um local só, como: todas as informações referentes ao congresso na página do evento, inscrição e pagamento pelo site, disponibilização do link de transmissão das palestras através da plataforma e por e-mail, emissão de certificados, receber-avaliar-aprovar submissões de trabalhos, credenciamento automático ao acessar as palestras, integração da plataforma com o Zoom, Youtube, Google Meet, entre outros.

As palestras foram gravadas previamente para que a experiência dos participantes fosse a melhor possível, pois dessa forma evitaria prejuízos aos inscritos causadas por instabilidades de conexão com a internet, bem como por quaisquer outros obstáculos que pudessem surgir com os eventos on-line como atraso na programação, o que poderia dispersar os alunos. Para isso, os palestrantes tiveram o auxílio dos organizadores, estando eles divididos numa escala para que todos pudessem colaborar nessa parte.

Foi disponibilizado um chat ao vivo para que os ouvintes apontassem dúvidas sobre o tema para que, posteriormente, os palestrantes respondessem, seja em seus perfis públicos, seja através do chat locado no evento. Um aluno da equipe ficou, de forma síncrona, para relatar

qualquer intercorrência durante as palestras, além de anotar os apontamentos feitos para que eles pudessem ser reportados aos palestrantes e, em seguida, respondidos.

Os vídeos das palestras estiveram disponíveis por até um mês após o evento para que o participante pudesse assistir caso perdessem alguma aula. Os eventos científicos feitos nessa modalidade estão adotando esse método para tornar mais acessível a presença dos alunos.

Em relação à certificação, os ouvintes tiveram direito a um certificado de 40 horas emitidos após o evento, acompanhado de um validador conferindo maior veracidade ao documento.

O valor dos ingressos foi um ponto muito importante e discutido em reunião, pois primava-se pela acessibilidade dos estudantes, portanto, ficou decidido que haveria três possibilidades de pagamento, sendo:

- Estudantes – RS 10,00
- Profissional da Saúde e Público Geral – R$ 20,00
- Inscrito solidário – R$ 50,00

O inscrito solidário teve os mesmos direitos de acesso às atividades que os outros e é para quem tivesse interesse em colaborar com um valor mais alto, para doar materiais e equipamentos para as duas maternidades que atendem o serviço público de Pelotas.

Figura 3 – Divulgação dos valores do ingresso.

Fonte: Equipe da organização.

As artes do evento foram produzidas por dois alunos que ficaram empenhados em confeccioná-las; encarregaram-se em elaborar os materiais de divulgação dos palestrantes, dos módulos, das instruções e lembretes sobre o congresso e das divulgações. A confecção, bem como a divulgação, das artes aconteceu com estratégias pensadas pelos organizadores e discutidas em reuniões, bem como no grupo do WhatsApp. A primeira divulgação foi lançada poucos dias após a ideia inicial para que o público soubesse da existência e da data do congresso, isso foi viabilizado por meio do WhatsApp, Facebook e Instagram. Alguns dias depois, foram disseminadas duas artes contendo a maioria das informações sobre o congresso como o link das inscrições, finalidades do congresso, valores, datas e contatos (Fig. 4). A partir do dia 15/07/2020 começou a ser postado, nas páginas já citadas, a arte dos palestrantes contendo nome, currículo do convidado e título da palestra.

Figura 4 – Divulgação do link de inscrições e informações do evento.

Fonte: Equipe da organização.

Resultados obtidos e/ou esperados

O "I Congresso On-line da LAGO-UFPel" aconteceu nos dias 22 e 23 de agosto de 2020. Foram 1311 participantes, desses, 1020 com inscrições confirmadas, 291 com inscrições não confirmadas, 14 convidados (palestrantes) e 1 organizador. Dessas 1020 inscrições confirmadas, tivemos 868 estudantes, 136 profissionais da saúde e público geral e 16 inscritos solidários. Assim como os profissionais, os estudantes englobavam os cursos da Medicina, da Enfermagem, da Fisioterapia e da Obstetrícia.

Há um projeto de pesquisa, ainda em andamento, cujo objetivo está em compreender a acessibilidade dos alunos a eventos on-line. A expectativa é que com essas informações adicionais poderemos conhecer melhor a possibilidade de acesso e aproveitamento de eventos on-line, tendo por base a opinião dos participantes deste evento.

Acreditamos que o “I Congresso On-line da LAGO-UFPel” tenha conseguido ampliar o conhecimento da comunidade interna e externa à Universidade sobre a saúde da mulher, em uma abordagem multiprofissional.

Uma possível explicação para a grande procura foi o fato de que no ingresso foi cobrado um valor simbólico, ofertando uma maior acessibilidade a todas as pessoas interessadas, sobretudo, para acadêmicos, haja visto que esse modelo de eventos científicos e os valores mais acessíveis proporcionaram maior facilidade à participação de alunos da graduação.

Além disso, uma das metas sociais é converter os valores arrecadados com a taxa de inscrição em materiais e/ou equipamentos, os quais serão doados para as maternidades públicas de Pelotas — das instituições colaboradoras na formação de acadêmicos da área da saúde do Hospital Escola da UFPel (HE UFPel/EBSERH) e do Hospital São Francisco de Paula da UCPel (HUSFP).

Discussão

O público-alvo principal do evento foram os acadêmicos, para os quais acredita-se que se bem informados, com uma visão mais humanizada de sua especialidade têm potencial para ser a diferença no futuro. As diversas profissões que atuam no mesmo tipo de cuidado precisam estar em sincronia e em comum acordo quanto aos cuidados prestados para que os pacientes sejam beneficiados. No entanto, para isso acontecer, é importante uma formação adequada com conhecimentos interdisciplinares e multiprofissionais. Segundo Diniz *et al*. (2016), como profissionais da saúde, por estarmos em posição de auxílio ao paciente durante seu atendimento, ficamos perplexos ao perceber que o que acreditávamos servir de ajuda pode ser considerado abuso ou desrespeito no trato para com o paciente, no caso de nossa especialidade, para com a mulher.

A partir da tomada de consciência dessa realidade, a inserção das palestras “Parto humanizado”, ministrada por uma médica ginecologista-obstetra; “Profissão e atuação da obstetriz”, ministrada por uma profissional obstetriz e “Cuidados da enfermagem obstétrica no pré-natal, parto e puerpério” por uma enfermeira, tiveram o objetivo de abordar

a assistência ao pré-natal, parto e puerpério do ponto de vista de várias profissões e mostrou-se como uma maneira de sanar dúvidas quanto às funções atribuídas a cada uma delas e como contribuem no cuidado à paciente. Em complemento a esse assunto, durante a programação do evento, também abordamos o tema "Orientações e aspectos sociais do pré-natal e parto" em que foi enfatizada a importância de informar a paciente e seus familiares desde a primeira consulta de pré-natal para que, ao longo da gestação, o maior número possível de dúvidas fossem sanadas e que, assim, a paciente chegasse no momento do parto mais informada e consciente. Além de enfatizar a importância de uma rede de apoio para a gestante, a fim de que ela se sinta segura e acolhida tanto pelos familiares quanto pela equipe que a assiste.

Ainda, diante de um trabalho interdisciplinar, onde pressupõe-se uma relação que objetiva integrar aspectos tanto técnicos quanto subjetivos, a ação e o comprometimento mútuos tornam-se indispensáveis para que resultados pertinentes a todos sejam obtidos. Isso engloba a participação de profissionais de diferentes áreas, mas também se relaciona à atividade do aluno protagonista, o qual tem papel fundamental frente a relação que será estabelecida com as pacientes, bem como com a garantia de compreensão e de respeito das individualidades das mesmas. Sendo assim, segundo Peduzzi (2001), é importante buscar por uma comunicação clara e de entendimento mútuo, baseando-se em conhecimentos e domínios, isentando-se de julgamentos ou repressões.

A seguir, trazemos importantes considerações fornecidas por alguns dos alunos que estiveram à frente na incansável organização do evento, de modo que possamos extrair conteúdo para não somente pensar em novas realizações de simpósios e congressos, no geral, mas como avaliar e fomentar discussões futuras sobre as temáticas em questão que possibilitem, sempre, o melhor para alunos e profissionais da área e, consequentemente, para a comunidade (das diferentes áreas em consonância com essa temática e, fundamentalmente, para com as pacientes).

Considerações de Alguns Alunos Organizadores Sobre o Evento:

Alicé Voése Damé: *Vivendo em meio a uma pandemia que alterou significativamente os hábitos e rotina de toda a população em escala mundial, encontrar alternativas para manter-se ativo em alguma área, seja profissional ou pessoal, é algo significativo. Assim, no âmbito acadêmico/profissional, atividades on-line e a distância se mostraram a saída alternativa que pôde garantir o conhecimento e seguimento de estudos teóricos, visto a impossibilidade das práticas. Como vantagem em comparação aos eventos presenciais, esta nova modalidade permitiu maior acesso aos conhecimentos e suas atualizações, visto que não demanda gasto e deslocamentos para seu acesso.*

Bianca Brasil Almeida Fernandes*: Sobre a minha experiência como organizadora no 1° Congresso on-line da Liga de Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas posso relatar que, além de enriquecer o meu currículo como acadêmica do 7° semestre do curso de Medicina, tirei enorme proveito em vários aspectos, pois abriu minha mente para diversas possibilidades de troca de experiências que ainda não conhecia, como as reuniões por videoconferência com as possibilidades de compartilhamento de tela e de gravação, que tornaram-se os vídeos das palestras disponibilizados no site na data e horário previamente programados.*

Passei a respeitar o Ensino de forma Remota que antes dessa situação de pandemia que levou ao isolamento social era tido por muitos como "ensino de segunda linha".

Aprendi a trabalhar em grupo, pois foi necessário dividir estrategicamente as tarefas de acordo com o potencial de cada membro da equipe para alcançar o resultado adequado. O congresso não se fez apenas de ter palestrantes de renome nacional, mas também de muita divulgação e parcerias em redes sociais e mídia física.

Descobri que o processo para arrecadação de fundos para fim beneficente não é tão simples quanto parece, é cheio de burocracias que até acredito ser necessária a fim de tornar o processo transparente, mas são extremamente enfadonhas.

Quanto ao conteúdo em si apresentado no congresso em nada deixou a desejar por ter sido de forma on-line. Claro que sentimos falta do coffee brake

para interagir com os colegas, mas esse foi substituído de forma tímida pelo chat do site.

O congresso teve como centro a ginecologia e obstetrícia relacionando-se com a saúde da mulher e foram abordados por diversos profissionais de saúde como fisioterapeutas, enfermeiros e obstetrizes. Aproveitei muito as palestras desses profissionais, pois é muito bom ver profissionais diversificados falando sobre suas áreas de atuação, porque acredito que,às vezes, o médico se questiona para qual especialista deve encaminhar o paciente que está limitado a tratar quando, no entanto, o mais indicado seria encaminhar para outro profissional de saúde.

Patrícia Menegusso Pires*: Com tudo que nos foi repassado houve a possibilidade de nós, alunos, das mais variadas áreas da saúde, conhecerem os diversos nichos de trabalho que a área da ginecologia e da obstetrícia proporcionam, pois foi além do que nos é oferecido durante as respectivas graduações. Outro ponto interessante foi o de os profissionais selecionados nos trouxeram não só o aperfeiçoamento do conteúdo teórico e prático, muitos compartilharam, inclusive, o seu dia a dia, o que só veio a engrandecer o evento.*

Thales Moura de Assis*: Para quem trabalha na área da saúde, sobretudo os profissionais formados, sabem, ou ao menos deveriam, que não há profissional dentro de um hospital que trabalhe só. Dito isso, acho de suma importância acolher profissionais da área da saúde, que atuam junto da medicina, a compartilhar os seus conhecimentos, as suas especificidades, para que, juntos, consigamos construir um bom trabalho.*

A enfermagem é um curso antigo e muito atuante com os pacientes. São profissionais que estão em constante contato com o paciente. O curso de obstetrícia, ainda, não é tão conhecimento, mas de igual importância para o público-alvo dessa profissão. Fisioterapia, já sabemos da sua relevância nos cuidados de recuperação, reabilitação e prevenção. Juntos, somos mais fortes.

Foi um trabalho incrível poder participar da organização desse evento que teve abordagem, não só médico, mas também multiprofissional. As profissionais que dispuseram de seu tempo e da sua atenção conosco, sempre receberam o meu reconhecimento.

Mariana López González: *Poder participar de um congresso multidisciplinar foi incrível. Ao estudar medicina estamos limitados ao conteúdo e visão do curso. Desse jeito, poder assistir palestras de outras áreas abriram minha cabeça e me ensinaram bastante, não somente na parte teórica, mas nas futuras relações nos locais de trabalho. Muito proveitoso para o crescimento pessoal e profissional.*

Celene Maria Longo da Silva: *Fiquei muito feliz em ver o desempenho desse time na elaboração, divulgação, gravação com os palestrantes e apresentação do produto final. Participei de decisões importantes, mas a logística maior foi toda com os alunos. Estou muito orgulhosa de fazer parte dessa história. Sempre acreditei nas atividades de ensino, pesquisa e extensão como interligadas e complementares. Também acredito no atendimento multidisciplinar como a única possibilidade de proporcionar um serviço de qualidade. Cada profissional contribuindo com o seu melhor faz com que o conjunto fique mais completo e equilibrado.*

A possibilidade de contar com palestras de profissionais que atuam em diversas cidades do país com um custo bem reduzido é uma mudança de paradigma que, acredito, veio para ficar. A distância atual se tornou muito relativa, depende muito mais da nossa disponibilidade do que dos quilômetros que nos separam. Espero que os assuntos abordados tenham contribuído para ampliar o conhecimento dos participantes e também tenham mostrado as diversas nuances que a área de ginecologia e obstetrícia abrange.

Felipe Athayde: *Minha percepção é que, embora não seja a área que desejo seguir, senti que os conhecimentos me aproximaram mais do perfil que desejo construir, de um médico que promove saúde integral, visto que o médico precisa saber abordar os diversos perfis de pacientes e necessidades.*

Referências

AMARAL, E.; DE AZEVEDO, G. D.; ABBADE, J. The teaching and learning of gynecology and obstetrics at the undergraduate level: Challenges and trends. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetricia.** Federacao Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetricia,

2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020

BRASIL. **Decreto n° 7.234, de 19 de julho de 2010.** Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil. Diário Oficial, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm>. Acesso em: 28 jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 64.862, de 13 de março de 2020**. Medidas Temporárias e Emergenciais de Prevenção de Contágio pela COVID-19. Diário Oficial da União, São Paulo, v. 130, n. 51, 2020. Disponível em: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20200314&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=1>. Acesso em: 20 jul. 2020

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Disponível em: <www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/55877808>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

BURON, R. M. O papel da universidade na formação do perfil profissional. **Salão do Conhecimento**, v. 2, n. 2, 2016.

CAMPELO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CASTRO, L. M. C. A UNIVERSIDADE, A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EMANCIPADORES. **Reunião anual da ANPED**, v. 27, p. 1–16, 2004.

DINIZ, S. C. G. *et al*. A vagina-escola: seminário interdisciplinar sobre violência contra a mulher no ensino das profissões de saúde. **Interface**. 20 (56) Jan-Mar 2016.

FERNANDES, B. **Representação Social do Coronavírus**. [s.l: s.n.]. 2020.

LEEDER, S. R. Preparing interns for practice in the 21st century. **The Medical journal of Australia**, v. 186, n. 7 Suppl, p. 56–58, 2007.

MACEDO, Y. M.; ORNELLAS, J. L.; BOMFIM, H. F. DO. COVID – 19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar**, p. 1–10, 2020.

MARTINS, L. M. **Ensino–Pesquisa–Extensão Como Fundamento Metodológico Da Construção Do Conhecimento na Universidade.** São Paulo: [s.n.]. Disponível em: <http://pos.estacio.webaula.com.br/Cursos/POS452/docs/Ensino_pesquisa_extensao.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MENEZES, A. L. T. DE; SÍVERES, L. **Transcendendo Fronteiras:** A Contribuição da Extensão das Instituições Comunitárias de Ensino Superior (ICES). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

MONTEIRO, S. DA S. (RE) INVENTAR EDUCAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL EM TEMPOS DA COVID-19. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 237–254, 2020.

OKAJIMA, L. T. *et al.* Percepções de aprendizado entre os alunos da Liga de Ginecologia. **Revista Médica**, v. 98, p. 72–76, 2019.

OLIVEIRA, E. DE S.; MORAIS, A. C. L. N. DE. COVID-19: UMA PANDEMIA QUE ALERTA À POPULAÇÃO. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 3, p. 1–7, 2 abr. 2020.

PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. **Ver. Saúde Pública**. 2001; 35(1):103-9. doi: 10.1590/S0034-89102001000100016.

PEDUZZI, M. O SUS é interprofissional. **Interface (Botucatu)**. 2016; 20(56):199-201. doi: 10.1590/1807-57622015.0383.

RODRIGUES, A. L. L. *et al.* Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 16, p. 141–148, 2013.

SAMPAIO, H.; LIMONGI, F.; TORRES, H. **Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, p. 1–61, 2000.

SANTOS, G. F.; RIBEIRO, L. C. S.; CERQUEIRA, R. B. Modelagem de impactos econômicos da pandemia Covid-19: aplicação para o estado da Bahia. **Preprint**, p. 23, 2020.

UFPEL. Gabinete do Vice-Reitor. Portaria nº 585, de 13 de março de 2020. Dispõe da Suspensão de atividades acadêmicas da Universidade Federal de Pelotas. **Sistema Eletrônico de Informação**. Disponível em: < https://sei.ufpel.edu.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=1033172&id_orgao_publicacao=0>. Acesso em: 20 jul. 2020.

UFPEL, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Guia do Estudante Extensionista da UFPel**. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/files/2019/10/guia-do-estudante-extensionista.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

VANIN, G. R. **Universidade na Comunidade**. 128f. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, SP, 2005.

WANG, B. *et al.* Does comorbidity increase the risk of patients with COVID-19: evidence from meta-analysis. **Aging (Albany NY)**, v. 12, n. 7, p. 6049, 2020.

XIYA, M. *et al.* Emergency and essential surgical healthcare services during COVID-19 in low- and middle-income countries: A perspective. **International Journal of Surgery**, v. 79, p. 43–46, 2020.

ZIMMERMANN, I. R. *et al.* Demanda por leitos de UTI pela COVID-19 no Distrito Federal, Brasil: uma análise do impacto das medidas de distanciamento social com simulações de Monte Carlo. **SciELO Preprints**, 2020.

Sobre os autores

THALES MOURA DE ASSIS, graduando em Medicina na UFPel. Aluno coordenador do projeto desde maio de 2019.
E-mail: thales.moura@ymail.com

ALICE VOESE DAMÉ, graduanda em Medicina na UCPel. Aluna coordenadora do projeto desde maio de 2019.
E-mail: alicev.dame@hotmail.com

BIANCA BRASIL ALMEIDA FERNANDES, graduada em Odontologia e em Medicina na UFPel. Aluna vinculada ao projeto desde junho de 2020.
E-mail: biancabalmeida@hotmail.com

MARIANA LÓPEZ GONZÁLEZ, graduada em Relações Internacionais na Unipampa e graduanda em Medicina na UFPel. Aluna voluntária do projeto desde setembro de 2019.
E-mail: marilopegon@hotmail.com

ELLEN CRISTINA DUPSK, graduanda em Medicina na UFPel. Aluna voluntária do projeto desde julho de 2019.
E-mail: ecdupsk@gmail.com

CELENE MARIA LONGO DA SILVA, graduada em medicina na UFSM. Doutora em Epidemiologia na UFPel. Professora Associada da Faculdade UFPel. Coordenadora do projeto desde maio de 2019.
E-mail: celene.longo@gmail.com

SEMINÁRIOS EM ENDODONTIA DO PROJETO DE EXTENSÃO ENDO Z: EDUCAÇÃO CONTINUADA EM MEIO À PANDEMIA DA COVID-19

Ezilmara Leonor Rolim de Sousa
Larissa Moreira Pinto
Nádia de Souza Ferreira

Introdução

A Odontologia é a área da saúde que estuda e trata o sistema estomatognático, o qual compreende: face, pescoço, cavidade bucal, abrangendo ossos, musculatura mastigatória, articulações, dentes e tecidos. Trata-se de uma área complexa com inúmeras especialidades que busca a manutenção da saúde bucal dos indivíduos (FREITAS *et al*., 2015).

Uma das especialidades mais desafiadoras para os cirurgiões--dentistas é a Endodontia, sendo uma peça decisiva para a preservação do elemento dental. A Endodontia classifica-se como um serviço de

média complexidade em Odontologia, segundo Leonardo e Leal (2005), portanto, a ciência que envolve a etiologia, a prevenção, o diagnóstico e o tratamento de pulpopatias e periapicopatias e engloba inclusive suas repercussões sistêmicas.

O tratamento endodôntico, propriamente dito, tem como objetivo prevenir e tratar as patologias que atingem o complexo pulpar (TSESIS *et al.*, 2013). Sendo assim, o intuito de conservar os elementos dentais da boca está relacionado tanto por parte dos profissionais, como pelos próprios pacientes, pois sua perda gera não somente problemas funcionais, mas também, possíveis transtornos psicológicos. Outrossim, quando o elemento dental já se apresenta com comprometimento das estruturas pulpares e periapicais unido à destruição coronária, a Endodontia se fundamenta nesse contexto, como tratamento endodôntico ou mesmo como uma cirurgia parendodôntica, associados ao restabelecimento coronário e à colocação em função mastigatória do elemento dental (RAUBER; MÓRA, 2018).

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da UFPel, a centenária Faculdade de Odontologia, sempre atuaram na prestação de serviço à sociedade. Em consonância com o que se entende por Extensão, sempre a exerceram, desde o seu surgimento.

Quando a UFPel foi criada, em 8 de agosto de 1969, a então Faculdade de Odontologia foi incorporada a ela. Era uma unidade acadêmica com grande trabalho de atenção e atendimento à comunidade.

Um registro das atividades de extensão de forma institucional passa a ser possível quando a criação da Pró-Reitoria de Extensão se faz em 1977. Porém, um registro formal e documentado com fluxo estabelecido pela Instituição foi sendo gerado e modelado ao longo do tempo. A Extensão existia e era praticada, extremamente quantificada, mas não havia ainda um registro operacional, cuja consulta pudesse evidenciar que se tratava de uma ação extensionista em si. Em termos de organização administrativa estrita, o momento no qual isso passa a ser registrado é no ano de 1992, quando foi aprovado o Regimento Interno da PREC, nesse ano a unidade passa a chamar-se de Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Durante a década de 1990 e parte dos anos 2000, os relatórios da PREC continham um catálogo no qual os projetos registrados eram informados. Esses catálogos existem, parcialmente, em diferentes setores

da UFPel. Até 2007, os registros eram feitos pelas unidades e enviados à PREC e, em 2007, foi implantado o SIEX (Sistema de Extensão), uma plataforma na qual o coordenador registrava o seu projeto e o relatório ao final do ano. O processo tramitava em papel, mas o registro ocorria em uma sistema eletrônico. Em 2017, o SIEX deixou de operar e iniciou o registro dos projetos, programas, ações e relatórios no módulo Projetos Unificados, do Sistema Cobalto. Portanto, o que há de extensão registrado na universidade, atualmente, está neste banco de dados.

No relatório de 1969-1979 (UFPEL, 1980) há registros de atendimentos feitos pela FO-UFPel como Assistência Odontológica nas Escolas de Ensino Fundamental, Serviço de Reabilitação Oral, Serviço de Biópsia e Histopatologia, Serviço Central de Triagem e Emergência e Serviço Central de Radiologia. A meta era de 15 mil atendimentos até 1985, mas informações mencionam que já vinham sendo feitos desde 1970. Pode-se considerar que já no início da UFPel registrava-se o trabalho de extensão da Faculdade de Odontologia, ainda que não da forma normatizada como se faz hoje.

Por conseguinte, em meio à pandemia da COVID-19, as urgências odontológicas priorizavam-se nos consultórios, sejam eles privados ou da rede pública de saúde. A dor de dente é o principal motivo que tem levado os pacientes até os cirurgiões-dentistas na atualidade. Desse modo, o endodontista é o profissional que estuda e se especializa em patologias pulpares, sendo a polpa a estrutura do elemento dental que possui fibras nervosas e é responsável pela dor. O tratamento endodôntico é popularmente conhecido como “Tratamento de Canal”.

Diante do exposto, é fundamental que um projeto de extensão como o Endo Z, que lida diretamente com a Endodontia, possa continuar a cumprir o seu papel na sociedade, mesmo que de maneira diferente, em virtude das limitações de convivência impostas pela pandemia. Assim sendo, a oferta de qualificação sob a forma de seminários transmitidos pelo Youtube tem por objetivo manter o caráter extensionista do projeto, por meio da manutenção do vínculo institucional com os graduandos e por promover o acesso aos cirurgiões-dentistas a uma educação continuada, principalmente, para aqueles profissionais atuantes em meio ao flagelo que assola a sociedade, e consequentemente beneficiar a população assistida por eles.

Atuando de modo a suprir a demanda de Endodontia da comunidade da cidade de Pelotas, localizada no extremo sul do estado Rio Grande do Sul, e região (Tabela 1), foi criado, no ano de 2014, o Projeto de Extensão Endo Z, cujo nome é uma homenagem à broca chamada “Endo Z”, a qual é utilizada para a realização de um desgaste compensatório na estrutura dental durante a abertura coronária, uma das etapas essenciais do tratamento endodôntico (SOUSA *et al.*, 2020).

Tabela 1 – Número e porcentagem de pacientes atendidos no projeto de extensão Endo Z, na FO-UFPel, segundo cidade, 2014 a 2018.

Cidade	Quantidade	%
Pelotas	195	91,50
Rio Grande	6	2,80
Capão do Leão	6	2,80
Piratini	2	0,90
São Lourenço do Sul	1	0,40
Jaguarão	1	0,40
Canguçu	1	0,40
Sta. Vitória do Palmar	1	0,40
Total	**213**	**100%**

Fonte: Lambrecht, 2019.

Normalmente, as atividades clínicas e teóricas do projeto acontecem na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (FO-UFPel) sob a coordenação da Professora Doutora Ezilmara Leonor Rolim de Sousa. Este projeto objetiva o atendimento aos pacientes de baixa renda com necessidade de tratamento endodôntico e de cirurgia parendodôntica acolhidos pelo serviço de triagem da FO-UFPel e direciona-se também à capacitação, treinamento, aperfeiçoamento e a atualização de profissionais e discentes da área de Odontologia (SOUSA *et al.*, 2020).

Anteriormente a pandemia, o projeto mantinha seu funcionamento presencial durante o período letivo que compreendia a segunda semana de aula do semestre até a semana que antecede aos exames finais. Os atendimentos clínicos aos pacientes ocorriam semanalmente nas quartas-feiras à noite, das dezoito horas e trinta minutos (18h30m) até às vinte e duas horas e trinta minutos (22h30m) na Clínica Oeste, no primeiro andar do prédio da FO-UFPel, com atuação de acadêmicos e de cirurgiões-dentistas sob a supervisão de docentes especialistas em Endodontia e de profissionais preceptores(SOUSA *et al.*, 2020).

O projeto possui um prontuário próprio, com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que é assinado pelos pacientes, antes do início do tratamento e, por meio dele, obtêm-se informações que são relevantes para o atendimento clínico, bem como para o banco de dados do Endo Z.

O projeto prioriza o acompanhamento (também chamado de proservação) dos tratamentos realizados pelos discentes, pois o sucesso de uma Endodontia depende de inúmeros fatores que são determinados após o período de avaliação dos tratamentos finalizados (SOUSA *et al.*, 2020). Deste modo, é importante destacar que a partir da proservação dos tratamentos realizados pelos extensionistas do projeto Endo Z, entre 2014 e 2018, concluiu-se que 77,7% tiveram o sucesso como desfecho, conforme demostrado na Tabela 2.

Tabela 2 – Proservação endodôntica dos dentes tratados no projeto de extensão Endo Z, na FO-UFPel, entre 2014 e 2018.

Proservação Endodôntica	Quantidade	%
Sucesso	14	77,7
Insucesso	2	11,1
Em reparação	2	11,1
Total	**18**	**100%**

Fonte: Lambrecht, 2019.

Desta maneira, o trabalho de extensão Endo Z apresenta grande relevância social, visto que ajuda a solucionar a carência de tratamentos endodônticos de pacientes oriundos de diversas regiões do sul do Rio

Grande do Sul (Tabela 1), apoia a comunidade de baixa renda e evita que infecções endodônticas evoluam para casos mais graves: como a perda do elemento dental por falta de tratamento ou até mesmo que prejudique sistemicamente a saúde do paciente. Nesse sentido, para inferir que o projeto cumpra corretamente com seus objetivos a alta taxa de sucesso dos procedimentos realizados é um parâmetro muito importante nesse quesito (Tabela 2).

Por conta do grande número de etapas pré-definidas e que devem ser seguidas para o sucesso do tratamento endodôntico, a curva de aprendizado dos acadêmicos torna-se mais demorada ao comparar essa área com outras da grade curricular do curso de Odontologia (DE-DEUS *et al*., 2017). Além disso, nos atendimentos voltados à Endodontia não são levadas em consideração apenas as características do operador para definir o resultado do tratamento. Apesar de boa habilidade manual, sensibilidade tátil e delicadeza, ainda existe um desafio biológico a ser vencido (LEONARDO; LEAL, 2005).

O quadro de recursos humanos do projeto Endo Z é composto por 27 graduandos em Odontologia da UFPel entre o segundo (2º) e o décimo (10º) semestre da graduação, por dois alunos do mestrado em Endodontia e por duas professoras doutoras em Endodontia. Dessa forma, os extensionistas que cursam entre o 2º e o 4º semestre da graduação exercem a função de auxiliares clínicos e os graduandos do sexto (6º) semestre em diante atuam como operadores, realizando tratamentos endodônticos sob a supervisão das professoras e dos preceptores. Somando-se a isso, a equipe conta com uma aluna bolsista de iniciação à extensão que é responsável pelo controle dos prontuários dos pacientes, listas de presença e auxilia a coordenação do projeto com questões de logística e burocracia. Dessa forma, o Endo Z fornece atendimento gratuito e de qualidade a pacientes da comunidade de baixa renda e complementa também o ensino, a extensão e a pesquisa do Curso de Odontologia da FO-UFPel.

No enraizamento do conhecimento o Endo Z teve o primeiro trabalho apresentado para a comunidade acadêmica no ano de 2015, o qual recebeu o título de “Projeto de Extensão Endo Z” (FREITAS *et al*., 2015) e foi divulgado eletronicamente nos anais do II Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Além disso, no ano de 2019, uma monografia de

conclusão de curso de graduação da FO-UFPel foi embasada nas fichas clínicas dos pacientes do projeto e recebeu o título: "Proservação dos tratamentos endodônticos realizados no projeto de extensão Endo Z" (LAMBRECHT, 2019), a qual está disponível em arquivo digital no Acervo das Bibliotecas da UFPel (SISBI/UFPel). Recentemente, dois capítulos de livro com conteúdo sobre o Endo Z foram publicados em E-books, o primeiro, "Desafios para a proservação de tratamentos endodônticos realizados em um projeto de extensão na Faculdade de Odontologia–UFPel" (PINTO *et al.*, 2020) e o segundo, "Projeto de Extensão Endo Z da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas" (SOUSA *et al.*, 2020).

Metodologia

Em16 de março de 2020, as atividades presenciais da UFPel foram interrompidas sem previsão de retorno. Em 10 de junho do corrente ano, o projeto de extensão Endo Z iniciou a realização de atividades remotas intituladas "Seminários em Endodontia", que ocorrem todas as quartas-feiras às 18 horas. Os seminários são ministrados pelas professoras do projeto de extensão Endo Z e pelos supervisores clínicos, por convidados externos, endodontistas, em sua maioria, e por um cirurgião buco-maxilo-facial.

Inicialmente, os seminários realizavam-se na plataforma Google Meet, porém, devido à grande procura pelo conteúdo sobre Endodontia e a restrita capacidade da ferramenta para a visualização de um grande público, foi necessário optar pela transmissão ao vivo dos cursos pelo YouTube, para que mais de 100 pessoas pudessem ter acesso à qualificação simultaneamente. Por essa razão, a divulgação das atividades remotas do projeto realizam-se pelas redes sociais, principalmente pelo perfil do projeto de extensão Endo Z no Instagram (@projeto_endo_z), no qual os interessados pelas palestras se inscrevem para receber o link da transmissão ao vivo às quartas-feiras. Em função disso, todos os inscritos são adicionados a um grupo no WhatsApp, onde recebem instruções sobre o acesso ao conteúdo e podem fazer perguntas à equipe do Endo Z.

A comunicação visual utilizada pelo projeto na internet, contendo o material de divulgação dos seminários e o logo estão sendo realizadas por duas acadêmicas extensionistas do projeto, as quais desenvolvem a identidade visual do grupo de forma voluntária (Fig. 1, 2 e 3). O Endo Z possui perfis nas seguintes redes sociais: Facebook, WhatsApp, Instagram, Youtube e Gmail.

Figura 1 – Logo do projeto de extensão Endo Z.

Fonte: Arquivos do projeto de extensão Endo Z, 2020.

Figura 2 – Perfil do projeto de extensão Endo Z no Instagram, 2020.

Fonte: Instagram (@projeto_endo_z).

Figura 3 – Identidade visual utilizada no canal do projeto de extensão Endo Z no Youtube.

Fonte: Arquivos do projeto de extensão Endo Z, 2020.

Ao final da transmissão ao vivo dos webseminários, a equipe do Endo Z disponibiliza um questionário, confeccionado na plataforma Google Forms para a confirmação da presença dos ouvintes e para a posterior confecção de um atestado de horas complementares. Neste questionário, são recolhidas, também, informações como: nome completo, endereço de e-mail, número telefônico, cidade e estado, número de matrícula, ocupação (se o indivíduo é aluno de graduação ou pós-graduação da FO-UFPel, ou se pertence a outra instituição), se é cirurgião-dentista ou especialista em Endodontia, ou ainda, se o ouvinte não se enquadra em nenhuma dessas opções, poderá assinalar a alternativa "Outro"). Para finalizar o questionário, é adicionada a pergunta se o ouvinte está gostando dos webseminários e se tem alguma sugestão para o projeto. A coleta de informações tem por finalidade aprimorar os seminários remotos de acordo com o perfil do público.

Os webseminários do projeto de extensão Endo Z são transmitidos ao vivo, semanalmente, por meio do Youtube e ficam disponíveis no canal do projeto, assim, permanecem acessíveis a todos aqueles que tiverem interesse nos conteúdos produzidos, caracterizando um conjunto de materiais instrucionais com temáticas relacionadas à Endodontia, elaborados com a finalidade didática, distribuído gratuitamente e ministrados por profissionais extremamente qualificados. O tempo de duração dos seminários varia de 1 hora, 6 minutos e 26 segundos até 2 horas e 47 segundos.

Resultados

Até o presente momento, o retorno dos ouvintes tem sido extremamente positivo, o que motiva a equipe do projeto Endo Z a empenhar-se cada vez mais para que os conteúdos abordados sejam úteis, interessantes e baseados em evidências científicas. Vários temas já foram ministrados, como: "Covid-19 e suas implicações para o atendimento odontológico", "Acessos Endodônticos Minimamente Invasivos", "A rotina do endodontista", "Remoção de instrumentos fraturados com ultrassom", "Um caminhar dentro da Odontologia", "Conceitos atuais em Endodontia", "Evoluções graves dos abscessos faciais, morbidades elevadas e óbitos", "Laser na Endodontia: Por que, quando e como usar?", "Reintervenção em Endodontia" e "Endodontia Regenerativa: Pulpotomia em foco". Os próximos assuntos planejados serão os seguintes: "Medicação intracanal e Endodontia em sessão única", "Endodontia Guiada", "Os 6 passos para um atendimento de urgência seguro e eficaz", "Antibióticos em Endodontia", entre outras temáticas importantes.

Tabela 3 – Título do seminário, data da transmissão ao vivo, número de participantes no dia da transmissão e número de visualizações do vídeo no YouTube até o dia 14/08/2020.

Título	Data	Participantes	Visualizações
Covid-19 e suas implicações para o atendimento odontológico	10/06/2020	19	----------------
Acessos endodônticos minimamente invasivos	17/06/2020	74	----------------
A rotina do endodontista	24/06/2020	80	----------------
Remoção de instrumentos fraturados com ultrassom	01/07/2020	97	265
Um caminhar dentro da Odontologia	08/07/2020	55	158

Título	Data	Participantes	Visualizações
Conceitos atuais em Endodontia	15/07/2020	83	253
Evoluções graves dos abscessos faciais, morbidades elevadas e óbitos	22/07/2020	122	383
Laser na Endodontia: Por que, quando e como usar?	29/07/2020	82	253
Reintervenção em Endodontia	05/08/2020	63	238
Endodontia Regenerativa: Pulpotomia em foco	13/08/2020	74	168

Fonte: Banco de dados do projeto de extensão Endo Z, 2020.

De acordo com a Tabela 3, o webseminário que teve maior audiência durante sua transmissão ao vivo foi apresentado no dia 22/07/2020 com o título: "Evoluções graves dos abscessos faciais, morbidades elevadas e óbitos" com 122 participantes no dia da apresentação e conta com o maior número de visualizações no canal do projeto de extensão, no Youtube, totalizando 383 acessos até o dia 14/08/2020.

Cabe ressaltar que, em virtude das palestras dos dias: 10, 17 e 24 de junho de 2020 terem sido realizadas na plataforma Google Meet, não foram gravadas e, consequentemente, não estão disponíveis no canal do Endo Z no YouTube, por isso, não contabilizam visualizações. Assim sendo, os vídeos do canal já tiveram 1.718 visualizações em pouco mais de 30 dias.

A partir do questionário lançado no chat do YouTube, ao final de cada palestra foi possível descobrir que os webseminários foram assistidos por estudantes e profissionais da área de Odontologia das mais variadas cidades do Rio Grande do Sul e de outros estados do Brasil, como por exemplo: São Miguel dos Campos e Maceió em Alagoas; Candeias, Lauro de Freitas, Governador Mangabeira e Salvador na Bahia; São Luís e Paço do Lumiar no Maranhão; João Pessoa na Paraíba; Goiânia em Goiás; Brasília – Distrito Federal; Saquarema – Rio de Janeiro; Ariranha, Taquaritinga e São Bernardo do Campo em São Paulo.

Desse modo, as informações coletadas nos questionários também proporcionaram a identificação do perfil profissional dos ouvintes, os quais, em sua maioria, são estudantes de graduação ou de pós-graduação em Odontologia, tanto da UFPel como de outras instituições. Também assistiram aos seminários professores da FO-UFPel, cirurgiões-dentistas clínicos gerais, endodontistas, técnicos em saúde bucal, auxiliares de saúde bucal, enfermeiros e um gestor hospitalar.

Discussão

No atual contexto social, no qual os meios de comunicação estão potencializados pelo avanço das novas tecnologias e pela percepção do mundo vivo como uma rede de relações dinâmicas e em constante transformação. Discutiu-se a necessidade de urgentes mudanças nas instituições de ensino superior visando, entre outros aspectos, à reconstrução de seu papel social (MITRE *et al*, 2008), principalmente em um momento como o que se vive hoje, onde as atividades presenciais das instituições de ensino estão, em sua maioria, suspensas no Brasil.

Desta forma, o ponto de partida para toda ação extensionista relacionada a qualquer tema, inclusive à COVID-19, centra-se em apropriar-se do maior conhecimento possível acerca da temática, a qual é muito nova, bem como elaborar um conhecimento próprio capaz de ecoar nas necessidades do cenário social (MOURA, 2020).

Atualmente, a pandemia da COVID-19 encontra-se em uma curva ascendente de contágio, com consequência à saúde coletiva, à prestação dos serviços hospitalares, à economia, ao bem-estar da população e às condições de vida da sociedade (MARQUES, 2020). Portanto, as atividades presenciais da Faculdade de Odontologia da UFPel estão suspensas, inclusive o atendimento odontológico prestado à comunidade, o qual é de extrema importância, visto que, na cidade de Pelotas o atendimento oferecido nas Unidades Básicas de Saúde não inclui todos os tipos de procedimentos que a população necessita, como: tratamento de canal, prótese dentária, cirurgia de terceiros molares inclusos, implantes, entre outros. Dessa maneira, os pacientes atendidos pela FO-UFPel possuem opções muito restritas para continuar seus tratamentos em meio à

pandemia, uma vez que a grande maioria deles não possui condições financeiras para pagar por cuidados odontológicos na rede privada.

Cabe destacar que o seminário mais assistido no canal do projeto de extensão Endo Z tem como temática as "Evoluções graves dos abscessos faciais, morbidades elevadas e óbitos". Nesse contexto, o abscesso apical agudo é também denominado abscesso dentoalveolar agudo, abscesso perirradicular agudo, abscesso periodontal apical agudo ou ainda abscesso periapical agudo. O quadro consiste na coleção localizada de pus nos tecidos periapicais acompanhada de dor e frequentemente estende-se à mucosa bucal e ao tecido subcutâneo facial. É originado por agressão violenta e rápida de agentes infecciosos altamente virulentos aos tecidos periapicais, após a necrose pulpar (SOUSA; TORINO; MARTINS, 2014). Este assunto é tão atrativo aos estudantes de graduação e aos profissionais da Odontologia, pois, sem a devida intervenção clínica, tal patologia pode evoluir rapidamente, causando desconforto ao paciente e até mesmo levando-o ao óbito.

A extensão universitária é uma expressão do compromisso social da universidade com a sociedade, pois representa o elo da pesquisa e do ensino adquirido pelos seus discentes e propagado pelos seus docentes em um processo contínuo de ensino-aprendizagem, cheio de trocas, saberes, ciência e mutualidade (MARQUES, 2020). Dessa maneira, espera-se que os Seminários em Endodontia do projeto de extensão Endo Z possam agregar informações importantes e atualizar os cirurgiões-dentistas que estão atendendo às urgências odontológicas durante a pandemia da COVID-19.

Por fim, como apontam diversos autores, a Educação a Distância (EaD) é uma modalidade extremamente democrática de Educação, pois universaliza as oportunidades de acesso ao conhecimento (LOPES *et al.*, 2007; ALVES, 2011). Nesse sentido, os webseminários disponíveis no YouTube pelo projeto Endo Z permitem que qualquer pessoa tenha acesso ao conteúdo gravado, seja um profissional da área de Odontologia ou simplesmente um leigo curioso. Portanto, as aulas podem ser assistidas de qualquer local e no horário de predileção do interessado, sem a necessidade de se investir recursos financeiros ou em deslocamento.

Considerações finais

Os Seminários em Endodontia do projeto de extensão Endo Z estão sendo assistidos por estudantes e profissionais da área de Odontologia das mais diversas regiões do Brasil.

Além disso, o questionário aplicado aos ouvintes pela equipe do projeto tem detectado os assuntos de maior interesse dos espectadores e transformado essas temáticas em web seminários.

É importante destacar que a resposta dos alunos sobre as atividades remotas do Endo Z tem sido extremamente positiva, até o presente momento, o projeto tem recebido muitas mensagens de agradecimento pela iniciativa em oferecer uma educação continuada durante a pandemia e diversos elogios. Isso tem motivado a equipe do projeto de extensão a qualificar cada vez mais suas conferências.

Enfim, espera-se que, mesmo de maneira diferenciada, via internet, o projeto de extensão Endo Z continue a cumprir o seu papel social de trazer um maior número de esclarecimentos e informações para a comunidade por meio da extensão universitária e aprofundar os conhecimentos científicos aos graduandos e profissionais da área de Odontologia, bem como a oportunidade de qualificarem-se durante a pandemia da COVID-19.

Referências

ALVES, L. Educação a Distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. *In:* LITTO, F. M. (Org). **Revista Brasileira de Educação Aberta e a Distância (RBEAD)**, v. 10, p. 83-92, 2011.

DE-DEUS, G. *et al*. **O movimento reciprocante na endodontia**. São Paulo: Quintessence, 2017.

FREITAS, N.G. *et al*. Projeto de Extensão Endo Z. *In*: II Congresso de Extensão e Cultura da UFPel, 2015, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: UFPEL, p. 541, 2015.

LAMBRECHT, J. **Proservação dos tratamentos endodônticos realizados no projeto de extensão Endo Z. 2019**. Monografia (Graduação em Odontologia) – Faculdade de Odontologia. Universidade Federal de Pelotas: Pelotas, 2019.

LEONARDO, M.R.; LEAL, J.M. **Endodontia:** tratamento de canais radiculares. 3.ed., São Paulo. Editora Panamericana, 2005.

LOPES, M.C.L.P. et al. **O processo histórico da Educação a Distância e suas implicações**: desafios e possibilidades. [s.L.]:[s.n.], 2007.

MARQUES, G.E.C.A extensão universitária no cenário atual da pandemia do COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**. São Luís, 4(1): 42-3, 2020.

MITRE, S. M. *et al*. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13(2): 2133-44, 2008.

MOURA, M.E.S. Pandemia da COVID-19: a extensão universitária pode contribuir? **Revista Práticas em Extensão**. São Luís, v. 04, nº 01, 56-57, 2020.

PINTO, L.M. *et al*. Desafios para a proservação de tratamentos endodônticos realizados em um projeto de extensão na faculdade de odontologia – UFPel. **Ciências da Saúde**: Teoria e Intervenção. 5.ed. Capítulo 9. Editora Atena. 2020.

RAUBER, M.V.; MÓRA P.M.P.K. **Características clínicas e radiográficas de casos encaminhados para retratamento endodôntico no curso de especialização em endodontia da UFRGS. 2018**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOUSA, E.L.R.; TORINO, G.G.; MARTINS, G.B. **Antibióticos em endodontia**: Por que, como e quando usá-los. São Paulo: Santos, 2014.

SOUSA, E.L.R. *et al*. Projeto de Extensão Endo Z da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas. *In*: **A Extensão Universitária nos 50 Anos da UFPEL** -Parte III, p. 711-25. 2020.

TSESIS, I. *et al*. The dynamics of periapical lesions in endodontically treated teeththat are left without intervention: a longitudinal study**. Journal of Endodontics**, v.39, n.12, p.1510-5, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. O desenvolvimento da UFPel: Retrospecto 1969-1970. **Assessoria de Planejamento**, 1980, p.34.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (SISBI/UFPEL). **Sistema de gerenciamento do acervo das bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas (SISBI/UFPel).** Disponível em: <http://sisbi.ufpel.edu.br>. Acesso em: 14 ago. 2020.

EZILMARA LEONOR ROLIM DE SOUSA, graduada em Odontologia na UNIMAR. Doutora em Endodontia na UNICAMP. Professora titular da Faculdade de Odontologia da UFPel. Coordenadora do projeto de extensão Endo Z.
E-mail: ezilrolim@gmail.com

LARISSA MOREIRA PINTO, graduanda em Odontologia na UFPel. Bolsista de iniciação à extensão do projeto de extensão Endo Z.
E-mail: larimoreirapinto@gmail.com

NÁDIA DE SOUZA FERREIRA, graduada em Odontologia na Unesp. Doutora em Endodontia na Unesp. Professora adjunta da Faculdade de Odontologia da UFPel. Coordenadora adjunta do projeto de extensão Endo Z.
E-mail: nasoufer@hotmail.com

AÇÕES EXTENSIONISTAS AOS CUIDADORES FAMILIARES EM MÍDIAS SOCIAIS NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19

Renata Gonçalves de Oliveira
Stefanie Griebeler Oliveira
Jéssica Siqueira Perboni
Michele Rodrigues Fonseca
Camila Trindade Coelho
Camila Almeida

Extensão reinventada a partir da pandemia: considerações iniciais

Desde 2015, o projeto de extensão "Um olhar sobre o cuidador familiar: quem cuida merece ser cuidado" acompanha, por meio de visita domiciliar, a rotina de cuidadores familiares vinculados ao Serviço de Assistência Domiciliar (SAD) do Hospital Escola visando compreender o contexto, incluindo dificuldades e sobrecargas, desses cuidadores no

domicílio. Durante esse acompanhamento, são realizadas intervenções como escuta terapêutica e promoção do autocuidado, nas quais, conforme abordado em Oliveira *et al*. (2019), são versados temas de interesse dos cuidadores, como religião, espiritualidade, atenção domiciliar, cuidados paliativos, sobrecarga, limites no cuidado, morte, dificuldade para organizar a casa e gerenciamento do tempo. No entanto, devido ao atual contexto, decorrente da pandemia causada pelo novo Coronavírus, essas ações extensionistas tiveram que ser remodeladas.

Em dezembro de 2019, o novo Coronavírus foi identificado em Wuhan, na China. O vírus logo acometeu outras cidades e, posteriormente, países e continentes, de modo que, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a pandemia de Covid-19, sigla de *Coronavirus Disease* (WHO, 2020). O alerta mundial estabeleceu o isolamento e o distanciamento social como as principais medidas contra a disseminação do vírus. Assim, para que os serviços continuassem ativos, foram adotados o *home office* e a realização de atividades *online*. As instituições universitárias também recorreram à internet, especificamente às redes sociais, para dar continuidade aos trabalhos e divulgar informações à população.

Dessa maneira, pela impossibilidade de realização do acompanhamento aos cuidadores familiares via visita domiciliar, a equipe do projeto vem produzindo, continuamente, materiais como vídeos, infográficos e *folders*, que são disponibilizados pela internet, sobretudo nas mídias digitais, sendo amplamente compartilhados com os cuidadores e a população em geral. Esses materiais versam sobre saúde, orientações para o cuidado de si, práticas de si e autocuidado, com conteúdo sobre atividades que podem ser realizadas no domicílio e envolvem alimentação saudável, exercícios físicos, meditação, etc.

Nesse contexto, extensionistas (MARQUES, 2020; SERRÃO, 2020) manifestaram sua opinião acerca dos desafios que a extensão universitária enfrenta em virtude da pandemia. Decorrente da necessidade de isolamento social, a inviabilidade de movimento e de deslocamento até a população-alvo provoca-nos a pensar em outros modos de manter esse contato. A internet e as mídias sociais, antes utilizadas de forma complementar, tornaram-se a principal forma de mobilização, de articulação e de disseminação dos resultados alcançados.

De fato, as novas tecnologias (VERMELHO *et al.*, 2014) permitem diálogos mais interativos, pois desprendem os indivíduos das limitações de tempo e de espaço, tornando a comunicação mais abrangente. Assim, as mídias sociais possibilitam a disseminação de conteúdo que atende às demandas e mitiga as dificuldades consequentes do isolamento social.

O projeto de extensão "Um olhar sobre o cuidador familiar: quem cuida merece ser cuidado" vem utilizando as redes sociais Facebook, tanto em modo de página (cujo título é "Um olhar sobre o cuidador" [https://www.facebook.com/olharsobreocuidadorfamiliar/]) quanto de perfil (com o nome fictício "Margarida Enf" [https://www.facebook.com/margarida.enf]), e Instagram, sob o usuário "Um olhar sobre o cuidador" (@extensaocuidadorfamiliar_ufpel). Ainda, utiliza a plataforma de compartilhamento YouTube, por meio do canal "Um olhar sobre o cuidador familiar" (https://www.youtube.com/channel/UCRcvxnGVIGCk5aq4vke4SA/about?disable_polymer=true). As mídias sociais YouTube e Instagram foram escolhidas porque são as mais acessadas pelos seguidores das contas do projeto. Além disso, é comum que as pessoas acessem o YouTube em busca de algum vídeo com informações de que necessitem no dia a dia, o que também deve acontecer com os cuidadores.

Diante disso, o objetivo deste capítulo consiste em relatar os conteúdos já publicados e as interações entre as ações extensionistas e os cuidadores familiares em mídias sociais durante a pandemia de Covid-19. Os materiais analisados para a composição deste capítulo foram aqueles publicados na página do Facebook entre março/2020 e 10 de agosto/2020, no perfil do Facebook entre junho/2020 e 10 de agosto/2020, no Instagram entre maio/2020 e 10 de agosto/2020, e no canal do YouTube entre junho/2020 e 10 de agosto/2020.

Os resultados da análise dos conteúdos das publicações e das interações são apresentados de forma descritiva, com a quantificação em relação às ferramentas de interação de cada mídia social e digital. Por exemplo, é possível descobrir quantas pessoas curtiram a página do projeto no Facebook e quantas pessoas a seguem, bem como o número de reações nas postagens, de comentários e de compartilhamentos. Com relação ao perfil do projeto no Facebook, pode-se obter o número de amigos e de seguidores, bem como descobrir o número de reações,

de comentários e de compartilhamentos em cada postagem. No perfil do Instagram, é possível visualizar o número de seguidores e seguidos, bem como o número de postagens, de curtidas, de comentários e de visualizações dos vídeos publicados na IGTV (plataforma de vídeos do Instagram). No canal do YouTube, é possível obter o número de inscritos e, nos vídeos, de *likes*, de comentários e de visualizações. Além disso, foi calculada a média aritmética simples do alcance das publicações desde o dia 30 de março de 2020 tanto para o Facebook quanto para o Instagram.

Extensão virtual: como fazer e quais são os alcances e os resultados possíveis

Com o isolamento social, a internet e as mídias sociais acabaram se tornando o melhor caminho para a difusão de informações e de orientações acerca de diversos temas. Com base nisso, os integrantes do projeto "Um olhar sobre o cuidador familiar: quem cuida merece ser cuidado" optaram por movimentar-se nas mídias sociais, possibilitando a disseminação de informações ao público-alvo e a continuação do trabalho, mesmo que a distância.

O Facebook já era utilizado de maneira complementar pelo projeto de extensão em modo de página, intitulada "Um olhar sobre o cuidador", criada no dia 1º de junho de 2017 com o objetivo divulgar temas de interesse para os curtidores e os seguidores. Porém, a partir do dia 30 de março de 2020, visando à manutenção da abrangência do projeto e reforçando a nova lógica de ações possíveis para o período da pandemia, a atividade na rede foi intensificada: 11 postagens autorais foram feitas, além de oito compartilhamentos de projetos de extensão parceiros. Como resultado, obteve-se uma média aritmética simples de 432,21 pessoas alcançadas. Até o dia 10 de agosto/2020, a página do Facebook possuía 390 curtidas e 395 seguidores. No total, havia 102 publicações e 337 interações na página desde 2017.

No dia 06 de junho de 2020, foi criada uma conta de perfil no Facebook sob o nome "Margarida Enf", uma vez que contas de usuários permitem a participação em grupos específicos de cuidadores, sendo, assim, vantajosas para a divulgação dos materiais produzidos e para

aumentar as interações com pessoas que não são "amigas" ou seguidoras. A partir desse perfil, são compartilhados todos os materiais disponíveis na página "Um olhar sobre o cuidador", bem como outros materiais considerados relevantes para o público-alvo. No total, foram feitas 17 publicações, sendo que, destas, quatro compartilhamentos são provenientes de outras origens, como projetos parceiros ou *sites*. Até o dia 10 de agosto/2020, o perfil possuía 431 amigos e havia tido um total de 53 interações.

Além disso, foram criados um perfil no Instagram e um canal no YouTube. O Instagram é utilizado tanto para publicações próprias do projeto quanto para divulgação de materiais relevantes para o público-alvo. O usuário de acesso é @extensãocuidadorfamiliar_ufpel e foi criado no dia 14 de maio de 2020. Até o dia 10 de agosto/2020, o perfil tinha 343 seguidores e 20 publicações haviam sido realizadas; destas, seis eram republicações de projetos parceiros. No total, 900 interações foram contabilizadas, e a média de pessoas alcançadas foi de 170,8.

Por fim, o canal do YouTube do projeto chama-se "Um olhar sobre o cuidador familiar" e foi criado no dia 06 de junho de 2020. Até o dia 10 de agosto/2020, o canal contava com 47 inscritos e contabilizava 294 interações, considerando os dois vídeos publicados.

Novas publicações vêm sendo feitas semanalmente, possibilitando ainda mais a aproximação aos cuidadores familiares. Em reuniões realizadas de forma remota, a equipe do projeto fez um levantamento de temas de interesse e, depois, a análise de cada um e a consequente seleção daqueles de maior relevância no atual contexto, como sugestões para aliviar a sobrecarga, dicas sobre o cuidado de si, orientações sobre alimentação saudável, etc. A partir disso, foram criados materiais de orientação, como vídeos, *folders*, *flyers* e infográficos, para disseminar as informações.

Reinventar-se na extensão em tempos de isolamento social é experimentar os espaços da internet e das mídias sociais, planejando publicações atraentes, com conteúdo de interesse do público-alvo e, também, do público em geral, bem como observar, nesses espaços, o engajamento em termos interativos, conforme as ferramentas que cada mídia social oferece. Salienta-se que uma mídia social que obtém pouco engajamento não deve ser excluída, uma vez que há pessoas que utilizam apenas uma

das redes sociais e que, portanto, retirar o projeto da rede implicaria inviabilizar o acesso de algumas pessoas às informações. Descobriu-se, por exemplo, que o Instagram e o YouTube possuem um quantitativo significativo de interações quando comparados com o Facebook, tanto em relação à página quanto ao perfil, mas inúmeras pessoas utilizam apenas a última rede. Além disso, conforme mencionado, o perfil do Facebook possibilita o compartilhamento das postagens em grupos específicos de cuidadores, em que ocorrem reações que não foram contabilizadas aqui. Assim, os espaços de mídias sociais, independentemente do nível de engajamento, são potentes ferramentas para o compartilhamento dos temas de interesse no contexto atual.

Como comentado, as interconexões em rede já ocorriam, na extensão, desde antes da pandemia de Covid-19, mas de modo complementar; as atuais necessidades demandaram maiores articulação e aproximação virtuais, de modo a substituir a atuação *in loco* com a comunidade em questão. Por consequência, o desenvolvimento de novas habilidades e competências frente ao uso de mídias sociais e de outras plataformas tornaram-se desafios aos agentes extensionistas. Além disso, a criatividade, o empreendedorismo e outras habilidades relativas à inovação são, hoje, essenciais para o manejo das redes sociais e o efetivo atingimento das demandas do público-alvo (SERRÃO, 2020).

Ainda, destaca-se que, com o auxílio de ferramentas digitais disponibilizadas pelas próprias redes sociais, foi possível descobrir que, no Instagram, o grupo predominante de acesso era do sexo feminino (82%), com faixa etária entre 18 e 24 anos, e da região de Pelotas (75%), e que, no Facebook, o grupo predominante também era feminino (86%), também com faixa etária entre 18 e 24 anos, das regiões de Pelotas e Porto Alegre. Além disso, é importante ressaltar que os temas de cuidado que tiveram maior consumo nas mídias sociais, entre o Instagram, Facebook e YouTube, foram meditação, lazer, cuidando do cuidador e 10 passos para uma alimentação saudável.

É possível que a predominância do público feminino nas redes sociais esteja relacionada ao fato de as mulheres assumirem mais a função de cuidar e, portanto, buscarem mais informações a respeito de como fazê-lo, como mostra uma pesquisa realizada pela Sempreviva Organização Feminista (2020) no contexto da pandemia de Covid-19.

Nessa pesquisa, entre as mulheres entrevistadas, 47% afirmaram ser responsáveis pelo cuidado de outra pessoa e, entre essas mulheres cuidadoras, 57% são responsáveis por filhos de até 12 anos e 6,4% são responsáveis por outras crianças. Esse último dado indica que as mulheres cuidam de crianças para além do núcleo familiar, o que pode se dar tanto em famílias estendidas, envolvendo, por exemplo, sobrinhos, quanto em redes de cuidado que se formam na vizinhança. Já 27% das mulheres cuidadoras afirmaram ser responsáveis por idosos, e 3,5% afirmaram cuidar de pessoas com alguma deficiência. Outro dado interessante apontado pela pesquisa é a redução do apoio de outros membros da família no cuidado com o outro, o que pode fazer as mulheres cuidadoras buscarem, nas redes sociais, estratégias para contornar as dificuldades enfrentadas no atual contexto.

A partir da análise dos resultados, foram construídas duas categorias analíticas, "um olhar (virtual) sobre o cuidador" e "práticas de cuidado ao cuidador", permitindo discutir ações de extensão realizadas por meio das mídias sociais e seus impactos.

Um olhar (virtual) sobre o cuidador

No Instagram, há duas publicações referentes às informações do projeto: uma com detalhes institucionais e outra simplificada e sintetizada. A primeira postagem, datada em 14 de maio de 2020, obteve 20 curtidas, enquanto a segunda, do dia 16 de junho, obteve 32 curtidas. Essas postagens versam sobre o conteúdo do projeto "Um olhar sobre o cuidador familiar: quem cuida merece ser cuidado", trazendo informações sobre as ações, as intervenções e as práticas de cuidado propostas aos cuidadores familiares que estão vinculados ao SAD, tanto no Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) quanto no Programa Melhor em Casa.

Além de postagens com informações sobre o projeto, também foram realizadas postagens com informações sobre o cuidador familiar tanto na página e no perfil do Facebook quanto no Instagram. Na primeira postagem, realizada no dia 18 de junho, intitulada "Quem é o cuidador?", foi definido, de forma sucinta, quem é o cuidador e quais são suas ações

em relação ao cuidado, destacando que ele é um ser humano de qualidades especiais, expressas pelo forte traço de amor à humanidade, de solidariedade e de doação. Ainda, destacou-se que ele é aquela pessoa da família ou da comunidade que presta cuidado à pessoa acometida por limitações em decorrência de uma doença. Na página do Facebook, essa postagem teve sete reações, dois compartilhamentos e nenhum comentário, e, no perfil, obteve uma reação e um compartilhamento. No Instagram, a postagem teve 36 curtidas e um comentário contendo *emojis* de coração e aplausos.

Falar sobre quem é o cuidador familiar em mídias sociais permite que o público-alvo se identifique com a caracterização e que pessoas do público em geral compreendam o papel do cuidador, tão importante para a manutenção do cuidado da pessoa acometida no domicílio. Para Ferré-Grau *et al*. (2011), o cuidador familiar é aquele que assiste (ao) e cuida do outro, o qual está afetado por qualquer deficiência ou incapacidade que comprometa ou impeça o desenvolvimento de suas atividades vitais ou de suas relações sociais. No entanto, Ribeiro *et al*. (2017) argumentam que, a partir do cuidado ao outro, o cuidador familiar, muitas vezes, esquece de si mesmo diante da sobrecarga decorrente das atividades de cuidado e das privações sofridas ao assumir tantas responsabilidades. Desse modo, é importante que os cuidadores façam o exercício de olharem para si mesmos por meio de práticas de si, como reflexão, meditação, escrita de si, lazer e práticas espirituais. Em uma pesquisa (PIMENTA, 2019) realizada por meio de uma página intitulada "Escola de Cuidados", descobriu-se que o cuidador busca orientações e interações nas redes sociais, como Facebook e Instagram, como modo de socializar e de trocar experiências.

A segunda postagem, realizada no dia 26 de junho, versava sobre orientações de cuidado ao cuidador, pois ele tende a estar sobrecarregado em decorrência das atividades e das tarefas que precisa realizar quando assume o cuidado do outro. Assim, foram disponibilizadas informações sobre como o cuidador pode reforçar a musculatura praticando exercícios simples para mãos, dedos, coluna cervical, ombros, braços, tronco e pernas. Além disso, buscou-se estimulá-lo a realizar mais atividades de lazer, como assistir a filmes na televisão, fazer novos amigos na comunidade ou em seu bairro de modo virtual, ou aprender uma atividade nova como forma de distração. Na página do Facebook, essa postagem teve

três reações, 10 compartilhamentos e nenhum comentário, e, no perfil, teve um compartilhamento. No Instagram, a postagem teve 51 curtidas e dois comentários com *emojis* de aplausos.

Na atualidade, o mundo virtual está presente na vida da maioria das pessoas e serve como ferramenta de acesso às informações sobre diversos temas. Nesse contexto, destaca-se a busca pelo tema saúde/doença, incluindo questionamentos a esse respeito (MELO; FONSECA; VASCONCELLOS-SILVA, 2017). Assim, as redes sociais são ferramentas importantes para a divulgação de informações fidedignas no cuidado ao cuidador familiar, sobretudo em um momento no qual utilizar o ambiente virtual é oportuno, se não compulsório.

Práticas de cuidado ao cuidador

A postagem sobre meditação e com a explicação como realizá-la em cinco passos permitiu que cuidadores familiares e demais interessados tivessem acesso a essas informações e, por consequência, pudessem colocá-las em prática por meio do exercício. Essa foi a postagem que obteve o maior número de interações nas mídias sociais. Na página do Facebook, a postagem, realizada no dia 08 de junho, alcançou 1.673 pessoas e obteve seis reações, 15 compartilhamentos e um comentário indicando um amigo por meio de marcação. Já no perfil, a publicação obteve quatro reações e dois compartilhamentos, e, no Instagram, a postagem teve 33 curtidas e dois comentários com marcação de amigos.

Na publicação, foram descritos os cinco passos para se meditar sozinho: 1) reservar de um a dois momentos durante o dia, podendo ser ao acordar ou antes de dormir (um período de 15 a 20 minutos), possibilitando, ao cuidador, uma viagem ao seu interior para alcançar tranquilidade e foco; 2) dispor de lugar calmo no domicílio, com o mínimo de distrações, para facilitar sua concentração, podendo ser a sala, o quarto, o carro, entre outros locais; 3) encontrar uma postura confortável, se possível sentado, com as pernas cruzadas e os pés sobre as coxas, logo acima dos joelhos, e a coluna reta (essa posição não é obrigatória; pode-se meditar deitado, desde que se esteja confortável); 4) controlar a respiração, inspirando profundamente, puxando o ar, utilizando a barriga e

o tórax, e expirando de forma lenta e prazerosa; 5) focar a atenção em algo, geralmente em um mantra, que pode ser um som, uma sílaba ou uma palavra, e que deve ser repetido várias vezes para que exerça um poder específico na mente e auxilie na concentração.

A meditação é uma técnica que proporciona a condução da mente para um estado de calma e relaxamento, por meio de métodos como postura e foco da atenção, no intuito de alcançar tranquilidade e paz interior. Entre os principais benefícios da meditação, estão o auxílio no tratamento da depressão e a diminuição das chances de recaída, o apoio no controle dos níveis de estresse e de ansiedade, a diminuição da insônia, a melhora do foco e do rendimento no trabalho e nos estudos, e o auxílio no controle da pressão alta e da glicemia, em pessoas com diabetes, e no tratamento de distúrbios alimentares e obsessivo-compulsivos.

Dessa forma, por sua relevância, a meditação é compreendida como Prática Integrativa e Complementar pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), aprovada pela Portaria nº. 971, de 03 de maio de 2006 (BRASIL, 2006). De fato, reconhece-se que a meditação proporciona benefícios não apenas para o corpo, mas também para a alma. Essa prática reduz os níveis de cortisol e de adrenalina, melhorando a qualidade do sono e reduzindo a dor, a ansiedade e o estresse (MEDEIROS, 2017).

Além disso, a meditação possibilita refletir sobre as diversas situações vivenciadas, sendo considerada um processo simples e natural que, a partir do silêncio e da concentração, proporciona equilíbrio mental por meio de pensamentos bons, alegres e positivos, eliminando sentimentos negativos (MOYSÉS *et al.*, 2019). Salienta-se que, durante a pandemia de Covid-19, a meditação é uma prática que pode ter muitos impactos positivos na vida dos cuidadores, tanto para promover a qualidade de vida quanto para amenizar as dificuldades vivenciadas durante o cuidado ao familiar.

A postagem sobre os 10 passos para uma alimentação saudável, feita no dia 17 de julho, falava sobre a importância da alimentação saudável e as dificuldades de manter os hábitos saudáveis devido à rotina, à falta de tempo e à facilidade de acesso a alimentos congelados e industrializados. Os 10 passos incluem orientações sobre o número de refeições realizadas ao longo do dia e os tipos de alimentos que devem ser ingeridos, de

forma diversificada e em porções adequadas, como cereais, tubérculos, raízes, legumes e verduras, frutas, leites e derivados, carne vermelha, peixes e ovos. Como base da alimentação, destacam-se o feijão e o arroz, que podem ser consumidos todos os dias ou, pelo menos, cinco vezes por semana. Além disso, a publicação aconselha evitar o consumo de refrigerantes e de alimentos industrializados, reduzir o sal, ingerir bastante água e realizar atividade física todos os dias por, pelo menos, 30 minutos. Na página no Facebook, a postagem obteve um total de três reações, 12 compartilhamentos e nenhum comentário, enquanto, no perfil, "Margarida Enf", obteve duas reações. No Instagram, a postagem obteve 33 curtidas e, no YouTube, 33 *likes* e cinco comentários positivos e elogios, com 126 visualizações.

A publicação sobre alimentação foi uma das mais acessadas. As informações sobre alimentos saudáveis buscou conscientizar os seguidores e provocar uma positiva mudança ou adaptação de seus hábitos alimentares. Essa postagem foi embasada pelo Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2014), que contém informações completas e oficiais. O Guia está disponível no Portal da Saúde do Ministério da Saúde para que a população possa acessá-lo a qualquer momento. Segundo Siqueira (2017), esse material foi produzido a partir da ampla participação da sociedade, de instituições e de cientistas, mas ainda é pouco conhecido por grande parte da população, que utiliza outros meios para se inteirar sobre saúde e alimentação. Assim, a postagem permitiu que informações comprovadas e oficiais sobre o tema fossem divulgadas.

Na página do Facebook, a postagem sobre lazer, realizada no dia 23 de julho, alcançou 1.297 pessoas, obteve quatro reações, 16 compartilhamentos e nenhum comentário, não havendo interações no perfil. No Instagram, a publicação alcançou 220 pessoas, obteve 40 curtidas e nenhum comentário. Já no YouTube, a publicação obteve 22 *likes,* um comentário com elogio e 105 visualizações. O lazer é considerado tempo extratrabalho e extra-atividades diárias, sendo dissociado das tarefas relativas ao cuidar. Esse investimento em atividades prazerosas pode gerar diversão, descanso e entretenimento, além de estimular benefícios para as saúdes física, mental e psicológica. As práticas de lazer podem ser realizadas ao ar livre, em contato com outras pessoas, ou em locais mais

reservados; porém, em tempos de isolamento social, é possível realizar atividades no quintal ou dentro de casa.

Entretanto, uma atividade considerada prazerosa para uma pessoa pode não o ser para outra. Assim, nas postagens do Facebook e do Instagram, foi abordado que, para a escolha de uma atividade de lazer, é importante levar em consideração a curiosidade do cuidador em relação à determinada atividade, suas aptidões e a vontade de desafiar-se. Ademais, destacou-se que as atividades de lazer nem sempre dependem de condições financeiras favoráveis ou de muito tempo disponível, mas que é necessário que o cuidador faça uma autoanálise para identificar seu desejo e sua motivação, começando com pequenos passos até que o lazer se torne um hábito natural e saudável. Alguns exemplos foram sugeridos, como jardinagem, costura, crochê, tricô, fabricação de velas aromáticas, aromatizadores, sabonetes, entre outros.

O espaço virtual também oportuniza, aos indivíduos adeptos aos processos tecnológicos, a fruição do lazer (CARDOSO *et al.*, 2019). Com base nisso, as estratégias extensionistas fomentaram as práticas de lazer, que outrora eram incentivadas presencialmente e pontualmente para os cuidadores acompanhados. A divulgação virtual permitiu um alcance maior de pessoas, cuidadoras ou não, em um curto período.

Ainda que, cada vez mais, haja uma série de críticas negativas às mídias sociais, sobretudo no que concerne à perda de referência ou à alienação diante das telas, o lazer por meio das redes ganha destaque por, potencialmente, promover a humanização, o espírito do coletivo e, de modo mais individual, o reencontro consigo mesmo (CARDOSO *et al.*, 2019). A publicação sobre lazer, de fato, obteve um consumo exitoso, indo ao encontro de sua importância no atual momento de isolamento social e de maior tempo livre.

Na postagem do dia 31 de julho de 2020, foram recomendados sete filmes para refletir sobre amor, amizade, fraternidade e voluntariado: *Divertida Mente*, *Lion: uma jornada para casa*, *Patch Adams*, *Victoria e Abdul: o confidente da rainha*, *Amizades improváveis*, *Paddleton* e o *Milagre da cela 7*. Nos filmes indicados, é possível observar práticas de cuidado, abordando a proposta do projeto em questão e, portanto, oportunizando reflexões acerca do conteúdo. Ademais, os filmes possuem um olhar sensível para o cuidar do outro e para si. A publicação atingiu 457 pessoas na

página do Facebook, totalizando três reações, nove compartilhamentos e nenhum comentário, enquanto, no perfil, obteve apenas uma reação. No Instagram, 203 pessoas foram alcançadas, com 30 curtidas.

No dia 07 de agosto de 2020, foi feito um *post* com dicas sobre quatro livros para pensar sobre feminismo, percepção de tempo e cuidado: *Os homens explicam tudo para mim*, *Devagar*, *É tempo de cuidar, eles envelheceram, e agora?* e *Cuidador familiar: o autocuidado por meio do desenvolvimento de competências pessoas-sociais*. Os livros podem ser capazes de transportar o(a) leitor(a) para lugares, momentos, pensamentos e histórias, provocando mudanças internas e externas, uma vez que o conteúdo exposto propõe reflexões. Os livros também se tornam uma opção de refúgio, podendo ampliar o pensamento, levando ao relaxamento, ao lazer e à descontração para quem os lê. Na página do Facebook, essa publicação alcançou 456 pessoas e obteve uma curtida e 16 compartilhamentos, enquanto, no perfil, obteve uma reação. No Instagram, 217 pessoas foram alcançadas e a publicação recebeu 29 curtidas.

A publicação de dicas, tanto de filmes quanto de leituras, estimula os cuidadores a acessá-los, reservando um tempo para si e para a aquisição de conhecimento. Assistir a um filme ou ler um livro integra as práticas de si e de cuidado de si, pois os acontecimentos e os fatos mostrados ou relatados permitem a identificação e afastamentos, por meio do olhar para si mesmo, a partir da relação que se estabelece com a história. Na literatura científica, buscou-se por indicações de filmes e de livros para divulgar nas mídias sociais, mas não foram encontrados resultados, de forma que a interconexão com outros artigos científicos não foi possível.

Sem pretensões de finalizar...

Neste período pandêmico, que apresenta modificações no cotidiano e nas relações pessoais, sociais e ocupacionais, é necessário reinventar-se, aprender formas de fazer-se presente. Nesse sentido, as mídias sociais vêm sendo um veículo eficiente e potente para manter as interações e o relacionamento com os cuidadores acompanhados pela equipe extensionista do projeto. Contudo, observou-se a necessidade de elencar conteúdos interessantes e atraentes, bem como as interações e o quantitativo

delas em cada mídia social. Diferentemente das práticas realizadas de forma presencial, não foi possível avaliar/aferir/estimar mudanças nos hábitos das pessoas alcançadas, embora a reação (curtida, *like*, *emoji*) permita identificar a preferência por determinados temas (consumo de informações).

Devido à pandemia de Covid-19, acentuam-se as dificuldades do cuidador, sobretudo daquele que desempenha o cuidado 24 horas por dia, muitas vezes de forma solitária, e que já apresentava sobrecargas física, psicológica e/ou social antes do atual contexto. Torna-se necessário, assim, repensar as práticas de cuidado de si possíveis de serem realizadas, e as mídias sociais permitem certa aproximação da equipe extensionista para a continuidade da promoção e da divulgação de práticas de cuidado que objetivam a melhora na qualidade de vida.

Portanto, a realização das ações extensionistas de modo virtual, por meio das mídias sociais, permitiu a continuidade de atenção disponibilizada aos cuidadores familiares, de modo que pudessem receber informações úteis, de acordo com o tema de seu interesse. Entretanto, é importante destacar que se trata de uma estratégia alternativa, que não substitui as ações presenciais, nas quais são realizadas intervenções que promovem a saúde do cuidador de acordo com suas necessidades. A impossibilidade de propor intervenções de forma individualizada ao cuidador, com um acompanhamento próximo, de acordo com suas especificidades, é um fator negativo identificado pela equipe extensionista, visto que não se sabe, ao certo, se as publicações efetivamente auxiliaram o cuidador.

A identificação dos temas mais consumidos nas mídias sociais do projeto durante o período estipulado foi essencial para a elaboração e o ajuste de um cronograma de desenvolvimento de vídeos, *folders*, *flyers* e infográficos. A continuidade das publicações do projeto permite uma aproximação com os cuidadores familiares e com a população em geral, que também tem buscado formas de aliviar as tensões diárias advindas do isolamento social.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://bvsms.sauvde.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_para_a_pop_brasiliera_miolo_internet.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 971 de 03 de maio de 2006**. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde. 2006. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html>. Acesso em: 09 ago. 2020.

CARDOSO, F. S. *et al*. Redes sociais e sociabilidade: práticas e percepções acerca dos usos do Facebook no lazer. **LICERE (Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em estudos do Lazer)**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 91-121, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/12312>. Acesso em: 09 ago. 2020.

FERRÉ-GRAU, C. *et al*. **Guía de Cuidados de Enfermería:** Cuidar al Cuidador en Atención Primaria. 1.ed. Tarragona: Publidisa, 2011. Disponível em:<https://www.urv.cat/dinferm/media/upload/arxius/guia%20cuidados%20infermeria.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

MARQUES, G.E.C. A Extensão Universitária no Cenário Atual da Pandemia do COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**, São Luís, v. 04, n. 01, p.42-43, 2020.

MEDEIROS, A. M. Práticas integrativas e complementares no SUS: os benefícios do Yoga e da Meditação para a saúde do corpo e da alma. **Revista Eletrônica Correlatio,** São Paulo, v. 16, n. 2, p.283-301, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/8369/6145>. Acesso em: 09 ago. 2020.

MELO, M. C.; FONSECA, C. M. F.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. Internet e mídias sociais na educação em saúde: o cenário oncológico. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristovão, n. 27, p. 69-83, 2017.

Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/7486>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MOYSÉS, M. P. P. *et al*. Benefícios da meditação – meditação: quais os benefícios?. *In*: X Salão de Ensino e de Extensão. XXV Seminário de Iniciação Cientifica, 2019, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos** [...]. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2019. Disponível em: < https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/semic/article/view/19711>. Acesso em: 09 ago. 2020.

OLIVEIRA, S. G. *et al*. Quem cuida merece ser cuidado: necessidades de cuidadores familiares evidenciadas em atividades extensionistas. *In*: MICHELON F. F; BASTOS, M. B. **Ações extensionistas e o diálogo com as comunidades contemporâneas**. Pelotas: UFPel, p. 124-145. 2019.

PIMENTA, M. E. F. O ato de cuidar: pesquisa acadêmica desdobrada em redes sociais. **Revista do EDICC** [da] Universidade Estadual de Campinas, Campinas, v. 6, p. 258-265, 2019. Disponível em: <http://ocs.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/6499>. Acesso em: 12 ago. 2020.

RIBEIRO, B. F. *et al*. Práticas de si de cuidadores familiares na atenção domiciliar. **Revista Cuidarte**, Bogotá, v. 8, n. 3, p. 1809-1825, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/cuid/v8n3/2216-0973-cuid-08-03-1809.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SERRÃO, A. C. P. Em Tempos de Exceção como Fazer Extensão? Reflexões sobre a Prática da Extensão Universitária no Combate à COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**, São Luís, v. 04, n. 01, p.47-49, 2020.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**; 2020. Disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/>. Acesso em: 10 set. 2020.

SIQUEIRA, Á. C. **Comunicação e alimentação saudável nas redes sociais:** um estudo de caso do programa “Do Campo à Mesa”. 2017. 199 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de estudos avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330361/1/Siqueira_AdriaCosta_M.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

VERMELHO, S. C. *et al*. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação e Sociedade (online)**. Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302014000100011&script=sci_abstract&tlng=pt > Acesso em: 15 ago. 2020.

WHO. World Health Organization. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19)**: Situation Report 51. 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331475/nCoVsitrep11Mar2020-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jul. 2020.

Sobre as autoras

RENATA GONÇALVES DE OLIVEIRA, graduanda da Faculdade de Enfermagem da UFPel, Bolsista de Extensão.
E-mail: renata566oliveira@gmail.com

STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA, graduada em Enfermagem na UFSM. Doutora em Enfermagem pela UFRGS. Professora Adjunta III da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Coordenadora.
E-mail: stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

JÉSSICA SIQUEIRA PERBONI, graduada em Enfermagem na UFPel. Mestre em Ciências pela UFPel. Professora Substituta da Faculdade de Enfermagem da UFPel e discente do Doutorado do PPGENF. Colaboradora.
E-mail: jehperboni@yahoo.com.br

MICHELE RODRIGUES FONSECA, graduada em Enfermagem na UFPel. Mestranda do PPGENF da UFPel. Bolsista Capes. Colaboradora.
E-mail: michelerodrigues091992@gmail.com

CAMILA TRINDADE COELHO, graduada em Enfermagem na Anhanguera. Mestranda do PPGENF da UFPel. Colaboradora.
E-mail: trielho_camilla@hotmail.com

CAMILA ALMEIDA, graduada em Enfermagem na UFPel. Doutora em Ciências pela UFPel. Analista enfermeira fiscal do Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul. Voluntária.
E-mail: almeidakk@yahoo.com.br

TELECONSULTA: AÇÃO DE EXTENSÃO E EDUCAÇÃO NO CUIDADO ÀS PESSOAS COM SÍNDROMES GRIPAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID -19

Afra Suelene de Sousa
Gabriela Lobato de Souza
Ângela Roberta Alves Lima
Evelyn De Castro Roballo
Mariana Fonseca Laroque
Lieni Fredo Herreira

A teleconsulta – uma ação de extensão no cenário da pandemia da COVID-19

A extensão universitária é um processo acadêmico que aproxima a Universidade da sociedade, trabalhando com o objetivo de responder às demandas e expectativas, reconhecendo a diversidade e as necessidades da população. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional

2015-2020 da Universidade Federal de Pelotas, a extensão, em uma de suas ações, visa a troca e a solidariedade na produção do conhecimento, bem como da cultura e a divulgação científica na sociedade.

Corroborando com essa ideia, Paula (2013) entende que o objetivo principal da extensão é compartilhar com a comunidade os seus conhecimentos e tecnologias para promover melhorias na vida de todos os sujeitos envolvidos nas ações. Nesse sentido, os benefícios das atividades extensionistas alcançam a população que recebe novos conhecimentos, tecnologias, promoção e prevenção, assim como enriquecem a formação e a capacitação dos indivíduos, que promovem tais atividades, ampliando seus campos de referência e o seu contato com questões teórico-metodológicas, que reafirmam e concretizam os compromissos éticos e solidários das universidades públicas brasileiras (FORPROEX, 2012; RODRIGUES *et al.*, 2013).

A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (FEn/UFPel), desde a sua criação, no ano de 1976, procura reafirmar a importância da extensão universitária, assim como o ensino e a pesquisa, como um dos pilares da formação dos profissionais enfermeiros. Acredita que as ações extensionistas, sejam estas realizadas mediante projetos ou programas, se constituem em dimensão formativa essencial, direcionada para a produção do conhecimento e para a formação acadêmica inovadora e socialmente comprometida com os valores de desenvolvimento humano.

Ao longo do tempo, a instituição sempre esteve em constante interlocução e interação com a comunidade, seja por meio dos serviços de saúde, dos seus representantes, ou dos grupos sociais diversos, desenvolvendo ações de extensão através de atividades presenciais no cotidiano das pessoas, de modo a contribuir com os interesses coletivos, com a formação crítica dos seus discentes e com práticas participativas e cidadãs.

Considerando o cenário excepcional e emergencial que estamos vivendo, em virtude da pandemia da COVID-19, faz-se necessário que estejamos atentas às recomendações das autoridades de saúde relacionadas aos cuidados sanitários, tais como o isolamento e o distanciamento sociais, como medida para evitar o contágio pelo novo coronavírus. Neste contexto, houve a necessidade de repensar as estratégias metodológicas

das práticas de extensão desenvolvidas, procurando encontrar maneiras de seguir cumprindo o seu papel social, em favor da saúde da população em um momento tão difícil para todos. A extensão, que sempre procurou estar perto da sociedade, teve que adotar estratégias no mundo virtual para informar, atender, assistir, auxiliar e capacitar a população em tempos de COVID-19. Para isso, foi preciso entender melhor o novo contexto e os sentimentos que a população e a comunidade acadêmica estavam vivenciando (MARQUES, 2020; MOURA, 2020).

Percebendo a necessidade destas mudanças e considerando as orientações sobre a importância do distanciamento social, bem como o advento de tecnologias de informação e comunicação, a FEn/UFPel passou a se inserir em um projeto de criação e organização de um serviço de saúde, de forma remota, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas/RS (SMS/Pel) e outras instituições de ensino do município. No projeto, docentes, servidores técnico-administrativos em educação e discentes da pós-graduação estão engajados e atuando nos atendimentos remotos para a população, fornecendo informações sobre os sinais e sintomas da COVID-19 e realizando as orientações conforme os protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde e pela SMS/Pel.

Assim, um grupo de profissionais da Fen/UFPel, para dar continuidade às ações de extensão do curso, considerou ser oportuno desenvolver um projeto de extensão que fosse relevante para a comunidade nesse momento de pandemia, em que as pessoas se encontram isoladas, algumas em situação de vulnerabilidade social, precisando de cuidados em saúde, como orientações, avaliações clínicas e encaminhamentos dentro da rede de saúde.

Nesse sentido, surgiu então o projeto de extensão **"Teleconsulta: ações de educação e cuidados no atendimento a pessoas com síndromes gripais"**, que desempenha um importante papel na promoção da saúde dos usuários do SUS, na prevenção do contágio da COVID-19 e na redução dos agravos em saúde que esta doença possa causar. Destaca-se que ao diminuir a circulação de pessoas dentro dos serviços de saúde, reduz também a circulação do coronavírus e a sua disseminação. O projeto ainda contribui com a educação permanente dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/PPGEnf-UFPel envolvidos neste serviço, que estão tendo a oportunidade de vivenciar novos modos

e espaços de prestar cuidado às pessoas, modelo este que opera mediante ferramentas digitais, de forma remota, e que evita o contato pessoal entre os profissionais e usuários. Nesse sentido, a participação dos alunos nas ações de extensão vai ao encontro da Política Nacional de Extensão (2012), a qual enfatiza que a incorporação de estudantes de pós-graduação em ações extensionistas deve ser estimulada, contemplando programas de mestrado, doutorado ou especialização, o que pode levar à qualificação tanto das ações extensionistas quanto da própria pós-graduação (FORPROEX, 2012).

A Teleconsulta em Pelotas/RS como estratégia de assistência à saúde das pessoas com Síndromes Gripais

No início do ano de 2020, a pandemia causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), conhecida atualmente como COVID-19, exigiu que os serviços de saúde e os profissionais inseridos no Sistema Único de Saúde (SUS) pensassem formas de reorganizar para otimizar a utilização dos recursos, a fim de oportunizar atendimento seguros as pessoas, evitando a circulação desnecessária nos serviços de saúde.

Nesse contexto, emergiu a possibilidade de utilizar tecnologias da informação por meio das ações de telessaúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a telessaúde é a oferta de serviços em saúde à distância por profissionais da área devidamente capacitados e qualificados, proporcionando a troca de informações pertinentes para diagnóstico, tratamento e prevenção de agravos, bem como para pesquisa, avaliação e educação em saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO, 1997).

Para o Ministério da Saúde (2019), o conceito de telessaúde é atrelado ao conceito de interação. Desse modo, caracteriza-se pela interação entre os sujeitos que cuidam, os usuários do sistema de saúde, gestores e ainda destes com outros agentes do sistema. Por ser tratar de uma metodologia de interação e de integração, cujo conteúdo é a informação transmitida por via eletrônica, possibilita o manejo de diversos mecanismos de regulação e coordenação do cuidado em saúde.

No campo da telessaúde, as ações desenvolvidas são nomeadas de acordo com os sujeitos envolvidos e conforme a finalidade a que

se propõem. Nesse sentido, tais ações são descritas e distinguidas por meio dos termos teleconsulta, teleconsultoria, telediagnóstico, telecirurgia, telemonitoramento, teleducação e segunda opinião formativa. No que se refere especificamente à teleconsulta, o termo diz respeito à "consulta remota mediada por tecnologia, na qual o profissional de saúde e o paciente estão em diferentes espaços geográficos" (PORTO ALEGRE, 2020, p. 05).

Pygall (2018) acrescenta que uma teleconsulta pode abranger desde o atendimento pré-clínico com avaliação de risco até o suporte enquanto se aguarda uma consulta presencial. Para a autora, a ferramenta tem como objetivo prestar um atendimento de qualidade e resolutivo, tanto para o usuário quanto para o profissional de saúde, além de avaliar a necessidade de atendimento presencial e, quando identificada tal necessidade, proceder aos encaminhamentos pactuados nas redes de atenção. Sob esta perspectiva, a incorporação da prática da teleconsulta no processo de trabalho dos profissionais de saúde foi uma das medidas para evitar que as pessoas com síndrome gripal e suspeita da COVID-19 tenham que sair de casa para buscar os serviços de saúde. Assim, o referido serviço constitui uma alternativa para que os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) sejam assistidos por um profissional de saúde, relatem seus sintomas e recebam orientações e encaminhamentos sem precisar sair de sua residência.

Há mais de duas décadas a OMS vem trabalhando sobre a temática da telessaúde e desde 2006 o Ministério da Saúde vem investindo e estimulado estas ações como estratégias importantes de assistência. Entretanto, este tipo de atendimento à distância, no Brasil, ainda encontra resistências na incorporação e utilização dos avanços tecnológicos disponíveis. Tal oposição se refere tanto aos entraves legais, como ao acesso por parte da população mais vulnerável economicamente a estas tecnologias, bem como a necessidade de proporcionar um cuidado integral e de qualidade de forma não presencial (BRASIL, 2019).

No que se refere à legislação, com a declaração do estado de emergência sanitária global pela COVID-19, houve modificação em pareceres e resoluções dos conselhos de classe, flexibilizando critérios para oportunizar a implantação das ações de telessaúde. Desse modo, a teleconsulta começou a ser exercida em território nacional amparada na Portaria 467,

de 20 de março de 2020, do Ministério da Saúde (MS) e na lei Nº 13.989, de 15 de abril de 2020, que dispõe em caráter excepcional e temporário sobre as ações de telemedicina. Somam-se a estes documentos legais, o Parecer 1756/2020, do Conselho Federal de Medicina, a resolução 634/2020, do Conselho Federal de Enfermagem, e as resoluções 11/2018 e 04/2020, do Conselho Federal de Psicologia. Todos abrangem a justificativa do caráter excepcional e temporário para enfrentamento da pandemia às ações da teleconsulta.

Para viabilizar o serviço da teleconsulta no município de Pelotas/RS, foi fundamental a parceria entre a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Hospital de Escola da Universidade Federal de Pelotas/Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (HE-UFPEL/EBSERH, Companhia de Informática de Pelotas (Coinpel) e Secretaria de Saúde Municipal de Pelotas (SMS/Pel), como uma alternativa que permitisse, durante a pandemia, ofertar atendimento seguro, eficiente e oportuno, orientando e monitorando os portadores de síndromes gripais, visando evitar a ida das pessoas aos serviços de saúde em casos em que não há esta indicação.

Além de otimizar a utilização dos recursos de saúde, a teleconsulta foi pensada para que os profissionais atuem remotamente, de seus domicílios. Com isso, os profissionais pertencentes aos grupos de risco também poderiam atuar na linha de frente de combate à pandemia.

O serviço de teleconsulta conta com a participação de profissionais da área da saúde, como médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, educadores físicos, entre outros, no total de 103 (cento e três) profissionais que realizam atendimento pré-clínico por telefone à população de Pelotas, norteados por protocolos pré-estabelecidos pelo Ministério da Saúde, Secretaria Estadual do Estado do Rio Grande do Sul (SES/RS) e SMS/Pel.

Os profissionais que atuam na teleconsulta são, na maioria, profissionais de saúde vinculados às instituições parceiras anteriormente citadas, sendo eles: professores, discentes da pós-graduação e servidores técnico-administrativos em educação que estão afastados das suas atividades presenciais por decorrência da situação de emergência em saúde pública pela COVID–19.

Para a viabilização desse serviço, primeiramente buscou-se o desenvolvimento de um software que permitisse a realização de um prontuário,

para armazenamento dos dados dos atendimentos e acompanhamento dos usuários atendidos. Criou-se então, junto ao Sistema de Informação que a SMS utiliza, um prontuário eletrônico, que o profissional de saúde acessa remotamente, que permite acompanhar os dados do usuário e realizar encaminhamentos junto aos serviços municipais de saúde.

Após essa etapa organizou-se a central da teleconsulta para efetuar atendimento via telefone com ligações do 0800, em um sistema em que os profissionais e usuários estivessem remotamente. A teleconsulta foi organizada com três opções de atendimento, sendo a primeira linha (opção 1) para triagem e orientações das pessoas com suspeita de COVID-19 e operada de forma interdisciplinar pó profissionais da área da saúde; a segunda linha (opção 2) é indicada a usuários com sintomas gripais e casos mais graves é atendida por médicos; a terceira linha (opção 3) é destinada àquelas pessoas que estão preocupadas com a situação da COVID-19 e desejam conversar com alguém, pois esta linha de atendimento dispõe de psicólogos. Todas as ligações passam por um sistema de classificação, no qual o profissional, com base em um questionário preestabelecido, identifica a necessidade do usuário e realiza o atendimento.

Depois da triagem feita pelos profissionais da teleconsulta, os usuários adultos que apresentam sinais de gravidade são encaminhados a Unidade de Pronto Atendimento de referência para a COVID-19 (UPA), e as crianças até 12 anos são encaminhadas ao Centro COVID-19. Os usuários que apresentam sintomas leves de síndrome gripal e as pessoas que têm contato próximo de usuários com diagnóstico de COVID-19 assintomáticos são encaminhados à Unidade Básica de Saúde (UBS) mais próxima de seu domicílio para avaliar as condições clínicas. Além disso, a teleconsulta faz os encaminhamentos para os serviços de saúde disponíveis no município para que seja avaliada a condição clínica e a necessidade de testagem (RT-PCR e sorológica Sars-Cov-2) do usuário e seus contactantes, conforme os protocolos vigentes no município.

Além do que foi exposto anteriormente, os profissionais da teleconsulta realizam interlocução com a Vigilância Epidemiológica (Vigep) do município, repassando os casos de síndrome gripal que pela primeira triagem se encaixam dentro dos protocolos para realização de testagem. Então, a Vigep realiza o contato com esses usuários para agendamento de coleta domiciliar. Em alguns casos, é preciso apenas fornecer ao usuário

o número de telefone da Vigep para que ele possa pedir informações sobre as testagens e informar casos positivos.

Processo de trabalho do serviço de teleconsulta

O serviço de teleconsulta do município de Pelotas/RS teve seu início no dia 13 de abril de 2020 com a formação de um grupo de trabalho interdisciplinar que ancorou as suas ações nos protocolos de enfrentamento à COVID-19, que foram disponibilizados pelo Ministério da Saúde, Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul e protocolos municipais. Assim, a teleconsulta propiciou à população residente em Pelotas a oportunidade de acessar o serviço efetuando ligações na forma de discagem direta gratuita.

O serviço funciona no período das 8h às 18h, de segunda a domingo, em que todas as informações são gravadas e armazenadas, o que possibilita o acompanhamento das pessoas atendidas, a tomada de decisões e a geração de dados que poderão auxiliar no entendimento da evolução da pandemia no município de Pelotas. Todas as pessoas que acessam a central passam por um sistema de classificação, na qual o profissional com base em um questionário pré-estabelecido identifica a necessidade do usuário, realiza o atendimento pré-clínico, faz os encaminhamentos necessários e efetua o registro do atendimento. As orientações e condutas são baseadas no Protocolo de Manejo Clínico do Coronavírus (COVID-19) e na Atenção Primária à Saúde (2020).

Além de atender aos usuários que buscam apenas orientações e não possuem sintomatologia, a central identifica tanto os pacientes com sintomas leves quanto aqueles que apresentam sinais de gravidade (dispnéia, desconforto respiratório, piora de condições clínicas de doenças preexistentes). Conforme avaliação, tais usuários assintomáticos ou com sintomas leves poderão ser orientados desde apenas manter isolamento domiciliar, adotar medidas de distanciamento, reforçar cuidados de higiene, separar os utensílios domésticos e utilizar máscara, bem como podem ser encaminhados para atendimento na rede básica de saúde. Outra orientação importante se refere aos tipos de testagem e momento oportuno para realização de cada teste, assim

como orientações específicas para pacientes que testaram positivo para a COVID-19 e seus contatos domiciliares ou de ambiente de trabalho.

Cabe destacar que o serviço de teleconsulta está organizado de forma a realizar o monitoramento dos casos de pessoas com síndrome gripal e aquelas orientadas a buscar o atendimento médico presencial, bem como dos usuários que testaram positivo para COVID-19 e seus contactantes. O monitoramento é realizado por estudantes do curso de Medicina das instituições envolvidas, supervisionados por professores.

O serviço da teleconsulta foi organizado para dar cobertura a toda população do município de Pelotas/RS, que corresponde a aproximadamente 328 mil pessoas (IBGE, 2010), sendo que a estrutura da central permite atender de 300 a 400 ligações por dia.

Segundo os dados dos relatórios do sistema de informação em saúde do serviço de teleconsulta de Pelotas/RS, no período entre 13 de abril a 04 de agosto de 2020, foram realizados 4.860 atendimentos nas três linhas, destes, 579 foram para realizar orientações gerais, 486 usuários foram encaminhados à Unidade Básica de Saúde mais próxima de sua residência para avaliação das manifestações clínicas, 243 foram encaminhados à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) por referirem sintomas mais graves, 205 foram transferidos à teleconsulta médica para orientações mais específicas acerca do quadro clínico, 1.887 foram orientados a manter isolamento domiciliar, além dos demais cuidados necessários para evitar a transmissão do vírus, e 1.326 atendimentos foram teleconsulta médica e psicológica. Nesse período, 134 usuários ficaram em monitoramento pelo serviço de teleconsulta, em que foram realizados contatos telefônicos periódicos para acompanhar a evolução do estado de saúde dos mesmos e de seus familiares, conforme aprazado. Identificou-se que as pessoas que telefonam para o serviço com sintomas gripais realizam essa procura, em média, no quarto dia do início dos sintomas.

Os dados desses mesmos relatórios mostram que as pessoas entre 13 e 60 anos são as que mais procuram o serviço (83,4%), seguidos pelos idosos, que são os maiores de 60 anos (14.8%). O público atendido predominante é feminino, representando 73,4 % dos atendimentos.

Com o aumento do número de casos da COVID-19 no município, identificou-se que a população começou a buscar o atendimento com

necessidade de ter orientações para todo o grupo familiar. As empresas também buscam o serviço para saber como devem proceder nas situações em que os trabalhadores estão com suspeita ou confirmação da COVID-19. Cabe destacar que tal achado preocupa já que denota que o contágio e propagação do vírus estão ocorrendo em grandes grupos (familiar/ trabalho), fazendo com que as orientações para prevenção do vírus sejam cada vez mais necessárias e de qualidade para toda população, a fim

de diminuir a curva e crescimento do contágio no município.

Os relatórios ainda evidenciam que a maioria das pessoas que procuram o serviço recebe encaminhamento para manter o isolamento domiciliar. Em segundo lugar, ficam os encaminhamentos para as Unidades Básicas de Saúde e uma parcela menor dos atendimentos é redirecionada para o teleatendimento médico e para os serviços de saúde que prestam cuidados de urgência e emergência aos casos de suspeita e confirmação de COVID-19, como a UPA e o centro COVID-19.

No que se refere ao grupo de trabalho da FEn/UFPel, os docentes, enfermeiros e discentes do PPGEnf-UFPel se inserem em uma escala de trabalho semanal, desenvolvendo ações extensionistas mediante atendimentos remotos na linha 1. Além das ações de educação e atenção à saúde dos usuários, o grupo que participa do projeto se reúne periodicamente para avaliar o processo de trabalho da teleconsulta e realiza atualizações científicas sobre o tema da COVID-19 através de grupo de estudo. Destaca-se que as ações do projeto de extensão são feitas articulando o cuidado em saúde de indivíduos, famílias e coletividades no contexto da atenção primária do SUS.

A Teleconsulta e o processo de comunicação em saúde

A Teleconsulta exigiu o desenvolvimento de habilidades refinadas de comunicação, com o exercício da escuta qualificada e a ação dialógica verbal. Durante a pandemia a COVID-19 a ação dialógica verbal superou o ato técnico e automatizado, exigindo a capacidade de compreender e entender o outro, na ausência do contato físico e da possibilidade de outras interações não verbais. O cuidado pautou-se em saber ouvir e intervir com ações compreensivas e humanizadas.

Os profissionais buscaram estabelecer uma relação que ultrapassa a superficialidade de um atendimento, promovendo acolhimento em relação ao que é falado, para facilitar a compreensão ampliada da história e das necessidades daqueles que buscavam esse atendimento. Entende-se que essa ação aproxima-se da *ação comunicativa*, de Habermas (1987, 1989), que busca apreender as manifestações da realidade do indivíduo, em que o uso da linguagem, sobretudo a verbal, está sempre determinada pelas condições reais em que o diálogo se efetiva.

No entanto, para se chegar a um entendimento por meio da linguagem, o cuidador e o ser cuidado ao se comunicarem necessitam possuir um quadro de referência em comum, especificando sentido aos seus atos de fala, o qual foi possível estabelecer pelo fato dos profissionais já atuaram com a população da cidade, em outros serviços antes da pandemia, portanto eram conhecedores da cultura local e pelo impacto que essa pandemia causou e tem causado na vida de todos, bem como pela intensa cobertura de notícias em todas as mídias, que permitiram criar esse quadro de referência comum.

Ainda assim é possível destacar algumas dificuldades neste processo de comunicação, tais como as expressões não verbalizadas estarem limitadas a uma ligação telefônica, o que pode interferir na conduta clínica e nas orientações fornecidas, bem como as tecnologias utilizadas, pois alguns softwares acabam padronizando a conduta e o raciocínio dos profissionais, dependendo da maneira como estão organizados, fazendo com que este cuidado não seja individualizado e integral, até mesmo nos levando a pensar em uma comunicação mecânica (BARBOSA *et al.*, 2016).

Existem também outras condições que influenciam nesta comunicação e levantamento de dados, como o estado de saúde dos usuários, pela própria emissão da fala, a impossibilidade do profissional em visualizar aspectos relacionados a sinais e sintomas referidos, além de, muitas vezes, a atenção deste ficar comprometida em função da manipulação do computador concomitantemente com a entrevista/conversa (BARBOSA *et al.*, 2016).

Estes são alguns pontos levantados pelas vivências em consonância com estudos realizados sobre a temática. Em contrapartida, foi perceptível o empenho dos profissionais do teleconsulta em desenvolver estratégias que facilitassem a compreensão das falas emitidas por ambos,

seja o profissional através das orientações e questionamentos, seja pelo usuário com suas demandas. Sempre na expectativa de proporcionar a esse a sensação de proximidade e segurança para que pudessem expressar suas necessidades e sentimentos.

Considerações finais

Os desafios impostos pela Pandemia da COVID-19 exigiram o planejamento e a implementação de ações que ofertassem à população um atendimento oportuno e seguro, que garantissem o distanciamento social pertinente ao momento. Nesse sentido, superar a distância geográfica requer aprender e exercer diferentes formas de cuidar e relacionar-se com os usuários dos serviços de saúde. Sob esta perspectiva, a teleconsulta de Pelotas/RS apresentou-se como uma possibilidade inovadora de cuidado a ser implementada no Sistema Único de Saúde.

Diante do período pandêmico que estamos vivenciando, frente às novas restrições demandadas, como distanciamento, isolamento social ou quarentena, emergiram também os desafios de como pensar e realizar a prática extensionista, principalmente aquela que desenvolvemos junto à comunidade e com os grupos sociais mais vulneráveis. Nesse sentido, acreditamos que as ações de extensão mobilizam esforços por parte dos discentes, docentes, trabalhadores e gestores dos serviços de saúde para execução de atividades com o propósito social, promovendo e fortalecendo a interação entre o meio acadêmico e a comunidade.

Esse novo modelo de atenção à saúde apresenta limites por vezes tênues difíceis de visualizar, que possuem regras próprias que visam à construção e à implementação de outra forma de cuidado e interação entre profissional de saúde e ser cuidado, que requer coragem, ousadia, criatividade, inovação, tenacidade e comunicação.

Espera-se que ao ter acesso ao serviço de teleconsulta, os usuários com síndrome gripal e aqueles que têm necessidade de esclarecer dúvidas sobre a pandemia do novo coronavírus, ou mesmo aqueles que estão se sentindo angustiados em função do isolamento possam ter uma alternativa de ser escutado e avaliado por um profissional de saúde, relatar seus sintomas e receber encaminhamentos sem sair de casa.

Tais possibilidades configuram uma estratégia muito importante para minimizar os efeitos da propagação da doença e da referida pandemia.

Referências

BARBOSA, I. de A. *et al*. O processo de comunicação na telenfermagem: revisão integrativa. **Rev. Bras. Enf. Brasília**, v. 69, n. 4, p. 765-772, Aug. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000400765&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Metodológico para Programas e Serviços em Telessaúde [recurso eletrônico]**. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Departamento de Ciência e Tecnologia. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Protocolo de Manejo Clínico do Coronavírus (Covid-19) na Atenção Primária à Saúde**. Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS), Versão 9. Brasília, DF: maio de 2020.

BRASIL. **Portaria nº 467, de 20 de março de 2020**. Ações de Telemedicina. Diário Oficial da União: seção 1- extra, Brasília, DF, p. 1, 23 março. 2020. Disponível em: < https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-467-de-20-de-marco-de-2020-249312996>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.989, de 15 de abril de 2020**. Dispõe sobre o uso da telemedicina durante a crise causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 16 abril. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução 634/2020, de 26 de março de 2020**. Utilização da teleconsulta de Enfermagem. Brasília, 2020. Disponível em:<http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-0634-2020_78344.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Ofício 1756, de 19 de março de 2020**. Utilização da telemedicina. Brasília, 2020. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/images/PDF/2020_oficio_telemedicina.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução 4/2020, de 26 de março de 2020**. Utilização de serviços psicológicos por meio da tecnologia durante a COVID-19. Brasília, 2020. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=004/2020>. Acesso em: 26 mar. 2020.

FORPROEX. Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão**. Manaus, 2012. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/files/2019/05/Politica_Nacional_de_Extensao_Forproext_2012.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2020.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro (RJ): Tempo Brasileiro; 1989.

HABERMAS, J. **Teoria de La Acción Comunicativa**. Madrid (ES): Taurus, 1987.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MOURA, M. E. S. **Pandemia COVID-19**: a extensão universitária pode contribuir. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 56-67, 2020.

MARQUES, G. E. C. A extensão Universitária no Cenário Atual da Pandemia do COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 42-43, 2020.

OPAS. Organização Pan-americana da Saúde. **Teleconsulta durante uma pandemia**. Página informativa. Disponível em: <https://www.paho.org/ish/images/docs/covid-19-teleconsultas-pt.pdf?ua=1>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceitos e propostas. **Interface - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, 2013.

PYGALL, S. A. **Triagem e Consulta ao telefone**: estamos realmente ouvindo? Porto Alegre: Artmed, 2018.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal da Saúde. Diretoria Geral de Atenção Primária à Saúde; UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia.

TelessaúdeRS (Telessaúde RS-UFRGS). **Manual de teleconsulta na APS**. Porto Alegre, junho 2020.

RODRIGUES, A. L. L. *et al*. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 16, p. 141-148, 2013.

UFPEL. Universidade Federal de Pelotas. Resolução nº 13, de 10 de novembro de 2015. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2020**, Conselho Universitário, 2015.

WHO. Group Consultation on Health Telematics. **A health telematics policy in support of WHO's Health-for-all strategy for global health development**. Report of the WHO Group Consultation on Health Telematics, 11-16 December, Geneva, 1997. Disponível em: <http://www.who.int/iris/handle/10665/63857>. Acesso em: 18 jul. 2020.

Sobre as autoras

AFRA SUELENE DE SOUSA, graduada em Enfermagem na UFPB. Doutora em Educação na UFPel. Professora associada da Faculdade de Enfermagem. Coordenadora do projeto.
E-mail: afrasuelenesousa@gmail.com

GABRIELA LOBATO DE SOUZA, graduada em Enfermagem e Obstetrícia na UFPel. Mestre em Política Social na UCPEL. Professora EBTT, classe D303 do IFSul. Coordenadora adjunta do projeto.
E-mail:gaby_lobato@yahoo.com.br

ÂNGELA ROBERTA ALVES LIMA, graduada em Enfermagem e Obstetrícia na FURG. Mestre em Ciências pela UFPel. Enfermeira da Secretaria Municipal de Pelotas. Vinculada ao projeto desde abril 2020.
E-mail: angelarobertalima@hotmail.com

EVELYN DE CASTRO ROBALLO, graduada em Enfermagem na FURG. Especialista em Terapia Intensiva na Unyleya. Técnico administrativo em educação da UFPel. Vinculada ao projeto desde abril de 2020.
E-mail: evelynroballo@hotmail.com

MARIANA FONSECA LAROQUE, graduada em Enfermagem e Obstetrícia na UFPel. Mestre em Política Social na UCPEL. Professora EBTT,

classe D304 do IFSul. Vinculada ao projeto desde abril de 2020.
E-mail: marianalaroque@yahoo.com.br

LIENI FREDO HERREIRA, graduada em Enfermagem na UFPel. Vinculada ao projeto desde abril de 2020.
E-mail: lieniherreiraa@hotmail.com

A ATUAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NA REDE DE ATENÇÃO EM SAÚDE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 DE 2020

Teila Ceolin
Márcia Vaz Ribeiro
Roberta Araújo Fonseca
Laura Mariana Fraga Mercali
Gabriel Oscar Ribeiro Machado
Daniela Blank Barz

Apresentando o cenário no qual o projeto está inserido

As universidades são locais de desenvolvimento de tecnologias e de novos saberes (RIBEIRO; MAGALHÃES, 2014), com a finalidade de atender às necessidades da população e de promover a transformação social por meio de serviços especializados à comunidade, estabelecendo, assim, reciprocidade (BRASIL, 1996; ROCHA et al., 2019).

Nesse sentido, o uso das redes sociais pelas instituições de Ensino Superior é um importante apoio na disseminação do conhecimento tanto científico quanto das ações de extensão universitária. Essas podem atuar plenamente para a promoção de suas atividades, bem como disseminar de assuntos relacionados à sua área de atuação (SÁ *et al.*, 2018).

A partir disso, a extensão universitária proporciona a troca entre os conhecimentos da comunidade e o científico, através do diálogo, bem como fomenta os sentimentos de solidariedade e de humanização (SILVA *et al.*, 2019). Ademais, a extensão possibilita aos discentes a vivência do conhecimento teórico de forma contextualizada, a partir da resolução de problemas, de modo a desenvolver competência para atuar sob novas circunstâncias (SANTOS; ROCHA; PASSAGIO, 2016).

Esta relação pode ser observada através do Projeto de Extensão (PE) Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde (PIC-RAS), no qual os extensionistas realizam atividades teórico-práticas para pessoas com doenças crônicas, seus familiares e cuidadores, vinculados aos serviços de saúde, em que a Faculdade de Enfermagem (FE/UFPel) realiza suas atividades de campo prático e estágios. Assim, promove-se a institucionalização dessas ações no SUS, permitindo também a aproximação dos alunos/extensionistascom às práticas integrativas e complementares (PICs) durante sua formação acadêmica.

Essas ações estão alicerçadas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) (BRASIL, 2006), que atualmente oferta 29 práticas no SUS: Medicina Tradicional Chinesa, Acupuntura, Homeopatia, Termalismo Social/Crenoterapia, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa, Yoga, Aromaterapia, Apiterapia, Bioenergética, Constelação Familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de mãos, Medicina Antroposófica, Ozonioterapia e Terapia de florais (BRASIL, 2018).

No entanto, embora tenha sido destacado sobre o papel essencial da extensão e do projeto dentro do contexto da comunidade e na formação acadêmica dos estudantes, o ano de 2020 foi marcado por uma nova configuração na rotina da população, por consequência de uma pandemia. Sendo essa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que

apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (BRASIL, 2020), e, como resultado, houve a necessidade de que as pessoas ficassem em distanciamento social. Com isso, a extensão universitária teve que agregar e consolidar o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação, para atender o que se propõe, que é de ser um importante meio para a formação de um profissional cidadão (FORPROEX, 2001).

Além disso, o uso das tecnologias por meio de redes sociais oportuniza que a extensão, além de promover a transmissão de informações de uma determinada temática, pode ser espaço de trocas de saberes através dos recursos disponibilizados pelas mídias digitais, assim como possibilita um maior alcance de pessoas, tanto da localidade em que o projeto atua como de outras (BAALBAKI *et al*., 2015).

Nesse sentido, o presente projeto teve que se remodelar e expandir das atividades através das redes sociais. Estas ações fizeram parte da Proposta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, para o enfrentamento da Pandemia de COVID-19, em parceria com o Comitê Interno para Acompanhamento da Evolução da Pandemia de Coronavírus na região, Hospital Escola da UFPel e Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas.

Este trabalho tem como **objetivo** relatar as ações realizadas pelo Projeto de Extensão Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde (PE-PIC-RAS) direcionadas ao período de isolamento social, durante da pandemia da COVID-19.

Apresentando como são realizadas as atividades de extensão

O PE-PIC-RAS é realizado por professoras e por alunos da graduação e pós-graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), desde 2017. Além disso, conta com a colaboração de pessoas externas a UFPel.

O Projeto de Extensão PIC-RAS possui uma página no *Facebook* (https://www.facebook.com/picras/?ref=bookmarks) desde o seu primeiro ano. Devido à pandemia da COVID-19, a partir de março de 2020,

os integrantes iniciaram a elaboração de materiais educativos, por meio de textos, infográficos e vídeos direcionados a este período de isolamento social, os quais estão sendo divulgados nas redes sociais do PIC-RAS. Além disso, em março de 2020, foram criados um perfil no *Instagram* (https://instagram.com/projeto_pic.ras?igshid=1mu81jov4nqyu) e um canal no *YouTube* (https://www.youtube.com/channel/UCMPEM17R-9X4yrDdpy5pF76Q). As postagens são realizadas semanalmente nas mídias sociais do projeto: *YouTube*, *Instagram* e *Facebook*.

O projeto de extensão também realiza ações em parceria com outros projetos de extensão: 1. Um olhar sobre o cuidador familiar: quem cuida merece ser cuidado; 2. Laboratório de formação e atendimento de Reiki; 3. Hortas Urbanas: um projeto de sustentabilidade urbana para comunidade pelotense; 4. Bebê a bordo. Além disso, as ações também ocorrem em colaboração com o projeto de ensino: (Curso) Práticas integrativas e complementares ofertadas no Sistema Único de Saúde.

Resultados das ações de extensão postadas nas mídias sociais

Desde março de 2020, foram realizadas postagens semanais de vídeos e infográficos sobre diferentes PICs, nas três redes sociais do projeto de extensão. A proposta é de disponibilizar orientações sobre práticas possíveis de serem realizadas individualmente, em casa, durante a pandemia da COVID-19.

A página do *YouTube* passou a ofertar então vídeos de curta duração. Inicialmente foram postados vídeos de práticas corporais de Lian gong com o objetivo de trazer equilíbrio para o corpo e a mente. Também houve a postagem de dicas de atividades de arteterapia para serem reproduzidas em casa, escalda pés e acupressão. Ademais, ocorreram postagens relacionadas às plantas medicinais no cuidado à saúde física e emocional. A atuação do projeto nas redes sociais está descrita no Quadro 1.

Quadro 1 – Número de acessos e seguidores nas redes sociais durante a Pandemia.

PERÍODO	MÍDIA	ATIVIDADES
24 de março a 07 de agosto de 2020	*YouTube*	- 35 vídeos postados - 170 inscritos - 4.436 visualizações - 20.497 impressões
	Instagram	- 29 publicações - 31 vídeos no IGTV - 300 seguidores - 6.655 visualizações em publicações e IGTV - 1.266 curtidas em publicações e IGTV
Junho de 2020	*Facebook*	- 1.034 curtidas - 12 publicações - 1.061 seguidores - 10 mil pessoas alcançadas - 1,7 mil engajamentos
Julho de 2020	*Facebook*	- 1.100 curtidas - 20 publicações - 1.130 seguidores - 5.538 pessoas alcançadas - 1.022 engajamentos

Fonte: Elaborado por CEOLIN; RIBEIRO; FONSECA; MERCALI; MACHADO, BARZ, 2020.

Os acessos na página da rede social *Facebook* são 85% de mulheres com idades entre 18 e 65 anos, sendo os 15% homens também na mesma faixa etária das mulheres. No *Instagram*, 85% também são mulheres com de 13 a 70 anos e 15% homens com idades entre 18 e 64 anos. No *YouTube,* não foi possível verificar tais informações. Percebe-se, a partir dos dados apresentados no Quadro 1, o interesse dos usuários pelo assunto, visto que essas práticas integrativas e complementares podem ser realizadas em casa, integradas no cotidiano das pessoas e proporcionarem benefícios a sua saúde.

Além disso, nota-se que as redes sociais são uma possibilidade de realizar ações de extensão no contexto de pandemia, apesar de não haver

a interação presencial entre os integrantes e a comunidade, tem-se, de maneira criativa e didática, a promoção de informação sobre a temática e a troca de informações. Ademais, os dados são uma devolutiva acerca da atuação aos integrantes do projeto, incentivando-os a produção de novas postagens.

Dentre as PICS abordadas nas redes sociais do PE, as plantas medicinais foram postadas em vídeos e infográficos, conforme estão descritos no Quadro 2.

Quadro 2 – Vídeos e infográficos sobre as publicações do projeto de extensão nas três mídias sociais.

VÍDEOS	INFOGRÁFICOS
Publicações sobre plantas medicinais	
Plantas medicinais para o sistema respiratórios (4 vídeos)	Plantas medicinais para problemas respiratórios (8 infográficos)
Receita: lambedor/xarope de coração-de--bananeira (1 vídeo)	----
Receita: xarope em calda (1 vídeo)	Xarope em calda (1 infográfico)
----	Medidas de referências para o preparo de plantas medicinais (1 infográfico)
Plantas medicinais: formas de preparo (1 vídeo)	Formas de preparo das plantas medicinais (5 infográficos)
Plantas medicinais com efeito calmante (1 vídeo)	Plantas medicinais com potencial calmante (7 infográficos)
Sal temperado – receita e orientações (1 vídeo)	Sal temperado – modo de preparo (2 infográficos)
Cuidados no plantio de plantas medicinais	----

VÍDEOS	INFOGRÁFICOS
----	12 Fitoterápicos ofertados no SUS e suas indicações (14 infográficos)
----	Plantas medicinais que auxiliam no controle da hipertensão arterial (5 infográficos)
Publicações sobre as demais práticas integrativas e complementares	
Introdutório sobre a prática de Lian Gong (1 vídeo)	----
Lian gong - exercícios (18 vídeos: 3 séries com 6 vídeos cada)	----
Arteterapia (1 vídeo)	O que é arteterapia? (8 infográficos)
Ações de enfrentamento à COVID-19 (1 vídeo)	"Prevenindo a COVID-19" orientações como manter uma boa imunidade pés (1 infográfico)
Técnica de acupressão (1 vídeo)	----
Como fazer máscara sem costurar (1 vídeo)	----
Escalda-pés (2 vídeos)	Escalda-pés (2 infográficos)

Fonte: Elaborado por CEOLIN; RIBEIRO; FONSECA; MERCALI; MACHADO, BARZ, 2020.

Os vídeos e infográficos sobre plantas medicinais que podem ser utilizadas para os sintomas do sistema respiratório, apresentam as indicações e formas de preparo e tiveram como objetivo principal alcançar pessoas que buscassem por plantas medicinais para alívio de sintomas de resfriados e gripais leves. Visando atingir um público diverso, foram elaborados com diferentes plantas (abacaxi, alecrim, alho, anis-estrelado, coração-de-banana, guaco, hortelã, marcela e sálvia-da-gripe), em uma linguagem de fácil entendimento, para interagir com as pessoas, ampliando a possibilidade de uso. A seguir apresentamos os efeitos de cada planta medicinal:

O abacaxi (*Ananas comosus*) possui propriedades anti-inflamatórias e analgésicas auxiliando no tratamento de afecções do sistema respiratório, podendo ser utilizado, em forma de xaropes (LIMA, 2009; TAUSSIG; BATKIN, 1988; WALI, 2019).

O alecrim (*Rosmarinus officinalis*) possui atividade anti-inflamatória, se mostrando eficaz no manejo de doenças respiratórias, como a asma brônquica. Também é indicado para o tratamento de lesões pelas suas propriedades, auxiliando a cicatrização (ANVISA, 2010; 2016; SIDIK, MEHMOOD, 2006).

O alho (*Allium sativum*) tem efeito antisséptico, expectorante e anti-inflamatório, isso faz com que esse seja um grande aliado em afecções do sistema respiratório como gripes e resfriados. Além disso, os bulbos podem ser utilizados também de maneira tópica em forma de emplasto. Essa forma de preparo permite que o alho seja utilizado em lesões cutâneas, evitando assim a proliferação de microrganismos na lesão (ANVISA, 2016).

O anis-estrelado (*Illicium verum*) tem ação analgésica, antibacteriana e antifúngica (MENDIETA *et al.*, 2015). A bananeira (*Musa* sp)., da qual é utilizado o coração-da-bananeira para preparação do lambedor/xarope, tem efeito expectorante e antibacteriano (KARUPPIAH; MUSTAFFA, 2013).

O guaco (*Mikania glomerata*) tem muitas propriedades que amenizam os sintomas apresentados durante os problemas respiratórios leves, sendo essas antitussígena, expectorante, broncodilatadora, edematogênica, anti-inflamatória e antiviral (BRASIL, 2018).

A hortelã (*Mentha x piperita*) é utilizada para auxiliar no tratamento sintomático de espasmos leves do trato gastrintestinal, mas também é anti-inflamatória, antibacteriana e antiviral, o que ajuda diminuir sintomas gripais leves (ANVISA, 2018)

A marcela (*Achyrocline satureioides*) é usada como anti-inflamatória e antibacteriana (RIO GRANDE DO SUL, 2018). A sálvia-da-gripe (*Lippia alba*) é indicada como expectorante, sedativo leve, para cólicas abdominais e distúrbios estomacais (PERNAMBUCO, 2014).

Ademais, foram elaborados vídeos e infográfico para demonstrar como se prepara o xarope em calda e também o lambedor de coração-de-bananeira. Para os dois foram expostos o modo de preparo passo a passo

e as informações de uso, possibilitando assim que as receitas possam ser reproduzidas pelo público em suas casas. Devido aos benefícios para tratamento de sintomas respiratórios, os preparados contribuem para diminuir a saída das pessoas de casa para busca de medicamentos e a procura de serviços de saúde.

Para facilitar a utilização dessas plantas foram criados vídeos e infográficos sobre as medidas de referência e formas de preparo, possibilitando às pessoas melhor compreensão de cada forma de preparo, para que pudessem usar de maneira segura no domicílio.

Pensando em benefícios para a saúde das pessoas durante esse período de isolamento social, que muitas vezes, também tem afetado emocionalmente, gerando ansiedade, insônia entre outros sintomas, foi elaborado um vídeo e infográficos sobre plantas que possuem um potencial calmante (camomila, capim-cidreira, cidró, sálvia-da-gripe, melissa e maracujá).

A camomila (*Chamomilla recutita* ou *Matricaria recutita*) pode ser utilizada como antiespasmódico, ansiolítico e sedativo leve (ANVISA, 2016). O capim-cidreira (*Cymbopongon citratus*) tem propriedade calmante, analgésica, antiespasmódica, digestiva e expectorante (LORENZI; MATOS, 2008).

O cirdó (*Aloysia triphylla*) pode ser utilizado em quadros leves de ansiedade e insônia, como sedativo leve (RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Como citado anteriormente, a sálvia-da-gripe (*Lippia alba*) tem ação expectorante, sedativa leve para cólicas abdominais e distúrbios estomacais (PERNAMBUCO, 2014).

A melissa (*Melissa officinalis*) pode ser utilizada como sedativo leve para ansiedade e insônia leve. A erva atua também como auxiliar no alívio de sintomas gastrintestinais leves. É antiespasmódico e ansiolítico (ANVISA, 2018).

O maracujá (*Passiflora alata*ou *Passiflora edulis*) é indicado para ansiedade e insônia leve. A fruta possui propriedade ansiolítica, sedativo leve, relaxante muscular e depressor do SNC (ANVISA, 2018).

Levando em consideração que no atual momento as pessoas estão mais em casa e boa parte prepara suas refeições, ocorreu a produção de vídeo e infográficos sobre o modo de preparo do sal temperado e seus benefícios para a saúde. O sal temperado é preparado com plantas

condimentares *in natura* e/ou secas, estimulando a diminuição ou cessação do uso de temperos industrializados, utilizando uma opção mais saudável e com menos quantidade de sódio para incluir na dieta.

A seguir está descrita a receita do sal temperado. Ingredientes: sal marinho triturado/moído; açafrão (*Curcuma longa* L.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), alho (*Allium sativum* L.), cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.), manjerona (*Origanum majorana* L.), manjericão (*Ocimum basilicum* L.), orégano (*Origanum vulgare* L.), osmarin (*Helichrysum italicum* G. Don f.), pimenta-vermelha (*Capsicum* sp.), salsa (*Petroselinum crispum* Mill.), sálvia (*Salvia officinalis* L.), entre outras plantas de sua preferência. Modo de preparo: tenha preferência pelos temperos verdes/*in natura;* um molhe de cada tempero para 1 kg de sal, usando menor quantidade das plantas como alecrim e manjericão. Lavar as plantas, secar e picar bem miúdo. Colocar o sal em uma bacia, acrescentar as plantas picadas, misturar bem e acondicionar em vidro fechado. Deixar curtir por uma semana.Validade: Conservando-se bem em temperatura ambiente, pode durar até 6 meses na geladeira.

Sendo a hipertensão arterial sistêmica uma das doenças crônicas não transmissíveis mais prevalentes no Brasil, foram elaborados infográficos sobre algumas plantas medicinais (alecrim, alho, café e chuchu) que podem auxiliar no controle da hipertensão.

O alecrim (*Rosmarinus officinalis*) possui ação hipotensora, mecanismo de ação da enzima conversora da angiotensina (ECA). Em relação à capacidade de inibição da enzima conversora de angiotensina, esta foi investigada utilizando o extrato aquoso de alecrim, que exibiu significativa atividade inibitória da ECA, com taxa de inibição de 90,5%. Nesse mesmo estudo, foram identificados como os componentes responsáveis pela atividade inibitória da ECA, o resveratrol (24,1%), ácido hidroxibenzóico (19,3%) e ácido cumárico (2,3%), compostos fenólicos, comum à família Lamiaceae (KWON; VATTEM; SHETTY, 2006).

O alho (*Allium sativum*) é indicado como coadjuvante no tratamento de bronquite crônica, asma, como expectorante, e como preventivo de alterações vasculares. O alho é coadjuvante no tratamento de hiperlipidemia, hipertensão arterial leve a moderada, dos sintomas de gripes e resfriados e auxiliar na prevenção da aterosclerose (ANVISA, 2016).

O café (*Coffea* sp.), apesar de rico em cafeína, substância com efeito pressor agudo, possui polifenóis que podem favorecer a redução da PA. Estudos sugerem que o consumo de café em doses habituais não está associado com maior incidência de HA nem com elevação da PA. Recomenda-se que o consumo não exceda quantidades baixas a moderadas (MALACHIAS *et al.*, 2016).

Uma pesquisa realizada com o extrato do chuchu (*Sechium edule*), em ratos com hipertensão induzida, observou que o extrato possui efeito hipotensor. Essa propriedade terapêutica dá-se possivelmente pelo efeito antagonista do receptor AT1 de angiotensina ll (LOMBARDO-EARL *et al.*, 2014).

Também foram realizadas atividades juntamente com o projeto de ensino "Curso de Práticas Integrativas e Complementares ofertadas no SUS", disponibilizado *on line,* aos alunos da graduação, prioritariamente os matriculados no 3º semestre, da Faculdade de Enfermagem. Entre os temas abordados estão as plantas medicinais, sendo produzidos em parceria entre o projeto de extensão e o de ensino os seguintes materiais: vídeo sobre os Cuidados no plantio de plantas medicinais e infográficos acerca dos 12 Fitoterápicos ofertados no SUS e suas indicações, os quais foram disponibilizados aos alunos do curso e nas mídias sociais do PE.

Além das plantas medicinais foram abordadas outras PICs e práticas de cuidado, como: Lian gong, arteterapia, escalda pés e acupressão (Quadro 2). Ademais foram realizadas exposições com informações referentes aos cuidados que devem ser tomados em meio à Pandemia. Todos com o intento de interagir com o público, levar conhecimentos relevantes para o cuidado da saúde física e mental de forma a acrescentar com informação e autocuidado durante o isolamento social.

Na primeira semana em que a pandemia do novo coronavírus foi reconhecida por todos os estados brasileiros e começaram as ações de enfrentamento, o PE realizou a primeira publicação em forma de texto e infográfico ("Prevenindo a COVID-19" orientações como manter uma boa imunidade) sobre maneiras de prevenir a COVID-19, com orientações de como aumentar a imunidade através de práticas integrativas e complementares.

Através dessa publicação foram explicados os riscos do vírus

e a melhor forma de evitá-lo naquele momento. Adicionalmente foi preparado um vídeo (Ações de enfrentamento à COVID-19), em que os integrantes do PE explicavam formas de prevenção contra o coronavírus e receitas de condutas para serem tomadas com a finalidade de aumentar a imunidade, do mesmo modo que foram orientadas na primeira publicação sobre o vírus.

O primeiro vídeo do canal foi o "Introdutório sobre Lian gong", o qual teve como meta levar o princípio da técnica chinesa que visa trazer equilíbrio para a mente e tratar dores no corpo. Na sequência, foram postadas as três séries de exercícios, com seis vídeos exercícios cada, propondo-se a ajudar o expectador a desenvolver a técnica em sua casa, a fim de trazer benefícios da prática frequente para sua saúde.

O vídeo sobre arteterapia traz orientações sobre a prática e quais atividades podem ser desenvolvidas no domicílio. Também foram publicados infográficos sobre esse tema.

O vídeo sobre a técnica de acupressão, da medicina tradicional chinesa, tem como objetivo aliviar dores por meio de estímulo em pontos específicos. A prática foi explicada e executada de forma didática com ênfase para o fortalecimento das funções pulmonares, o órgão mais atingido pelo coronavírus.

Ademais, foram postados dois vídeos, além de infográficos sobre escalda-pés, com orientações sobre a prática de forma elucidativa, de fácil compreensão, para a realização. O escalda-pés é uma prática da medicina tradicional chinesa, que juntamente das plantas medicinais tem como propósito equilibrar as energias do yin e o yang. Mantendo o equilíbrio das energias, traz alguns efeitos benéficos para a saúde como: a diminuição de irritabilidade, alívio de tensões musculares e dores de cabeça, prevenção e terapia complementar de resfriados e gripes e até mesmo nos sintomas brandos do coronavírus.

Em parceria com o projeto de extensão "Bebê a bordo", da Faculdade de Enfermagem, houve a publicação de um vídeo sobre como produzir sua própria máscara em casa, sem necessitar de costura com o intento de incentivar o usuário a realizar uma atividade e também proporcionar proteção.

A figura 1 ilustra os vídeos mais acessados no canal do *YouTube*, sendo eles: 1º) "Introdução a série de vídeos de PICS – nesse, especialmente ao

Lian Gong”; 2º) “Plantas medicinais para o sistema respiratório: marcela e alho”; 3º) “Sal temperado – receitas e orientações” e 4º) “Receita: xarope de coração-de-banana”.

Figura 1 – Vídeos mais acessados no canal do *YouTube* do projeto de extensão.

Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCMPEM17R9X4yrDdpy5pF76Q.

Quanto aos infográficos, postados no *Instagram*, com maior alcance, estão ilustrados na figura 2, sendo eles: “Receita de xarope em calda”, com 242; “Plantas medicinais com efeito calmante”, com 219; e “Plantas medicinais que auxiliam no controle da hipertensão arterial”, com alcance de 218 pessoas.

Figura 2 – Infográficos com maior alcances de pessoas no *Instagram*.

Fonte: https://instagram.com/projeto_pic.ras?igshid=1mu81jov4nqyu.

Os infográficos, postados no *Instagram*, com mais curtidas (Fig. 3) foram: "Plantas medicinais que auxiliam no controle da pressão arterial", seguido do post "Prevenindo a Covid-19" e as "Formas de preparo" das plantas medicinais.

Figura 3 – Infográficos com mais curtidas no *Instagram*.

Fonte: https://instagram.com/projeto_pic.ras?igshid=1mu81jov4nqyu.

Os infográficos, postados no *Instagram*, com mais compartilhamentos (Fig. 4) foram: "Prevenindo a Covid-19"; seguido por "Plantas medicinais no cuidado à saúde da gestante"; "Plantas medicinais para problemas respiratórios".

Figura 4 – Infográficos com mais compartilhamentos no *Instagram*.

Fonte: https://instagram.com/projeto_pic.ras?igshid=1mu81jov4nqyu.

Em relação às publicações da página do *Facebook*, os infográficos mais populares foram: "Plantas medicinais que auxiliam no controle da pressão arterial", seguido da "Arteterapia" (Fig. 5).

Figura 5 – Infográficos mais populares no *Facebook*.

Fonte: https://www.facebook.com/picras/?ref=bookmarks.

O projeto de extensão procurou mostrar ao público, através das publicações nas mídias sociais, diversas práticas integrativas e

complementares que podem ser realizadas no domicílio para o cuidado à saúde, possibilitando autonomia e ampliação das práticas de cuidado, visando à melhoria da qualidade de vida neste período de pandemia.

Reflexões acerca das ações de extensão vinculadas às mídias sociais

Este trabalho possibilitou conhecer a atuação do projeto de extensão Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde, através das mídias digitais, durante esse contexto de pandemia da COVID-19. Uma limitação encontrada foi o público restrito, com alcance limitado a pessoas com acessibilidade à internet.

Nesse sentido, destaca-se que as ações realizadas exigiram busca qualificada em bases de dados científicas e a criatividade dos integrantes, que se utilizaram de ferramentas digitais na produção de materiais para expor a temática de forma didática e com linguagem acessível ao público.

Enfim, ainda é relevante destacar o papel do projeto na prevenção da COVID-19 e a conscientização sobre o assunto por meio do compartilhamento de postagens que orientam sobre a temática. Além disso, as postagens foram produzidas com o intuito de ampliar as possibilidades de práticas de cuidado, com a divulgação de diversas práticas integrativas e complementares, as quais são de fácil acesso e podem ser realizadas em casa, durante o período de isolamento social, auxiliando na qualidade de vida.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA) (BR). **Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira**. 1. ed. Brasília: ANVISA, 2016.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Primeiro Suplemento do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**. Brasília: ANVISA, 2018. Disponível em :< http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/259456/Suplemento+FFFB.

pdf/478d1f83-7a0d-48aa-9815-37dbc6b29f9a> Acesso em: 6 jul. 2020.

AGÊNCIA NACIONAL DA VIGILÂNCIA SANITARIA. **Resolução da Diretoria Colegiada** – RDC Nº 10 de 09 de março de 2010 – Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. Brasília: ANVISA, 2010.

BAALBAKI, A. C. F. *et al*. O projeto de extensão e suas formas de comunicação com a comunidade externa. **Revista Conexão UEPG**, v. 11, n. 3, p. 342-355, 2015. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/7480> Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil: Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n.º 971, de 3 de maio de 2006**. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Práticas integrativas e complementares**: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Cadernos de Atenção Básica, n. 31).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 702, de 21 de março de 2018**. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Diário Oficial da União, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informações Sistematizadas da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS**: *Mikania glomerata* Spreng., Asteraceae – Guaco. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em:< https://www.saude.gov.br/images/pdf/2018/novembro/21/18-0188-C-M-Mikania-glomerata.pdf> Acesso em: 13 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença. Coronavírus - COVID 19.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid. Acesso em: 28 ago. 2020.

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001. (Coleção Extensão Universitária, v.1). Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf> Acesso em: 9 jul. 2020.

KARUPPIAH, P.; MUSTAFFA, M. Antibacterial and antioxidant activities of *Musa* sp. leaf extracts against multidrug resistant clinical pathogens causing nosocomial infection. **Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine**, v.3, n. 3, p.737-742, 2013.

KWON, Y. I.; VATTEM, D. A.; SHETTY, K. Evaluation of clonal herbs of Lamiaceae species for management of diabetes and hypertension. **Asia Pacific Journal of Clinical Nutrition**, v. 15, n. 1, 2006.

LIMA, A. **Plantas medicinais no tratamento de feridas**. Petrópolis (RJ): EPUB, 2009.

LOMBARDO-EARL, Galia *et al*. Extratos e frações de raízes comestíveis de *Sechium edule* (Jacq.) Sw. com atividade anti-hipertensiva. **Medicina Complementar e Alternativa Baseada em Evidências**, v. 2014, 2014.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. 2 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MALACHIAS, M.V.B. *et al*. 7ª Diretriz brasileira de hipertensão arterial. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, Sociedade Brasileira de Cardiologia, Rio de Janeiro, v.107, n.3, supl.3, p. 1-83, 2016.

MENDIETA, M.C. *et al*. Plantas medicinais indicadas para gripes e resfriados no sul do Brasil. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.17, n.3, 2015. Disponível em:< https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/28882/20770> Acesso em: 13 jul. 2020.

PERNAMBUCO. Secretaria de Estado de Saúde de Pernambuco. Secretaria Executiva de Atenção à Saúde. Comissão Estadual de Farmácia e Terapêutica. **Cartilha de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos**. Recife, 2014. Disponível em:< http://farmacia.saude.pe.gov.br/sites/farmacia.saude.pe.gov.br/files/cartilha.pdf> Acesso em: 13 jul. 2020.

RIBEIRO, R. C.; MAGALHÃES, A. M. Política de responsabilidade social na universidade: conceitos e desafios. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 42, p. 133-156, 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul. Departamento de Ações em Saúde. **Plantas Medicinais do Jardim Botânico de Porto Alegre**. Porto Alegre: Escola de Saúde Pública, 2018. 110p. Disponível em:< https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190154/17115411-e-book-plantas-medicinais.pdf> Acesso em: 13 jul. 2020.

ROCHA, S.P. *et al*. A curricularização da extensão na graduação em saúde: a experiência de um curso de Enfermagem. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 275-283, 2019. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2440/432> Acesso em: 09 jul. 2020.

SÁ, K. M. *et al*. Mídias Sociais como ferramenta de apoio às práticas integrativas em saúde na área de plantas medicinais. **Vittalle - Revista de Ciências da Saúde**, Rio Grande, v. 30, n. 1, p. 144-151, 2018.

SANTOS, J. H. S.; ROCHA, B. F.; PASSAGIO, K. T. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p.23-28, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087> Acesso em: 08 ago. 2020.

SIDIK, K.; MEHMOOD, A. Acceleration of wound healing by aqueous extracts of *Allium sativum* in combination with honey on cutaneous healing in rats. **Internation Journal of Molecular Medicine and Advance Science**, v.2, n. 2, p. 231-235, 2006. Disponível em:< https://medwelljournals.com/abstract/?doi=ijmmas.2006.231.235> Acesso em:21 abr. 2020.

SILVA, A. L. B *et al*. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. **Revista de enfermagem UFPE online**, v.13: e24218, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/242189> Acesso: 10 ago. 2020.

TAUSSIG, S.J.; BATKIN, S. Bromelain, the enzyme complex of pineapple (*Ananas comosus)* and its clinical application. An update. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 22, n. 2, p. 191-203, 1988. Disponível

em :< https://doi.org/10.1016/0378-8741(88)90127-4> Acesso em: 17 abr. 2020.

WALI, N. **Nonvitamin and Nonmineral Nutritional Supplements**. Pineapple (*Ananas comosus*). P. 367-373, 2019.

Sobre os autores

TEILA CEOLIN, graduada em Enfermagem na FURG. Doutora em Ciências na PPGEnf/UFPel. Professora adjunta da Faculdade de Enfermagem. Coordenadora do projeto desde 2017.
E-mail: teila.ceolin@gmail.com

MÁRCIA VAZ RIBEIRO, bacharel e licenciada em Ciências Biológicas na UFPEL. Doutora em Fisiologia Vegeta no PPG em Fisiologia Vegetal/ UFPel. Colaboradora externa do projeto desde 2017.
E-mail: marciavribeiro@hotmail.com

ROBERTA ARAÚJO FONSECA, graduanda em Enfermagem na UFPel. Bolsista do projeto desde 2019.
E-mail: robsaraujof@gmail.com

LAURA MARIANA FRAGA MERCALI, graduanda em Enfermagem na UFPel. Integrante voluntária do projeto desde 2019.
E-mail: lauramfmercali@gmail.com

GABRIEL OSCAR RIBEIRO MACHADO, graduando em Enfermagem na UFPel. Foi bolsista do projeto em 2019. Integrante voluntário do projeto desde 2010.
E-mail: gabrieloscar934@gmail.com

DANIELA BLANK BARZ, graduanda em Enfermagem na UFPel. Integrante voluntária do projeto desde 2020.
E-mail: danielabarzsls@hotmail.com

O PET EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INTERFACES COM A COMUNIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mariângela da Rosa Afonso
Deborah Kazimoto Alves
Luca Schuler Cavalli
Fernanda Woziak Tavares
Julia de Ribeiro Bozzetti
Felipe Garcia Mallue

Introdução

O Programa Especial de Treinamento, criado em 1979 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi transferido no final de 1999 para a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e, em 2004, passou a ser identificado como Programa de Educação Tutorial (PET) (BRASIL, 2006).

Com a mudança de nomenclatura, sua concepção também foi modificada – da elitização do ensino público para o trabalho coletivo em prol de uma formação mais social, tendo como princípio básico a intervenção conjunta de ensino, pesquisa e extensão. É a partir dessa intervenção e do trabalho coletivo que são sistematizadas as atividades nos cursos de graduação, indo além das atividades internas e focando também as atividades extensionistas. Sobre isso, Dessem *apud* Gama (2018) aponta que o objetivo inicial do Programa era criar uma "elite intelectual" dentro das universidades, com alunos que disponibilizassem 20 horas semanais ao trabalho, com o objetivo de incrementar as capacidades daqueles que se destacavam academicamente na graduação.

De acordo com o *Manual de Orientações Básicas* (MOB), o Programa de Educação Tutorial deve desenvolver ações de ensino, extensão e pesquisa de maneira articulada. Assim, o Programa permite uma formação global, tanto do aluno bolsista quanto dos demais alunos do curso, em contraposição à fragmentação, proporcionando-lhes uma compreensão mais integral do que ocorre consigo mesmos e no mundo (BRASIL, 2006).

Existem aproximadamente 842 grupos ativos no Brasil, em 121 instituições de ensino diferentes (BRASIL, 2020). Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), há atualmente 15 grupos, de diversas áreas (UFPel, 2020), sendo um deles o grupo PET Educação Física (PET/ESEF), instaurado na Escola Superior de Educação Física (ESEF) no ano de 1991 e hoje composto por 12 alunos bolsistas, quatro não bolsistas, também conhecidos como petianos, e uma professora tutora.

O PET/ESEF, em sua intervenção, tem objetivos direcionados não só para a qualificação de seus bolsistas, mas também para a proposição de atividades destinadas a acadêmicos, a profissionais de Educação Física e à comunidade em geral. A sistematização de suas atividades é realizada a partir de um planejamento anual definido pelo grupo.

Em 2020, o mundo inteiro foi acometido pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), nome dado a uma família de vírus, sendo os mais graves: o Mers-Cov, que causa a síndrome respiratória do Oriente Médio; o SARS-Cov, que causa a síndrome respiratória aguda grave; e o SARS-Cov 2, que causa a Covid-19 e que provocou a atual pandemia (OPAS, 2020). Segundo dados da Organização Pan-Americana da Saúde,

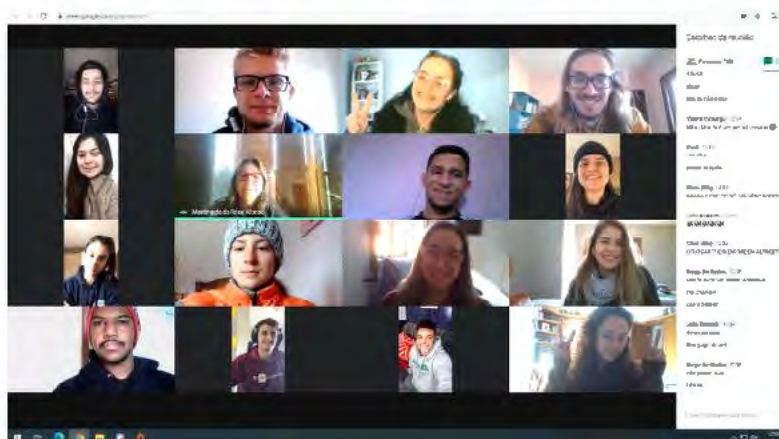
foram confirmados 17.106.007 casos de Covid-19 no mundo até o dia 31 de julho de 2020. O Brasil apresenta um crescente aumento de casos a cada dia, sendo confirmados 2.662.485 casos até o final de julho e 66.692 casos no Rio Grande do Sul. Devido à pandemia, a população foi obrigada a manter distanciamento social para que não houvesse um potencial crescimento da doença. Wilder-Smith *apud* Aquino *et al.* (2020) define o distanciamento social:

> O distanciamento social envolve medidas que têm como objetivo reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas. Como as doenças transmitidas por gotículas respiratórias exigem certa proximidade física para ocorrer o contágio, o distanciamento social permite reduzir a transmissão. (AQUINO *et al.*, 2020, p.3).

Se o isolamento social não fosse cumprido, o número de infectados poderia alcançar até 60% e 80% do total mundial, conforme estimativas do Dr. Gabriel Leung, especialista que faz parte da equipe da Organização Mundial da Saúde (OMS) e que lida com a pandemia do Covid-19 (FERRARI e CUNHA, 2020).

Diante dessas circunstâncias, a UFPel encerrou suas atividades presenciais, em conformidade com a Portaria N° 585, de 13 de março de 2020. Criou-se, então, o Comitê Interno para Acompanhamento da Evolução da Pandemia por Coronavírus (Portaria N° 617, de 17 de março de 2020), um espaço em que se reúnem as notícias e informações sobre as medidas de prevenção da Covid-19 adotadas pela Universidade, além de referências a trabalhos científicos, orientações e informes sobre esse período de isolamento social (UFPel, 2020).

O PET/ESEF procurou, desde então, encontrar maneiras de manter o seu trabalho e de cumprir com seu planejamento anual de forma remota. Já na primeira semana após a suspensão do calendário acadêmico, foram organizadas reuniões administrativas *online*; assim, desde março, em todas as quartas-feiras, acontecem os encontros pela plataforma de *web*-conferência da UFPel (WEBConf.), entre outras plataformas *online* para reuniões. A figura 1 mostra um destes momentos.

Figura 1 – Reunião administrativa do grupo.

Fonte: PET/ESEF UFPel.

As atividades já existentes no planejamento foram adaptadas para serem realizadas de forma remota, e também foram criados novos eventos que suprissem as necessidades da nova realidade na qual estamos vivendo, sendo eles, em sua maioria, de caráter extensionista. O grupo já realizava anualmente diversas atividades de extensão, e, diante da situação de pandemia, percebeu-se que estas seriam as mais necessárias, visto que é preciso o vínculo com a comunidade.

Segundo Rodrigues *et al.* (2013), a extensão surge no século XIX, como objetivo de promover a educação continuada e auxiliar a sociedade a encontrar novos caminhos. Atualmente, é utilizada pelas universidades como um meio de cumprir com o seu compromisso social com a sociedade. Para Moura (2020), a Universidade deve comprometer-se em manter o seu valor social e precisa estar atenta a este momento histórico que estamos vivenciando; mais ainda, deve oportunizar iniciativas com um bom potencial, estruturando a extensão universitária para contribuir com o desenvolvimento social na atualidade e também no futuro pós-pandemia.

Nesse sentido, o foco deste trabalho é relatar experiências inovadoras, nestes tempos incertos de Covid-19, acreditando-se ser este um momento ímpar para estabelecer uma aproximação com a sociedade em geral, mediante adesão e motivação para práticas corporais entre universitários e escolares, possibilitando o bem-estar à população. Este texto reporta ações, iniciativas e diferentes estratégias para manter nosso foco extensionista, por meio das plataformas digitais.

Aproximações com a comunidade em tempos de pandemia: o PET/ESEF e suas conexões extensionistas

Historicamente, o grupo PET/ESEF tem se aproximado de ações extensionistas em sua unidade acadêmica, estabelecendo muitas parcerias com diferentes projetos, dentre os quais, destacam-se: *Exergames Lab Brazil*, que promove uma experiência diversa para escolares da rede pública, com a utilização de videogame ativo; e o projeto *Passada pro Futuro*, que busca proporcionar vivências de iniciação ao esporte para crianças das escolas de educação básica por meio do trabalho com o Mini-Handebol. Soma-se a estes o projeto *Jogando para Aprender*, que promove aulas para crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, ministradas por estudantes do curso de licenciatura de Educação Física, seguindo o método de iniciação esportiva. Nessa aproximação, em que os petianos são colaboradores e ministrantes de oficinas, acabam sendo gerados diversos contatos e experiências no trabalho de extensão.

Entendemos serem pertinentes as ideias de Deus (2018) quando afirma que a relação da universidade com a sociedade é importante para que haja democratização do conhecimento e incorporação de saberes. O autor destaca que não só a sociedade como um todo deve sofrer impactos com a extensão, mas também a universidade.

Embora todos os PETs, ao final de cada ano letivo, organizem seus planejamentos para o ano seguinte por meio da plataforma de Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial (SIGPET), no ano de 2020, diante da pandemia de Covid-19, houve uma reformulação das ações,a fim de criar novas estratégias para o desenvolvimento de todas as atividades (BRASIL, 2020). Com o PET/ESEF da UFPel, não foi diferente. Buscando manter-se ativo, as adequações do planejamento anual aconteceram no sentido de inovar e realizar ações de forma remota.

A equipe encontrou em suas mídias sociais uma oportunidade de aproximação com a sociedade durante a pandemia de Covid-19, visto que era a maneira mais acessível de contato com os indivíduos já contemplados pelas atividades realizadas pelo grupo. Além disso, foi possibilidade a aproximação com uma nova parcela da comunidade que não era assistida pelos eventos de extensão.

Assim, neste período de pandemia, a fim de levar as informações de uma forma mais clara e organizada para a comunidade e órgãos responsáveis, o PET/ESEF da UFPel utilizou plataformas digitais, como Instagram e Facebook, além do *blog* institucional, para disseminar o conhecimento gerado na Universidade. Os conteúdos eram postados semanalmente nestas plataformas, e para cada atividade era criada uma arte específica. As postagens eram feitas inicialmente no *feed* do Instagram do grupo para avisar os seguidores que as atividades iriam ocorrer; posteriormente, apareciam nos *stories* e eram replicadas no *blog* institucional e no Facebook.

Concomitantemente à utilização das mídias sociais, o grupo organizou a atividade *Ação Solidária,* buscando parcerias com a Atlética do curso de Educação Física da UFPel (AAAEF) para confecção de máscaras, visto que o Ministério da Saúde recomenda a utilização de máscaras em todos os ambientes. As máscaras de tecido (caseiras/artesanais), não são Equipamentos de Proteção Individual, mas podem funcionar como uma barreira física, em especial contra a saída de gotículas potencialmente contaminadas. Pensando nessa necessidade, os petianos encontraram, nas suas redes familiares, algumas pessoas que confeccionaram máscaras sem fins lucrativos, tendo conseguido arrecadar 350 unidades, que foram doadas para três instituições: Albergue Municipal de Pelotas, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da Colônia Z3 e Comunidade do Engenho.

O curso de Educação Física da UFPel tem uma aproximação com a questão do bem-estar e da saúde no processo de formação de seus acadêmicos. Nesse sentido, por intermédio das mídias, busca-se incentivar a prática de atividade física neste momento de isolamento.

Raiol (2020), citando os estudos desenvolvidos por Pavón; Carbonell-Baeza e Lavie (2020) e Liu, Yu, Lv e Wang (2020), afirma que devemos levar em consideração também que ter a saúde mental afetada é um possível efeito colateral da pandemia, ocasionado principalmente pelo do distanciamento social. Praticar exercícios caracteriza-se por ser uma alternativa para auxiliar no controle dos efeitos nocivos gerados à saúde mental, e sabemos que a prática regular de exercícios físicos tem a capacidade de melhorar os sintomas de ansiedade e depressão.

Segundo a OMS, a inatividade física vem sendo identificada como o 4º fator de risco de mortalidade global (BRASIL, 2019). Além disso,

foi evidenciado que pessoas sedentárias têm de 20% a 30% mais risco de morte por doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e doenças cardíacas, do que pessoas que realizam pelo menos 30 minutos de atividade física moderada, com frequência de cinco vezes semanais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). De acordo com Pitanga F.; Beck e Pitanga C. (2020), alguns pesquisadores sugerem que níveis mais elevados de aptidão cardiorrespiratória podem reduzir algumas respostas pró-inflamatórias em indivíduos infectados com Covid-19, proporcionando-lhes proteção ao desenvolvimento e aumento da severidade da doença.

Conforme Zbinden-Foncea *et al.* (2020) e Nogueira *et al.* (2020), exercícios com intensidades moderadas geram efeitos positivos sobre marcadores imunológicos associados com inúmeras doenças cujos fatores de risco geram o agravamento da infecção. Rosa e Vaisberg (2002) sinalizam, em seus estudos, que exercícios podem acarretar benefícios ao sistema imune quando praticados dentro dos limites fisiológicos.

As recomendações de exercício físico na pandemia são de cinco a sete dias por semana de exercícios aeróbios; exercícios de fortalecimento muscular e força no mínimo duas ou três vezes semanais; e exercícios de coordenação, equilíbrio e mobilidade. Porém, são contraindicados programas de treinamento prolongados ou de alta intensidade sem uma recuperação adequada, visto que é preciso evitar a imunodepressão e o consequente aumento da suscetibilidade às infecções (NOGUEIRA *et al.*, 2020).

Sendo assim, devido ao isolamento social desde março de 2020, são disponibilizados nas mídias do PET/ESEF o *PETreino* e o *PETZen* (Fig 2). O *PETreino* procura motivar a comunidade para uma vida saudável e para a prática de atividade física, a fim de diminuir os níveis de sedentarismo, trazendo assim uma melhor qualidade de vida para os indivíduos. Ambos são realizados semanalmente, todas as segundas-feiras, quartas-feiras, sextas-feiras e domingos. O *PETreino* foi dividido em um formato estruturado pelos alunos bacharéis, visando a uma melhor organização e manutenção dos treinos. Na segunda-feira, há treinos de membros inferiores de modo geral; na quarta-feira, treinos de *core*, que envolve a musculatura estabilizadora da região do tronco, e treino cardiorrespiratório; já na sexta-feira, há treinos de membros superiores de modo geral. Todos os treinos são aliados a exercícios de mobilidade e divididos por grupos musculares.

Figura 2 – Artes de divulgação nas mídias sociais do PETreino e PETZen.

Fonte: Instagram do grupo (https://www.instagram.com/petesefufpel/).

Por os exercícios de flexibilidade serem de extrema importância para o treinamento e para a manutenção da qualidade de vida, os alunos do curso de bacharelado pensaram na melhor forma de incluir essas práticas nos treinamentos. Assim, o *PETZen* foi criado com o propósito de aliar os treinos de flexibilidade e manter a mente em equilíbrio, visando ao bem-estar físico, mental e espiritual, mediante práticas de meditação, respiração, alongamentos e força, trazidas pela prática do *yoga*. Vale ressaltar que ambas publicações estão salvas de forma contínua nos destaques do Instagram do grupo.

Segundo Silva *et al.* (2017), este programa é capaz de propiciar atividades extracurriculares que complementam a formação de alunos dos cursos de graduação do campus, principalmente no que tange à área pedagógica dos cursos de licenciatura. Por ser um grupo composto por 13 graduandos da licenciatura, alguns eventos são pensados de modo a contribuir para a formação docente. Nesse sentido, a atividade *PET + Saúde na Escola* mantém o vínculo com as escolas por meio de atividades lúdicas preparadas para crianças e adolescentes que estão com aulas suspensas. Pelas mídias, foram disponibilizadas atividades lúdicas para serem realizadas em casa, possibilitando maior interação entre os adultos e as crianças no momento de lazer, para entretê-las de maneira

descontraída. Esta atividade foi publicada nas terças e quintas-feiras e ficou salva nos destaques do perfil do Instagram para que qualquer pessoa possa ter acesso.

A *Live* é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na *internet*, geralmente feita nas redes sociais. O Instagram possui uma ferramenta que permite que os usuários façam uma transmissão de vídeo em tempo real para os seguidores, por um período de uma hora. Com esta ferramenta, o grupo realiza três eventos, cuja dinâmica envolve um petiano, que faz a mediação de uma conversa descontraída com um convidado. Durante a transmissão, os usuários podem fazer comentários e perguntas, além de deixar curtidas e acompanhar as atividades dos demais espectadores.

A *Live do PET* tem como proposta a troca de experiências acerca da área de Educação Física, com convidados de diferentes lugares do Brasil. A figura 3 mostra a arte de divulgação de alguns destes eventos. Uma das edições foi realizada com o coordenador da pesquisa *Educação Física e COVID-19*, Dr. Eduardo Lucia Caputo (pós-doutorando da ESEF/UFPel). Em outro momento, profissionais da área do bacharelado e da licenciatura relataram os desafios enfrentados durante a pandemia e como se reinventaram diante deste cenário. O professor Paulo Martins, de Rio Grande (RS), falou sobre a sua metodologia de trabalho *Treinamento Conectado*; as professoras do estado de São Paulo, Tarcila Idalgo e Tarcilene Idalgo, criadoras da página na *web* intitulada *Educação Física escolar*, contribuíram com suas diferentes experiências na rede pública de educação básica.

Figura 3 – Artes de divulgação nas mídias sociais da *Live do PET*

.

Fonte: Instagram dogrupo (https://www.instagram.com/petesefufpel/).

As atividades que inicialmente eram presenciais, conhecidas como *Conheça seu Professor* e *Conheça seu Projeto,* foram reestruturadas e possibilitaram maior interação entre a comunidade geral com a ESEF, uma vez que estes eventos colaboram para divulgar os trabalhos realizados. Na figura 4, estão disponibilizadas algumas artes de divulgação que correspondem à realização desses eventos.

Figura 4 – Arte de divulgação do *Conheça seu Professor* e do *Conheça seu Projeto.*

Fonte: Instagram do grupo (https://www.instagram.com/petesefufpel/).

O *Conheça seu Professor*, evento criado em 1997, visa a uma maior aproximação entre docente e discente a fim de evitar a evasão de alunos do curso, propiciando que os professores universitários relatem suas escolhas profissionais e pessoais e troquem experiências, trajetórias, saberes e conhecimento. Neste ano, foram realizadas duas edições no ambiente virtual, com o professor Dr. Fabrício Boscolo Del Vecchio e com o professor Dr. Gabriel Gustavo Bergmann, tendo-se percebido uma maior adesão a este evento, com um número expressivo de espectadores.

O *Conheça seu Projeto* é um evento que busca apresentar aos graduandos os projetos que se desenvolvem dentro da ESEF, propondo novas formas de aprimoramento como futuro profissional, além de buscar afinidades dentro da área. Este evento de forma remota possibilita conhecer mais sobre o que a Universidade pode oferecer. Neste período de pandemia, foram realizadas três edições: *Passada para o futuro*, *Laboratório de Comportamento Motor* e *Judô para a Comunidade*.

Isto possibilita que os professores apresentem seus projetos de pesquisa, ensino e extensão, visando à divulgação e aproximação com o meio acadêmico e com a sociedade.

O *CinePET* em casa é uma readaptação de um evento realizado por muitos anos pelo grupo de forma presencial, em que era feita uma sessão de cinema na ESEF, com filmes escolhidos pelo grupo. Geralmente, os filmes tinham alguma relação com Educação Física, sendo seguidos de um debate com assuntos pertinentes. A readaptação deste evento, com dicas de filmes aos sábados, abordando temas étnicos e sociais, permitiu maior alcance do público em geral. O principal objetivo dessa ação é proporcionar aos indivíduos que estão em casa uma maneira de distração mediante filmes e séries, conforme sinaliza a figura 5.

Figura 5 – Arte de divulgação do *CinePET* e da *Dica do PET*.

Fonte: Instagramdo grupo (https://www.instagram.com/petesefufpel/).

Outra atividade realizada como sugestão para os internautas é a *Dica do PET*, que visa a divulgar *sites* de outras instituições que ofereçam cursos *online* gratuitos de diversas áreas, para que o público aproveite o tempo de isolamento para qualificação e atualização profissional, visto que o indicado pelos órgãos públicos é que as pessoas fiquem em casa.

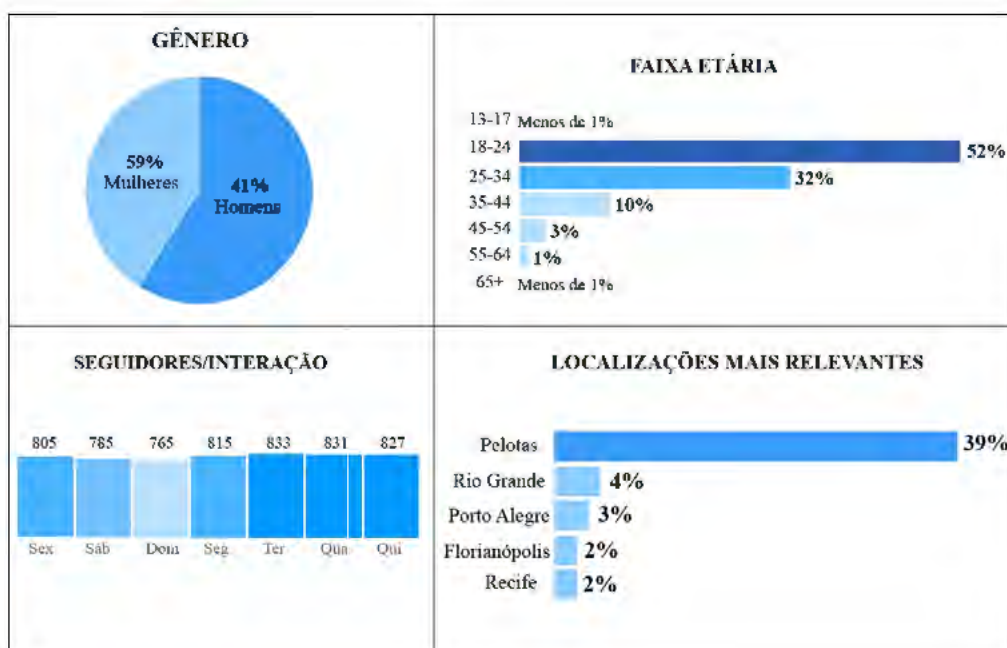
Sem dúvida, os trabalhos extensionistas têm sido um processo educativo, cultural e científico articulado e devem ser operados de forma indissociável, viabilizando as ações transformadoras das universidades. Este processo de trabalho remoto em função da Covid-19 foi decisivo para

nossa reorganização e aprendizado enquanto grupo. Ressaltamos que tem sido um momento ímpar por tratar-se de um grupo de excelência, unido e proativo, que está sempre se reinventando, não podendo dar-se por vencido nesta situação. Os resultados já estão visíveis, pois a cada semana novas propostas são debatidas e novas atividades nos conectam com a sociedade.

Serrão (2020) destaca a importância das redes sociais no atual momento que estamos vivendo e diz que nossa sociedade sempre foi ligada às redes sociais devido às suas possibilidades de interação, mas que o contexto atual é singular. Isso porque se antes tais ferramentas digitais já nos proporcionavam estratégias para as ações de extensão, hoje, as mídias sociais se tornaram o principal meio para a mobilização acadêmica, sendo a forma atual de articular e disseminar os resultados esperados.

Constata-se que inúmeras pessoas entraram em contato com o grupo a partir das plataformas do Instagram, gerando *feedbacks* positivos e/ou construtivos. O Instagram possui uma ferramenta que informa dados sobre os seguidores e a interação. A figura 6 mostra o perfil de acesso dos indivíduos que interagiram com a página no Instagram no período de março a julho de 2020.

Segundo os gráficos disponíveis na figura 6, o público caracteriza-se majoritariamente por mulheres brasileiras da cidade de Pelotas (RS) com idade de 18 a 34 anos, que utilizam mais o aplicativo nas terças, quartas e quintas-feiras. Esses dados são de extrema importância para que o grupo possa estudar quando colocar suas postagens e assim ter uma estratégia de publicações com vistas a um maior público-alvo, aumentando seu alcance para então melhorar as chances de adesão da população. Cabe salientar que, no período de março a julho de 2020, houve um aumento no número de seguidores, chegando-se à marca dos mil seguidores.

Figura 6 – Perfil dos seguidores do Instagram do PET/ESEF.

Fonte: Instagram do grupo.

Silva (2020) aponta algumas das responsabilidades dos projetos de extensão para o atual momento que vivemos, como diminuição da desigualdade, transformação de localidades mais carentes, educação financeira, promoção do conhecimento por meio das mídias sociais e, ainda, capacitação para uso de plataformas *online*.

Considerações finais

Nestes momentos de incertezas, em que se exige distanciamento social, a universidade pública percebe o desafio de manter o vínculo com os acadêmicos de todos os níveis do ensino superior, bem como de manter o elo com a sociedade. Neste ponto, aliam-se os objetivos da universidade pública e do grupo PET/ESEF, ou seja, o fomento à extensão universitária. Acreditamos que nossos conteúdos continuam atingindo um número expressivo de indivíduos da comunidade em geral.

Manter esses vínculos é de extrema relevância, produzindo um sentimento de pertencimento dos acadêmicos à universidade e agregando à sociedade os conhecimentos produzidos na UFPel. Sabemos que, neste momento e após a pandemia, a extensão e outras diversas

atividades da vida social deverão ser enfrentadas; outras abordagens serão desafiadoras na extensão universitária, e para o PET/ESEF não será diferente.

Destaca-se que as atividades realizadas podem ter contribuído para amenizar o sedentarismo por meio das propostas de manutenção das atividades físicas postadas pelo grupo, podendo ainda auxiliar para atenuar a ansiedade e o estresse neste momento delicado que todos vivenciamos. Outrossim, a sociedade beneficia-se, usufruindo de treinos, meditação e *yoga* proporcionados pelo grupo, a fim de contribuir para a saúde física e mental.

Sem dúvidas, estas atividades têm sido uma via de mão dupla, pois, na medida em que o grupo PET/ESEF disponibiliza seus conhecimentos e vivências para a sociedade por intermédio das mídias sociais, estes conhecimentos retornam em múltiplos benefícios para os integrantes do grupo, tais como: experiência em organização e mediação de eventos, contato e aprendizado com novas plataformas digitais, apropriação de novos conceitos, sentimento de produtividade e interação com indivíduos de inúmeros lugares.

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível mediante financiamento das bolsas concedidas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) ao Programa de Educação Tutorial; também agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas pela iniciativa.

Referências

AQUINO, E. M. L. *et al*. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2423-2446, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior. **Manual de orientações básicas (MOB)**. Programa de Educação

Tutorial. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior. **Apresentação**. Programa de Educação Tutorial. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial (SIGPET)**. 2020. Disponível em: <http://sigpet.mec.gov.br/primeiro-acesso>. Acessado em: 4 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atividade Física**. 2017. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/component/content/article/781-atividades-fisicas/40390-atividadefisica#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,de%2010%20minutos%20por%20dia>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Nota Informativa nº 3/2020-CGGAP/DESF/SAPS/MS.** A Lei nº 13.969, de 06 de fevereiro de 2020 e a Portaria nº 327, de 24 de março de 2020. Disponível em: <http://portal.antaq.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/1586014047102-Nota-Informativa.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Três em cada cem mortes no país podem ter influência do sedentarismo**. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45341-tres-em-cada-cem-mortes-no-pais-podem-ter-influencia-do-sedentarismo>. Acesso em: 12 set. 2020.

DEUS, S. F. B. A extensão universitária e o futuro da universidade. **Revista Espaço Pedagógico,** v. 25, n. 3, p. 624-633, 2018.

FERRARI, A., CUNHA, A.M. **A pandemia do Covid-19 e o isolamento social:** saúde versus economia. Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/fce/a-pandemia-do-covid-19-e-o-isolamento-social-saude-versus-economia/>. Acesso em: 1 ago. 2020.

GAMA, J. C. F. **O programa de educação tutorial Educação Física da UFES:** histórias e memórias de um projeto de formação (1994 – 2017). 2018. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

LIU, J; YU, P; LV, W; WANG, X. The 24-Form Tai Chi Improves Anxiety and Depression and Upregulates miR-17-92 in Coronary Heart Disease Patients After Percutaneous Coronary Intervention. **Frontiers in physiology**, v. 11, n. 149, 2020.

MOURA, M. E. S. Pandemia COVID-19: a extensão universitária pode contribuir. **Revista práticas em extensão**, v. 4, n. 1, p. 56-57, 2020.

NOGUEIRA, C. J. *et al*. Precauções e recomendações para a prática de exercício físico em face do COVID-19: uma revisão integrativa. **Scientific Eletronic Library Online,** Rio de janeiro, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus).** 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 1 ago. 2020.

PAVÓN, J. D; CARBONELL-BAEZA, A; LAVIE, C. J. Physical exercise as therapy to fight against the mental and physical consequences of COVID-19 quarantine. **Progress in cardiovascular diseases,** n. 63, p. 386-388, 2020.

PITANGA, F. J. G.; BECK, C. C.; PITANGA, C. P. S. Inatividade física, obesidade e COVID-19: perspectivas entre múltiplas pandemias. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Salvador, v. 25, 2020.

RAIOL, R. A. Praticar exercícios físicos é fundamental para a saúde física e mental. **Revista Brazilian Journal of health Review**, Curitiba, v.3, n.2, p. 2804-2813, 2020.

RODRIGUES, A. L. L. *et al*. Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais,** v. 1, n.16, p. 141-148, 2013.

ROSA, L. F. P. B. C.; VAISBERG, M. W. Influências do exercício na resposta imune. **Revista Bras. Medicina do Esporte**, v. 8, n. 4, p-167- 172, 2002.

SERRÃO, A. C. P. Em Tempos de Exceção como Fazer Extensão? Reflexões sobre a Prática da Extensão Universitária no Combate à COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 47-49, 2020.

SILVA, A. Oportunidades para a extensão universitária nos tempos de pandemia – Covid-19. **Uema**, Maranhão, 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.uema.br/2020/04/artigo-oportunidades-para-extensao-universitaria-nos-tempos-de-pandemia-covid-19/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

SILVA, M. M. F. *et al*. O PET- Educação no contexto da formação Acadêmica: Às Licenciaturas em evidência. **Rev. Política e Gestão Educacional**, v.21, n.3, p.1499-1516, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Portaria N° 585**, **de 13 de Março de 2020**. Resolve: Suspender as atividades acadêmicas e o calendário acadêmico 2020, pelo período mínimo de 3 semanas, a partir do dia 16 de março de 2020. Disponível em:<https://sei.ufpel.edu.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=1033172&id_orgao_publicacao=0>. Acesso em: 06 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Portaria N° 617 de 17 de Março de 2020.** Resolve: Constituir o Comitê Interno para Acompanhamento da Evolução da Pandemia pelo Coronavírus da UFPel. Disponível em: < “https://sei.ufpel.edu.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=1036394&id_orgao_publicacao=0>. Acesso em: 08 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Programa de Educação Tutorial**. Pelotas, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pre/programas/pet/>. Acesso em: 29 jun. 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**. UFPel COVID-19.** Pelotas, 2020. Disponível em: < https://wp.ufpel.edu.br/covid19/2020/03/30/ola-mundo/>. Acesso em: 04 ago. 2020.

ZBINDEN-FONCEA, H. *et al*. Does high cardiorespiratory fitness confer some protection against pro-inflammatory responses after infection by SARS-CoV-2. **The Obesity Society.** v.28, n.8, p. 1378-1381, 2020.

Sobre os autores

MARIÂNGELA DA ROSA AFONSO, graduada em Educação Física pela UFPel. Doutora em Educação pela UFRGS, professora titular UFPel, docente da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, tutora do Programa de Educação Tutorial desde 2018.

E-mail: mrafonso.ufpel@gmail.com

DEBORAH KAZIMOTO ALVES, graduanda de Educação Física (Licenciatura) na UFPel, bolsista do Programa de Educação Tutorial 2019.
E-mail: deborahkazimoto@hotmail.com

LUCA SCHULER CAVALLI, graduando de Educação Física(Bacharelado) na UFPel, bolsista do Programa de Educação Tutorial desde 2019.
E-mail: lucacavalliesef@gmail.com

FERNANDA WOZIAK TAVARES, graduanda em Educação Física (Licenciatura) na UFPel, bolsista do Programa de Educação Tutorial desde 2019.
E-mail: fewoziak@gmail.com

JULIA DE RIBEIRO BOZZETTI, graduanda em Educação Física (Licenciatura) na UFPel, bolsista do Programa de Educação Tutorial desde 2019.
E-mail: juliabozzetti@gmail.com

FELIPE GARCIA MALLUE, graduando em Educação Física (Licenciatura) na UFPel, bolsista do Programa de Educação Tutorial desde 2020.
E-mail: felipegarciamallue23@gmail.com

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DA ESCOLA LOUIS BRAILLE EM AMBIENTES ACADÊMICOS EXTENSIONISTAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: EXPERIÊNCIAS PIONEIRAS NA ÁREA DE EDUCOMUNICAÇÃO ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE RÁDIO E *PODCASTS*

Marislei da Silveira Ribeiro

Michele Negrini

Mariah Coelho Coi

Introdução

O Projeto de Extensão “Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais - Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade”, ligado à Universidade Federal de Pelotas, atua desde 2014 de forma presencial, visando à promoção do diálogo entre a comunidade e o ambiente de pesquisa

acadêmica, através da inclusão digital, na Associação Escola Louis Braille. As atividades do projeto são voltadas para a solidificação da inclusão, para o fomento de direitos sociais e para a promoção de uma sociedade mais igualitária.

Entre as ações realizadas na Louis Braille, pode-se destacar a realização de programas em formato de rádio, semanais, no âmbito da escola, que são uma atividade de comunicação de cunho participativo e educativo. Os programas são delineados e apresentados pelos próprios alunos, com suporte de bolsistas do projeto, coordenadoras do projeto, professoras da escola e de discentes da UFPel.

Além de conhecer-se a importância da inclusão de deficientes visuais em projetos de extensão da universidade, percebe-se constantes melhorias ligadas à desenvoltura e participação dos alunos e um engajamento familiar maior. Em relação ao efeito que vem produzindo, o modelo utilizado vem provocando novas formas de comunicação, interativas e transformadoras, mais próximas da realidade dos sujeitos integrantes do projeto.

Devido ao presente cenário ocasionado pela pandemia da Covid–19, tem-se a necessidade de adaptação e da utilização de novas maneiras para seguir ofertando à comunidade os serviços extensionistas, com modelos de ações que utilizam do ambiente virtual para execução de atividades que recorrem a subterfúgios audiovisuais no ensino e aprendizado de alunos deficiente visuais, em uma ótica inclusiva, interativa e dinâmica.

O desenvolvimento de plataformas digitais, com novos recursos tecnológicos, deu respaldo para o processo de inclusão. É também pertinente apontar que a inclusão escolar de indivíduos, com qualquer tipo de deficiência, apresenta diversos desafios e complexidades. Inclusão, como aponta Carvalho (2009), é a possibilidade de acesso, de ingresso e de permanência de um aluno com aprendizagem real, resultando, portanto, em atribuições de conhecimento e desenvolvimento de habilidades.

Diante da complexidade do processo de inclusão e das dificuldades de realizações de ações no período de pandemia, cabe apontar que o projeto piloto, sendo executado em período remoto, com a participação de alunos com deficiência visual da Escola Louis Braille, vem integrando educação, informação, comunicação, cultura e intercâmbio de

experiências durante a Covid-19. A escola parceira deu continuidade a suas atividades neste período, sendo executadas de maneira remota e, integrando o calendário escolar, o projeto de extensão em foco optou por prosseguir desenvolvendo suas atividades, para além de levar o conhecimento de práticas jornalísticas e suas diversas áreas, sobretudo seguir com ações que promovem a interação, participação e inclusão de alunos deficientes visuais ao ambiente acadêmico. A experiência até aqui relatada permite afirmar que ações, oficinas e programas radiofônicos, neste período de isolamento social, têm propiciado um ambiente virtual estimulante, socializador e, sobretudo, afetuoso.

A partir do cenário de realização de atividades em contexto de pandemia exposto, esse trabalho tem como foco apresentar reflexões sobre as atividades realizadas no projeto "Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade", na escola Louis Braille de Pelotas, em tempos de pandemia do coronavírus.

Educomunicação – a constituição dos sujeitos fundamentada a partir da mídia

A área de Educomunicação é desafiante pelo imbricamento dos termos mídia-educação. Surge das demandas formativas dos sujeitos envolvidos e suas realidades. Conforme afirma Setton (2011, p. 9), "as mídias são responsáveis pela produção de uma série de informações e valores que ajudam os indivíduos a organizar suas vidas e suais ideias". Colaboram, também, para nossa compreensão e mediação dos acontecimentos mundiais.

Por essa linha de pensamento, Peruzzo (2015) aponta que as experiências comunicativas estudadas e discutidas no ambiente escolar contribuem para "o fortalecimento de vínculos identitários e comunitários por meio de canais de comunicação" (PERUZZO, 2015, p. 14). Essa ligação contribui para os procedimentos dialógicos da educação. Logo, tanto as mídias como a práxis pedagógica não perdurariam sem o intercâmbio de sentidos, pela proximidade e compreensão dos sujeitos envolvidos. Vale mencionar que devido ao momento que estamos vivendo

por conta da pandemia da Covid-19, não é possível fechar os olhos para essa realidade. É necessário estarmos preparados para a reflexão e a compreensão desse fenômeno que diz respeito a todos nós.

Com isso, a partir da mídia, estabelece-se um debate acerca da acessibilidade da informação para pessoas com deficiência visual. "A cultura da comunicação é tomada como processo para coordenar as ações e se realiza mediante o diálogo" (GONZÁLEZ, apud PERUZZO, 2015, p. 15). Outro elemento é a cultura da informação, que estimula a conectividade, a consistência e a escuta. A conectividade se refere ao processo da comunicação, iniciado a partir da estimulação e continuado a partir do estabelecimento de vínculos entre todos. Já a relação de consistência e escuta acontece devido ao espirito coletivo, construído a partir do "nós", em detrimento do individualismo. Assim, a partir da construção de um sentido, renovado a partir do "nós", surge a identidade de um grupo e a sua capacidade para processar a informação, selecionar os problemas e elucidá-los de forma coletiva (PERUZZO, 2015).

De maneira geral, é fundamental que pensemos sobre a mídia e sua relação com a educação. Como afirma Guareschi, "a universidade como instituição superior, não pode ser reduzida a um local apenas de transmissão de saberes, mas de reflexão e criatividade" (GUARESCHI, apud COSTA E TEIXEIRA, 2008). Sobre esse fato, considerando que estamos rodeados pela mídia eletrônica e pela mídia impressa, existe um espaço também para questionamentos. Logo, refletindo sobre o aspecto positivo da mídia, considerando o seu conteúdo informativo, considera-se relevante que a mesma faça parte das discussões e reflexões acerca do comportamento das pessoas.

De certa forma, diante de tantas funções da comunicação, como afirma Martín-Barbero (2003, p. 13), é importante pensar no seu papel estratégico na "configuração dos novos modelos de sociedade". Por isso, novas práticas comunicativas, como rádios comunitárias, *podcast*, projetos pilotos de comunicação e outros canais criados, por intermédio de experiências educativas, comprovam que a comunicação, enquanto instrumento de formação contínua, fornece subsídios para uma ação conjunta, mobilização dos sujeitos e troca de experiências. "São novas maneira de estar juntos pelas quais se recria a cidadania e se reconstitui a sociedade" (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 21).

A partir daí, a área da Educomunicação se fundamenta, sobretudo, na interface dos campos da comunicação-educação. Conforme destaca Soares (2011), é uma forma processual, interdisciplinar e interdiscursiva, vivenciada na prática dos atores sociais, por meio de modelos concretos de intervenção social. Implica, todavia, pensar na mediação tecnológica, na gestão da comunicação e na reflexão epistemológica.

Segundo Lopes e Miani (2015), a inter-relação entre mídia-educação é constituída como a norteadora do processo de recepção, cuja esfera e discussão são permanentes, visto que respeita a formação cidadã dos sujeitos envolvidos. Partindo desse pressuposto, a questão das mídias é uma pauta para os educadores. Primeiramente, as autoras relatam que o termo surgiu nos encontros da UNESCO, em 1973, referindo-se à capacidade de ensinar o uso dos meios de comunicação na esfera escolar. Em decorrência disso, outras dimensões foram tratadas enquanto um campo interdisciplinar e como prática social. Nessa mesma linha propositiva, a premissa consiste em propor a formação de sujeitos críticos e ativos diante da mídia.

> Tal busca pressupõe o entendimento do receptor enquanto ser histórica e culturalmente inserido em um grupo social, que participa de diversos processos comunicativos e é dotado de uma visão de mundo. Sua posição é ativa na sua relação com mensagens midiáticas, podendo inclusive reelaborá-las e confrontá-las (LOPES; MIANI, 2015, p. 561).

Articular a prática no processo ensino-aprendizagem aproxima alunos, professores e familiares e suas relações com o mundo. Com grande poder de inserção, as mídias desenvolvem estratégias educativas subliminares, constituindo-se em importantes parceiras da família e da escola na atualidade (MARTÍN-BARBERO, 2003). Assim, o pensamento sobre estas questões é desafiador e dá respaldo à inclusão de pessoas com deficiência visual.

Podcasts e a divulgação de conteúdo em tempos de pandemia

Como uma das ações do projeto "Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade", temos a produção de *podcast*. Após apresentarmos ponderações sobre a Educomunicação, agora vamos discorrer sobre *podcasts* e suas relações com a inclusão, com a reconfiguração da divulgação de saberes e com a divulgação de informações em tempos de pandemia.

É importante salientar que diversas mídias têm potencial para dar suportes à disseminação de informações e podem dar respaldo ao processo de aprendizado de alunos em formação, mas, neste contexto de pandemia do coronavírus, que transformou as rotinas e as formas de realização das atividades cotidianas da maior parte das pessoas, inclusive as formas de produção e divulgação midiática, o *podcast* mostra-se como um recurso tecnológico, didático-pedagógico. Também uma experiência para a continuidade do projeto de WebRádio e WebTV junto à Escola Louis Braille. Como a produção de *podcast* tem sido um dos focos do projeto em tempos de pandemia, é importante apresentarmos uma definição mais técnica para o termo.

> PodCast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor. (BARROS; MENTA , 2007, p. 2-3).

Como assinalam Barros e Menta (2007), o *podcast* é uma forma de divulgação radiofônica personalizada e com divulgação na internet. No

contexto de isolamento social, imposto pelo coronavírus, ele se torna elemento de socialização e transmissão de conhecimentos sobre determinados assuntos e como um meio de aprendizado para quem escuta.

Ribeiro (2020) apresenta informações sobre o consumo de *podcast* no Brasil. Ela aponta que o país, desde 2019, tornou-se o segundo país que mais consome tal formato, ficando atrás somente dos Estados Unidos[1]. E ainda situa o mercado do formato no país em relação à pandemia ao dizer que "Durante a pandemia da Covid-19, o mercado de conteúdo de áudio deu um salto ainda maior no país, impulsionado pela diversificação dos programas disponibilizados, entre eles, novelas, séries e humorísticos" (RIBEIRO, 2020, s.p.). Ainda sobre o consumo de *podcast* no cenário brasileiro, reportagem do Portal Terra situa que, mesmo tendo sido amplamente afetado pelo Covid-19, o Brasil está em primeiro lugar no *ranking* que aponta os países em que a produção do formato mais cresceu desde o início do ano de 2020[2].

Como apontou Ribeiro (2020), o formato ganhou espaço nas mais diversas áreas. Passou a ser comum a divulgação de *podcasts* de esportes, política, economia, etc, o que fez com que houvesse a consolidação de um espaço informativo de fácil acesso, inclusive pelo celular, e com amplo caráter informativo. Abud, Ishikawa e Gonzaga (2019) exemplificam *podcast* citando que uma parceria entre Spotifye e o Grupo Folha desenvolveu o "Café da Manhã", que é um *podcas*t de divulgação diária, que apresenta assuntos relacionados à política e à economia no mundo. O exemplo dado por eles mostra que grandes grupos de comunicação adentraram na produção destes materiais sonoros.

Jesus (2014) analisa o *podcast* na seara do ensino e do aprendizado, dizendo que este formato pode ser uma forma potencializadora da construção de conhecimento pelos próprios alunos ou pelos docentes. "[...] sendo que a sua criação, no âmbito da realização de trabalhos, pode vir a proporcionar uma experiência interessante" (JESUS, 2014, p.34). O processo de produção de *podcasts*, segundo o autor, pode representar

1. Ribeiro (2020) diz que as informações são da pesquisa *Podcast Stats Soundbites*.

2. A informação apresentada pelo Portal Terra tem como base informações do relatório de *State of the Podcast Universe*, publicado pela Voxnest.

uma forma de interação entre os membros da equipe de produção, além de instigar diferentes reflexões sobre assuntos diversos. Sobre o público do *podcast*, Jesus aponta que

> [...] o conteúdo produzido pode ser citado ou debatido em outras formas de micro mídia digital, como o blog, ou na sala de aula. Em vez de uma distribuição simultânea para milhares ou milhões de pessoas sintonizadas ao mesmo tempo, os Podcasts atingem públicos pequenos, mas que são interconectados entre si (JESUS, 2014, p.34).

Os pontos apresentados por Jesus podem ser observados em relação à produção de *podcasts* no projeto de WebRádio e WebTV. No projeto, alunos da Escola Louis Braille têm a oportunidade de trabalhar com pontos relacionados à produção de textos em nível verbal, além de buscarem informações sobre os conteúdos que serão transmitidos. Eles podem, também, produzir conteúdos sonoros que serão escutados pelos que convivem em suas relações e pelo público em geral.

A produção de *podcasts*, no âmbito da Louis Braille de Pelotas, aparece como uma forma motivadora e de integração dos envolvidos no projeto, que mesmo estando distantes uns dos outros fisicamente, trabalham para a produção e divulgação de conteúdo. Trata-se, portanto, de uma forma de continuar com o projeto em atividade mesmo em tempos de pandemia. Mesmo a distância, a produção de conteúdo em áudio se mostra como uma alternativa de manutenção dos trabalhos que são feitos há vários anos. No próximo tópico, vamos apresentar reflexões sobre os trabalhos realizados no projeto desenvolvido na Louis Braille e suas ações, como a produção de *podcasts*.

Cenário de pesquisa: Contextualização do ambiente escolar e apontamentos metodológicos

Para continuação do desenvolvimento do projeto no período de isolamento social, foram executadas atividades na área da Educomunicação, por meio de redes sociais, utilizando-se de ferramentas radiofônicas

na escola Louis Braille, que atende pessoas com deficiências visuais. Nesse contexto, busca-se enfrentar os novos desafios que a pandemia de Covid-19 impôs, em vista de um ambiente virtual e educacional inclusivo.

Contexto da Escola Louis Braille

Idealizada pelo Dr. Guilherme Echenique Filho, juntamente com a ajuda da deficiente visual Lori Huber, a Associação Escola Louis Braille foi fundada no dia 10 de junho de 1952, contando com apenas seis alunos. O intuito foi promover uma integração social das pessoas com deficiência visual, por meio de ações socioeducativas para possibilitar um maior desenvolvimento na sociedade.

Atualmente, cerca de 163 alunos frequentam a escola de forma presencial. O estabelecimento oferta, além das aulas das séries iniciais, a educação para jovens e adultos (EJA). Também conta com projetos de atletismo, aulas de informática adaptadas para o Braille, grupos de música e teatro, reforço escolar, tratamento terapêutico especializado e acompanhamento oftalmológico.

Em contrapartida, com o período de isolamento social, houve uma modificação em seu calendário escolar, adaptando-se às plataformas digitais, transformando as aulas semanais e as demais atividades já citadas em modo remoto. Isso vem permitindo uma interação maior, também o aprimoramento da fala e uso da linguagem corporal. Dessa forma, o projeto de WebRádio, WebTV e Inclusão Social junta-se à escola Louis Braille, integrando educação, informação, comunicação, cultura e intercâmbio de experiências.

Mesmo neste momento de incertezas, a escola Louis Braille continua por ter grande importância nos serviços prestados ao município de Pelotas e Região Sul. Diante disso, no dia 29 de julho de 2020, foi aprovada pela Câmara de Vereadores de Pelotas a emenda do vereador Fabricio Tavares (PSD), que se aprovada pelo executivo, declara a Associação Escola Louis Braille de Utilidade Pública, nos termos da Lei nº 1804[3], de

3. Projeto de Lei Ordinária nº 1302/2020. Disponível em: <https://sapl.pelotas.rs.leg.br/materia/35078>. Acesso em: 10 ago. 2020.

09 de janeiro de 1970, do município[4]. De acordo, com o artigo 4 da lei em questão, a entidade gozará dos seguintes benefícios:a) preferência para receber a verba pessoal distribuída pelos vereadores; b) preferência no âmbito da concessão e do pagamento de auxílios concedidos pelo Poder Executivo.Em vista disso, a lei acaba por facilitar a entrada e saída de verbas na escola em questão, que, por vezes, tem seus recursos oriundos de convênios e doações de *telemarketing*. Por fim, esse passo demonstra, com uma nova ótica, a importância da relação da universidade com essa instituição.

Metodologia

Para a realização do estudo, optou-se pelo modo "Pesquisa Participante" que, segundo Gil (2002), está solidificada pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. A pesquisa participante se solidifica pela ligação dos pesquisadores e pesquisados no procedimento da pesquisa

> (...) que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios - as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. E a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior. (FALS BORDA, apud GIL, 2002, p.31).

Em vista disso, de acordo com Gajardo (1984) e Lê Boterf (1984), a construção desse método se dá: a) pela montagem institucional e metodológica; b) pelo estudo preliminar e também provisório da região e da população pesquisadas; c) pela análise crítica dos problemas; e d) pelo

4. Lei Ordinária 1804. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/1970/180/1804/lei-ordinaria-n-1804-1970-prescreve-normas-pelas-quais-as-socied> Acesso em: 10 ago. 2020.

programa-ação e aplicação de um plano de ação. Logo, na primeira fase os membros do projeto de extensão WebRádio, WebTV e Inclusão Social, juntamente com os representantes da Associação Escola Louis Braille, realizaram o estudo preliminar e provisório, organizando e elaborando um cronograma de atividades a serem realizadas. O estudo preliminar, conforme comenta Lê Boterf (1984), é caracterizado pela identificação da estrutura social da população, assim como a descoberta do universo vivido por ela e o recenseamento dos dados socioeconômicos e tecnológicos. Convém ressaltar que a pesquisa participante tem como base colocar-se a serviço dos oprimidos, necessitando identificar com clareza quem são eles, no âmbito de uma determinada comunidade.

Por essa linha de pensamento, os dados obtidos nas duas fases anteriores ajudam na terceira fase, a análise crítica dos problemas, visto que esses dados conduzem à formulação de problemas que passam a ser discutidos por todos os participantes da pesquisa. Já na última fase, denominada elaboração do plano de ação, é elencado por intermédio de hipóteses, um plano de ações que permitam tanto a análise mais adequada do problema estudado quanto a melhoria instantânea da situação em nível local, além de ações que possibilitam melhorias a médio e/ou longo prazo, em nível local ou mais amplo.

Em suma, desde o trabalho presencial que era desenvolvido até o dado momento com as atividades remotas, com os membros do projeto de extensão WebRádio, Web TV e Inclusão Social, juntamente com os representantes da Associação Escola Louis Braille, foi realizada uma análise preliminar, organizando e elaborando um cronograma de atividades, como forma de contribuir, ajudar e adaptar-se às dificuldades de cada um dos sujeitos envolvidos no referido projeto (alunos e familiares).

A experiência na esfera digital

Os espaços virtuais são utilizados para se reinventar e realizar práticas pedagógicas, recorrendo a subterfúgios audiovisuais no ensino e aprendizado de alunos deficientes visuais. Mediante o cenário atual via web, o projeto é responsável por trazer, a cada semana, temas diversificados, que agregam valores aos conteúdos trabalhados nos bancos

acadêmicos, e uma prática que oportuniza não apenas aos alunos conhecer mais sobre os assuntos que permeiam os ambientes acadêmicos, mas também aos envolvidos na aplicação do projeto a conhecer realidades distintas e às problemáticas que os sujeitos enfrentam, contudo, oportunizado aos alunos também uma compreensão da Internet como mídia eminentemente interativa.

Diante disso, a realização das atividades se dá através de um grupo, na rede social *whatsapp*, tendo um dia fixo da semana, na sexta-feira, dia que já era o habitual para as atividades presenciais do projeto. O modelo enviado é o de áudio, com áudio-descrição e explicação de um tema abordado no jornalismo.

Nesse período, alguns temas já foram trabalhados, destacando-se "acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais". A primeira atividade foi uma tarefa em áudio, abordando alguns temas para se entender o público que iria ser estudado, com dados e relatos; foi questionado como se dá o acesso de informação aos deficientes visuais, baseando-se na pergunta: "O jornalismo que você consome/produz é inclusivo?".

Os alunos enviaram áudios e vídeos, respondendo ao questionamento. Em relação às respostas, foi possível perceber que, em sua maioria, eram negativas. Na semana seguinte, foi apresentado um trabalho mais prático e divertido para eles, abordando a notícia, algo tão característico do jornalismo e que tem grande importância para o dia a dia de todos. Sugerindo-se que eles fossem repórteres por um dia e fizessem o trabalho de escolher alguma notícia que eles escutassem naquela semana para, posteriormente, socializar com o grande grupo. O trabalho foi positivo, os alunos apresentaram notícias sobre a pandemia na cidade e sobre o esporte. Também foi abordado o surgimento do rádio, sua história e o atual cenário do rádio no Brasil, através da realização de questionamentos aos alunos acerca da sua relação com o veículo, sobre gostos e preferências. Naquela semana, trouxeram como respostas ponderações sobre emissoras de rádio e programas vinculados ao rádio das quais eles mais gostavam. Na quarta semana, foi realizada uma oficina sobre a televisão. Abordou-se, em especial, a TV no Brasil, seu surgimento e crescimento. E, outra vez, pode-se conhecer os programas que fazem parte do dia a dia deles.

A fotografia foi a temática da quinta semana, quando foi apresentado um breve histórico de seu surgimento, e foi proposta uma atividade um pouco diferente, mas que tinha um grande envolvimento familiar. Com a ajuda de um familiar ou responsável, eles deveriam tentar fazer um registro fotográfico de algo que faz parte do seu dia a dia e, na medida do possível, com suas particularidades, foi possível ver os registros dos alunos.

O surgimento do jornal impresso foi tema da sexta semana, mas através de uma ótica diferente e inclusiva, com isso, foi levado para os alunos o caso do primeiro jornal impresso em Braille do Brasil, numa tentativa de agregar os alunos a um âmbito que por muito tempo não os incluía.

No decorrer desse tempo, o projeto em questão passou a integrar o projeto Educomunicação em Foco, que engloba alguns projetos de extensão do curso de Jornalismo e consiste no desenvolvimento de *podcasts* através da Educomunicação. Tendo em vista isso, as repostas obtidas pelos alunos na atividade da primeira semana mostraram-se um debate necessário. Assim, de maneira conjunta, os projetos Educomunicação em Foco e WebRádio e WebTV produziram o primeiro episódio do *podcast* sobre o tema "a acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais", contando com a participação de alunos e mães da escola Louis Braille.

Consequentemente, a cada semana que passa, percebe-se que os resultados obtidos ao longo desse período de atividades remotas foram positivos. Os alunos participam e interagem, notando-se uma presença familiar muito importante na realização e no prosseguimento das atividades. Abaixo, são expostos alguns depoimentos de envolvidos nas práticas do projeto, que confirmam os apontamentos evidenciados. Como forma de preservar as identidades dos sujeitos, os respectivos nomes foram alterados, pois cabe demarcar que o propósito deste estudo é compartilhar a importância do projeto para os entrevistados.

> Acho que as atividades estão boas! Eu não participava no ano passado, pois ele ficava na escola com o rapaz e os colegas da web e lá ele se envolvia no projeto. Mas como esse ano mudou tudo, por causa da pandemia, tento

fazer com que ele responda conforme o assunto. Estou achando bem legal os temas que estão sendo abordados. (Dona Ana, mãe de um dos alunos).

Desde o início das atividades do projeto, dá pra ver uma evolução na comunicação e desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Tem sido desafiador seguir com as atividades nesse tempo de pandemia. Nós temos algumas dificuldades, mas, o trabalho tem sido de grande importância para a escola. Essas informações que estão sendo solicitadas são importantes para a reflexão de tudo que vem acontecendo. Assim, essa parceria é extremamente importante e tem dado grandes frutos. (Professora Sandra).

Eu gosto das atividades de web, pena que não é mais presencial. (aluno Rodrigo).

Portanto, a realização do projeto de extensão, nesse momento, tem promovido não só um ambiente virtual estimulante e inclusivo, mas, também, afetuoso, proporcionando um crescimento no envolvimento familiar ao ambiente escolar. Neste contexto pedagógico, apresentam-se, em nota de rodapé, *links* das atividades já mencionadas. E, a seguir, seguem imagens de um integrante do projeto.[5]

5. Link das redes sociais do projeto, canal onde são postados as atividades do alunos: <https://www.facebook.com/webradiowebtv>.
Link do *podcast* produzido sobre a “Acessibilidade de informações jornalísticas”: <https://open.spotify.com/episode/6dhuPymLfKebjTJKTuGKCh?si=TBqlLoqxQp-g2ZB0-TcOXg>.

Figura 1 – Vídeo de um dos alunos do projeto, na oficina sobre jornalismo impresso.

Fonte: Fotografia de Carmem Andrades.

Figura 2 – Um dos alunos do projeto.

Fonte: Fotografia de Micael Machado.

Considerações finais

Na contemporaneidade, falarmos em acessibilidade e inclusão é fazermos remissão a assuntos de grande importância e que são voltados à consolidação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nas práticas educativas, a efetivação de inclusão é fundamental para ampliarmos o acesso de pessoas com deficiência a conteúdos das mais diversas áreas, que são fundamentais para a sua formação e para a construção da cidadania.

Para formarmos cidadãos participantes e atuantes no contexto social, temos que dar respaldo para a ocorrência de uma formação massiva e igualitária, e precisamos dar condições para a efetivação de práticas educativas e inclusivas. É com foco na inclusão que o projeto "Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade" é voltado a desenvolver práticas educativas e inclusivas na Escola Louis Braille, em Pelotas. A instituição, que desenvolve a formação de alunos com deficiência visual ou com baixa visão, na cidade de Pelotas, é berço do projeto e dá subsídios para o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas na área de Educomunicação, com o uso de dispositivos tecnológicos, calcados no diálogo, na interface comunicação/educação, na formação e ressignificação dos sujeitos envolvidos (alunos, professores, familiares e equipe do programa em foco).

Por essa linha de pensamento, em decorrência da pandemia do coronavírus, as atividades nos mais diversos setores precisaram de reconfigurações. Os meios de comunicação passaram a ter suas rotinas alteradas; atividades simples, como ir a um local público, passaram a ser realizadas com cautela; escolas e universidades transferiram suas atividades para o modo remoto. Em relação à escola Louis Braile de Pelotas, diversas atividades moveram-se para o nível remoto. Nesse contexto, as ações do projeto de extensão- "Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade" também decorreram neste modelo.

Sendo assim, a interação entre os agentes do projeto e os membros da escola passaram a ser efetivadas através de ações on-line e de grupos

de *WhatsZapp*, dando continuidade à formação, mesmo em tempos de coronavírus. As ações do projeto perpassaram o entendimento dos alunos da escola em relação aos meios de comunicação e ao mundo, resultando em produção de *podcast* através da Educomunicação. O primeiro *podcast* teve como tema "a acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais". Nesse contexto, com o desenvolvimento do projeto como um todo e do *podcast*, cabe destacar que se tem observado uma formação continuada dos alunos da escola e o seu desenvolvimento. Também está sendo possível visualizar a formação de uma sociedade que busca a igualdade através da inclusão de todos.

No entanto, o desafio continua persistindo, pois tornar o campo de estudo da Educomunicação uma forma de reunir os saberes da comunicação e os da educação, continua sendo a vertente dos participantes do projeto. Enfim, compete lembrar que as ações estão em constante mudanças e aprimoramento. De modo geral, espera-se, cada vez mais, o engajamento e participação de todos, e que funcione de modo bastante articulado, para favorecer o diálogo, possibilitar a interação, a multiplicação de experiências, a liberdade de expressão, o respeito, a ética e a democratização da mídia.

Referências

ABUD, M; ISHIKAWA, C. Y.; GONZAGA, L. D. 2019. **Tendências do Podcast no Brasil:** Formatos e Demandas. Disponível em:<http://faap.br/nimd/pdf/2019-08_podcast_REV.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2020.

BARROS, G. C; MENTA, E. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. **Eptic On-Line** (UFS), v. IX, p. 74-89, 2007.

CARVALHO, E. R. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem**: educação Inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2009.

COSTA, G.P; TEIXEIRA, L.M. **Educação e Mídia**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GAJARDO, M. Pesquisa participante, propostas e projetos. *In*: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

JESUS, W. B de. **Podcast e educação**: um estudo de caso. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP, 2014.

LÊ BOTERF, G. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. *In*: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LOPES, M.F; MIANI, R.A. Mídia-Educação e Histórias em Quadrinhos – Uma proposta de Alfabetização Crítica e Criativa na Linguagem das HQ com Estudantes de 5 Ano. *In*: PERUZZO, C.M. K (Org.). **Comunicação Popular, comunitária e alternativa no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios as mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

PERUZZO, C.M.K. (Org). **Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015

PORTAL TERRA. 2020. **Produção de podcasts no Brasil cresce durante a pandemia.** Disponível em:<https://www.terra.com.br/noticias/dino/producao-de-podcasts-no-brasil-cresce-durante-a-pandemia,7025d9c72eed3c2d8e639197fbffd56ahvaps6cj.html>. Acesso em: 9 ago. 2020.

RIBEIRO, R. M. 2020. **Em alta na pandemia, podcasts apostam em novelas e séries de ficção.** Disponível em:<https://www.metropoles.com/entretenimento/em-alta-na-pandemia-podcasts-apostam-em-novelas-e-series-de-ficcao>. Acesso em: 9 ago. 2020.

SETTON, M.G. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, I. O. **Educomunicação, o conceito, o profissional, aaplicação**. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

SOARES, I. O. Educomunicacão: Um Campo de Mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo: 12 a 24, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>. Acesso em: 15 out. 2019.

MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO, graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas pela UCPel. Tem Pós-doutorado em Estudos Culturais pelo Departamento de Línguas e Culturas. Universidade de Aveiro- Portugal. Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação-FAMECOS/PUC-RS. Professora do Curso de Jornalismo da UFPel/Centro de Letras e Comunicação. Coordenadora do Projeto de Extensão - "Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais- Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade".
E-mail: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

MICHELE NEGRINI, graduada em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Franciscano e em Comunicação Social - Jornalismo pela UFSM. Doutora em Comunicação pela PUC-RS. Tem Pós-Doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). Coordenadora adjunta do Projeto de Extensão - "Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais- Utilização da WebRádio e WebTVpara criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade".
E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br

MARIAH COELHO COI, graduanda do 3º Semestre do curso de Jornalismo da UFPel. Bolsista do Projeto de Extensão – 'Inclusão Digital e Promoção do Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade".
Email: maricoelhocoi@gmail.com

REINVENTANDO A EXTENSÃO: ESTRATÉGIAS DO "COLETIVO HILDETE BAHIA: DIVERSIDADE E SAÚDE" PARA PROMOVER A SAÚDE E ENFRENTAR DESIGUALDADES EM MEIO À PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Marina Soares Mota
Wendel Farias Rodrigues
Vitoria Peres Treptow
Helena dos Santos Cardoso
João Pedro Botelho Pinto
Lisiane da Cunha Martins Silva

Introdução

O novo coronavírus (COVID-19) foi declarado como surto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020, considerado emergência de saúde pública de dimensão internacional em 11 de março de 2020 e, desse modo, caracterizado como pandemia. Essa apresentou

alta expansão devido a sua virulência, com a confirmação de 15.296.926 casos e 628.903 mortes até o dia 24 de julho de 2020 (OMS, 2020). No Brasil, no dia 15 de agosto de 2020, já eram registrados 106.523 mil óbitos e 50.644 mil novos casos (MS, 2020a).

No início do mês de fevereiro, a pandemia foi considerada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), demandando a sanção da lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Essa lei dispôs acerca das medidas para enfrentamento da ESPIN em decorrência do COVID-19 e estabeleceu o isolamento social e a quarentena, bem como definiu os profissionais essenciais para a manutenção da ordem pública e contenção da doença, como médicos e enfermeiros (BRASIL, 2020).

Apesar da esperança frente aos estudos e às pesquisas sobre imunização e tratamento medicamentoso para a COVID-19, até o momento, não existe nenhuma vacina aprovada que efetivamente combata ou previna a doença (FOLEGATTI *et al.*, 2020). Atualmente, a medida que tem se mostrado mais efetiva para a contenção do avanço da COVID e dos óbitos é o distanciamento social, unida às medidas não farmacológicas, tais como a higiene das mãos com sabão ou álcool em gel, a desinfecção dos ambientes, a orientação para evitar aglomerações, a etiqueta respiratória e o uso de máscara em espaços públicos (CONASS, 2020).

Frente ao contexto pandêmico e ao panorama de risco à vida, no que tange ao funcionamento das Universidades e Institutos Federais de Ensino, o Ministério da Educação (MEC) suspendeu temporariamente as atividades acadêmicas e divulgou algumas ações com vistas à proteção das pessoas e contenção da propagação do vírus. Destarte, houve reforço nas medidas de higiene, liberação de verbas para o enfrentamento da pandemia, surgimento de novas diretrizes para o transporte escolar e dos sistemas de monitoramento de casos de COVID-19 nas instituições de ensino, dentre outras (BRASIL, 2020). No entanto, este protocolo não foi suficiente para o retorno das atividades presenciais e a modalidade remota foi fomentada.

Neste sentido, em caráter excepcional, a Medida Provisória Nº 934, de 1º de abril de 2020, e a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, autorizam a realização de aulas não-presenciais em meio digital. Cabe destacar que, entre as diversas ações que as instituições de ensino superior desenvolvem, como o ensino e a pesquisa, a extensão é uma atividade

essencial. Contemplada nos Planos de Desenvolvimento Institucional das Universidades, a ação extensionista deve compor 10% do total da carga horária dos cursos de graduação como parte da matriz curricular, visando o desenvolvimento dos discentes e da comunidade em geral por meio da produção e disseminação do conhecimento. A extensão universitária possui o compromisso social dentro das instituições de ensino superior de promover a cultura, os direitos humanos e a justiça, a educação, o meio ambiente, a saúde, entre outros (BRASIL, 2018).

Na esteira da extensão universitária, o projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" foi criado em 2019 a partir das inquietações de um grupo de discentes negros do curso de Enfermagem. Esses questionavam a falta de discussões acerca das políticas de saúde, educação e direitos da população negra e quilombola na universidade, bem como a pouca representação de pessoas negras dentro do ambiente acadêmico. Com o tempo, discentes com diferentes pautas se juntaram ao projeto, agregando temas como a saúde da população indígena, da população de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, *queer*, assexuais (LGBTQIA+), a saúde escolar, as desigualdades sociais, a violência e a saúde mental.

Assim, reconfigurando o coletivo de pessoas negras para um coletivo de diversidade, transformou-se esse projeto para um espaço de conhecimento e luta pela diversidade, inclusão social e promoção da saúde de populações vulneráveis. Historicamente, essas populações têm seus direitos cerceados e sabe-se que a enfermagem tem o compromisso de cuidar das pessoas e garantir seus direitos sociais. Desta forma, o projeto tem permitido que seus extensionistas abordem com a população em geral e universitária temas relevantes ligados a questões sociais e suas intersecções com a saúde.

O distanciamento social e, consequentemente, a alteração para atividades remotas modificaram a saúde da população pelo risco da contaminação caso se expusessem aos ambientes não controlados, mas também pela dificuldade de acesso à informação, pelo aumento das chamadas *fakenews* e pelo redirecionamento da atenção dos serviços de saúde para o rastreamento dos casos de COVID-19. Entretanto, observa-se que determinadas populações, como, por exemplo, a negra, que já eram vulneráveis, foram mais afetadas, porque a sua saúde e demais demandas sociais já não eram visualizadas antes da pandemia, tornando-se ainda mais negligenciados nesse momento (GOES *et al.*, 2020).

Justificativa

As desigualdades nesse período de pandemia se exacerbaram e, nesse viés, o projeto tem desenvolvido ações com temas importantes para a comunidade, tais como o ensino remoto na educação pública e a violência doméstica e intrafamiliar. Desse modo, leva a promoção da saúde e do bem-estar social, agora, por meio do uso dos recursos disponíveis, como as redes sociais, plataformas de webconferência e moodle institucional. Através dessas, os discentes do curso de enfermagem têm construído formas inovadoras de realizar a extensão universitária na intenção de produzir conteúdos de qualidade e fazer com que esses cheguem às populações mais distantes em um cenário de pandemia, dado que a população e os profissionais da saúde estão adoecendo física e mentalmente. Além disso, no contexto da pandemia, a experiência de reinventar a extensão tem possibilitado aos extensionistas de enfermagem o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos singulares com diferentes tecnologias da informação e comunicação, além da preparação para situações sociais complexas, refletindo em um profissional mais qualificado.

Metodologia

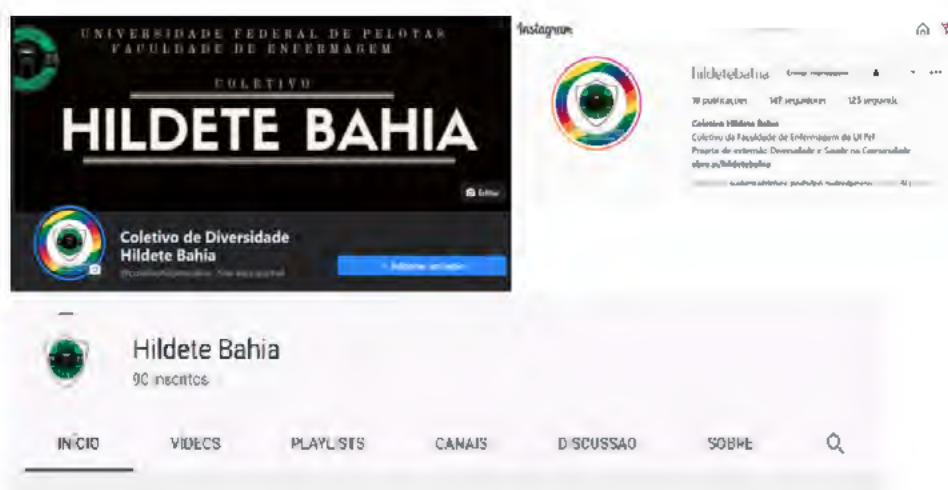
Compreende-se que a educação à distância como único meio de ensino não é suficiente para abranger todos os temas abordados na graduação. Além das disciplinas teóricas durante a atividade normal de graduação, realizadas atualmente com carga horária reduzida, o ensino, pesquisa e a extensão são partes primordiais do ensino universitário (LUPINACCI, 2020). O projeto tem realizado ações usando diferentes ferramentas e temas diversos a partir do mês de maio de 2020. Na busca de novos meios de comunicação e de aprendizado em tempos de pandemia, o uso de redes sociais como estratégia de informação e comunicação se tornou importante, comum e necessário.

A Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) é o método de comunicação ampliado que torna o acesso à informação por mídias populares como o rádio, o vídeo e os jornais que “tem por base a linguagem oral, a escrita e a síntese entre som, imagem e movimento” (RODRIGUES,

2020, p. 21). Assim, o projeto tem realizado diversas aplicabilidades dessa estratégia em suas redes sociais, como a construção de *cards*, vídeos e *lives* para o compartilhamento e discussão de temas relevantes sobre a saúde e questões sociais das populações vulneráveis, levando informação de saúde e desconstruindo preconceitos. As adaptações das ações de extensão durante o isolamento social tornam a chamada *live* (ao vivo) uma ferramenta acessível e permanente, que ultrapassa as restrições físicas e permite debates em tempo real com pessoas em diferentes localidades. Assim sendo, permite levar para dentro das instituições públicas e da comunidade em geral informações qualificadas com interação simultânea entre convidados e espectadores.

Para sua realização, o projeto tem utilizado a ferramenta gratuita de *stream,* chamada *Stream Yard*. Esta possibilita ampliar o número de convidados debatendo de forma simultânea, além de tornar a *live* mais dinâmica com projeção de perguntas na tela com imagem dos espectadores, troca da disposição dos convidados e mediadores e projeção de *slides,* entre outros recursos que tornam a transmissão mais atrativa. Essa ferramenta possibilita a distribuição para plataformas gratuitas do Facebook e Youtube, onde o projeto mantém as páginas do facebook "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde", do canal do Youtube "Hildete Bahia" e instagram "HildeteBahia" (Fig. 1).

Figura 1 – *Prints* dos *layouts* redes sociais do projeto.

Fontes: https://www.youtube.com/channel/UCoTN7QtnZclQaA09s9SU1vw
https://www.facebook.com/coletivohildetebahia/
https://www.instagram.com/hildetebahia/

As *lives* são gravadas nessas plataformas, o que permite ampliar o acesso ao conteúdo de forma permanente, tendo em vista que as *lives* ficam depositadas na plataforma e podem ser assistidas em qualquer momento e por qualquer pessoa no mundo. Desta forma, o coletivo abrange a necessidade da comunidade interna e externa a Universidade na atual circunstância de atividades síncronas e assíncronas, compreendendo durante a realização das *lives* uma comunicação síncrona e aberta ao público através de perguntas e comentários no *chat*. Além de assíncronas, as *lives* são armazenadas e disponibilizadas para todos os públicos.

Antes das *lives,* que ocorrem pelo menos uma vez ao mês, as duas coordenadoras, uma professora colaboradora e 14 extensionistas do projeto organizam a dinâmica que será desenvolvida para que a atividade aconteça. Assim, dois extensionistas ficam responsáveis pela confecção do *card* de divulgação da *live* e pela postagem desse nas redes sociais; outro fica responsável pela mediação e dois pela transmissão nas plataformas da *live*, com pelo menos um suplente para cada função, caso tenham problemas como a instabilidade da internet, por exemplo. Além disso, são realizadas rodas de discussão sobre o tema da *live* proposta com vista à fundamentação teórica do mediador e dos demais extensionistas do projeto. Para isso, aproximadamente duas semanas antes da *live,* é indicado pelas coordenadoras e pelo grupo de extensionistas que realizará a *live*, um artigo científico para a leitura e discussão no encontro marcado. Neste encontro, o artigo científico é discutido e algumas perguntas para os convidados são sugeridas, sendo feitas no dia da *live* pelo mediador. Posterior à ação da *live*, na reunião mensal geral do projeto, a ação é reavaliada no sentido de identificar fragilidades, dificuldades e reconfigurações necessárias para qualificar a ação, além de discutir a organização da próxima *live* e demais ações que se façam necessárias.

O acesso aos materiais para a leitura e fundamentação das ações é de suma importância, assim, o projeto utiliza a plataforma moodle. Nesta, são disponibilizados aos extensionistas materiais científicos como artigos, livros e políticas, sugeridos pelas coordenadoras e demais componentes do projeto, e agendados encontros via plataforma de webconferência institucional para discussão, criação dos conteúdos e ações, não apenas das *lives*, mas demais ações desenvolvidas como os

cards e vídeos. Ainda sobre as *lives,* o projeto se preocupa com a saúde inclusiva. Para tanto, é solicitada a colaboração de tradutores de libras do serviço de Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), para que profissionais façam a tradução simultânea, que possibilita o acesso à informação da comunidade surda e fomenta a saúde de forma inclusiva e equânime.

Outras ferramentas de TIC utilizadas, nesse momento de adaptação, foram os *cards* de informação e divulgação de *lives* e o vídeo. No caso dos *cards*, o projeto tem utilizado a plataforma de design Canva. Esta é uma ferramenta intuitiva gratuita que permite criar e editar diferentes gráficos, apresentações, *cards* e pequenos vídeos, para publicação nas redes sociais, além de *layouts* atrativos que levam a população a acessar o conteúdo e usar em seu cotidiano. Nas ações que foram utilizados os *cards* como estratégia de disseminação de informações com base na literatura cientifica, trabalharam-se conteúdos com texto direto e simples, de fácil consumo pela população em geral, no intuito de atingir mais pessoas e chamar a atenção para temas como saúde da população lésbica, indígena, assim como o empoderamento da mulher negra, entre outros. Para o desenvolvimento do vídeo, inicialmente, construiu-se um texto acerca do tema do vídeo. Então, cada extensionista gravou parte do texto utilizando o seu celular e encaminhou para o extensionista organizador da ação, que fez a edição e, após a aprovação do grupo, publicou-se nas redes sociais e fez-se o compartilhamento via *Whatsapp*.

No que se refere à organização das ações frente ao período de distanciamento, o projeto mantém a comunicação entre os extensionistas e coordenadores por meio do aplicativo *Whatsapp*, para o diálogo mais direto. Quando há a necessidade de construção de formulários, tabelas e produção de textos, os recursos do Google como o *drive* e o *forms* são utilizados, pois permitem dinamizar as ações e potencializam o tempo investido ao trabalhar em uma mesma plataforma de maneira simultânea. Além das TICs, o projeto procura divulgar suas pautas por meio da produção científica, escrevendo um editorial a ser publicado na *Journal of Nursing and Health*. Ainda, há artigos sendo construídos para revistas de extensão e pesquisa no sentido de compartilhar as ações do projeto e divulgar a extensão universitária. Cabe destacar que o projeto busca o fortalecimento da extensão universitária também por meio de parcerias.

Assim, algumas das *lives* são realizadas em conjunto com outros projetos de pesquisa e extensão, ampliando o alcance e o impacto social, além da consolidação da extensão nesse período de pandemia.

Por fim, a extensão tem se adaptado, no atual contexto, ao utilizar como estratégia as TICs sem esquecer que a universidade pública deve se inserir na sociedade como uma formadora de opiniões, reforçando o compromisso com a sociedade. Nesse viés, a ação extensionista contribui para o desenvolvimento econômico, social e cultural, produzindo e sendo importante formador de opinião dentre a sociedade (BRASIL, 2018).

Resultados

Utilizando as TICs, formam realizadas até o momento cinco *lives* (Fig. 2) com temas ligados às necessidades da comunidade e/ou em alusão ao mês, como maio, que se comemora o mês do enfermeiro, além de *cards* e um vídeo. As ações serão descritas em tópicos a partir do tema da ação, permitindo melhor apresentação dos resultados.

Figura 2 – *Prints* dos *layouts* dos *cards* de divulgação das *lives* do projeto.

Fonte: https://www.facebook.com/coletivohildetebahia/

O marco da primeira *live* do projeto: “A saúde mental dos profissionais de enfermagem em tempos de pandemia”

Cuidar pode ser uma experiência complexa e impactante por diferentes motivos, tais como a valorização profissional (com o incentivo de gestores ou adequado salário) ou a falta de equipamentos e materiais para o trabalho. Apesar do cuidado da equipe de enfermagem, buscando sobrepujar as dificuldades, é de suma importância fornecer as estruturas de trabalho adequadas e suporte psicológico e de saúde mental aos profissionais que estão na linha de frente na pandemia de COVID-19 para a qualidade do cuidado (MOREIRA; DE LUCCA, 2020). O cuidado é, para a enfermagem, a essência de suas práticas e o aspecto predominante que a distingue das demais profissões na área da saúde, definida como arte, técnica, intuição e sensibilidade. Cuidar de toda a complexidade humana se constitui para o enfermeiro um desafio, pois suas demandas nunca cessam e nem poderão ser atendidas por completo.

Durante o processo de adoecimento, quando surgem fragilidades, medos, ansiedades e desconfortos, a atenção à dimensão emocional do ser humano se faz mais necessária ainda (DE HUMEREZ; OHL; DA SILVA, 2020). Em tempos pandêmicos, os profissionais de enfermagem vêm sofrendo ainda mais e diversos enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem são afastados por terem sido infectados com a covid-19. Com isso, surge a sobrecarga e o excesso de trabalho com cargas horárias excedentes. É necessário, portanto, que se tenha um olhar amplo e se note que não é gerado somente um cansaço físico desses profissionais, mas também o mental, que faz com que essas pessoas desenvolvam sofrimentos psicológicos como ansiedade e depressão, como é notado devido ao aumento do número de casos nos últimos anos. Com todas essas questões e condições de trabalho em tempos de COVID-19, quem cuida dos profissionais de enfermagem?

A partir dessas reflexões, o projeto construiu a *live* “Saúde mental dos profissionais de enfermagem em tempos de pandemia”, com a convidada, Prof. Dra. Luciane Prado Kantorski, professora da UFPel, pesquisadora da área de saúde mental e coordenadora da pesquisa “Avaliação do Impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental dos trabalhadores da Enfermagem na rede de serviços de saúde de Pelotas”, financiado pela

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. Foi possível observar diferentes inquietações durante a conversa e alguns índices de estudos chineses que demonstravam que a enfermagem é a profissão que mais está sofrendo durante a crise pandêmica, sendo esse tanto físico como psíquico. Isso levou os extensionista a pensarem nos seus futuros como enfermeiros e nos desafios de promover saúde dos outros e de si.

Na *live*, a convidada explicou o surgimento das "quatro ondas": a primeira, ligada à alta mortalidade/morbidade imediada pelo COVI-10; a segunda, à restrição dos recursos e problemas econômicos, incluindo a falta de matérias de saúde (equipamentos de proteção e medicamentos); a terceira, caracterizada pela interrupção de tratamento de pessoas com doenças crônicas e o caos gerado pelo agravamento de doenças pelo falta de acesso aos serviços sobrecarregados com a pandemia; e a última, marcada por um longo período de transtornos mentais relacionados à pandemia, a saber, sintomas pós-traumáticos não apenas nos profissionais da saúde, mas na população em geral. Ainda, citou alguns exemplos de enfermidades que mais estão atingindo os profissionais: angústia, insônia, depressão e ansiedade.

É evidente que os profissionais de saúde diariamente na linha de frente com a COVID-19 tendem a ter um risco muito maior de serem infectados. Logo, pode-se dizer que o medo que esses profissionais têm de levar a COVID-19 para dentro de casa e infectar algum familiar é grande; também, é possível referir que a angústia e as preocupações aumentam. Em certos casos, dentro do domicílio, apenas uma pessoa trabalha e tem renda para sustentar sua família. Se for infectada, as preocupações emergirão e, não obstante, ocorrerá o agravo de sofrimento psíquico. (GOES *et al.*, 2020). Este é um dos exemplos destacados durante a *live* e descrevem bem a realidade de inúmeras pessoas no Brasil. Outra fala enfatizada da convidada foi a de que a pandemia deixará muitas consequências e algumas delas são relacionadas ao sofrimento mental. Para tentar amenizar isso, foi criado o "Canal Conta Comigo", que disponibiliza atendimento psicológico online e totalmente gratuito, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Enfermagem, Saúde Mental e Saúde Coletiva, vinculado à Faculdade de Enfermagem da UFPel.

Destaca-se que essa *live* trouxe resultados motivadores para todos os organizadores da ação, pois recebeu *feedback* positivo de profissionais de enfermagem e da saúde, professores da área e discentes do curso de enfermagem. Ela contou com cerca de 100 pessoas assistindo simultaneamente e 490 visualizações no Youtube posteriores. Isso se fez de grande importância devido ao fato de que esse foi o primeiro evento do projeto de forma online e durante a pandemia e não se havia certeza de que pessoas iriam ser efetivamente atingidas com as informações.

Um dos desdobramentos obtidos foi o convite para uma entrevista para a rede de comunicação online da faculdade de jornalismo da UFPel, chamada “Em Pauta”. Nesta entrevista, foi falado um pouco sobre a importância do tema abordado na *live*, o motivo pelo qual os extensionistas do projeto trouxeram o assunto e um pouco da história do próprio projeto. O ano de 2020 foi considerado o ano da enfermagem pela Organização Mundial de Saúde (OMS) por se comemorar o bicentenário de Florence Nightingale, uma das pioneiras da enfermagem; e neste ano, podemos ver a importância desses profissionais nos ambientes de saúde. O evento *online* ocorreu dia 12 de maio, em homenagem ao dia da enfermagem, e buscou prestigiar o trabalho de diversas pessoas que estão lutando frente ao COVID-19. Naquele momento, havia o registro do óbito de cerca de 100 profissionais e, no corrente mês de agosto, em que se inscreve esse capítulo, já foram contabilizadas 360 mortes de profissionais de enfermagem no Brasil (COFEN, 2020).

A saúde das populações vulneráveis em meio à pandemia: produzindo conteúdos relevantes para publicar nas redes sociais

A pandemia exacerbou as desigualdades e deixou mais evidente os problemas que já existiam. Dentro do foco das populações vulneráveis, o projeto desenvolveu diferentes ações utilizando as TICs como estratégia. Destaca-se que o projeto se preocupa em criar espaços de visibilidade, pois é perceptível a intensidade da vulnerabilidade e entende-se que as redes sociais são o melhor mecanismo de comunicação e disseminação de informações nesse período sem contato físico.

Assim, três ações foram desenvolvidas com o foco na população LGBTQIA+: *live, card* e vídeo. A *live* "Políticas públicas no Brasil: a realidade da saúde da população LGBTQIA+" foi realizada no dia 29 de maio de 2020, alusiva ao mês do orgulho LGBTQIA+ e contra a homofobia. Nessa, discutiu-se a realidade de saúde e seus contrastes com a Política Nacional de Saúde Integral da população LGBTQIA+. Para abordar o tema, contamos com pessoas de referência no tema: Rodrigo Piva da Rosa, homem gay que convive com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), estudante de gestão pública da UFPel, conselheiro municipal LGBTQIA+ e militante do coletivo Juntos, ativista do movimento HIV/AID; e Marcia Monks Jaekel, mulher transexual, graduanda em teatro pela UFPel, atriz, dramaturga e roteirista, conselheira municipal LGBTQIA+, relações públicas do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual da UFPel e representante municipal do Instituto Brasileiro de Trans de Educação e outros órgãos de apoio às pessoas transexuais. Nessa *live,* os convidados relataram suas experiências a partir do contexto da transexualidade e da vida com HIV e o suporte da Política Nacional de Saúde Integral LGBTQIA+ que, apesar dos avanços, ainda possui desafios para a garantia de acesso aos serviços de saúde que visibilizem as especificidades dessa população. Por muitas vezes em situação de rua, rejeitados por suas famílias e propensos a serem vítimas da violência, a população LGBTQIA+ se vê cada vez mais invisibilizada pela sociedade. Com a chegada desse período de pandemia e quarentena, as necessidades se intensificam, sabendo que a atual crise econômica atinge diretamente essa população (OUTRIGHT, 2020).

Ainda dentro das ações voltadas para a população LGBTQIA+, construíram-se *vídeos e cards* alusivos à rebelião de *Stonewall*. Os movimentos de luta e resistência da comunidade LGBTQIA+ foram um marco para a conquista de direitos que repercutem na saúde dessa população. A rebelião de *Stonewall* foi fator desencadeante de uma série de ações que problematizavam a invisibilidade dessa população. O dia 28 de junho de 1969 marcou o início de uma série de mudanças a partir do acontecido naquela madrugada em frente a um bar chamado "*Stonewall Inn*". Neste, localizado numa área tradicional de Nova York, acontecia o primeiro movimento de resistência LGBTQIA+, marcado por uma luta que durou quatro noites seguidas (CALIXTO, 2015). Entre as pessoas envolvidas,

destacam-se as transexuais Marsha Johnson, Sylvia Rivers e Marilyn Fowler; a última, resistiu a uma luta com quatro policiais para garantir seu direito de liberdade de expressão. O movimento de *Stonewall* foi um difusor de outras lutas da comunidade LGBTQIA+ e responsável por desencadear o surgimento das clínicas de apoio e conscientização sobre as infecções pelo HIV, auxiliando na integração dessa população às políticas públicas de saúde do mundo inteiro (PAULA; LAGO, 2013).

Baseado na importância de enaltecer e conscientizar sobre esses acontecimentos que repercutem e trazem ganhos para a população, o projeto desenvolveu ações de forma simultânea para relembrar os valores desses movimentos e pessoas que lideraram essa luta. Dentre as ações desenvolvidas, foi realizada uma revisão livre da literatura para a escrita de um texto reflexivo sobre a rebelião. A partir desse texto, foram construídos *cards* contendo o texto e imagens da rebelião, bem como foi construído um vídeo em que extensionistas, uma professora colaboradora e a coordenadora do projeto e pertencentes à população LGBTQIA+ recitam o texto, permitindo, assim, a criação de um espaço de visibilidade para essas pessoas. Valente (2002) aponta que as novas tecnologias, como as mídias audiovisuais, possuem uma abordagem diferente e que esses novos formatos de compartilhamento de informações permitem criar uma interpretação que o texto vertical não atinge. Nessa perspectiva, o coletivo compartilhou informações com a comunidade através das suas redes sociais.

Historicamente, a população negra encontra-se à margem da sociedade, devido ao racismo estrutural do período escravocrata. Com a pandemia de COVID-19, as desigualdades e as injustiças históricas com essa população se intensificaram, expondo-os ainda mais, tendo em vista que possuem mais dificuldades de acesso aos serviços de saúde e estão em maior número entre as populações vulneráveis no que diz respeito às condições de vida em seus territórios pela falta de investimento do Estado. Assim, para conter o avanço da pandemia, inicialmente, é necessário encarar e desenvolver estratégias de combate às consequências do racismo (GOES *et al.*, 2020). Durante a pandemia, casos de violência policial e ações excludentes de acesso à educação e saúde, colocando em evidência o racismo estrutural e gerando discussões e protestos que ficaram conhecidos mundialmente através do movimento *Black Lives Matter* (vidas negras importam).

Dentro desse movimento, o projeto construiu a *live* "As consequências do racismo estrutural", contou com participação da coordenadora adjunta do projeto, Profa. Dra. Marina Soares Mota, da Faculdade de Enfermagem da UFPel, e o Prof. Dr. André Luis Pereira, especialista em Sociologia, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Campus Pelotas. Nessa *live,* foram abordadas as diversas faces e consequências do racismo estrutural presente nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas, tornando a sociedade atual e a pandemia de COVID-19 o maior reflexo da desigualdade racial. É impossível separar as consequências, que acabam se tornando um efeito cascata do racismo, indo da desumanização em diversas etapas do sistema à opressão vigente na esfera institucional, cujo reflexo se traduz no mercado de trabalho, nas relações sociais, no acesso à educação e à saúde e na marginalização pelo poder judiciário. Há uma intersecção entre a pobreza da população negra, o desemprego, o medo da polícia e o sistema judicial, e a solidariedade entre trabalhadores e o movimento "Vidas Negras Importam" se transforma em uma forma de denúncia das ligações entre economia e opressão/violência racial (TAYLOR, 2018). A pandemia não inviabiliza as lutas sociais, apenas as conduz a adaptações para tornar as discussões, mesmo que a passos curtos, em realizações efetivas e concretas através do ativismo. Sharpton (2014) destaca que a publicidade em cima das manifestações não são o mais importante, mas sim a consciência de que a justiça será feita em caso de abuso policial e que jovens negros se sintam seguros em uma sociedade não os violente.

Cabe destacar que a *live* com o tema do racismo estruturalrepercutiu na comunidade acadêmica da UFPel, com a procura de vários discentes da graduação e da pós-graduação em enfermagem para integrar o projeto. Isso permitiu ampliar as ações e aprofundar as discussões do projeto, além de promover a sensação de pertencimento e o apoio mútuo entre discentes negros. Ainda dentro dos desfechos dessa *live,* recebemos o convite para publicação de um editorial na *Journal of Nursing and Health,* periódico qualis B3 e índice H12 da área das ciências da saúde com ênfase na Enfermagem. Assim, as coordenadoras e um dos extensionistas fundadores do projeto construíram o editorial "Notas do Coletivo Hildete Bahia acerca do racismo estrutural e da educação", que abordou a construção

social do racismo e a educação como estratégia de justiça social e redução das desigualdades.

O projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" compreende a educação como uma estratégia de mobilidade social determinante na vida das pessoas, em especial, em meio à pandemia de COVID-19, a qual as escolas foram fechadas para manter a segurança e evitar o avanço da doença. Além disso, observou-se a necessidade de discutir esse tema, visto as dificuldades relatadas por alunos do ensino médio de acessar as aulas remotas, o que acarreta prejuízos no seu preparo e, consequentemente, o desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Atendendo esta demanda, foi construída a *live* "Dificuldade do ensino público em tempos de pandemia", com o objetivo de expor a situação das escolas públicas, discutir as dificuldades e pensar os possíveis desfechos para os alunos. Para responder e compartilhar suas experiências, o projeto convidou o Diretor da Escola Estadual de Ensino Médio Cel. Pedro Osório, professor Hélcio Fernandez Júnior, e a coordenadora do projeto Desafio Pré-vestibular Popular, professora Nóris M.P. Martins Leal.

Os convidados discutiram as dificuldades enfrentadas pelos alunos acerca do acesso às aulas remotas, por instabilidade ou falta de internet e/ou equipamento como celular, computador, etc., limitações com infraestrutura no domicílio e até mesmo a falta de investimentos governamentais para que os alunos e professores sejam preparados minimamente para desenvolver suas atividades remotas. Entre as barreiras comumente observadas, nota-se uma ligação com a falta de acesso (devido à exclusão digital) e de habilidade e dificuldades com ferramentas virtuais e a baixa escolaridade dos pais para auxiliar os jovens (JUNIOR; LAUER, 2020). Ressalta-se que muitos alunos fazem o uso das redes sociais, mas compartilham seus aparelhos entre os outros membros da família, dado que o custo de *smartphone*, *tablets* e computadores são elevados, além de não haver nenhuma política de inclusão digital no Brasil (JOYE *et al*. 2020). Por estes motivos, o projeto tem buscado expor a situação da educação pública em meio à pandemia, objetivando conscientizar a comunidade da realidade que os alunos e professores estão vivenciando e permitindo um maior apoio popular para transformação dessa conjuntura de desigualdade e prejuízo na educação da população mais carente. A Educação é um dos setores mais impactados devido à ausência

de ações determinantes e de articulações por parte do governo. Além disso, a situação favorece a entrada de institutos privados que oferecem plataformas digitais, materiais, planos e avaliação *online,* subordinando o ensino público ao setor privado (AGUIAR, 2020).

Destaca-se que, nesse momento de pandemia, são importantes as ações em conjunto para o fortalecimento dos projetos. Assim, o projeto realizou parceria com o Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero (D'generus) em uma *live* sobre violência doméstica e intrafamiliar na pandemia, com o Diretório Acadêmico de Enfermagem na *live* sobre racismo. Ainda, existe a previsão de parceria com o projeto de extensão Promoção à Saúde na Primeira Infância em uma *live* sobre o tema racismo nas séries inicias,a ser realizada no dia 17 de agosto, fortalecendo o trabalho em rede e ampliando a visibilidade das ações e articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Outras ações estão em desenvolvimento como *cards* sobre saúde e empoderamento da mulher negra e a saúde da população indígena em meio à pandemia de COVID-19. O primeiro publica o relato da Professora Hildete Bahia, patrona do projeto, sobre os desafios de ser mulher negra, além de ser enfermeira fundadora da Faculdade de Enfermagem da UFPel; o segundo, o relato de uma indígena técnica de enfermagem na linha de frente em uma comunidade indígena denunciando os desafios e o descaso com a saúde com essa população.

A extensão universitária precisou se reinventar com vista a sobreviver e cumprir seu papel social. Assim, os extensionistas, as professoras colaboradoras e as coordenadoras do projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" se desafiaram ao encontrar alternativas dentro das TICs para atender as demandas das populações que se encontravam vulneráveis antes mesmo da pandemia e que, na atualidade, encontram-se ainda mais expostas e esquecidas pelo sistema governamental. Destaca-se que a extensão universitária possui um relevante papel social junto à comunidade em geral e universitária. Assim, espera-se dar continuidade às atividades, ampliando o alcance das ações e estratégias utilizadas, levando a construção de novos conhecimentos que repercutam em saúde para a população, ao mesmo tempo em que os extensionistas se formam enfermeiros com experiências singulares, com foco social e cidadão, defensores do SUS e dos preceitos da integralidade, universalidade e equidade social.

AGUIAR, M.A.S. Impactos da Pandemia da COVID-19 na Educação Brasileira e seus reflexos nas Políticas e orientações curriculares, **Revista de Estudos Curriculares**, v:11, n.1, p:24-45, 2020. Disponível em:</lancet/article/PIIS0140-6736(20)31604-4/fulltext>. Acesso em: 11 Ago. 2020.

CALIXTO, A. A. **Rompendo o silêncio**: a informação no espaço Lgbt do estado da Paraíba. 2015. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – UFPB, João Pessoa, 2015. Disponível em: <http://www.ccsa.ufpb.br/arqv/contents/documentos/071AdeiltonAlvesCalixto.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE (CONASS). **Estratégia de Gestão Instrumento para apoio à tomada de decisão na resposta à Pandemia da COVID-19 na esfera local**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.conasems.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Estrate%CC%81gia-de-Gesta%CC%83o-Covid--19-atualizado.julho_.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2020.

FOLEGATTI, P.N. *et al*. Afety and immunogenicity of the ChAdOx1 nCoV-19 vaccine against SARS-CoV-2: a preliminar report of a phase 1/2, single-blind, randomised controlled trial. **The Lancet**. Disponível em: <https://www.thelancet.com/journals>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GOES, F.G.B. *et al*. Desafios de profissionais de Enfermagem Pediátrica frente à pandemia da COVID-19. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 28, e3367, 2020. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692020000100406&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2020.

DE HUMEREZ, D.C.; OHL, R.I.B.; DA SILVA, M.C.N. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia Covid-19: ação do Conselho Federal de Enfermagem. **Cogitare Enfermagem**. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.74115>. Acesso em: 13 ago. 2020.

JOYE, C. R. *et al*. Educação a Distância ou Atividade Educacional remota emergencial: Em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19, **Research, Society and Development**, v:9,

n:7, p:1-29, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341828716_Educacao_a_Distancia_ou_Atividade_Educacional_Remota_Emergencial_em_busca_do_elo_perdido_da_educacao_escolar_em_tempos_de_COVID-19>. Acesso em: 13 ago. 2020.

JUNIOR, J.G.R.; LAUER, P.; Homeschooling Como alternativa em tempos de pandemia. **Anuário Pesquisa e Extensão UNO ESC São Miguel do Oeste**, P.1-14, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/24585>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BRASIL. Ministério Da Educação (MEC). **Coronavírus:** saiba quais medidas o MEC já realizou ou estão em andamento. 2020. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/86791-coronavirus-saiba-quais-medidas-o-mec-ja-realizou-ou-estao-em-andamento>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BRASIL. Ministério Da Educação (MEC**). Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020.** (2020a). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus -COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/55877808>. Acesso em: 22 mai. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **COVID no Brasil**. Dados até 25 de julho de 2020. 2020a. Disponível em: <https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. 2020b. Disponível em: <http://

www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm#:~:text=II%20%2D%20quarentena%3A%20restri%C3%A7%C3%A3o%20de%20atividades,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico>. Acesso em: 13 ago. 2020.

MOREIRA, A.S.; DE LUCCA, S.R. Apoio psicossocial e saúde mental dos profissionais de enfermagem no combate ao covid-19. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 11, n. 1 Esp, ago. 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3590/819>. Acesso em: 15 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus).** 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 22 mai. 2020.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL. **Vulnerability Amplified**: the impactof the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people. New York: Out Right Action International, 2020. Disponível em: <https://outrightinternational.org/content/vulnerability-amplified-impact-covid-19-pandemic-lgbtiq-people>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PAULA, P.S.R; LAGO, M.C.S. Da peste gay ao barebacking sex: AIDS, biopolitica e risco em saúde. **Ciencias Sociales y Educación**, v. 2, n4. Colombia, 2013. Disponível em: <https://revistas.udem.edu.co/index.php/Ciencias_Sociales/article/view/786/728>. Acesso em: 11. ago. 2020.

RODRIGUES, M. da S. **Relações Entre Produtos Audiovisuais e Educação**: Mídia e Ensino Durante a Pandemia de Covid-19. 2020. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Audiovisual) - Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SHARPTON, R. A. It's Been a Long Time Coming, But Permanent Change Is Within Our Grasp. **Huffpost**, 15 dez. 2014. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/its-been-a-long-time-comi_b_6328806>. Acesso em: 11 jul. 2020.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. The terrorists in blue. **SocialistWorker.org**, 30 jul. 2012. Disponível em: <https://socialistworker.org/2012/07/30/terrorists-in-blue>. Acesso em: 11 ago. 2020.

VALENTE, J. A. Uso da internet em sala de aula. **Educar em Revista**. v. 19, p. 131- 146, Curitiba, 2002. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2086/1738>. Acesso em: 11 ago. 2020.

LUPINACCI, L. A. "Da minha sala pra sua": Teorizando o fenômeno das lives em mídias sociais. **Scielo Preprint**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.960>. Acesso em: 05 set. 2020.

Sobre os autores

MARINA SOARES MOTA, graduada em Enfermagem pela FURG. Doutora em Enfermagem pela FURG. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFPel, Departamento de Enfermagem Hospitalar na Rede de Atenção à Saúde. Coordenadora adjunta do projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde".
E-mail: msm.mari.gro@gmail.com

WENDEL FARIAS RODRIGUES, graduando em Enfermagem na UFPel. Discente colaborador voluntária do projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" desde maio de 2019.
E-mail: wendelfarias2@live.com

VITORIA PERES TREPTOW, graduanda em Enfermagem na UFPel. Discente colaboradora voluntária do projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" desde maio de 2019.
E-mail: vitoria_treptow@hotmail.com

HELENA DOS SANTOS CARDOSO, graduanda em Enfermagem na UFPel. Discente colaboradora voluntária do projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" desde maio de 2019.
E-mail: hccampelo98@gmail.com

JOÃO PEDRO BOTELHO PINTO, graduando em Enfermagem na UFPel. Discente colaborador voluntária do projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" desde março de 2020.
E-mail: joao_ag_27@hormail.com

LISIANE DA CUNHA MARTINS SILVA, graduanda em Enfermagem na UFPel. Discente colaboradora voluntária do projeto "Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde" desde maio de 2019.
E-mail: lisicunha.martins@gmail.com

TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA PROMOÇÃO À SAÚDE NA PRIMEIRA INFÂNCIA EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Deisi Cardoso Soares
Diana Cecagno
Raphaela Farias Ferreira
Amanda Barth Gomes
Thanize do Nascimento Ferreira
Mariani da Silva Einhardt

Introdução

A Faculdade de Enfermagem (FEn) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), desde seu reconhecimento pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 24/06/1980, dá ênfase ao ensino e à extensão universitária, ciente de que essas ações contribuem para o desenvolvimento

social, isto é, quando o conhecimento produzido na faculdade é extensivo à população(CECAGNO; NUNES; THOFEHRN, 2016).

Esta forma de entender a importância da extensão universitária gera a necessidade de articular o processo de ensino-aprendizagem de forma a melhorar a qualidade de vida individual e coletiva de todos os envolvidos. Nesse sentido, os docentes da FEn, historicamente, desenvolvem projetos de extensão nos quais estão incluídos os acadêmicos e a comunidade, razão pela qual a extensão existe (CECAGNO; NUNES; THOFEHRN, 2016).

Dentre os inúmeros projetos de extensão cadastrados pela FEn, está o projeto Promoção à Saúde na Primeira Infância, criado em maio de 2019, e cadastrado na plataforma COBALTO, da UFPEL, com o número 1683. Esse visa ofertar ações de educação em saúde para profissionais, crianças e cuidadores, no âmbito das Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI). As ações são predominantemente relacionadas às situações de saúde de cada segmento, e as temáticas surgem das necessidades apresentadas pelas escolas por meio de reuniões, conversas e questionamentos com os profissionais que atuam nas EMEIs, momento em que expõem suas percepções e angústias frente à saúde, às necessidades das crianças e de suas famílias. O projeto é articulado com as Unidades Básicas de Saúde (UBS) do território das escolas e com o Programa Saúde na Escola (PSE).

O PSE, instituído pelo Decreto Nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, tem como finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica, por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. Uma das estratégias possíveis é por via da educação em saúde, ferramenta capaz de tornar a comunidade mais autônoma e coparticipativa, alcançando um nível satisfatório de saúde. Isso é possível através da participação ativa nos problemas de sua comunidade e de sua libertação, conduzindo a uma práxis reflexiva e crítica da realidade, tornando cada indivíduo capaz de assumir seu compromisso de criação e recriação dessa mesma comunidade (BRASIL, 2007).

No contexto do projeto Promoção à Saúde na Primeira Infância, participam as Escolas de Educação Infantil Municipal Mário Quintana e Monteiro Lobato e a Escola Educacional Infantil Bom Pastor, filantrópica, pertencente à Associação Beneficente Luterana de Pelotas. Essas foram

incluídas no projeto por estarem localizadas no território de abrangência de Unidades Básicas de Saúde que recebem acadêmicos de enfermagem da UFPel e possuírem vínculo com o Projeto.

Em 2019, foram realizadas ações presenciais para os três segmentos, com as seguintes temáticas: o estresse no trabalho; atendimento de primeiros socorros às crianças; educação alimentar; cuidados de higiene; lidando com a diversidade; e uso de tecnologias na infância. Para 2020, o projeto articulou ações presenciais com a direção das escolas, assim como propôs uma atividade coletiva com as Unidades Básicas de Saúde e a comunidade escolar, denominada "Dia da Saúde com a família".

No entanto, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia mundial. Um novo tipo de coronavírus (SARS-COV-2), identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China, em 2019, distribuiu-se por diversos países e continentes do planeta (OPAS/OMS, 2020). Sendo uma doença infecciosa e de propagação rápida, tornou-se necessário estabelecer estratégias de prevenção e controle, tais como as medidas de etiqueta respiratória, o uso de máscara, distanciamento social e a higienização das mãos (WHO, 2020). Dentre essas, a medida de distanciamento social é definida como a diminuição da interação social entre as pessoas de um grupo ou comunidade, com intuito de reduzir a velocidade de transmissão do vírus. Seu estabelecimento no enfrentamento da pandemia acarretou, entre outros, o fechamento de escolas e universidades.

Em todo o Brasil, milhares de crianças estão afastadas das atividades escolares, convivem continuamente no ambiente doméstico, estabelecendo novas formas de ser e de viver. As crianças aprendem explorando seu entorno, brincando de realidade e, nas escolas, encontram processos sistematizados para aquisição de conhecimento e espaços de socialização com indivíduos de sua faixa etária. Não é conhecido, em longo prazo, as consequências pelo afastamento das escolas, no entanto, as famílias dessas crianças têm agora a função de oportunizar espaços de aprendizagem e socialização (AMARANTE, 2020).

No contexto da pandemia, pensando nas crianças, principalmente naqueles em idade pré-escolar e suas famílias, e diante da impossibilidade de atividades presenciais, os membros participantes do projeto precisaram se reinventar, e isso, de certa forma, uniu o grupo, possibilitando

manter o vínculo e a motivação com o projeto, assim como aliviar as preocupações do momento atual. Os integrantes elaboraram estratégias de educação em saúde, utilizando as tecnologias de informação e comunicação (TICs), no âmbito das redes sociais.

As TICs têm sido uma das ferramentas mais utilizadas para a oferta e acesso de materiais didáticos, isso porque, geralmente, são de fácil acesso e com baixos custos. De acordo com Góis *et al.* (2018), a tecnologia na educação infantil tem papel importante na disseminação e diversificação de métodos que auxiliam que o indivíduo desperte interesse nos materiais. Corroborando, Sousa, Colpas e Borges (2020) pontuam a necessidade do desenvolvimento de ferramentas que possibilitem o aprendizado à distância para aqueles que possuem acesso às redes. Isso pode ser desenvolvido por meio de materiais de fácil entendimento, de maneira lúdica e interativa, que também envolvam os pais nesse processo.

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência do uso de tecnologias de informação e comunicação como ferramenta de promoção à saúde na primeira infância, em tempos de distanciamento social.

Metodologia

Diante da suspensão das atividades presenciais, em março de 2020, iniciou-se o planejamento e desenvolvimento de ações virtuais. A possibilidade de utilizar as redes sociais *Facebook* e *Instagram* concretizou a divulgação de materiais informativos relacionados à prevenção à COVID-19, direcionadas a situações vivenciadas pelas famílias e crianças no ambiente domiciliar.

Atualmente, 12 estudantes e dois docentes da FEN/UFPEL participam ativamente do projeto, envolvendo-se em todas as etapas do processo de desenvolvimento das atividades propostas. O grupo se divide em duplas e trios, sendo cada um responsável pela elaboração do material postado duas vezes por semana, em sistema de rodízio. Cabe ressaltar que, previamente à postagem, o material produzido é aprovado por todos os estudantes e docentes.

Para a elaboração do conteúdo teórico, são utilizados sites confiáveis, artigos científicos e livros. Para o material audiovisual, utiliza-se a

plataforma de design *Canva*, disponível gratuitamente online. O material produzido pelo grupo é postado na segunda e na sexta-feira, são disponibilizados também materiais produzidos por outros projetos, grupos de pesquisa ou governamentais, devidamente identificados, cujo tema seja de interesse do universo infantil.

Para impulsionar a visibilização, os membros do projeto criaram uma identidade visual, a qual padroniza as cores para a produçãodo conteúdo. O intuito é de representar o projeto de forma que os usuários das redes sociais possam identificar e reconhecer.

Conforme as ações foram sendo divulgadas pelas páginas, percebeu-se o aumento das visualizações e maior alcance e engajamento, e, assim, foram definidas temáticas para construção dos materiais didáticos, seguindo três linhas: de informação, compartilhamento e de interação com o público.

Para material de informação postado, têm-se temáticas que envolvem o cuidado, desde a higienização das mãos; cuidados com as máscaras; atividades educativas;alimentação saudável; curiosidades sobre saúde; dicas de leituras, entre outros.

Como material compartilhado, os temas foram: Crianças e o uso das máscaras para prevenção contra a COVID-19; Efeito do tabagismo passivo nas crianças; Doze passos da alimentação saudável; Aprendizado das crianças durante os primeiros anos de vida, entre outros.

E para a estratégia de interação com o público, foram propostos o Bingo de atividades realizadas com a crianças na quarentena e o Desafio da quarentena.

Resultados e discussão

Desde a criação das páginas no *Facebook* e no *Instagram,* em abril, pode-se constatar aproximadamente 1.325 seguidores, cujo alcance mostra que o horário de maior interação é em torno das 17h e 18h, sendo segunda e sexta-feira os dias de maior acesso. O público é predominante feminino, faixa etária entre 35 e 44 anos, e as regiões mais conectadas são: Pelotas, Canguçu e Rio Grande.

Até o momento, foram realizadas 28 postagens, e os materiais que tiveram maior alcance foram: Brinquedos com material reciclável (Fig. 1), com 1.300 acessos, o qual ensina, passo a passo, a construções com produtos recicláveis, tais como: jogo da velha, porquinho da economia e do gatinho no copo.

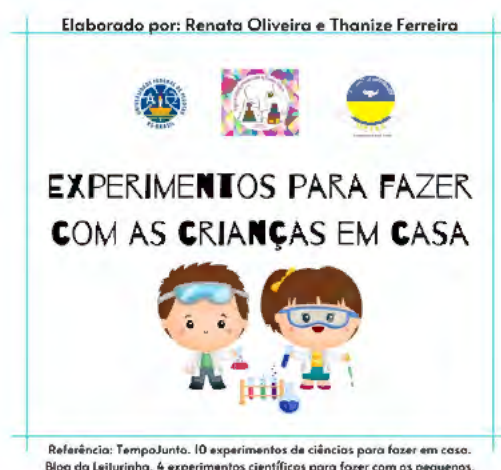
O inverno está chegando (Fig. 2), obteve o alcance de 1.100 acessos. Apresenta dicas e curiosidades com relação ao frio com uma linguagem acessível a crianças. E a postagem Experimentos para fazer com as crianças em casa (Fig. 3), que obteve 1.000 acessos, apresentando três experimentos caseiros, envolvendo criatividade, observação e cuidado.

Figura 1 – Brinquedos com material reciclável.

Fonte: Elaborado por Amanda Barth e Raphaela Ferreira.

Figura 2 – O inverno está chegando.

Fonte: Elaborado por Amanda Barth e Raphaela Ferreira.

Figura 3 – Experimentos para fazer com as crianças em casa.

Fonte: Elaborado por Renata Oliveira e Thanize Ferreira.

Em relação às atividades propostas para interação, o “Desafio quarentena” (Fig. 4) envolveu os pais e/ou responsáveis com a tarefa de compartilhar imagens e/ou vídeos de atividades que estavam propondo a seus filhos durante o período de quarentena, além de escrever um pequeno relato sobre as brincadeiras e suas experiências com o atual momento e as TIC’s.

Figura 4 – Desafio da Quarentena

Fonte: Elaborado por Thanize Ferreira.

Como *feedback*, recebemos, em nossas redes, fotos e alguns relatos sobre as experiências dos pais com atividades realizadas para entreter e educar as crianças, assim como de sua vivência neste período, conforme a fala abaixo:

> *"Aceitando o desafio do Projeto de extensão Promoção à saúde na Primeira Infância, da Faculdade de Enfermagem da UFPel, sobre esse período de isolamento social. Tem sido de muitos desafios, questionamentos, reflexões, ansiedades, incertezas, de se reinventar, trabalho home office para os adultos. Para a minha filha, que entende o motivo de estarmos em casa "coronavírus"tem sido um período para curtir o convívio 24h em família, o que tem sidomaravilhoso, podendo compartilhar de momentos com ela que ficarão nasnossas lembranças (Mãe seguidora)."*

O relato da seguidora demonstra o momento de incerteza que vivemos, permeado pelos sentimentos positivos do viver em família. Para Moretti, Guedes-Neta e Batista (2020), a incerteza é um sentimento natural, sensato e lúcido, diante da sólidaconfiança que depositamos no futuro, e que a pandemia desconstruiu, porém ela também está proporcionando a oportunidade para exercermos nossa capacidade de resiliência diante das mudanças e adversidades desse momento.

No mês de junho, foi lançada outra atividade interativa: o Bingo (Fig. 5). Esse foi postado nos *stories* da *fanpage* e do *Instagram*, com a dinâmica baseada em marcar na imagem as atividades as quais os pais ou responsáveis já tivessem realizado com as crianças. A figura 6 representa uma resposta da atividade realizada por uma seguidora com sua filha.

Obtivemos um grande número de visualizações, porém apenas sete foram contabilizados, uma vez que muitos que publicaram em seus *stories* não marcaram a rede do projeto, ou seja, percebe-se que há a dificuldade em manipular uma tecnologia diferente da linha do tempo.

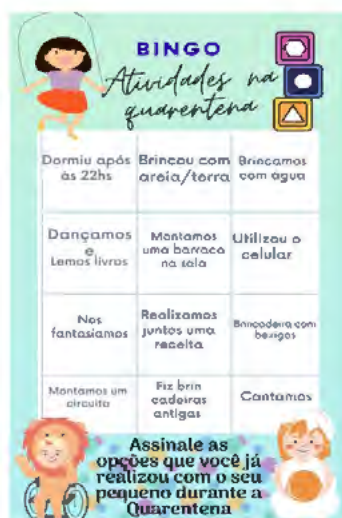
Figura 5 – Bingo Atividades na quarentena.

Fonte: Elaborado por Renata Oliveira e Thanize Ferreira.

Figura 6 – Bingo Atividades na quarentena respondido.

Fonte: *Storie* do *Instagram* de uma seguidora.

Para algumas pessoas, as TICs ainda são um universo a ser descoberto, suas opções e possibilidades são amplas, no entanto, sua utilização, por vezes, necessita de tutoriais. Incluir estratégias educacionais para o domínio de recursos tecnológico deve ser considerado ao utilizar as redes sociais como ferramenta de educação em saúde, proporcionando oportunidades para se ultrapassar as barreiras de competências e familiaridade diante desses recursos (ALVARENGA; YASSUDA; CACHIONI, 2019).

Em agosto, foi lançado o novo logotipo do projeto (Fig. 7), cuja produção foi de uma profissional de designer gráfico. O desenho de um bebê dormindo, posicionado em um braço/mão e, ao fundo, um brinquedo de montar, referência ao desenvolvimento infantil. O fato de o bebê estar aconchegado em uma mão tem relação com o objetivo principal da enfermagem: o cuidado, assim como a Universidade Pública, abrangendo os três pilares que a estruturam: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Figura 7 – Logo prioritário do projeto

Fonte: Elaborado por Natalia Fidelis - Direitos de uso reservados ao projeto.

Outra atividade proposta e desenvolvida foi a realização de *lives*, por meio das redes sociais. A transmissão ocorreu ao vivo, no dia três de agosto, às dezenove horas e trinta minutos, pela página do projeto no *Facebook*. Teve um alcance de 1,7 mil pessoas, 216 cliques, 192 pessoas enviaram reações, 63 comentaram e 20 compartilharam. Considerou-se a participação satisfatória, dado o curto período de divulgação.

O tema abordado na *live* foi “Desafios do Conselho Tutelar em tempos de pandemia”. A conversa contou com a participação de uma Conselheira Tutelar, mediada pela bolsista do projeto, e teve como objetivo esclarecer o trabalho do Conselho, assim como explicar as ações que estão sendo feitas e as dificuldades encontradas em função do momento que estamos vivendo.

Diante da abordagem da *live*, destaca-se a importância da escola

aliada ao conselho tutelar, pois a escola tem um papel essencial na proteção contra violência doméstica, devido ao contato diário, sendo ela o segundo ambiente social frequentado pela criança, após a família (ELSEN *et al.*, 2011).

Outras *lives* estão articuladas e programadas para serem realizadas mensalmente, em parcerias com outros projetos de extensão.

Para os docentes participantes do projeto, o seu prosseguimento, num momento delicado da vida da população, tem sido permeado por descobertas, estabelecimento de vínculos com os participantes, interação e principalmente motivação para continuar motivando e aprendendo a ensinar. Para os estudantes, este período tem sido, sobretudo, de aprendizagem e adaptação para continuarem envolvidos com o projeto, mesmo com as limitações que hoje enfrentamos.

Considerações finais

O *feedback* recebido e o alcance das páginas possibilitam inferir que as TIC's são uma das ferramentas capazes de fazer diferença na vida das pessoas que possuem acesso a elas. Com o passar das semanas, o aumento de seguidores na página, assim como a interação, trouxe a sensação de que nosso objetivo de levar educação em saúde para as pessoas, através do uso das redes sociais, está sendo alcançado.

Educação em saúde e TIC's são uma parceria importante e passível de ser articulada, já que a tecnologia e o acesso à informação está cada vez mais presente na casa das famílias. O conhecimento produzido por meio de fontes seguras e ofertado de forma simplificada, em linguagem de fácil entendimento por todos, é capaz de mudar vidas.

Todo o envolvimento no projeto também representa um papel fundamental na saúde mental dos participantes. Estar ativo, buscar informações e compartilhar com o público de interesse proporciona um redirecionar a uma "nova normalidade" da vida acadêmica e da extensão.

ALVARENGA, Glaucia Martins de Oliveira; YASSUDA, Mônica Sanches;CACHIONI, Meire. Inclusão digital com tablets entre idosos: metodologia eimpacto cognitivo. **Psicologia, Saúde & Doenças**. Lisboa , v. 20, n. 2, p. 384- 401, ago. 2019. Disponível em:<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862019000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 Ago. 2020.

AMARANTE, Suely. **Covid-19: como o isolamento social influencia a saúdemental infantil.** Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Jun. 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/683-isolamento-social>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde e Ministério da Educação. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências.** Brasília: Ministério da Saúde, Ministério da Educação, 2007.

CECAGNO, Diana; NUNES, Bruno Pereira; THOFEHRN Maira Buss. Panorama da pesquisa e extensão na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. **Journal of Nursing and Health**, v. 6, p. 181-189, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/9192>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ELSEN, Ingrid *et al*. Escola: Um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. **Psicologia Argumento**. Curitiba. v.29, n.66. p.303-314, jul/set. 2011. Disponível em:<http://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20375>. Acesso em: 12 Ago. 2020.

GÓIS, Rizzardo Roderico Pessoa Q De Rodrigues *et al*. Tecnologias da informação e comunicação no ensino superior e seus benefícios. **Congresso Internacional de educação e tecnologias**. 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/502> Acesso em: 13 ago. 2020.

MORETTI, Sarah de Andrade; GUEDES-NETA, Maria de Lourdes, BATISTA, Eraldo Carlos. Nossas Vidas em Meio à Pandemia da COVID - 19: Incertezas e Medos Sociais. **Revista de Enfermagem e Saúde**

Coletiva, Faculdade São Paulo. São Paulo,v.5, n.1 p.32-41, 2020. Disponível em:<https://www.revesc.org/index.php/revesc/article/view/57>. Acesso em: 16 ago. 2020.

OPAS/OMS (BR). Organização Pan-Americana de Saúde. Organização Mundial da Saúde. **Folha informativa COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SOUSA, Galdino Rodrigues; COLPAS, Ricardo Ducatti, BORGES, Eliane Medeiros. Em defesa das Tecnologias de Informação e Comunicação na educação básica:diálogos em tempos de pandemia. **Plurais Revista Multidisciplinar**. Salvador, v.5,n.1 p.146-169, jan/abr. 2020. Disponível em:<http://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/8883> Acesso em: 12 ago. 2020.

World Health Organization (WHO). **Coronavírus Disease (COVID-19) pandemic** . 2019/2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Sobre as autoras

DEISI CARDOSO SOARES, graduada em Enfermagem pela UFPel. Doutora em Ciências pela UFPel. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem/UFPel. Coordenadora do projeto Promoção à saúde na primeira infância.
E-mail: soaresdeisi@gmail.com

DIANA CECAGNO, graduada em Enfermagem pela UFPel. Doutora em Enfermagem pela FURG. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem/UFPel. Coordenadora do Projeto Promoção à saúde na primeira infância.
E-mail: cecagnod@yahoo.com.br

RAPHAELA FARIAS FERREIRA, graduanda em Enfermagem na UFPel. Bolsista do projeto.
E-mail: raphafferreira@gmail.com

AMANDA BARTH GOMES, graduanda em Enfermagem na UFPel. Participante e colaboradora voluntária do Projeto.
E-mail: barthamanda98@gmail.com

THANIZE DO NASCIMENTO FERREIRA, graduanda em Enfermagem na UFPel. Participante e colaboradora voluntária do Projeto.
E-mail: thanizedonferreira@gmail.com

MARIANI DA SILVA EINHARDT, graduanda em Enfermagem na UFPel. Participante e colaboradora voluntária do Projeto.
E-mail: nanieinhardt@gmail.com

O QUE AS MULHERES TÊM A DIZER: EMPODERAMENTO FEMININO EM TEMPOS DE PANDEMIA E DISTANCIAMENTO SOCIAL

Eliane Regina Crestani Tortola
Evelyn Vitória Marins Machado
Jéssica Urrutia Pereira
Nadine Maciel Madruga

Introdução

A pandemia, causada pela Covid-19, vem mostrando o quanto as relações de gênero estão demarcadas em nossa sociedade. Diferentes estudos apontam os enfrentamentos e dificuldades das mulheres em isolamento social, abordando a violência doméstica, os impactos na saúde mental, a maternidade e a improdutividade frente ao trabalho remoto (MACÊDO, 2020; OLIVEIRA, 2020; VIEIRA, GARCIA E MACIEL, 2020; LIMA, 2020). No contexto de uma sociedade machista, sexista e racista que invisibiliza e interdita mulheres, o Projeto de extensão “Empodere-se!”,

do Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança (COR-DI-DANÇA/ESEF/UFPEL/CNPq), sensibilizou-se em desenvolver, para esse momento ímpar, uma ação virtual por meio de *lives* intituladas "O que as mulheres têm a dizer", no aplicativo *Instagram*, na qual mulheres são convidadas para conversar acerca de temas relevantes na sociedade e o conteúdo das gravações é compartilhado no canal do *YouTube*.

Essa ação buscou dar espaço de fala à mulher como forma de empoderamento, ao abordar questões acerca das relações de poder estruturais produtoras de desigualdade e opressão, tais como: violência doméstica, racismo, feminismo, maternidade, assédio, entre outros. Para Oliveira (2020), nesse contexto em que a Covid-19 escancara as desigualdades sociais no Brasil, são as mulheres que carregam o ônus mais pesado, tanto físico, quanto emocional, sobrevivendo por meio de conexões em redes de apoio mútuo como forma de resistência. Logo, o nosso público alvo foi exclusivamente mulheres, independente de orientação sexual ou gênero, numa ação realizada por graduandas do curso de Educação Física que contou com a participação de mulheres da comunidade interna e externa da UFPEL.

O que propomos nesse texto, portanto, é, de modo geral, analisar, por meio do aparato teórico metodológico da análise do discurso foucaultiana, como são acionados dispositivos de resistência ao machismo estrutural, por meio de um projeto extensionista voltado ao empoderamento feminino, como ação de enfrentamento durante a pandemia da Covid-19. Especificamente, procuramos refletir acerca dos efeitos dessa ação, não só para a comunidade externa, mas para alunas do curso de graduação, como forma de manter as conexões com o espaço acadêmico universitário, colocado em suspenso por conta da pandemia.

Nesse momento, a proficuidade da extensão universitária é apontada por diversos autores e autoras, a exemplo de Marques (2020), Kramer *et al* (2020) e Serrão (2020), como uma emergente necessidade de avaliar os sentidos/significados que cada grupo social confere às suas experiências cotidianas de modo a estar afinado a elas, além de nos colocar frente aos percalços que se avizinham em relação às restrições impostas.

No caso das mulheres, nas múltiplas esferas geram-se dificuldades, violências e experiências de desigualdade relacionadas ao gênero. Para Oliveira (2020), a violência patriarcal se exacerbou nesses tempos de

isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19. Logo, como meio facilitador, é mister disponibilizar espaços de fala a quem existe e resiste nos variados âmbitos sociais, no intuito de refletir acerca do empoderamento feminino "como um processo de individuação, pelo qual as mulheres ganham um sentido mais claro de si mesmas, e seu potencial" (CORNWALL, 2018, p. 23). Dar voz às mulheres e suas demandas, seus anseios e suas perspectivas acerca do mundo, do seu corpo, das suas relações afetivas, sociais e profissionais é urgente. É nesse sentido que corroboramos com Bolzani (2017), que destaca o papel da universidade como um espaço privilegiado, por meio da discussão e reflexão de ideias em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Uma ação que se volte para a temática das mulheres, suas demandas e enfrentamentos deu-se por meio de uma metodologia capaz de envolver a equipe que compõe o "Projeto Empodere-se!" junto à comunidade externa durante o período de distanciamento social. Tal engajamento se desenvolveu por meio da "experiência formativa", atrelada a uma racionalidade prática, haja vista que envolve a transformação do sujeito, ou seja,"ação, experiência, deliberação, decisão", pressupondo estranhamento, ruptura e resistência (HERMANN, 2013, p. 103). As ações ocorreram por meio de encontros quinzenais remotos a partir de plataforma digital, para discussões teórico-práticas, com aportes na literatura acerca do empoderamento feminino, vinculadas ao grupo de pesquisa COR-DI-DANÇA, em que foi realizado o levantamento, a sistematização e o planejamento das *lives* semanais, que ocorreram unto à comunidade na plataforma *Instagram*[1]e posteriormente foram publicadas no canal do grupo de pesquisa no *YouTube*[2]. A cada semana uma mulher era convidada para relatar sua experiência frente aos mais diversos temas, tais como: maternidade e docência, ciência, esporte, lutas, saúde, racismo, treino de força, entre outros que emergem como

1. O acesso ao perfil do Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança – COR-DI-DANÇA, no *Instagram*, por ser realizado por meio do *link* https://www.instagram.com/cor_di_danca/?hl=pt-br.

2. O acesso ao canal do Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança – COR-DI-DANÇA, no *YouTube*, por ser realizado por meio do *link* https://www.youtube.com/channel/UCHNOJU_Sqgu1mCaPIxcYvSQ.

discursos regulares (FOUCAULT, 2008) no acontecimento caracterizado pela pandemia.

Como forma de aproximação de discentes, docentes e comunidade externa, foi necessário o recurso à tecnologia e ambientes virtuais democratizados. Segundo Couto, Couto e Cruz (2020, p. 207), "nesse contexto Cibercultural, novos fenômenos animam o nosso viver plugado: as *lives*". Esse recurso cibernético oportunizou um ambiente onde as mulheres puderam dar voz às suas inquietações, debatendo diversos assuntos e apresentando sua realidade à comunidade durante a pandemia da Covid-19, criando uma atmosfera com um regime de autorização discursiva positivo, viabilizando assim o empoderamento feminino, entendido aqui, não como um argumento instrumental para inserção de mulheres como sujeitos produtivos economicamente no cenário capitalista, mas como uma estratégia feminista que se alinha discursivamente como ruptura, acionada pelo dispositivo de resistência à opressão e ao machismo estrutural.

Essa leitura analítica discursiva será apresentada aqui em três momentos: o primeiro discorre acerca do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 como um acontecimento discursivo (FOUCAULT, 2008) que dá condição de existência aos enunciados e práticas machistas; o segundo momento apresenta a extensão universitária como um dispositivo de poder capaz de acionar discursos de resistência à formas de subordinação e violência contra mulher; e, por fim, serão apresentadas as análises dos enunciados dispersos no processo de desenvolvimento da ação de extensão empreendida como formas de conectar sujeitos em suas diferentes posições nesse tempo suspenso que vivemos.

Mulheres em isolamento social: a pandemia escancarando o machismo estrutural

A sociedade vem construindo discursivamente seu entendimento acerca do empoderamento feminino, contemporaneamente as mulheres estão ganhando força e espaço em diferentes esferas, seja na docência, nos movimentos sociais, na economia, nas políticas públicas e culturais, entre outros espaços em que a mulher assume seu protagonismo.

Mencionando as múltiplas dificuldades encontradas nesses âmbitos, a luta e a resistência das mulheres se dão pela constante reafirmação de sua presença para que não sejam silenciadas e ignoradas por divergências masculinas e até mesmo de outras mulheres, que acabam se calando e aceitando os lugares que são designados e os cargos que lhes são impostos.

Ciente da posição da mulher em uma sociedade arcaica e desigual, os enfrentamentos contra o machismo são inúmeros. Abordando esse assunto na atualidade, no decurso do enfrentamento à pandemia da Covid-19, que vem desolando o mundo com uma onda exponencial de contágio, ocasionando milhares de casos confirmados e um número surpreendente e preocupante de mortes, é difícil não pensar em como isso vem afetando as minorias desfavorecidas socialmente. O Brasil vem respondendo a essa crise sanitária de uma forma aterrorizante, tanto em questões governamentais quanto em quesitos de cidadania.

O isolamento social está sendo a medida tomada pelas regiões atingidas mundialmente, a fim de diminuir o contágio, já que ele é causado pelo contato físico e por aglomerações de pessoas. Entretanto, o isolamento traz consigo uma porção de ameaças às mulheres, quais sejam: os riscos à saúde mental, causando inseguranças, incertezas com o futuro, desencadeando estados de depressão; baixa autoestima e a maior das vilãs, a violência patriarcal que, segundo Cornwall (2018, p. 153-154) "se acentuou nesses tempos de pandemia, não apenas no Brasil, como em vários outros países", uma vez que "as mulheres são as principais responsáveis pelas atividades ligadas aos cuidados domésticos e familiares".

Pensando no ensino e em como o isolamento social também interferiu na vida atuante do/a discente, percebe-se que todas as esferas da educação sofreram com os impactos da pandemia, Cornwall (2018, p. 156) salienta que "a suspensão das aulas e o fechamento das escolas adicionou novas formas de estresse aos cuidadores e em muitos casos tornou este cuidado inconciliável com outros trabalhos". No ensino superior, a interrupção abrupta das atividades presenciais se instalou, mostrando e moldando uma nova perspectiva de atuação docente e discente como forma de aproximação. Essa pausa nas aulas e nas extensões acadêmicas geraram mudanças significativas em suas rotinas, passando a realizar

atividades remotas como forma de amenizar a tensão criada pelo confinamento e pela interrupção do convívio social, escancarando, segundo Cornwall (2018, p. 159), "os desafios impostos às muitas mulheres mães que precisam trabalhar em jornadas duplas ou triplas".

No que diz respeito aos/às discentes, Senhoras (2020, p. 9), explica que, em escala global, estes/as estão à mercê das alternativas de aprendizagem durante a Covid-19, por meio da tentativa e erro, onde inexistem estudos que comprovem a eficácia dos aprendizados atuais. Ao nos incluirmos nessas rotas alternativas de ensino, percebe-se que em um grande número de municípios não havia preparações emergenciais e infraestruturas de internet para oferecer. Ou seja, tornou-se uma razão para a remodelagem de acesso e ensino, não apenas nos dias em que enfrentamos a pandemia, mas avançando para o ensino presencial, também.

A ressignificação de uma educação abrangente é desafiadora. Quando questionamos os meios de inclusão digital, as respostas devem partir de órgãos federativos, por meio de políticas públicas. A questão é que, na prática, esta realidade se difere, tendo em vista a atual situação de um país marcado por desigualdades sociais. Há uma importante análise a ser feita em volta da Educação a Distância (EAD), pensando nos/nas alunos/as que estão em situação de vulnerabilidade social. Para que o EAD seja efetivo é necessário "planejamento, organização, tecnologia da informação e comunicação disponível para atender a capacitação" do/a professor/a/tutor/a (CAMACHO *et al.*, 2020, p.6). Essa reflexão gera um entendimento para que haja efetiva atenção aos discentes em situação de vulnerabilidade social, onde o EAD seja inclusivo, oportunizando a integração de conhecimentos com a realidade e não o oposto, ampliando cada vez mais as desigualdades.

Em que pese a maioria das plataformas virtuais possuírem diferentes tipos de acessibilidade no ambiente *mobile* ou *web*, tornando o ensino mais descomplicado e alcançável na era Covid-19, a realidade de muitos/as ainda não permite o alcance às ferramentas de ensino remoto. Ao refletirmos acerca dessas questões, não podemos nos furtar de considerar a pluralidade interseccional de raça, gênero, sexualidade e classe, que escancara a precariedade vivida pela educação brasileira em todos os níveis. É o que reforçam Couto, Couto e Cruz (2020, p. 210), ao afirmarem que

> [...] essas realidades fazem parte do mundo como ele deveria ser: uma ciberdemocracia de trocas livres e igualitárias. O isolamento social criativo é para poucos, para os que têm moradias adequadas e dignas, em espaços bem urbanizados, com renda suficiente e conexão de Internet estável e veloz.

Entretanto, o espaço virtual das redes sociais, mesmo com todas as dificuldades apresentadas acima, é o que oferece acesso a maior parte da população. O contexto *online* oportunizou e manteve em grande escala, a conexão discente/universidade no decorrer do afastamento presencial, quesito esse essencial para que o vínculo não se perca, apenas por não estarmos dentro da academia. Além disso, trata-se de observar as brechas existentes de modo a oferecer, na medida do possível, formas de conexões, uma vez que "a paisagem multifacetada dos corpos online é sempre mutante, volátil, em contínua construção" buscando administrar da melhor maneira nossos bens visuais (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 208). É nessa perspectiva que recorremos a um dos pilares da universidade pública: a extensão universitária. Como instância de poder, capaz de romper com dadas relações excludentes, os projetos de extensão podem servir como ferramentas de acesso da população à universidade e aos conteúdos ali produzidos. Essa troca é marcada pela socialização, presença, contato, por oportunizar lugares de fala e agora buscando transcender muros e desenvolver trabalhos e pesquisas sem levar risco de contágio às famílias e a nós mesmos/as.

Ao refletirmos sobre o conceito de extensão universitária, Marques (2020, p. 1-2) aponta que as práticas extensionistas são o elo entre o compromisso social da universidade. Entretanto, a autora comenta que "em 2020 esse fluxo na extensão teve que ser rompido" (MARQUES, 2020, p. 1-2). Logo, as instituições como um todo passaram a produzir conteúdos eficazes, contribuindo com a ciência, nesses momentos confusos da pandemia. Ofertar aos/às cidadãos/ãs conhecimento científico, de modo que amenize o sofrimento do confinamento, além de levar refúgio e entretenimento nessa situação avassaladora em que vivemos. É uma medida acalentadora do sistema universitário, objetivando alcançar os/as afetados/as psicologicamente, a exemplo de quando citamos mulheres

com suas vozes silenciadas por tanto tempo e que agora percebem a oportunidade de enunciação.

Conduzir informação caracterizou-se como objetivo e receber *feedbacks* tornou-se o resultado, elucidado em um contexto acadêmico. Lidar com sociedades específicas, como as mulheres em suas diversas demandas marcadamente criadas por conta de um sistema patriarcal, pede cuidado e atenção ampla. Alcançar esse coletivo requer estudo, planejamento e organização, de modo a auxiliar e aproximar a comunidade e os/as discentes isolados/associalmente da universidade, são as medidas tomadas dos projetos de extensão atualmente.

Empodere-se!: a extensão universitária acionando discursos de resistência

Pensar em experiências formativas que funcionem estrategicamente no enfrentamento à pandemia é atentar-se para uma ação que envolva todos os sujeitos como agentes de transformação de uma dada realidade. Nesse sentido, é mister estabelecer relações dialógicas, abrindo espaço de escuta e compreendendo as necessidades sociais que emergem no contexto vigente, algo que a extensão universitária favorece, por ser um dispositivo de conexão entre comunidade e universidade, convocando-a "para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social" (PAULA, 2013, p. 6).

Nessa perspectiva, o projeto de extensão "Empodere-se!" oferece aos/às alunos/as do curso de Educação Física da ESEF/UFPel um espaço para colocar em prática os saberes desenvolvidos na graduação e disponibiliza para as mulheres, da comunidade, um lugar em que suas falas são autorizadas, respeitadas e ouvidas. Compreendemos que o projeto exerce o papel de dispositivo de poder, acionando discursos de resistência. Segundo Foucault (1985, p. 139), o dispositivo funciona como um conjunto, uma rede heterogênea que engloba discursos, instituições, o dito e não dito. O projeto trabalha como um dispositivo de resistência, tendo em vista toda a rede que o constitui, isto é: o dito e não dito. Falando de outra forma, as *lives* contam com enunciados (o que é dito/verbalizado), o que é produzido socialmente e visualmente (*layouts* de divulgação nas redes

sociais); além disso, conta com o não dito, por exemplo: grupo de organização constituído apenas por mulheres, somente convidadas mulheres, escolha de temas específicos (por que este tema e não outro?), entre tantos outros aspectos que não são ditos, verbalizados. Acrescenta-se a isso o conceito de discurso em que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar" (FOUCAULT, 2011, p. 10). Nesse contexto, os discursos são um conjunto de enunciados produzidos e repetidos ao longo do tempo, a exemplo do discurso acerca de mulheres que atravessa o tempo e detém o poder de criar verdades acerca do que é permitido ou é interdição.

Nesse âmbito, para entender o conceito de empoderamento feminino é necessário, antes, pensar em quem produziu essas verdades, que indivíduos enunciaram e, assim, produziram discursos acerca do "ser mulher" e do "ser feminina". Que sujeitos produziram esses discursos? Que posições ocupavam na sociedade? Os sujeitos que formularam tais conceitos acerca do que é ser mulher foram, em grande medida, homens, por meio do dispositivo da aliança, de modo a fazer circular um discurso objetivando a mulher como "bela, recatada e do lar", cuja finalidade é servir ao homem e cumprir com os seus "deveres matrimoniais". Tortola (2018) parte dos estudos discursivos foucaultianos para explicar que o dispositivo da aliança é um dos que se apresenta, acionando discursos de sujeição das mulheres ao sistema machista/patriarcal, interditando seus desejos, objetificando seus corpos, reduzindo-as à propriedade do homem e delimitando-as ao contexto privado do lar.

Nesse cenário de interdição, "O empoderamento implica, pois, no reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo/público" (CORTEZ; SOUZA, 2008, p. 172). Portanto, as *lives* realizadas pelo projeto abordaram temas em que a mulher é invisibilizada, interditada e, muitas vezes, ridicularizada. Um exemplo disso pode ser observado na *live* intitulada "mulheres no tatame", que evidencia o enunciado "Lugar de mulher é onde ela quiser!". A análise que deve ser realizada acerca dessa *live*, em específico, é: quem foram os indivíduos que falaram que tatame não é lugar de mulher? Por que não seria um local feminino, tanto quanto é masculino? Por que, antes, não

se viam mulheres lutando ou por que não era midiaticamente popular? As questões apresentadas servem como provocações que, geralmente, não fazemos a nós mesmas. O discurso machista exerce esse "poder" que, para Foucault (1985, p. 183),

> deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação.

O poder do discurso machista atravessa o tempo, sendo sustentado em rede por instituições como a igreja, a família, a mídia, a educação, entre tantas outras que produzem verdades, fazendo circular discursos dispersos em diversas materialidades, a exemplo das redes sociais, da literatura, da música, das artes, da dança, para citar apenas algumas. O projeto "Empodere-se!", portanto, apresenta-se como um dispositivo que aciona discursos de resistência, tendo em vista que oportuniza às mulheres um lugar de fala para enunciarem acerca de temáticas que, regularmente, é autorizado apenas aos homens. Como foi possível perceber na *live* intitulada "maternidade e docência", em que emerge um discurso resistente, ou seja, que vai de encontro ao discurso machista. O machismo sempre teve o poder para criar a verdade de que "lugar de mulher é em casa cuidando dos filhos", entretanto, o enunciado produzido por uma mulher cuja posição-sujeito ocupada é a de mãe e docente, é de que o sistema não entende tal função na sociedade. Neste enunciado "o sistema não entende", vemos o atravessamento do dispositivo de resistência da mulher que acredita que seu lugar não é somente em casa cuidando dos filhos e que o sistema educacional, político, institucional das universidades não entende isso e não está preparado para ter mulheres/mães/docentes. Novamente, fica clara a necessidade de uma mudança de pensamento acerca das coisas que nos cercam.

Nós, mulheres, aprendemos a não ser críticas e jamais questionar por que as coisas são assim e não de outra forma, mas é necessário romper com dadas verdades impostas. A ação desenvolvida nesse período de

pandemia nos fez – discentes, docentes e comunidade – refletir acerca dos temas desenvolvidos: por que mulheres docentes e mães são tão cobradas, mas docentes homens, não? Por que jogos de futebol feminino apenas recentemente foram televisionados? Por que não há narradoras mulheres em jogos de futebol? Portanto, a extensão universitária pode ser um dispositivo de resistência, produzindo uma ruptura discursiva, em que mulheres começarão a questionar "por que assim e não de outro jeito?". Retomando o conceito de poder em Foucault, a ação do projeto "Empodere-se!" funciona por meio de uma rede de mulheres críticas com o objetivo de alcançar mais mulheres e, assim, romper com relações poder hegemonicamente masculinas, sexistas e patriarcais.

Conexões em rede: empoderando mulheres e aproximando estudantes do contexto acadêmico em tempos de isolamento social

Para estabelecer um regime de autorização discursiva positivo para as mulheres e aproximar os/as estudantes do meio acadêmico em tempos de isolamento social, foi necessário reformular as ações do grupo de pesquisa COR-DI-DANÇA, com vistas a ouvir mulheres que ocupam diferentes posições-sujeito e suas inquietações frente a uma sociedade estruturalmente machista, na perspectiva de refletir acerca de como essa ação pode acionar os dispositivos de resistência que permitem o surgimento de enunciados empoderadores, de forma totalmente remota.

Diante disso, a análise dos enunciados que emergiram por meio dessa ação deu-se a partir das orientações da Análise do Discurso foucaultiana. Para Foucault (2008, p. 137), o discurso aparece como:

> [...] um bem –finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas "aplicações práticas"), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.

Essa necessidade de luta impulsionou a escolha do empoderamento de mulheres como temática para as *lives* realizadas, uma vez que o feminismo se apresenta como "teoria e prática, ação política para construir uma sociedade igualitária entre mulheres e homens, ou seja, para construir relações igualitárias, romper com as desigualdades das relações sociais de sexo e gênero" (GODINHO, 2018, s/p). Ou seja, uma luta política.

Os roteiros das entrevistas foram elaborados pelas mediadoras, graduandas do Curso de Educação Física e membros do grupo de pesquisa COR-DI-DANÇA, além de aproximar as graduandas da universidade em tempos de pandemia, estimulando o vínculo com a instituição e a continuidade dos estudos foucaultianos, uma vez que o grupo de pesquisa continuou seus estudos de forma remota, por meio de reuniões semanais. Essa ação proporciona, também, a "experiência formativa" das graduandas, uma vez que, segundo Hermann (2013, p. 94),

> A experiência é, também, um conceito articulado com a racionalidade prática e decisivo para a compreensão da formação, porque inclui a dimensão prática pela qual o homem [e a mulher], ao agir, ao escolher, ao enfrentar inúmeras tarefas da existência, forma-se a si mesmo[/a].

Tal reflexão nos leva à compreensão de que a ação do projeto contribuiu com a formação acadêmica dos/as mesmos/as durante a pandemia. Pensando o empoderamento de mulheres por meio das diversas vertentes do feminismo, todos os roteiros seguem a mesma linha argumentativa, por exemplo, se as mulheres já sentiram que seu discurso foi interditado pelo simples fato de serem mulheres, as problemáticas relacionadas ao binarismo de gênero, que muitas vezes determinam o que pode ou não ser dito/feito por uma mulher, entre outras problemáticas discriminatórias. Observa-se que, em uma mesma escolha temática, surgem diversos enunciados diferentes que emergem de uma mesma formação discursiva, Foucault (2008, p.43) explica que:

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão,

> e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (um ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Logo, o discurso é disperso, heterogêneo, mesmo que obedeça a uma mesma formação discursiva. E é isso que perseguimos nesse texto, buscar refletir acerca dos enunciados regulares na dispersão dos discursos que emergiram nas *lives*, levando em conta a raridade, a exterioridade e o acúmulo (FOUCAULT, 2008). "Analisamos os enunciados não como se estivessem no lugar de outros enunciados caídos abaixo da linha de emergência possível, mas como estando sempre em seu lugar próprio" (FOUCAULT, 2008,p.135), ou seja, os enunciados são raros, pois cada um tem o poder de, em diferentes contextos, trazer uma pluralidade de significados, cada um com sua posição singular.

Em relação à exterioridade, podemos dizer que os enunciados então dispersos no tempo, ou seja, transcendem a história, uma vez que estão se transformando a todo tempo, possuindo ou não as condições para existir e circular em um dado momento e lugar, dessa forma a exterioridade vai delimitando o que pode ou não ser dito por meio das mudanças e rupturas, transformando também a posição dos sujeitos, como empreende Foucault, (2008, p. 138), como um "campo anônimo cuja configuração defina o lugar possível dos sujeitos falantes".

Já o acumulo se refere à forma como os enunciados se conservaram por meio de distintas modalidades estatutárias isso nos mostra que os enunciados "não têm mais o mesmo modo de existência, o mesmo sistema de relações com o que as cerca, os mesmos esquemas de uso, as mesmas possibilidades de transformação" (FOUCAULT, 2008, p. 140), isso nos faz buscar diferentes enunciações que remetem ao empoderamento feminino.

Entretanto, o autor nos alerta que não é possível descrever o arquivo em sua totalidade (tudo aquilo que pode ou não ser dito acerca de uma temática), por isso faz-se necessário eleger uma série enunciativa, que consiste em um recorte, um conjunto de enunciados dispersos em uma materialidade discursiva. Dessa forma, o nosso recorte são os enunciados

que emergem por meio das *lives* que foram transmitidas ao vivo no *Instagram* e posteriormente ficaram disponíveis no *IGTV* e no *Youtube*, como apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Relação das lives realizadas pela ação do Projeto Empodere-se!: "O que as mulheres têm a dizer" e apresentação dos dados de visualização até o dia 07 de agosto de 2020.

Tema das *Lives*	**Visualizações IGTV/*Youtube***		**Total**
Apresentação do projeto empodere-se!	117	30	147
Mulheres no tatame	316	77	393
NUGEN (Núcleo de gênero da UFPEL)	8	12	20
Aulas de auto defesa no projeto de extensão empodere-se	84	13	97
Mulheres na linha de frente contra a covid-19	261	9	270
Maternidade e docência	117	12	129
Feminismo negro e racismo	70	26	96
Mulheres na ginástica	69	27	96
Mulheres no futebol	208	20	228
Mulheres docentes no ensino remoto	118	7	125
Mulheres e treino de força	152	8	160

Fonte: Arquivo do projeto.

Ao analisar os enunciados dispersos nas *live* sque foram transmitidas no *Instagram*, foi possível observar uma expressiva visibilidade diante das problemáticas colocadas pelas mulheres que ocupam diferentes posições-sujeito. Aqui destacamos, pautadas em Foucault (2008), que não importa para a análise do discurso saber quem produziu um dado enunciado, e sim, que posição-sujeito se define "igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos" (FOUCAULT, 2008, p. 58). Logo, os discursos apresentados aqui

apresentam enunciações de mulheres que ocupam a posição de mães, atletas, professoras, cientistas, negras, brancas, LGBTQIA+, estudantes, entre outras posições-sujeito.

Observamos que os discursos que remetem ao empoderamento de mulheres estão presentes em enunciados como "a educação física é um campo do saber capaz de intervir no que diz respeito ao empoderamento feminino, de várias formas", presente na *live* "Apresentação do Projeto Empodere-se!", o que reforça a apropriação de saberes como forma de exercício de poder, notadamente no que se refere à educação por meio das práticas corporais, uma vez que pelo corpo, como uma "realidade bio-política", nos constituímos como sujeitos no mundo, localizados, datados, institucionalizados, ou seja, "efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos" (FOUCAULT, 1985, p. 80).

Um exemplo disso são as lutas, como práticas corporais de efeito empoderador nas mulheres, como podemos observar no enunciado "a luta enriquece a vida de uma mulher, ela ajuda a fortalecer a segurança, ajuda a trazer aquela sensação de poder e de capacidade na mulher [...] além de ajudar a desenvolver a autoestima [...]", disperso na *live* "Mulheres no Tatame". Para Grespan (2015, p. 105), as mulheres que adentram um local para a prática da luta, notadamente heteronormativo, masculino, misógino e sexista, a exemplo do tatame, "já subverteram a ordem de um evento dominado exclusivamente por homens", a autora ainda explica que "os discursos que circulam no meio midiático [acerca da prática de artes marciais por mulheres] constroem, afirmam e (re)significam as normas, mas também provocam resistências, insubordinações, borrando fronteiras preestabelecidas" (GRESPAN, 2015, p. 105).

Em uma outra transmissão, é possível notar a dificuldade encontrada pelas mulheres que desejam ser mães e possuir uma carreira em que fica visível o quanto uma sociedade estruturalmente machista afeta a vida das mulheres em todos os aspectos, presente na *live*: "Maternidade e Docência" por meio do enunciado "já é difícil você fazer pesquisa sendo mulher, né, e sendo mãe essa dificuldade, ela se acentua". Aqui notamos a importância de projetos e ações extensionistas que acionem dispositivos

de resistência, possibilitando a circulação de discursos empoderadores. Algo que independentemente do modo de enunciação, buscamos "na espessura do tempo em que subsistem, em que se conservaram, em que são reativados, e utilizados, em que são, também, mas não por uma destinação originária, esquecidos e até mesmo, eventualmente, destruídos" (FOUCAULT, 2008, p. 140), o fazemos circular, pela força da nossa luta enunciados como "empoderamento", "lugar de fala", "feminismo", "maternidade", "docência"dando voz às mulheres, por meio de seus discursos durante a pandemia da Covid-19.

Considerações finais

Ao analisar discursivamente enunciados que circulam por meio de uma ação de extensão universitária, voltada especificamente para mulheres, percebemos a emergência da necessidade de criar ambientes de autorização discursiva positivos, oportunizando espaços de fala às mulheres nas mais diferentes posições-sujeito ocupadas por elas na sociedade, acionando dispositivos de resistência ao machismo estrutural, notadamente nesse momento de pandemia.

Ao refletir os efeitos dessa ação, constatamos a proficuidade em manter as conexões com o espaço acadêmico universitário para o enfrentamento da Covid-19 e do isolamento social, criando uma rede de apoio mútuo e escuta compartilhada, unindo diversas vozes em prol do empoderamento feminino e da subversão de um sistema excludente e precário às necessidades das mulheres na sociedade hodierna.

Esperamos, com essa empreitada, estimular a reflexão acerca da necessidade de se olhar para os microacontecimentos que estão, por vezes, à margem da história, invisibilizados pelas estruturas político-sociais, pelo aparato midiático, pelas regularidades discursivas em torno das mulheres, seus corpos, seu trabalho, sua existência, numa atitude transformadora, transgressora, resistente e empoderadora.

BOLZANI, V. S. Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas? **Ciência e cultura**, v. 69, n. 4, p. 56-59, 2017. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000400017. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAMACHO, A. C. L. F. *et al.*. Alunos em vulnerabilidade social em disciplinas de educação à distância em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 7, mai. 2020. Disponível em https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3979. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAMACHO, A. C. L. F. *et al.* A tutoria na educação à distância em tempos de COVID-19: orientações relevantes. **Research, Society and Development.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 5, mar. 2020. Disponível em https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3151. Acesso em: 20 jun. 2020.

CORNWALL, A. Além do "Empoderamento Light": empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. **Cadernos Pagu**, v. 52, p. e185-202, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000100202&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 20 jun. 2020.

CORTEZ, M. B.; SOUZA, L. de. Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília , v. 24, n. 2, p. 172, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/05. Acesso em: 13 ago 2020.

COUTO, E. S.; COUTO, E.S.; CRUZ, I. M. P. # FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/8777/3998. Acesso em: 11 ago. 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de

France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GODINHO, T. Feminismo, prática política e luta social. **SINTRAJUD** - Portal oficial do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no Estado de São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.sintrajud.org.br/materiais-de-apoio-aos-debates-no-coletivo-de-mulheres-do-sintrajud/feminismo-pratica-politica_tataugodinho/. Acesso em: 06 ago. 2020.

GRESPAN, C. L. **Mulheres no octógono:** performatividade de corpos, de gêneros e de sexualidades. Curitiba: Appris, 2015.

HERMANN, N. Experiência formativa e racionalidade prática. *In*: CENCI, A. V.; DALBOSCO, C. A.; MÜHL, E. A. (Orgs). **Sobre filosofia e educação:** racionalidade, reconhecimento e experiência formativa. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, p. 90-104, 2013.

KRAMER, D. G. *et al*. Extensão universitária e ações de educação em saúde para a prevenção à Covid-19. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Joaçaba**, v. 5, 2020. Disponível em: <https://unoesc.emnuvens.com.br/apeuj/article/view/24329>. Acesso em: 11 ago. 2020.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis:** Revista de Saúde Coletiva, v. 30, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/physis/2020.v30n2/e300214/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012>. Acesso em: 13 ago. 2020.

MARQUES, G. E. C. A Extensão Universitária no Cenário Atual da Pandemia da COVID-19. **Revista práticas em extensão**, v. 4, n. 1, p. 42-43, 2020. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/praticasemextesao/article/view/2188>. Acesso em: 11 ago. 2020.

OLIVEIRA, A.L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19**. Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/Covid-19Educacao>. Acesso em: 25 set. 2020.

SERRÃO, A. C. P. Em Tempos de Exceção como Fazer Extensão? Reflexões sobre a Prática da Extensão Universitária no Combate à COVID-19. **Revista práticas em extensão**, v. 4, n. 1, p. 47-49, 2020. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/praticasemextesao/article/view/2223>. Acesso em: 11 ago. 2020.

TORTOLA, E. R. C. **O corpo das mulheres em Chiquinha Gonzaga:** entre regularidades, rupturas e discursos de resistência. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação associado em Educação Física UEM/UEL. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?.**Revista Brasileira de Epidemiologia**. v. 23, 2020. Disponível em:< https://www.scielosp.org/article/rbepid/2020.v23/e200033/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

Sobre as autoras

ELIANE REGINA CRESTANI TORTOLA, graduada em Educação Física na UEM, doutora em Educação Física na UEM. Professora Adjunta da ESEF/UFPEL. Coordenadora do projeto de extensão “Empodere-se!” desde 2020.

E-mail: elitortola@gmail.com

EVELYN VITÓRIA MARINS MACHADO, graduanda em Educação Física (Bacharelado) na ESEF/UFPEL. Colaboradora do projeto de extensão “Empodere-se!” desde 2020.

E-mail: evmm560@gmail.com

JÉSSICA URRUTIA PEREIRA, graduanda em Educação Física (Bacharelado) na ESEF/UFPEL. Colaboradora do projeto de extensão "Empodere-se!" desde 2020.
E-mail: urrutia.pereira.satolep@gmail.com

NADINE MACIEL MADRUGA, graduanda em Educação Física (Licenciatura) na ESEF/UFPEL. Colaboradora do projeto de extensão "Empodere-se!" desde 2020.
E-mail: dinemms@hotmail.com

PRÁTICAS DANÇANTES EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONSTRUINDO O CONHECIMENTO E A CULTURA POR MEIO DAS REDES SOCIAIS

Priscila Lopes Cardozo
Karla Prudente Mosqueira
Luan Sant'Anna de Sousa

Introdução

O avanço das tecnologias e acesso facilitado, embora ainda excludente, colaboram para a utilização de estratégias e ações distintas que minimizem os efeitos advindos do isolamento social causados pela pandemia decorrente da Covid-19. As redes sociais têm mostrado ser modelos de ferramentas profícuas no que tange à aproximação entre comunidades, além de proporcionar acesso, apreciação e experimentação ao patrimônio histórico cultural. Neste sentido, ações de extensão universitária têm viabilizado, por meio dessas redes, práticas corporais distintas como principais objetos de intervenção de professores/as de

Educação Física. Desta forma, o Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança (COR-DI-DANÇA) da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) estabeleceu um diálogo entre discentes, convidados/as e expectadores/as, por meio da ação "*Lives*: Práticas Dançantes com Participação de Convidades", desenvolvida e vinculada ao projeto de extensão "Laboratório de práticas dançantes". Esta ação objetivou oportunizar a vivência de distintas modalidades de dança para a comunidade interna e externa à UFPel, por meio de encontros semanais, abrindo espaço para a experiência formativa de acadêmicos/as e professores/as de Educação Física no que se refere à relação entre dança, ritmo e movimento, além de desenvolver um processo democrático de enfrentamento à pandemia.

Entendemos que, nesse momento, uma das formas efetivamente recomendadas à população mundial para conter o caos referente aos efeitos deletérios que a Covid-19 gera na saúde pública é o isolamento social (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2020). A prática desse comportamento restringe as possibilidades de convívio social inerentes ao ser humano, repercutindo no assolamento do bem-estar físico e psíquico da humanidade. É nesse sentido que se justifica a proficuidade da ação extensionista realizada, por oferecer um espaço virtual de aprendizado, proporcionando entretenimento e conhecimento acerca de vários tipos de práticas dançantes com suas características culturais marcantes. A dança, como manifestação da cultura corporal do movimento e por nós entendida como prática discursiva, se coloca como um instrumento de enfrentamento em tempos de confinamento, pois articula movimentos de expressividades e formas de resistência. Foucault (1985) considera o corpo como inscrição dos acontecimentos, sendo ele produtor de discurso e lugar de enunciação proporcionando, segundo Tortola (2019), experiências formativas que possam provocar o autoconhecimento, a tensionalidade, o embate com o plural, considerando as particularidades próprias a cada um/a, como formas de humanização.

Desse modo, objetivamos, nesse texto, refletir acerca dos efeitos dessa ação, não só para a comunidade externa, mas para alunos e alunas do curso de graduação, como forma de manter as conexões com o espaço acadêmico universitário. Para tanto, recorremos aos estudos discursivos foucaultianos de modo a compreender como práticas discursivas

dançantes podem acionar dispositivos de poder frente o isolamento social, como ação de enfrentamento durante a pandemia da Covid-19, além de dados descritivos referentes ao número de visualizações das *lives* realizadas.Para Foucault (2008), o discurso não se dá apenas no campo da língua, mas a transcende. A existência de uma enunciação é dada pela sua relação com os saberes e poderes que a constituem, podendo ser um gesto, uma imagem, um ato de fala, uma nota jornalística, entre outros. Tomamos aqui o movimento dançante como gesto que produz discurso e, portanto, produz saber e exerce poder.

Logo, nesse texto, apresentaremos a Covid-19 como um acontecimento discursivo e a proficuidade das ações extensionistas diante dessa pandemia. Serão também apresentadas as modalidades de dança desenvolvidas durante a ação "*Lives*: Práticas Dançantes com Participação de Convidades", do projeto de extensão "Laboratório de práticas dançantes", dados descritivos em relação ao número de visualizações nas redes sociais e os enunciados regulares que emergiram das *lives*. E, por fim, como essas práticas dançantes são lidas a partir do olhar analítico discursivo foucaultiano na produção de discursos por meio de dispositivos de poder.

O acontecimento Covid-19 e as ações extensionistas como ferramentas de enfrentamento à pandemia

A pandemia provocada pela Covid-19 é entendida aqui como um acontecimento discursivo, uma vez que provoca a emergência de discursos que são datados (FOUCAULT, 2008). As ações de extensão universitária, em meio a este acontecimento, expressam o comprometimento social da comunidade acadêmica com a comunidade interna e externa da UFPel, visando dar continuidade às atividades do Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança nesse período de confinamento. Entretanto, esse acontecimento, entendido na perspectiva foucaultiana como o que faz circular determinados discursos na sociedade e não outro em seu lugar (FOUCAULT, 2008), fez circular enunciados e regulações de poder sobre o corpo, a uma força produzida pelo poder médico, de prescrição de uma remediação a cada indivíduo como solução ao isolamento social

(FOUCAULT, 1985). Esse poder médico ocasionou no cumprimento de medidas restritivas da Organização Mundial de Saúde (OMS), que recomenda o distanciamento social impactando diretamente a saúde mental do ser humano, por conta da ausência de atividades físicas e práticas corporais em locais públicos.

Em meio a essas normatizações do campo da saúde, docentes e discentes universitários/as tentam dar continuidade as suas respectivas ações de pesquisa e extensão por meio das redes sociais numa tentativa de se reinventar. Neste momento turbulento, em que há diversos discursos circulando em diferentes materialidades, vemos o atravessamento de dispositivos disciplinares de segurança sanitária que, segundo Foucault (1987), é capaz de operar normas gerais de saúde. Neste sentindo, o projeto extensionista busca formas de aproximação que garanta a segurança sanitária dos/as mediadores/as, convidados/as e os/as espectadores/as, havendo um resguardo do bem-estar de todos/as os/as participantes desse processo.

As ações extensionistas do Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança, por intermédio das "*Lives*: Práticas Dançantes com Participação de Convidades", podem contribuir no processo, não só da promoção da saúde, mas da construção social e cultural dos sujeitos. Por meio da dança que se desenvolvem as habilidades motoras básicas, melhora a consciência corporal e auto aceitação do corpo. Segundo Foucault (1987), por intermédio do corpo o sujeito exerce poder, algo que pode ser retratado nas práticas corporais discursos, signos e representações culturais. É possível identificar as contribuições das diferentes modalidades de dança impactando positivamente na vida e na formação humana. Segundo Marbá, Silva e Guimarães (2016, p.5),

> as pessoas quando dançam esquecem-se dos problemas diários, desinibem-se e esquecem até mesmo das suas próprias limitações, pois o ato de dançar é viver feliz sem se preocupar com o mundo ao seu redor. Dançar não exige idade, cor e raça. O dançar é para todos[as]. Há vários tipos de dança, desde a clássica até a moderna, e também diferentes ritmos, sendo que as pessoas se identificam mais com os quais elas têm mais facilidade de praticar.

Daí compreendemos como relevante, no contexto que estamos vivenciando, as ações de extensão universitária funcionando como dispositivo de poder no enfrentamento ao acontecimento Covid-19, uma vez que oportunizam um espaço virtual de aprendizado referente a prática dançante, por meio do processo de assimilação e concepção da linguagem corporal na descrição da dança, contida na criação de movimentos e sua gestualidade. Couto, Couto e Cruz (2020, p. 212) explicam que

> mesmo diante da precária inclusão digital no Brasil e das desconfianças de muitos, a Internet se tornou a tecnologia interativa por meio da qual, de muitas e criativas maneiras, milhares de crianças, jovens e adultos continuaram e continuam a ensinar e aprender nesses tempos conturbados.

Logo, entendemos que a dança dialoga com uma diversidade de práticas corporais e, por essa razão, permite uma interação docente-discente-comunidade, por meio da linguagem gestual, possibilitadora de enunciação dos sentimentos, das necessidades imediatas em tempos de crise, como forma de comunicação. E a extensão universitária se coloca como essa ponte de interlocução. Em acréscimo, percebemos as redes sociais, por meio das *lives,* funcionando como ciberterritório "das mensagens, produtos, saberes e afetos que deslizam entre os terminais eletrônicos" (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 209). E é por intermédio dessas ações que mediadores/as, convidados/as e os/as espectadores/as dialogam na pluralidade comunicativa da dança, que contém diversas vozes, diversos corpos, atravessados por saberes e poderes que são representados em formas artísticas.

Práticas dançantes em tempos de isolamento social: conexões para um momento em suspensão

Considerando o momento de distanciamento social, o desenvolvimento da ação extensionista se deu de forma remota. Foram realizadas reuniões quinzenais, nas quais eram elencadas as modalidades de

dança e a definição de um/a convidado/a que possuísse domínio acerca da mesma. A escolha do/a convidado/a foi intencional, considerando a proximidade com profissionais atuantes na cidade de Pelotas-RS. Ao todo, quatro alunos/as colaboraram com a ação, além de uma docente e a coordenadora do projeto. A cada membro da equipe foi delegada uma função que consistiu na execução das seguintes tarefas: a) contactar o/a convidado/a e solicitando detalhes acerca da aula a ser ministrada; b) elaborar questões que estimulassem os/as expectadores/as a realizar reflexões acerca da modalidade; c) encaminhar roteiro para a orientadora do projeto e para o/a convidado/a realizar correções/adequações; d) elaborar *layout* para divulgação nas redes sociais do COR-DI-DANÇA; f) editar o vídeo das *lives*, para publicação após a execução, como forma de ampliar o acesso à ação a qualquer tempo. O projeto ganhou corpo pela intervenção de membros do grupo na plataforma *Instagram*[1], por meio de entrevista e execução da aula proposta pelo/a convidado/a. Após ser salva e editada, a gravação de cada *live* foi disponibilizada na plataforma *YouTube*[2].

As práticas dançantes deram início no dia 18 de maio de 2020, as quais eram realizadas em tempo real, na rede social *Instagram*, todas as segundas-feiras, das 19h às 20h. Foram selecionadas quatro modalidades de danças (Dança Afro, Dança de Academia, Dança de Salão e Jazz-Contemporâneo), sendo três estilos e convidados/as distintos/aspara cada modalidade. Isto totalizou doze *Lives*. Durante a realização dos encontros práticos, foi possível observar interação entre discentes, convidados/as e comunidade, em que a troca de experiência por parte da comunidade era expressada via comentários escritos na caixa de mensagens e os/as mediadores/as (discentes) e convidados/as via câmera e áudio.

Dessa interação emergiram enunciados que demonstram o impacto da ação de extensão desenvolvida. Para Foucault (2008), não importa

1. O acesso ao perfil do Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança – COR-DI-DANÇA, no *Instagram*, por ser realizado por meio do *link* https://www.instagram.com/cor_di_danca/?hl=pt-br.

2. O acesso ao canal do Grupo de Pesquisa Corpo, Diversidade e Dança – COR-DI-DANÇA, no *YouTube*, por ser realizado por meio do *link* https://www.youtube.com/channel/UCHNOJU_Sqgu1mCaPIxcYvSQ.

quem enuncia, mas a posição que cada sujeito ocupa no discurso, ou seja, professores/as de dança, discentes e comunidade externa. Enunciados como: *estar ativo nesse momento de isolamento é importante*; *não aguento mais ficar parado*; *momento de se reinventar*; *troca de experiências*; *momento mais esperado da semana*, dispersos nos comentários e nas falas dos sujeitos durante as *lives*, representam a necessidade dessa interação na vida dos/as participantes, discentes e expectadores/as. Tais enunciados aparecem relacionados, "de modo definido, a uma realidade visível" (FOUCAULT, 2008, p. 102), qual seja, o momento pandêmico que enfrentamos. Por isso, é regular que em situação de isolamento social, onde as pessoas se encontram impossibilitadas de realizar práticas corporais, notadamente as dançantes, os sujeitos percebam nas atividades remotas a possibilidade de encontro, de reinvenção, de troca de experiências, de estar ativo/a.

E para além dos discursos, o trabalho aqui desenvolvido, expressa também dados descritivos fornecendo um panorama geral em relação à quantidade de acessos das ações do projeto. No final das *Lives*, as práticas dançantes eram salvas por meio do IGTV, sendo possível visualização posterior, além de serem postadas, após tratamento e edição, no canal do COR-DI-DANÇA no *YouTube*. As informações referentes à quantidade de visualizações das *Lives* que ficam disponíveis no IGTV após o término não permitem a obtenção do número absoluto de participações em tempo real de cada prática dançante e também impossibilitam verificar a persistência dos mesmos participantes ao longo das *Lives*. Portanto, para as informações inseridas na Tabela 1, consideramos para a rede social *Instagram* e plataforma de vídeos *Youtube* apenas os acessos obtidos após o término de cada ação. Além disso, vale ressaltar que, devido a problemas instrumentais, não foi possível salvar dois estilos de dança (Dança Afro e *Stiletto*), sendo representado na Tabela 1 um total de doze ações.

Na tabela 1 é possível observar, de acordo com o total das frequências absolutas de visualizações de cada gênero no *Instagram* e *Youtube* que, ao longo das dez ações do projeto, a rede social *Instagram* atingiu maior valor absoluto (1.283) de visualizações em relação à outra plataforma (113). Presume-se que tal superioridade pode estar atribuída ao fato de que as ações do projeto, como divulgação e condução em tempo real das *Lives,* foram realizadas por essa ferramenta.

Ao considerar os estilos de dança nas duas plataformas, a frequência relativa de visualizações mais elevada foi a Dança Afro A[3] (17,6%), seguido de Dança Afro B (11,5%), *Funk* (11%), *Bachata* (10%) e Forró (9,5%), enquanto a menor frequência relativa de visualizações das duas plataformas foi para o *Jazz* Contemporâneo (5,7%) seguido de *Jazz* Lírico (8,6%), Samba de Gafieira (8,2%), Alongamento e Mobilidade para Dança (8,7%) e Dança Contemporânea (9,2%). Curiosamente, a maior e menor frequência se deu, respectivamente, no primeiro e no último encontro realizado. Possível motivo que pode estar relacionado à primeira ação, é quanto ao tempo despendido para divulgação e circulação da primeira *Live* em comparação as demais.

Além disso, um aspecto importante a ser considerado é que a primeira prática dançante foi realizada no auge da pandemia,em que a comunidade estava disposta a manter a adesão ao distanciamento social pelo período que fosse necessário (BEZERRA *et al.*, 2020) e, esse acontecimento despertou a necessidade de interromper práticas que pressupõe contato físico. Ainda nesse período, clubes, academias e estúdios estavam impossibilitados de atuarem em função da profícua transmissão do vírus (RAIOL, 2020), fazendo emergir a ampla recomendação para se exercitar em casa durante esse período, elevando a procura das ações iniciais do projeto.

Em contrapartida, a última *Live* ocorreu no dia 2 de agosto de 2020 e os dados foram obtidos no dia 11 de agosto de 2020. O reduzido intervalo de tempo pode ter colaborado para um menor alcance de visualizações e não devido ao estilo em si. Embora não seja possível afirmar que, de um modo geral, houve tendência decrescente de visualizações devido às oscilações quanto ao percentual de acessos ao longo das dez ações do projeto, possível arguição para esta diminuição pode estar atribuído ao excesso de práticas interventivas distintas ao longo da pandemia (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020).

3. Foi denominado Dança Afro A e B para caracterizar que as aulas, assim como os professores não foram os mesmos.

Tabela 1 – Frequência absoluta e relativa de cada estilo com base no total de visualizações das *Lives*.

Estilos	*Instagram*		*Youtube*		**Total**	
	n	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**
Dança Afro A	200	15,6	46	40,7	246	17,6
Dança Afro B	149	11,6	11	9,7	160	11,5
Funk	*138*	*10,8*	*15*	*13,3*	*153*	*11*
Along. e Mob. para dança	117	9,1	04	3,5	121	8,7
Samba de Gafieira	110	8,6	05	4,4	115	8,2
Forró	126	9,8	07	6,2	133	9,5
Bachata	*134*	*10,4*	05	*4,4*	*139*	*10*
Jazz Lírico	111	8,7	09	8,0	120	8,6
Dança Contemporânea	120	9,4	09	8,0	129	9,2
Jazz Contemporâneo	78	6,1	02	1,8	80	5,7
Total	1.283		113		1.396	

Nota: *números absolutos de visualizações das plataformas de comunicação foram coletadas no dia 11 de agosto de 2020.*
Fonte: Elaborado pelos autores.

Podemos inferir, de um modo geral, que a dança como manifestação social e cultural é uma estratégia eficaz para troca de saberes e de prevenção de saúde física e mental neste período de enfrentamento da pandemia Covid-19. A dança e a música têm sido utilizadas como estratégia de fortalecimento emocional durante esse período em países distintos. Com o intuito de regular sentimentos e emoções e minimizar o

estresse, profissionais da saúde utilizam a dança e música como recurso para elevar o ânimo na China, América do Norte e Europa. Na China, Itália e América do norte também é possível observar pessoas dançando nas varandas e telhados (STODOLSKA, 2020). Neste sentido, por meio das intervenções dançantes é possível beneficiar para além da capacidade aeróbia e força muscular corporal, mas também tem contribuído para elevar a autoestima (CONNOLLY; QUINN; REDDING, 2011) e motivação intrínseca (ROKKA *et al*., 2019).

Por realizarmos as ações do projeto de extensão "Laboratório de Práticas Dançantes" como espaço para obtenção de dados que possibilitam análises discursivas para o projeto de pesquisa "A produção discursiva do corpo dançante: aportes para experiências formativas na Educação Física" (COR-DI-DANÇA/UFPEL/CNPq)[4], procuramos, para além de observar os aspectos quantitativos e os benefícios biopsicossociais, a partir daqui, apresentar algumas regularidades nos discursos gestuais em determinados estilos de dança. Tomamos como regularidade os enunciados que atravessam o tempo e se mantêm na estrutura dos acontecimentos e na descontinuidade histórica, sendo utilizados pelos sujeitos em suas diferentes posições ocupadas na sociedade. Tais regularidades constituem as formações discursivas que se dão por meio das escolhas das temáticas, das posições-sujeito, da materialidade e do domínio associado do discurso no tempo (FOUCAULT, 2008). Ou seja, cada modalidade de dança possui sua formação discursiva própria, com suas regularidades gestuais, produzindo enunciados dispersos, atravessados por saberes e poderes, como veremos a seguir.

As diferentes práticas dançantes e seus discursos

Ao investigarmos os discursos presentes na gestualidade de cada modalidade de dança trabalhada no laboratório de práticas dançantes, tomamos o corpo como portador, produto e produtor de enunciados que

4. Projeto de pesquisa coordenado pela Professora Dra Eliane Regina Crestani Tortola, líder do Grupo de pesquisa Corpo, diversidade e dança – COR-DI-DANÇA, da Escola Superior de Educação Física-UFPel.

abrigam em si reflexos do tempo-espaço de sua criação. Questões sociais, culturais, políticas, filosóficas e comerciais, constructos característicos de um determinado momento histórico, permitem que as danças se forjem, não apenas como manifestações artísticas, mas como agentes de descontinuidades, produtoras de rupturas, dispositivos de resistência, que se dão por meio do diálogo não verbal estabelecido no corpo, na gestualidade, no movimento e na música, necessários às rupturas de paradigmas. Setenta (2008) denomina a fala do corpo na dança como um fazer-dizer e define o fenômeno da seguinte forma:

> [...] a organização da dança em um corpo pode ser tratada como sendo uma espécie de fala desse corpo. Através da observação do modo como esse falar se produz surge a percepção de que existe, dentre os distintos tipos de fala, um que inventa o modo de dizer-se. Ele se distingue exatamente por não ser uma fala sobre algo fora da fala, mas por inventar o modo de dizer, ou seja, inventar a própria fala de acordo com aquilo que está sendo falado. Essa modalidade de fala será aqui denominada de fazer--dizer (SETENTA, 2008, p.17).

Logo, abordar o discurso da gestualidade sob a perspectiva arqueológica de Foucault (2008) nos permite examinar, não apenas a materialidade do movimento e sua significação como produtora de discurso, mas também, observar essa gestualidade emergir como dispositivo de resistência a todo um conjunto de relações de poder que as antecederam e fizeram outros discursos circularem. A ordem cronológica das modalidades escolhidas para o laboratório nos viabiliza um recorte temporal em que podemos identificar os gestos característicos de cada modalidade como procedimento disseminador de continuidades e, além disso, também emergir como agentes de rupturas, de descontinuidades necessárias ao rompimento do verdadeiro de uma época. Diferentes corpos discursivizam por meio da dança, a exemplo do corpo negro, que encontra na cultura um poderoso dispositivo de resistência, sendo este "repleto de expressões sobre a luta difundida pelos antepassados por sua libertação e conquista da cidadania", como coloca Silva (2014, p.273): o

corpo binário, no que diz respeito ao gênero, que perpetua toda uma organização social pautada na heteronormatividade e na soberania do homem sobre a mulher nas danças de salão.

As danças de matriz africana talvez sejam um dos maiores exemplos de manifestação de resistência. Ao analisarmos suas gestualidades, percebemos o quanto elas funcionam até hoje como dispositivos de poder da cultura negra, principalmente no que diz respeito a sua subjugação pela ilusão da supremacia branca. Segundo Lara (2008, p. 48), o corpo negro, “marcado por discriminações, estereótipos, alegria, riso e oração, guarda a memória da liberdade e da escravidão, representando a base para a construção de identidades étnico-raciais e sexuais”. Encontramos nas danças afro-brasileiras dispositivos de resistência religiosa, acionando movimentos e gestos que se referem a entidades, gestos ritualísticos e práticas circulares que integram um dado conjunto de enunciados, movimentos que são representados pela própria cultura africana, no que diz respeito à caracterização dessa gestualidade que imprime em si a realidade desse povo. Pés em contato direto com o solo, o desenho côncavo produzido pelo conjunto tronco, braços e cabeça, os movimentos executados nos planos médio e baixo, a ciclicidade, persistem, ocupam o espaço e dizem não aos limiares dos gestos aéreos oníricos e moldados impostos pelas danças europeias ao gesto (MANZINI, 2016).

A dança afro se coloca como agente ativo da diáspora africana. Como menciona Manzini (2016), essa modalidade se constitui como poderosa ferramenta de representatividade, valorização e fortalecimento sociocultural. Isso pode ser observado nas duas *lives* dessa prática dançante, nos enunciados dispersos nos comentários e impressos nos gestos, toda a força e a garra que declaram guerra às repressões, movimentos que já nascem fortes, seguros e objetivos, que não tem espaço para leveza e sutileza das gestualidades europeias burguesa e mercantis nascidas em berço de ouro, ao contrário se apresentam firmes, objetivos, diretos, pois tem que resistir, fraturar um verdadeiro que interdita, destitui do direito de existir dignamente pessoas negras.

Ainda, do mesmo arquivo do contexto europeu,raiam as danças de corte que, posteriormente, foram se transformando em dança de salão, e o ballet, fazendo circular o discurso da época (TORTOLA; LARA, 2009; NUNES, 2016). A formação discursiva da gestualidade das danças de salão

produz redes de enunciados que validam o domínio do homem sobre a mulher, com a superioridade e comando dos movimentos masculinos sobre os femininos, a interdição de qualquer vestígio de representatividade da vontade feminina nos passos, reafirmam a heteronormatividade. Em sua concepção, a dança de salão imprime as regras rígidas impostas pelo contexto histórico e constitui uma modalidade em que toques devem ser sutis e contidos, assim como os olhares disfarçados e a intensidade dos passos deve ser sutil, na cena, o cavalheiro deve cortejar a sua dama com todas as ressalvas da etiqueta vigente (FERREIRA; SAWWAYS, 2018).

Embora no momento de sua concepção, e até hoje, a dança de salão seja veículo de discursos rígidos e duros, há de se destacar também momento em que suas gestualidades emergem também como dispositivos de resistência e protagonistas de rupturas, a exemplo do samba de gafieira, uma dança que fundamenta em seu aparato gestual movimentos de resistência e representatividade da cultura afro-brasileira, manifestada em sua gestualidade, liberdade, sensualidade (TORTOLA; LARA, 2009), como também carrega em seu estandarte toda a cultura e pluralidade, fazendo circular assim, enunciados originários de culturas interditadas pelas tradições europeias.

Assim como as danças de salão, as danças de academia também fazem emergir discussões contemporâneas sobre gênero, utilizadas como agentes das causas das mulheres e de outros grupos estigmatizados, abrindo as portas da dança e da atividade física para corpos que muitas vezes são interditados nos ambientes de academia, conforme explica Oliveira *et al* (2020, p. 40), "por muitos anos a dança vem sendo inserida como modalidade em academias e essa prática vem crescendo a cada dia e ganhando mais adeptos e incentivos políticos, onde são criados projetos públicos que atendam a população que não possui um poder aquisitivo compatível com as academias".

Rompendo com o engessamento de práticas massivas da musculação e do treinamento funcional, desde os anos de 1980, as práticas de dança têm o condicionamento físico como objetivo principal, disseminadas nos espaços antes exclusivos das práticas tradicionais de programas de exercícios, elevando a música, o ritmo e o movimento a outro patamar de utilidade, instrumentalizando a dança em ambientes ocupados primordialmente pelos discursos biomédicos. As gestualidades

das danças de academia pode-se imprimir, tanto movimentos técnicos, quanto trabalhos aeróbicos para específicos grupos musculares. A ruptura dessa regularidade gestual se dá quando tudo isso é ritmado, organizado musicalmente com sentido coreográfico, ritmicidade e, não menos importante, com as gestualidades culturais típicas da modalidade de dança escolhida para a prática.

As últimas modalidades de dança desenvolvidas na ação de extensão foram as danças contemporâneas e as danças urbanas, como um jeito de fazer-dizer a dança e com ela ocupar espaços antes interditados, caracterizam práticas discursivas dançantes que atuam na dispersão de um novo discurso acerca do corpo, seu aparato gestual projeta séries de séries enunciativas que discorrem sobre identidades que gritam seus valores ao mundo e que não mais toleram interdições partidas de discursos conservadores massivos no que diz respeito à cultura, comportamento, direito e posições sociais. Voss (2016, p. 37) ao discorrer acerca das danças urbanas, explica que “de sua construção discursiva, ressalta-se a compreensão de que é um movimento cultural fortemente marcado pela ideia de transgressão e normatividade”. Em acréscimo, as danças contemporâneas funcionam como rupturas discursivas do sujeito criador que“ se mantém imerso em constante estado de desconstrução” de formas estéticas hegemônicas impostas pelas danças clássicas por meio de suas gestualidades (ROBLE; LIMA, 2016, p. 106).

Escavar os discursos proferidos pelo fazer-dizer dançante pode trazer à superfície toda uma materialidade para análise que muito pode dizer sobre corpo, sociedade, política, representatividade e resistência. A dança nasce da necessidade do ser humano se comunicar livremente toda a existência humana, suas necessidades, alegrias, tristezas, desilusões, peculiaridades, nela o indivíduo é livre para proferir o que a oralidade interdita. O corpo que fala por meio da gestualidade, manifesta os acontecimentos da vida, expressa-se na materialidade monumentalizada pelo campo das artes, mas não se limita a ele, para além disso, nos dá pistas sobre o não dito, sobre a voz humana calada pelas relações hegemônicas de poder, tornando assim sua análise de suma importância para a percepção, compreensão, apropriação e aproximação dos indivíduos.

Conclusão

Ao refletir acerca da ação extensionista realizada pelo Laboratório de práticas dançantes do COR-DI-DANÇA, durante esse período de isolamento social, para além dos benefícios biopsicossocias, constatamos que os gestos dançantes produzem discursos, acionados por dispositivos de resistência ao sedentarismo e ao isolamento afetivo, pois, mesmo não podendo estar fisicamente próximos/as das pessoas, algo que a dança favorece a partir dos laboratórios, aulas, *workshops*, bailes, entre outros espaços de interação humana, as práticas dançantes desenvolvidas nas redes sociais oferecem a possibilidade de interagir por meio do diálogo não verbal, oportunizado pela dança como forma de desenvolver conexões virtuais, gerando outras enunciações possíveis que se desdobram das diferentes formações discursivas como exercício de poder.

Referências

BEZERRA, A. C.; V. *et al*. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de Covid-19. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2411-2421, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25suppl1/2411-2421/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CONNOLLY, M. K.; QUIN, E.; REDDING, E. Dance 4 your life: exploring the health and well-being implications of a contemporary dance intervention for female adolescents. **Research in Dance Education**, v. 12, n. 1, p. 53-66, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14647893.2011.561306?casa_token=anS-NDSBKF-MAAAAA%3ASBlrhb-UG2bNYvAB5j5NsM4paLaV89d-9SEMWkgOUzdptn3RdfI_HK_aFD4P58FrAfpdAdlEXRJSsr7c>. Acesso em: 15 ago. 2020.

COUTO, E. S.; COUTO, E.S.; CRUZ, I. M. P. # FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/8777/3998>. Acesso em: 11 ago 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Vigiar a punir:** nascimento da prisão; trad. Raquel Ramalhete, v. 37, 1987.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FERREIRA, D. P.; SAMWAYS, S. Para além de damas e cavalheiros: uma abordagem queer das normas de gênero na dança de salão. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 14, n. 3, p. 157-179, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/11736>. Acesso em: 14 ago. 2020.

LARA, L. M. **As danças no candomblé:** corpo, rito, educação. Maringá: Eduem, 2008.

MANZINI. Y. D. Por que não dança afro-brasileira? *In*: VOSS, R. R. (org) **Caminhos da pesquisa em dança**: interculturalidade e diásporas. Recife: Editora UFPE, 2016.

MARBÁ, R. F; SILVA, G. S. da; GUIMARÃES, T. B. Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: <https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/77/Artigo_3.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.

NUNES, B. B. **O fascínio das Danças da Corte.** Curitiba: Appris, 2016.

OLIVEIRA, M. P. S. *et al*. DANÇA e SAÚDE: Discutindo sobre os principais benefícios da dança nos aspectos psicológicos em mulheres. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/288212877.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Discurso de abertura do Diretor-Geral da OMS no briefing da mídia sobre COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---1-july-2020>. Acesso em: 01 jul. 2020.

RAIOL, R. A. Praticar exercícios físicos é fundamental para a saúde física e mental durante a pandemia da Covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 2804-2813, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/8463>. Acesso em: 15 ago. 2020.

ROBLE, O. J.; LIMA, K. A. O conceito de aura estética e sua possível dispersão no contexto de uma dança brasileira. *In*: VOSS, R. R. (org) **Caminhos da pesquisa em dança**: interculturalidade e diásporas. Recife: Editora UFPE, 2016.

ROKKA, S. *et al*. Effect of dance aerobic programs on intrinsic motivation and perceived task climate in secondary school students. **International Journal of Instruction**, v. 12, n. 1, p. 641-654, 2019. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1201330>. Acesso em: 15 ago. 2020.

STODOLSKA, M. #quarantinechallenge2k20: leisure in the time of the pandemic. **Leisure Sciences**. P. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01490400.2020.1774007?-casa_token=BEbPJ0BYki0AAAAA%3AIMMabBUcNAb1O1UWJ-ZEH0XIyKiuAgr80Fbe3EOgfgAkBQXWN0BIgfjyUrmrOaKod2Ss-WMBGUfRro2XY>. Acesso em: 15 ago. 2020.

TORTOLA, E. R.; LARA, L. M. A dança de salão no contexto escolar: aspectos da pluralidade cultural. **Lecturas Revista Digital**, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd133/a--danca-de-salao-no-contexto-escolar.htm>. Acesso em: 15 ago 2020.

TORTOLA, E. R. C. A relação corpo, musicalidade e discurso nas práticas dançantes. *In:* 1º Simpósio Estudos culturais na Educação Física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade. Organizadoras Larissa Michelle Lara, Vânia de Fátima Matias de Souza, Beatriz Ruffo Lopes. GPCCL-DEF/UEM/CNPq, 2019, Maringá. **Anais[...]**. Maringá: UEM, 2019. Disponível em: <http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpsioEstudosCulturaisEF2019.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

VOSS, R. R. Hip-hop: Diáspora, transgressão e pacificação. In: VOSS, R. R. (org) **Caminhos da pesquisa em dança**: interculturalidade e diásporas. Recife: Editora UFPE, 2016.

PRISCILA LOPES CARDOZO, graduada em Educação Física Licenciatura na UFSM. Doutora em Educação Física na UFPel. Professora adjunta da Escola Superior de Educação Física da UFPel. Vinculada ao projeto Laboratório de Práticas Dançantes desde 2019.
E-mail: priscila.cardozo@ufpel.edu.br

KARLA PRUDENTE MOSQUEIRA, graduanda em Educação Física Bacharelado na UFPel. Vinculada ao projeto Laboratório de Práticas Dançantes desde 2019.
E-mail: karla.pmosqueira@gmail.com

LUAN SANT'ANNA DE SOUSA, graduando em Educação Física Bacharelado na UFPel. Vinculado ao projeto Laboratório de Práticas Dançantes desde 2019.
E-mail: luansantanna20@gmail.com

OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS MERCADOS DE TRABALHO DE PELOTAS (RS) E RIO GRANDE (RS)

Francisco Eduardo Beckenkamp Vargas
Rafaella Egues da Rosa
Pedro Henrique Guatura Darlan
Newton Soares Mota

Introdução: referenciais conceituais e contexto geral

O presente trabalho tem como objetivo investigar o impacto da crise sanitária da Covid-19, particularmente das medidas de distanciamento social e de restrição às atividades econômicas, sobre o mercado de trabalho formal de Pelotas e Rio Grande, municípios polos da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, monitorados pelo Observatório Social do Trabalho, projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas (VARGAS, 2015). Trata-se da primeira etapa de uma série de atividades extensionistas que visam não só publicar os resultados da pesquisa

inicial, como propor e discutir esses resultados com gestores locais e regionais de políticas públicas da área de desenvolvimento, trabalho e geração de renda.

O mercado de trabalho define-se como um espaço social de intercâmbio econômico, no qual uma mercadoria muito especial é comprada e vendida, a força de trabalho. Nas sociedades modernas, observa-se um processo histórico acelerado de mercantilização das atividades e relações econômicas, a produção de bens e serviços convertendo-se em produção de mercadorias. Tal processo de mercantilização engloba também a força de trabalho através de uma dinâmica histórica de expropriação dos meios de produção de camponeses e artesãos, o que resulta na formação da classe trabalhadora assalariada, no moderno trabalho assalariado livre (MARX, 1984). Nesse sentido, Marx procura mostrar o caráter histórico das relações de produção capitalistas e do próprio mercado de trabalho como relação de compra e venda da força de trabalho. Para este autor, esse mercado de trabalho não se apresenta como um dado natural, mas como um fenômeno social e historicamente construído.

O mercado de trabalho teria, segundo vários autores, duas funções principais (OFFE; BERGER, 1989, p. 83): alocar as capacidades de trabalho no sistema produtivo e distribuir os rendimentos, nesse caso garantindo a sobrevivência dos trabalhadores. No entanto, segundo estes autores, o mercado de trabalho tem se mostrado um princípio fracassado de distribuição, sendo necessária sua complementação por outros princípios tais como a assistência privada ou a intervenção do Estado e de suas políticas públicas e benefícios sociais.

As tensões em torno do funcionamento do mercado de trabalho, portanto, têm ocorrido em torno do que alguns autores têm chamado de questão social (CASTEL, 2001). Uma questão social é um enigma em torno do qual uma sociedade coloca o problema de sua integração social e, mais especificamente, o problema da integração dos indivíduos e grupos sociais vulneráveis que não conseguem, por conta própria, enfrentar os riscos da existência social (doença, invalidez, velhice, insegurança econômica, eventos catastróficos, etc.). É através das formas diversas de solidariedade social que as sociedades enfrentam esses riscos. Na modernidade, a dissolução das solidariedades tradicionais, comunitárias, baseados no pertencimento a coletivos protetores, foram sendo

substituídas pelas formas modernas de solidariedade associativas, públicas e estatais. Segundo Castel (2001), o trabalho e suas proteções tiveram um papel central nessa dinâmica histórica, pois a ocupação econômica deixou de ser uma simples atividade produtiva para se tornar um suporte fundamental de cidadania e pertencimento, determinando o acesso não apenas a uma renda, mas a um conjunto de direitos e proteções sociais, bem como a uma identidade social e reconhecimento público.

Neste sentido, torna-se fundamental monitorar o modo como se configura e se transforma o mercado de trabalho, pois através dele se distribuem rendimentos, direitos, benefícios, proteções sociais. O que está em jogo não é apenas um simples emprego, mas a cidadania, o pertencimento a uma coletividade, a segurança econômica e a própria identidade dos indivíduos. Neste momento de crise sanitária decorrente da pandemia da covid-19, os dilemas em torno do mercado de trabalho tornam-se ainda mais agudos.

Vários estudos sobre o impacto da pandemia sobre o mercado de trabalho têm indicado que a perda de postos de trabalho tem se concentrado principalmente nas ocupações informais, mais vulneráveis às oscilações dos ciclos econômicos e implicando forte precariedade para os trabalhadores que ficam à margem do acesso aos direitos e proteções sociais. As mulheres, os mais jovens, os negros e os indivíduos com menor nível de escolaridade também têm sido particularmente afetados nesse cenário (IPEA, 2020). Segundo Teixeira & Borsari (2020, p. 2), a pandemia, de fato, tem provocado efeitos marcantes sobre o nível de atividade econômica e sobre o mercado de trabalho, com uma importante redução dos níveis de emprego. Ao analisarem os dados da PNAD Contínua (IBGE), os autores constatam que cerca de 4,9 milhões de empregos foram perdidos no Brasil no trimestre móvel de fevereiro-março-abril de 2020 se comparado com o trimestre anterior (novembro-dezembro-janeiro), mais de 75% dos quais nas ocupações e empregos informais. No entanto, esses autores salientam que a economia já vinha passando por dificuldades, vários indicadores mostrando sinais de redução da atividade produtiva no início de 2020. Esses autores indicam, ainda, que a redução dos níveis de emprego, no contexto da pandemia, quando se acentuam as medidas de isolamento social e aumenta o medo da população de se expor ao vírus, tem provocado um importante fluxo da população ativa em direção à

inatividade, isto é, as pessoas se retiram do mercado de trabalho tanto em razão das demissões e da falta de perspectivas de encontrar um novo emprego, quanto em razão da necessidade de se proteger dos riscos da pandemia. Isso faz com que as taxas de desemprego não cresçam significativamente nesse período, pois as pessoas abandonam a procura por trabalho, critério utilizado pelas enquetes estatísticas para definir e medir a população desempregada. O resultado desse quadro, por outro lado, é o aumento dos indicadores de subutilização da força de trabalho em razão do desalento. Enfim, nesse contexto de crise, cresce a chamada força de trabalho potencial, definida pelo IBGE como aquela parcela da população em idade ativa que se encontra estatisticamente inativa, mas que gostaria de estar trabalhando ou procurando trabalho.

Outro aspecto importante que vem sendo salientado por estudos recentes (DIEESE, 2020; TEIXEIRA & BORSARI, 2020), diz respeito às medidas de proteção adotadas pelo governo brasileiro, através do Auxílio Emergencial e do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, por exemplo. Esses estudos revelam que apesar de amplamente insuficiente, pois não assegura estabilidade nos empregos nem renda adequada, o Benefício Emergencial do programa de manutenção do emprego, instituído pela Medida Provisória 936 e convertido em lei[1],tem permitido uma redução das demissões no setor formal da economia através de acordos firmados entre empregadores e empregados, que estabelecem seja a suspensão dos contratos de trabalho, seja a redução das jornadas de trabalho e dos salários em 25, 50 ou 75%. Assim, segundo o Painel de Informações do Benefício Emergencial (2020), até o início de agosto foram firmados 15,9 milhões de acordos no Brasil, que envolveram 9,6 milhões de trabalhadores e 1,4 milhões de empregadores. Os dados de Pelotas e Rio Grande são igualmente reveladores a esse respeito. Em Pelotas, foram realizados, nesse mesmo período, 17.964 acordos envolvendo 11.369 trabalhadores e 2.368 empregadores. Já em Rio Grande, foram 8.762 acordos envolvendo 5.457 trabalhadores e 1.077 empregadores. Trata-se de um importante volume de empregos preservados, ainda que não haja garantias futuras quanto à manutenção dos empregos. Enfim, esses dados indicam que a perda de empregos formais neste período

1. Lei 14.020, de 06 julho de 2020.

de pandemia poderia ter sido maior caso essas políticas não tivessem sido implementadas.

Metodologicamente, o presente estudo é desenvolvido a partir do acompanhamento dos indicadores do novo CAGED (Cadastro Geral de Emprego e Desemprego), publicados mensalmente pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPRT) do Ministério da Economia, que permitem identificar o volume de movimentação mensal do emprego regido pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), aqui chamado de emprego celetista. Trata-se de analisar os fluxos de admissões, desligamentos e saldos de movimentação desse tipo de emprego, o que permite, igualmente, avaliar as variações dos estoques totais de emprego por setores da atividade econômica, por ocupações e grupos ocupacionais, ou ainda conforme o perfil dos trabalhadores segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade. A partir de uma análise focalizada, inicialmente, no 1º semestre de 2020 e, a seguir, no período de março a junho de 2020, quando se fazem sentir mais fortemente os efeitos das medidas de distanciamento social e de restrição às atividades econômicas, decorrentes da pandemia, pretende-se comparar o desempenho atual do mercado de trabalho com os anos anteriores, avaliando, ao mesmo tempo, as diferenças entre os municípios investigados em função de suas características econômicas. Finalmente, pretende-se comparar o desempenho dos mercados locais de trabalho com as tendências observadas no país e no Estado do Rio Grande do Sul.

Vale ressaltar, também, que se torna de fundamental importância, nesse cenário de crise, acompanhar a situação dos municípios polos dessa região sul do Estado do Rio Grande do Sul, historicamente marcada por fortes desigualdades sociais e pelo baixo crescimento econômico (VARGAS, 2012). Pretende-se, a partir desse monitoramento, compreender melhor as especificidades econômicas desses municípios a fim de melhor subsidiar os gestores de políticas públicas locais no enfrentamento dessa realidade.

Os mercados locais de trabalho no contexto histórico e econômico regional

Os municípios de Pelotas e Rio Grande estão situados na faixa litorânea da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, junto à extremidade da Lagoa dos Patos, no extremo sul do Brasil, e se destacam como importantes polos econômicos regionais.

Com suas economias fortemente ancoradas nos serviços, mas com participação também expressiva do setor industrial, os municípios de Pelotas e Rio Grande contam hoje com uma população estimada de 342.405 e 211.005 habitantes, respectivamente, segundo o IBGE (IBGE Cidades e Estados).[2] Em 2017, segundo dados do Estado do Rio Grande do Sul (DEE/RS), o Produto Interno Bruto desses municípios era de R$ 8,57 bilhões em Pelotas e de R$ 9,22 bilhões em Rio Grande.[3] Em Pelotas, os serviços representavam 77,8% do PIB total do município, o setor público tendo uma expressiva participação na economia local (17,1% do PIB). Apesar da tradição agroindustrial do município, a indústria vem perdendo espaço na economia local, representando, em 2017, apenas 9,9% do PIB municipal. Em Rio Grande, os serviços representavam 55,8% do total do PIB do município, ao passo que a indústria tinha uma participação de 24,8%, bem acima daquela observada em Pelotas. Em Rio Grande, a participação do setor público no PIB é menor que em Pelotas, registrando-se 10,6%, em 2017. Em ambos os municípios, a participação da agropecuária no total do PIB municipal é muito baixa, sendo de 2,8% em Pelotas e de 2,0% em Rio Grande.

Os indicadores gerais de mercado de trabalho de Pelotas e Rio Grande, produzidos pelo censo demográfico de 2010, mostravam que

2. Estimativa referente ao ano de 2019.

3. O que corresponde a 2,0% e 2,2% de participação, respectivamente, no PIB do Estado do Rio Grande do Sul, de R$ 423,15 bilhões, em 2017.Ainda em 2017, o PIB do Estado do Rio Grande do Sul correspondia a 6,4% do PIB brasileiro, ocupando a quarta posição entre os Estados. Ainda segundo o IBGE, o PIB per capita de Pelotas e Rio Grande, referentes ao ano de 2017, eram de R$ 24.894,68 e R$ 44.014,66, respectivamente. O PIB per capita do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil, no mesmo ano, eram de R$ 37.371,27 e R$ 31.833,50, respectivamente.

esses municípios possuíam uma população ativa de 161.707 e 90.004 pessoas, respectivamente. Além disso, os dados mostravam que, naquele ano, a taxa de desemprego era de 7,6% em Pelotas e de 8,6% em Rio Grande e a taxa de informalidade, medida segundo o critério de contribuição da população ocupada para a previdência social, era de 33,6% e 29,9%, respectivamente. Esses dados revelam que uma parcela muito expressiva da população economicamente ativa estava em uma situação de risco e vulnerabilidade social, à medida que ou estava sem rendimento do trabalho ou não tinha acesso aos direitos sociais básicos.

A elevada participação dos serviços na economia de Pelotas, mas também na de Rio Grande, e a significativa participação da indústria na economia deste último município, refletem-se nas respectivas estruturas setoriais de emprego. Os dados do CAGED Estabelecimento (2020), que permitem reconstituir os saldos setoriais de emprego celetista desses municípios, revelam que em 31 de dezembro de 2019, do total de 61.185 vínculos formais de emprego celetista em Pelotas, 79,5% estavam concentrados em atividades de comércio e serviços.[4] A participação da indústria na geração de empregos celetistas era de apenas 13,9%, além de 5,0% na construção civil e de 1,6% na agropecuária.

Já em Rio Grande, com um estoque total de 36.901 vínculos em 31 de dezembro de 2019, a participação das atividades de comércio e serviços na geração de empregos celetistas era um pouco mais baixa, mas assim mesmo muito expressiva, de 72,8%.[5] A indústria era responsável por 18,8% dos postos de trabalho celetistas, a construção civil por 5,7% e a agropecuária por 2,7%.[6]

Finalmente, nessa caracterização inicial dos mercados locais de trabalho, vale registrar que, depois de um longo período de crescimento do emprego formal no Brasil e na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, iniciado em meados dos anos 2000 e cujo ápice ocorre no ano

4. Mais precisamente, de 30,6% no comércio e 48,9% no setor de serviços.

5. Mais precisamente, de 25,1% no comércio e 47,7% no setor de serviços.

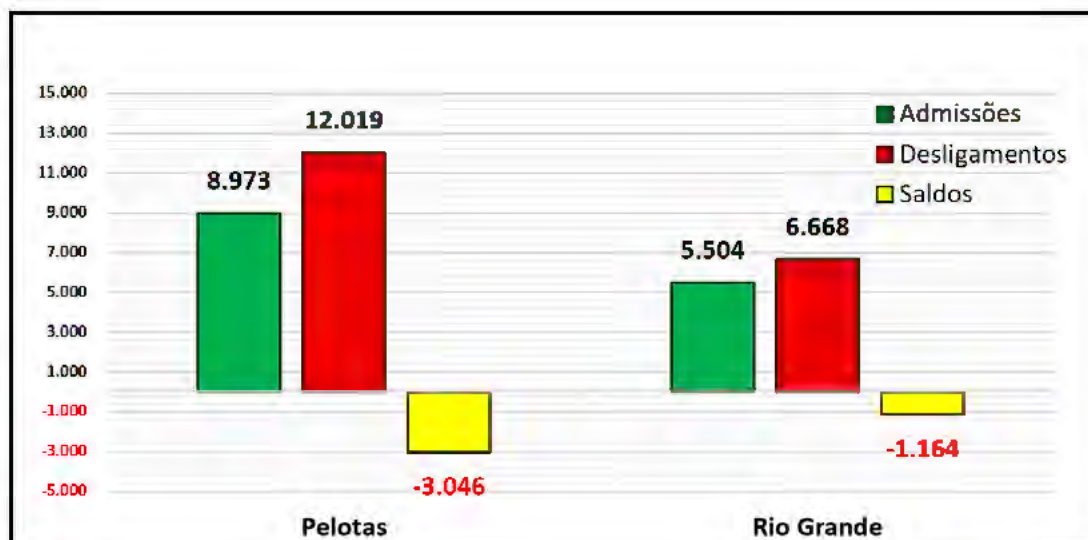
6. Vale ressaltar que, recentemente, antes da crise do setor naval, a participação do emprego industrial no município de Rio Grande era bem mais elevada, chegando a quase 25%, em 2015, segundo a RAIS.

de 2014, observa-se uma forte desestruturação dos mercados locais de trabalho a partir de 2015-2016. Essa desestruturação, aguçada pela crise do setor naval em Rio Grande, principalmente nos anos de 2016 e 2017, implicou a perda de quase 18 mil vínculos formais de emprego nesses dois municípios entre 2015 e 2017, segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Nos últimos anos, passada a crise recessiva aguda de 2015-2016 e as demissões em massa no setor naval de Rio Grande, ocorridas principalmente em 2016 e 2017, os mercados locais de trabalho voltaram lentamente a se recuperar, apresentando, em 2018, melhores saldos de emprego que nos anos anteriores. No entanto, em 2019, um cenário negativo voltou a assolar a região, os dois municípios apresentando queda na variação dos níveis de emprego formal. É nesse contexto que inicia o ano de 2020 e que, em março, desencadear-se-ia um novo choque nos mercados locais de trabalho, agora causado pelos efeitos da pandemia da covid-19 e das medidas de distanciamento social e restrição às atividades econômicas.

A movimentação do emprego celetista em2020: impactos da pandemia da covid-19 nos mercados locais de trabalho

Segundo os dados do Novo CAGED (2020), a movimentação do emprego formal regido pela CLT apresentou saldo negativo elevado em Pelotas e em Rio Grande, no primeiro semestre de 2020, no contexto de crise econômica decorrente da pandemia da covid-19. Conforme Gráfico 1, observa-se, nesse período, um saldo de-3.046 vínculos, em Pelotas, e de -1.164 vínculos, em Rio Grande.

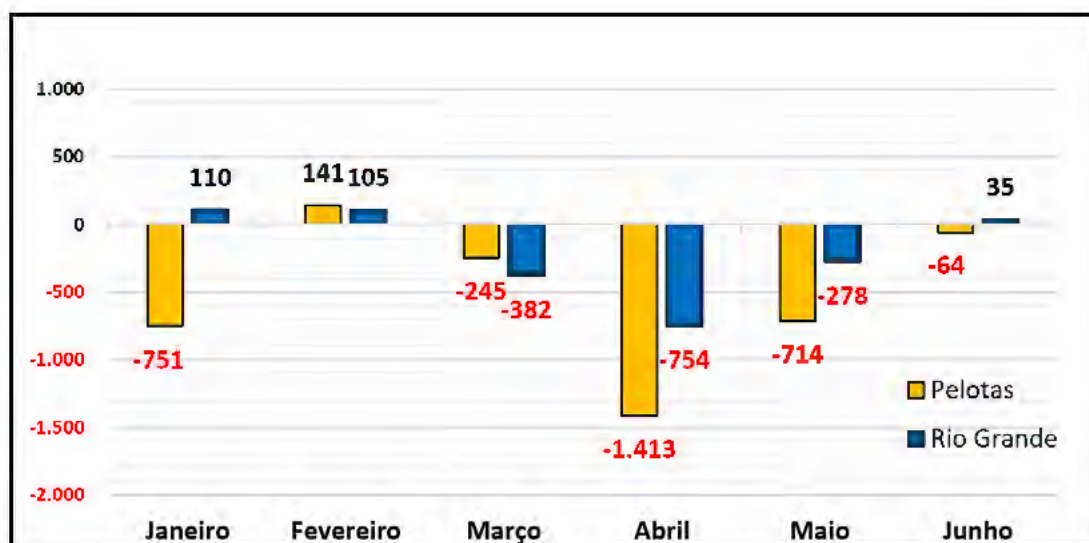
Gráfico 1 – Movimentação do emprego formal celetista, admissões, desligamentos e saldo, Pelotas e Rio Grande, 1º Semestre de 2020.

Fonte: Novo CAGED, SEPRT/ME.

Em Pelotas, a taxa de variação do emprego nesse período foi de -4,98%, o estoque passando de 61.185 vínculos, em 1º de janeiro, para 58.139 vínculos, em junho de 2020. Em Rio Grande, essa taxa foi de -3,15%, o estoque passando de 36.901 para 35.737 vínculos. Nesse mesmo período, a variação semestral do emprego formal também foi negativa no Brasil e no Rio Grande do Sul, que apresentaram taxas de -3,09% e -3,76%, respectivamente. Logo, em termos relativos, a perda de empregos em Pelotas mostrou-se mais severa que nas demais unidades geográficas de análise. Em Rio Grande, essa perda foi menos acentuada, com patamares muito próximos à média brasileira.

Quando se compara os saldos de movimentação do emprego do primeiro semestre de 2020 com o primeiro semestre dos anos anteriores, em Pelotas e Rio Grande, observa-se que, de fato, a perda de empregos foi muito mais intensa em 2020. Os saldos de movimentação do emprego no primeiro semestre foram de -1.100 vínculos, em 2019, de -268 vínculos, em 2018, e de -994 vínculos, em 2017, em Pelotas. Em Rio Grande, esses saldos foram de -660 vínculos, em 2019, de +519 vínculos, em 2018, e de -775 vínculos, em 2017. Vale sublinhar que em Rio Grande, em 2017, houve uma perda acentuada de empregos em razão da crise do polo naval local.

Analisando-se a evolução mensal dos saldos de movimentação do emprego celetista em Pelotas e Rio Grande, conforme o Gráfico 2,

observa-se que o impacto da crise da pandemia sobre os mercados locais de trabalho concentrou-se nos meses de março, abril e maio de 2020, abril sendo o mês mais afetado. Nesse mês, o saldo de movimentação do emprego foi de -1.413 vínculos em Pelotas e de -754 vínculos em Rio Grande. A soma das perdas nesses três meses chegou a -2.372 vínculos em Pelotas e a -1.414 em Rio Grande.

Gráfico 2 – Evolução mensal dos saldos de movimentação do emprego formal celetista, Pelotas e Rio Grande, Janeiro a Junho de 2020.

Fonte: Novo CAGED, SEPRT/ME.

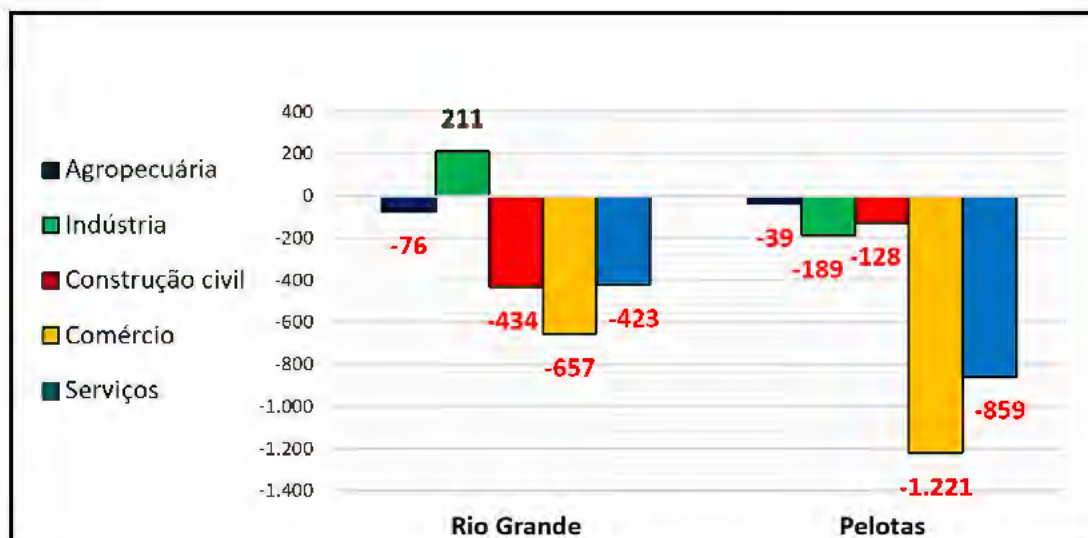
Comparando-se os saldos acumulados desses três meses de 2020 com aqueles ocorridos nos anos anteriores, constata-se, mais uma vez, a situação excepcional nesse ano de pandemia. Em Pelotas, o saldo acumulado do emprego nos meses de março, abril e maio dos anos de 2019, 2018 e 2017 foram, respectivamente, de -194,+146 e +33 vínculos. Já em Rio Grande, os saldos acumulados nesses três meses, nos mesmos anos, foram de -319, +364 e -157 vínculos, respectivamente. Enfim, apesar do desempenho ruim dos mercados locais de trabalho nos anos de 2019 e 2017, as perdas em 2020 mostraram-se muito mais acentuadas em razão da pandemia.

O impacto da crise da Covid-19 nos setores da atividade econômica e nas ocupações

Nas análises a seguir, a fim de melhor avaliar o impacto da pandemia da covid-19 nos mercados locais de trabalho, analisar-se-á apenas as variações dos saldos de movimentação do emprego formal celetista a partir de março[7], quando começa o impacto mais intenso da pandemia no Brasil e no Rio Grande do Sul, tendo em vista a adoção sistemática das medidas de distanciamento social e de restrição às atividades econômicas. Os meses de janeiro e fevereiro de 2020 serão excluídos dos cálculos dos saldos de movimentação de emprego.

Assim, nesse período de março a junho de 2020, observa-se, em Pelotas e Rio Grande, uma perda acumulada de 2.436 e de 1.379 vínculos, respectivamente.Quando se analisa essa perda por setores da atividade econômica, conforme o Gráfico 3, constata-se que, em Pelotas, como esperado, foram os setores de comércio e serviços que apresentaram as maiores perdas, sobretudo o comércio varejista. Nesse período, o comércio registrou -1.221 vínculos, o que representa metade do total das perdas. Considerando-se que esse setor representa, aproximadamente, 30% do estoque total de empregos do município, constata-se que ele foi particularmente penalizado pela crise da pandemia. O setor de serviços, por sua vez, apresentou perda de 859 vínculos, o que representa 35,3% das perdas totais. Considerando-se que esse setor representa quase metade dos empregos celetistas de Pelotas, constata-se que ele foi proporcionalmente menos penalizado pela crise, apesar do expressivo volume das perdas. Logo, os dois setores somados representam 85% das perdas de emprego celetista nesse período, apesar de representarem um pouco menos de 80% do estoque. Ainda em relação ao setor de serviços, é importante registrar que o segmento de serviços de alimentação concentra a maior parte das perdas, com 418 vínculos a menos nesse período.

7. E até o mês de junho de 2020, último mês com dados disponíveis no momento da redação deste trabalho.

Gráfico 3 – Saldo de movimentação do emprego celetista por grandes setores da atividade econômica, Pelotas e Rio Grande, março a junho de 2020.

Fonte: Novo CAGED, SEPRT/ME.

A indústria, a construção civil e a agropecuária também apresentaram perdas, respectivamente, de -189, -128 e -39 vínculos, ainda conforme o Gráfico 3. Somados, esses setores representam apenas 14,6% do total das perdas do período, ao passo que representam 20% do estoque total de empregos celetistas. Vale ressaltar ainda que, na indústria de transformação, o setor de produtos alimentares é o responsável pela maior parte das perdas, com -141 vínculos. Ainda dentro da indústria de transformação, um setor apresentou desempenho positivo nesse período, o de fabricação de instrumentos e materiais para o uso médico e odontológico e de artigos óticos, registrando +125 vínculos. Trata-se justamente de um setor que fornece insumos para o enfrentamento à pandemia.

Em Rio Grande, comércio e serviços também representam a maior parte das perdas de emprego nesse período, com 78,3% do total, apesar desses setores representarem 72,8% do estoque total de empregos celetistas do município. Mais uma vez é o comércio, particularmente o comércio varejista, o setor que mais perde empregos, com -657 vínculos. Trata-se de 47,6% das perdas de um setor que tem 25% de participação no estoque total de empregos. O setor de serviços registra a perda de 423 vínculos, ou 30,7% das perdas, participando com quase 48% do estoque total de empregos celetistas. Como em Pelotas, o setor de serviços, em Rio Grande, é menos penalizado pela crise que o comércio, mesmo

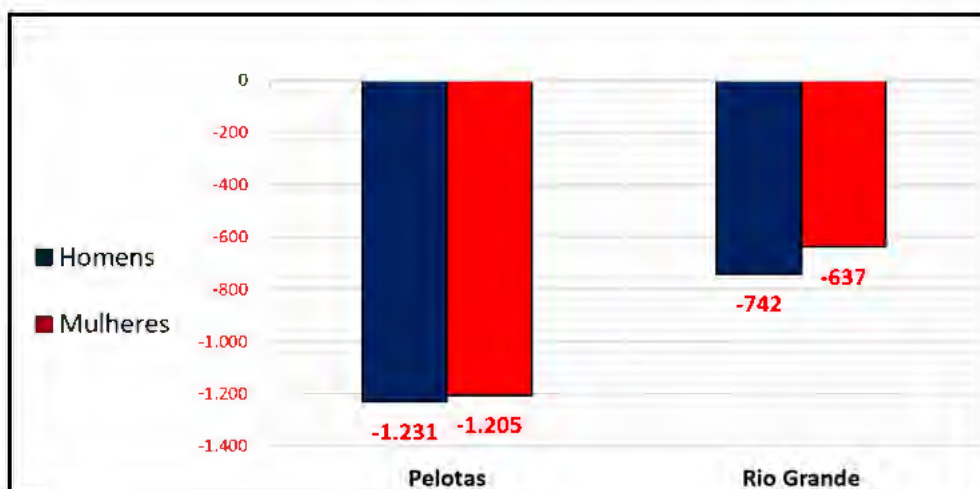
apresentando um volume absoluto importante de perdas. Dentro deste setor, os segmentos de alojamento e alimentação, com -225 vínculos, também são particularmente afetados nesse contexto de pandemia. O setor de transporte, armazenamento e correio também registra perda significativa, de -133 vínculos.

A construção civil também apresentou uma perda importante de empregos nesse período, em Rio Grande, registrando -434 vínculos, o que representa 31,5% do total. Trata-se de um setor fortemente penalizado pela crise, uma vez que ele participa com menos de 6% do estoque total de empregos celetistas. Finalmente, a agropecuária também apresentou saldo negativo, de -76 vínculos, com 5,5% na participação das perdas, apesar de participar com apenas 2,7% do estoque de empregos.

Assim, a soma dos saldos negativos desses quatro setores (comércio, serviços, construção civil e agropecuária) perfaz uma perda total de 1.590 vínculos, em Rio Grande, nesses quatro meses acumulados de março a junho. No entanto, como a indústria teve desempenho positivo, com saldo de +211 vínculos, a perda total no período cai para -1.379 vínculos. Esse saldo positivo da indústria deve-se principalmente ao segmento de fabricação de produtos químicos, um dos mais importantes da indústria e da economia de Rio Grande. Isoladamente, esse segmento apresentou saldo positivo de 423 vínculos. Não fosse o ótimo desempenho desse setor, as perdas em Rio Grande seriam bem mais acentuadas.

O impacto da crise da Covid-19 no perfil dos empregos perdidos

Analisando-se o impacto da crise da covid-19 no perfil dos saldos de movimentação do emprego celetista segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade, constata-se, primeiramente, que a perda de empregos em Pelotas afetou quase igualmente homens e mulheres, com 50,5% e 49,5% de participação, respectivamente, conforme o Gráfico 4. No entanto, considerando-se que os homens representavam 56,5% e as mulheres 43,5% de participação nos estoques totais de empregos celetistas em 2018, constata-se que as mulheres têm uma participação relativa maior nas perdas.

Gráfico 4 – Perfil dos saldos de movimentação do emprego celetista por sexo, Pelotas e Rio Grande, março a junho de 2020.

Fonte: Novo CAGED, SEPRT/ME.

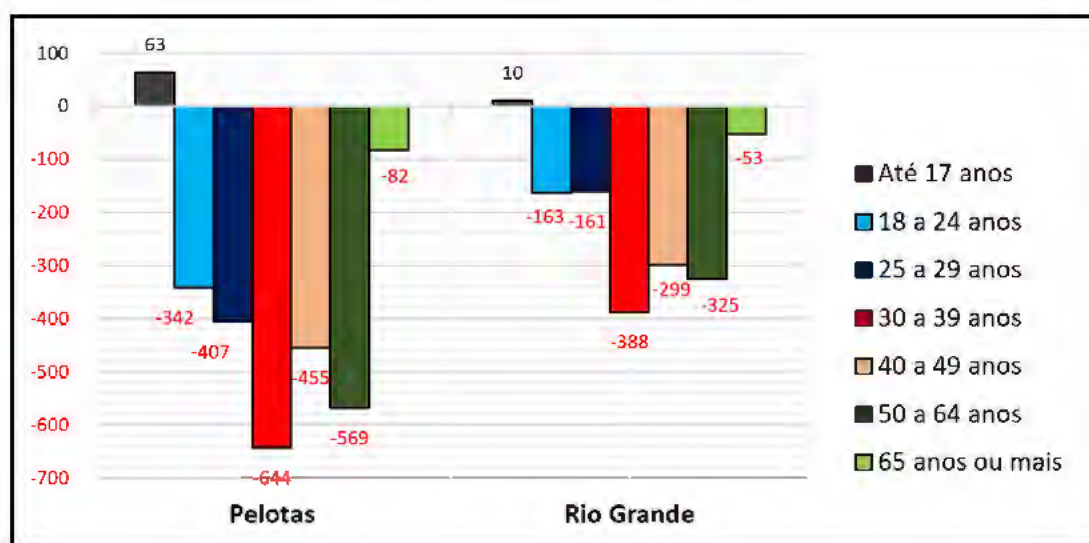
Em Rio Grande, por outro lado, observa-se que a perda, em termos absolutos, afetou um pouco mais os homens do que as mulheres, cada sexo representando, respectivamente, 53,8% e 46,2% de participação na perda total do período de março a junho de 2020. Porém, considerando-se que a participação de homens e mulheres no estoque total de empregos celetistas era de 61% e 39% em 2018[8], segundo a RAIS, conclui-se que as mulheres, também em Rio Grande, estão um pouco super-representadas nas perdas desse período.

Em relação ao perfil dos saldos de movimentação do emprego celetista segundo a faixa etária, constata-se, conforme o Gráfico 5, que a faixa com maior participação absoluta nas perdas desse período de março a junho, em Pelotas e Rio Grande, foi a dos adultos de 30 a 39 anos de idade, com saldos de -644 e -388 vínculos, respectivamente. Apesar disso, a participação relativa dessa categoria nas perdas, em ambos os municípios (de 26,4% e 28,1%, respectivamente) está abaixo da participação da mesma nos estoques totais de emprego (de 29,6% em Pelotas e de 31,1% em Rio Grande).

Em seguida, apresentando o segundo volume maior de perdas, aparece, em ambos os municípios, a faixa de 50 a 64 anos de idade (-569

8. Último ano disponível para identificar o perfil dos empregados segundo o sexo, a faixa etária e o grau de instrução.

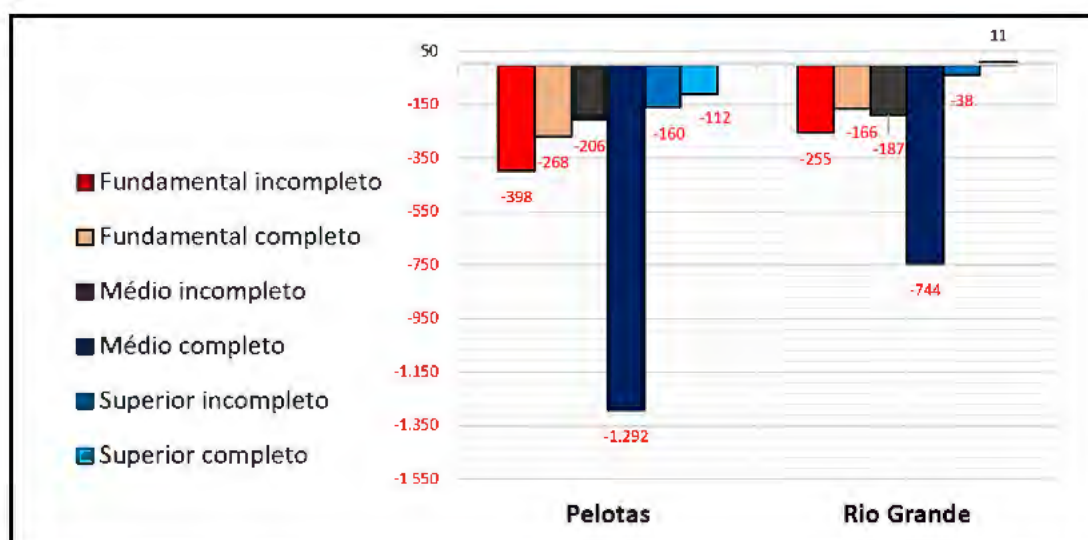
e -325 vínculos, respectivamente). Ao contrário da faixa anterior, esta apresenta uma participação nas perdas (de 23,4% em Pelotas e 23,6% em Rio Grande) acima da participação no estoque (de 18,2% e 17,3%, respectivamente). Trata-se, pois, de uma faixa etária mais afetada proporcionalmente pela pandemia, o que também ocorre com a faixa dos mais velhos, de 65 anos de idade ou mais. Apesar de uma menor participação desta categoria no estoque de empregos dos dois municípios (1,8% em Pelotas e 1,9% em Rio Grande), sua participação nas perdas é mais elevada, de 3,4% e 3,8%, respectivamente. Em Rio Grande, a faixa etária de 40 a 49 anos de idade, com -299 vínculos, também tem uma participação nas perdas de emprego (de 21,7%) maior que sua participação no estoque (de 20,5%). O que não é o caso em Pelotas, onde essa mesma categoria, com -455 vínculos, tem participações de 18,7% nas perdas e de 20,6% nos estoques. De qualquer forma, o cenário indica que as faixas etárias de mais idade tendem a ser mais penalizadas com a perda de empregos.

Gráfico 5 – Perfil dos saldos de movimentação do emprego por faixa etária, Pelotas e Rio Grande, março a junho de 2020.

Fonte: Novo CAGED, SEPRT/ME.

Ao contrário, as categorias mais jovens tendem a ser menos penalizadas, é o caso, em Rio Grande, de todas as faixas etárias de menor idade (menores até 17 anos, jovens e adultos até 39 anos de idade). Nesse município, as perdas das duas categorias de jovens (18 a 24 e 25 a 29 anos de idade), com -163 e -161 vínculos, representam quase 12% das perdas

totais, apesar dessas faixas representarem 14% ou mais do estoque de empregos. Em Pelotas, essa vantagem dos jovens é muito pequena e observada apenas na faixa de 18 a 24 anos de idade, com -342 vínculos, que apresenta participação de 14% nas perdas e 14,3% no estoque. Os jovens de 25 a 29 anos de idade de Pelotas foram mais afetados pela crise, a perda de 407 vínculos representando 16,7% das perdas, quando essa categoria participa com 14,8% do estoque de empregos. Em ambos os municípios, os menores apresentaram saldos positivos, de +63 vínculos em Pelotas e de +10 vínculos em Rio Grande. Trata-se, porém, de uma categoria com uma baixa participação nos estoques, de 0,8% em ambos os municípios.

Em relação ao perfil dos saldos de movimentação do emprego celetista segundo a escolaridade, constata-se, grosso modo, que as perdas de emprego se concentraram na categoria de trabalhadores com ensino médio completo, isto porque essa categoria tem uma elevada participação no estoque total de empregos, de 49,1% em Pelotas e de 50,8% em Rio Grande, conforme o Gráfico 6. Em Pelotas, foram 1.292 vínculos perdidos, com 53% de participação na perda total. Em Rio Grande, foram 744 vínculos perdidos, com 54% de participação na perda total. Enfim, esta categoria também teve uma participação na perda de empregos acima da participação no estoque, em ambos os municípios.

Gráfico 6 – Perfil dos saldos de movimentação do emprego por grau de instrução, Pelotas e Rio Grande, março a junho de 2020.

Fonte: Novo CAGED, SEPRT/ME.

De um modo geral, as faixas de escolaridade mais elevadas, com ensino superior, foram as mais preservadas das demissões nesse período, com uma pequena diferença de comportamento entre os dois municípios. Em Pelotas, apenas os empregados com ensino superior completo tiveram uma participação nas perdas de emprego abaixo da participação no estoque. Nesse caso, essa categoria, que tem uma participação de 14,4% no estoque, apresentou 112 vínculos perdidos no período da pandemia, o que representa apenas 4,6% do total das perdas. A categoria com ensino superior incompleto, por outro lado, não teve o mesmo desempenho em Pelotas. Com uma perda de 160 vínculos, a participação dessa categoria no total das perdas foi de 6,6%, acima da sua participação no estoque de emprego, de 4,5%.

Já em Rio Grande, ambas as categorias com ensino superior, completo e incompleto, tiveram um desempenho positivo no período, seja apresentando saldo positivo, como é o caso da categoria com ensino superior completo (+11 vínculos), seja apresentando uma participação nas perdas abaixo da participação no estoque, caso da categoria com ensino superior incompleto. Neste último caso, registrou-se uma perda de apenas 38 vínculos, o que equivale a 2,8% da perda total de empregos no período para uma categoria que tem a participação de 5,1% no estoque total de empregos. O desempenho da categoria com ensino superior completo mostra-se ainda mais impressionante quando se constata que ela tem uma participação de 13,6% no estoque de empregos celetistas.

Em ambos os municípios, as demais categorias de escolaridade abaixo do ensino médio completo também apresentaram participação nas perdas de emprego acima da participação no estoque. Também em ambos os municípios, as perdas somadas dessas categorias, fundamental incompleto, fundamental completo e médio incompleto, de 872 vínculos em Pelotas e de 608 vínculos, em Rio Grande, não alcançaram as perdas isoladas da categoria de ensino médio completo. As perdas somadas dessas categorias de escolaridade mais baixas correspondem a 35,8% e a 44,1% de participação na perda total de emprego em Pelotas e Rio Grande, respectivamente. Já a participação dessas categorias somadas no estoque de empregos é de 32,1% em Pelotas e de 30,4% em Rio Grande. Enfim, neste último município, essas categorias somadas tiveram uma perda bastante significativa, mais acentuada que em Pelotas.

Conclusões

As análises apresentadas e discutidas até o presente momento indicam que a crise decorrente da pandemia da covid-19, ao provocar medidas de distanciamento social, tem um impacto muito significativo sobre o desempenho da economia e do mercado de trabalho, tanto no Brasil como na zona sul do Estado do Rio Grande do Sul, particularmente nos municípios de Pelotas e Rio Grande, mais diretamente investigados neste estudo. A análise dos indicadores de emprego, nesse período de crise e em comparação com os anos anteriores, reforça essa constatação, o saldo negativo elevado da movimentação do emprego, segundo o novo CAGED, não podendo ser atribuído a fatores sazonais, às oscilações normais do mercado de trabalho ao longo do ano.

Vários estudos têm indicado que o impacto maior da crise tem sido sobre as ocupações e os empregos informais, uma vez que este tipo de posto de trabalho é mais vulnerável às oscilações da economia, sendo também menos protegido e implicando menos custos para os empregadores no momento da demissão. Esses estudos evidenciam, ainda, que o emprego formal sofreu um impacto menos intenso e postos de trabalho regulares foram preservados em razão do Plano de Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, instituído por medida provisória e transformado em lei pelo governo federal durante o auge da pandemia. Os dados de Pelotas e Rio Grande revelam que um número significativo de empregadores e empregados tiveram acesso a esse benefício, o que reduziu o impacto negativo da crise sanitária.

As atividades informais não foram analisadas no presente estudo, uma vez que não existem bases de dados estatísticos disponíveis sobre esse tipo de ocupação para municípios de médio porte como Pelotas e Rio Grande. Dada, porém, a importante dimensão da informalidade do trabalho nesses municípios, como demonstramos neste estudo, estima-se que a perda de postos de trabalho, formais e informais, durante a pandemia, até o presente momento, seja cerca de quatro vezes superior àquela aqui constata a partir da análise do mercado formal de trabalho.

Este estudo mostra, também, que as perdas ocorridas no município de Pelotas são mais acentuadas, em termos relativos, que em Rio Grande, no país e no Estado do Rio Grande do Sul. Isto se deve ao peso

maior das atividades de comércio e serviços naquele município, mais particularmente afetadas pela pandemia. Neste sentido, a existência de uma estrutura industrial mais ampla e consolidada em Rio Grande levou a que esse município sofresse um impacto menor em seu mercado de trabalho formal. Aquelas ocupações mais ligadas às atividades de comércio e serviços, particularmente ao comércio varejista, foram as mais penalizadas pela crise. As atividades ligadas aos serviços de alojamento e alimentação também foram bastante impactadas. No entanto, vale sublinhar que, em Rio Grande, a construção civil foi bastante afetada pela crise, aspecto que pode ser melhor investigado em novos estudos, pois remete, provavelmente, a especificidades locais. Cabe destacar, ainda, o desempenho positivo de alguns segmentos industriais, tanto em Pelotas como em Rio Grande, tais como o de produção de equipamentos médicos e de fabricação de produtos químicos, respectivamente. O saldo positivo desses setores indica não só a importância do setor industrial na constituição de um desenvolvimento mais sustentável, mas a importância também de estimular e manter estruturas produtivas regionais e nacionais diversificadas.

Também é importante salientar que o maior impacto da crise ocorreu nos meses de março, abril e maio, particularmente em abril, observando-se uma redução desse impacto em junho, o que leva a se estimar que, nos próximos meses, o mercado de trabalho tenda a se estabilizar. O monitoramento dessas tendências, portanto, torna-se de grande relevância neste momento, pois permitirá identificar parâmetros de referência mais claros para o desenho de políticas públicas de enfrentamento da crise nas áreas de desenvolvimento, emprego e geração de renda, como é o caso do Programa de Manutenção do Emprego.

A análise do perfil dos empregos celetistas perdidos nesse período de pandemia permite corroborar com achados de outros estudos e concluir que as mulheres foram um pouco mais afetadas que os homens pela crise, do mesmo modo que as categorias com mais baixa escolaridade, o que pode ser atribuído à importante presença desses grupos nas atividades de comércio e serviços. Observou-se, ainda, que os trabalhadores com ensino superior, particularmente, ficaram mais protegidos do risco da perda de emprego, todas as demais categorias de mais baixa escolaridade sendo mais afetadas pelas demissões. Destaca-se, neste caso, os

empregados com ensino médio completo, que apresentaram uma elevada participação no estoque e na perda de empregos. Mais da metade dessa perda de empregos em ambos os municípios é constituída de pessoas com o nível médio completo. Em relação à variável idade, observou-se que as faixas mais elevadas foram mais afetadas que as faixas mais jovens, principalmente em Rio Grande. Essa constatação contrasta com os achados de outros estudos e merece ser mais detalhadamente investigada. Provavelmente, esta vulnerabilidade das categorias de mais idade esteja associada ao importante peso da construção civil na perda de empregos, principalmente em Rio Grande.

Finalmente, vale sublinhar mais uma vez que os resultados deste estudo serão publicados, apresentados para os gestores locais de políticas públicas e discutidos em instâncias adequadas, visando contribuir para o fortalecimento das ações do Estado em nível local e regional.

Referências:

BENEFÍCIO EMERGENCIAL de Preservação do Emprego e da Renda (BEm). **Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda**. Secretaria Especial da Previdência e do Trabalho. Ministério da Economia. 2020. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/beneficio-emergencial>. Acesso em: 03 ago. 2020.

BRASIL. **Medida Provisória 936, de 1º de Abril de 2020**. Presidência da República, Secretaria-Geral, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm>. Acesso em: 03/08/2020.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social.** Uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAGED Estabelecimento. **Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho**. Secretaria Especial da Previdência e Trabalho. Ministério da Economia. 2020. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/caged-estabelecimento>. Acesso em: 30 jul. 2020.

DEE. **Departamento de Economia e Estatística**. Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/inicial>. Acesso em: 06 ago. 2020.

DIEESE. Primeiros impactos da pandemia no mercado de trabalho. **Boletim Emprego em Pauta**. Nº 15, Departamento de Estatística e Estudos Socioeconômicos. São Paulo: 20 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

IBGE.Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acesso em: 28 jul. 2020.

IPEA. MERCADO DE TRABALHO: CONJUNTURA E ANÁLISE. **Boletim Semestral nº 69**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Julho de 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

NOVO CAGED. **Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho**. Secretaria Especial da Previdência e do Trabalho. Ministério da Economia. Disponível em: http://pdet.mte.gov.br/novo-caged. Acesso em: 03 ago. 2020.

OFFE, Claus; BERGER, Johannes. O futuro do mercado de trabalho. A necessidade de complementação de um princípio distributivo fracassado. *In*: OFFE, Claus. **Trabalho & Sociedade**. Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho. Vol. I. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1989.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS). **Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho**. Secretaria Especial da Previdência e do Trabalho. Ministério da Economia. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>. Acesso em: 05 ago. 2020.

TEIXEIRA, Marilane & BORSARI, Pietro. Mercado de trabalho no contexto da pandemia: a situação do Brasil até abril de 2020. Texto em PDF. **CESIT/UNICAMP**. Campinas-SP: 2020. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/mercado-de-trabalho-no-contexto-da-pandemia-a-situacao-do-brasil-ate-abril-de-2020/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

VARGAS, Francisco. Emprego e desenvolvimento regional: contornos de uma questão social. **Revista da ABET**, v. 11, p. 93-111, 2012.

VARGAS, Francisco. Observatório Social do Trabalho: Desafiando o conhecimento, as políticas públicas de emprego e o diálogo social. **Revista Expressa Extensão**, v. 20, p. 141-152, 2015.

FRANCISCO EDUARDO BECKENKAMP VARGAS, graduado em Ciências Sociais na UCPel. Doutor em Sociologia na Universidade de Versailles-Saint-Quentin-En-Yvelines, França. Professor associado do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política (IFISP) da UFPel. Coordenador do Observatório Social do Trabalho.
E-mail: franciscoebvargas@gmail.com

RAFAELLA EGUES DA ROSA, graduada em Ciências Sociais - Licenciatura na UFPel e em Tecnologia em Gestão Ambiental na FURG. Mestre em Sociologia na UFPel. Ex-bolsista e pesquisadora colaboradora do Observatório Social do Trabalho. Professora da Escola de Ensino Médio SESI, São Leopoldo-RS.
E-mail: rafaegues@hotmail.com.

PEDRO HENRIQUE GUATURA DARLAN, graduado em Licenciatura em História pela UNISAL, graduando em Ciências Sociais – Bacharelado na UFPel. Bolsista de extensão do Observatório Social do Trabalho.
E-mail: pedrodarlan01@outlook.com.

NEWTON SOARES MOTA, graduando em Ciências Sociais – Licenciatura na UFPel. Bolsista de extensão do Observatório Social do Trabalho.
E-mail: newtonskateordie@gmail.com

DISPOSITIVOS HUMANIZASUS NA GESTÃO DO TRABALHO: UM OLHAR PARA OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DURANTE A PANDEMIA OCASIONADA PELO NOVO CORONAVÍRUS

Adrize Rutz Porto
Renata Vieira Avila
Bárbara Pereira Terres
Olívia Natália da Silva Velloso

Introdução

O projeto de extensão "Dispositivos HumanizaSUS na gestão do trabalho em saúde" da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) oferece cuidado aos profissionais do Serviço de Atenção Domiciliar (SAD) do Hospital Escola da UFPel administrado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, contando com participação de docentes, discentes de graduação e pós-graduação de múltiplas

áreas e de outras universidades e multiprofissionais de outros serviços. O projeto é fundamentado na Política Nacional de Humanização (PNH) do SUS (HumanizaSUS), que oportuniza dispositivos para a melhoria da gestão do cuidado.

Apesar de a Política ter sido lançada em 2003, ainda não se visualiza na prática que suas concepções teórico-filosóficas estejam presentes nos serviços de saúde. A PNH tem como principal foco a produção de mudança nos modos de gerir e cuidar (BRASIL, 2010). As exigências desses modelos de administração enraizados no serviço de saúde implicam em uma assistência vertical, na qual o quantitativo é o fator predominante, de modo que impõem uma conduta única, padronizada e restrita de articulações entre os profissionais. Aspectos esses que afetam tanto os pacientes quanto os profissionais que, por sua vez, sofrem com as imposições da instituição e com a sobrecarga excessiva de trabalho, o que desencadeia estresse, desmotivação, doenças psíquicas e físicas (MATOS; PIRES, 2006).

Diante dessas características fortemente arraigadas nas práticas de saúde, a PNH estimula, por meio dos dispositivos, a comunicação entre gestores, trabalhadores e usuários, enquanto uma tríade para construir processos coletivos no trabalho e de afeto diante de atitudes desumanizadoras que inibem a autonomia dos profissionais de saúde em seu trabalho e dos usuários no cuidado de si (BRASIL, 2010). Os dispositivos da PNH são: Projeto Terapêutico Singular (PTS) elaborado pelas equipes multiprofissionais, acolhimento e vínculo de usuários, reuniões de discussão dos casos, elaboração de protocolos gerenciais e assistenciais, valorização do trabalhador etc. Esses dispositivos são ofertados enquanto ações do projeto.

Uma das ações chama mais atenção entre as demais e surgiu a partir do pedido dos próprios trabalhadores do SAD à coordenação do projeto de extensão. Trata-se da ação de oficinas de autocuidado que diz respeito ao dispositivo HumanizaSUS de valorização do trabalhador. Conforme a PNH, essa valorização decorre do diálogo e protagonismo desses trabalhadores, enquanto analisam as situações que lhes causam sofrimento e adoecimento, fortalecendo o grupo de trabalhadores para ações no serviço de saúde (BRASIL, 2010).

Nos serviços de saúde, infelizmente, ainda são incomuns espaços e momentos em que os trabalhadores constroem para o autocuidado,

muito em decorrência do ritmo frenético imposto pelos modelos produtivistas e também dos reflexos do modelo biomédico do trabalhador enquanto um corpo que trabalha/produz.

Condicionados a seguirem uma dinâmica de trabalho voltada para a produtividade, os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, não são motivados a terem o hábito de realizar o autocuidado, fato que interfere diretamente no seu cotidiano. O estresse, a sobrecarga e o cansaço excessivo, tanto físico quanto mental, que pairam sobre o corpo, ocasionando desânimo e adoecimento, e a falta de uma abordagem especializada no ambiente de trabalho o tornam desgastante, prejudicando, por consequência, a qualidade da prestação do cuidado à população (SILVA; BALSANELLI; NEVES, 2020).

Para tanto, o desenvolvimento de oficinas de autocuidado e bem-estar para os trabalhadores do SAD vinha acontecendo presencialmente, desde maio de 2019, até que foram interrompidas suas atividades nessa modalidade, em função da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus. Assim, a realização dessa ação passou a ser de modo virtual, levando em consideração também as vivências dos profissionais relacionadas a esse enfrentamento do imprevisível.

Em um relato de experiência de profissionais do SAD, estes descreveram que o cenário em que atuam possui a característica de aproximação das pessoas, em que os pacientes e familiares são acolhidos com toque afetivo e cumprimentados com abraços. A relevante medida de distanciamento social tem provocado, frequentemente, estranhamento, preocupação e tensão nos profissionais como, por exemplo, se questionar como cuidar do outro de modo distante e o que fazer em uma situação em que foram surpreendidos por abraço de uma paciente, tiveram sentimentos ambíguos sobre o ocorrido. Também enfrentam a possibilidade de não terem disponíveis Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para o uso de todos, pela necessidade de contenção em razão da falta mundial no mercado, o que provoca desconfortos, estresse e ansiedade dos trabalhadores. Além disso, alguns profissionais foram afastados por pertencerem aos grupos de risco para contaminação por Coronavírus (VIEGAS *et al.*, 2020).

A pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus instalou um ambiente de medo, insegurança e impotência para os profissionais de

saúde, que viram a demanda de trabalho aumentar e um alto risco de contrair a doença, ao mesmo tempo, uma escassez de EPI que são indispensáveis para contenção da disseminação do vírus (AMESTOY, 2020). Além da preocupação com a saúde dos pacientes e de se contaminarem, a saúde emocional desses profissionais está mais sobrecarregada, pois estão vivenciando um momento de muita pressão. Diante de todas as adversidades que a pandemia trouxe, os profissionais que, por muitas vezes, não conseguiam já ter um autocuidado, descuidam ainda mais de si mesmos e, principalmente, da saúde mental (SOUZA LP; SOUZA AG, 2020).

Em uma pesquisa realizada em São Paulo, foi observado que a oferta de práticas, como a arteterapia, foi um recurso benéfico aos trabalhadores de saúde para alívio psíquico decorrente de sua atuação e promoção de saúde mental e, assim, melhoria da atenção à população, solidificando os pressupostos da PNH (DEPRET *et al*., 2020).

Nesse contexto, justifica-se a oferta de ações remotas para auxiliar e motivar os profissionais do SAD, promovendo o autocuidado e bem-estar. Mesmo anteriormente à pandemia, já havia inúmeras dificuldades para se prestar uma assistência de qualidade, observando-se a carência de espaços para os profissionais de saúde trocarem experiências e refletirem sobre eles próprios e sobre a terminalidade do usuário do serviço e situações nada dignas que esses pacientes vivenciam, tendo isso tudo muito impacto no emocional dos profissionais do SAD.

O projeto HumanizaSUS, na visão dos profissionais, lhes traz cuidado e acolhimento, proporcionando bem-estar, mesmo diante das adversidades (ÁVILA *et al*., 2019). Dessa maneira, os seus dispositivos oportunizam melhoria da gestão do cuidado ao propor inovações nas práticas gerenciais e de produção em saúde, indo além de seus componentes técnicos, tecnológicos e organizacionais, envolvendo, essencialmente, as suas dimensões político-filosóficas, as quais lhe imprimem um sentido ético, solidário e humanizado na consideração da tríade gestores, trabalhadores e usuários e suas famílias.

Diante do exposto, o presente trabalho objetiva relatar a experiência do projeto de extensão com a ação de promoção de autocuidado aos profissionais de saúde do SAD durante a pandemia do Coronavírus.

Método

Trata-se de um relato de experiência a partir de uma ação denominada Grupo Reflexão, que faz parte do projeto de extensão mencionado, sendo uma atividade extracurricular que conta com a participação de estudantes. Assim, ressalta-se que o relato de experiências extensionistas é uma metodologia de ensino acadêmico importante para o crescimento pessoal e coletivo dentro do grupo extensionista, pois, além de compartilhar suas percepções e vivências, permite que demais profissionais conheçam, reproduzam e melhorem as ações realizadas (ERDMANN, 2016).

A ação recebeu essa denominação "Grupo Reflexão" em virtude de sua fundamentação em Pichon-Rivière (1998), que utiliza a técnica de Grupo Operativo, que busca o aprendizado em grupo por meio da observação crítica e investigadora, para reconhecer suas necessidades e potencialidades grupais e, com isso, melhorar o desempenho de suas tarefas. O Grupo de Reflexão é um subgrupo do Operativo, não tendo finalidade terapêutica, e sim operativa, com uma tarefa bem ampla em relação ao conhecimento que se pode adquirir sobre temas durante a vivência grupal, vínculo com os colegas e sentimento de pertencer àquele grupo (FERNANDES, 2000).

A descrição dessa experiência foi construída a partir de vivências de uma docente, duas acadêmicas da área da enfermagem e uma profissional da saúde do SAD, contendo relatos sobre a vivência no período de 11 de junho a 11 de agosto de 2020, momento em que a pandemia já desafiava a continuidade de ações de extensão, desde março de 2020, em decorrência da medida sanitária de não aglomeração de pessoas.

Esse serviço, cujos profissionais são alvo dessa ação, é um serviço de atenção domiciliar localizado no município de Pelotas, sendo vinculado ao hospital da UFPel. A equipe do SAD é constituída por cerca de 70 profissionais, divididos em nove equipes, duas de cuidados paliativos oncológicos, que é o Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI), seis equipes de referência e uma equipe matricial do Programa Melhor em Casa, que emergiu em 2013, a partir da experiência pioneira e bem-sucedida com a criação do PIDI em 2005.

O PIDI atende exclusivamente pacientes com câncer em seus domicílios, advindos do SUS. O programa foi fundado em 2005, com

uma equipe, e ampliado, em 2011, para duas equipes interprofissionais (CARDOSO; MORTOLA; ARRIEIRA, 2016).

O Programa Melhor em Casa foi lançado no dia 08 de novembro de 2011, para auxiliar e ampliar o atendimento domiciliar do SUS, integrado à Rede de Atenção à Saúde, e tem por objetivo promover a desospitalização de pacientes estáveis que possam ter seu cuidado continuado no ambiente domiciliar. O programa possui abordagens diferenciadas e conta com equipes multiprofissionais para ofertar ações de promoção à saúde, prevenção e tratamento de doenças e reabilitação à população (BRASIL, 2017).

As atividades do Grupo Reflexão, durante a pandemia, estão sendo desenvolvidas remotamente e, em alguns momentos, com tele-entrega de *kit* de escalda pés e cadernos de gratidão, no SAD, para os profissionais usufruírem deles. Além disso, na adequação da ação para essa modalidade remota, criou-se um grupo virtual de mensagens instantâneas com os profissionais da saúde do serviço que estivessem interessados em participar desta ação.

O grupo virtual "Cuidado de Nós", criado em uma mídia social on-line, conta com 15 profissionais do SAD, em que os interessados ingressaram mediante convite após divulgação da ação a todos os profissionais do serviço. Primeiramente, houve elaboração e postagem de um vídeo explicando a ação do projeto nessa modalidade remota. Nas segundas-feiras, é postado o convite da semana para a atividade que é adicionada nas sextas-feiras.

Nesse grupo virtual, há o envio de atividades que estimulam o autocuidado, com produção de vídeos, áudio, panfletos, divulgação de videoconferências com oferta de oficinas virtuais que promovem bem-estar, por meio de *Reiki,* alongamento, meditação e orientação para automassagem. A bolsista do projeto de extensão planeja e organiza tais produções com a equipe do projeto, algumas produzidas por ela mesma e outras por convidados. A estudante, não tendo capacitação prévia para esse momento, buscou tutoriais na Internet, para aprender sobre produção de mídias para o projeto. Os convidados foram estudantes do curso de psicologia e de enfermagem, educador físico e psicólogo.

Durante os meses de junho e julho de 2020, as atividades foram semanais, contabilizando oito produções. Toda semana, por meio do

grupo, pedia-se um *feedback* de como foi a experiência e das impressões dos participantes ao realizarem as atividades, para incentivar a interação e melhorar a ação. Também houve o contato com os participantes do grupo individualmente, para estimular o relato de suas impressões, após realizarem as oficinas. A partir disso, elaborou-se um questionário no Google Forms, para estimular a participação, saber a disponibilidade dos participantes para acompanhar o grupo e realizar as atividades postadas, bem como captar sugestões para as próximas atividades.

Pensando em ampliar a visibilidade do projeto, criou-se, no dia 11 de junho de 2020, uma conta em uma mídia social, para postagens sobre gestão, política HumanizaSUS, frases motivacionais e de autoajuda para profissionais do SAD e da área da saúde em geral, e também serão disponibilizadas as atividades já postadas no grupo virtual e outras que estão sendo construídas, para alcançar um maior número de participantes e estimular o autocuidado. Dessa maneira, as informações dessa experiência foram compiladas para a descrição e discussão com a literatura do presente relato da ação Grupo Reflexão.

Resultados obtidos e esperados

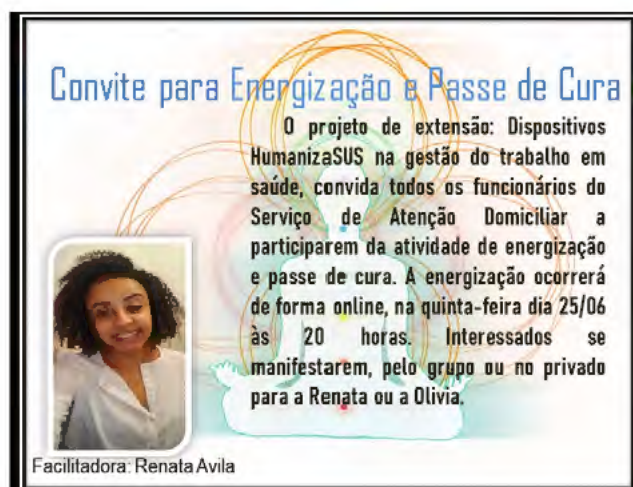
O grupo virtual Cuidado de Nós obteve 41 interações dos profissionais do SAD. Posteriormente à primeira atividade, postagem de vídeo explicativo da nova modalidade remota da ação do projeto, foram distribuídos 55 *kits* de escalda-pés no SAD e, no grupo virtual, foram enviadas instruções para a realização do escalda-pés.

Nesta oficina, houve 10 interações dos profissionais no grupo. No momento da entrega do *kit*, teve-se a impressão de que estavam muito gratos, "*Graças à Deus, tu voltaste, quero passe*[a pandemia]"; "*Achei que tinham nos abandonado, que bom que voltaram*"; "*Quando vai voltar*[presencialmente] *as oficinas, estamos precisando*"; "*Que bom que vocês voltaram*". No entanto, expressaram o desejo pela retomada das oficinas de modo presencial, como antes da pandemia. Na figura 1, constam os *kits* que foram entregues aos profissionais até o momento.

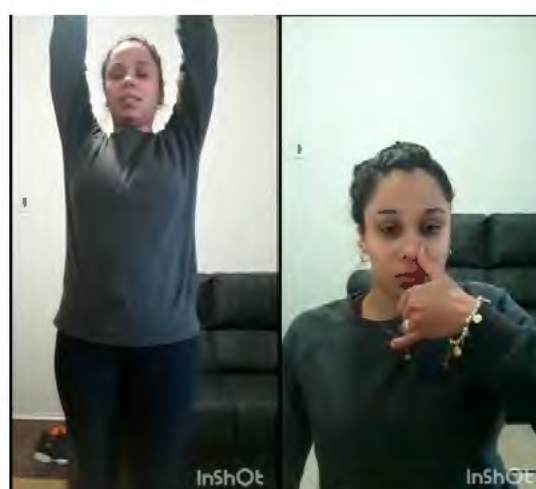
Figura 1 – Fotografia do preparo dos *Kits* de Escalda-pés e cadernos de gratidão, que foram entregues, no SAD, para os profissionais. Pelotas, 2020. Escalda-pés contendo eucalipto, canela em pau, carqueja, folha de laranjeira e sal grosso.

Fonte: Próprios autores, 2020.

A terceira atividade foi síncrona e se tratou de passe espiritualista de cura e energização com horário marcado por videochamada (às 20 horas). Por ser uma oficina já oferecida presencialmente no ano de 2019, teve mais adesão e maior interação em relação às impressões expressas no grupo. Após o passe espiritualista, a facilitadora da atividade entrou em contato, no privado do programa de mensagens instantâneas, com cada um e obteve respostas positivas: gostaram muito, sentiram a energia e ficaram gratos, porém nem todos conseguiram participar por causa do horário, e percebe-se que a maioria está cansada e desmotivada com a pandemia, até para receber um passe. Na figura 2, consta o convite para essa atividade.

Figura 2 – Convite para uma das oficinas do grupo virtual, Energização e Passe de Cura. Pelotas, 2020.

Fonte: Próprios autores, 2020.

Na sequência, foi postada a atividade de meditação videogravada pelo projeto que abordava uma técnica de meditar enquanto a pessoa caminha, para estimular a prática de um exercício e facilitar a concentração de quem realiza. Juntamente, havia exercícios de respiração para auxiliar na revigoração das energias do corpo. Ambas as práticas foram selecionadas com a finalidade de fornecer um momento de relaxamento do corpo e de conexão consigo mesmo para alívio do estresse. Na figura 3, constam cenas do vídeo.

Figura 3 – Cenas do vídeo sobre meditação e exercícios de respiração. Pelotas, 2020.

Fonte: Próprios autores, 2020.

Já a oficina de plantas medicinais ocorreu por meio da elaboração de vídeo com indicações de uso. As plantas abordadas na oficina foram: marcela, capim cidreira, camomila, melissa e guaco. No vídeo, também constavam o nome científico, a parte que se utiliza, a forma de utilização e a indicação de uso de cada planta medicinal. Na figura 4, podem ser visualizadas cenas do vídeo.

Figura 4 – Cenas do vídeo sobre uso de algumas plantas medicinais. Pelotas, 2020.

Matriarca recutita

Nome popular: camomila
Parte utilizada: flores
Forma de utilização: infusão 1 colher de sopa para uma xic. de chá.
Indicação: para cólicas intestinais, quadros leves de ansiedade, como calmante suave. Tomar de 3 a 4 xic. por dia.
Efeitos adversos: em caso de superdose pode ocorrer aparecimento de náuseas, excitação nervosa e insônia.

Fonte: Próprios autores, 2020.

Depois, foi elaborado um vídeo de exercícios de Pilates, com materiais disponíveis no domicílio das pessoas e, ainda, um vídeo de meditação *Mindfulness* sobre autocompaixão. E, por último, até o presente momento, houve a tele-entrega de 69 cadernos de gratidão no SAD (Figura 1). No grupo virtual, foi disponibilizado um vídeo explicando a proposta da oficina da gratidão, e ,no caderno, também constava uma mensagem inicial explanando sobre o que é gratidão e um *QR Code* com uma meditação para ouvir antes de dormir.

Além disso, a página do projeto na rede social foi criada em05 de agosto de 2020, já possuindo 48 seguidores.

Dificuldades foram encontradas, tal como a de se reinventar diante da pandemia, para manter a oferta das oficinas e o vínculo com os profissionais do SAD, tendo como maior fragilidade a perda da percepção da

equipe do projeto sobre autocuidado no grupo virtual, sendo que se podiam ter melhores impressões na vivência presencial. Outra dificuldade que já existia anteriormente, nas oficinas presenciais em 2019, era a não adesão dos profissionais às atividades, por não se permitirem um momento de pausa voltado para o cuidado desi mesmos. No grupo virtual, observou-se que, com este modo remoto do projeto, poucos profissionais estão realizando as atividades síncronas e retornando suas impressões sobre as atividades videogravadas.

Para tanto, criou-se e enviou-se um questionário no Google Forms, para saber a satisfação dos participantes quanto às atividades disponibilizadas, só três pessoas responderam às perguntas realizadas: "Você está conseguindo realizar as oficinas postadas no grupo?", dois profissionais assinalaram que às vezes e um, que não; "Qual sua opinião sobre o dia em que é postado o material digital para a oficina ser realizada?", três assinalaram que é bom; "Você gostaria que tivesse mais interação no grupo, com postagens diárias de mensagens motivacionais e dicas de autocuidado?", duas assinalaram Sim, seria bom, e uma, Não, pois iria lotar o grupo de mensagens; e, no espaço do formulário para sugestões, apenas um profissional respondeu: "*Não estou conseguindo acompanhar as oficinas, só conseguia acompanhar as presenciais porque ocorriam na primeira hora da manhã, antes de iniciar as atividades*[do trabalho]*! Tenho atividades em outra instituição nos turnos tarde e noite!* ".

Diante das poucas respostas no formulário e pensando em obter uma maior adesão dos profissionais às atividades, novas estratégias foram elaboradas pelo grupo de extensionistas, tal como identificar e convidar todos os profissionais, pela conta da rede social, para interagirem com a página do projeto. Além disso, o grupo planejou realizar postagens semanais sobre autocuidado, ofertando alguma gratificação para os participantes que tivessem os melhores comentários ou a elaboração de alguma frase que representasse essa vivência, como tentativa de fortalecer o vínculo com eles e deles com o projeto.

Também será realizada postagem, na rede social, sobre técnicas e práticas que estimulem o momento de relaxamento, (re)postagens de *cards* de outro projeto de extensão parceiro, Laboratório de Formação e Atendimento em *Reiki*, sobre meditação, gratidão. Além disso, vislumbra-se influenciar, pela mídia social, o compartilhamento dos materiais com

os colegas de trabalho e a prática dessas técnicas no dia a dia, inclusive para outros profissionais de saúde. Ainda, teve-se a ideia de convidá-los para compartilhar depoimentos, por escrito, por vídeo ou por áudio, de suas experiências com alguma prática, seja com o autocuidado seja com os pacientes, com o intuito de valorizar suas vivências e o contato com práticas que promovam bem-estar.

Em relação ao grupo virtual, a equipe que desenvolve o planejamento para a realização das oficinas está revendo a mudança da periodicidade semanal para quinzenal e, posteriormente, verificar a adesão dos participantes. Ainda, outra estratégia pensada foi a elaboração e a postagem de *cards* semanais com reflexões sobre bem-estar. Algumas oficinas já estão previstas e tratam de temas, como espiritualidade, autoaplicação de auriculoterapia.

Discussão

Ainda são escassas as produções científicas que descrevem ações desenvolvidas para promover o autocuidado do profissional da saúde. Em uma pesquisa em um ambulatório de São Paulo, foi oferecida arteterapia aos profissionais do serviço e, sendo entrevistados, relataram que sentiram esse momento como um momento de descontração, de pausa, lúdico, de tranquilidade, com repercussões também na vida pessoal, um tempo para si, de diálogo e aprendizagem. Dessa maneira, foi identificado efeito positivo na saúde e no bem-estar (DEPRET *et al*., 2020). Outros estudos são apresentados na sequência pontuando ações relacionadas às descritas no presente relato de experiência, para reforçar sua importância e suas repercussões na saúde dos trabalhadores da área da saúde.

A atividade de entrega do *kit* escalda-pés oferecida é um importante meio de estimular o autocuidado dos profissionais. O escalda-pés é a prática de repousar (por 15 minutos) os pés em uma bacia de água morna com ervas, com o objetivo de relaxar e aliviar o estresse, já que é capaz de combater a sensação de pés cansados (SPAGNOL; FREITAS; NEUMANN, 2013). Spagnol *et al*. (2015) referem que cuidar dos profissionais e do ambiente de trabalho é para cuidar do outro, tendo relevância a criação de momentos de pausa e ambientes de trabalho mais confortáveis e

prazerosos. Isso foi reconhecido a partir da realização, por meio de projeto de extensão, do escalda-pés para equipes de enfermagem do centro de material e esterilização de um hospital universitário de Minas Gerais. Já as plantas medicinais utilizadas no escalda-pés dispõem de propriedades benéficas para todo o corpo. O eucalipto auxilia no sistema respiratório como antibacteriano das vias aéreas superiores e expectorante. Canela em pau, carqueja e folha de laranjeira são aromáticas, promovendo uma sensação relaxante (BRASIL, 2019).

Outra atividade foi o passe de cura, não estando esta vinculada a uma prática religiosa específica. O passe de cura se trata de transferência de energia de um indivíduo a outro, normalmente pela imposição das mãos sobre o indivíduo que necessita do restabelecimento bioenergético, favorecendo o reequilíbrio (JACINTHO, 1984).

Na sequência, foi postado um vídeo para exercício prático guiado de meditação e respiração. Uma pesquisa de revisão de literatura identificou 18 artigos nos quais os estudos constataram benefícios da meditação aos profissionais, tais como: redução de estresse, ansiedade, depressão, entre outros, até vários meses após a aplicação da mesma, com melhora na qualidade de vida e nos serviços prestados à população usuária, diminuição de sentimentos negativos, com melhora significativa no bem-estar, na atenção, na empatia (LEONELLI *et al.*, 2012). Em uma pesquisa desenvolvida com profissionais da saúde em Santa Catarina, esta prática foi vista como uma ferramenta lúdica potencializadora da promoção da saúde, de reconhecimento de modos de autocuidado, da autonomia e da reorientação dos serviços de saúde em direção ao atendimento integral do ser humano e da corresponsabilização pela promoção do ser saudável (VISCARDI *et al.*, 2019).

Percebe-se que, com as práticas desenvolvidas pelo projeto, os profissionais sentem-se valorizados no ambiente de trabalho e que, por consequência, melhoram a assistência prestada. Isso vai ao encontro das orientações da PNH de inclusão de trabalhadores, usuários e gestores em uma visão ampliada de cuidar em saúde (BRASIL, 2010). O método Pilates possui exercícios que trabalham o corpo como um todo, corrigindo postura, (re)alinhando musculatura, promovendo estabilidade corporal, contribuindo para uma vida mais saudável (CAMARÃO, 2004). Um estudo no Rio Grande do Sul, após realizar 12 semanas de Pilates com

Agentes Comunitários de Saúde, verificou que houve uma redução dos níveis de estresse dos participantes (BALK *et al.*, 2018).

Mindfulness remete à qualidade da consciência para prestar atenção, de maneira intencional, sem julgamento, às vivências, emoções e aos pensamentos (KABAT-ZINN, 2003). Uma investigação que ofertou meditação *Mindfulness* aos profissionais de saúde identificou que os participantes aumentaram os níveis de atenção plena e de autocompaixão e reduziram os sintomas de depressão e de ansiedade (SERRÃO; ALVES, 2018). E a gratidão pode ser compreendida enquanto uma emoção benéfica para o bem-estar e a melhoria da saúde física e mental. No âmbito do ambiente de trabalho, uma pesquisa demonstrou que a disposição para a gratidão aliviou a sobrecarga de trabalho e os sintomas físicos decorrentes do estresse profissional (FERNANDES, 2018). Apesar das dificuldades encontradas neste momento de pandemia, na experiência presencial do Grupo Reflexão em 2019, no SAD, notou-se que, ao longo do tempo, os profissionais superaram a resistência ao novo, vivenciando bem-estar, sendo mais participativos e incentivando os colegas a também participarem (ÁVILA *et al.*, 2019).

Considerações Finais

O presente relato de experiências possibilitou apontar os pontos fortes da ação de extensão, tal como a valorização do trabalhador de saúde e seu autocuidado, mesmo executando a ação de modo remoto, durante a pandemia, mas também a identificação das dificuldades que envolvem promover saúde nessa modalidade. Cabe ressalvar que, apesar dos desafios encontrados diante do distanciamento social, os extensionistas do projeto conheceram as potencialidades da oferta on-line de ações de autocuidado aos profissionais, pensando-se em, concomitantemente às atividades presenciais após a pandemia, manter também tais ações on-line.

Nesse contexto, que a equipe do projeto possa reinventar formas de implementação das ações e continuamente avaliar melhores estratégias para a promoção de bem-estar aos profissionais de saúde. Espera-se que as resistências dos profissionais, mesmo diante das circunstâncias

de distanciamento social e atividades remotas, naturais das pessoas às novas condições, sejam superadas, como aconteceu no presencial, e que se encontrem estratégias para que o projeto possa colaborar da melhor maneira possível nessa situação de pandemia.

Agradecimentos

Aos trabalhadores do SAD e aos colaboradores do Projeto de Extensão.

Referências

AMESTOY, S. C. Inteligência emocional: habilidade relacional para o enfermeiro-líder na linha de frente contra o novo Coronavírus. **Journal of Nursing and Health**. v. 10, n.4, p. e: 20104016, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18993/11578>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ÁVILA, R. V. *et al*. Grupo Reflexão: ação extensionista promotora de momentos de autocuidado e bem-estar aos trabalhadores de saúde da atenção domiciliar. *In*: VI CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL, 2019, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2019/11/Sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BALK, R. S. *et al*. Método Pilates: Uma estratégia reabilitadora do estresse em Agentes Comunitários de Saúde. **Revista Saúde**, Santa Maria, v. 44, n. 2, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/26672/pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BRASIL. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. Departamento de Apoio Técnico e Educação Permanente. Comissão Assessora de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 2019. 4ª edição. 86 p. Disponível em: <http://www.crfsp.org.br/images/cartilhas/PlantasMedicinais.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Serviço de Atenção Domiciliar. **Melhor em casa**, 2017. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/melhor-em-casa-servico-de-atencao-domiciliar/melhor-em-casa>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização.** Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 242 p. Disponível em: <https://www.faseh.edu.br/biblioteca_/arquivos/acervo_digital/Cadernos_humaniza_SUS.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020

CAMARÃO, T. **Pilates no Brasil**: Corpo e Movimento. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CARDOSO, D. H.; MORTOLA, L. A.; ARRIEIRA, I. C. O. Terapia subcutânea para pacientes em cuidados paliativos: a experiência de enfermeiras na atenção domiciliar. **Journal of Nursing and Health**. v. 6, n. 2, p. 346-54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/6478/6049>. Acesso em: 13 ago. 2020.

DEPRET, O. R. *et al*. Saúde e bem-estar: a arteterapia para profissionais de saúde atuantes em cenários de cuidado ambulatorial. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, e20190177, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000100202&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ERDMANN, A. L. A importância da publicação científica no contexto acadêmico. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 6, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/22882>. Acesso em: 13 ago. 2020.

FERNANDES, B. S. Como trabalho com grupo de reflexão. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 77-82, 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2020.

FERNANDES, P. A. C. O. **O efeito da disposição para gratidão e da gratidão institucionalizada no stress profissional**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Humanos) – Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível

em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/16377>. Acesso em: 13 ago. 2020.

JACINTHO, R. **Passe e Passista**. São Paulo: Edições Culturesp Ltda, 1984.

KABAT-ZINN, J. Mindfulness-Based Interventions in Context: Past, Present, and Future. **Clinical Psychology**: Science and Practice, *v.* 10, n. 2, p. 144-156, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1093/clipsy.bpg016>. Acesso em: 14 ago. 2020.

LEONELLI, L. B. *et al*. Efeitos da meditação em profissionais da Atenção Primária à Saúde: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Medicina da Família e Comunidade**. Florianópolis, v. 7, Supl. 42, 2012. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/577/437>. Acesso em: 13 ago. 2020.

MATOS, E. PIRES, D. Teorias Administrativas e Organização do Trabalho: de Taylor aos Dias Atuais, Influencias no Setor Saúde e na Enfermagem. **Texto e Contexto Enfermagem,** v. 15, n.3, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000300017&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SERRÃO, C.; ALVES, S. Exploration of self-compassion in the context of a mindfulness-based cognitive therapy. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. spe6, p. 85-91, 2018. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602018000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SILVA, Jr. E.J.; BALSANELLI, A. P.; NEVES, V. R. O Cuidado de Si no Cotidiano do Enfermeiro: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem,** v. 73, n. 2, e20180668, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n2/pt_0034-7167-reben-73-02-e20180668.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SPAGNOL, C. A.; FREITAS, M. E. A.; NEUMANN, V. N. **Uma maneira sensível de cuidar dos cuidadores**. *In*: COSTENARO, R. G. S.; LACERDA, R. (Orgs.). Quem cuida de quem cuida? Quem cuida dos cuidadores? As teias de possibilidades de quem cuida. Porto Alegre: Moriá Editora, 2013.

SPAGNOL, C. A. *et al*. Escalda-pés: cuidando da enfermagem no Centro de Material e Esterilização. **Revista SOBECC**, São Paulo, v. 20, n.1, jan./mar., p. 45-52, 2015. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1414-4425/2015/v20n1/a5108.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SOUZA, L. P.; SOUZA, A. G. Enfermagem brasileira na linha de frente contra o novo Coronavírus: quem cuidará de quem cuida? **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 4,2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18444/11237>. Acesso em: 13 ago. 2020.

VIEGAS, A. C. *et al*. Cuidado paliativo de pacientes com condições crônicas durante a pandemia Coronavírus 2019. **Journal of Nursing and Health,** v. 10(n.esp.), e 20104021, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19118/11696>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VISCARDI, A. A. F. et al. A meditação como ferramenta lúdica: potenciais e limites à promoção da saúde. **Journal of Management Primary Health Care**, 10:e5, 2019. Disponível em: <https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/587/781>. Acesso em: 13 ago. 2020.

Sobre as autoras

ADRIZE RUTZ PORTO, graduada em Enfermagem e Obstetrícia na UFPel. Doutora em Enfermagem na UFRGS. Professora adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Coordenadora do projeto.
E-mail: adrizeporto@gmail.com

RENATA VIEIRA AVILA, graduanda em Enfermagem na UFPel. Voluntária vinculada ao projeto desde 2019.
E-mail: rerreavila@hotmail.com

BÁRBARA PEREIRA TERRES, graduada em Psicologia na UCPel. Mestre em Saúde e Comportamento na UCPel. Voluntária vinculada ao projeto desde 2019.
E-mail: barbaraterres@hotmail.com

OLÍVIA NATÁLIA DA SILVA VELLOSO, graduanda em Enfermagem na UFPel. Bolsista do projeto desde 2020.
E-mail: olivianvelloso@gmail.com

(RE) PENSAR O USO DA TECNOLOGIA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A CONTINUIDADE ATRAVÉS DA CONEXÃO

Anderson Ferreira Rodrigues
Rosangela Ferreira Rodrigues
Sandra Mara da Encarnacão Fiala Rechsteiner
Lucas Schneider Lopes
Samuel da Silva Julião
Denner Jardim Porto

Introdução

Neste século, apesar de políticas públicas garantirem o acesso à educação e ao mercado de trabalho, a praticamente todas as pessoas, ainda existem processos excludentes e discriminatórios que dificultam a igualdade de oportunidades para uma parcela significativa da população. Perante esse panorama, alguns documentos e eventos que abordam a inclusão indicam que, além das "questões técnicas e de trabalho",

tornam-se necessárias "reflexões sobre posturas e pronunciamentos dos elementos presentes na sociedade", para ocorrer a transformação de pensamentos e valores sociais (ALVES, 2017). Muitas ações foram e continuam sendo realizadas em prol de mudanças de paradigmas e direitos sociais igualitários na sociedade e a educação foi destacada como o processo que possibilita alcançar estes objetivos, pois tem o potencial de diminuir os processos excludentes, propiciando autonomia e cidadania (CURY, 2002). A determinação do MEC/SEESP (BRASIL, 2008), além de garantir matrículas para o ensino regular, indica que as instituições devem elaborar estratégias para o melhor desenvolvimento dos estudantes, dentro das salas comuns, e realizar acompanhamento especializado, em contraturno. Este cenário retrata que elaborar estratégias para democratizar o aprendizado, não são medidas opcionais, mas sim urgentes. A cada dia observamos muitas instituições empenhadas em propor alternativas, para auxiliar neste processo. E em meio a tantas discussões sobre o que significa incluir, a definição de Sassaki (1997, p.41), elaborada há mais de vinte anos ainda ressoa com muitos pontos relevantes, salientando que inclusão é:

> Um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. (...) Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

A luta pelo reconhecimento das habilidades em detrimento das dificuldades que por ventura se apresentem se tornou uma luta diária em busca de oportunidades, aceitação e respeito (ALVES, 2017).

E essa luta não se restringe ao ensino básico, os tipos de deficiência mais presentes entre os ingressantes no ensino superior, no Brasil, são a deficiência auditiva, baixa visão e a deficiência física (INEP, 2019).

Entretanto, como as leis, políticas e núcleos de apoio se intensificaram somente nas últimas duas décadas, ainda são necessárias medidas para auxiliar também neste processo (DE MELO; GARCIA, 2016). A igualdade de oportunidades somente ocorrerá se existirem recursos que proporcionem a aprendizagem de forma adequada, a diversidade das comunidades escolares, seja no ensino básico ou superior (LAPLANE; BATISTA, 2003).

A alfabetização científica tem o potencial de auxiliar no processo de compreensão do universo e dos fenômenos da natureza (CHASSOT, 2003). O domínio do conhecimento científico propicia aos estudantes a capacidade de estabelecer conexões entre os conceitos aprendidos com a atualidade e promove a compreensão de temas biológicos veiculados pela mídia. O conhecimento desses temas permite ao ser humano explorar e explicar mecanismos de evolução, reprodução e organização da vida, além de desenvolver o pensamento para uma participação consciente no mundo. Entretanto, alguns fatores podem tornar a apropriação desse direito fora do alcance de pessoas com deficiência, o que não se justifica em uma geração com múltiplas possibilidades advindas da tecnologia. Segundo Radabaugh (1993, p.1) "para as pessoas sem deficiência, a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis". Se na época em que foi divulgada essa declaração, o uso da tecnologia já consistia em uma ferramenta com um potencial considerável, na geração atual foi extrapolada.

Em consonância com o exposto, observamos a tecnologia assistiva (TA) ganhar cada vez mais projeção, permitindo que as atividades pedagógicas sejam realizadas através de um conjunto de estratégias que possuem um raio de ação maior.

Bersch (2008, p.133) menciona que:

> Fazer TA na escola é buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realize o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa "fazer" de outro jeito. É valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação, a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras e artes, com a utilização de materiais escolares

> pedagógicos especiais. É a utilização do computador como alternativa de escrita, fala e acesso ao texto. É prover meios para que o aluno possa desfiar-se a experimentar e conhecer, permitindo assim que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ator.

Na área das Ciências Morfológicas, modelos didáticos tridimensionais têm facilitado o processo de ensino e aprendizagem à população em geral e são fundamentais para pessoas com deficiência visual, entender eventos que ocorrem em âmbito macro e microscópico principalmente nas estruturas mais complexas (FARIA; SOUZA, 2011). Explorar o sentido visual aliado à percepção tátil colabora para uma melhor concepção e aprendizado efetivo das Ciências da Natureza e suas Tecnologias, entretanto se observa que muitos que pertencem a esta comunidade não têm acesso ao conhecimento científico. De forma semelhante, membros da comunidade surda também têm vivido à margem do desenvolvimento científico-tecnológico, pois sua cultura, calcada na realidade, torna difícil o entendimento de alguns conteúdos da área de Ciências, que inclui conceitos abstratos de difícil adaptação para serem transmitidos em Libras. Entretanto, tecnologias que agilizaram vários processos para a sociedade em geral podem ser utilizadas como alternativas para a inclusão.

Por isso, o objetivo do projeto **MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS** consiste em demonstrar como o aprendizado de Morfologia pode ocorrer de forma autônoma, tanto para o grupo de alunos cegos como surdos, através da utilização de sensores de aproximação, ativadores de áudio descrição e de legendas, como ferramentas para a consolidação do conhecimento. Dessa forma, mesmo em condições de distanciamento social, a aprendizagem pode ser contínua utilizando este tipo de recurso. Os alunos cegos ou surdos não precisarão que outra pessoa os acompanhe, para explicar a morfologia dos órgãos, pois através dos sensores as informações serão ativadas. Esse é um recurso que poderá ser útil em outras situações semelhantes de isolamento.

Considerando a importância desse tipo de retorno para a sociedade, optamos por mesmo em face das condições de isolamento social,

continuarmos as ações desse projeto de extensão, repensando formas de continuarmos conectados.

Metodologia

Participam do projeto **MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS** professores e alunos do Departamento de Morfologia da UFPel e do IFSul, professores da UFSM, da Escola Alfredo DUB e Colégio Municipal Pelotense, e outros colaboradores externos. A equipe é ampla e com habilidades diversas. Os professores do Departamento de Morfologia ministram disciplinas de Anatomia Humana a Anatomia dos Animais dos Animais Domésticos, envolvendo a morfologia macroscópica e microscópica. O quadro é formado, portanto, por profissionais da área de Medicina, Enfermagem, Biologia, Bioquímica, Biomedicina e Medicina Veterinária. Nosso departamento possui em seu quadro ainda alguns técnicos com cursos de mestrado e doutorado, os quais realizam o suporte das atividades de laboratório. Participam da equipe, também, professores do IFSul, tanto dos cursos de Eletrônica como do Mestrado Profissional em Ciências e Tecnologias na Educação, e membros do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Esses profissionais são essenciais para prover o suporte técnico e informações relevantes relacionadas à acessibilidade e inclusão. Professores da Escola Alfredo DUB também participam com atualizações a respeito da realidade vivenciada no ambiente escolar, de forma semelhante aos professores do Colégio Municipal Pelotense, que também fazem parte do projeto. Contemplam a equipe do projeto alunos dos cursos de Ciências Biológicas, Odontologia, Medicina, Engenharia Eletrônica, Manutenção e Restauro, Pós-graduação em Ciências e Tecnologias na Educação e Ciências Fisiológicas. Fazem parte da equipe também alguns alunos egressos dos cursos de Artes e Ciências Biológicas. Entre esses alunos, alguns possuem deficiência visual, e colaboram com sua vivência no aprendizado da morfologia

Devido à situação mundial de isolamento, as atividades foram adaptadas para serem realizadas de forma remota. Foi realizada uma reunião com alguns componentes da equipe, por webconferência na

Plataforma *Zoom Meetings*, para definir estratégias para contornar a situação. Nessa reunião foi definido que seriam essenciais reuniões semanais por web conferência e um local de interação e postagem das atividades para compartilhamento. Uma sala no *Google Classroom* foi escolhida por unanimidade por possibilitar a todos os participantes uma maior interação. Ficou determinado que a gravação das reuniões, atas e materiais referentes ao projeto ficariam disponíveis para consulta nesta sala e que este seria nosso local oficial de interação. Entretanto, posteriormente foi formado um grupo no *WhatsApp* e foram realizados alguns compartilhamentos de arquivos através do *Google Drive*.

Após definidas as estratégias de trabalho, as atividades iniciaram com buscas por editais de agências de fomento, que possibilitassem a captação de recursos para confecção dos Modelos Biológicos em 3D. Foi selecionado um edital do CNPq e foram articuladas estratégias para a elaboração da proposta de um evento virtual denominado **PORTAS ABERTAS PARA A CIÊNCIA E A INCLUSÃO** – RECURSOS TECNOLÓGICOS NO ESTUDO DA ANATOMIA. Nesse evento as dependências do Departamento de Morfologia e seu acervo poderão ser visitados de forma virtual, pela comunidade em geral e também por estudantes surdos ou cegos, pois serão disponibilizadas imagens acessadas por QR Codes, interpretação em Libras e acesso a audiodescrição. À medida que o acervo for mostrado, será esclarecida a importância de serem confeccionadas réplicas desse acervo em PLA (ácido poli láctico), em impressora 3D, e a funcionalidade de serem adaptados com sensores ativadores de vídeos em Libras e de sistemas de audiodescrição.

Para a elaboração da proposta foi utilizado o compartilhamento através do *Google drive* e o sistema de edição de imagens, Picosmos Tools 2.1.

Foi definido que o evento será divulgado através de contato com equipe diretiva das instituições de ensino e através da mídia escrita e televisiva, em 30 municípios da macro região Sul do estado do Rio Grande do Sul e através das redes sociais no restante dos municípios. Como o evento será realizado de forma virtual, não haverá um local físico nos municípios abrangidos. Entretanto, como os municípios ficam perto da Universidade de Pelotas e Universidade de Santa Maria, que possui professores que são integrantes do projeto, haverá um cuidado em

garantir que seja realizado um envolvimento da mídia escrita e televisiva local na divulgação do evento à comunidade em geral e, principalmente, para os gestores responsáveis pela educação especial.

Outra atividade do projeto **MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS** que foi realizada de forma remota, foi a curadoria de arquivos na extensão STL, com a descrição do *layout* dos órgãos do corpo humano de forma tridimensional, para formar banco de dados, que servirão como moldes na confecção dos modelos biológicos.

Para capacitar os alunos ingressantes no projeto para esta atividade, o bolsista do projeto elaborou oficinas adaptadas para a forma remota. As oficinas ocorrem uma vez por semana através de web conferência, em uma sala virtual da UFPel, e durante o período entre os encontros, as dúvidas e material obtido são compartilhados através do *Google Classroom*. Após a oficina, cada aluno escolheu um sistema do organismo, para realizar a curadoria.

O bolsista do projeto realiza a mediação dos alunos, com os orientadores das ações, utilizando o meio tecnológico mais adequado para auxiliar nessa comunicação. Resumos e artigos estão sendo elaborados através de ferramentas de compartilhamento e detalhes são discutidos nas reuniões semanais na sala de web conferência disponibilizada pela universidade.

Foram definidos horários para as reuniões, entretanto, como a tecnologia atual permite um fluxo constante de informações, as outras interações ocorrem de acordo com a necessidade.

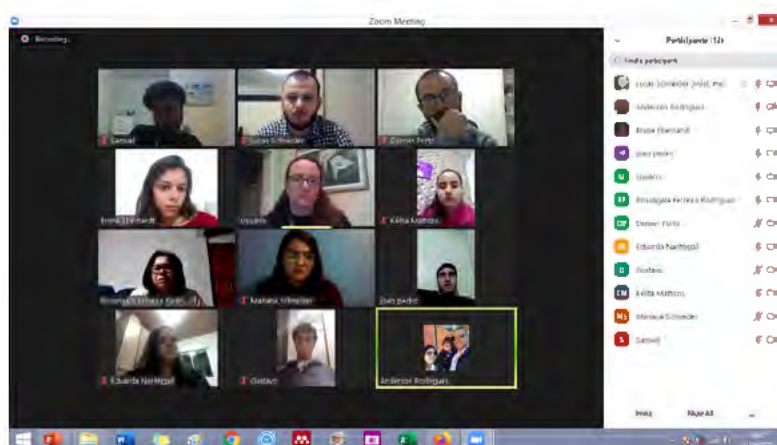
Resultados e Discussão

O acesso à informação e a comunicação são facilitados atualmente pelos modernos suportes tecnológicos que proporcionam excelente velocidade de processamento e compatibilidade entre os sistemas (SILVA, 2001). Dessa forma, repensar o uso da tecnologia na extensão universitária e realizar as adaptações demonstraram que há uma gama de possibilidades para serem exploradas.

As reuniões por web conferência (Fig. 1) têm ocorrido de forma regular, com excelente participação e evidenciam a praticidade dessa

ferramenta. Os encontros ocorrem em grupos pequenos, com os integrantes de cada ação de forma separada, para não extrapolar a capacidade do sistema e possibilitar que todos possam expressar suas opiniões. Uma vantagem observada em relação às reuniões presenciais foi a possibilidade de participação semanal de integrantes do projeto, de outras regiões, o que seria inviável se não fossem realizadas por este sistema. Essa é uma característica providencial da tecnologia, possibilitar estarmos em lugares diferentes de forma simultânea. Por isso, Silva (2001) coloca que "à multidimensionalidade do universo comunicativo junta-se a natureza ubiquíssima do indivíduo". Atingindo quase duas décadas, após essa declaração, constatamos o alcance das tecnologias da informação e comunicação e o potencial que apresentam atualmente. As reuniões por web conferência têm possibilitado também que os membros da equipe, que não conseguem participar de uma ou outra reunião, acessem a gravação e a ata que fica disponibilizada na sala do *Google Classroom*. Dessa forma, os membros se mantêm atualizados a respeito da progressão das atividades e podem continuar fornecendo contribuições significativas. Esse tipo de recurso em uma equipe multidisciplinar e com muitos integrantes possibilita uma excelente oportunidade para otimizar as relações e troca de informações.

Essa forma de interação, além de ultrapassar a distância física, e o inconveniente do deslocamento e horário, tem possibilitado a continuidade da conexão com uma série de vantagens.

Figura 1 – Reunião por web conferência utilizando a Plataforma *Zoom Meetings* - Imagens disponibilizadas com consentimento.

Fonte: Arquivo do projeto.

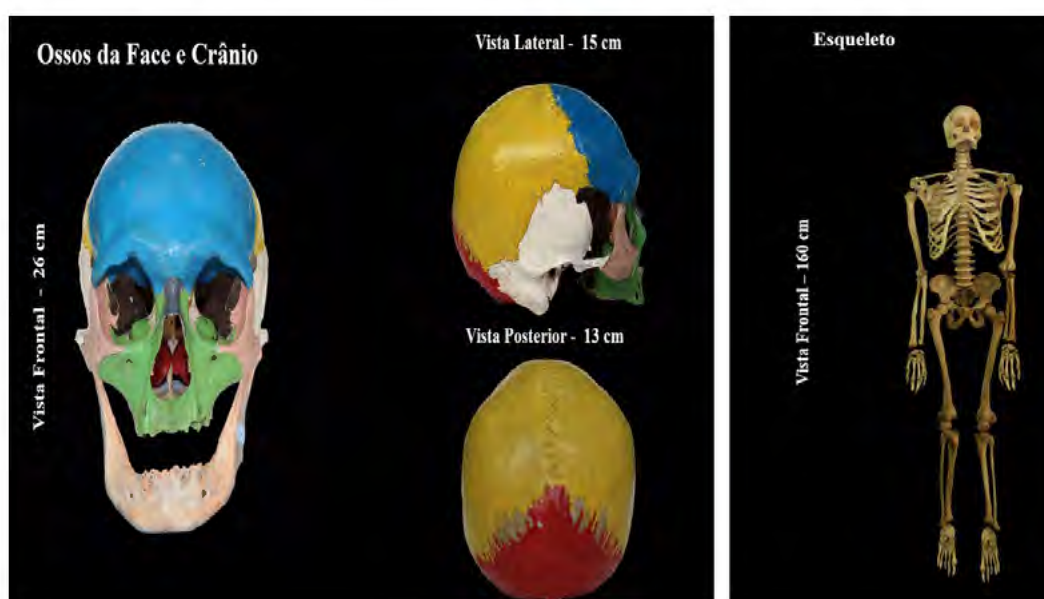
A sala no *Google Classroom* também está sendo um excelente recurso, pois tem possibilitado a interação e troca de informações, de forma rápida e detalhada. Possibilita a atribuição de tarefas e avaliação de habilidades individuais, de bolsistas e novos integrantes, e agiliza resposta a questões que exigem posicionamento geral.

Os recursos da sala *Google Classroom* e da sala de web conferênciaforam utilizados para realizar oficinas de capacitação e cada ferramenta foi útil para auxiliar em uma fase do processo. Foi observado que o recurso de compartilhamento de arquivo possibilitou excelente interação durante as oficinas e não ocasionou diminuição na qualidade do aprendizado.

O que fica confirmado pelo *feedback* de um aluno do curso de Medicina que compõe a equipe:

> *"A oficina realizada......... no horário previamente estabelecido para reunião da equipe, além de ter servido para esclarecer aspectos do processo de busca de modelos/moldes para composição do catálogo e posterior impressão das peças em impressora 3D, evidenciou o fato de que trabalho realizado em equipe traz vantagens e que, mesmo em um momento em que isolamento social é fundamental, essas contribuições podem ser feitas via internet. O auxílio visual conferido pela explicação detalhada feita pelo aluno Lucas Schneider, através do compartilhamento de tela possibilitado pela plataforma online, bem como o compartilhamento do seu método organizacional quanto à curadoria das imagens somou grandemente ao conhecimento prévio de cada membro do grupo. Além disso (que já era o objetivo principal do encontro), no que diz respeito às contribuições mútuas advindas da oficina, a percepção da professora de anatomia referente à criação de um roteiro com características relevantes nas imagens a serem buscadas é um outro resultado que potencialmente contribuirá significativamente para o desenvolvimento do projeto, uma vez que norteará, em nossas pesquisas. Portanto, verifica-se que a oficina atingiu resultados além do que se esperava, uma vez que criou um ambiente instigante para que novas ideias e estratégias fossem criadas, para que o resultado final seja melhor atingido"*

Os recursos tecnológicos foram essenciais para possibilitar a continuidade do projeto, pois a capacitação é trivial para que a qualidade das atividades não seja afetada. O processo de curadoria dos arquivos exige conhecimento de requisitos que são fundamentais, pois, além de procurar uma imagem que seja adequada para a impressão em 3D, deve consultar a licença de uso e escolher o arquivo que representar, com a maior exatidão possível, os órgãos que constituem acervo do Departamento de Morfologia da UFPel (Fig. 2).

Figura 2 – Exemplo de modelos naturais do acervo da Anatomia Humana que serão reproduzidos em PLA.

Fonte: Acervo do Departamento de Morfologia da UFPel.

Os modelos biológicos em PLA, que serão confeccionados através dos arquivos em STL, que contêm imagens em 3D, substituirão as peças do acervo do departamento, para serem manipulados sem risco de ocasionar dano aos materiais que geralmente possuem poucas réplicas, pois o PLA consiste em um polímero termoplástico resistente. Possuírem sensores ativadores de vídeos, com imagens em Libras e audiodescrição, possibilitará a pessoas surdas e cegas terem autonomia para manipular os modelos. O fato de poderem acessar as informações através de QR Codes, nos seus próprios *smartphones* ou em equipamentos cedidos para esse fim, servirá como uma ferramenta pedagógica atrativa. Os equipamentos eletrônicos são apropriados para esta finalidade, pois ao

longo do tempo são utilizados por comunidades com deficiência, para ultrapassar as barreiras do tempo e espaço, em busca da autonomia e independência (ANDRIOLI; VIEIRA; CAMPOS, 2013). Entretanto, a construção desse tipo de modelo biológicodemanda a colaboração de profissionais com habilidades diversas, o que tem sido possível, neste período de isolamento, através da interação da equipe por meio das tecnologias de comunicação.

A facilidade que existe atualmente para a troca de mensagens possibilitou também a formação de parcerias com outras instituições e, provavelmente, auxiliará na divulgação do evento, se a proposta para o CNPq for aprovada.

A criação do site do projeto possibilitou a divulgação do trabalho que estamos realizando e possibilitará um repositório para os vídeos do acervo da anatomia humana e animal, que serão apresentados no evento.

Considerações

A possibilidade que o sistema oferece atualmente, através dos recursos tecnológicos, propiciou a continuidade do projeto e a elaboração de um novo projeto, no formato de um evento virtual.

Dessa experiência concluímos que é possível continuar com os projetos de extensão, mesmo em períodos de isolamento social, e que não podemos parar, mas encontrar novas possibilidades. Nosso compromisso com a sociedade não pode depender de condições favoráveis, pois geralmente são em condições desfavoráveis que algumas medidas se tornam ainda mais importantes.

Referências

ALVES, D. A. **Tecnologia Assistiva e Inclusão**: a construção da consciência espacial-cidadã de deficientes visuais. 2017. 243fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) –

Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Departamento de Geociência, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2017.

ANDRIOLI, M. G. P.; VIEIRA, C. R.; CAMPOS, S. R. L. Uso das Tecnologias Digitais Pelas Pessoas Surdas Como Um Meio de Ampliação da Cidadania. **VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**. Londrina, 05- 07 nov., 2013.

BERSCH, R. Tecnologia Assistiva e Atendimento Educacional Especializado: conceitos que apoiam a inclusão escolar de alunos com deficiência. *In*: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE). **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência comentada**. 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6pbrf04>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 10 ago. 2020

CHASSOT, A. I. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação** v. 23, n. 22, p. 89-100, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CURY, C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de pesquisa.** N° 116, p. 245-262, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200010>. Acesso em: 13 ago. 2020

DE MELO, F R. L. V.; GARCIA, M. E. M. Legislação para estudantes com deficiência no ensino superior no Brasil e em Portugal: algumas reflexões. **Acta Scientiarum. Education,** v. *38*. n. 3, p. 259-269, 2016.

FARIAS, E.; SOUZA, V. L. T. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 15, nº 1, jan./jun., p. 35-42, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14405.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LAPLANE, A. L. F; BATISTA, C. G. Um estudo das concepções de professores de ensino Fundamental e Médio Sobre aquisição de conceitos, aprendizagem e deficiência visual. *In*: I Congresso Brasileiro de

Educação Especial, IX Ciclo de Estudos sobre Deficiência Mental, (pp. 14-15), 2003, São Carlos. **Anais [...]**. São Carlos: UFSCar. 2003.

RADABAUGH, M. P. **Study on the Financing of Assistive Technology Devices of Services for Individuals with Disabilities** – A report to the president and the congress of the United State, Nacional Council on Disability, Março 1993. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxlpjprr>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SASSAKI, R.K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, B. A tecnologia é uma estratégia. *In*: DIAS, P.; FREITAS (org.). In: II Conferência Internacional – Desafios, 2001, Braga. **Actas [...]**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, p. 839-859, 2001.

Sobre os autores

ANDERSON FERREIRA RODRIGUES, graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela UNINTER. Pós-graduando do Mestrado Profissional em Ciências e Tecnologias na Educação no IF-Sul, Especialista em Educação Profissional e Tecnológica pela na Faculdade de Educação São Luís. Colaborador.
E-mail: anderson.ferreirarodrigues@gmail.com

ROSANGELA FERREIRA RODRIGUES, graduada em Ciências Biológicas pela UFPel. Doutora em Ciências pela UFPel. Professora adjunta do Instituto de Biologia da UFPel. Coordenadora do Projeto. E-mail: rosangelaferreirarodrigues@gmail.com

SANDRA MARA DA ENCARNACÃO FIALA RECHSTEINER, graduada em Medicina Veterinária pela UFPel. Doutora em Ciências Veterinárias na UFRGS. Professora associada do Instituto de Biologia da UFPel. Colaboradora.
E-mail: sandrafiala@yahoo.com.br

LUCAS SCHNEIDER LOPES, acadêmico do Curso de Ciências Biológicas da UFPel, Bolsista.
E-mail: lucasschneider2017@gmail.com

PROJETO DE EXTENSÃO PERIODONTIA CLÍNICA E CONTEMPORÂNEA: NOVAS FORMAS DE EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE PERIODONTIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Francisco Wilker Mustafa Gomes Muniz
Pedro Paulo de Almeida Dantas
Ana Flávia Leite Pontes
Maísa Casarin
Natália Marcumini Pola

Apresentação

O Projeto Periodontia Clínica e Contemporânea (Fig. 1) visa promover aos alunos conhecimentos científicos e técnicos acerca das diversas modalidades terapêuticas periodontais, como o uso de terapias adjuntas ao tratamento periodontal convencional e a realização de cirurgias periodontais. Por meio de atendimentos clínicos semanais e discussões

científicas periódicas, alunos extensionistas prestam atendimento clínico à população que necessita desse atendimento especializado. O projeto visa à redução da demanda reprimida desse atendimento especializado, pois a Unidade não consegue atender a toda a procura da comunidade.

Figura 1 – Logotipo do projeto de extensão Periodontia Clínica Contemporânea.

Fonte: Acervo do projeto.

Os professores do núcleo de Periodontia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) são os responsáveis pela orientação dos alunos extensionistas e podem contar com a colaboração de outros servidores ou cirurgiões-dentistas externos à UFPel, caso necessário. O projeto utiliza as seguintes metodologias: aulas práticas laboratoriais, aulas práticas com abordagem clínica de pacientes, discussões de casos clínicos, discussão de artigos científicos relevantes no diagnóstico e tratamento de lesões periodontais avançadas, momentos de discussão teórica e prática, incluindo membros externos, professores da instituição, alunos de pós-graduação e de graduação.

No entanto, a partir de março de 2020, as atividades clínicas do projeto e de toda a Faculdade de Odontologia (FO) da UFPel foram suspensas devido ao crescimento, no Brasil, da pandemia do novo coronavírus, a "Coronavirus Disease" 2019 (COVID-19). Para não interromper por completo as atividades do projeto, docentes e extensionistas se adaptaram para continuar as ações a distância de forma remota. Nesse sentido, sabe-se que o uso da internet, especialmente das mídias sociais, vem crescendo, principalmente entre indivíduos mais jovens (RIDEOUT, 2016). Além disso, é importante entender que há uma possibilidade de disseminação de conhecimento por meio de diversas plataformas virtuais.

Contextualização da periodontia e sua importância histórica

A Periodontia é a área da odontologia que atua na prevenção, tratamento e manutenção da saúde dos tecidos de proteção e de sustentação dos dentes (gengiva, osso alveolar, ligamento periodontal e cemento radicular). Além disso, a Periodontia é responsável por estudar as doenças e condições que se desenvolvem nesses tecidos. Historicamente, as doenças gengivais e periodontais têm afetado a saúde dos seres humanos desde as primeiras civilizações. Estudos paleontológicos indicam que a doença periodontal, evidenciada pela perda óssea, afetou indivíduos de diversas culturas como o antigo Egito e a América pré-colombiana (SHKLAR; CARRANZA, 2016, p. 70).

A gengivite é uma das doenças periodontais existentes. Ela é caracterizada como uma inflamação do tecido de proteção (gengival), porém não acarreta em destruição dos tecidos de sustentação (CHAPPLE *et al.*, 2018). Estima-se que uma elevada parcela da população adulta apresente essa condição, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento (LI *et al.*, 2010; MUNIZ *et al.*, 2018). Outra doença periodontal com elevada prevalência é a periodontite, sendo uma condição de inflamação crônica, que leva a destruição dos tecidos de suporte dos dentes (osso adjacente) e, em casos mais severos, pode levar à perda dentária (HAJISHENGALLIS; KOROSTOFF, 2017). Além disso, estima-se que a periodontite severa seja uma das doenças crônicas mais prevalentes na população, apresentando uma prevalência de 11,2%. Essa elevada prevalência garante que a periodontite severa seja a sexta doença crônica mais prevalente no mundo (KASSEBAUM *et al.*, 2014).

O estudo e tratamento das condições periodontais são de suma importância, pois elas estão intimamente interligadas com doenças/condições sistêmicas como diabetes, doenças cardiovasculares e ocorrência de desfechos adversos gestacionais (BECK *et al.*, 2019). A literatura ainda relata a associação da doença periodontal com inúmeras doenças sistêmicas, como infecções respiratórias, artrite reumatoide, doença renal crônica e, mais recentemente, alguns tipos de câncer (ALMEIDA *et al.*, 2006; CHAMBRONE *et al.*, 2013; NWIZU *et al.*, 2020). Além disso, outras condições ou hábitos dos indivíduos podem estar relacionados

com a ocorrência de doenças periodontais, como uso de tabaco (LEITE *et al.*, 2018), consumo excessivo de álcool (WAGNER *et al.*, 2017) e estresse (DECKER *et al.*, 2020). Somado a isso, é necessário entender que o tratamento dessa condição bucal pode apresentar alterações importantes de cunho sistêmico, como a diminuição de inflamação sistêmica e melhorias no perfil glicêmico dos indivíduos (PRESHAW *et al.*, 2020). Nesse sentido, é importante o entendimento das doenças e condições periodontais como doenças complexas e não limitadas à cavidade oral, sendo de suma importância a multidisciplinaridade no atendimento integral a esse tipo de paciente.

Periodontia clínica e contemporânea antes da pandemia de covid-19: funcionamento e resultados

A extensão universitária tem um papel de extrema importância na sociedade, pois é por meio dela que a universidade tem a oportunidade de transferir para a comunidade os conhecimentos que detém, os quais são produzidos com a pesquisa e que divulgam o ensino. É uma forma da universidade compartilhar o saber científico, fazendo com que este não seja um privilégio de poucos e de uma minoria da população universitária, mas que seja difundido à comunidade não acadêmica (SANTOS, 2010). É nesse sentido que os projetos de extensão fortalecem esse elo entre a universidade, os extensionistas e a comunidade.

O projeto de extensão Periodontia Clínica e Contemporânea está em atividade desde outubro de 2018. Antes da suspensão das atividades presenciais, o projeto era desenvolvido às sextas-feiras, entre 13h30min e 17h30min. Até o período anterior à pandemia do novo coronavírus, o projeto contava com a atuação de sete docentes e quinze alunos de graduação da FO-UFPel, tendo realizado atendimento clínico periodontal especializado a 41 pacientes.

Os atendimentos à população nos anos de 2018/2019 eram realizados na clínica Sul do 3º andar da FO-UFPel (Fig. 2). Nesses atendimentos, os pacientes passavam por avaliação com anamnese e exame clínico, para que os planos de tratamento pudessem ser elaborados pelos alunos com auxílio dos docentes. As abordagens terapêuticas realizadas incluem

tratamentos periodontais cirúrgicos ou não cirúrgicos. Associado a essas terapêuticas, há também a execução de procedimentos cirúrgicos mucogengivais, os quais possuem alta demanda estética e baixa resolutividade nas atuais clínicas da FO-UFPel.

Figura 2 – Atividade clínica do projeto de extensão no período anterior a suspensão das atividades presenciais.

Fonte: Acervo do projeto.

Foram realizados 173 atendimentos desde o início das atividades clínicas do projeto. Dentre estes, o mais realizado foi a raspagem, alisamento e polimento supragengival, com um total de 116 procedimentos. Além disso, biópsias, raspagem e alisamento subgengival, exames radiográficos, aplicação de verniz fluoretado, exodontias, remoção de suturas, restaurações, frenectomia e enxerto gengival livre também foram procedimentos realizados.

A abordagem da grade horária do projeto presencial contava com discussões científicas periódicas, que antecediam os atendimentos clínicos. Nesses momentos, os alunos extensionistas apresentavam seminários de casos clínicos dos pacientes atendidos no projeto ou até mesmo de pacientes atendidos em clínicas distintas da FO-UFPel. A apresentação

de artigos científicos pertinentes e relevantes para a área da Periodontia e suas associações com outras áreas do conhecimento também eram realizados nesse momento. Ao final dos seminários, ocorria uma discussão dos assuntos apresentados pelos alunos com os professores participantes do projeto. A premissa dessa interação professor/aluno era o aprofundamento de conhecimentos para diagnóstico e classificação das doenças periodontais, conhecimentos sobre a epidemiologia das doenças periodontais, além da execução de planejamento e plano de tratamento periodontal dos referidos casos clínicos apresentados. As vivências proporcionadas no projeto aprimoram as habilidades técnicas e científicas dos alunos no decorrer de suas participações, além do ganho de experiência clínica e do uso da Odontologia Baseada em Evidência (BRIGNARDELLO-PETERSEN *et al.*, 2014). Associado a isso, há o benefício direto à população que busca o reestabelecimento da saúde bucal. No entanto, a partir de março de 2020, as atividades presenciais, seminários dos alunos extensionistas e atendimentos clínicos foram suspensos devido ao crescimento dos casos de COVID-19 no Brasil.

Ensino e informação de periodontia em tempos de distanciamento social

A partir de março de 2020, com o decreto de suspensão das atividades presenciais (aulas teóricas, práticas clínicas e laboratoriais), o projeto necessitou passar por uma adaptação com o intuito de continuar contribuindo com a comunidade odontológica e a população em geral. Nesse sentido, a internet foi o instrumento que possibilitou facilitar essa comunicação. Vista por muitos como uma ferramenta que pode e deve democratizar o acesso e compartilhamento de conhecimento, a internet é de uso recorrente por estudantes universitários (MORAN *et al.*, 1996). Segundo o Ministério da Educação (MEC), no Brasil, cerca 90% dos estudantes universitários declararam ter algum acesso à internet (BRASIL, 2005). Apesar de dados mais recentes não estarem disponíveis, especula-se que uma porcentagem similar exista na atualidade. O uso da internet como meio de aquisição de conhecimento vem crescendo e ampliando a autonomia do universitário no processo de aprendizagem,

possuindo cada vez mais um papel ativo na sua formação, seja buscando conhecimento diretamente disponível nas redes ou buscando como ter acesso a esse conhecimento (PALDÊS, 1999).

É notório que o curso de Odontologia é extensamente prático e que as especialidades, como a Periodontia, não são passíveis de serem exauridas durante o curso de graduação (NAGLE *et al.*, 2010). Dessa forma, justificam-se os encontros para apresentações e discussões de casos e artigos com grande relevância para a prática clínica, para que, aliado ao ensino da graduação, entregue-se um profissional mais completo para o mercado de trabalho. Além disso, as Diretrizes Nacionais para os Cursos de Odontologia (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002) consideram que os egressos devem ser formados com um perfil direcionado às necessidades sociais da população e, por motivos já mencionados, a Periodontia ganha uma maior importância nesse sentido. Pode-se considerar a Periodontia como a base de partida para um plano de tratamento odontológico multidisciplinar bem-sucedido, uma vez que a saúde desses tecidos são preditores para a recomendação ou exclusão de novos procedimentos como os restauradores (restaurações de resina e próteses) e instalação de implantes dentários.

No momento inicial da paralisação das atividades presenciais, foi observada uma maior busca dos acadêmicos de Odontologia por conteúdos relacionados à prática odontológica, para sentirem-se ligados à Universidade e atualizados sobre os mais diversos temas. Devido a esses anseios dos estudantes por acessarem conteúdos odontológicos, as atividades de compartilhamento de conhecimento foram mantidas e ampliadas dentro do projeto. A literatura demonstra que 97% dos jovens utilizam pelo menos uma das seguintes mídias sociais: YouTube, Instagram, Snapchat, Facebook, Twitter, Tumblr e Reddit (PEW RESEARCH CENTER, 2018). Isso mostra um grande potencial de compartilhamento de informações por meio dessas redes, informações que podem ser direcionadas para os acadêmicos e profissionais da área, mas também para os pacientes que carecem de informações seguras, principalmente sobre prevenção das doenças periodontais. Com base nesses conhecimentos, com intuito de disseminar as informações relevantes à Periodontia, o grupo de alunos extensionistas do projeto criou um perfil na rede social Instagram® (Facebook Inc. Menlo Park, Califórnia, USA) chamado @

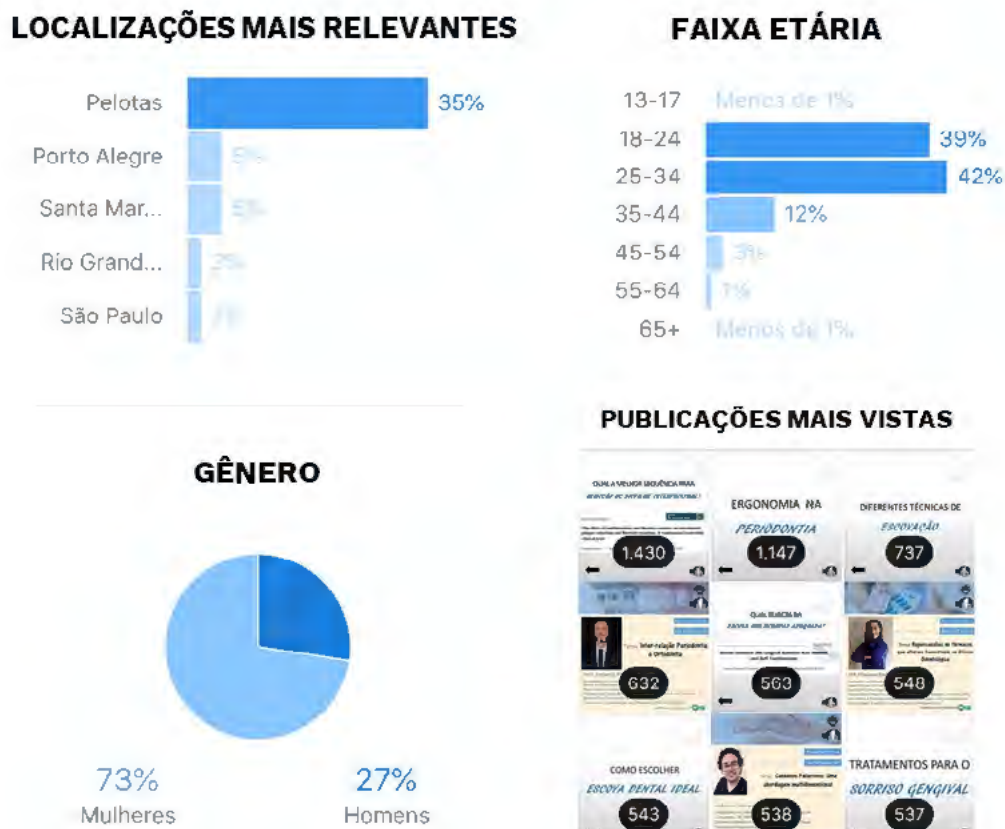
perioufpel (Fig. 3). Esse perfil, aberto a qualquer usuário, atua com o compartilhamento de informações relevantes na área da Periodontia para estudantes, profissionais e pacientes. Uma interação maior ocorre através das mensagens diretas onde estudantes, profissionais e pacientes tiram suas dúvidas sobre os assuntos abordados nas postagens. Os alunos extensionistas participam com a sugestão de temas, produção de material e exposição de opiniões sobre o conteúdo postado. Todo o conteúdo direcionado ao perfil tem caráter educativo/informativo e passa pela moderação de um docente do projeto antes de ser efetivamente postado. As publicações são feitas diariamente, de segunda a sexta, com conteúdo didático relacionado a diversas áreas dentro da Periodontia. Esses conteúdos são voltados para profissionais e acadêmicos da área e com linguagem acessível a pacientes e ao público geral.

Figura 3 – Página inicial do Instagram @perioufpel.

Fonte: Acervo do projeto.

Aliado a isso, por meio de uma ferramenta da própria rede social, são aplicados questionários em forma de "Quiz", a cada duas semanas, abordando os conteúdos postados durante esse período. Essa medida, além de aumentar a interação com o público, funciona como um complemento pedagógico para as postagens. Apresenta-se como uma forma de mensurar o conhecimento adquirido e/ou revisar conteúdos aprendidos. Além disso, o perfil é uma importante ferramenta na divulgação de eventos online que ocorrem no formato de conferências cuja dinâmica será descrita a seguir.

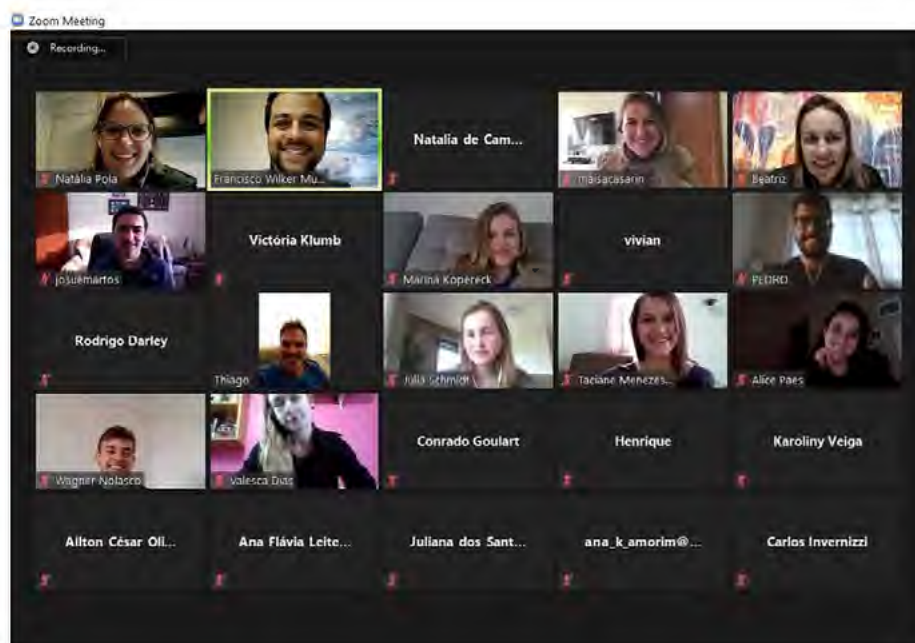
O perfil do Instagram trouxe alguns números interessantes (Fig. 4). No momento da escrita desse capítulo, a conta possui 915 seguidores e 60 publicações, sendo a primeira publicação feita no dia de inauguração da página, 28 de maio de 2020. Além dos alunos extensionistas envolvidos no projeto, houve também a participação dos demais alunos da FO-UPFel, os quais representam 35% dos acessos ao perfil. Além desses, pessoas de outras localidades podem ser citadas como consumidores do conteúdo divulgado, os quais estão situados em Porto Alegre, Santa Maria, Rio Grande e São Paulo, apresentando uma taxa de participação de 5%, 5%, 2% e 2%, respectivamente, comprovando o caráter extensionista dessa atividade. A principal faixa etária que acessa o referido conteúdo é de 25-34 anos, correspondendo a 42% dos acessos. A faixa etária de 18-24 anos é responsável por 39% dos acessos e a faixa de 35-44 anos fica em terceiro lugar com 12% dos acessos. Um menor percentual de usuários com mais de 45 anos também é reportado. Com relação ao gênero, os acessos à página são realizados majoritariamente pelo público feminino, que corresponde a 73% dos acessos, e o público de homens representa 27%.

Figura 4 – Estatísticas do Instagram @perioufpel, considerando a localização, faixa etária e gênero do público atingido, além das publicações mais vistas.

Fonte: Acervo dos projeto.

Em média, as publicações são vistas por 430 pessoas diariamente. A postagem mais visualizada foi realizada no dia 21 de julho. Esta postagem abordou um artigo científico, mostrando a melhor sequência para a higiene oral, levando em consideração o uso do fio dental e da escova dentária. Essa publicação foi vista 1.426 vezes, número bem maior que o número médio de publicações do perfil. O elevado número pode ser justificado pela abrangência do tema que este tipo de postagem atinge como profissionais, graduandos e pacientes da UFPel e de outras localidades, que podem se beneficiar desse conhecimento. Uma forma muito utilizada para medir as interações dos usuários com as páginas no Instagram é a taxa de engajamento. Dentro da plataforma, a taxa média é de aproximadamente 3%. Contudo, o perfil do projeto, no momento

da escrita desse capítulo, apresentava 7,32% de taxa de engajamento, o que coloca a página em certa posição de destaque.

Além das atividades em mídias sociais, o projeto desenvolve também ciclo de palestras virtuais periódicos (Fig. 5), com a participação dos professores responsáveis, alunos extensionistas do projeto e a comunidade odontológica em geral, uma vez que as palestras são abertas ao público, tratando de assuntos de interesse acadêmico e clínico. As aulas acontecem por meio de plataformas de conferência online como o Zoom® (Zoom Video Communications San Jose, Califórnia, USA) e o Google Meet® (Google Corp. Mountain View, California, USA). A migração dessas atividades parciais do projeto para o ambiente virtual possibilitou um maior alcance, permitindo a adesão de novos ouvintes, não extensionistas, que passaram a ter acesso aos encontros. Além disso, devido a esse maior alcance foi possibilitado que professores e profissionais de outras instituições pudessem ser convidados para ministrarem as aulas, bem como trazerem suas experiências profissionais e apresentarem sua área de pesquisa e outros temas que possuam o domínio.

Figura 5 – Evento online do projeto com a participação de extensionistas, professores e demais participantes, com aulas com os temas “O cirurgião-dentista no ambiente hospitalar” e “Trabalho voluntário na África: promovendo saúde bucal”.

Fonte: Acervo do projeto.

Os encontros são mediados pelos docentes do projeto que, ao final de todas as aulas expositivas, ativam uma breve discussão, com dúvidas do público e questionamentos que enriquecem a apresentação. A localização desses ouvintes se divide pelo Brasil, sendo que os registros mostram participantes das cinco macrorregiões do país. Mais especificamente, pode-se citar participantes dos seguintes estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Distrito Federal, Ceará e Rondônia. Os encontros trazem uma média de 77 participantes entre profissionais, professores, estudantes de graduação e pós-graduação, sendo uma importante fonte de compartilhamento de conhecimento teórico e clínico, tanto nas aulas expositivas, quanto nas breves discussões realizadas ao final destas.

Ao final de cada palestra, os participantes são convidados a preencherem um questionário sobre a qualidade de cada palestra, incluindo também possíveis sugestões. Em relação a isso, foi observada uma maior participação do público feminino (76,4%), uma idade média de 26,7 anos (desvio padrão: 5,3). A maior parte do público alvo são alunos de graduação (66,1%), porém houve também a participação de profissionais já graduados (13,6%). Já quando se perguntou a classificação das palestras ministradas, 96,6% dos participantes aferiram que a atividade foi excelente, enquanto que 3,4% reportaram como boa. As opções regular, ruim ou muito ruim não foram reportadas por nenhum dos participantes.

Conclusões e considerações finais

A pandemia pelo novo coronavírus revolucionará a rotina da prática clínica odontológica, mas é inegável que as estratégias de ensino odontológico também serão afetadas pela atual pandemia. Com o uso das duas estratégias de disseminação de conhecimento em Periodontia, ficou evidente que a participação dos alunos extensionistas é fundamental para que essa informação seja disseminada para o público externo, incluindo outros discentes em Odontologia do país e pacientes. É válido reforçar que o uso das mídias sociais não substitui os métodos tradicionais de troca de conhecimento. Contudo, esses artifícios podem ser interessantes para fixação e complementação de conteúdo.

ALMEIDA, R. F. *et al*. Associação entre doença periodontal e patologias sistémicas. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**. [s. l.], v. 22, n. 3, p. 379-390, 2006.

BECK, J. D. *et al*. Periodontal Medicine: 100 Years of Progress. **Journal of Dental Research**. [s. l.], v. 98, n. 10, p. 1053-1062, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Grande maioria dos universitários tem acesso à internet**. [s. l.], 5 set. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior--1690610854/4078-sp-241000182>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BRIGNARDELLO-PETERSEN, R. *et al*. A practical approach to evidence-based dentistry: understanding and applying the principles of EBD**. Journal of American Dental Association**. [s. l.], v. 145, n. 11, p. 1105-7, 2014.

CHAMBRONE, L. *et al*. Periodontitis and chronic kidney disease: a systematic review of the association of diseases and the effect of periodontal treatment on estimated glomerular filtration rate. **Journal of Clinical Periodontology**. [s. l.], v. 40, n. 5, p. 443-456, 2013.

CHAPPLE, I. L. C. *et al*. Periodontal health and gingival diseases and conditions on an intact and a reduced periodontium: Consensus report of workgroup 1 of the 2017 World Workshop on the Classification of Periodontal and Peri-Implant Diseases and Conditions. **Journal of Clinical Periodontology**. [s. l.], v. 45, n. 20, p. 68-77, 2018.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES 3**, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. [s. l.]. ano 2, v. 1, p. 31-34, 2002.

DECKER, A. *et al*. The assessment of stress, depression, and inflammation as a collective risk factor for periodontal diseases: a systematic review. **Clinical Oral Investigations**. [s. l.], v. 24, n. 1, p. 1-12, 2020.

HAJISHENGALLIS, G.; KOROSTOFF, J. M. Revisiting the Page & Schroeder model: the good, the bad and the unknowns in the periodontal host response 40 years later. **Periodontology 2000**. [s. l.], v. 75, n. 1, p. 116-151, 2017.

KASSEBAUM, N. J. *et al*. Global burden of severe periodontitis in 1990-2010: a systematic review and meta-regression. **Journal of Dental Research**. [s. l.], v. 93, n. 11, p. 1045-53, 2014.

LEITE, F. R. M. *et al*. Effect of Smoking on Periodontitis: A Systematic Review and Meta-regression. **American Journal of Preventive Medicine**. [s. l.], v. 54, n. 6, p. 831-841, 2018.

LI, Y. *et al*. Prevalence and severity of gingivitis in American adults. **American Journal of Dentistry**. [s. l.], v. 23, n. 1, p. 9-13, 2010.

MORAN, M. *et al*. Book Review. **The International Journal of Health Planning and Management**. [s. l.], v. 11, n. 4, p. 359-365, 1996.

MUNIZ, F. W. M. G. *et al*. Body fat rather than body mass index is associated with gingivitis - A southern Brazilian cross-sectional study. **Journal of Periodontology**. [s. l.], v. 89, n. 4, p. 388-396, 2018.

NAGLE, M. M. *et al*. Dificuldades relatadas por estudantes de odontologia diante de procedimentos relacionados à periodontia. **Revista da ABENO**. [s. l.], v. 10, n. 1, p. 37-41, 2010.

NWIZU, N. *et al*. Periodontal disease and cancer: Epidemiologic studies and possible mechanisms. **Periodontology 2000**. [s. l.], v. 83, n. 1, p. 213-233, 2020.

PALDÊS, R. **O uso da Internet na educação superior de graduação**: estudo de caso de uma universidade pública brasileira. 1997. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 1999.

PEW RESEARCH CENTER. Teens, social media & technology. 2018. [s. l.]. 31 mai. 2018. Disponível em: <https://www.pewinternet.org/wp-content/uploads/sites/9/2018/05/PI_2018.05.31_TeensTech_FINAL.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PRESHAW, P. M. *et al*. Treatment of periodontitis reduces systemic inflammation in type 2 diabetes. **Journal of Clinical Periodontology**. [s. l.], v. 47, n. 6, p. 737-746, 2020.

RIDEOUT, T. Measuring time spent with media: The Common Sense census of media use by US 8- to 18-year-olds. **Journal of Children and Media**. [s. l.], v. 10, n. 1, p. 138-144, 2016.

SANTOS, P. M. Contributos da Extensão Universitária Brasileira à Formação Acadêmica Docente e Discente No Século XXI: Um Debate Necessário. **Revista Conexão UEPG**. [s. l.], v. 6, n. 1, p. 10-15, 2010.

SHKLAR, G.; CARRANZA, F. A. Introdução: Os Antecedentes Históricos da Periodontia. In: CARRANZA, F. A.; NEWMAN, M. G.; TAKEI, H.; Klokkevold, P. R. **Carranza Periodontia Clínica**. 12º. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 70-99, 2016.

WAGNER, M. C. *et al*. Effect of Alcohol Consumption on Clinical Attachment Loss Progression in an Urban Population From South Brazil: A 5-Year Longitudinal Study. **Journal of Periodontology**. [s. l.], v. 88, n. 12, p. 1271-1280, 2017.

Sobre os autores

FRANCISCO WILKER MUSTAFA GOMES MUNIZ, graduado em Odontologia na UFC. Doutor em Clínica Odontológica/Periodontia na UFRGS. Professor adjunto A da Faculdade de Odontologia da UFPel. Coordenador do projeto desde 2018.
E-mail: wilkermustafa@gmail.com.

PEDRO PAULO DE ALMEIDA DANTAS, graduando em Odontologia na UFPel. Vinculado ao projeto desde 2019 e bolsista desde 2020.
E-mail: pedro15_paulo@hotmail.com.

ANA FLÁVIA LEITE PONTES, graduanda em Odontologia na UFPel. Vinculada ao projeto desde 2018.
E-mail: anaflavialeitepontes@gmail.com.

MAÍSA CASARIN, graduada em Odontologia na UFN. Doutora em Ciências Odontológicas - Ênfase em Periodontia na UFSM. Professora adjunto A da Faculdade de Odontologia da UFPel. Professora colaboradora do projeto desde 2018.
E-mail: maisa.66@hotmail.com.

NATÁLIA MARCUMINI POLA, graduada em Odontologia na FOA/Unesp. Doutora em Odontologia - Área de concentração em Periodontia na FOA/Unesp. Professora adjunto da Faculdade de Odontologia da UFPel. Professora colaboradora do projeto desde 2018.
E-mail: nataliampola@gmail.com.

COMO FAZER EXTENSÃO EM TEMPO DE ISOLAMENTO?

Giovana Duzzo Gamaro
Sara Ferreira Nunes
Giulia Batista de Freitas
Paula Pedroso Domingues

Introdução

A Extensão Universitária é uma das bases que compõem o tripé de sustentação da Universidade. Associada ao ensino e à pesquisa, possui caráter interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político e tem como finalidade promover a interação transformadora entre a universidade e a sociedade. Dentre os objetivos da extensão, destaca-se: a interação dialógica, o impacto na formação do estudante e a transformação social. De acordo com Soares e Ferreira (2015), a interação dialógica orienta o desenvolvimento das relações entre a universidade e a sociedade de modo que haja uma troca efetiva de saberes. Já a

formação do estudante extensionista é enriquecida pela associação entre conceitos teóricos e metodológicos aplicados na prática *in loco*. Nessa linha, a transformação social reafirma a extensão universitária como um mecanismo de inter-relação da universidade com outros setores da sociedade; espera-se que as ações empreendidas contribuam para a transformação da área sobre a qual incidem e que sejam efetivas na resolução dos problemas.

As diretrizes que orientam as ações extensionistas envolvem também a interdisciplinaridade e interprofissionalidade e a indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão. A primeira tem como objetivo combinar as especializações de modo a construir uma visão holística no atendimento às necessidades das comunidades, visto que os grupos e os setores sociais possuem complexidades inerentes. Dessa maneira, espera-se que a construção de alianças intersetoriais e interprofissionais contribuam para a execução das ações extensionistas de modo efetivo. A relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão mostra que a extensão universitária é um processo acadêmico e que o fortalecimento dessa relação indissociável resulta na maior efetividade das ações extensionistas, pois abre diversas possibilidades de articulação entre a universidade e a sociedade. Além disso, contribui significativamente na formação do estudante e na trajetória do professor (SOARES; FERREIRA, 2015).

O compromisso social da universidade é realizado por meio da extensão. Esta interfere diretamente na realidade da comunidade incentivando a participação em projetos,de modo que a população pode construir seu conhecimento por meio das informações provenientes do ensino e da pesquisa, desenvolvidos nas instituições (RODRIGUES *et al.*, 2013). Os projetos de extensão universitária buscam a inclusão da comunidade, por meio do pertencimento dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação dos acadêmicos e suas ações realizadas em diversos formatos, de acordo com a necessidade local.

Sendo assim, estas atividades necessitam de um ambiente de troca e interação presencial com a comunidade, as quais foram inviabilizadas devido ao contexto da pandemia do Coronavírus (Covid-19) e consequente isolamento social. No entanto, a suspensão das atividades em campo não significou um rompimento neste vínculo, apenas exigiu a busca por novas alternativas para dar continuidade aos projetos, ainda

que a troca cultural, política e de conhecimentos esteja comprometida pela ausência do contato presencial, é possível, por meio das tecnologias da informação, ampliar e dinamizar a troca dos saberes, bem como a possibilidade de atingir um público maior. Nesse contexto, as redes sociais foram utilizadas como ferramenta de interação com a comunidade em geral, pois atualmente é uma das formas de comunicação e de difusão de conhecimentos.

Uma rede social conecta pessoas com interesses em comum e pode ser entendida como um espaço de compartilhamento de experiências, colaboração com projetos e participação do aprendizado coletivo, pois, através delas, as informações são circuladas rapidamente. Por esta razão, as redes podem ser um excelente recurso de aprendizagem, pois o processo acontece de maneira formal e informal; aliado a isto, tornam-se uma poderosa alternativa para a realização de ações extensionistas nesse período de isolamento social, uma vez que ocorrem de forma *online*.

O projeto de extensão Descobrindo a Ciência na Escola, frente à realidade de suspensão das atividades presenciais, deu continuidade às suas atividades por meio do desenvolvimento de materiais e criação de um perfil nas redes sociais, sobretudo o *Instagram* e o *Facebook,* com intuito de informar o público sobre o atual cenário da ciência. Para tanto, foram produzidos conteúdos educativos e didáticos que abordam diferentes temas envolvendo a ciência. As reuniões semanais foram adaptadas ao presente momento de isolamento, sendo realizadas de forma completamente remota através da plataforma de *web*conferência da UFPel (*WEBConf)*. Neste ambiente são discutidos temas relacionados a área das Ciências Biológicas e, sobretudo, sobre a pandemia da Covid-19, ademais, são designadas tarefas a cada participante.

Os temas são escolhidos com base na formação dos integrantes, pelo método de busca sistemática de artigos; após a apresentação e discussão sobre os assuntos com o grupo, são criados conteúdos educativos e didáticos através da seleção de informações nos materiais pesquisados. Posteriormente, as principais ideias do artigo e/ou reportagem são transformadas em um texto acessível e atrativo, a fim de que o público leigo no assunto possa compreender. Juntamente com o texto são colocadas imagens ilustrativas, com o objetivo de chamar a atenção do leitor,

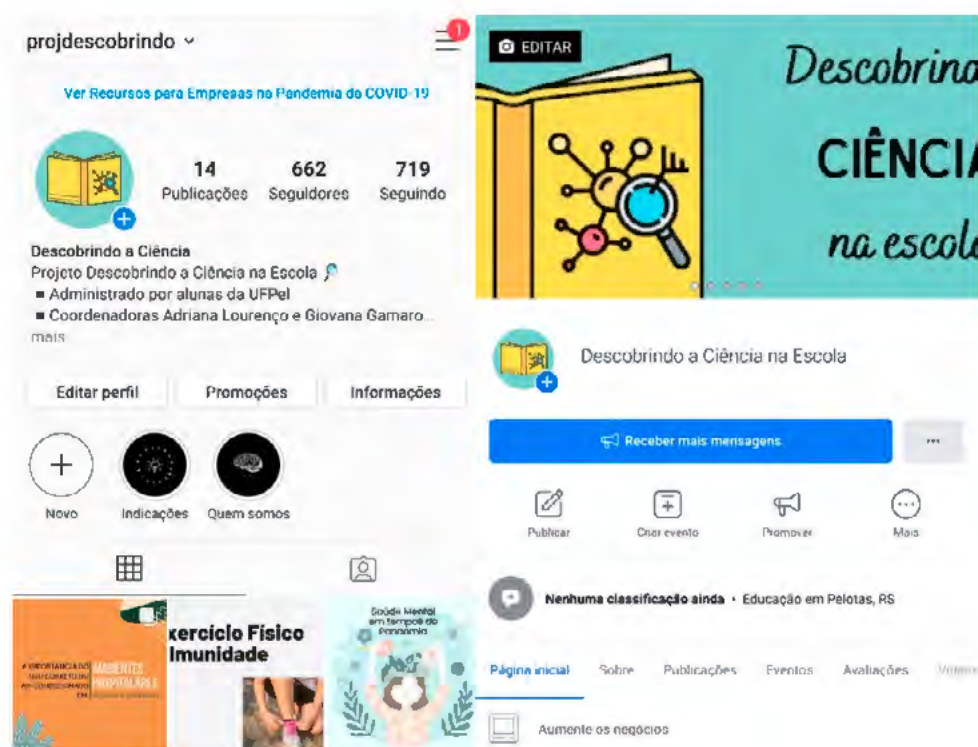
ferramentas utilizadas são plataformas de *design* gráfico que permitem a criação de conteúdos visuais mais dinâmicos.

Criado em 2010, o projeto de extensão Descobrindo a Ciência na Escola, tem como foco a interação entre os acadêmicos e os alunos do ensino fundamental e médio por meio do desenvolvimento de temáticas voltadas para as áreas de interesse da comunidade escolar. No decorrer dos anos, foram trabalhados diferentes temas, tais como: medicina natural, resíduos sólidos, educação ambiental e neurociências, por meio de atividades criativas, lúdicas e de caráter multidisciplinar. Desde a sua criação, a equipe passou por transformações de acordo com a composição do grupo dos acadêmicos participantes. A característica principal sempre foi a composição multidisciplinar agregando diferentes áreas do conhecimento, como: Química, Enfermagem, Nutrição, Medicina e afins. Atualmente o grupo é composto por acadêmicas dos cursos de Farmácia, Educação Física, Medicina e Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). É importante destacar que essa composição plural proporciona vários olhares sobre os temas propostos e discussões produtivas a respeito dos mesmos.

Em relação aos temas compartilhados, buscou-se assuntos atuais acerca da pandemia: vacinas, tratamentos, impactos do isolamento na saúde mental e consequências da Covid-19 na saúde das pessoas infectadas. Além disso, outros conteúdos científicos são compartilhados de forma intercalada, pois o principal objetivo é informar, mas também estimular a exploração de outros assuntos entre as diversas áreas, incluindo conteúdos de farmácia, medicina veterinária, educação física, medicina e curiosidades em geral, a fim de contribuir com a aprendizagem e amenizar a tensão do "seguidor", que pode sofrer com o estresse neste período de isolamento social. Devido ao contexto atual, espera-se a disseminação desses temas, *a priori*, pelas redes sociais, e após este período, de maneira presencial nas escolas da rede estadual e municipal de Pelotas.

Tendo em vista o importante papel da extensão universitária na ampliação do conhecimento e na transformação social, a principal justificativa do presente trabalho é a importância da divulgação de conteúdos educativos referentes à pandemia do novo Coronavírus em ambiente virtual. O estudo de Mauch *et al*., (2020), relata que os jovens em ambiente domiciliar e com poucas atividades de lazer e atividades

escolares disponíveis, fazem uso abusivo das redes sociais neste período de ócio. Seguindo esta linha de raciocínio, estima-se que parte do público alvo utiliza as mídias sociais *Instagram* e *Facebook* para buscar informações; devido a esse fato, houve a iniciativa da criação dos perfis nessas mídias com intuito de compartilhar informações que contribuam e ampliem a consciência acerca do comportamento adequado no contexto de isolamento social. A figura 1 mostra as mídias sociais onde as postagens são realizadas.

Figura 1 – Perfis das redes sociais Descobrindo a Ciência na Escola.

Fonte: <https://www.instagram.com/projdescobrindo/>.

Dessa forma, o projeto fornece atualizações e recomendações necessárias para evitar a propagação da doença, divulga possíveis tratamentos e vacinas desenvolvidas, como também informa as implicações que a Covid-19 pode trazer ao organismo humano, e assim colabora com o entendimento mais detalhado sobre essa nova doença. Como um incentivo a mais que ratifica a importância da iniciativa, observou-se que na UFPel este projeto busca abordar temas científicos no dia-a-dia o que pode instigar outros alunos a explorarem mais profundamente o tema.

O presente texto possui uma abordagem qualitativa descritiva, no

qual são apresentados aspectos de planejamento, execução, eficácia e desafios enfrentados na utilização de redes sociais, como estratégia de comunicação e atendimento ao público, pela equipe do Projeto Descobrindo Ciência na Escolada Unidade de Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) da UFPel.

Projeto descobrindo a ciência na escola nas redes sociais

Como relatado anteriormente, os conteúdos compartilhados nas páginas criadas versam sobre diversos assuntos relacionados à pandemia do Coronavírus. Uma das primeiras preocupações do projeto foi buscar conteúdos que abordassem os aspectos psicológicos frente ao isolamento social. Acredita-se que nesse contexto podem aumentar a incidência de desordens psicológicas adversas, como, por exemplo, a alteração no humor, que pode gerar quadros depressivos e de ansiedade. Esses riscos são maiores, principalmente, no período de quarentena e quando há o temor de infecção. Por esta razão, é indispensável que estratégias de prevenção e mitigação sejam desenvolvidas (BLANCO; WALL; OLFSON, 2020).

Devido à importância desse assunto, foram produzidas temáticas voltadas a informar sobre a existência de projetos voluntários de assistência psicológica, tanto para os profissionais de saúde como para a população em geral. A figura 2 mostra algumas imagens da série de postagens sobre saúde mental e abrange também dicas de como lidar com esse momento tão delicado e proteger a saúde mental e física. O conteúdo "*Lidando com a crise SARS-CoV-2*", publicado no dia 17/06/2020, destacou as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) para enfrentar esses momentos difíceis, sendo uma delas o cuidado em manter o contato social com amigos e familiares mesmo que de forma remota. No dia 06/08/2020, o tema da postagem foi "***Saúde Mental em tempos de Pandemia***", que abordou os fatores que podem ser ocasionados pelo isolamento social e informações de atendimento psicológico gratuito.

Figura 2 – Postagens sobre saúde mental.

Fonte: <https://www.instagram.com/projdescobrindo/>.

No que diz respeito à vacina, sabe-se que o seu desenvolvimento pode levar muito tempo, no entanto, novas plataformas de fabricação, *design* de antígeno baseado em estrutura, biologia computacional, engenharia de proteínas e síntese de genes, forneceram as ferramentas para fazer vacinas com velocidade e precisão. Apesar das inovações citadas, a conclusão sobre a segurança das vacinas exige um processo longo, pois há o risco de que a vacinação possa tornar a reinfecção por SARS-CoV-2 ainda mais grave, sobretudo quando os anticorpos produzidos não neutralizam o vírus (GRAHAM *et al*., 2020).

No que se refere à expectativa da produção de uma vacina contra a Covid-19, que pode representar o fim da pandemia, é importante a divulgação de atualização dos estudos e testes realizados no mundo. Nesse contexto, é essencial entender como as imunizações funcionam e quais os tipos de vacinas que estão sendo desenvolvidas. Além disso, a eficácia, avaliada pela imunogenicidade, e a segurança, avaliada pelas reações adversas, devem ser entendidas como fatores essenciais para a aprovação de uma vacina. Devido à relevância desse tema, foram postadas nos dias 21/07/2020 ***"Vacinas contra a covid-19"*** e no dia 04/08/2020 ***"Vacina de Oxford"*** (Fig. 3), com a finalidade de manter o público atualizado sobre a produção das vacinas, bem como dos estudos que avaliam os seus testes.

Figura 3 – Postagens sobre vacinas.

Fonte: <https://www.instagram.com/projdescobrindo/>.

É fundamental a compreensão acerca das etapas da produção das vacinas, por esta razão o tema foi explorado na publicação "***Vacinas contra a covid-19***", onde são explicadas as etapas da produção de uma vacina. Inicialmente há a determinação do antígeno que causará a resposta imune, seguida dos testes em animais. Se os resultados forem promissores, iniciam os testes em humanos em três fases. De acordo com o Instituto Butantan[1], o processo de pesquisa e desenvolvimento de uma vacina é constituído de diversas etapas. Na fase 1, a vacina é testada em um pequeno grupo de pessoas e a finalidade é avaliar sua segurança; na fase 2, a quantidade de participantes é maior e são incluídos os idosos, as crianças e outros grupos. Por fim,na fase 3 é testada a segurança e a eficácia em milhares de pessoas para se avaliar os efeitos adversos. A importância dessa informação corrobora com a conscientização de que esse processo é de longa duração e requer muitas etapas até a produção final para consumo, portanto, está implícita a ideia da importância das medidas de precaução contra a contaminação. Além disso, na publicação "***Vacina de Oxford***", iniciamos a exploração sobre as pesquisas realizadas na Universidade de Oxford.

A OMS declarou situação de pandemia em março de 2020 e desde esse momento tem-se buscado alternativas de tratamentos, no entanto,

1. Disponível em: <http://www.butantan.gov.br/pesquisa/ensaios-clinicos>. Acesso em: 15 ago. 2020.

todos os resultados são incipientes. De acordo com o boletim do Instituto para Práticas Seguras (ISMP) no uso de Medicamentos[2], o surgimento de novos fármacos devem seguir uma ordem criteriosa: desde a descoberta até a aprovação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), o fármaco deve passar por vários testes, inicialmente *in vitro*, posteriormente em animais e humanos. Estima-se que de 250 fármacos em potencial para o tratamento, apenas um é aprovado. A figura 4 refere-se à postagem que foi divulgada no dia 18/08/2020 abordando o tema "***Tratamentos covid-19***".

Nesse sentido, a relação risco/benefício dos tratamentos para a Covid-19 devem ser analisados por profissionais competentes pois, além de não apresentar os efeitos desejados, também podem causar efeitos adversos graves. A OMS não recomenda a automedicação com qualquer tipo de medicamento para prevenção ou cura da doença, por isso as informações acerca dos tratamentos são essenciais, uma vez que a tendência da automedicação é crescente.

Figura 4 – Postagem sobre Tratamentos para a Covid-19.

Fonte: <https://www.instagram.com/projdescobrindo/>.

Informar ao público sobre as complicações advindas da infecção por Sars-cov-2 é fundamental para ampliar a consciência sobre as consequências da doença na saúde humana, uma vez que há estudos

2. Disponível em: <https://www.ismp-brasil.org/site/wp-content/uploads/2020/04/BOLETIM-ISMP-BRASIL_COVID-19.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

mostrando as complicações relacionadas à Covid-19, sendo uma delas a Síndrome Respiratória Multissistêmica Pediátrica. Embora a infecção por Sars-Cov-2 seja mais branda em crianças, foram relatados casos graves de respostas inflamatórias sistêmica. Logo, de acordo com Deza *et al.* (2020) recomenda-se uma vigilância para complicações cardiovasculares, febre, náuseas, vômitos e comprometimento respiratório na população pediátrica.

A Covid-19 pode, também, predispor pacientes a doenças trombóticas devido, entre outras consequências, à inflamação excessiva (BIKDELI *et al*. 2020). Além disso, evidências clínicas e epidemiológicas crescentes apontam que, além da lesão pulmonar aguda, os pacientes com Covid-19 apresentam lesões miocárdicas e complicações arrítmicas. Dessa forma, aconselha-se a vigilância cuidadosa, em particular em pacientes com comorbidades cardíacas anteriores (KOCHI *et al*., 2020). Na figura 5, que foi compartilhada no dia 20/08/2020, está disponível a publicação "***Complicações COVID-19***", a qual aborda estes conteúdos aqui expostos.

Somando-se a esse tópico desenvolvemos o tema "***Obesidade Covid-19***" informando que a obesidade, que também pode ser considerada uma epidemia mundial, pode estar relacionada com o agravamento dos casos de Covid-19. Evidências apontam que obesos, que geralmente desenvolvem complicações como diabetes e hipertensão, podem estar predispostos a desenvolver o quadro mais grave da doença, exigindo internação hospitalar e ventilação mecânica (FINER; GARNETT; BRUUN, 2020).

Figura 5 – Postagens sobre as complicações da Covid-19.

Fonte: <https://www.instagram.com/projdescobrindo/>.

As postagens abordando a pandemia são alternadas com outros temas, visto que o objetivo do projeto é também apresentar curiosidades com embasamento científico, assim como resultados de pesquisas na área das ciências biológicas. Dentre os assuntos estão: razões pelas quais as mulheres comem mais doce na tensão pré-menstrual, efeitos da cafeína, ciclo circadiano, meditação, música e cérebro, atividades físicas e microbiota. Na figura 6 são mostrados alguns temas que tem por objetivo aguçar a curiosidade do público e despertar o interesse para a melhor compreensão destes.

Figura 6 – Postagens sobre temas relevantes ao projeto.

Fonte: <https://www.instagram.com/projdescobrindo/>.

Conclusões

A página foi criada em junho de 2020 e até o presente momento possui cerca de 700 seguidores. Pode ser acessada em ambas as redes sociais pelo seguinte nome de usuário @projdescobrindo.

Acreditamos que o objetivo de divulgar temas sobre Ciência e Covid-19 parecem ser efetivos. Cabe ressaltar que após a consolidação das mídias sociais iremos avaliar por meio de diferentes ferramentas de coleta de informações o perfil dos seguidores a para produção de temas de acordo com os mesmos. Além disso, pretendemos continuar com esse canal de comunicação mesmo após o término do período de pandemia. Essa ação foi de grande aprendizado para os acadêmicos e professores do projeto.

Espera-se que o projeto, além de informar sobre a pandemia, amplie a consciência do público sobre a importância do isolamento social e dos hábitos de higiene necessários para amenizar a propagação da Covid-19.

Somado a isso, o projeto também enfatiza os aspectos psicológicos implicados no afastamento das pessoas devido ao contexto pandêmico, logo, é esperado que os conteúdos contribuam positivamente para a maneira de lidar com esse momento tão atípico.

Referências

BIKDELI, B Madhavan *et al*. COVID-19 e doença trombótica ou tromboembólica: implicações para prevenção, terapia antitrombótica e acompanhamento. **Journal of the American College of Cardiology**, [*s. l.*], v. 23, p. 2950-2973, 2020.

BLANCO, Carlos; WALL , Melanie M.; OLFSON, Mark. Aspectos psicológicos da pandemia de COVID-19. **Journal of general internal medicine**, [*s. l.*], v. 35,9, p. 2757-2759, 2020.

DEZA, Maria Paz Leon *et al*. COVID-19 - Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica Associada. **Journal of the Pediatric Infectious Diseases Society**, [*s. l.*], v. 9, p. 407-408, 2020.

FINER, Nick; GARNETT , Sarah P.; BRUUN, Jens M. COVID-19 e obesidade. **Clinical Obesity**, [*S. l.*], v. 10, n. 3, p. 1-2, 25 set. 2020.

GRAHAM, Barney S. *et al*. Desenvolvimento rápido da vacina COVID-19. **Science**, [*s. l.*], v. 368, p. 945-946, 2020.

KOCHI, Adriano Nunes *et al*. Complicações cardíacas e arrítmicas em pacientes com COVID-19. **Journal of Cardiovascular Electrophysiology**, [*s. l.*], v. 31, ed. 5, p. 1003-1008, 2020.

MAUCH, Ana Gabriela Duarte *et al*. **A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infanto-juvenil, diante da pandemia por Covid-19**. [*S. l.*], 2020. Disponível em: <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/12/17>. Acesso em: 9 ago. 2020.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima *et al*. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação**, Aracaju, v. 1, n. 16, p. 141-148, mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/viewFile/494/25>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SOARES, Laura Tavares Ribeiro; FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra

(org.). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. 66 p. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de--Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

Sobre as autoras

GIOVANA DUZZO GAMARO, graduada em Ciências Biológicas pela UFRGS. Doutora em Bioquímica pela UFRGS. Profª associada no Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA - UFPel), Curso de Farmácia, coordenadora do projeto.
E-mail: giovana.gamaro@ufpel.edu.br

SARA FERREIRA NUNES, graduanda em Medicina pela UFPel. Bolsista do projeto desde junho de 2020.
E-mail: f.saranunes@gmail.com

GIULIA BATISTA DE FREITAS, graduanda em Medicina Veterinária pela UFPel. Voluntária no projeto desde março de 2020.
E-mail: giuliafreitas126mm@gmail.com

PAULA PEDROSO DOMINGUES, graduanda em Farmácia pela UFPel. Voluntária no projeto desde março de 2020.
E-mail: paullapdo@gmail.com

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: INCLUSÃO DE RECURSOS DIGITAIS NO REARRANJO DAS ATIVIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ruth Irmgard Bärtschi Gabatz
Kaiane Passos Teixeira
Viviane Marten Milbrath
Michele Cristiene Nachtigall Barboza

Introdução

A educação em saúde é um meio de promover a universalidade da prevenção a partir da realidade de cada indivíduo, tornando-o sujeito ativo do cuidado. As práticas não devem ocorrer de maneira impositiva, mas por meio de diálogo, compartilhamento de experiências e informações que permitam a autonomia referente à saúde, refletindo positivamente sobre o indivíduo, no âmbito familiar e na comunidade. Sabe-se da importância de trabalhar questões relacionadas à saúde desde a infância, adequando os assuntos de acordo com a faixa etária (CARVALHO, 2015).

As questões ambientais e experiências vividas influenciam o desenvolvimento neurológico de um indivíduo, sendo que, circunstâncias adversas nos primeiros anos de vida podem resultar em atrasos cognitivos, alterações comportamentais, problemas relacionados à memória e ao aprendizado (BICK; NELSON, 2016). Diversas são as condições clínicas que acometem as crianças na infância, podendo acarretar em agravos, prejuízos físicos e até gerar a morte. Dentre essascondições prevalentes destacam-se: tosse ou dificuldade de respirar, diarreia, febre, dor de garganta, desnutrição, anemia e peso elevado (BRASIL, 2017). Assim sendo, a promoção dos cuidados à saúde da criança pelos profissionais da saúde contribui para o desenvolvimento saudável, a prevenção de agravos e a promoção da saúde.

Estabelecer vínculo de confiança, de afeto e de proteção possibilita entender o contexto familiar em que a criança está inserida, trabalhar o convívio social, além de identificar possíveis agravos da saúde física e psicológica os quais, se não tomadas as devidas precauções, podem submetê-los a situações de temor (MELLO *et al.*, 2017). Desse modo, o projeto de extensão "Aprender/Ensinar Saúde Brincando", do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), promove ações de educação em saúde para alunos do ensino fundamental I de uma escola estadual e com crianças hospitalizadas na unidade de pediatria do Hospital Escola da UFPel. A extensão universitária é um método educativo científico, teórico e prático, baseado na relação com a comunidade, a qual permite que ambas as partes agreguem conhecimento e troquem experiências (FORPROEX, 2012).

A organização deste projeto de extensão estava, antes da pandemia, pautada em encontros quinzenais nas dependências da UFPel com integrantes do curso de enfermagem de diferentes semestres. Vale ressaltar que o projeto é multidisciplinar e recebe acadêmicos de diversos cursos da área da saúde, como de odontologia, da nutrição e de farmácia. Nestes encontros realizava-se o levantamento de temas a serem trabalhados com as crianças, bem como a proposta de métodos lúdicos, para que, posteriormente em pequenos grupos, se implementassem as atividades na escola e no hospital. Além disso, esse momento era utilizado para debater sobre as atividades acadêmicas e artigos relacionados à saúde da criança.

Em decorrência da declaração por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, classificando como pandemia o surto pelo vírus SARS-CoV-2, a sociedade passou a enfrentar uma grande mudança no convívio social e rotina diária, decorrente das regras de distanciamento social, uma vez que a disseminação do vírus ocorre mediante o contato próximo com pessoas infectadas (WHO, 2020). O termo pandemia é utilizado para caracterizar uma doença que atinge simultaneamente grande número de indivíduos em diferentes países (POSSARI, 2011). Dessa forma, o setor educacional teve as aulas presenciais suspensas por tempo indeterminado, e assim, algumas escolas aderiram ao ensino à distância e o sistema de saúde, na perspectiva de minimizar os riscos de contaminação, ficou mais restrito, dando prioridade aos casos de maior emergência.

Diante do atual cenário, a comunicação *on-line* e o trabalho *home office* tornaram-se o novo modelo de produção de atividades. As empresas, os trabalhadores autônomos, os professores e os estudantes tiveram de se familiarizar com as tecnologias e incorporar esse mecanismo em sua rotina. Embora o ensino a distância apresente limitações, compreende-se a necessidade de se reinventar em um período de crise e buscar alternativas para dar continuidade, dentro das possibilidades, ao processo de ensinar e aprender (OLIVEIRA; SOUZA, 2020). Consequentemente, a extensão universitária teve de se adequar às práticas remotas, como forma de sustentar o vínculo dos integrantes, para o retorno à comunidade, quando possível. Assim, o uso da internet e das redes sociais tem sido forte aliado na comunicação do grupo e no planejamento de materiais para as atividades do projeto.

Com base no exposto, o objetivo deste artigo é apresentar as alterações na forma de elaborar e implementar as atividades no projeto de extensão "Aprender/ensinar saúde brincando" para manter os acadêmicos participantes ativos e atualizados, na perspectiva de fomentar a produção de conteúdo à comunidade assistida.

Trata-se de um relato de experiência sobre os rearranjos realizados para que as atividades de extensão do projeto "Aprender/ensinar saúde brincando" pudessem continuar mantendo os acadêmicos vinculados e ativos, mesmo que de forma virtual e à distância.

Estabelecer um contato com os cuidados à saúde desde os primeiros anos de vida é imprescindível para o desenvolvimento de crianças e jovens, visando garantir uma melhor qualidade de vida. Promover o conhecimento referente ao processo de hábitos saudáveis, imunização, prática de atividades físicas, convívio social e, posteriormente, assuntos ligados à adolescência são indispensáveis na prevenção e promoção de saúde. Conciliar essas ações ao ambiente escolar torna o processo ainda mais efetivo, por se tratar de um espaço que permite a formação de valores, crenças e pensamento crítico, além de contemplar indivíduos que se encontram, muitas vezes, em vulnerabilidade socioeconômica (BRASIL, 2011).

Sabe-se que ensinar através da recreação é uma maneira de efetivar o aprendizado das crianças. É importante adequar a vivência de acordo com a faixa etária e permitir que as crianças tenham contato com texturas, temperaturas, formas, práticas interativas e reflexivas, dentre outras atividades lúdicas que auxiliam no desenvolvimento motor, da consciência e promovem maior eficácia na assimilação (BURIN *et al.*, 2018).O uso do entretenimento ao abordar questões relacionadas à saúde é fundamental quando destinada a essa população, já que normalmente o atendimento dos profissionais da área da saúde é associado a situações que promovem temor ao público infantil. Assim, é importante utilizar métodos de educação em saúde que permitam a expressão de sentimentos da criança, que promovam interação e facilitem a compreensão, para desvincular as ações de saúde com a situação de doença, visto que a prevenção é um campo de atuação que deve ser melhor compreendido e fortalecido.

Nesse contexto, este projeto atua compartilhando informações referentes à saúde utilizando metodologias ativas, ou seja, estimulando a interação e a compreensão das crianças. Para isso, desenvolvem-se brincadeiras, jogos, uso de fantoches, desenhos, dentre outras práticas

dinâmicas, nas quais os integrantes do projeto interagem diretamente com público infantil.

Por conta das medidas de distanciamento, como forma de controlar a disseminação da COVID-19, as escolas mantiveram as atividades presenciais suspensas e o hospital em que o projeto atua estabeleceu medidas de restrição de entrada. A universidade também suspendeu o calendário acadêmico, inicialmente por três semanas, sendo prorrogado por tempo indeterminado. Assim, foi elaborado e implementado um calendário alternativo com atividades remotas para o primeiro semestre de 2020, disponibilizando disciplinas optativas e, de acordo com cada colegiado, disciplinas obrigatórias. No entanto, esse método não substitui o ensino presencial (UFPEL, 2020).

Dessa forma, os grupos de ensino, pesquisa e extensão tiveram de se adaptar às ações à distância, além de incluir em seu conteúdo o tema COVID-19. Buscando manter a prática das atividades do projeto de extensão "Aprender/Ensinar Saúde Brincando", criou-se um grupo de conversa *on-line,* em rede social *whatsapp*, com todos os integrantes organizando atividades e reuniões do grupo de forma remota. Posteriormente, organizou-se um cronograma e os acadêmicos expuseram os temas que consideravam importantes abordar. De acordo com as manifestações dos integrantes, elencaram-se os seguintes assuntos para serem abordados: COVID-19; lavagem de mãos; prevenção da gripe, com ênfase na importância da vacina; alimentação saudável; higiene dental e corporal; atividade física; primeiros socorros e *bullying.*

Após a determinação dos temas, os acadêmicos organizaram as atividades que foram sendo incluídas no cronograma. Inicialmente, cada integrante do projeto de extensão escolheu, por afinidade, em qual assunto desempenharia sua função, organizando-se em pequenos grupos, em média duas a quatro pessoas, para desenvolver os trabalhos. A proposta foi produzir materiais como folders informativos, jogos de cartas, jogos de dados, produção de brinquedos com material reciclável, dentre outros métodos que permitam o aprendizado de maneira lúdica.

Assim, os acadêmicos elaboraram diversas atividades com os temas escolhidos: folder sobre COVID-19, com informações sobre transmissão, prevenção e sintomas; folder sobre lavagem de mãos além de vídeo com orientações sobre a lavagem de maneira correta para o qual utilizou-se

tinta de tecido como representação da sujidade; informativo sobre a gripe, com sugestão de brincadeira ao ar livre utilizando imagens de métodos de prevenção; jogo para alimentação saudável, em que se elaborou cartas com informações sobre alguns alimentos e seus nutrientes; jogo de tabuleiro com dado referente a primeiros socorros com ênfase em acidentes domésticos; e cartilha sobre a prática e as consequências do *bullying*. Vale ressaltar que para todas as atividades utilizaram-se imagens que facilitam a compreensão do conteúdo com linguagem adequada às crianças.

Além disso, referente a cada tema abordado, foram elaborados pelo menos dois exercícios de escrita como caça palavras, atividade de ligar, desenhar, colorir, com o objetivo de, no próximo semestre, compor um livro de jogos, o qual será entregue para as crianças, quando passar o período de distanciamento social. A ideia do livro foi pensada em decorrência de uma avaliação feita pelos acadêmicos durante as práticas anteriores, na qual percebeu-se a importância de retomar os conteúdos de educação em saúde ao término do período de atividades, como forma de manter as informações presentes na rotina das crianças.

Dando sequência, foi solicitado aos acadêmicos que elaborassem fundamentação teórica para as atividades desenvolvidas. Planeja-se, a partir disso, elaborar um "Manual da Extensão", em que cada tema representará um capítulo, no qual serão abordados conceitos, informações, jogos e brincadeiras. Dessa forma, o material composto pelos integrantes do projeto, auxiliará pais e professores a trabalharem temas relacionados à saúde com as crianças.

Além disso, criou-se uma conta do projeto na rede social *Instagram*, para a qual desenvolve-se um cronograma de três postagens semanais, sendo segunda, terça e quarta-feira os dias escolhidos para publicação. As postagens inicias apresentavam o projeto, seu objetivo e forma de trabalho.

Posteriormente foram definidas algumas temáticas, ficando cada acadêmico participante do projeto responsável por desenvolver conteúdo sobre algum assunto, seguindo um padrão de *design* para elaboração de *card* (slide no formato de cartão contendo as informações principais acerca de cada tema). Os temas das publicações foram: Informativo sobre a gripe; sugestão de brincadeira para enfatizar métodos de prevenção à

gripe; vídeo da lavagem de mãos; informativo sobre COVID-19; alimentação saudável; atividade física; *bullying*; prevenção a acidentes de trânsito; informativo sobre acidentes ressaltando os números de emergências; pediculose; higiene oral; vídeo com orientação sobre como realizar a higiene oral; higiene corporal; vídeo com orientação sobre banho corporal utilizando uma boneca; corpo humano; importância da vacinação; e desenvolvimento infantil. A lista com as temáticas foi compartilhada no grupo de conversa *online* e cada integrante marcou o conteúdo pelo qual se responsabilizaria. Diversos *cards* já foram postados na página do projeto no *instagram* e foram acessados pela comunidade.

As publicações por meio da rede social permitem alcançar maior número de pessoas, expandindo para além do público ao qual o projeto já atendia. A partir disso, é possível ter maior interação com os indivíduos, saber quais conteúdos tem maior repercussão, possibilitando um espaço para questionamentos da população.

Ademais, em meio à necessidade de criar alternativas de atividades remotas, surgiu também o propósito de implementar uma nova proposta para o projeto, em que serão realizados, no próximo semestre, questionários como método de avaliação das práticas. Esses serão entregues aos professores da escola, aos alunos, aos pais e/ou pacientes da pediatria no retorno das atividades presenciais, elaborados com uma linguagem adequada para cada um, como forma de avaliar os pontos positivos e negativos da atuação do referido projeto de extensão nestes cenários. Dessa forma, o período de distanciamento social será utilizado também para elaborar os formulários de avaliação, adequando-os a cada grupo.

Entende-se que no atual período não é cabível a implementação de algumas atividades planejadas e das avaliações, visto que as práticas presenciais não estão ocorrendo. No entanto, é imprescindível iniciativas que visem aperfeiçoar e melhorar o projeto no futuro. Ademais, o grupo planejou-se para desenvolver conteúdos informativos como vídeos e folders, com foco no público infantil, mas que também auxiliam a população em geral, nos cuidados à saúde. Além das atividades já citadas, também foi utilizado o webconferência da UFPel para reunião entre os integrantes do projeto, como forma de aproximação e possibilidade dos acadêmicos se manifestarem frente às atividades realizadas, bem como foram elaborados e enviados trabalhos realizados para o Congresso

de Extensão e Cultura da UFPel (CEC-UFPel 2020). Destaca-se ainda que desempenhar a produção dos materiais e a prática de atividades remotas impactam positivamente na saúde mental dos acadêmicos os quais passam a se sentir ativos e reforçam o elo com a instituição.

Conclusão

As adaptações realizadas pela população em geral, no período de pandemia, são imprescindíveis para manter uma organização social. O distanciamento estabelecido trouxe para todos os indivíduos o desafio de se reinventar e se readaptar.

Do ponto de vista da extensão universitária, estreitar o vínculo entre os acadêmicos, docentes e as atividades acadêmicas é muito importante para dar seguimento a produções que retornem à comunidade. A necessidade de rearranjar as atividades e elaborar um cronograma novo e dinâmico firmou ainda mais a parceria dos integrantes com o projeto, além de mantê-los ativos, engajados nas ações, fomentando e disseminando conhecimento, o que auxilia até mesmo na saúde mental dos envolvidos.

As práticas remotas do grupo podem ser observadas como um ato de resiliência, visto que, através de uma grande mudança e enfretamento de dificuldades, conseguiu-se desempenhar conteúdos que eram renunciados em detrimento da sobrecarga de atividades curriculares obrigatórias. Sabe-se que o desenvolvimento de materiais lúdicos, mais interativos e diversificados, como vídeos, folders com desenhos e jogos de cartas e de tabuleiro, impacta no aprendizado e na adesão das crianças, efetivando a missão do projeto. Além disso, também contribui para a formação profissional dos acadêmicos envolvidos no projeto de extensão, que podem vivenciar na prática diversas formas e meios de praticar a educação em saúde e, assim, contribuir para a prevenção de doenças e promoção da saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **PASSO A PASSO PSE PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA - TECENDO CAMINHOS DA INSTERSETORIALIDADE.** 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 46 p. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/legislacao/passo_a_passo_pse.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de quadros de procedimentos**: Aidpi Criança: 2 meses a 5 anos / Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde, Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_quadros_procedimentos_aidpi_crianca_2meses_5anos.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

BICK, Johanna; NELSON, Charles. Early Adverse Experiences and theDevelopingBrain. **Neuropsychopharmacol**, v.41, p.177-196, 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/npp2015252>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BURIN, Fatima Osmari *et al*. Ludicidade e prática docente: impactos da metodologia Impare na educação infantil. *In*: III CONGRESSO INTERNACIONAL UMA NOVA PEDAGOGIA PARA A SOCIEDADE FUTURA, 2018, Recanto Maestro. **Anais [...]**. Recanto Maestro, p.594-601, 2018. Disponível em: <https://reciprocidade.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/361>. Acesso em: 5 jun. 2020

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312015000401207&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FORPROEX, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Disponível em: <https://wp.UFPel.edu.br/prec/files/2019/05/Politica_Nacional_de_Extensao_Forproext_2012.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MELLO, Débora Falleiros de *et al*. Nursingcare in earlychildhood: contributionsfromintersubjectiverecognition. **Revista Brasileira de**

Enfermagem, v.70, n.2, p.446-450, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v70n2/pt_0034-7167-reben-70-02-0446.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2020.

OLIVEIRA, Hudson do Vale de; SOUZA, Francimeire Sales de. DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO AO SISTEMA DE AVALIAÇÃO: REFLEXÕES EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA (COVID-19). **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA),** v. 2, n. 5, p. 15-24, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/OliveiraSouza/2867>. Acesso em: 5 jun. 2020.

POSSARI, João Francisco. **Glossário Técnico:** Termos de A-Z da área da saúde. 1. ed. São Paulo: Iátria, 2011.

UFPEL, Universidade Federal de Pelotas. **Publicado Calendário Alternativo.** Manchete, 2020. Disponível em: <http://ccs2.UFPel.edu.br/wp/2020/05/26/publicado-o-calendario-alternativo/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

WHO, Word Health Organization. **WHO caracterizes COVID-19 as a pandemic**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-they-happen>. Acesso em: 5 jun. 2020.

Sobre as autoras

RUTH IRMGARD BÄRTSCHI GABATZ, graduada em Enfermagem pela UFRGS. Doutora em Ciências pela UFPel. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Coordenadora do projeto de extensão “Aprender/ensinar saúde brincando”.
E-mail: r.gabatz@yahoo.com.br

KAIANE PASSOS TEIXEIRA, graduanda em Enfermagem na Faculdade de Enfermagem da UFPel. Bolsista do projeto de extensão “Aprender/ensinar saúde brincando.
E-mail: kaiane_teixeira@yahoo.com.br

VIVIANE MARTEN MILBRATH, graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela UFPel. Doutora em Enfermagem pela UFRGS. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Coordenadora

Adjunta do projeto de extensão "Aprender/ensinar saúde brincando".
E-mail: vivianemarten@hotmail.com

MICHELE CRISTIENE NACHTIGALL BARBOZA, graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela UFPel. Doutora em Ciências pela UFPel. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Integrante do projeto de extensão "Aprender/ensinar saúde brincando".
E-mail: michelenachtigall@yahoo.com.br

PRODUÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS E COVID-19 PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Franciele Roberta Cordeiro
Nataniele Kmentt da Silva
Carina Rabêlo Moscoso
Rayssa dos Santos Marques
Kaliana de Oliveira Silva
Jeferson Moreira Silveira

Introdução

A pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2 (*Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2)* repercutiu no aumento no número de óbitos decorrentes da síndrome respiratória aguda, causando preocupação às sociedades de conhecimento e às associações mundiais em cuidados paliativos (IAHPC, 2020; EAPC, 2020; ANCP, 2020).

Em alguns casos, as taxas de letalidade e a gravidade da doença, especialmente em pessoas idosas, repercutem em dilemas éticos acerca das decisões terapêuticas e prioridades a serem estabelecidas no que tange à utilização de determinados recursos de saúde (SFAP, 2020a). Além disso, o fato de ser uma doença contagiosa faz com que pacientes em estágio final sejam privados de despedidas e/ou não tenham seus sintomas adequadamente controlados. Da mesma forma, o processo de elaboração do luto pode ser comprometido (SFAP, 2020b; CRISPIM *et al.*, 2020).

Estudo realizado pelo Imperial College of London indica que o número de óbitos e os efeitos provocados pela *Coronavirus Disease2019* (Covid-19) tendem a ser piores em países menos favorecidos economicamente, os quais apresentam sistemas de saúde que não comportam o número de pessoas doentes que necessitam de hospitalização e de cuidados intensivos (WALKER *et al.*, 2020).

Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde (2020) e entidades de classe de diferentes países, incluindo o Brasil, elaboraram "guias" para auxiliar os profissionais de saúde em relação ao uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) (COFEN, 2020), a medidas de redução da transmissibilidade da doença e aos protocolos de atendimento em situações graves e críticas (AMIB, 2020a; AMIB, 2020b; AMIB, 2020c).

Além disso, sociedades de cuidados paliativos nacionais e internacionais preocuparam-se com o acompanhamento dos pacientes e das famílias em meio à pandemia da Covid-19, seja com relação aos cuidados no final da vida, ao corpo após o óbito ou aos efeitos das restrições relacionadas aos rituais e ao luto (IAHPC, 2020; EAPC, 2020; ANCP, 2020).

Dessa maneira, tendo em vista o número de óbitos decorrentes da doença, bem como suas implicações, é fundamental o desenvolvimento de ações de educação em saúde junto aos profissionais de saúde. Essas ações são uma das prioridades estabelecidas no Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus (BRASIL, 2020).

Frente ao exposto, delimitou-se, como objetivo deste estudo, relatar ações extensionistas direcionadas a profissionais de saúde que atuam com pacientes acometidos por Covid-19 que necessitem de cuidados paliativos.

Método

Neste artigo, que possui abordagem descritiva e caracteriza-se como relato de experiência, descreveu-se o processo de elaboração de materiais educativos direcionados a profissionais de saúde que atuaram ou atuam com pacientes acometidos pela Covid-19 que necessitem de cuidados paliativos. O tipo de material educativo escolhido foi o "folheto", por seu formato objetivo e prático.

Para isso, foram realizadas sínteses das recomendações de sociedades nacionais e internacionais acerca de temáticas relevantes ao cuidado, a condutas, ao acompanhamento, à comunicação e ao luto. Posteriormente, foram elencados os sete pontos principais dispostos nos documentos. A identificação das recomendações das sociedades se deu mediante consulta à página desenvolvida pela International Association for Hospice and Palliative Care (IAHPC), que compila as principais diretrizes das sociedades de cuidados paliativos do mundo em relação à Covid-19 (IAHPC, 2020).

Os folhetos foram desenvolvidos em leiaute único para todos os temas, por meio das ferramentas gratuitas disponibilizadas pelo *site* Canva. Posteriormente, foram validados por profissionais com *expertise* em cuidados paliativos.

As atividades aqui relatadas fazem parte do projeto de extensão "A consulta de enfermagem como estratégia de cuidado às pessoas com doenças que ameaçam a vida e suas famílias", vinculado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Resultados

Os materiais foram elaborados entre março e abril de 2020, abordando os seguintes temas: atendimento domiciliar; atendimento hospitalar; comunicação com o paciente; comunicação com a família; abordagem ao luto; questões éticas; orientações sobre velórios e funerais; intervenções psicossociais e espiritualidade; controle de sintomas; controle da dor crônica; controle da falta de ar e da dispneia; reanimação cardiopulmonar; hipodermóclise e cuidados com o corpo após o óbito.

Esses materiais foram divulgados por meio do *site* institucional da UFPel (UFPEL, 2020) e de um perfil do projeto de extensão intitulado "extensaoenfermagemufpel", criado na rede social Instagram. Até agosto de 2020, a página contava com 350 seguidores. Entre seus seguidores, profissionais e estudantes de saúde e páginas de ligas de cuidados paliativos e de associações de enfermagem são prevalentes.

As ações também foram divulgadas na página virtual do Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul (COREN-RS, 2020). Essa divulgação foi muito importante, já que, conforme observado nas estatísticas do *site* em que os materiais estão hospedados e considerando que os materiais foram elaborados para profissionais de saúde, a página do COREN é um dos principais referenciadores para acesso aos folhetos. Além disso, o *site* da Biblioteca Virtual em Saúde (Organização Pan-americana de Saúde [OPAS]) disponibilizou um *link* para acesso aos materiais em sua página principal, sobre produções didáticas e comunicação em enfermagem (BVS, 2020).

No **Quadro 1**, constam os temas abordados nos materiais educativos, seguidos pelas referências utilizadas para sua construção.

Quadro 1 – Temáticas abordadas nos materiais educativos e referências para sua construção.

TEMÁTICA	REFERÊNCIAS UTILIZADAS
ATENDIMENTO DOMICILIAR	Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP/Brasil). Posicionamento da Academia Nacional de Cuidados Paliativos sobre a Covid-19 (2020). Société Française d'Accompagnement et de soins Palliatifs (SFAP) (Sociedade Francesa de Acompanhamento e Cuidados Paliativos). Outils et ressources soins palliatifs et Covid-19 (2020).

TEMÁTICA	REFERÊNCIAS UTILIZADAS
ATENDIMENTO HOSPITALAR	ANCP. Posicionamento da Academia Nacional de Cuidados Paliativos sobre Covid-19 (2020). SFAP. Outils et ressources soins palliatifs et Covid-19 (2020). Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA/Brasil). Orientações para Serviços de Saúde: medidas de prevenção e de controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) (2020).
COMUNICAÇÃO COM O PACIENTE E COMUNICAÇÃO COM A FAMÍLIA	CRISPIM, D *et al*. Comunicação difícil e Covid-19 (2020). SFAP. Outils et ressources soins palliatifs et Covid-19 (2020). Vitaltalk. Covid Ready Communication Playbook (2020).
ABORDAGEM AO LUTO	WEIMANN, F., DIDONÉ, J. Intervenções em situação de luto pela Covid-19 (2020).
QUESTÕES ÉTICAS	ANCP. Posicionamento da Academia Nacional de Cuidados Paliativos sobre Covid-19 (2020). MORAES, E. N. Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS/Brasil) (2020). SFAP. Outils et ressources soins palliatifs et Covid-19 (2020). Organização Mundial da Saúde (OMS). Lignes directrices pour la gestion des questions éthiques lors des flambées de maladies infectieuses (2018).
ORIENTAÇÕES SOBRE VELÓRIOS E FUNERAIS	ANVISA. Orientações para Serviços de Saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) (2020). Ministério da Saúde. Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus Covid-19 (2020).
INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E ESPIRITUALIDADE	Pallium India. Palliative care guidelines for Covid-19 pandemic (2020).

TEMÁTICA	REFERÊNCIAS UTILIZADAS
CONTROLE DE SINTOMAS	Deutsche Gesellschaft für Palliativmedizin (Associação Alemã de Medicina Paliativa). Recommendations for treatment of patients with Covid-19 from the palliative care perspective (2020). ANCP. Manual de Cuidados Paliativos. 2 ed. (2012). Scottish Palliative Care Guidelines (Diretrizes Escocesas para Cuidados Paliativos). Covid-19 Guidance (2020). Canadian Association of Emergency Physicians (CAEP) (Associação Canadense de Médicos de Emergência). End-of-life care in the Emergency Department for the patient imminently dying of a highly transmissible acute respiratory infection (such as Covid-19) (2020).
CONTROLE DA DOR CRÔNICA	American Society of Regional Anesthesia and Pain Medicine (ASRA) and European Society of Regional Anesthesia and Pain Therapy (ESRA) (Sociedade Americana de Anestesia Regional e Medicina da Dor e Sociedade Europeia de Anestesia Regional e Terapia da Dor). Recommendations on Chronic Pain Practice during the Covid-19 Pandemic (2020). OMS. Guidelines for the pharmacological and radiotherapeutic management of cancer pain in adults and adolescents (2019). International Association for Hospice and Palliative Care (Associação Internacional de Cuidados Paliativos e Hospices). Pain management in critically ill end-of-life patients. (n.d.). AZEVEDO-SANTOS *et al.* Validação da versão Brasileira da Escala Comportamental de Dor (Behavioral Pain Scale) em adultos sedados e sob ventilação mecânica (2017). VYVEY, M. Steroids as pain relief adjuvants (2010). JACQUEMIN, D., BROUCKER, D. Manuel de Soins Palliatifs. 4. ed. (2014). DEVLIN *et al.* Diretrizes de Prática Clínica para a Prevenção e Tratamento da Dor, Agitação/Sedação, Delirium, Imobilidade e Interrupção do Sono em Pacientes Adultos na UTI (2018).

TEMÁTICA	REFERÊNCIAS UTILIZADAS
CONTROLE DA FALTA DE AR E DA DISPNEIA	CAEP. End-of-life care in the Emergency Department for the patient imminently dying of a highly transmissible acute respiratory infection (such as Covid-19) (2020). Deutsche Gesellschaft für Palliativmedizin. Recommendations for treatment of patients with Covid-19 from the palliative care perspective V2.0 (2020). Cicely Saunders Institute. Managing breathlessness in coronavirus. (2020). CEOFI-SILVA *et al*. Pressão negativa do ar ambiente em área de limpeza do centro de material e esterilização: revisão sistemática (2016).
REANIMAÇÃO CARDIOPULMONAR	Associação de Medicina Intensiva Brasileira. Recomendações para Ressuscitação Cardiopulmonar (RCP) de pacientes com diagnóstico ou suspeita de Covid-19 (2020). Académie Suisse des Sciences Médicales (Academia Suíça de Ciências Médicas). Covid-19 pandemic: triage for intensive-care treatment under resource scarcity (2020).
HIPODERMÓCLISE	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. O uso da via subcutânea em geriatria e cuidados paliativos. 2. ed. (2017). ANCP. Uso da via subcutânea em Pediatria (2019).
CUIDADOS COM O CORPO APÓS O ÓBITO	ANVISA. Nota Técnica GVIMS/GGTES/Anvisa nº. 04/2020 — Orientações para Serviços de Saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) (2020). Haute Autorité de Santé (HCSP) (Alta Autoridade de Saúde). Relatif à la prise en charge du corps d'un patient décédé infecté par le virus SARS-CoV-2 (2020).

Fonte: CORDEIRO; MOSCOSO; SILVA; MARQUES; SILVA; MOREIRA, 2020.

A seguir, apresentam-se as especificidades dos temas nos materiais, os quais foram organizados por similitude.

Com relação aos sintomas físicos, privilegiou-se discorrer sobre falta de ar e dispneia, tosse, broncorreia, dor crônica, agitação e delirium. Esses sintomas foram descritos nos materiais consultados como os mais observados em pacientes acometidos pela Covid-19 e em fase final de vida, principalmente aqueles com condição associada, como, por exemplo, doenças cardíacas ou pulmonares.

Entre os materiais relacionados ao tema, o que abordou controle de sintomas como tosse, broncorreia, agitação e delirium foi o que recebeu mais reações ou atribuições positivas (conhecidas, nas redes sociais, como *likes*), com um total de 20 *likes*, e foi salvo pelos usuários uma vez. Seguido deste, estão os materiais sobre hipodermóclise, intervenções psicossociais e espiritualidade, dispneia, falta de ar e dor crônica, com, respectivamente, 16, 13, 12 e oito curtidas cada.

Quanto às possibilidades de intervenção, buscou-se elencar tanto estratégias farmacológicas quanto não farmacológicas. Entre as estratégias farmacológicas, destacam-se a medicação com morfina, tanto para o controle da dor quanto para o manejo da dispneia, com haloperidol, para os casos de agitação e delirium, e com midazolam, para as situações em que sedação paliativa é indicada.

As vias subcutânea e endovenosa foram apontadas como preferenciais na administração de medicações para pacientes com Covid-19 em cuidados paliativos. As vias oral e nasal não são a primeira escolha pelo grau de exposição das equipes, especialmente a de enfermagem. A técnica da hipodermóclise foi apresentada em folheto específico, pois, embora se trate de uma via de administração de uso corriqueiro na prática em cuidados paliativos, é desconhecida pelos profissionais de saúde que não atuam na área.

Quanto às estratégias não farmacológicas, a avaliação regular da frequência respiratória e o reposicionamento do paciente de forma a maximizar o potencial de ventilação (preferencialmente em posição de Fowler, com angulação de 45°) tiveram destaque, pois são medidas relativamente simples de adotar, tanto no cenário hospitalar quanto no cenário domiciliar. Ainda, foram abordadas informações visando reduzir a disseminação do vírus, como, por exemplo, a não utilização do

ventilador convencional no espaço da casa ou em unidades de internação, além da restrição de terapias inalatórias.

Atuação nos serviços

No que concerne à atuação das equipes nos serviços de saúde, separou-se os temas por atendimento domiciliar, atendimento hospitalar, comunicação com os pacientes, comunicação com os familiares e reanimação cardiopulmonar.

Entre esses temas, o folheto que recebeu mais reações positivas foi o que abordou a comunicação com os familiares, com um total de 30 *likes*, tendo sido salvo uma vez pelos usuários. Seguido deste, estão os folhetos sobre reanimação cardiopulmonar, atendimento hospitalar, atendimento domiciliar e comunicação com o paciente, com 22, 21, 19 e 17 *likes*, respectivamente.

No que tange à comunicação, tanto com os familiares quanto com os pacientes, buscou-se recomendações sobre visitas e isolamento, sobre caso clínico e prognóstico da doença, e sobre adoção ou não de certas medidas relativas ao tratamento, ao aconselhamento, à tomada de decisões, à abordagem clínica e ao momento do óbito.

Quanto à reanimação cardiopulmonar, apresentou-se medidas a serem seguidas em caso de parada cardiorrespiratória, como abordar o paciente e os familiares, qual é a paramentação necessária durante o procedimento, e condutas e preferências ao realizá-lo.

Com relação ao atendimento domiciliar, foram feitas recomendações sobre necessidade e periodicidade das visitas domiciliares, sobre paramentação adequada ao realizá-las, sobre orientações aos familiares quanto às medidas de prevenção necessárias, sobre a conduta dos cuidadores e sobre a procura pelos serviços de urgência e de emergência. Quanto ao atendimento hospitalar, orientou-se a respeito da internação do paciente, das características dos leitos a serem utilizados pelos pacientes acometidos por Covid-19, das visitas hospitalares e de sua periodicidade, das medidas de higiene e da paramentação adequada, inclusive dos familiares, e de condutas a serem tomadas com os pacientes internados.

Cuidados após o óbito

Os materiais trataram dos cuidados com o corpo após o óbito, da abordagem ao luto e de orientações sobre velórios e funerais. O folheto com mais *likes* apresentava orientações sobre velórios e funerais, tendo obtido 21 *likes* e sido salvo uma vez pelos usuários. A abordagem ao luto e aos cuidados com o corpo após o óbito receberam, igualmente, 20 *likes*.

Com relação às orientações sobre velórios e funerais, buscou-se recomendações sobre condutas que familiares, amigos e o serviço funerário prestado ao falecido precisam seguir, além de recomendações sobre medidas de precaução e de higiene que devem ser respeitadas nesses eventos. Sobre o luto, foram abordadas recomendações voltadas aos familiares/cuidadores a partir dos profissionais com base em escuta terapêutica, em aconselhamento, em sugestões e em métodos para o enfrentamento da morte. Quanto aos cuidados com o corpo após o óbito, foram destacadas orientações quanto à paramentação adequada dos profissionais, a medidas a serem seguidas e a cuidados que devem ser tomados nesse momento, além de condutas sobre do acondicionamento do corpo.

Questões éticas

O folheto sobre questões éticas foi o que mais recebeu *likes* entre os materiais, totalizando 41, e foi salvo três vezes pelos usuários que o visualizaram. Nele, são descritos aspectos a serem considerados na tomada de decisão em final de vida. Recomenda-se consultar a família, o paciente (quando possível), a equipe multidisciplinar, um profissional externo ao caso e o comitê de bioética, se a instituição possuir um. Destaca-se, também, a importância da aproximação do paciente com sua família, mesmo que por telefone ou vídeo, e, sempre que possível, deve-se viabilizar despedidas (tomando as precauções recomendadas).

Na figura 1, apresentamos o modelo dos materiais elaborados. Para este artigo, escolhemos aqueles que tiveram maior repercussão nas redes sociais do projeto de extensão.

Figura 1 – Exemplo de materiais educativos sobre Covid-19 e cuidados paliativos elaborados pelo projeto de extensão.

Fonte: CORDEIRO; MOSCOSO; SILVA; MARQUES; SILVA; SILVEIRA, 2020.

Destaca-se que a página em que os materiais estão hospedados continua tendo acesso diário, variando entre cinco e nove visualizações por dia.

DISCUSSÃO

Estudos evidenciam que, nos casos de infecção por SARS-CoV-2, ocorre o desenvolvimento da doença Covid-19, que apresenta três estágios de padrão clínico (DGP, 2020; POLAK *et al.*, 2020):

- **Estágio um:** sintomatologia clássica de infecção viral evoluindo para uma pneumonia.
- **Estágio dois:** caracterizada pela inflamação pulmonar associada a coagulopatia.

- **Estágio três:** agravamento da inflamação pulmonar desenvolvendo fibrose dos tecidos pulmonares. Devido ao agravamento do quadro, identifica-se uma deficiência na ventilação-perfusão, gerando sintomas como insuficiência respiratória, tosse, fraqueza, febre, ansiedade, inquietação e delirium. Pacientes que possuem uma doença sem possibilidade de cura e que se encontram em fase final de vida apresentam sintomas similares aos descritos acima, além de dor crônica.

O controle de sintomas é um desafio aos profissionais em cuidados paliativos, seja em ambiente hospitalar, ambulatorial ou domiciliar. Considerando o conceito de **dor total**, que não se resume a componentes físicos da dor, mas envolve a interação entre fatores biológicos, sensoriais, afetivos, cognitivos, comportamentais, sociais e culturais na interpretação e na expressão de sintomas, é importante avaliar todas as dimensões do sofrimento (MENDEZ *et al.*, 2017; GOMES; OTHERO, 2016).

Na fase final de vida, alguns sintomas surgem com maior frequência, como ansiedade, delirium e insuficiência respiratória. Hoje, o transtorno de ansiedade é uma patologia considerada um problema de saúde pública, que interfere na qualidade de vida. Em pessoas que se encontram em cuidados paliativos, a ansiedade está diretamente relacionada a questões que envolvem a incerteza a respeito do tempo de vida restante e o sofrimento disso decorrente. É possível identificá-la pelos seguintes sintomas: tensão motora, hipervigilância e hiperatividade autonômica.

O delirium, que compreende o início abrupto de confusão mental e de desatenção, bem como nível de consciência reduzida, apresenta sintomas que afetam diferentes áreas cognitivas, como memória, orientação temporal e espacial, linguagem, capacidade visual e sono/vigília. Nos pacientes em fase ativa de morte, está relacionado à falha de múltiplos órgãos, composta por fatores irreversíveis. Por fim, os sintomas prevalentes da insuficiência respiratória, que é gerada pela deficiência dos mecanismos de trocas gasosas e associada a diversas patologias do sistema respiratório ou circulatório, são dispneia, tosse e fadiga (ANCP, 2012; HOSKER; BENETT, 2016; OLIVEIRA; MEDEIROS JÚNIOR, 2020).

Tratando-se do controle dos sintomas supracitados, a hipodermóclise se mostra efetiva e é recomendada por sua fácil utilização,

considerando que mais de 50% dos pacientes em fase final de vida têm redução de consciência e de tolerância a opioides administrados por via oral. A via subcutânea possibilita a administração de diversos medicamentos, além de reposição de fluidos. Suas principais desvantagens incluem a quantidade de infusão, que depende do sítio puncionado, variando até 1.500 ml em 24 horas, e a absorção variável (SBGG, 2017).

No que diz respeito à dor, pessoas em final de vida possuem uma complexidade de sintomas que potencializam a sensação da dor. A longo prazo, abordagens tradicionais deixam de ser totalmente efetivas. Com isso, um estudo aponta a importância de associar terapias farmacológicas a terapias não farmacológicas, como massagem, exercícios, fisioterapia, acupuntura, quiroprática, ioga e acompanhamento psicológico e espiritual (LEWIS *et al.*, 2018).

No que concerne à ressuscitação cardiopulmonar, destaca-se a necessidade de cuidados redobrados e específicos quando ocorre em pacientes acometidos pela Covid-19, tendo em vista a liberação de aerossóis no ambiente e o risco de contaminação dos profissionais da saúde. Antes mesmo que ocorra a parada cardiorrespiratória, é imprescindível que já se tenha conversado com o paciente a respeito de seus desejos e da possibilidade de não reanimação. Além disso, os EPIs devem estar à disposição. As compressões torácicas e os procedimentos em vias aéreas só devem ser iniciados após o preparo de toda a equipe (AMIB, 2020d).

Pacientes com suspeita ou confirmados de Covid-19 em cuidados paliativos geram preocupação maior; porém, no que tange à prestação de cuidados domiciliares, sugere-se que as visitas sejam reduzidas, a fim de evitar a contaminação de profissionais da saúde. Nesse sentido, recomenda-se que a família seja orientada acerca da importância do isolamento domiciliar e dos cuidados que seus membros devem tomar para evitar a contaminação entre si. Assim, sugere-se que seja estabelecido um canal de comunicação 24 horas com a família, mesmo que por meio de WhatsApp, e que EPIs sempre estejam disponíveis para todos os profissionais. Além disso, todos os pacientes devem ser classificados conforme o grau de complexidade, identificando aqueles que estão em final de vida (ANCP, 2020).

Durante a internação, é importante que, antes de mais nada, sejam estabelecidos diálogos sobre preferências e prioridades da pessoa,

envolvendo, também, a família. É imprescindível, ainda, que o plano de cuidados seja documentado (ANCP, 2020).

A comunicação é uma ferramenta fundamental, que muito pode auxiliar profissionais de saúde no cuidado aos pacientes e às famílias. Na internação hospitalar, é comum que o paciente tenha uma sensação de abandono. É necessário, assim, manter a transparência e avaliar a melhor forma de abordar tanto o paciente, desde que em condições de comunicar-se, quanto os familiares e a equipe de saúde (CRISPIM *et al.*, 2020).

Sugere-se, portanto, que a comunicação entre familiares e pacientes seja feita por intermédio do meio virtual, de modo que o paciente escute a voz do familiar, caso não tenha condições de exercer comunicação verbal. Ainda, a comunicação também pode ser feita de forma virtual entre o médico e o cuidador principal (CRISPIM *et al.*, 2020).

Diante da grande mortandade desencadeada pelo novo coronavírus, é notório e, ao mesmo tempo, assustador o aumento do número de óbitos registrados diariamente no Brasil e no mundo. Dessa forma, por se tratar de uma doença infecciosa e com especificidades ainda desconhecidas, é imprescindível tomar cuidados especiais com o corpo após a morte. Medidas nesse sentido envolvem a capacitação das equipes para a adesão de precauções e os adequados manuseio e preparo do corpo, acondicionamento e transporte, bem como para o funeral.

Sabe-se que o novo coronavírus é transmitido, sobretudo, por gotículas respiratórias, de maneira direta, de pessoa para pessoa, ou indireta, pelo contato das mãos com superfícies e objetos contaminados. Desse modo, as medidas de precaução para o controle da infecção são necessárias durante todo o manuseio dos corpos, principalmente as precauções-padrão e de contato (BRASIL, 2020).

Ao manusear os corpos com suspeita ou confirmação de infecção por Covid-19, é indispensável a permanência de profissionais devidamente paramentados, fazendo uso de todos os EPIs, incluindo gorro, óculos de proteção facial, avental impermeável de manga longa, luvas, máscara cirúrgica, ou N95/PFF2 para procedimentos geradores de aerossóis, e botas impermeáveis (BRASIL, 2020).

No que tange às ações de preparo, de acondicionamento e de transporte do corpo após o óbito, preconiza-se o respeito à dignidade, levando em consideração a cultura e a crença religiosa de cada pessoa e de sua

família. Durante a remoção de dispositivos invasivos após a constatação do óbito, deve-se atentar, principalmente, para aqueles potencialmente geradores de aerossóis, incluindo o contato com fluídos e com secreções, sendo necessário tapar todos os orifícios naturais e de drenagem. Por fim, o corpo deve ser acondicionado em saco impermeável e etiquetado (BRASIL, 2020).

As repercussões e os dilemas éticos decorrentes da pandemia de Covid-19 são inegáveis. A abrupta lotação dos serviços de saúde brasileiros exigiu a (re)organização da Rede de Atenção à Saúde (RAS), com notável atenção às Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), já que um número significativo de pacientes acometidos pela Covid-19 exige terapias, dispositivos e atenção complexa, em virtude da velocidade com que o quadro clínico se agrava (BRASIL, 2020).

De acordo com a Resolução nº. 2.156/2016 do Conselho Federal de Medicina, a prioridade máxima para a admissão de pacientes em UTI é para aqueles que possuem alta probabilidade de recuperação. No entanto, pacientes em fase de terminalidade e sem possibilidade de recuperação são elegíveis para admissão em Unidades de Cuidados Paliativos. Além disso, as internações em UTI devem ocorrer sem discriminação, ou seja, independentemente de religião, de sexo, de idade, de etnia, de cor, de orientação sexual, de condição social, etc. (CFM, 2016).

Diante da situação de crise e de esgotamento de recursos, recomenda-se a utilização de protocolos para a admissão em UTI. Esses protocolos devem ser sustentados por ferramentas cientificamente validadas para avaliar o benefício de neles investir. De maneira geral, considera-se a gravidade clínica, a redução da funcionalidade e comorbidades (CREMERJ, 2020). Diante da manifestação prévia do paciente ou pela não indicação de alocação em UTI, deverá ser ofertado cuidado digno e integral, visando à prevenção e ao alívio dos sintomas e do sofrimento (CREMERJ, 2020).

Considerações finais

As atividades extensionistas tiveram bom alcance entre os profissionais de saúde, tendo em vista a procura contínua pelos materiais no *site*

em que ficam hospedados, além da divulgação por órgãos oficiais como o COREN-RS e a OPAS. Embora a pandemia de Covid-19 tenha restringido as atividades presenciais do projeto, vislumbrou-se outras formas de atingir e cuidar da comunidade, por meio das mídias e recursos digitais.

Destaca-se como limitação da avaliação do impacto das atividades o fato de, inicialmente, a conta do projeto de extensão na rede *social* Instagram não ter sido configurada como "perfil profissional". Além disso, outras mídias sociais, como o WhatsApp e o Facebook, poderiam ter sido mais bem exploradas, tendo em vista a velocidade com que as pessoas compartilham informações nessas mídias.

Por fim, considera-se que qualificar e orientar os profissionais de maneira clara e objetiva é uma forma de cuidado tanto das pessoas que serão assistidas por estes quanto daqueles que atuam na "linha de frente" e possuem tempo limitado para consultar extensos manuais, guias e diretrizes. O crescente número de acometidos pela doença e a ausência de uma perspectiva que controle ou imunize coletivamente a população repercute no elevado número de óbitos que ainda se verifica no mundo, sobretudo no Brasil. Portanto, é primordial a difusão da filosofia dos cuidados paliativos, bem como das especificidades desses cuidados durante a pandemia.

Referências

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Posicionamento da Academia Nacional de Cuidados Paliativos sobre COVID-19**. São Paulo: ANCP, 2020. Disponível em: <https://paliativo.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Orienta%C3%A7%C3%A3o-sobreatendimentos-em-Cuidados-Paliativos-22032020.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020.

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Manual de cuidados paliativos**. São Paulo: ANCP, 2012. Disponível em: <https://paliativo.org.br/biblioteca/09-09-2013_Manual_de_cuidados_paliativos_ANCP.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Assistência Domiciliar para Pacientes em Acompanhamento em Cuidados**

Paliativos durante a Pandemia COVID-19. São Paulo: ANCP, 2020. Disponível em: <https://paliativo.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Assist%C3%AAncia-Domiciliar-para-Pacientes--em-Acompanhamento-em-Cuidados-Paliativos-durante-a-Pandemia-COVID-19.pdf >. Acesso em: 10 ago. 2020.

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS**. Fluxograma intra-hospitalar de manejo de pacientes em Cuidados Paliativos no cenário de COVID-19**. São Paulo: ANCP, 2020. Disponível em: <https://paliativo.org.br/wp-content/uploads/2020/07/FINAL_ANCP_Ebook_Fluxograma_intra-hospitalar_pacientes_CP_COVID-19_compressed.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ACADÉMIE SUISSE DES SCIENCES MÉDICALES. **COVID-19 pandemic**: triage for intensive-care treatment under resource scarcity. Bern: ASCM, 2020. Disponível em: https://smw.ch/article/doi/smw.2020.20229 . Acesso em: 10 ago. 2020.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Nota técnica GVIMS/GGTES/ANVISA Nº 04/2020.** Orientações para serviços de saúde: Medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). ANVISA, 2020. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/271858/Nota+T%C3%A9cnica+n+04-2020+GVIMS-GGTES-ANVISA/ab598660-3de4-4f14-8e6f-b9341c196b28>. Acesso em: 26 jul. 2020.

ASSOCIAÇÃO DE MEDICINA INTENSIVA BRASILEIRA (AMIB). **Recomendações AMIB sobre controle sanitário e estratégias de contingenciamento das unidades de terapia intensiva para atendimento dos pacientes com Coronavírus**. São Paulo: AMIB, 2020a.

ASSOCIAÇÃO DE MEDICINA INTENSIVA BRASILEIRA (AMIB). **Orientações sobre o manuseio do paciente com pneumonia e insuficiência respiratória devido a infecção pelo Coronavírus (SARS-CoV-2) - Versão n.03/2020***. São Paulo: AMIB, 2020b.

ASSOCIAÇÃO DE MEDICINA INTENSIVA BRASILEIRA (AMIB). **Recomendações para Ressuscitação Cardiopulmonar (RCP) de pacientes com diagnóstico ou suspeita de COVID-19**. São Paulo:

AMIB, 2020c.

ASSOCIAÇÃO DE MEDICINA INTENSIVA BRASILEIRA (AMIB). **Recomendações para Ressuscitação Cardiopulmonar (RCP) de pacientes com diagnóstico ou suspeita de COVID-19**. São Paulo: AMIB, 2020d.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE (BVS). **Produções didáticas e de comunicação.** São Paulo: Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. 2020. Disponível em: <https://bvsenfermeria.bvsalud.org/vitrinas/pt/producoes-didaticas-e-de-comunicacao/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BRASIL. **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus 2019**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/25/manejo-corpos-coronavirus-versao1-25mar20-rev5.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Orientações sobre a colocação e retirada dos equipamentos de proteção individual (EPI's)**. Brasília: COFEN, 2020.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM. **Coronavírus:** UFPel elabora materiais educativos para profissionais de cuidados paliativos. Brasília: COREN, 2020. Disponível em: <https://www.portalcoren-rs.gov.br/index.php?categoria=servicos&pagina=noticias-ler&id=7426>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução CFM Nº 2.156/2016**. Estabelece os critérios de admissão e alta em unidade de terapia intensiva. Brasília: CFM, 2016. Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2016/2156>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Recomendação CREMERJ Nº 05/2020**. Recomenda a utilização de critérios objetivos e transparentes para estabelecer prioridades na alocação dos pacientes em leitos de terapia intensiva e suas intervenções diante de período de esgotamento de recursos provocado pela epidemia do novo Coronavírus (Covid-19), desde que ofereça assistência integral de prevenção e alívio do sofrimento aos

pacientes não eleitos Rio de Janeiro: CREMERJ, 2020. Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/recomendacoes/RJ/2020/5>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETARIAS MUNICIPAIS DE SAÚDE. **Guia orientador para o enfrentamento da pandemia COVID-19 na Rede de Atenção à Saúde**. Brasília: CONASEMS; 2020. Disponível em: https://www.conass.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Instrumento-Orientador-Conass-Conasems.pdf . Acesso em 27 de julho de 2020.

CRISPIM, D. *et al*. **Comunicação difícil e COVID-19**: recomendações práticas para diferentes cenários da epidemia. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/comunicac%CC%A7a%CC%830-COVID-19.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CRISPIM, D. *et al*. **Notícias de óbito durante a pandemia da COVID-19**: recomendações práticas para diferentes cenários da epidemia. São Paulo. 2020. Disponível em: https://ammg.org.br/wp-content/uploads/%C3%93bito-COVID-19.pdf . Acesso em: 31 mar. 2020.

DEUTSCHE GESELLSCHAFT FÜR PALLIATIVMEDIZIN (Associação Alemã de Medicina Paliativa). **Recommendations for treatment of patients with COVID-19 from the palliative care perspective.** Berlim: DGP, 2020. Disponível em: <https://www.dgpalliativmedizin.de/images/DGP_Handlungsempfehlung_palliative_Therapie_bei_COVID18_V2.0_English_version.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

EUROPEAN ASSOCIATION FOR PALLIATIVE CARE (EAPC). **Coronavirus and the palliative care response**. Vilvoorde (Belgium): EAPC, 2020. Disponível em: <https://www.eapcnet.eu/publications/coronavirus-and-the-palliative-care-response>. Acesso em: 31 mar. 2020.

GOMES, A.L.Z.; OTHERO, M.B. Cuidados paliativos. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, p. 155-166, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103=40142016000300155-&script-sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 03 ago. 2020.

HOSKER, C.M.G.; BENNETT, M. I. Delirium and agitation at the end of life. **BMJ**, Londres, v. 353, p.3085, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27283962/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR HOSPICE AND PALLIATIVE CARE

(IAHPC). **Resources relevant to Palliative Care and COVID-19**. 2020. Disponível em: <http://globalpalliativecare.org/covid-19/> . Acesso em: 31 mar. 2020.

LEWIS, M.J. Moreland *et al*. Pain control and nonpharmacologic interventions. **Nursing**, Albany, v. 48, n. 9, p. 65-68, 2018. Disponível em: <https://journals.lww.com/nursing/Citation/2018/09000/Pain_control_and_nonpharmacologic_interventions.19.aspx>. Acesso em: 03 ago. 2020.

MENDEZ, S.P. *et al*. Desenvolvimento de uma cartilha educativa para pessoas com dor crônica. **Revista Dor**, São Paulo. v. 18, n. 3, p. 199-211. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-00132017000300199&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 03 ago. 2020.

OLIVEIRA, E.P.; MEDEIROS JUNIOR, P. Cuidados paliativos em pneumologia. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. e20190280, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v46n3/pt_1806-3713-jbpneu-46-03-e20190280.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guidance for health workers**. Genève: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/healthworkers>. Acesso em: 31 mar. 2020.

POLAK, S.B. *et al*. A systematic review of pathological findings in COVID-19: a pathophysiological timeline and possible mechanisms of disease progression. **Modern Pathology**, Londres, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41379-020-0603-3>. Acesso em: 03 ago. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. **O uso da via subcutânea em geriatria e cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: SBGG, 2017. Disponível em: <https://sbgg.org.br/sbgg-lanca-2a-edicao-de-guia-sobre-o-uso-da-via-subcutanea/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

SOCIÉTÉ FRANÇAISE D'ACCOMPAGNEMENT ET SOINS PALLIATIFS (SFAP). **Enjeux éthiques de l'accès aux soins de réanimation et autres soins critiques (SC) en contexte de pandémie COVID-19. Pistes d'orientation provisoires**. Paris: SFAP, 2020a. Disponível

em: <http://www.sfap.org/system/files/gt_etic_rea_covid_16_mar_20_19h.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SOCIÉTÉ FRANÇAISE D'ACCOMPAGNEMENT ET SOINS PALLIATIFS (SFAP). **Outils et ressources soins palliatifs et COVID-19**. Paris: SFAP, 2020b. Disponível em: <http://www.sfap.org/actualite/outils-et-ressources-soins-palliatifs-et-covid-19>. Acesso em: 31 mar. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Ações cuidados paliativos e COVID-19**. Pelotas: UFPEL, 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/francielefrc/acoes-cuidados-paliativos-e-covid-19/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

WALKER, P.G.T.*et al*. **The Global Impact of COVID-19 and Strategies for Mitigation and Suppression**. WHO Collaborating Centre for Infectious Disease Modelling, MRC Centre for Global Infectious Disease Analysis, Abdul Latif Jameel Institute for Disease and Emergency Analytics, Imperial College London. 2020. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/ Imperial-College-COVID19-Global-Impact-26-03-2020v2.pdf> . Acesso em: 31 mar. 2020.

Sobre os autores

FRANCIELE ROBERTA CORDEIRO, graduada em Enfermagem pela UFSM. Doutora em Enfermagem pela UFRGS. Professora adjunta da Faculdade de Enfermagem (UFPel). Coordenadora do projeto de extensão "A consulta de enfermagem como instrumento de cuidado às pessoas com doenças que ameaçam a vida e suas famílias".
E-mail: franciele.cordeiro@ufpel.edu.br

NATANIELE KMENTT DA SILVA, graduanda em Enfermagem pela UFPel. Bolsista do projeto de extensão desde junho de 2020.
E-mail: nat.kmentt.s@gmail.com

CARINA RABÊLO MOSCOSO, graduada em Enfermagem pela UFPel. Mestranda em Enfermagem na UFPel. Voluntária no projeto de extensão desde 2019.
E-mail: carina_moscoso@hotmail.com

RAYSSA DOS SANTOS MARQUES, graduanda em Enfermagem pela UFPel.
Voluntária no projeto de extensão desde 2018.
E-mail: rayssa-s-m@hotmail.com

KALIANA DE OLIVEIRA SILVA, graduanda em Enfermagem pela UFPel.
Voluntária no projeto de extensão desde 2019.
E-mail: kaliana_os@hotmail.com

JEFERSON MOREIRA SILVEIRA, graduado em Enfermagem pela URCAMP.
Voluntário no projeto de extensão desde 2020.
E-mail: jeffms2011@hotmail.com

LEITURA E ESCRITA: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS NO PERÍODO DE PANDEMIA

Paula Fernanda Eick Cardoso
Aidana Scarparo Valente

Introdução

A partir de março de 2020, passamos a viver, no Brasil, um período atípico em decorrência da crise sanitária imposta pela pandemia do coronavírus, que determinou uma mudança rigorosa nos hábitos da população, visando à preservação da vida humana. A sociedade modificou-se pelas imposições causadas pelo covid-19 e, com a vida escolar, não foi diferente. A pandemia forçou um distanciamento social que tinha por objetivo o afastamento entre as pessoas para evitar a propagação do coronavírus. No que diz respeito à educação, o distanciamento poderia acarretar o rompimento do vínculo escolar; portanto, se fez necessário buscar alternativas para reforçar os elos e evitar uma evasão escolar maior do que aquela com a qual os estabelecimentos de ensino público do Brasil já estão familiarizados.

Nesse contexto, o professor procurou se reinventar para acompanhar as mudanças e, através do uso de tecnologias, propiciar ao aluno acesso ao conhecimento. Essa tarefa não foi fácil, pois impunha ao professor uma reestruturação completa de sua metodologia de ensino e a adoção do uso de tecnologias que nem sempre estavam disponíveis para todos os alunos devido a suas condições socioeconômicas. Essa nova escola que surgia ou se modificava, dependendo das circunstâncias, colocava em destaque, de maneira ainda mais evidente, as desigualdades existentes entre o ensino público e o privado, pois explicitava as carências materiais das escolas públicas e, de modo geral, de seus alunos, o que comprometia significativamente o desenvolvimento das atividades na modalidade de ensino remoto. As escolas particulares, ao contrário, tinham estrutura para atender seus alunos, os quais possuíam uma condição financeira mais adequada para a realização de aulas de maneira remota.

O presente artigo tem por objetivo fazer algumas considerações sobre as ações que foram desenvolvidas no projeto de extensão intitulado "Trabalho com as Habilidades de Leitura e Escrita", no ano letivo de 2020. Este artigo está dividido em seis seções. Na segunda seção, trataremos da importância do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita para a formação integral do indivíduo, além disso, abordaremos o papel da escola nesse trabalho e as dificuldades enfrentadas pelos professores para cooperar com a educação dos estudantes no período da pandemia. Na terceira seção, apresentaremos a metodologia utilizada para a implementação do projeto de extensão. Veremos que as atividades foram aplicadas de maneira remota para uma turma de nono ano de uma escola pública do município de Pelotas, de abril a dezembro de 2020. A princípio, as atividades eram enviadas para os alunos semanalmente. Depois, por solicitação da direção da escola, as atividades passaram a ser ofertadas quinzenalmente. Na quarta seção, apresentaremos algumas propostas de trabalho desenvolvidas no projeto, algumas questões relacionadas à oferta das atividades para os estudantes da rede pública de ensino, bem como à avaliação da participação dos estudantes nas atividades propostas. Na quinta seção, aparecerão nossas conclusões e, na sexta seção, as referências bibliográficas.

Fundamentação Teórica

A leitura e a escrita estão interligadas e presentes no nosso dia a dia, sendo de grande importância para nós, seres humanos, pois permitem a nossa inserção na sociedade de forma atuante, crítica e participativa. Entretanto, para que isso ocorra de forma mais proveitosa, as pessoas deveriam ter contato com a leitura desde a mais tenra idade, no período da infância. É importante que as crianças e os jovens adquiram o hábito de ler, não simplesmente de decodificar símbolos, mas de ir além, fazer inferências através de seu conhecimento de mundo, questionar e entender a plenitude que está inserida nos textos.

Segundo Martins (2006, p.22):

> Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural.

Para Martins, a leitura é fundamental para a formação do indivíduo como um todo, pois ela garante a integração das pessoas à sociedade, a participação nas diferentes atividades da vida humana.

No contexto brasileiro em que muitas famílias ainda são desprovidas de condições necessárias para oferecer às crianças e aos jovens contato com um ambiente de produção de leitura e escrita, a escola possui um papel fundamental no processo de desenvolvimento dessas habilidades, pois, apesar de possíveis limitações provocadas pela escassez de recursos humanos e materiais, é um local em que se procura produzir e compartilhar novos saberes e conhecimentos, com o intuito de possibilitar uma aprendizagem diversificada que esteja de acordo com as necessidades dos discentes. Conforme Aquino (2002, p.71), "a escola é o local de provocar a curiosidade do aluno para que ele indague, reflita e questione". Mesmo no período da pandemia, a escola procurou desempenhar junto dos alunos o papel de informar, provocar e discutir sobre vários temas relevantes para eles, propiciando aos estudantes conhecimentos sobre esses temas.

A considerável função que a escola tem desempenhado na sociedade brasileira ficou ainda mais evidente no período da pandemia, pois, sem o contato pessoal com os professores e os colegas, muitas crianças e jovens acabaram por interromper o processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, uma vez que abandonaram os estudos. A falta de acesso à "internet" e às tecnologias do mundo moderno cerceou as possibilidades de muitos estudantes brasileiros de interação com saberes que ultrapassem a sua realidade imediata. A ausência das provocações, das indagações, das reflexões propostas por profissionais que se prepararam para cooperar com a formação das crianças e dos jovens deixaram sequelas que serão sentidas em um futuro bem próximo.

Distantes da escola, muitos alunos da rede pública de ensino não mantiveram o contato com a leitura de textos desafiadores, uma atividade que lhes oferece também a possibilidade de apropriação de estruturas linguísticas mais complexas, de expansão do vocabulário, elementos que, segundo Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017, p.30), servirão de base para os saberes adquiridos ao longo da existência dessas pessoas. Para esses linguistas, a leitura potencializa as capacidades cognitivas das crianças e dos jovens porque lhes oferece estruturas linguísticas que não existem na fala, assim os estudantes conseguem construir circuitos de linguagem cada vez mais complexos que potencializam o aprendizado. Em outras palavras, a leitura ajuda a construir circuitos neurológicos diferentes daqueles que a criança e o jovem usam normalmente. Além disso, a leitura representa uma experiência de disciplina pessoal, pois desenvolve a concentração. De modo geral, as escolas públicas não foram providas com recursos suficientes para levar aos alunos textos digitalizados, tampouco para promover a devida discussão sobre esses textos. A sensação é a de que a escola pública ficou abandonada em plena pandemia, e muitos estudantes sem acesso à internet, sem acesso às tecnologias foram severamente penalizados.

Nesse período, muitos professores tiveram de buscar, em certos casos com os próprios recursos, meios de oferecer algum tipo de atividade escolar para os alunos, a fim de evitar que o vínculo com a escola fosse completamente rompido. Planejando atividades, enviando-as para os alunos através do aplicativo *WhatsApp*, recebendo o retorno dessas atividades através desse aplicativo, fornecendo explicações sobre os

conteúdos escolares também através do *WhatsApp*, o professor tomou para si responsabilidades que deveriam ter sido partilhadas com outras autoridades brasileiras. Em muitas escolas públicas, não foram disponibilizadas plataformas de ensino capazes de aproximar professores e alunos, facilitando o compartilhamento de saberes. O professor desempenhou, portanto, um papel crucial no processo de formação dos estudantes, pois procurou direcionar os alunos nessa apropriação do conhecimento, apesar de todas as dificuldades.

Segundo Freire (1987, p.38):

> Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.

Para Freire, o processo educativo é contínuo e compartilhado, pois o professor, ao ensinar, aprende, e o aluno, ao aprender, ensina. Há uma busca permanente por novos saberes e novas formas de aprender. As ideias de Freire sobre educação parecem ainda mais atuais nesse momento de pandemia, em que os professores precisaram buscar novas estratégias para envolver os alunos no processo educativo. É importante salientar que, através do projeto de extensão, construímos parcerias com a escola e os professores da turma à qual foi ofertado o projeto, a fim de contribuir para a redução das distâncias entre a escola e os alunos. Esse trabalho nos permitiu vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos alunos da rede pública, pelas famílias dos estudantes, pelos professores, pela escola.

As escolas e os professores, além de atenderem os estudantes, tiveram também de dar respaldo aos familiares que proporcionaram, em muitas situações, apoio às crianças e aos jovens na realização das atividades escolares, visto que seria inviável para os professores estarem permanentemente disponíveis para auxiliar todos os alunos das diferentes escolas em que costumam atuar. De todo modo, muitos atendimentos individualizados foram ofertados, pois os professores

precisavam avaliar cada uma das atividades devolvidas por seus alunos e fornecer explicações também de maneira individual para eles sobre os conteúdos escolares. Além do grupo de *WhatsApp* para o envio das atividades do qual participavam todos os alunos de uma determinada turma, o professor responsável pela disciplina e um membro da direção, o professor tinha o contato individual de cada aluno ou do responsável pelo aluno para o recebimento das atividades e para a verificação de dúvidas sobre os conteúdos. Houve, portanto, de modo geral, uma sobrecarga de trabalho para os professores, para a diretoria da escola, para os familiares, para os estudantes.

Conforme Passarelli (2012, p. 69), "o professor é agente facilitador do ensino da escrita". Para tanto, o professor precisa levar em consideração os conhecimentos que o aluno já possui, bem como escolher materiais e textos próximos da vivência deles, a fim de procurar despertar o interesse pelas atividades propostas, visando desenvolver no aluno o prazer pela leitura e pela escrita.

Conforme Freire (1987, p. 44):

> Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem. Em quem para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Em conjunto com o aluno, o professor provoca a construção de um novo sujeito capaz de posicionar-se em relação a uma ideia posta num texto, de compreender além do texto, de avaliar criticamente uma situação. Nesse sentido, a escola e o professor exercem seus papéis de maneira a propiciar um aprendizado mais completo, que tenha por objetivo a formação integral do estudante como alguém que acesse o saber e reflita de maneira crítica sobre ele.

Esse aprendizado compreende também a maneira de atuar para desenvolver as habilidades necessárias para a formação do aluno; logo,

é necessário que o professor apresente ao estudante textos ou atividades que estejam próximos da sua realidade para que ele reconheça a importância, os usos e as funções dos textos. Assim, o professor poderá contribuir para o despertar do interesse pela leitura e pela escrita como partes integrantes da formação dos estudantes.

Segundo Costa Val (2004, p. 1),

> pode-se definir texto, hoje, como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução. Por exemplo: uma enciclopédia é um texto, uma aula é um texto, um e-mail é um texto, uma conversa por telefone é um texto, é também texto a fala de uma criança que, dirigindo-se à mãe, aponta um brinquedo e diz 'té'.

Os textos estão presentes no nosso dia a dia, pois nós os utilizamos para nos comunicar, principalmente com o uso de tecnologias. Então, os alunos fazem uso da leitura e da escrita de maneira automática, pois as redes sociais são empregadas com o intuito de permitir a comunicação de maneira rápida, assim como para ter acesso à informação. E, para adequar-se aos novos tempos, o texto adquire novos formatos, visando à comunicação com as pessoas, como os memes, as charges, as propagandas, as tirinhas, dentre outros, que são muito utilizados na comunicação e fazem uso da linguagem verbal e não verbal, através de palavras, frases, imagens, e outros elementos que chamam a atenção do leitor.

Dessa forma, imaginávamos que a interação pelos grupos de *WhatsApp* para envio e recebimento dos conteúdos escolares pudesse ser mais tranquila, pois os estudantes deveriam estar familiarizados com essa tecnologia, porém nossas expectativas não se confirmaram plenamente. Muitos estudantes não se manifestavam nos grupos, não faziam perguntas. Há diferentes hipóteses para explicar esse tipo de atitude, as quais requerem uma investigação mais cuidadosa. De todo modo, é possível imaginar que o contexto de formalidade normalmente presente nas atividades escolares pudesse retirar a espontaneidade dos alunos, deixando-os constrangidos demais para se expor.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 70), "as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir." Os textos multissemióticos e multimidiáticos favoreceram a interação em ambientes virtuais, o que justifica a escolha desses novos gêneros textuais para o trabalho desenvolvido no projeto de extensão. Nós nos valemos desses textos para envolver os alunos nas discussões acerca do momento vivido, com o objetivo de desenvolver a criticidade.

O uso de textos apropriados e próximos da realidade dos educandos faz parte do conteúdo programático previsto na BNCC (2017, p. 143), segundo o qual é importante procurar "inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.", pois busca-se um conhecimento holístico que proporcione um posicionamento sobre vários assuntos, em especial, sobre o que vivenciamos neste momento, a pandemia global.

Segundo Sé (2008, p.1), "os textos multimodais são aqueles que empregam duas ou mais modalidades de formas linguísticas, a composição da linguagem verbal e não verbal com o objetivo de proporcionar uma melhor inserção do leitor no mundo contemporâneo." A multimodalidade pode ser definida por Rojo (2015, p.108) como: "texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição."

Portanto, um texto vai além da escrita, reúne vários elementos. Para Dionísio (2007, p. 178), a multimodalidade resulta de "palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc."

O ato de ler não se refere, portanto, a decodificar signos, mas vai além e engloba outras expressões. De acordo com Martins (2006, p. 30), "...o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre

o leitor e o que é lido.”. Enfim, a leitura estabelece uma comunicação entre o leitor com o conhecimento que já possui, e o texto, que apresenta informações e particularidades novas.

Segundo Martins (2006, p. 33),

> ...a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, sejam um gesto, uma imagem, um acontecimento, Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor.

A leitura é, portanto, uma construção “dialógica” da qual participam o autor do texto e o leitor, com base no conhecimento de mundo de cada um,visando à construção de um sentido mais amplo, em que o aluno se reconhece, se apropria do conhecimento e se desenvolve como leitor.

Nesta seção, vimos a importância da escola para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, e as dificuldades enfrentadas pelos professores para dar continuidade ao desenvolvimento dessas habilidades no período da pandemia. Em virtude do isolamento social, muitas crianças e jovens passaram a receber atividades, inclusive as do projeto de extensão, pelo *WhatsApp*, o que exigiu uma importante reformulação das estratégias de trabalho. Para manter os estudantes envolvidos nas discussões propostas, foi necessário empregar, nas oficinas, textos com uma linguagem mais próxima da realidade dos participantes do projeto. Vimos também, nesta seção, que a leitura estabelece uma importante comunicação entre o texto, com os saberes que contém, e o leitor, com o seu conhecimento de mundo. Além disso, a leitura potencializa as capacidades cognitivas das crianças e dos jovens porque lhes oferece estruturas linguísticas que não existem na fala.

Metodologia

Em 2020, as oficinas de produção da leitura e da escrita do projeto de extensão foram ofertadas aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Ronna. O presente artigo, como já vimos, tem por objetivo relatar algumas atividades propostas aos estudantes dessa escola, a participação dos alunos no projeto, bem como as dificuldades encontradas com relação à implantação do projeto na escola. Nesse período, a escola Antônio Ronna, assim como muitos outros estabelecimentos brasileiros de ensino, ofertaram aos alunos apenas atividades remotas, por causa da pandemia provocada pelo coronavírus. Portanto, a pesquisa mais indicada para este trabalho parece ser a qualitativa, pois, segundo Minayo (1995, p.21), "responde a questões muito particulares", neste caso, aos questionamentos elencados acima. O trabalho procurará apresentar como ocorreu o desenvolvimento do projeto neste período tão singular.

Inicialmente entramos em contato com a direção da escola a fim de verificar a possibilidade de ofertar o projeto de extensão a uma das turmas. A direção sugeriu que conversássemos com a professora regente da turma do nono ano que já havia procurado ofertar um projeto de produção da leitura e da escrita para seus alunos em um período anterior. Acertamos com a professora que, a princípio, as aulas aconteceriam semanalmente em turno inverso ao das atividades regulares de ensino dos jovens. Porém, enquanto discutíamos com a professora e a direção uma forma de gerenciar a atividade, fomos surpreendidos com a necessidade de distanciamento social.

O projeto foi, portanto, implantado na escola após o início da pandemia e do isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelas autoridades do país, logo não foi possível um contato com os alunos de maneira presencial. Para estabelecer um vínculo com eles, a escola criou grupos de *WhatsApp* de todas as disciplinas, incluindo um para a realização do projeto, assim os alunos teriam acesso ao conteúdo disponibilizado pelos professores durante o calendário alternativo proposto pela escola. No grupo específico do projeto, estavam cadastrados 21 alunos do nono ano que se prontificaram a participar conosco desta troca de conhecimentos.

No primeiro mês, as atividades foram enviadas para os alunos nas segundas-feiras, e eles tinham uma semana para devolvê-las devidamente respondidas. Essa estratégia foi sugerida pela escola, em virtude da grande quantidade de trabalhos que os estudantes precisavam executar. Os estudantes poderiam entrar em contato com os professores pelos grupos de *WhatsApp* para sanar suas dúvidas. Essa metodologia de trabalho foi adotada pela escola em virtude da inexistência de outros mecanismos que garantissem a comunicação entre professores e alunos. Entretanto, essa estratégia não se mostrou adequada, pois os alunos, de modo geral, não haviam desenvolvido autonomia suficiente que lhes garantisse meios de procurar ler os textos, identificar as dúvidas, realizar as tarefas. Portanto, nem todos respondiam às atividades propostas no projeto. Poucos faziam perguntas no grupo.

Posteriormente, a escola decidiu ampliar o período para devolução das atividades respondidas pelos alunos. Então, ao invés de receber atividades semanalmente, passaram a recebê-las quinzenalmente. Essa alteração não modificou o cenário de maneira significativa. Continuamos recebendo os exercícios basicamente do mesmo grupo inicial de alunos. Procuramos também rever as estratégias de trabalho, encaminhando vídeos explicativos para os alunos, mas nem assim a adesão dos jovens ao projeto sofreu uma mudança importante. A inevitável comparação com anos anteriores em que as oficinas foram ofertadas de maneira presencial revela que há uma situação díspar e que esforços deverão ser empreendidos no pós-pandemia a fim de recuperar o processo de desenvolvimento integral dos estudantes.

O ano letivo de 2020 deixará lições importantes para os anos vindouros. Uma delas diz respeito à necessidade de a rede pública de ensino encontrar estratégias para desenvolver nos estudantes a autonomia que lhes permita buscar o conhecimento. Ainda que muitos estabelecimentos de ensino já tenham adotado essa prática, a impressão que fica desse período é a de que, em alguns casos, ainda há muito a ser feito. Seguramente essa tarefa não compete de maneira exclusiva à escola. A sociedade como um todo precisa engajar-se no processo de formação das crianças e dos jovens com o intuito de lhes demonstrar a relevância de compartilhar conhecimento para a construção de uma sociedade mais humana, mais justa.

Nesta seção, vimos como o projeto de extensão foi implementado em uma escola da rede pública de ensino. Ofertamos, através de atividades remotas, oficinas que buscavam desenvolver as habilidades de ler e escrever. O público das oficinas foram os estudantes de uma turma do nono ano do ensino fundamental.

Resultados e discussão

Ao pensar nas propostas de trabalho, levamos em consideração o período da pandemia, então buscamos atrair a atenção dos alunos de maneira imediata para evitar a distração e o abandono das atividades. Logo, pareceu mais adequado utilizar o texto multimodal que traz a linguagem verbal escrita e outros recursos imagéticos e visuais como, por exemplo, charge, memes, quadrinhos e outros. Também optamos por utilizar textos curtos e descontraídos para otimizar o trabalho.

Uma das atividades propostas consistiu em utilizar os memes, pois eles se encontram em evidência e são empregados seja para chamar a atenção, neste caso, para os cuidados que devemos ter a fim de evitar o contágio pelo novo vírus, seja para ironizar uma atitude ou postura. Para tanto, selecionamos textos de diversas tipologias (memes, piadas, propagandas etc), propusemos aos alunos uma leitura dos mesmos e, por fim, uma reflexão sobre eles através da explicitação de um posicionamento. Abaixo, mencionamos atividades que foram propostas para os alunos do nono ano da escola da rede pública de ensino.

Figura 1 – Atividade proposta.

PELOTAS: DISTRIBUIÇÃO DE MÁSCARAS GRATUITAS...

Fonte: Diário popular – 16 Junho 2020.

Com base na charge acima, foram propostas as seguintes questões: (1) A charge explicita um momento global vivido atualmente. Qual? (2) Qual o objetivo da charge acima? (3) Você faria alguma alteração na charge? Qual?

Além disso, propusemos a análise do seguinte meme:

Figura 2 – Atividade proposta.

Fonte: Material utilizado pelo projeto.

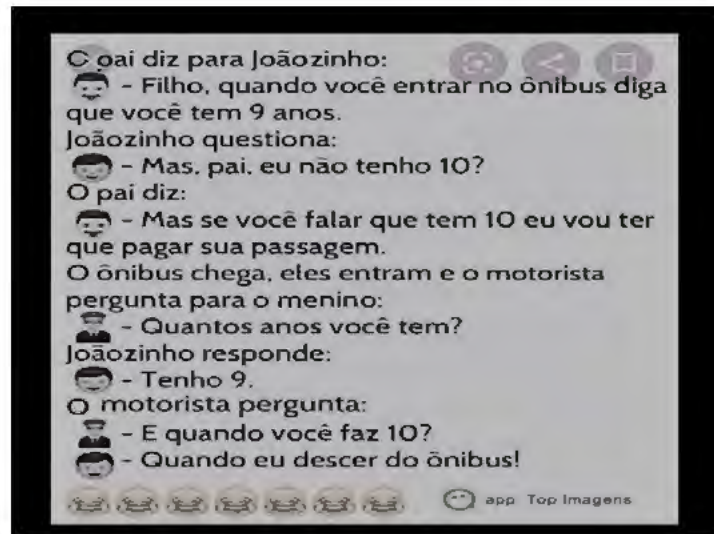
A reflexão sobre o meme foi encaminhada a partir das seguintes questões: (1) O texto acima refere-se a um bordão muito utilizado atualmente. Qual? (2) Qual a ironia presente no meme?

Com o uso dos textos acima, foi possível conhecer um pouco os alunos que participariam do projeto e planejar as aulas seguintes. Pretendíamos verificar como eles poderiam reagir às propostas apresentadas e se teriam um posicionamento crítico sobre os temas apresentados.

Os alunos posicionaram-se sobre os textos de maneira crítica, o que evidencia que eles foram além do sentido literal do texto, utilizando seu conhecimento de mundo para responder aos questionamentos. De modo geral, os alunos defenderam a necessidade de alterações na charge para chamar mais a atenção das pessoas. Segundo os participantes do projeto, os médicos estavam fazendo muitos esforços para curar os doentes que haviam contraído o coronavírus. As pessoas precisavam ter consciência desses esforços e procurar adotar as medidas preventivas indicadas pelas autoridades a fim de se proteger e de proteger aqueles que estavam ao seu redor. Os alunos mencionaram ainda a importância de permanecer atento às informações dos jornais, dos noticiários e da internet para buscar a correta proteção.

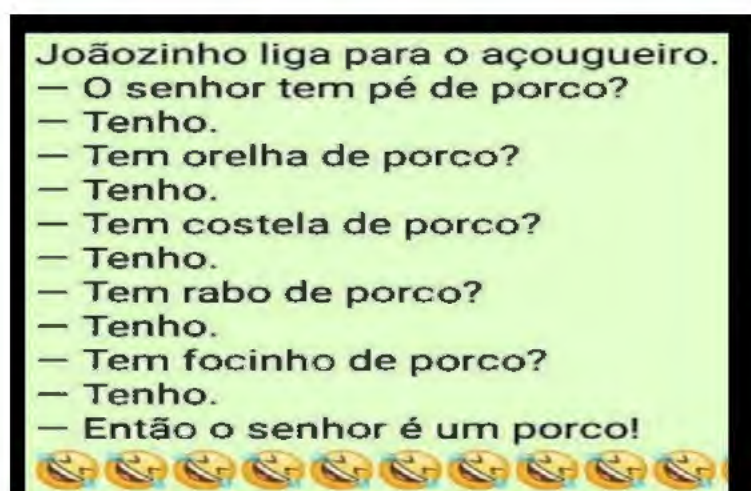
Por outro lado, alguns alunos se posicionaram favoravelmente ao conteúdo dos textos e disseram que não fariam alterações, uma vez que a ironia sobre a distribuição de manual de instruções estava bem feita, tendo em vista o uso inadequado das máscaras entre a população. Também houve alguns comentários gerais sobre a doença, como a gravidade dos casos em que os pacientes possuíam problemas respiratórios preexistentes. Para os participantes do projeto, essas pessoas deveriam tomar cuidados adicionais. Além disso, as pessoas deveriam ter consciência de que o vírus é realmente perigoso/contagioso e procurar sair de casa somente quando fosse realmente necessário. Ao sair, deveriam usar máscara, mesmo estando ao ar livre, e passar álcool em gel todo o momento.

Em outra proposta de trabalho apresentada aos alunos do nono ano, utilizamos textos curtos (piadas) para desenvolver uma atividade sobre o discurso direto e indireto. É importante destacar que esse tema foi proposto pela professora regente da turma, pois, como os alunos realizariam as provas para admissão ao ensino médio, a escola solicitou um direcionamento das atividades, visando a abarcar os conteúdos que estariam presentes nessas provas. A direção da escola argumentou que poderia haver um estímulo maior para a participação dos alunos no projeto, caso buscássemos contribuir para a discussão de algumas questões linguísticas presentes no conteúdo programático daqueles processos seletivos. Abaixo aparecem os textos que utilizamos na oficina do projeto.

Figura 3 – Atividade proposta.

Fonte: Material utilizado pelo projeto.

A fim de promover uma reflexão sobre o texto acima, propusemos as seguintes questões: (1) O texto retrata a realidade brasileira? Por quê? (2) Será que tal situação ocorre apenas no Brasil? (3) O que leva as pessoas a agir da maneira descrita no texto? (4) De que forma poderíamos evitar a repetição de situações semelhantes àquela descrita na piada? (5) Caso precisasses contar essa piada para um colega, sem mencionar diretamente a fala das personagens – Joãozinho e pai do Joãozinho – como ficaria teu texto?

Propusemos também a leitura da seguinte piada:

Figura 4 – Atividade proposta.

Fonte: Material utilizado pelo projeto.

A discussão do texto acima, tomou por base as seguintes questões: (1) O texto é engraçado? Por quê? (2) Caso desejasses contar a piada para um colega, sem mencionar diretamente as falas de Joãozinho e do açougueiro, como ficaria o teu texto?

De modo geral, os participantes do projeto de extensão conseguiram responder aos exercícios propostos. Eles demonstraram compreender que situações semelhantes àquela retratada na primeira piada acontecem no Brasil em virtude da desigualdade social. Como a remuneração de muitos brasileiros é insuficiente para suprir suas necessidade básicas de alimentação, moradia, transporte, saúde, educação, eles acabam buscando maneiras inadequadas para viver. Além disso, com as devidas explicações, os estudantes conseguiram compreender que, na segunda piada, o humor é provocado pelo fato de, no português brasileiro, o verbo "ter" ser capaz de expressar o sentido de posse e de existência. Nas respostas do açougueiro, o verbo "ter" aparece com o sentido de "haver, existir" ("há orelha de porco à venda no açougue"); já nas perguntas do Joãozinho, o verbo "ter" expressa o sentido de "possuir" ("o senhor possui orelha de porco?"). É verdade, no entanto, que os alunos encontraram dificuldades para transformar o discurso direto presente nas piadas em discurso indireto. Portanto, preparamos, para as aulas seguintes, vídeos em que procuramos expandir a explicitação dos mecanismos de transformação do discurso direto em indireto e vice-versa.

O uso desse gênero textual (piada) nos permitiu trabalhar de forma descontraída conteúdos relevantes para os alunos, mas de maneira mais leve, pois o uso de materiais mais complexos e extensos dificultaria a aplicação das atividades, assim como a verificação de dúvidas que eles pudessem ter na realização das tarefas; logo, buscamos trabalhar com textos mais simples e aos poucos introduzirmos outros mais de acordo com a realidade escolar dos estudantes.

Cabe aqui destacar que o desenvolvimento da habilidade de transformar um texto em discurso direto para discurso indireto ou vice-versa é importante para o uso adequado dos recursos disponíveis na língua para comunicação. Na produção de textos científicos, por exemplo, muitas vezes, é necessário transcrever de forma precisa o que foi dito ou descoberto por pesquisadores, estudiosos. Nesses casos, o uso do discurso direto ou indireto é uma estratégia essencial para o compartilhamento de conhecimento.

Conforme já foi mencionado, iniciamos enviando as atividades semanalmente, e os alunos retornavam os questionamentos na semana seguinte. Porém, percebemos que eles se encontravam sobrecarregados de atividades, sendo necessária uma alteração na metodologia. A escola optou por unificar as atividades do projeto às atividades da disciplina de língua portuguesa. Além disso, ficou acertado que as atividades seriam enviadas às segundas-feiras, e os alunos teriam duas semanas para encaminhar o retorno dos trabalhos feitos.

A presença em aula estava condicionada à entrega das atividades realizadas pelos alunos. Esse fato provavelmente acabou por não motivar os alunos a realizar as atividades, pois muitos já haviam assimilado que poderiam solucionar as dúvidas em um possível retorno às aulas presenciais ou simplesmente haviam admitido que o ano escolar estava perdido e que, portanto, regressariam no próximo ano. Podemos inferir que isso foi provocado pelo acúmulo de atividades, pela precariedade de materiais (telefone, computador e internet) utilizados pelos alunos, pela dificuldade na compreensão e na realização das propostas enviadas, pois alguns não encaminhavam as respostas ou simplesmente saíam do grupo. De maneira geral, os alunos sequer faziam perguntas para verificar alguma suposta dúvida sobre as atividades propostas.

Outro aspecto a considerar é o fato de não termos tido um contato presencial com a turma; não houve, portanto, uma interação direta com os alunos. Conversávamos somente pelas redes sociais, o que pode ter ocasionado um desinteresse por parte deles, algo que poderíamos superar se houvesse aulas presenciais.A realização das atividades também pode ter sido dificultada pelo fato de não sabermos se os alunos estavam realizando a tarefa de maneira tranquila ou se enfrentavam dificuldades. Nas aulas presenciais, é possível acompanhar melhor o desenvolvimento dos alunos e assim alterar o planejamento das atividades a fim de tornar a aula mais atrativa.

Nossas angústias diante da situação advêm do fato de termos a consciência de que a educação como um direito é amparada pelo art. 205 da Constituição Federal de 1988:

> A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração

> da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Além disso, é regulamentada na LDB (1996), no seu artigo 3º, quando elenca os princípios em que o ensino será ministrado: "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola", "garantia de padrão de qualidade". Porém, esses princípios tão comumente desrespeitados em nossa vida cotidiana, parecem ter sido completamente ignorados no período da pandemia. Acreditamos que as condições socioeconômicas das famílias deveriam ter sido consideradas, pois, para que os alunos da escola pública pudessem acompanhar as aulas ministradas de maneira remota, seria necessário que o Estado disponibilizasse meios para tal, como uma plataforma de ensino, internet de qualidade e acesso de maneira igualitária entre todos os estudantes. Muitos alunos não possuíam telefone ou computador para acessar às atividades e participar de forma efetiva das aulas remotas devido às condições econômicas a que estavam sujeitos, por isso este tipo de aula tende, na verdade, a beneficiar os alunos que possuem recursos financeiros capazes de subsidiar os meios para o acesso à educação a distância (EAD).

Caso os alunos dispusessem de suporte técnico para participar efetivamente das aulas ministradas de maneira remota, os professores poderiam inovar nas metodologias de ensino, utilizando, por vezes, videoconferência para auxiliar nas dificuldades encontradas pelos alunos na realização das atividades, como também para buscar incentivá-los a seguir no aprendizado a distância.

As desigualdades entre o ensino público e o privado tornam ainda mais injustas as formas de acesso à carreira acadêmica, pois as carências deixadas normalmente pelos escassos recursos da educação pública e acentuadas agora com a pandemia dificilmente serão equacionadas sem uma atuação preponderante do poder público.

Outro fator a ser considerado é a insegurança que este tipo de ensino causa nos professores, pois o fato de não ter conhecimento se os objetivos propostos estão sendo alcançados gera um clima de apreensão e inquietude que pode afetar inclusive o desenvolvimento das atividades. Também, por ser algo relativamente novo nas escolas públicas, nem

todos os professores se sentem preparados para ofertar as atividades de maneira remota, ou não possuem equipamentos e internet de qualidade para a missão.

Por fim, percebemos que, para as escolas públicas, torna-se difícil fazer uso do ensino remoto, seja por problemas socioeconômicos dos alunos e dos professores ou pelas mudanças bruscas impostas, uma vez que não foi possível uma preparação prévia dos professores e alunos visando a um ensino de melhor qualidade durante o período de pandemia.

Nesta seção, analisamos duas propostas de trabalho apresentadas aos alunos da rede pública de ensino através do projeto de extensão intitulado "Trabalho com as Habilidades de Leitura e Escrita". Tratamos também das respostas encaminhadas pelos alunos para as atividades que haviam sido indicadas e das dificuldades vivenciadas no processo de implementação do projeto de extensão.

Conclusão

A situação apresentada é singular, ocorreu de inopino e trouxe muitos desafios, tanto para os alunos quanto para os professores. Estes diuturnamente enfrentam os desafios de atuarem de maneira a permitir que os alunos tenham acesso ao conhecimento, uma tarefa que nem sempre é fácil, pois na educação pública há uma grande defasagem de materiais que interfere no desenvolvimento das aulas. Já os alunos enfrentam grandes desafios para frequentar a escola, como, por exemplo, condições socioeconômicas familiares, estrutura escolar precária, dentre outras. Toda essa situação é agravada no sistema adotado durante o período de pandemia, ou seja, ensino remoto.

A escola conta, neste momento, com a conscientização familiar para evitar a evasão escolar, mas sabemos que isso pode não ocorrer, pois há um distanciamento habitual entre a família e a escola, fato que aumentou neste momento de pandemia. Essa situação interferiu de maneira significativa na aplicação do projeto de extensão no ano letivo de 2020. Em virtude do distanciamento social, nossas possibilidades de ação, assim como a dos professores de maneira geral, foi afetada de forma importante. A ausência de encontros presenciais para a realização das

oficinas do projeto acabou criando barreiras praticamente intransponíveis em alguns casos. A impossibilidade de estabelecer comunicação com muitos alunos impediu que alguns de nossos objetivos fossem atingidos de maneira satisfatória. Por outro lado, foi enriquecedora a oportunidade de trabalhar ao lado da escola e dos professores no esforço contínuo de levar informação, conhecimento. Aqueles alunos que foram envolvidos pelo projeto seguramente ampliaram sua capacidade de reflexão sobre temas atuais relevantes para o país. Além disso, o projeto contribuiu para a formação de todas as pessoas que participaram das oficinas. Os participantes, a ministrante e a professora que orientou a preparação e a aplicação das atividades precisaram buscar novas formas de interação para compartilhar conhecimento, e todas as formas de produção de conhecimento tornaram-se extremamente importantes durante o isolamento social.

Parece evidente que uma maneira de atenuar as dificuldades enfrentadas no ano letivo de 2020 é a união de todos em prol de uma educação de qualidade. O Estado assegurando o direito à educação de qualidade e igualitária, algo previsto em legislação específica; a escola como entidade responsável pela prestação de um serviço educacional de qualidade; o professor como uma ponte entre o aluno e o conhecimento; a família como primeira entidade incentivadora da participação dos alunos nas aulas, mesmo que de forma remota; e a sociedade como um todo, pois a educação de qualidade é a forma mais eficaz de mudança em uma sociedade.

Além de união para assegurar o acesso à educação em época de pandemia, é relevante pensar no pós-pandemia, pois percebemos o quanto é tênue o elo entre alunos e escola; bem como a distância entre a educação pública e a particular. Para tanto, se faz necessário pensar em políticas públicas que contemplem as necessidades básicas para o desenvolvimento de uma educação pública de qualidade, como, por exemplo, requalificação das escolas públicas, investimento na formação continuada de professores, programas de aproximação dos pais ou responsáveis com a escola, implantação de tecnologias para o desenvolvimento de aulas/pesquisas nas redes sociais, dentre outras.

AQUINO, J. G. **Diálogo com educadores**: o cotidiano escolar interrogado. São Paulo: Moderna, p.22, 2002.

BRASIL (Constituição). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL.

COSTA VAL, M. G. F.. Texto, textualidade e textualização. **Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação Língua Portuguesa**, Unesp – São Paulo, v. 1, p. 1, 2004.

DIONÍSIO, A. P.. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, p.178, 2007.

FERRAREZI JR, C.; CARVALHO, R. S. de. **De alunos a leitores**: o ensino da leitura na educação básica. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.38-44, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19ª ed. Ed. Brasiliense. São Paulo. Coleção: Primeiros passos, v. 74.p. 22-33, 2006.

MINAYO, M. C. S. – **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade - Petrópolis: Vozes, p. 21, 1995.

PASSARELLI, L. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares.** São Paulo: Cortez, p.69, 2012.

ROJO, R. H. R. **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, p.108, 2015.

SÉ, E. V. G. Tecnologia: manuais de aparelhos devem ter linguagem multimodal. **Portal Vya Estelar**, 2008. Disponível em: <https://www.vyaestelar.com.br/post/5823/tecnologia-manuais-de-aparelhos-devem-ter-linguagem-multimodal#:~:text=Para%20atingir%20o%20objetivo%20instrucional,sucesso%2C%20se%20separado%20do%20equipamento>. Acesso em: 16 set. 2020.

PAULA FERNANDA EICK CARDOSO, graduada em Letras - Português/ Inglês na UFPel. Doutora em Linguística e Letras na PUC-RS. Professora adjunta do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Coordenadora do projeto de extensão intitulado "trabalho com as habilidades de leitura e escrita".
E-mail:paulaeick@terra.com.br

AIDANA SCARPARO VALENTE, graduada em Letras - Português/Espanhol na UFPel. Bolsista do projeto de extensão intitulado "trabalho com as habilidades de leitura e escrita".
E-mail: aidanasv@gmail.com

ATIVIDADES MULTIDISCIPLINARES PARA JOVENS ATLETAS DURANTE A QUARENTENA DO COVID-19: PERCEPÇÕES DAS ATLETAS DO PROJETO VEM SER RUGBY

Eraldo dos Santos Pinheiro
Vivian Hernandez Botelho
Ciana Alves Goicochea
Camila Borges Müller

Introdução

O mundo vive uma pandemia, a qual foi causada pela doença do coronavírus 2019 (COVID-19). Devido à situação emergente, os governos implementaram medidas para conter a rápida propagação da doença, entre elas, o distanciamento social, proibindo as reuniões organizadas, incluindo os eventos esportivos (RICHARDS *et al.*, 2020). Sendo assim, as práticas esportivas coletivas foram suspensas, interrompendo os treinamentos em equipe dos atletas.

Apesar disso, dar continuidade ao treinamento dos atletas para que se mantenham fisicamente e mentalmente ativos neste período de distanciamento social é importante, visto que a mudança repentina da rotina, possivelmente irá impactar em aspectos físicos e psicossociais, principalmente em crianças e jovens (HULL; LOOSEMORE; SCHWELLNUS, 2020). Para identificar os motivos que originam a permanência dos atletas para a continuidade das ações pode ser importante investigar os fatores pessoais (internos) e ambientais (externos) que originam a motivação do indivíduo (SAMULSKI, 2004).

Porém, devido a diversos fatores vivenciados no contexto social atual, é necessário que haja ações para manter a motivação das atletas, dar continuidade aos treinamentos e ainda, aproveitar a oportunidade para transmitir conhecimentos teórico-práticos para minimizar os efeitos do isolamento. E para isso é importante considerar o desenvolvimento integral do atleta, oportunizando treinamentos físicos e métodos de recuperação adequados ao local disponível que o atleta possui em casa, conhecimento sobre alimentação, suporte psicológico, entre outros (JUKIC *et al.*, 2020).

Nesse sentido, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde e dos órgãos competentes, o projeto de extensão Vem Ser Rugby (VSR), criado em 2017, desenvolvido na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, em que tem objetivo de desenvolver atletas de rugby a longo prazo, interrompeu suas atividades presenciais na terceira semana do mês de março de 2020. Devido à incerteza dos primeiros meses de pandemia e como forma de dar continuidade ao trabalho desenvolvido com as atletas, no mês de junho de 2020, a comissão técnica se organizou para retornar as atividades oportunizando os treinamentos e encontros periódicos multidisciplinares em formato virtuais.

Considerando que o conhecimento atual sobre a saúde geral de atletas neste contexto de distanciamento social ainda é limitado (PILLAY *et al.*, 2020), e diante da possível mudança de comportamento das atletas, surge a necessidade de investigar como as atletas do VSR estão percebendo os encontros multidisciplinares realizados virtualmente durante o período de distanciamento social. Sendo assim, o objetivo deste estudo é descrever a percepção das atletas do projeto de extensão Vem Ser Rugby

sobre as atividades multidisciplinares, desenvolvidas em formato virtual durante o período de distanciamento social.

Metodologia

Estudo descritivo com abordagem qualitativa e quantitativa, caracterizado como método misto (PARANHOS *et al.*, 2016). A amostra inicial foi composta por 17 atletas do sexo feminino, com faixa etária de 15 a 17 anos, do projeto Vem Ser Rugby, porém uma atleta optou por não participar da pesquisa, resultando assim na amostra final de 16 atletas. Esta pesquisa atendeu aos preceitos éticos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Escola Superior de Educação Física (parecer nº 4.281.525), os responsáveis pelas atletas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e as atletas o termo de assentimento.

O projeto de extensão Vem Ser Rugby, tem objetivo de identificar escolares com alta performance física para desenvolvimento a longo prazo na modalidade de rugby. A seleção para participar do projeto ocorre através de um sistema de avaliação de aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho esportivo, aplicados por profissionais e estudantes de Educação Física nas próprias escolas, com crianças e adolescentes do primeiro ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio das escolas municipais de Pelotas/RS. Sendo assim, o projeto VSR selecionou adolescentes de 13 a 16 anos do sexo feminino para formar uma equipe de desenvolvimento a longo prazo envolvendo a modalidade de rugby, considerando o percentil 80 em potência de membros inferiores, agilidade e velocidade, no qual surgiu em 2017 e está formado até o momento.

Além das atletas que compõem a equipe do projeto, o VSR possui uma comissão técnica interdisciplinar, no qual abrange estudantes de graduação, pós-graduação e profissionais formados das áreas de Educação Física (9 profissionais e estudantes), Psicologia (1 professora e 1 estudante), Fisioterapia (3 profissionais e estudantes) e Nutrição (6 profissionais e estudantes), sob coordenação de um professor de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. Durante os três anos de projeto, o mesmo esteve presente em diversas competições, como

o Campeonato Gaúcho de Rugby até 19 anos em 2018 e 2019, a Copa Cultura Inglesa (campeonato nacional) em 2018, o Torneio Sul-americano *Valentín Martínez,* competição estadual Taça RS em 2019, e Campeonato Brasileiro de Sevens Juvenil em 2020.

Em tempos normais, o projeto VSR ocorre nas dependências da Escola Superior de Educação Física. Como parte do planejamento do projeto, o mesmo oferece às atletas três encontros semanais, sendo duas sessões de treinamento técnico-tático e uma de treinamento físico, com aproximadamente 1h30min de duração, e um encontro semanal em grupo de 1h com as profissionais da psicologia. As profissionais de fisioterapia acompanham os treinamentos e atendem às atletas conforme demanda das mesmas. E por fim, as atletas contam com suporte nutricional com oficinas e encontros mensais com as respectivas profissionais.

Para coleta das informações, após 24 encontros foi enviado para as atletas um questionário virtual, composto por questões objetivas e subjetivas formulado e aplicado através da plataforma *GoogleForms*. O acesso ao formulário foi disponibilizado através de um link via aplicativo de mensagens (*WhatsApp*). As perguntas foram elaboradas com base nos encontros virtuais e no suporte oferecido às atletas neste período de distanciamento social (Tabela 1).

Tabela 1 – Perguntas componentes do questionário.

Perguntas	**Tipo de Resposta**
1. Para você, os encontros virtuais neste período de isolamento social são:	Sem importância=1; Pouco importante=2; Indiferente=3; Muito importante=4; Extremamente importante=5
2. Qual sua opinião sobre os encontros virtuais?	Aberta
3. Você tem encontrado dificuldades de acessar a plataforma dos encontros virtuais? Se sim, qual(is)?	Aberta
4. Você tem assistido ou participado dos encontros virtuais?	Quase nunca ou nunca=1; Às vezes= 2; Sempre ou quase sempre= 3

Perguntas	Tipo de Resposta
5. Se você assiste ou participa, qual motivo tem feito você participar dos encontros virtuais?	Aberta
6. Se você não assiste ou não participa, por qual motivo você não tem participado dos encontros virtuais?	Aberta
7. Você participa dos treinos físicos? Se sim, quantas vezes por semana, em média?	Não= 1; De 1 a 2 vezes por semana= 2; De 3 a 4 vezes por semana= 3
8. Por qual motivo você está participando ou não dos treinos físicos?	Aberta
9. Para você, os encontros virtuais são para:	Compromisso=1; Ocupar tempo=2; Ver pessoas=3; Obrigação=4; Aprendizado=5; Diversão=6; Relaxar= 7; Treinar= 8
10. Assinale o quanto você gosta de participar dos encontros técnico-tático e conhecimento de rugby.	Não gosto= 1; Gosto pouco= 2; Indiferente= 3; Gosto= 4; Gosto muito= 5
11. Por qual motivo você participa dos encontros técnico-tático e conhecimento de rugby? Caso não participe, também informar o motivo.	Aberta
12. Assinale o quanto você gosta de participar dos encontros relacionados à nutrição.	Não gosto= 1; Gosto pouco= 2; Indiferente= 3; Gosto= 4; Gosto muito= 5
13. Por qual motivo você participa dos encontros relacionados à nutrição? Caso não participe, informar o motivo.	Aberta
14. Assinale o quanto você gosta de participar dos encontros relacionados à psicologia.	Não gosto= 1; Gosto pouco= 2; Indiferente= 3; Gosto= 4; Gosto muito= 5
15. Por qual motivo você participa dos encontros relacionados à psicologia? Caso não participe, informar o motivo.	Aberta

Perguntas	Tipo de Resposta
16. Assinale o quanto você gosta de participar dos encontros relacionados à fisioterapia.	Não gosto= 1; Gosto pouco= 2; Indiferente= 3; Gosto= 4; Gosto muito= 5
17. Por qual motivo você participa dos encontros relacionados à fisioterapia? Caso não participe, informar o motivo.	Aberta
18. Você acha que as atividades desenvolvidas virtuais e a distância estão contribuindo para seu desenvolvimento enquanto atleta? Se sim, como?	Aberta
19. Você acha que as atividades desenvolvidas virtuais e a distância estão contribuindo para seu desenvolvimento pessoal? Se sim, como?	Aberta
20. Você se sentiu ansiosa nesse período de isolamento social?	Sim= 1; Não= 2; Talvez= 3
21. Os encontros do projeto te ajudaram a diminuir a ansiedade?	Sim, estou menos ansiosa que antes= 1; Não mudou= 2
22. Se assinalou sim ou talvez na questão anterior, como você percebe o seu comportamento quando está ansiosa?	Aberta

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Os encontros durante o período de distanciamento social estão ocorrendo de forma virtual duas vezes por semana com duração de aproximadamente 60 minutos, através de uma ferramenta de videoconferência em que cada encontro é destinado à abordagem de uma área, sendo elas técnicos-táticos e conhecimento de rugby, fisioterapia, nutrição e psicologia, com as respectivas profissionais. É importante ressaltar que participar nos encontros virtuais é importante para o desenvolvimento das atletas, mas não era obrigatório, possibilitando assim a atleta decidir pela participação. A Tabela 2 apresenta os principais temas abordados

nos encontros, sendo estes, todos conduzidos por profissionais formados e estudantes das áreas, em formato de oficinas teóricas e práticas. Além dos encontros, no mesmo formato virtual, é oferecido às atletas treinamento físico com quatro sessões semanais. Ademais, no início dos treinamentos, foi fornecido material específico para cada uma das atletas para que pudessem realizar as atividades propostas.

Tabela 2 – Principais temas abordados nos encontros virtuais.

Temas dos encontros			
Técnicos-táticos e conhecimento de rugby	**Fisioterapia**	**Nutrição**	**Psicologia**
Regras e fundamentos; Arbitragem; Valores do rugby; Formas de comunicação.	Liberação miofascial; Alongamento; Estabilidade; Mobilidade.	Oficinas de culinária; Preparação de alimentos; Quando consumir; Nutrição de atletas.	Roda de conversa; Contexto de pandemia.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Para análise dos dados, foi realizada análise descritiva expressa em frequência absoluta e relativa para os questionamentos objetivos. Sendo os questionamentos subjetivos analisados em proximidade com o método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), em pesquisa qualitativa em saúde (MINAYO, 2013), no qual é possível descrever o conteúdo dos relatos. É importante ressaltar que as falas das atletas mencionadas ao longo deste estudo, seguem as normas éticas, garantindo o sigilo sob suas identidades, sendo assim as mesmas serão referenciadas como Atleta, acrescidas de números de 1 a 16.

Resultados e discussão

Após análise das respostas do questionário e para melhor apresentação dos resultados, os mesmos foram organizados em forma de tópicos, sendo: Percepção das atletas sobre os encontros virtuais; Participação nos encontros e treinos físicos virtuais; Motivação para participar dos

encontros multidisciplinares; Percepção das atletas sobre a contribuição dos encontros virtuais e Percepção de ansiedade no período de distanciamento social.

Percepção das atletas sobre os encontros virtuais

Quanto ao grau de importância que as atletas atribuíram aos encontros virtuais, 31% (5 atletas) relataram que são extremamente importantes, 56% (9 atletas) que são muito importantes e 13% (2 atletas) que são indiferentes. Quando questionadas quanto ao significado de participar dos encontros, a maioria das atletas se refere com atribuição positiva, como uma forma de interagir com as colegas de equipe, de manter em contato com o rugby e buscar motivação para seguir ativa neste período. Conforme podemos observar na fala da Atleta 4: "*Eu acho os encontros muito interessantes e importantes para não nos afastamos como equipe e também para temos motivações*".

Para as atletas, os encontros virtuais possuem objetivos diferentes, identificando-os com 88,2% como forma de aprendizado, 70,6% como diversão, 64,7% como compromisso, 64,7% para ver pessoas, 47,1% para relaxar, 35,3% como ocupar tempo, e 5,9% para treinar.

Para minimizar consequências relacionadas à quarentena COVID-19, autores sugerem um trabalho multidisciplinar no sentido de planejar um guia apropriado de apoio para atletas considerando treinamento de força e condicionamento, nutrição, saúde física e mental, relaxamento, entre outros (JUKIC *et al.*, 2020). Percebe-se nos resultados do presente estudo que as jovens atletas apresentam consciência de que os encontros multidisciplinares oferecidos podem trazer benefícios importantes no que se refere ao conhecimento pessoal e à socialização em período de isolamento.

Participação nos encontros e treinos físicos virtuais

Para participar dos encontros virtuais as atletas deveriam ter acesso à internet. Sendo assim, buscamos verificar se as mesmas tinham

dificuldades com conexão, e 87% (14 atletas) disseram que não tinham problemas de conexão e 13% (2 atletas) relataram que às vezes a internet apresenta instabilidade, dificultando assim o acesso aos encontros.

Quando questionadas sobre a frequência que estavam participando dos encontros virtuais, 50% (8 atletas) disseram participar quase sempre ou sempre, 31% (5 atletas) que participam às vezes e 19% (3 atletas) que quase nunca ou nunca participam. Para compreender os motivos que as atletas atribuem a estar participando dos encontros, na maioria das respostas emergiu ser o principal motivo estar em contato com as colegas de equipe, mesmo à distância como forma de socialização, assim como continuar aprendendo sobre rugby, conforme fala da Atleta 12 "*Pra aprender mais, pra interagir com as meninas e porque eu faço parte do time, então é bom ficar junto a elas*". As atletas que responderam não estar participando, disseram que estão desmotivadas, possuem falta de tempo e vontade de participar.

Está sendo oferecido as atletas treinamentos físicos quatro vezes por semana. Sendo assim, houve o questionamento de quantas vezes as atletas participam dos treinos durante a semana. A maioria das atletas, 56% (9 atletas) afirmou que está participando dos treinos de 3 a 4 vezes por semana, 25% (4 atletas) de 1 a 3 vezes por semana e 19% (3 atletas) que não estão participando. Para compreender o que motiva e desmotiva a participação, as atletas indicaram que o motivo de estar participando era devido a importância em manter-se ativa realizando atividades físicas, por fazer bem ao corpo e a mente e melhorar o condicionamento físico, conforme mencionado pela Atleta 1 "*Para não perder o foco do meu objetivo, sem contar que eu fico bem melhor depois que eu treino em grupo*". E as atletas que disseram não estar participando, foi por estarem desmotivadas, às vezes não se sentir bem e por falta de horário.

A literatura sugere que, em período de pandemia e isolamento social, atletas busquem atenuar perdas de condicionamento e readaptação ao treinamento, considerando o treinamento voltado à prevenção de lesões, qualidade de movimento e mobilidade, definição de metas e desenvolvimento psicológico, com ênfase no treinamento de força para a saúde (LATELLA; HAFF, 2020). O treinamento em casa com atividades utilizando exercícios apenas com a carga corporal oferece uma oportunidade eficiente para a manutenção da saúde e do condicionamento

(HAMMAMI *et al*., 2020). Diante disso, os resultados do presente estudo apontam que as atletas que participaram dos encontros se beneficiaram quanto ao aprendizado relacionado aos temas abordados bem como na oportunidade de integração social com as colegas de equipe.

Além disso, como estratégia para minimizar os efeitos do isolamento nas competências físicas dos atletas, a tecnologia faz-se importante aliada nesse período sendo o uso das plataformas digitais a principal alternativa utilizada por educadores físicos, para instruir, motivar os atletas e orientar a prática dos exercícios físicos, promovendo treinos virtuais mesmo a distância (CHEN *et al*., 2020). Esses pontos são reforçados no estudo realizado por Moura *et al*. (2020) que salienta a importância das plataformas digitais para que os atletas possam manterem um estilo de vida saudável e manterem-se fisicamente ativos, mesmo no período de isolamento e distanciamento social. Ainda neste mesmo estudo, os autores abordam a comunicação por meio das vias digitais e salientam a relevância do falar e ser ouvido, e do quanto estes aspectos são saudáveis para envolvimento dos atletas, corroborando com os resultados previamente encontrados em nosso trabalho.

Motivação para participar dos encontros multidisciplinares

Em relação ao prazer, ao gostar e a motivação por estar participando dos encontros, buscamos identificar em escala de importância, o quanto as atletas atribuem a cada área, sendo técnico-tático e de conhecimento sobre rugby, nutrição, psicologia e fisioterapia. Referente aos encontros técnico-tático e de conhecimento sobre rugby, 62% (10 atletas) identificaram como gostar muito, 19% (3 atletas) que gostam e 19% (3 atletas) como indiferente. Em relação a motivação para esses encontros, a maioria das atletas afirmam participar para adquirir conhecimento sobre a modalidade, conforme podemos observar na fala da Atleta 1 "*Para aprender coisas que ainda não sei da parte técnica-tática, porque, por vezes, não damos muita importância para a parte teórica*".

Nos encontros relacionadas à nutrição, 13% (2 atletas) identificaram que gostam muito, 56% (9 atletas) que gostam, 19% (3 atletas) que é indiferente, 6% (1 atleta) que gosta pouco e 6% (1 atleta) que não gosta.

Em relação à motivação para participar, as atletas descrevem ser para aprender receitas saudáveis, compreender sobre a própria alimentação, identificar os momentos de consumir e o que consumir em dia de competições, podemos observar algumas destas atribuições na fala da Atleta 4 "*Eu participo para compreender melhor minha alimentação*".

Referente aos encontros relacionados à psicologia, 75% (12 atletas) identificaram que gostam muito, 13% (2 atletas) que gostam, 6% (1 atleta) que é indiferente e 6% (1 atleta) que não gosta. Quanto aos motivos que fazem as atletas participar, é devido ao momento em que elas são ouvidas pelas colegas e profissionais, assim como podem falar sem julgamentos, compartilhar sentimentos e aprender a conviver com as próprias emoções. Podemos observar na fala da Atleta 7 a importância dos encontros com as profissionais da psicologia neste momento de incertezas que é a pandemia do COVID-19: "*Nesse cenário em que estamos, que é tudo meio incerto, é a política, pandemia, escola... além disso, tem muitos outros problemas que vão nos deixando mais pra baixo, desmotivada, por isso que esses 3encontros são essenciais, a psicóloga é o nosso apoio fora do campo*".

E referente aos encontros relacionados à fisioterapia, 37,5% (6 atletas) identificaram que gostam muito, 37,5% (6 atletas) que gostam e 25% (4 atletas) que é indiferente. Quanto a motivação para participar, relataram ser para aprender a realizar os exercícios, prevenir lesões e relaxar, conforme podemos observar na fala da Atleta 14, que afirma: "*Eu gosto muito porque aprendemos mais coisas sobre o nosso corpo, cuidados com o nosso corpo em campo e fazemos exercícios*".

Como podemos observar, as atletas trazem em seus relatos vários fatores que as motivam a participar dos encontros neste formato virtual. Samulski (2004) afirma que os fatores podem ser apresentados de forma intrínseca, como interesses, facilidades, objetivos, expectativas, e de forma extrínseca, que englobam fatores externos, como a influência e envolvimento familiar. Segundo o autor, esses fatores são determinantes para a permanência no âmbito do esporte, tornando relevante neste estudo identificar os motivos que as mantém ativas nos encontros.

Com a alteração da rotina, a existência de um cenário de inseguranças, angústias e medo como forma de controle social em que as relações se tornam uma ameaça (MORAES, 2012), é necessário buscar outras

formas de relação. Sendo assim, o projeto VSR vem buscando estratégias de reduzir os impactos causados pelo isolamento social através dos encontros virtuais e das profissionais das diferentes áreas. Podemos observar, através das falas das atletas, que o motivo atribuído a estarem participando dos encontros virtuais é para adquirir conhecimento e ter momentos de interação social.

Percepção das atletas sobre a contribuição dos encontros virtuais

As atletas foram questionadas sobre como as atividades desenvolvidas de forma virtual estão contribuindo para o desenvolvimento pessoal e afirmaram estar mais comprometidas e desenvolvendo as tarefas diárias com mais autonomia. Também podemos observar na fala da Atleta 2 que os encontros estão proporcionando autoconhecimento: "*Me conhecendo, me desenvolvendo e me superando nas minhas próprias expectativas*". De Andrade Moretti *et al*. (2020) se refere ao período de pandemia como meio de descobertas pessoais e formas de resolver problemas e aprendizados constantes. Diante disso, é necessário salientar a importância das ações de extensão para o desenvolvimento pessoal, como cidadania, valores e emancipação que os projetos podem proporcionar aos sujeitos envolvidos (PRATES *et al*., 2019).

E quando questionadas como as atletas percebem que as atividades estão contribuindo para o desenvolvimento enquanto atletas, afirmaram que não está conforme poderia ser presencialmente, mas que percebem evolução, assim como estão aprendendo outras formas de adquirir conhecimento. Podemos observar no relato da Atleta 2 "*Não tanto se estivéssemos presencial, mas seguir em uma rotina e ritmo está ajudando sim, para voltar bem e só seguir o trabalho*".

Com a mudança dos hábitos e aquisição de novas práticas, o isolamento social reduziu as formas de deslocamento, atividades sociais, tendo que incorporar às novas rotinas protocolos mais rígidos de higiene, mudando as relações com o próprio corpo, casa e cidade (CÉSAR; DE FÁTIMA; MORAES, 2020). Posto isso, manter uma rotina, buscar alternativas de conexões sociais, ter momentos de autocuidado, limitar o consumo de informações através das mídias, são algumas das

recomendações de Banerjee (2020) que possibilitam reduzir os impactos deste momento de pandemia e buscar uma melhor qualidade de vida.

Percepção de ansiedade no período de distanciamento social

Devido ao aumento do desenvolvimento da ansiedade nesse período de distanciamento e isolamento social (BARROS *et al.*, 2020), sentimos a necessidade de identificar se as atletas estão se percebendo mais ansiosas nesse período referente ao anterior a pandemia, sendo 75% (12 atletas) responderam que sim, estão mais ansiosas, e 25% (4 atletas) que talvez. Sendo assim, buscamos identificar se as atletas percebem os encontros virtuais como possibilidade para diminuir os sintomas de ansiedade e 56% (9 atletas) identificaram que estão menos ansiosas que antes e 44% (7 atletas) que não notaram diferença.

Oportunizar diferentes práticas neste período em que o tempo sedentário tem ocupado maior parte do tempo dos jovens, pode proporcionar uma melhor qualidade de vida. E quando essas práticas são relacionadas a atividades físicas moderadas a vigorosas, parece que reduz as relações entre ansiedade e comportamento sedentário em tela (ZINK *et al.*, 2020).

Para buscar compreender como as atletas percebem, através de seu comportamento, quando estão ansiosas, as mesmas descreveram os sintomas da ansiedade quando:

> *Tenho a sensação de que não vou conseguir fazer nada além de ficar na cama, mas com o pensamento de que tenho que estar fazendo algo.* (ATLETA 1, 2020)
>
> *Vontade de comer e inquieta*. (ATLETA 2, 2020)
>
> *Negligenciar os cuidados pessoais, tenho dificuldade de sair da cama, me sinto sem disposição e fatigada. Os dias parecem curtos e eu só não vejo a hora de acabar tudo que é necessário e dormir de novo.* (ATLETA 9, 2020)
>
> *Às vezes com coisas simples tenho que fazer com a escola e não consigo entregar; pensando muito em algumas coisas;*

quando estou atrasada; quando tenho que fazer várias coisas no dia. (ATLETA 14, 2020)

Neste período de pandemia, muitas pessoas relataram que o isolamento social impacta na saúde mental e também ocasiona alterações referente ao comportamento alimentar, como o consumo com mais frequência (DOS REIS VERTICCHIO; DE MELO VERTICCHIO, 2020). Podemos observar nas falas das atletas, na qual afirmaram que se percebem ansiosas quando consomem alimentos com mais frequência do que o habitual. Além disso, sabe-se da importância da manutenção da saúde mental para o sistema imunológico, e que ficar em casa causa estresse, ansiedade e sofrimento mental (HAMMAMI *et al*., 2020). Dessa forma, ocupar a rotina diária em atividades que estimulem o autocuidado podem atenuar sintomas que prejudicam no desenvolvimento pessoal e esportivo.

Considerações finais

Diante do exposto, o Projeto Vem Ser Rugby adotou um cronograma prático, considerando o cancelamento das atividades presenciais durante a pandemia, para que a equipe multidisciplinar auxilie as atletas com conteúdos importantes para o conhecimento pessoal, treinamento físico geral e integração social. Os relatos apresentaram considerada importância dos encontros e treinos virtuais para o desenvolvimento pessoal das atletas. Em suma, este estudo observou que encontros multidisciplinares e treinos físicos virtuais podem ser uma estratégia de agregar conhecimento, socialização e auxiliar na manutenção da saúde física e mental de jovens atletas. Além disso, ocupar o tempo com diferentes atividades pode diminuir o aumento da ansiedade causada pelo distanciamento social. Ainda, as abordagens de diferentes conteúdos teóricos durante a quarentena trazem a oportunidade da comissão técnica transmitir uma série de informações que, devido ao tempo disponível, não fosse possível trabalhar com as atletas em período com atividades presenciais. Considerando isso, este trabalho reforça a importância de um trabalho multidisciplinar para o desenvolvimento de jovens atletas.

BANERJEE, D. The COVID-19 outbreak: Crucial role the psychiatrists can play. **Asian journal of psychiatry**, v. 50, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7270773/>. Acesso em: 16 set. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, M. B. A. *et al*. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n.4, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ress/2020.v29n4/e2020427/pt/>. Acesso em: 14 set. 2020.

CÉSAR, P. A. B.; DE FÁTIMA RIBEIRO, A.; MORAES, M. P. Em Tempos de Pandemia [e no Pós]: Relações Emocional e seus Impactos no Ambiente Construído pelo Confronto entre Viajante e Morador/ The Emotional Impact and its Relations in the Built Environment with the Traveler and Resident Confrontation in Times of Pandemic [And After]. **ROSA DOS VENTOS -Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3, 2020.

CHEN, P. *et al*. Coronavirus disease (COVID-19): The need to maintain regular physical activity while taking precautions. **Journal of Sport Health Science**, v.9, n. 2, p. 103–104, 2020.

DE ANDRADE MORETTI, S. A. *et al*. Nossas Vidas em Meio à Pandemia da COVID-19: Incertezas e Medos Sociais. **Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC**, v. 5, n. 1, p. 32-41, 2020.

DOS REIS VERTICCHIO, D. F.; DE MELO VERTICCHIO, N. Os impactos do isolamento social sobre as mudanças no comportamento alimentar e ganho de peso durante a pandemia do COVID-19 em Belo Horizonte e região metropolitana, Estado de Minas Gerais, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7206>. Acesso em: 14 set. 2020.

HAMMAMI, A. *et al*. Physical activity and coronavirus disease 2019 (COVID-19): specific recommendations for home-based physical training. **Managing Sport and Leisure**, p. 1–6, 2020.

HULL, J. H.; LOOSEMORE, M.; SCHWELLNUS, Respiratory health in athletes: facing the COVID-19 challenge. **The Lancet Respiratory Medicine**, v. 8, n. 6, p. 557-558, 2020.

JUKIC, I. *et al*. Strategies and solutions for team sports athletes in isolation due to COVID-19, **Sports** v. 8, n. 56, p1-9, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2075-4663/8/4/56/htm#B52-sports-08-00056>. Acesso em: 14 set. 2020.

LATELLA, C.; HAFF, G. G.; Global challenges of being a strength athlete during a pandemic: impacts and sports-specific training considerations and recommendations, **Sports**, v. 8, n. 100, p. 1-6, 2020.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MORAES, N. A. Doença e medo: charges, sentidos e poder na sociedade. *In*: MONTEIRO, Y. N. & Carneiro, M. L. T (Orgs.). **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Fap – Unifesp, 2012.

MOURA, D. L. *et al*. Pandemia COVID-19 e impacto no Desporto. **Revista Medicina Desportiva Informa**, v. 11, n. 3, p. 29-30, 2020.

PARANHOS, R. *et al*. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, v. 18, n. 42, p. 384-411, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222016000200384&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PILLAY, L. *et al*. Nowhere to hide: The significant impact of coronavirus disease 2019 (COVID-19) measures on elite and semi-elite South African athletes. **Journal of science and medicine in sport**, v. *23, n*. 7, p. 670–679, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7235602/#bib0020>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PRATES, E. J. S. *et al*. Oficinas educativas junto a adolescentes em situação de vulnerabilidade social: promoção da saúde, cidadania e empoderamento. **Expressa Extensão**, v. 24, n. 3, p. 79-90, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/14984>. Acesso em: 16 set. 2020.

RICHARDS, G. *et al*. COVID-19 and the Rationale for Pharmacotherapy: A South African Perspective. **Wits Journal of Clinical Medicine**, v. 2, p. 11–18, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7187737/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**: conceitos e novas perspectivas. 2.ed. Barueri: Manole, 2004

ZINK, J. *et al*. The relationship between screen-based sedentary behaviors and symptoms of depression and anxiety in youth: a systematic review of moderating variables. **BMC Public Health**, v. 20, n. 1, p. 472, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7147040/>. Acesso em: 15 set. 2020.

Sobre os autores

ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO, graduado em Educação Física pelo Centro Universitário La Salle – Canoas. Doutor em Ciências do Movimento na UFRGS. Professor adjunto da Escola Superior de Educação Física da UFPEL. Coordenador do projeto Vem Ser Rugby. E-mail: esppoa@gmail.com

VIVIAN HERNANDEZ BOTELHO, graduanda de Licenciatura em Educação Física na UFPel. Voluntária no projeto Vem Ser Rugby desde 2019. E-mail: vivianhbotelho@gmail.com

CIANA ALVES GOICOCHEA, graduanda de Licenciatura em Educação Física na UFPel. Voluntária no projeto Vem Ser Rugby desde 2018. E-mail: cianagoicochea@gmail.com

CAMILA BORGES MÜLLER, graduada em Educação Física na UFPel. Mestra em Educação Física na UFPel. Doutoranda em Educação Física na UFPel e Voluntária do Projeto Vem Ser Rugby desde 2017. E-mail: camilaborges1210@gmail.com

SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: REINVENTANDO UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA PANDEMIA DA COVID-19

Dinarte Alexandre Ballester
Beatriz Floriam Foltram
Bruno Bezerra Silva
Felipe Barbosa Butze
Isabela Santiago Pizani
Luiza Mainardi Ribas

Uma mudança de rota

O Projeto de Extensão "Saúde Mental na Escola: uma ação entre professores e alunos do Ensino Fundamental" da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) vinha sendo desenvolvido presencialmente desde seu início, com encontros no campus do curso de Medicina da UFPel, e atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Círculo Operário

Pelotense, mas, pelo cenário de isolamento social devido ao coronavírus, foi reformulado para se manter ativo.

A pandemia da Covid-19, anunciada como tal pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2019, colocou as comunidades acadêmicas diante de um cenário inédito: a impossibilidade de realização de qualquer atividade presencial durante meses, configurando um desafio para os universitários integrantes de projetos acadêmicos. Assim como outros projetos, o nosso esteve paralisado por vários meses, pelo fechamento da nossa Faculdade e o da Escola Círculo Operário. Até que, por iniciativa de um dos colegas, o grupo do projeto resolver reiniciar os encontros, desta vez de modo virtual, através da plataforma GoogleMeet. As reuniões passaram a ocorrer semanalmente durante a pandemia, fomentando discussões acerca das futuras atividades com as crianças da escola, planejando práticas e estudando meios de atingir a promoção da saúde mental no ambiente escolar.

No ano anterior, havíamos começado um curso de atualização em saúde mental para as professoras da Escola, suscitando bastante interesse e participação, e estávamos em vias de recomeçar as atividades quando a pandemia impôs a interrupção. Após a nossa retomada, entramos em contato com a coordenação pedagógica da escola, a fim de verificar a viabilidade de retomar as atividades com as professoras e com os alunos de forma remota, fazendo uso da internet. No entanto, a Escola estava concentrando seus esforços na adaptação à nova realidade, com dificuldades para comunicar-se com todos os alunos, e por isso os encontros permaneceram apenas entre os acadêmicos e o professor orientador.

Anteriormente, desde o início do projeto em 2019, os encontros presenciais no departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFPel eram baseados em discussões sobre os materiais estudados pelos alunos previamente, e no planejamento das atividades na escola municipal. No caso dos encontros remotos em 2020, as conversas tomaram um aspecto mais amplo e dialogado, talvez devido aos encontros mais regulares em comparação ao cenário anterior, e também pela busca de novas referências para o nosso trabalho.

Tendo em vista o objetivo do projeto: a promoção da saúde mental no ambiente escolar, seja identificando sinais de transtornos precocemente, incitando bons relacionamentos interpessoais,

provocando a comunicação sadia sobre sentimentos e emoções ou outras várias ações educativas possíveis de serem estimuladas, o grupo do projeto buscou inspirações na literatura brasileira e mundial. Uma referência importante, além de um parceiro do projeto, vem do Canadá, onde o Prof. Stan Kutcher e colaboradores vêm desenvolvendo ações de educação em saúde mental em várias regiões desse país e do mundo (WEI; KUTCHER, 2012).

A pandemia, que inicialmente paralisou o trabalho em andamento, terminou por oferecer tempo para reflexão. Em busca de algumas referências para embasar as atividades do projeto, encontrou-se inspiração na experiência italiana do "Ateliê" (GANDINI *et al.*, 2019), nas crianças produtores de textos (CALKINS; HARTMAN; WHITE, 2008) e em Paulo Freire, especialmente na sua Pedagogia da autonomia (FREIRE, 2002).

O "Ateliê", cujas origens italianas espalharam suas raízes até a América do Norte e outros continentes, trouxe a experiência de escolas do ensino básico promotoras da imaginação infantil, da expressão livre e aberta das crianças por meio das mais variadas formas artísticas (GANDINI *et al.*, 2015). O texto sobre as "crianças produtoras de textos" aborda a busca da interatividade entre professores e alunos, projetando o desenvolvimento infantil a partir da leitura e da escrita, agregando ao projeto informações muito úteis para o desdobramento da relação entre acadêmicos e alunos da escola, necessária para que se alcance os objetivos ao longo das futuras atividades presenciais. A leitura de Paulo Freire proporcionou a abordagem do diálogo no ambiente escolar e a relação professor-aluno, incluindo a não fixação da figura do professor como único ser detentor do conhecimento dentro da sala de aula, além da estimulação constante do pensar e refletir dos alunos.

É preciso dizer que estas leituras possibilitaram uma viagem a um universo diferente da literatura biomédica à qual os acadêmicos estão acostumados na formação médica. O projeto de extensão foi conduzido para além dos muros da Faculdade de Medicina, não só para o bairro onde se situa a Escola Círculo Operário Pelotense, mas também para a biblioteca de Ciências Sociais, onde foi possível encontrar novas pistas para a trajetória a ser cumprida.

Ainda que o foco seja a saúde mental, a comunicação com professores e alunos de uma escola de ensino fundamental deveria ser desenvolvida,

se realmente houvesse o desejo do projeto ser integrado ao cotidiano escolar e da busca de promoção de melhores condições de saúde.

Sobre os referenciais

A leitura do livro "Crianças Produtoras de Texto", durante os primeiros meses de quarentena, apresentou as práticas e os princípios que levam ao desenvolvimento da escrita pelas crianças e as formas de interagir em sala de aula, buscando a melhor relação professor-aluno. O livro é resultado de um Projeto de Leitura e Produção Textual das autoras, que buscava relacionar a capacidade interativa dos professores com o desenvolvimento infantil. Assim, a obra foi escrita buscando informar e consolidar essa relação por meio de quatro passos: Pesquisar, Decidir, Ensinar e Ligar.

Partindo do pressuposto de que, quando escrevemos, podemos pensar sobre nosso pensamento, somos imersos em uma realidade de igualdade entre professor e aluno, na qual o professor não fica acima, mas sim, ao lado dele, auxiliando-o por meio dos quatro passos. O "Pesquisar" ensina o adulto a investigar as intenções da criança ao escrever o texto, informando suas percepções e visões. Além disso, mostra a importância de elogiar o que ela está fazendo de modo correto, objetivando que ela repita o mesmo padrão em produções futuras. O "Decidir" mostra que se deve definir o modo mais adequado para ensinar a criança, seja por demonstração, explicação ou prática orientada. O "Ensinar" refere-se ao ato de transmitir informações à criança, mostrando pacientemente como algumas alterações devem ser feitas no texto. Por fim, o "Ligar" mostra a importância de informar ao aluno seus aprendizados, permitindo que ele consolide o conhecimento de maneira adequada.

Com essa leitura, é possível entender a importância do diálogo linear e os passos importantes na criação de vínculo com a criança, a fim de transmitir um ensinamento que possa ser consolidado por ela, além de estabelecer um ambiente seguro de confiança, ajuda e empatia. Dessa forma, no nosso trabalho, é possível utilizar a escrita de textos como forma de expressão dos sentimentos e da realidade do aluno, de forma que se entenda suas necessidades e questões relacionadas à sua saúde

mental, principalmente durante a pandemia, período no qual distúrbios mentais encontram-se em evidência, possivelmente pela falta de interação social, fato que denota a atual importância do projeto. Além disso, a obra facilita o diálogo e a interação com eles, ferramenta necessária para permitir a aproximação e o auxílio aos alunos a entenderem seus sentimentos, fazendo com que se sintam confortáveis a desenvolver o comportamento de "busca de ajuda" quando necessário (RICKWOOD; THOMAS, 2012).

Embora durante os encontros virtuais com os integrantes do projeto tenham sido discutidas questões relacionadas à dificuldade de implementar os ensinamentos do livro nas escolas públicas e as barreiras enfrentadas pelos educadores diariamente, essas dúvidas foram importantes para que as atividades fossem aprimoradas e adequadas à realidade brasileira, considerando esses pontos como importantes, porém, sem que eles se tornassem limitantes ao projeto. Dessa forma, é possível a união entre teoria e prática, de modo a aplicar os ensinamentos de maneira possível, eficaz e adequada. Assim, a partir do exposto, entende-se que os aprendizados adquiridos pela leitura desse material se mostram valiosos para o projeto durante as atividades com as crianças, sejam elas presenciais ou à distância.

Dentre outros materiais de estudo utilizados, está o projeto educacional de Reggio Emilia: o "ateliê", cujas raízes são da cidade de Reggio Emilia, localizada no norte da Itália, embora nos dias vigentes seja desenvolvido em escolas da América do Norte. Tendo como base a obra "O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia", como também o ambiente virtual de exposição do projeto, um website repleto de imagens e descrições das atividades, pode-se adentrar nesse mundo escolar distante da realidade brasileira. Durante o cenário de pandemia do novo coronavírus, o website foi muito proveitoso para que se conhecesse esse gigante projeto de proporções intercontinentais (REGGIO CHILDREN, 2020).

Isto é, foi possível perceber como o ensino e a aprendizagem foram transformados nas escolas onde o ateliê foi implementado, pois a prática da ideia de que toda criança tem potencial, direito e desejo de produzir sentido aos seus relacionamentos, sendo ela criativa e livre para usar as muitas linguagens para se expressar, faz com que os alunos sejam

capazes de aprofundar suas habilidades. As atividades nessas escolas buscam promover experiências com materiais diferentes, muito tangíveis nas aulas de educação artística, permitindo a livre expressão por meio de pinturas e esculturas, além de suscitar o questionamento e a procura por respostas. Tanto no ventre do projeto italiano, quanto na experiência norte-americana, os trabalhos desenvolvidos pelas crianças foram expostos além da comunidade escolar, em ambientes públicos, permitindo aos artistas infantis perceberem o imenso valor das suas produções e favorecendo ainda mais o diálogo e o compartilhamento de experiências. De modo semelhante, durante o isolamento social decorrente da covid-19, o ambiente virtual do projeto foi o meio de exposição das obras dos alunos, permitindo que qualquer pessoa ao redor do mundo possa ter contato com essa proposta diferenciada de aprender e ensinar.

Ao longo dos estudos acerca dessa nova forma de promoção do conhecimento e da criatividade, foram realizadas diversas discussões nos encontros virtuais dos acadêmicos da UFPel, como questionamentos se esse método de ensino se adaptaria às escolas brasileiras, nas quais nem sempre prevalece o diálogo durante o aprendizado e a figura do professor tende a ser encarada como a detentora do conhecimento dentro da sala de aula. Assim, decidiu-se dedicar uma atenção especial no modo de articulação com os alunos durante as práticas na escola de ensino fundamental pelotense, sendo essencial que as crianças e adolescentes não encarem os participantes do projeto de saúde mental como professores, como pessoas dizendo o que deve ou não ser feito. Por exemplo, o agachar-se para falar com algum aluno, portar-se lado a lado para a conversa, não desenvolver um olhar de superioridade foram pontos discutidos e tomados como essenciais nas práticas futuras.

Do mesmo modo, foram analisadas práticas do ateliê que poderiam ser implementadas no cotidiano de prevenção da saúde mental na escola, como a valorização das inúmeras formas de expressão no meio artístico e o desenvolvimento de um canal de comunicação viável disponível entre alunos e coordenação escolar, de modo a valorizar o diálogo, por exemplo: atividades em roda, produção de desenhos e conversas abertas sobre sentimentos e emoções de cada um. Um ponto importante sobre o qual se discutiu ao longo do planejamento das futuras atividades com

os alunos no projeto foi a promoção da consciência emocional, como a reformulação da ideia “tristeza”, este sentimento, tratado como ruim socialmente, deveria ser repensado e apresentado como algo natural durante a vida de qualquer pessoa. Assim, tomou-se como base o ateliê para tecer as práticas, aliando a produção artística (pinturas, canções, teatro) à discussão sobre as emoções.

Além dos materiais supracitados, foi utilizado o livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire, no qual o educador pernambucano aborda a forma e a postura de ensinar do educador, principalmente o diálogo e a relação professor-aluno, começando com princípios como o educador deve reconstruir a sua docência para transformar a ingenuidade do aluno em criticidade, que ensinar não se limita ao ato de transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção, ao mesmo tempo que expõe a necessidade do relacionamento professor-aluno ser pautado na ética, respeito e compreensão.

No primeiro bloco “Prática docente: primeiras reflexões”, o autor discorre sobre como não há docência sem discência, criticando o ensino tradicional, caracterizado pelo autor como “bancário”, onde o professor somente transmite conhecimento para posteriormente ser cobrado em uma prova, sem a postura reflexiva e questionadora de um professor “problematizador”, este último cultivando no aluno uma postura questionadora, dando espaço para manifestações em aula, porém com rigor metodológico, sem gerar desorganização.

No segundo bloco “Ensinar não é transferir conhecimento”, Paulo Freire enfatiza a necessidade de respeitar a autonomia e identidade do educando, mostrando que qualquer forma de discriminação deve ser rejeitada, pois é imoral, não democrática e fere a dignidade do ser humano. Além disso, descreve o bom educador como aquele pautado na ética, coerência, bom senso, responsabilidade, humildade e tolerância, que luta pelos seus direitos e condições para ensinar.

No terceiro bloco “Ensinar é uma especificidade humana”, o autor afirma que o clima de respeito nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autenticando o caráter formador do espaço pedagógico, aborda a autoridade do educador e reforça o caráter respeitoso da relação professor-aluno, apresentando o educador como ponto de partida

para mudança social, ao instigar os alunos a buscarem melhorias nas condições e qualidade de vida.

A análise do livro pelo grupo durante os encontros virtuais gerou a discussão sobre a necessidade de empatia por parte do professor, compreendendo as dificuldades e diferentes situações que se encontram as crianças, adaptando as atividades para os alunos com dificuldades de aprendizado e necessidades especiais. Ademais, foi discutido sobre como aprender com as crianças e sobre a diferença do ensinar para crianças e para adolescentes, sendo necessárias atividades com propostas adequadas a cada faixa etária.

Novos caminhos a seguir

Além de nos aventurarmos por novos campos do conhecimento, a nossa metodologia, ancorada na observação participante e na pesquisa-ação, tem sido uma nova descoberta, partindo do princípio de que "de médico e de antropólogo todo mundo tem um pouco"!

Se a pandemia interrompeu a nossa trajetória, também nos tem dado a oportunidade de criar novas alternativas. Uma inversão benéfica foi a iniciativa do grupo de estudantes do projeto na retomada das atividades, que no início partiram do professor orientador. Deste modo, passamos a vivenciar no próprio grupo o que encontrávamos nas nossas leituras: autonomia, participação, interatividade, construção compartilhada do conhecimento.

Ainda que contemos com a experiência das professoras que convivem com as crianças e adolescentes da Escola Círculo Operário Pelotense, para nos orientarem na condução das atividades, podermos experimentar esse jeito de aprender faz com que não nos sintamos de mãos vazias para o encontro com os alunos.

No entanto, enquanto ensaiamos essas palavras, o futuro ainda é incerto; não sabemos nem quando poderemos voltar à Escola! E o que esperar do retorno, voltaremos ao "normal"?

Para Santos (2020), a pandemia não se contrapõe a uma situação anterior de 'normalidade'. A pandemia vem agravar uma situação de crise permanente pela qual a sociedade tem estado sujeita há mais tempo,

sobretudo em decorrência dos efeitos do aprofundamento da economia neoliberal e do capitalismo financeiro nos últimos 40 anos. Assim, com a pandemia, emerge uma nova preocupação, e a forma como vamos interpretá-la e avaliá-la será primordial para o futuro da humanidade. Para ele, a pandemia do novo coronavírus vem a acentuar e tornar visíveis uma série de problemas sociais estruturais causados pelo capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, dentre eles a divisão de classes, a devastação ambiental, a exclusão social, a discriminação e a extrema pobreza.

O pensador espanhol Vicenç Navarro (2020) aponta no mesmo sentido, denunciando a desigualdade e a deterioração da democracia, com a redução do bem estar e da qualidade de vida das populações, inclusive em países europeus e nos Estados Unidos. Ele vincula a pandemia à crise climática, afirmando que esta podia ter sido prevista e também pode ser controlada, mas não vê desejo político de países e organismos internacionais, controlados por forças econômicas. Para ele, o futuro que nos espera oscila entre a barbárie e o bem comum.

De acordo com Byung-Chul (2020), hoje vivemos uma biopolítica digital, acompanhada por uma psicopolítica digital, que controla ativamente as pessoas e empodera os detentores de dados. Na visão do filósofo coreano, o vírus não trará a mudança, ele apenas nos isola e individualiza, sem gerar nenhum sentimento coletivo mais intenso. Portanto, somos nós, pessoas dotadas de razão, que devemos repensar radicalmente esse sistema destrutivo, para salvarmos a nós mesmos e ao planeta.

Segundo a Carta Final da Assembleia Nacional da Resistência Indígena, "em tempos de pandemia, a luta e a solidariedade coletiva que reacendeu no mundo só será completa com os povos indígenas, pois a cura estará não apenas no princípio ativo, mas no ativar de nossos princípios humanos" (APIB, 2020).

Para concluir, uma ideia de Krenak (2020), pensador e escritor: nesta pandemia, a Terra teve de parar, para ele, esta é uma oportunidade para reprogramar o futuro da Humanidade. Essa gigantesca tarefa vai muito além dos limites do nosso modesto, talvez pretensioso projeto. No momento, o que nos importa é ter saído da imobilidade, do medo paralisante, e prosseguir criando possibilidades para que as crianças e os adolescentes, que vivem conosco em meio a essa névoa que assola o planeta, possam viver com saúde.

APIB. **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil**. Carta Final da Assembleia Nacional da Resistência Indígena. 2020. Disponível em: <https://apib.info/2020/05/10/carta-final-da-assembleia-de-resistência-indigena/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BYUNG-CHUL, H. **La emergencia viral y el mundo de mañana**. Ediciones El País. 22 março 2020.

CALKINS, L.; HARTMAN, A.; WHITE, Z. **Crianças produtoras de texto**: A arte de interagir em sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 240 p., 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 165 p., 2002. – (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.

GANDINI, L. *et al*. **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. 2. ed. Brasil: Penso, p. 1-224, 2019.

GANDINI, L. *et al*. **In the Spirit of the Studio**: Learning fromthe Atelier of Reggio Emilia. 2. ed. New York: Teachers College Press, p. 1-224, 2015.

KRENAK, A. **O mundo está chapado de tanto consumo**. Carta Capital. 2020. Disponível em: < https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-o-mundo-esta-chapado-de-tanto-consumo/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

NAVARRO, V. **Lo que se está ocultando em el debate sobre la pandemia**. 2020. Disponível em: <https://blogs.publico.es/vicenc-navarro/2020/03/24/lo-que-se-esta-ocultando-en-el-debate-sobre-la-pandemia/>. Acesso em: 9 set. 2020.

REGGIO CHILDREN. **Reggio Emilia**. 2020. Disponível em: <https://www.reggiochildren.it/en/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

RICKWOOD, D. ; THOMAS, K. Conceptual measurement framework for help-seeking for mental healthproblems. **Psychology Research and Behavior Management**, Australia, v. 2012, n. 5, p. 173-183, dez./2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3520462/pdf/prbm-5-173.pdf>. Acesso em: 9 set. 2020.

SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. 1. ed. Portugal: Boitempo Editorial, p. 1-50, 2020.

WEI, Y.; KUTCHER, S. International School Mental Health: Global Approaches, Global Challenges, and Global Opportunities. **Child and**

Adolescent Psychiatric Clinics of North America, Canada, v. 21, n. 1, p. 11-27, jan./2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1056499311000940?via%3Dihub>. Acesso em: 9 set. 2020.

Sobre os autores

DINARTE ALEXANDRE PRIETTO BALLESTER, graduado em Medicina pela FURG. Doutor em Psiquiatria e Psicologia Médica pela UNIFESP. Professor adjunto da Faculdade de Medicina na UFPel. Coordenador desde junho de 2019.
E-mail: ballester.dinarte@gmail.com

BEATRIZ FLORIAM FOLTRAM, graduanda em Medicina pela UFPel. Colaboradora desde setembro de 2019.
E-mail: beatriz.f.foltran@hotmail.com

BRUNO BEZERRA SILVA, graduando em Medicina pela UFPel. Colaborador desde setembro de 2019.
E-mail: brunobezerra7399@gmail.com

FELIPE BARBOSA BUTZE, graduando em Medicina pela UFPel. Colaborador desde setembro de 2019.
E-mail: felipebutze@yahoo.com.br

ISABELA SANTIAGO PIZANI, graduanda em Medicina pela UFPel. Colaboradora desde setembro de 2019.
E-mail: isapizani1@gmail.com

LUIZA MAINARDI RIBAS, graduanda em Medicina pela UCPel. Colaboradora desde outubro de 2019.
E-mail: luahribas@hotmail.com

DESAFIOS EXTENSIONISTAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vera Lucia Bobrowski
Beatriz Helena Gomes Rocha
Januza Fontes Vasconcelos
Silvia Naiane Jappe
Jéssica El Koury Santos

Introdução

Este trabalho traz o relato do ponto de vista da coordenadora e de bolsistas dos projetos "Vida de Inseto" e "GETEC", acerca dos seus desafios, anseios e superações no "fazer extensão" em meio à crise pandêmica que assola o País e o mundo. No seu decorrer, são apresentados uma breve revisão sobre a importância da extensão universitária durante a pandemia, os objetivos gerais dos projetos de extensão, a sua forma de execução antes e no decorrer da pandemia, as mudanças necessárias para sua continuidade e seu impacto na formação das discentes e nas suas expectativas.

Os projetos de Extensão "Vida de Inseto" e "Grupo de Estudos e Trabalho em Ensino de Ciências – GETEC" estão vinculados ao Instituto de Biologia da Universidade Federal de Pelotas desde 2013 e 2016, respectivamente. Foram elaborados para serem executados essencialmente em ações presenciais de divulgação e popularização da Ciência, contando com alunos de diferentes cursos de graduação da UFPel, como Agronomia, Ciências Biológicas Bacharelado e Licenciatura, Biotecnologia, Medicina Veterinária e Nutrição, de forma a desenvolver as potencialidades nos mais diversos campos de conhecimento, promovendo o caráter extensionista interdisciplinar na formação discente.

Neste período de crise epidemiológica com a pandemia, a extensão universitária foi, sem dúvida, uma das ações do tripé acadêmico das instituições de Ensino Superior que mais sofreu o impacto. A necessidade do isolamento social, indicado pelas autoridades e pela OMS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), frustrou as atividades realizadas pelos estudantes extensionistas com relação ao compartilhamento do conhecimento com a sociedade, as quais vinham sendo executadas em escolas públicas, eventos ou comunidades, trazendo, portanto, ao universo acadêmico das equipes de projetos de extensão, novas perguntas e desafios, visto que as universidades nesse momento foram chamadas a reinventar-se e a recuperar sua missão social.

Segundo Lima (2020), "a forma de encarar os problemas fará diferença, pois por trás de grandes desafios surgem novas oportunidades", e nesse contexto a extensão pode ter um papel fundamental.

De acordo com Abranches (2020),

> [...] a extensão universitária trabalha, essencialmente, a partir dos interesses diversos e compartilhados entre a academia e a comunidade num processo mútuo de aprendizagem. Consolida-se como um meio estratégico que possibilita a ampliação dos canais de interlocução da universidade com os segmentos externos, permitindo à comunidade acadêmica buscar o equilíbrio entre a sua vocação técnico-científica, a vocação humanizadora e o seu compromisso social.

A extensão universitária é um processo que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. É na extensão que ocorre a aproximação, a integração e a parceria da universidade com a comunidade (MARQUES, 2020). E, neste contexto atual, as equipes de extensão se reinventaram e responderam de forma rápida e eficiente, propondo ações remotas e ambientes virtuais que poderiam, ainda que de forma limitada, continuar com essa inter-relação universidade-sociedade.

Esse aprendizado extensionista é essencial à formação profissional dos universitários, e o professor tem o papel social e pedagógico de ajudar o aluno a compreender a sociedade em que está inserido e a complexidade do conhecimento que se pretende compartir, tendo, como meta principal, uma aprendizagem voltada para garantir uma visão crítico-reflexiva das situações que se apresentarão ao longo da vida.

Sem o contato presencial, que faz parte da essência das ações universitárias no desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão, o fluxo de normalidade foi completamente modificado neste período de distanciamento social. As trocas de saberes e experiências tiveram que sofrer adequações como, por exemplo, a execução de atividades remotas utilizando meios digitais, que, mesmo limitadas, com perdas e gerando sentimento de estranheza em seus colaboradores, mantêm a extensão universitária adaptada ao "novo normal".

As intervenções extensionistas ocorrem tanto em espaços formais, como escolas e universidades; como em espaços não formais, como ambientes de trabalho e de lazer, associações comunitárias e, também, através de meios de comunicação digital ou audiovisual (KRAMER *et al.*, 2020). Assim, ao discutirmos, dentro dos nossos projetos de extensão, estratégias de uso de tecnologia da informação para a continuidade de execução das atividades, percebemos que podemos ampliar o nosso público e estender essa troca de saberes. Segundo Abranches (2020), "a extensão, o ensino e a pesquisa universitárias podem ampliar e dinamizar a sua comunicação de conhecimento se buscar o equilíbrio entre o presencial e o virtual, atendendo ainda às exigências da vida contemporânea, que é uma situação sem volta".

Contextualizando os projetos de extensão "Vida de Inseto" e "Sementário – GETEC"

O projeto "Vida de Inseto" tem sido desenvolvido por docentes do Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética (DEZG) do Instituto de Biologia (IB), do Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) e do curso de Biotecnologia do Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDTEC) e, atualmente, por discentes de Agronomia e Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tal projeto surgiu da iniciativa de um grupo de alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, em 2013, que buscava estreitar os laços com a comunidade, visando ao compartilhamento de conhecimentos e saberes que efetivassem e consolidassem o papel da Universidade, de forma a contribuir para a transformação social e também para uma formação universitária onde a teoria se transformasse em ações (BOBROWSKI *et al.*, 2020). O projeto sempre teve como objetivo levar o ensino de insetos e a divulgação científica para além dos muros da UFPel, desenvolvendo diferentes modelos pedagógicos e metodologias ativas. Ao longo desses sete anos de atividades ininterruptas, inúmeros alunos fizeram parte do grupo de extensionistas como colaboradores e bolsistas, imprimindo suas marcas e levando consigo o espírito da extensão universitária.

Ao mesmo tempo, novas demandas foram surgindo, o que nos levou a criar um novo projeto, em 2016, com ações extensionistas e de produção de material didático – o GETEC (Grupo de Estudos e Trabalhos em Ensino de Ciências), do qual o Sementário tem sido a principal ação. Sua abordagem soma-se ao "Vida de Inseto" por valorizar o conhecimento científico sobre a importância das sementes, a relação inseto/planta, tanto para produção como para conservação de sementes, a amplitude da biodiversidade, resgatando aspectos sociais, culturais e ambientais (JAPPE *et al.*, 2020).

As ações dos referidos projetos, até o ano de 2019, sempre foram executadas de forma presencial, tendo o contato direto com o público nas exposições e palestras em escolas, mostras, feiras, etc. (Fig. 1). Mas, após o início da pandemia e a suspensão dos trabalhos acadêmicos, em março de 2020, a equipe resolveu experienciar por meio de canais de

comunicação virtual, divulgando publicamente atividades da Ciência para alcançar a comunidade externa e a universidade, atendendo assim à necessidade do isolamento social.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é relatar a percepção e os desafios por componentes da equipe dos projetos de extensão "Vida de Inseto" e "Sementário – GETEC" sobre as ações desenvolvidas em regime remoto provocado pela pandemia da Covid-19.

Figura 1 – Apresentações presenciais dos projetos de extensão "Sementário – GETEC" e "Vida de Inseto" em mostras científicas e em escolas públicas municipais.

Fonte: Acervo do GETEC.

Para entender como a pandemia e a realidade do ensino remoto atingiram os projetos e parte da equipe, baseamos a narrativa sob a ótica da coordenadora e das duas bolsistas quanto aos seguintes questionamentos: sobre os projetos – como eram a programação e as expectativas para o projeto antes do início das ações remotas; quais das ações previstas foram mantidas; quais foram as mudanças necessárias para continuar a desenvolver as ações; os significados da manutenção das ações no regime remoto; sobre os bolsistas - como se sentiram com relação a essas

mudanças e ao regime remoto; como avaliam essas mudanças para a sua formação e na forma de execução dos projetos; quais os principais desafios que enfrentaram para aderir ao regime remoto e quais desafios ainda persistem (adaptado de COSTA, 2020).

As mudanças nos projetos de Extensão sob o ponto de vista da coordenadora

No momento em que a Universidade teve suas atividades suspensas por determinação do próprio MEC, não tínhamos ideia do tempo dessa suspensão. Contudo, com o passar dos dias e com o agravamento mundial da crise sanitária começamos a realizar reuniões por webconferência para decidirmos e reprogramarmos as atividades que apresentavam características para trabalho remoto, visto o cenário no País sinalizar para o distanciamento social ampliado.

As ações dos projetos, inicialmente previstas, baseavam-se na preparação das oficinas e das exposições e na sua execução ao longo do ano de 2020 (Fig. 1). Dentro da programação elaborada, só puderam ser mantidas no período do isolamento a produção de material didático para o ensino de Ciências e a seleção de materiais para a popularização e divulgação da Ciência, por possibilitarem ação individual na execução. Porém, as demais atividades precisaram ser rediscutidas e repensadas para a continuidade na forma remota, ou seja, foram adaptadas para apresentações nas mídias sociais Facebook® e Instagram®.

O prosseguimento das ações, que antes eram predominantemente presenciais, via redes sociais, tem sido a nova forma de divulgação para, assim, manter os projetos ativos. Obviamente não é tão simples quanto parece, pois esforços para o domínio de novos softwares tiveram que ser dispensados no sentido de redirecionar os trabalhos para as novas demandas. Porém, é provável que essas novas atividades extensionistas sejam incorporadas aos projetos no pós-pandemia.

Relato das mudanças no projeto "Vida de Inseto" sob a perspectiva da bolsista

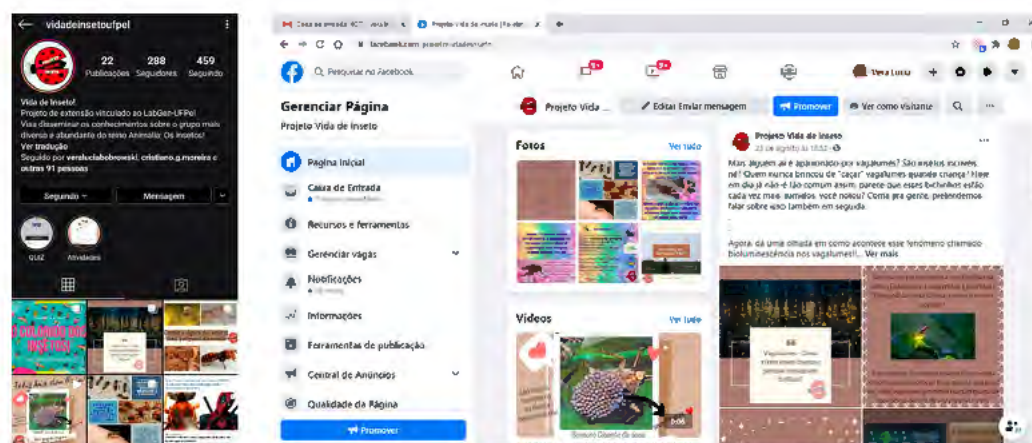
O "Vida de Inseto" é um projeto que visa a levar os trabalhos e os estudos da Universidade para a comunidade por meio de mostras, palestras, oficinas e jogos, com apresentações em escolas, em eventos de divulgação, em seminários, em congressos e em simpósios. Apesar de fazerem parte do nosso cotidiano, aspectos da diversidade morfológica e funcional desses animais não são percebidos e exaltados. Amaral *et al.* (2016) ressaltam que, devido à dimensão desta classe, torna-se fundamental trabalhar esse assunto inserindo conceitos científicos e também desmistificando conhecimentos populares.

Nesse sentido, em 2013 este projeto foi idealizado por parte de um grupo de alunos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, apoiado por docentes e cadastrado na UFPel, sendo o seu nome uma homenagem ao filme Vida de Inseto (Bug's Life®, Pixar-Disney, 1998). A partir de pequenos frames e gifs, são trabalhados os erros que o filme apresenta quanto à construção dos personagens e à classificação dos mesmos, nas improbabilidades ecológicas e também nos acertos, como curiosidades comportamentais, fisiológicas e mimetismo. Esse tipo de metodologia pode ser expandido para outras produções cinematográficas e assim abranger outros grupos de seres vivos (BOBROWSKI *et al.*, 2020).

Para a bolsista do projeto "Vida de Inseto" o ano de 2020, sem dúvida alguma, está sendo cheio de desafios, pois estamos vivendo uma pandemia que forçou mudanças profundas nos nossos hábitos. A vida teve que se adaptar, os passatempos tiveram que ser reinventados, as rotinas sumiram, e o medo e a pressão pelos cuidados de prevenção pegaram a todos de surpresa. Ao mesmo tempo, no âmbito acadêmico, houve a pausa radical das aulas, um ano "*perdido*". A busca por maneiras para estar conectada totalmente com a Universidade é premente, [...] *mesmo que seja a distância preciso me sentir aluna e estagiária*. Então, a única ferramenta possível, neste momento, é a internet. Através de plataformas digitais é possível assistir aulas e manter o trabalho no projeto.

O projeto "Vida de Inseto" tem como um dos seus principais objetivos o contato com o público. Ele propicia uma relação direta com os alunos das escolas da Educação Básica e da comunidade em geral,

uma troca de conhecimentos e de ideias, o visualizar a empolgação e a curiosidade dos participantes ao redor da caixa entomológica e dos outros materiais que compõem o acervo. Presencialmente, faz toda a diferença, pois é possível tocar, ver de perto, analisar e retirar as dúvidas, receber o feedback instantâneo do público. Cada resposta positiva, cada olhar curioso e atento ao que contamos e mostramos, cria uma motivação muito grande, um incentivo a querer buscar e aprender mais e a continuar com esse trabalho. Contudo, neste ano, tudo isso passou a ser trabalhado de maneira muito diferente, pois as escolas estão fechadas, os alunos estão em casa, assim como nós, todos os eventos ocorrendo na forma on-line, com previsão de retorno presencial, para a grande maioria, somente em 2021. Frente a tudo isso, fomos impulsionados a selecionar uma maneira de realizar as atividades, o modo digital, mesmo com limitações. Obviamente que na internet as coisas não são palpáveis, mas está sendo, apesar de tudo, um trabalho bastante interessante, com a interação com o público e as respostas positivas vindas em forma de curtidas, comentários, participação em quiz e compartilhamentos (Fig. 2).

Figura 2 – Divulgação do projeto “Vida de Inseto” nas redes sociais do Instagram e do Facebook. @projeto_sementário e https://www.facebook.com/projetovidadeinseto.

Fonte: Acervo do GETEC.

A bolsista relata [...] *Claro que já estávamos acostumados com o “mundo on-line”, nossa geração não vive sem redes sociais já há alguns anos. Mas agora praticamente só podemos viver nesse mundo, fomos “excluídos” do “mundo*

físico". Mas, como ocorre naturalmente com tudo, já estamos nos acostumando a esta nova maneira de viver. Eu, particularmente, procurei aprender sobre como criar imagens para publicação, aprendi muitas coisas novas através disso e acabei descobrindo que gosto muito de trabalhar com programas de edição e de fazer publicações que chamem a atenção nas redes sociais. É uma forma muito interessante de usar a internet e também uma forma muito interessante das pessoas aprenderem coisas novas, assim o Facebook® e o Instagram®, que são usados basicamente para lazer, também podem ser ferramentas para o ensino e aprendizagem. Acredito que, mesmo quando tudo isso passar e voltarmos às aulas presenciais, essa forma de divulgar os projetos de extensão não vá parar, mas sim, pelo contrário, será cada vez mais explorada.

Sobre estar participando do "Vida de Inseto" neste período a acadêmica diz que [...] *está sendo realmente muito bom para minha formação, está fortalecendo muito o contato com a Universidade, faz com que eu pesquise muito mais do que se eu tivesse apenas cursando as disciplinas. Eu acho um trabalho muito interessante, mesmo agora sendo somente a distância, pois fez com que eu tivesse a oportunidade de aprender coisas novas, que antes eu não tinha conhecimento. Aprendi a editar, a formatar e a criar conteúdos digitais de divulgação, algo que jamais teria me interessado se não fosse a forma de trabalhar em projetos de extensão remotamente. Além disso, nos traz uma autonomia muito importante, faz com que a gente pesquise, estude e se informe sobre os assuntos sem que seja com a pretensão de estudar para provas e sim com o intuito de também levar conhecimentos para outras pessoas.*

Os principais desafios elencados foram: [...] *primeiramente, organizar uma rotina em casa que fosse produtiva, pois faltava ânimo e empolgação para estudar sozinha, dentro de casa, sem toda aquela preparação que estávamos acostumados. Depois, também era difícil acostumar com a maneira on-line de estudar e de trabalhar com o projeto, os desafios de não saber como abordar os temas nas redes sociais, quais os temas selecionar, como escrever, como arrumar imagens e fotos, como criar publicações que realmente chamasse a atenção do público. Agora, passado esse tempo todo, as coisas já estão mais calmas e uma nova rotina está estabelecida, já temos aulas e compromissos, mesmo que a distância, estando mais fácil de cumpri-los. A dificuldade que encontro às vezes é como tornar os conteúdos das postagens atrativos, para que chamem a atenção, sejam interessantes para as pessoas e que realmente cheguem com a "entonação" correta. Embora eu tenha aprendido bastante*

sobre criação de conteúdo digital, não tenho o pleno conhecimento sobre isso e muitas vezes as publicações podem não ficar da forma que deveriam.

Relato das mudanças no projeto "Sementário – GETEC" sob a perspectiva da bolsista

Para a execução das ações do projeto "Sementário", a metodologia adotada nos eventos tem sido a expositiva dialogada. A coleção de sementes é constituída por exemplares de espécies cultivadas, silvestres, frutíferas, medicinais e florestais, processadas, acondicionadas em tubetes com tampa plástica, identificados e organizados em expositores. Esse acervo diversificado está representado por mais de 90 tipos diferentes de sementes, sendo mantido no Laboratório de Genética (LabGen) do Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética (DEZG) do Instituto de Biologia (IB). As sementes são oriundas de doações de pesquisadores melhoristas da Embrapa Clima Temperado, de professores e de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas, e de aquisições no comércio local. Para auxiliar na contextualização das temáticas, foram confeccionados banners que possibilitam abordar: tipos e morfologia de sementes; variabilidade intraespecífica; modos de dispersão; aspectos socioculturais, nutricionais e ecológicos (interação inseto/ planta), sendo para esta última usada uma caixa entomológica para exemplificar a entomofilia (Fig. 1) (BOBROWSKI *et al.*, 2020).

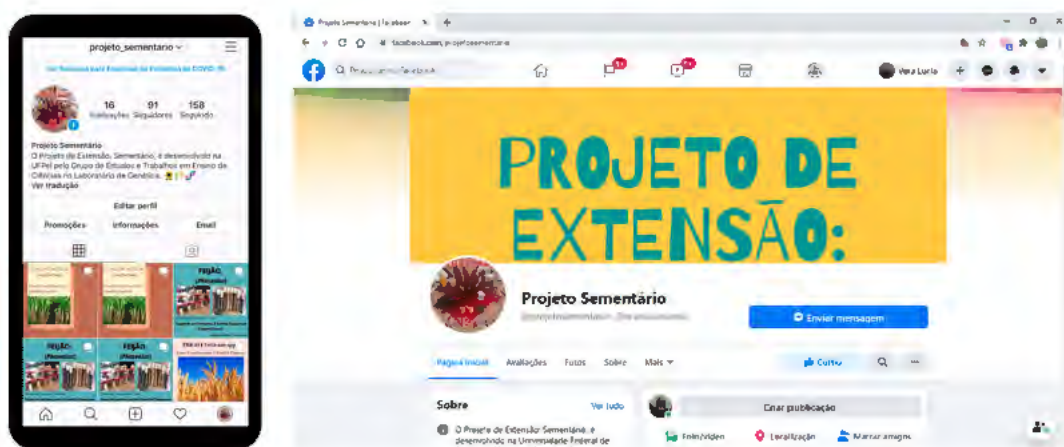
Presencialmente, as oficinas e as mostras interativas são ajustadas em função do público-alvo, pois são realizadas com professores em formação continuada e em eventos científicos com participação de alunos dos diferentes níveis da Educação Básica e/ou da comunidade em geral, sendo, portanto, necessárias adaptações nas etapas a serem ministradas, tanto na linguagem adotada quanto na profundidade do conhecimento científico, na metodologia de abordagem e quanto à execução das ações, individualizada ou em conjunto com o projeto "Vida de Inseto".

A bolsista atua no projeto de extensão "Sementário" desde 2018, ano em que foi colaboradora. O projeto é uma das ações do GETEC (Grupo de Estudos e Trabalhos em Ensino de Ciências) e tem sido apresentado exclusivamente na forma presencial, utilizando as sementes acondicionadas

e organizadas numa coleção didática, a qual não havia sido divulgada em plataformas digitais. Dessa forma, a primeira mudança foi moldar o projeto para a divulgação remota.

O início das ações remotas, sem os encontros presenciais, teve que ser repensado e adaptado. O contato passou a ser via e-mail e por outras formas de comunicação para avaliar opções e novos métodos de manter a relação universidade-sociedade, dando continuidade às atividades do projeto "Sementário".

Para manter as ações do projeto no sistema remoto foram percorridas as seguintes etapas: a) seleção de redes sociais que atingisse um número expressivo de pessoas com interesse pelos conteúdos abordados – estudantes, professores, agricultores e a comunidade em geral; b) busca por ferramentas digitais que tornasse possível o "como usar e fazer", de um modo criativo e educativo, a divulgação científica do projeto; c) produção e organização de materiais para envio à coordenadora do projeto para revisão e sugestões; d) publicação nas redes sociais Facebook® e Instagram® de informações sobre as sementes (incluindo espécies cultivadas, silvestres, florestais, medicinais e frutíferas), visando à popularização da Ciência; e) atualização semanal e interação com os internautas sempre que necessário (Fig. 3).

Figura 3 – Divulgação do projeto "Sementário – GETEC" nas redes sociais do Instagram @projeto_sementário e do Facebook. https://www.facebook.com/projetosementário.

Fonte: Acervo do GETEC.

Semelhante ao relatado pela acadêmica do “Vida de Inseto”, esta bolsista também enfatiza que [...] *o regime remoto nos impede de algo que é uma das bases da extensão, a presença física, o contato com as pessoas. Contudo, apesar desta pandemia ser algo tão frustrante de uma forma geral, principalmente para aqueles e aquelas que realizam a extensão, precisei me adaptar ao sistema remoto e às mudanças que ocorreram, buscando alternativas de promover a extensão universitária que até então não havia pensado ou utilizado para divulgação científica do projeto. Fui desafiada, precisei reinventar o modo como via e conhecia a extensão universitária, aprendi a criar outros métodos de popularizar a Ciência, através do compartilhamento nas redes sociais de materiais sobre as sementes. Sinto que é só o começo, pois pretendo investir muito mais na aprendizagem das ferramentas digitais.*

Com a atualização e a manutenção das postagens do “Sementário” nas redes sociais surgiu essa nova forma de interagir com o público-alvo e com outras pessoas que até então não conheciam o projeto. Para a jovem extensionista, essa mudança promoveu [...] *um novo significado tanto para o projeto quanto para mim, extensionista, de reinventar as ações, sendo uma busca constante de novas informações, pesquisas, inovações que permitam o melhor compreendimento do projeto e do compartilhamento desses materiais sobre as sementes para o público.*

O principal desafio enfrentado pela bolsista do “Sementário” com a adesão ao regime remoto foi a necessidade de saber usar determinados meios virtuais de comunicação e aprendizado, como a criação de páginas para o projeto. Nos materiais produzidos para a divulgação nas plataformas digitais, são utilizadas imagens para identificar e conhecer as sementes de diferentes espécies vegetais (arroz, batata, feijão, milho, tomate, trigo, etc.) e feitas a descrição, o histórico, as principais características, bem como aspectos da importância nutricional, econômica e social, cautelosamente, visando à qualidade do conteúdo, aspecto visual e da publicação.

Após os seis primeiros meses da pandemia, a instigação atual é continuar despertando a atenção dos internautas/leitores. Para tanto, está sendo cogitada a inclusão de ferramentas audiovisuais para compartilhar os materiais sobre as sementes, alternativas viáveis de publicação, atrativas e de fácil compreensão.

Os nossos projetos foram organizados metodologicamente para serem executados de forma presencial, assim como quase a totalidade dos trabalhos extensionistas. Como descreve Diniz *et al*. (2020), as ações de extensão são planejadas e realizadas em sua maioria em praças, parques, escolas/colégios, creches, associação de moradores, asilos, empresas, Unidades Básicas de Saúde - pontos estratégicos para o sucesso das atividades e alcance amplo do público-alvo.

As dificuldades e desafios que surgiram com o advento da pandemia, e que relatamos neste trabalho, vão ao encontro do que Serrão (2020) nos diz:

> [...] se os encontros e reuniões presenciais eram produtivos e propositivos por dedicarmos, exclusivamente, um período de tempo para aquela atividade, atualmente, os indivíduos, em *homeoffice*, têm que se desdobrar em atividades laborais e domésticas, a um só tempo, tendo a interferência de um ambiente alheio ao mundo acadêmico. Mundos e cenários que se intercruzam relevando também os percalços vivenciados pelos extensionistas pela sobreposição de papéis sociais assumidos [...]

Podemos observar nos artigos de Costa (2020), Kramer *et al.* (2020), Lima e Rezende (2020) e Serrão (2020) as mesmas preocupações e desafios relatados neste artigo. As formas para mantermos a mobilização dos alunos, a articulação universidade-sociedade e a disseminação do conhecimento avançam hoje devido à internet, pelo uso de ferramentas digitais e de mídias sociais, sendo o principal meio de se fazer extensão nesta pandemia.

De acordo com Nascimento *et al.* (2020),

> a (re)adaptação dos projetos de extensão, por meio da utilização de ferramentas digitais durante a pandemia e o isolamento social, demonstra o grande potencial de docentes e discentes extensionistas em reinventar-se e realizar seu compromisso social.

Importante ressaltar a percepção, nos relatos das bolsistas, de características às quais Serrão (2020) e Diniz *et al*. (2020) destacam como próprias de extensionistas, como a capacidade de servir, o sentir-se útil, o senso de inquietude e a proatividade, qualidades e habilidades essas que os autores consideram fundamentais aos que se lançam na extensão nestes tempos de exceção.

Considerações finais

A Universidade, como uma instituição social, não pode se omitir em tempos de crise, deve assumir os desafios e se reinventar, incentivar ações que promovam a integração, utilizando-se do ensino, da pesquisa e da extensão para responder a todo e qualquer problema no contexto em que está inserida.

A extensão universitária deve utilizar-se das redes sociais e de outras ferramentas para dar continuidade às suas atividades, permitindo-se cruzar muros, superar seus próprios limites e se aproximar da comunidade, fazendo o que faz de melhor: popularizar seus conhecimentos e suas tecnologias a todo e qualquer público.

Neste momento de crise não podemos ficar à margem, paralisar por medo ou inércia, pois a extensão universitária é parte da prestação de contas da Universidade com a sociedade.

As mídias sociais Instagram e Facebook foram as alternativas escolhidas para a continuidade das atividades dos projetos “Vida de Inseto” e “Sementário - GETEC” durante a pandemia, Tal escolha foi pautada principalmente pela familiaridade dos bolsistas com essas plataformas, mas entendemos que estas ações provavelmente se tornarão obrigatórias na organização de novos projetos no pós-pandemia. Anteriormente eram pouco exploradas, mas hoje levam as ações extensionistas a um número maior de pessoas. Por isso consideramos que as redes sociais, como via de popularização das Ciências e divulgação de conhecimento, devem ser exploradas como uma alternativa para a continuidade dos projetos de extensão universitária.

ABRANCHES, Mônica. Extensão Universitária remota? Os desafios em tempos de pandemia. **Pensar a educação em pauta.** Educação, Saúde e Sociedade, edição 284, julho 2020.Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/extensao-universitaria-remota-os-desafios-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 01 set. 2020.

AMARAL, Isabela Schiavon *et al*. A importância do resgate dos conhecimentos prévios e atividades práticas no ensino sobre insetos. **Educar mais online**, n. 1, p. 1-8, 2016.

BOBROWSKI, Vera Lucia *et al*. Insetos e sementes: Qual a relação?. In: Francisca F. Michelon; Ana da Rosa Bandeira. (Org.). **A extensão universitária nos 50 anos da Universidade Federal de Pelotas**. 1 ed. Pelotas/RS: Editora da UFPel, v. 1, p. 548-561, 2020.

COSTA, Camila da Conceição Mendes. Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades: uma presença próxima, mesmo em tempos de pandemia. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 4, n. 7, p. 15-22, 2020.

DINIZ, Emily Gabriele Marques *et al*. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19. **Brazilian Journal of Development,** v. 6, n. 9, p. 72999-73010, 2020.

JAPPE, Silvia Naiane *et al*. Sementário e Extensão Universitária, Qual a relação? *In*: Solange Aparecida de Souza Monteiro. (Org.). **As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais 4**. 1ed. Ponta Grossa -PR: Atena, v. 4, p. 13-21, 2020.

KRAMER, Dany G. *et al*. Extensão Universitária e Ações de Educação em Saúde para a Prevenção ao COVID 19. **Anuário Pesquisa e Extensão**, UNOESC, Joaçaba, 2020.

LIMA, Tiago Barbalho; Retomada da Extensão Universitária no Contexto Pós Pandemia. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 44-46, 2020.

LIMA,Neuza Rejane Wille, REZENDE, Carlos Eduardo de. Extensão Universitária & Divulgação Científica: Quais são as diferenças? Reflexões a partir de uma LIVE promovida pelo Projeto Além do Lattes (UENF/LCA/PPGERN). **Revista de Extensão UENF**, v. 5, n. 1,

p. 98-120, 2020.

MARQUES, Georgiana E. de C. A Extensão Universitária no Cenário Atual da Pandemia do COVID-19, **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 42-43, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde regulamenta condições de isolamento e quarentena**. 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46536-saude-regulamenta-condicoes-de--isolamento-e-quarentena>. Acesso em: 02 set. 2020.

NASCIMENTO, Francisca Georgiana Martins *et al*. Uso do Jogo Plague Inc.: uma possibilidade para o Ensino de Ciências em tempos da COVID-19. **Brazilian Journal of Development.,** v. 6, n. 5,p. 25909-25928, 2020.

SERRÃO, Andréa Cristina Pereira. Em Tempos de Exceção como Fazer Extensão? Reflexões sobre a Prática da Extensão Universitária no Combate à COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 47-49, 2020.

Sobre as autoras

VERA LUCIA BOBROWSKI, graduada em Agronomia na UFPel. Doutora em Genética e Biologia Molecular na UFRGS. Professora titular do Instituto de Biologia da UFPel. Coordenadora dos projetos Vida de Inseto e GETEC.
E-mail: vera.bobrowski@ufpel.edu.br

BEATRIZ HELENA GOMES ROCHA, graduada em Agronomia na UFPel. Doutora em Ciência e Tecnologia de Sementes na UFPel. Professora titular do Instituto de Biologia da UFPel. Coordenadora adjunta dos projetos Vida de Inseto e GETEC.
E-mail: biahgr@gmail.com

JANUZA FONTES VASCONCELOS, graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas na UFPel. Bolsista do Projeto Vida de Inseto.
E-mail: fvjanuza@gmail.com

SILVIA NAIANE JAPPE, graduanda em Agronomia na UFPel. Bolsista do Projeto GETEC.
E-mail: jappesilvia@gmail.com

JÉSSICA EL KOURY SANTOS, graduanda em Bacharelado em Ciências Biológicas na UFPel. Bolsista voluntária do Projeto Vida de Inseto. E-mail: jessicaeksantos@hotmail.com

PANDEMIA DE NARRATIVAS: AÇÃO EXTENSIONISTA PROMOVE O COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS EM DIÁRIO VIRTUAL MULTIGRÁFICO NO INSTAGRAM

Claudia Turra-Magni
Daniele Borges Bezerra
Mateus Fernandes da Silva
Vitória de Lima Cardoso
Wemilly Soares Pereira

A rede social @pandemiadenarrativas foi pensada como ação extensionista[1] dentro de um projeto mais amplo intitulado Laboratório

1. Ação proposta pela docente Daniele Borges Bezerra, durante o seu pós-doutorado em Antropologia Social, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt – UFPel). A ação está vinculada ao projeto de pesquisa Antropoéticas desenvolvido pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do som (LEPPAIS).

de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS)[2]. A ação no @Instagram teve início no dia 19 de abril de 2020 e partiu da percepção de que, enquanto pares acadêmicos do grupo de pesquisa Antropoéticas, partilhamos do mesmo impulso de narrar as vivências diárias que a pandemia de Covid-19 têm gerado no mundo e em nós, desde seu surgimento. Uma necessidade pungente percebida por cada um/a de forma distinta, tendo em comum o desejo de compreender, territorializar e transmitir diversas perspectivas da "vida em quarentena" a partir de uma antropologia mediada pela arte e pela vida.

Figura 1 – Logo e *cards* de divulgação do projeto no Instagram.

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

A ação foi pensada no momento em que vivíamos o início da pandemia no Brasil. Nunca vivemos uma quarentena de fato, o que houve foi uma recomendação pelo distanciamento social. Em pouco tempo, passamos a perceber que aqui, diferente do que ocorreu na maioria de outros países que foram epicentro do vírus, a doença assumiu uma característica fantasmagórica, ficcional, passando a ser negada por muitas pessoas que não tangenciaram a experiência da morte, de modo que "a vida em quarentena" passa a refletir a própria necessidade de manutenção da vida a partir de uma política ética, mas também de uma ética do cuidado de si e dos outros (FOUCAULT, 2004)[3]. Nesse sentido, é

2. O LEPPAIS está cadastrado como projeto unificado com ênfase em extensão e abarca o tripé: pesquisa, ensino e extensão.

3. Para Foucault, cuidado seria "a elaboração de uma forma de relação consigo, que permite ao indivíduo constituir-se como sujeito de uma conduta moral" (2004, p. 219), também em relação aos outros, uma conduta ética, portanto.

a própria vida que parece estar em suspensão nesse momento; passamos não mais a pensar o período de "liminaridade" (TURNER, 2008) pressuposto pela quarentena, mas a atuar com o tempo da pandemia, visto que não efetivamos de fato uma quarentena no país, embora muitas pessoas sigam as recomendações de distanciamento social.

A ação Pandemia de narrativas, ainda em desenvolvimento, oportuniza um espaço de registro, partilha e comunicação que põe em movimento o caráter "epidêmico das imagens" (DIDI-HUBERMAN, 2003, p.35) e, de modo dilatado, das narrativas verbo-visuais produzidas durante a pandemia. Logo, a ação cria um território de encontro para a comunicação de diversas vivências, a partir de múltiplas grafias, e se configura como um repositório de memórias em processo, uma constelação de vivências (Fig. 3) ancoradas em diversas formas de narrar[4], compartilhadas por pessoas de distintos contextos. O projeto não conta com curadoria[5] e estimula a participação horizontal das pessoas, tendo como único requisito[6] o compartilhamento de trabalhos produzidos em meio à duração da Pandemia de Covid-19.

Com a publicação da chamada, começamos a receber desenhos, fotografias, ensaios visuais, vídeos, GIFs, poesias, bordados, ou seja, inúmeras formas de experimentar, refletir e expressar o tempo vivido na pandemia. Após cinco meses de desenvolvimento, o projeto possui atualmente 885 seguidores, um acervo de mais de 260 produções

4. A partir do estímulo à utilização de múltiplas linguagens, Pandemia de narrativas busca também suscitar reflexões sobre outras formas de expressão no processo narrativo. Este é um tema recorrente no contexto do projeto de pesquisa Antropoéticas, que está diretamente relacionado à importância da extroversão do conhecimento a partir das singularidades do campo e de seus pesquisadores.

5. No entanto, ao seguirmos perfis e convidarmos pessoas a colaborarem com o projeto, realizamos, em alguma medida, uma curadoria por afinidade.

6. Os trabalhos chegam por e-mail, no endereço: narrativasdaquarentena@gmail.com

publicadas até o momento, enviadas de diversos países[7], gerando um registro compartilhado – e compartilhando registros – sobre a situação social de excepcionalidade na qual as pessoas do mundo viram-se subitamente compelidas a remodular outras formas de (sobre)vivências.

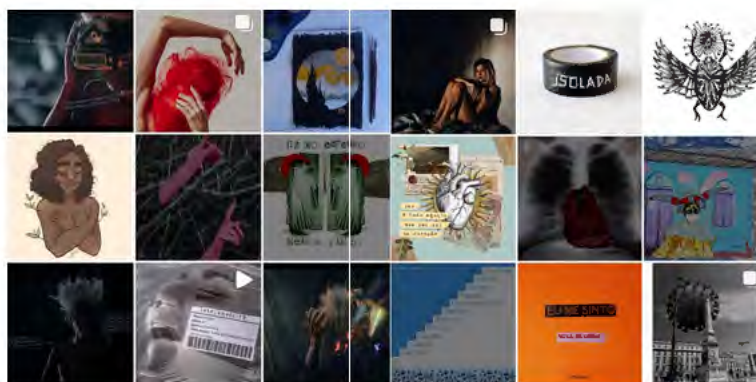
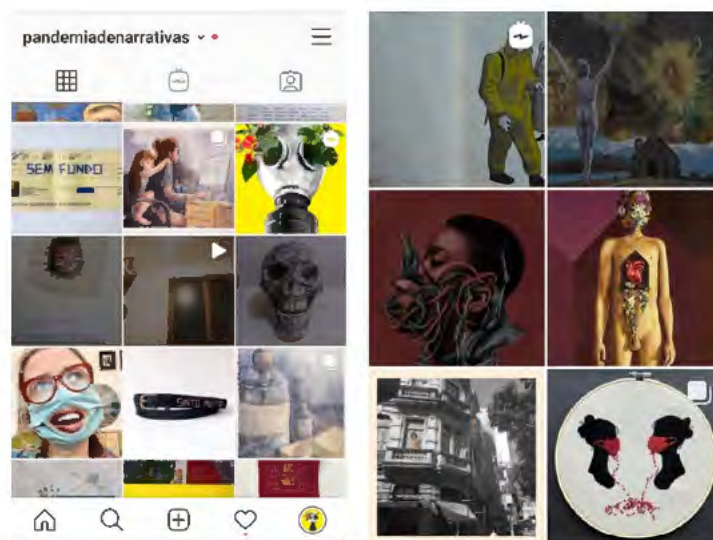
Figura 2 – Montagem composta por dois *prints* de tela da plataforma virtual.

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

Figura 3 – Montagem para pensar uma constelação de imagens em constante remontagem, realizada a partir da plataforma virtual.

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

7. Além do Brasil, até o momento, recebemos contribuições provenientes do México, Equador, Uruguai, Estados Unidos, Espanha, Holanda, Inglaterra, França, Itália e Portugal. No entanto, a grande maioria de trabalhos são provenientes de múltiplos estados brasileiros.

A partir disso, colocamo-nos em posição de indagar de que formas as linguagens se integram e como as "memórias trabalham" (SAMAIN, 2012) ao provocar, em nossos seguidores, uma série de conexões partindo das relações estabelecidas entre os conteúdos publicados e suas próprias experiências de vida, ou seja, o que comunicam, de que modos nos afetam, entre outros questionamentos que são suscitados a cada novo mergulho atento em suas/nossas subjetividades. Tal experiência tem reforçado a importância da prática extensionista como uma ponte entre a comunidade acadêmica e a comunidade mais ampla.

O objetivo geral da ação foi o de instigar uma performance comunicativa compartilhada a partir das Redes Sociais na Internet (RSI) que também gerasse aproximações, partilha de afetos e afecções, reflexão e trocas em ambiente virtual[8], valorizando a externalização de pensamentos, lutas políticas e subjetividades que refletem diversas percepções sobre o cotidiano, exacerbadas com a pandemia e suas implicações.

A rede como potência da linguagem se expressa nessas múltiplas possibilidades de conexão que se estabelecem entre um universo íntimo e privado e um contexto mais amplo ao qual só se tem acesso, nesse momento, pelos meios de comunicação. Aqui a metáfora da casa *in home*, como um lugar na web, *on-line*,

> [...] ultrapassa a concepção íntima de casa em Bachelard (2002), onde o lugar pode ser entendido como ninho, ou canto no mundo, para assumir uma "forma particular de intimidade" (TURKLE, 1999, p. 119), que emerge como produto das relações "entre o indivíduo e a máquina", numa "interação comunitária" em nível global. (BEZERRA; OLIVEIRA, SERRES, 2016, p.142).

A escolha pela plataforma digital nesse momento é estratégica, haja vistaas recomendações de distanciamento social no enfrentamento da

8. Para Pierre Lévy (2011), não devemos confundir virtual com imaterial. O virtual é apenas um estado desterritorializado, pois, livres de um suporte específico, vivências, informações e narrativas podem circular de modo ilimitado. É isso o que uma coleção de narrativas pandêmicas na WEB sugere: que as produções circulem de modo ubíquo entre todas/os aqueles que possuem acesso à internet.

Covid-19. Além disso, responde à sensação de "emergência" em relação à manutenção de laços sociais para além do ambiente íntimo e familiar da casa.

Figura 4 – Duas fotografias do ensaio intitulado "Realidade dilatada" da fotógrafa Priscila Natany (MG).

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

Figura 5 – Montagem com trabalhos que abordam o cotidiano pandêmico. [9]

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

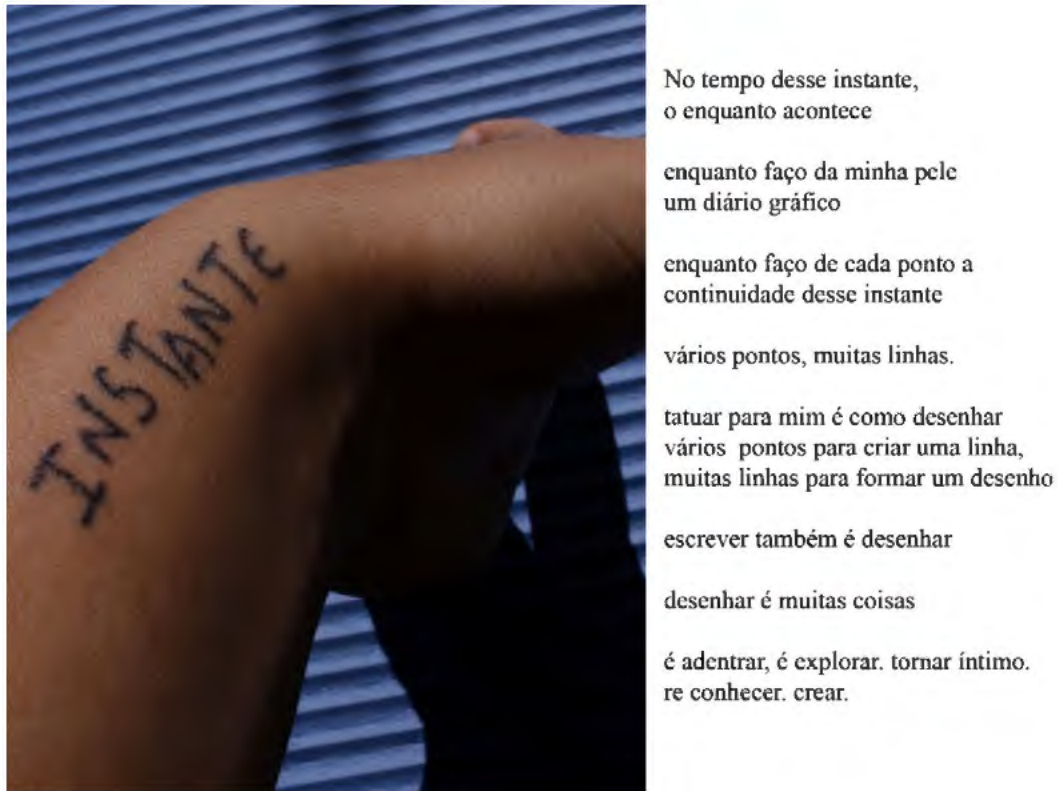
9. No plano superior, fotografia de Marcelo Alves (RJ), intitulada "Quarentena"; abaixo, à esquerda, colagem de Alexandra Maia (CE); e à direita, desenho de João Vitor Velame (PB) intitulado: "Jovem vendendo espiga de milho em um mercado paraibano".

A partir de tais narrativas observamos, no entanto, que não se trata apenas de narrar a crise na saúde, a crise política ou econômica, mas, sobretudo, se trata de expor e enfrentar uma crise sistêmica, humana, ecológica, afetiva. Diante disso, acreditamos que "*narrar é a nossa obrigação, nosso compromisso ético, poético, político, com nossos pares, com nossos ímpares, com nosso planeta, com as gerações futuras*" (Claudia Turra-Magni, Roda de Conversa, 08 de jun. de 2020). E, nessa direção, observamos também iniciativas de enfrentamento e ações solidárias, como o projeto Observatório Antropológico (UFPA) @observantropologia e a campanha LGBTs contra COVID-19 @lgbtscontracovid19, em Pelotas-RS, que mobilizam redes de apoio a grupos em situação de vulnerabilidade social.

Figura 6 – Montagem com projeções que integram o projeto "Convivência", da artista Ana Teixeira (SP).

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

Aos poucos, a dinâmica que surge com a crise instaurada em diversos aspectos do social, marcadamente atravessados por questões políticas, econômicas e de saúde, provoca reflexões sobre o cotidiano, o tempo, a vida, valores que passam a ser expressos em frases, como: "a vida é agora" e "novo normal", frases que ecoam as projeções em espaço público da artista Ana Teixeira @anateixeira.arte, dentre as quais destacamos: "não há normalidade a que retornar" e "a vida acontece no aqui", como podemos ver na montagem acima (Fig. 6). Portanto, além de tornar visíveis as urgências diante da pandemia, esta é uma ação para ultrapassar o silêncio, comum em momentos trágicos como este.

Figura 7 – Montagem composta por fotografia e texto produzidos pela discente de antropologia, Wemilly Soares (RS), intitulada "Instante".

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

Neste período de liminaridade, o tempo assume outros significados e a experiência mais íntima passa a ser valorizada. Cada instante torna-se um mergulho em busca de respostas, e as experiências de vida passam a ser ressignificadas "na pele" de cada pessoa, algumas vezes assumindo uma forma literal, conforme se vê acima (Fig. 7).

A vida em estado de aparente suspensão pede outras formas de compreensão dos valores, das metas e das próprias emoções. Em meio a esse processo, é possível estabelecer conexões planetárias e, sobretudo, compartir aquilo que nos afeta. Nesse sentido, nossas narrativas tornam-se contagiantes, evidenciando que não estamos isoladas/os nem tampouco caladas/os. Encontramos outras formas de projetar futuros (*in*) possíveis.

Alguns testemunhos recebidos sobre o projeto corroboram para esta reflexão: "*Escrevendo para dizer que admiro demais o projeto de vocês e que me encanto todos os dias com as narrativas que vejo. Acho que é um espaço lindo, seguro e inclusivo, no qual podemos compartilhar nossas vitórias e*

também nossas angústias durante essa quarentena" (@asaladeestar, Santos, BR, 22 de jun. 2020).

E, ainda:

> *[...] eu acho que ter um espaço pra se narrar esse momento de uma maneira poética é extremamente importante, porque vão ter várias narrativas desse momento histórico. A gente vai ter muita disputa de memória desse momento histórico. E poder narrar, a partir de nosso cotidiano, em todos os lugares do mundo, em diferentes lugares do mundo, é incrível*. (Priscila de Oliveira, Roda de Conversa, 08 de jun. de 2020).

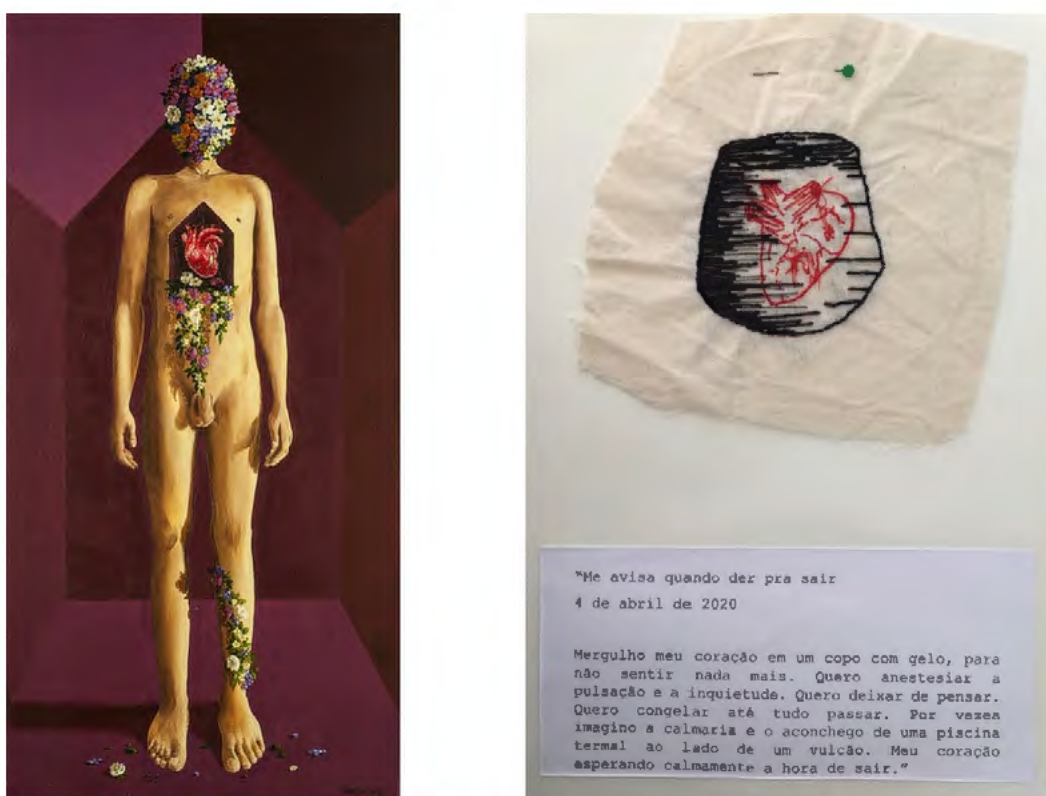
> *Acho que a arte cumpre um papel fundamental nesse momento que é o de comunicar e de instigar o pensamento. A Flávia estava falando bastante sobre a relação entre desenho e pensamento, e acho que entra nesse caminho, em que o desenho e o pensamento fazem essa ponte para comunicação nesses momentos, nesses períodos difíceis*. (Tanize Garcia, Roda de Conversa, 08 de jun. de 2020).

> *[...] o Pandemia de Narrativas fundou um refúgio em meio a essa catástrofe planetária, um território de acolhimento, escuta e atenção, pra ajudar as pessoas a não sucumbirem, pra se expressarem e contarem seus sentimentos, pensamentos, fazeres, táticas, poéticas e políticas de resistência ao embrutecimento, ao ódio e a violência que se disseminam de maneira aterrorizadora no Brasil [...].É assim que eu entendo a Pandemia de narrativas. Como um clarão para muitos de seus e suas participantes e, mesmo para o público que nunca efetivamente passivo, embora não participe ativamente, um clarão e um espaço de oxigenação em meio às condições obscuras, opressivas, claustrofóbicas do confinamento. O espaço contagioso para a comunicação é um contágio que, nesse caso, visa precisamente estimular narrativas da vida em quarentena*. (Roda de conversa, 08 de jun. de 2020).

Assim, na interface entre arte e antropologia, a dimensão empírica deste projeto nos permite pensar a vida por meio da antropologia dos sentidos, da antropologia das emoções, por meio de uma antropologia da

imagem e do som e, sobretudo, como nos fala Ingold (2015), por meio de uma "antropologia da vida". Com isso, as múltiplas "grafias" acionadas – entre elas, a fotografia, o desenho, a poesia, o bordado, a colagem, e o audiovisual– são meios, suportes e condutores narrativos, configurando uma espécie de diário multigráfico.

As narrativas que compõem este ensaio foram pensadas a partir de um processo de seleção e "montagem" (WARBURG, 1929; VERTOV, 1983; BENJAMIN, 1987), que redobra as montagens espontâneas e cambiantes que se formam, de modo colaborativo e rizomático, no Instagram (Fig. 2 e 8). Tal como na plataforma digital, elas partem de diversas cidades e exprimem múltiplos aspectos de uma mesma experiência compartilhada. Trata-se de uma montagem composta por gestos, grafias e emoções que compõem narrativas de resistências individuais e coletivas.

Figura 8 – Montagem criada com dois trabalhos que pensam a pandemia a partir da pintura e do bordado.[10]

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

10. À esquerda, pintura de Cândido (BA), intitulada "[eu sou] meu próprio lar"; à direita, bordado de Janaína Tasca (RS), intitulada "Me avisa quando der para sair".

A partir de A partilha do Sensível, de Jacques Rancière (2005), percebemos a produção do conhecimento, por meio das poéticas, como um ato político, já que a experiência de uma "partilha do sensível" seria capaz de fixar, ao mesmo tempo, "um comum partilhado e partes exclusivas" (RANCIÈRE, 2005, p.15), ou seja, vivências individuais e experiências compartilhadas.

Nesse contexto, cada pessoa tem se relacionado de modo diverso com a arte, seus recursos expressivos e seu alcance social. Como corroboram as declarações a seguir: "*Durante a pandemia, me vi colocando em forma de arte anseios e sentimentos que tinha dentro de mim, questionando gênero, relações afetivas, depressão, meu lugar no mundo e expressando-os como desenhos, pinturas, maquiagens, tatuagens [...]*" (@mauricio.fro, Canoas, RS, BR, set de 2020). Portanto, – e isso não é novidade, vejam-se os trabalhos de Nise da Silveira e Carl Jung – a expressão poética também é acionada em sua dimensão catártica: "*Fazer arte tem sido meu refúgio e meu ponto de equilíbrio em meio a esse período de pandemia. Procuro expandir a minha voz através da linha, transcender o espaço físico e a realidade do tempo*" (@sciel_hi, Porto Alegre, BR, ago. 2020).

E, ainda:

> *2020 não foi gentil e foi um pouco frustrante tentar permanecer positivo. Em vez de deixar o ano parecer uma perda total, comecei a aproveitar o dia, criativamente. A arte tem sido a minha saída e espero inspirar outras pessoas a encontrar algo para fazer para aproveitar o dia* (@joshetagle, Las Vegas, NV, set. 2020. Tradução nossa).[11]

Independente do significado que cada pessoa atribui ao seu fazer artístico, todas as formas de relação com a arte são legítimas, entretanto, foi pensando em sua potência comunicativa, pensativa e transformadora, ou seja, a arte como um meio de "transcriação" das experiências (Cf. TOSIN, 2010; GONÇALVES, 2014), que idealizamos e conduzimos esta ação.

11. "*2020 hasn't been kind and its been a bit frustrating trying to stay positive. Rather than letting the year feel like a total waste I've started to seize the day, creatively. Art has been my outlet and I hope to inspire others to find something to do to seize their day.* (@joshetagle, Las Vegas, NV, set. 2020. Tradução nossa).

Nesse ínterim, quando nos conectamos a iniciativas similares, nós temos certeza da sincronicidade das ações, nos sentimos parte de uma grande enxurrada de narrativas e percebemo-nos como parte de uma malha que se mobiliza na mesma direção: da expressão, do registro e do compartilhamento de experiências. A partir da busca pelas Hashtags (#) #pandemia e #pandemic, vislumbramos uma rede de outras ações em andamento, como a nossa, com objetivos e linguagens diversos. Entre elas destacamos a página idealizada pela antropóloga Débora Diniz, @reliquia.rum, em parceria com o artista Ramon Navarro, que cria narrativas visuais para singularizar a existência de mulheres falecidas em decorrência da Covid-19, a partir de relicários memoriais. Como afirma a antropóloga, "relicários são memórias, aquilo que guardamos. Aqui são relicários de uma epidemia no Brasil" (2020).

Já a artista @anateixeira.arte, com o projeto intitulado Convivência, projeta frases em grande escala na paisagem urbana,as quais nos fazem refletir, especialmente, sobre a banalização da vida diante do nosso atual cenário político e a gravidade da pandemia no país. No entanto, suas frases não são apenas de reconhecimento, pesar, ou registro, mas de chamamento e de luta, o que fica evidente com a própria transgressão da convivência em tempos de isolamento social.

Outros projetos igualmente merecem destaque, como: @womenintimes, um projeto de orientação feminista, que, a partir de ilustrações sobre o cotidiano das mulheres latinoamericanas e caribenhas durante a pandemia, chama atenção para as múltiplas formas de ser mulher e enfrentar os desafios colocados neste momento de crise. Outro exemplo de ação é a @pandemicselfportraits que publica *selfies* enviadas de diversos lugares no mundo, produzidas também com técnicas variadas, mesclando fotografia, colagem, desenho e ilustração. Essa sincronicidade diz muito acerca de um inconsciente com afinidades coletivas, de um imaginário transbordante, que aproxima e retroalimenta comunidades afetivas.

Sob o ponto de vista memorial, podemos elencar diversas iniciativas dedicadas às memórias pandêmicas na Web *(World Wide Web*), tais como: @covidmuseum, @covid_museum, @museudoisolamento, @museumcovidart, @covidartmuseum, @covidcollagemuseum, @covidphotomuseum, @covid_art_museum, e o projeto

@inumeraveismemorial com o slogan “Não é um número”, as quais são algumas iniciativas que orbitam a temática da pandemia, fazendo uso da rede social Instagram nesse período. A “febre memorial” (CANDAU, 2011, p.159) que caracteriza a contemporaneidade também põe em evidência aspectos qualitativamente positivos das redes sociais nesses processos, dentre eles destacamos a sincronicidade entre as ações preservacionistas e a própria elaboração das memórias em processo, e a horizontalidade que se torna característica nos processos de preservação e comunicação das memórias.

Nesse sentido, a proposta de promover uma pandemia de narrativas compartilhadas vem ao encontro do pensamento de Didi-Huberman (2003, p. 35), ao defender o “poder epidêmico das imagens”. Aqui não tratamos de dar uma predominância à linguagem visual, porque pretendíamos ampliar as possibilidades narrativas e com isso interagir com mais pessoas, colocando mais formas de expressão em movimento; no entanto, acreditamos que em toda forma narrativa – sobretudo as mediadas pela arte – há uma dimensão social, política e afetiva capaz de transpor barreiras e fomentar a comunicação.

Figura 9 – Montagem composta por trabalhos relacionados ao cotidiano e aos afetos por meio de diversas linguagens. [12]

Fonte: Pandemia de narrativas, 2020.

Se podemos pensar a fotografia "como um evento e uma revelação e também [como] um lugar de memórias, um arquivo vivo do tempo" (SAMAIN, 2012) por que não todas as outras formas de narrar? Cada linguagem produz uma forma de transmissão, de comunicação entre um "*donateur*" e um "*destinataire*", o que determina a narrativa como uma "grande função de troca" (BARTHES, 1966, p.18). Neste momento, e-mails e conversas pelo *Messenger* do Instagram são também momentos de se conectar em rede, de trocar olhares/impressões e unir esforços para um fortalecimento conjunto. Este é um movimento político e ético do tipo que se espera em uma ação Antropoética. Com isso, reafirmamos

12. À esquerda, acima, bordado sobre raio x de Daniele Borges (RS), intitulado: "Afetos alienados"; à direita, acima, aquarela de Déia Corazzini (SC), intitulada "Parábola para o fim do mundo"; à esquerda, abaixo, colagem de Beatriz Soares (SP), intitulada: "Saudade de existir de perto"; ao centro, fotografia e texto de Nathalia Bezerra (AL), intitulada " Meu corpo-quarentena"; à direita, abaixo, pintura de Théo Gomes, (RS).

o que estamos pensando, sentindo, narrando com relação à experiência da pandemia de Covid-19, com seus atravessamentos afetivos, políticos, econômicos, sociais, relacionados ao combate à doença, às perdas silenciosas, ao período de exceção que vivemos, a algumas ações políticas autoritárias e negligentes que temos, ao genocídio silencioso dos povos indígenas e tantos outros grupos considerados minoria, às formas de resistência e tantas outras questões que importam e precisam ser ditas.

Pandemia de narrativas é uma ação Antropoética e como tal não desvincula poética de política, uma vez que toda ação expressiva, em tempos como este, é um ato de respiro, a busca de um instante de leveza, atos de resistência. Mais do que isso, são diferentes grafias que "pensam", mas também são tentativas de reinvenção e de (re)existência que se mostram num emaranhado de percepções conjuntas e que fazem pensar num "novo normal" que se aproxima. E, finalmente, através deste acervo em processo, as pessoas também poderão lembrar, pois as narrativas são condutoras de memórias e informações, são meios ativos pelos quais elas transitam.

Referências

BARTHES, Roland. Introduction à l'analysestructurale des récits. *In*: **Communications**. v.8, Recherches sémiologiques: l'analyse structurale du récit. p. 1-27, 1966. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1113>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

BEZERRA, Daniele Borges. OLIVEIRA, Priscila Chagas de; SERRES, Juliane Conceição Primon. Cibermuseus e memória na rede: o Museu das Coisas Banais (MCB) como meio e lugar de memória. **Museologia e Patrimônio**. Unirio/MAST, v. 9, n.2, 2016.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Traduzido por: Maria Leticia M. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Images malgré tout**. Les Éditions de Minuit, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2004. Ditos e Escritos; V.

GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: Sofrimento e estetização da vida (Os diários de Maria Carolina de Jesus) *In*: **Horizontes Antropológicos**, ano 20, n. 42, p. 21-47, Porto Alegre, jul./dez. 2014.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.

PANDEMIA de narrativas: vida em quarentena. 2015. Disponível em: <https://www.instagram.com/pandemiadenarrativas/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: Estética e política. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2005.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, v. 10, n.1, p. 151-164, Goiânia, jan.-jun. 2012.

TOSIN, Giuliano. **Transcriações**: reinventando poemas em mídias eletrônicas. 2010. 639p. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2010.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VERTOV, Dziga. Nascimento do cineolho. *In*: XAVIER, Ismail. **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, p. 261, 1983.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande:** Escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Sobre os autores

CLAUDIA TURRA-MAGNI, graduada em História na UFRGS. Doutora em Antropologia Social e Etnologia na EHESS (Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales). Professora Associada 4 do Depto de Antropologia, Instituto de Ciências Humanas (UFPel). Coordenadora do Laboratório de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem

e do Som (LEPPAIS) e do coletivo de pesquisas Antropoéticas.
E-mail: clauturra@yahoo.com.br

DANIELE BORGES BEZERRA, graduada em Artes visuais na UFPel. Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural no PPGMP – UFPel. Membro do Laboratório de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) e do coletivo de pesquisas Antropoéticas. Coordenadora do Laboratório de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) entre ago. 2019-set. 2020. Proponente da ação de extensão Pandemia de Narrativas.
E-mail: borgesfotografia@gmail.com

MATEUS FERNANDES DA SILVA, graduando do bacharelado em Antropologia na UFPel. Voluntário na ação de extensão Pandemia de Narrativas.
E-mail: mateusfernandsdasilva@gmail.com

VITÓRIA DE LIMA CARDOSO, graduanda do bacharelado em Antropologia na UFPel. Voluntária na ação de extensão Pandemia de narrativas.
E-mail: vitoria.about@gmail.com

WEMILLY SOARES PEREIRA, graduanda do bacharelado em Antropologia na UFPel, vinculada ao Laboratório de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) . Voluntária na ação de extensão Pandemia de Narrativas.
E-mail: wemillysoares09@gmail.com

USO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA DIVULGAÇÃO DE AÇÃO EM EDUCAÇÃO DE PROJETO DE EXTENSÃO NA ÁREA DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA: INSPEÇÃO E SAÚDE/ ESTUDO DO PERFIL DO PÚBLICO ATINGIDO

Natacha Deboni Cereser
Fernanda de Rezende Pinto
Helenice Gonzalez de Lima
Uila Silveira de Medeiros
Jéssica Dal vesco
Daniele Bondan Pacheco

Introdução

A internet é uma ferramenta de troca de dados, mensagens e conteúdos diversos, que vem se destacando cada dia mais. O uso das mídias sociais promove possibilidades de interação, eliminando barreiras físicas

e temporais, proporcionando espaço para novas formas de mobilização social. Portanto, é um instrumento que pode garantir maior alcance de informações essenciais à sociedade no que diz respeito à sua saúde, e, além da informação e construção de conhecimento, pode incentivar a participação social e o pensar coletivo. Este veículo pode ser utilizado com grande relevância para a formação de multiplicadores, que irão repassar o conhecimento adquirido para as suas redes sociais online e offline (ALMEIDA; STASIAK, 2013).

A Carta de Ottawa, que é referência fundamental no desenvolvimento das ideias de promoção da saúde em todo o mundo, define promoção da saúde como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Segundo o documento, a saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida. Nele, são apontados determinantes múltiplos de salubridade, na qual a educação, alimentação, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade aparecem entre as condições e requisitos para a saúde (WHO, 1986).

Como estratégias da promoção da saúde, no documento supracitado são mencionadas a defesa, a capacitação e mediação da saúde. A defesa consiste em lutar para que os fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos, sejam cada vez mais favoráveis à saúde. A capacitação ocorre através da promoção da saúde, assegurando a igualdade de oportunidades, permitindo que todas as pessoas possam melhorar seu bem-estar. Os indivíduos e as comunidades devem ter oportunidade de conhecer e controlar os fatores determinantes da sua sanidade. Ambientes favoráveis, acesso à informação, habilidades para viver melhor, bem como, oportunidades para fazer escolhas mais saudáveis, estão entre os principais elementos capacitantes. Os profissionais e os grupos sociais têm a responsabilidade de contribuir para a mediação entre os diferentes interesses existentes na sociedade em relação à saúde (BRASIL, 2002; BUSS, 2000). Para tanto, é imprescindível a divulgação de informações sobre o tema, o que deve ocorrer no lar, na escola, no trabalho e em muitos outros espaços coletivos (BUSS, 2000).

Nesse sentido, diferentes profissionais de saúde têm utilizado o meios digitais como instrumento para veicular informações sobre doenças, prevenção, educação de estudantes, entre outros. E muitas pessoas utilizam desses meios para buscar informações sobre aquilo que estão vivenciando ou que desejam aprender (CRUZ *et al.*, 2011). Os profissionais da Medicina Veterinária também têm utilizado essas ferramentas como aliadas na divulgação de informações para a comunidade.

Diante da declaração, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 30 de janeiro de 2020, de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) em razão da disseminação do coronavírus, diversas medidas de controle e prevenção da doença foram tomadas. A medida mais difundida foi a prática do distanciamento social (também entendido como isolamento social/quarentena) como forma de conter a disseminação da COVID-19 (BRASIL, 2020). Nesse contexto de intensa difusão de informações através das redes sociais, muitas vezes provenientes de fontes duvidosas, onde a qualidade é comprometida (MONARI; BERTOLI FILHO, 2019), notou-se a importância de produzir material educativo, de fácil interpretação, com fontes de referências seguras e em formato específico para as redes sociais. E, dessa forma, promover a educação em saúde, com grande alcance à população através das mídias sociais e ainda desmistificar a atuação do médico veterinário como profissional da área de saúde.

Considerando a necessidade de seguir interagindo com a comunidade, mesmo em situação de distanciamento social, em março de 2020 teve início uma nova ação de extensão: “Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde nas Mídias Sociais”. que faz parte do projeto “Ações da Residência em Medicina Veterinária no Sistema Único de Saúde em Pelotas”. Essa ação teve como objetivo divulgar temas relacionados à pandemia de Covid-19 e a atuação do médico veterinário nas vigilâncias sanitária, ambiental e epidemiológica nas redes sociais. Além de realizar um levantamento das métricas de engajamento e participação ativa dos seguidores das páginas das redes sociais do projeto e a aplicação de um questionário para identificar o perfil do público envolvido e seu interesse nos assuntos relacionados.

Metodologia

O presente trabalho é um estudo descritivo de abordagem quantitativa. Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura sobre promoção em saúde, Covid-19 e sobre a utilização das redes sociais na educação em saúde. O intuito principal foi de encontrar trabalhos e projetos de educação em saúde, nos quais também fossem utilizadas as redes sociais como meio de difusão de informação entre a população.

Em abril de 2020, foi criado um perfil do Instagram® denominado Veterinária Preventiva – UFPel (@veterinariapreventiva.ufpel). O perfil utilizado na plataforma Facebook® tem o mesmo nome, e, anteriormente, fez parte de um projeto de educação em saúde pública concluído, criado pela mesma equipe, logo entendeu-se útil utilizá-lo para os fins de educação em saúde do atual projeto.

Desde o início, os perfis foram administrados por médicos veterinários residentes do Programa de Residência Multiprofissional e em Área Profissional da Saúde, docentes do Departamento de Veterinária Preventiva e acadêmicos da Faculdade de Veterinária da UFPel, bem como todo o conteúdo educativo elaborado e compartilhado pelos mesmos. As mesmas publicações realizadas no perfil do Instagram® também foram compartilhadas na página do Facebook® (facebook.com/VeterinariaPreventivaUFPel/). Devido à pandemia de Covid-19, a comunicação entre os administradores se deu através de reuniões em vídeo conferências e grupo no Whatsapp. Entre as fontes utilizadas para a elaboração dos conteúdos, estavam artigos científicos e sites como os da Organização Mundial da Saúde, do Ministério da Saúde, do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), dos Conselhos Federal e Estaduais de Medicina Veterinária, entre outros.

Para a identificação visual da ação "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde", também foi desenvolvido pela equipe um logotipo específico.

O Instagram dispõe de diversas ferramentas para a divulgação de informações, sendo que foram utilizadas principalmente postagens com textos, imagens e/ou vídeos no *feed* de notícias, nos *stories* e também as mensagens diretas. Foram realizadas aproximadamente quatro postagens semanais no feed de notícias, nas quais os seguidores da página puderam curtir, compartilhar as publicações e interagir ou manifestar

opiniões sobre os assuntos abordados. Outra ferramenta utilizada neste aplicativo foi a *stories*, onde foi realizado o compartilhamento de conteúdo, enquetes e *quizzes*, engajando a interação dos seguidores com os assuntos abordados. Foram avaliados os números de alcance e retorno do público que está consumindo essas informações, o que permitiu criar estratégias para a escolha das informações de educação em saúde.

Em um segundo momento, foi elaborado um questionário através da plataforma Google Forms, que serviu para o levantamento do perfil sociodemográfico dos seguidores da página. No questionário constavam perguntas como cidade de origem, identificação de gênero, idade, profissão, escolaridade, rede social mais utilizada, conteúdos de interesse relacionados à Veterinária Preventiva, relevância do conteúdo postado pela página e um espaço aberto para sugestão de temas a serem abordados. No período de 14 de julho e 14 de agosto de 2020, cerca de 90% dos seguidores da página Instagram® foram convidados a participar da enquete, por meio de envio de mensagens diretas. Após esse período, os gráficos gerados a partir dos resultados foram analisados pela equipe.

Resultados e discussão

Para dar início à divulgação de informações através da ação "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde", foi desenvolvido um logotipo para identificação das páginas nas redes sociais (Fig. 1). Sendo recriado a partir de uma imagem já existente, a qual fazia parte de um projeto anterior de educação em saúde na rede social Facebook®.

Figura 1 – Logotipo criado para a ação "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde" nas mídias sociais.

Fonte: Página do Instagram® Veterinária Preventiva Ufpel.

Redes Sociais

O Instagram® é uma rede social com foco visual, principalmente por compartilhamento de fotos e vídeos, na qual é possível a interação do usuário com as publicações, através de comentários e *curtidas* (AGUIAR, 2018), sendo curtidas/likes, o termo utilizado na maioria das redes sociais, para indicar a aprovação de uma postagem pelo usuário (PEARLMAN, 2009). Tendo em vista esse propósito, geralmente, o perfil Veterinária Preventiva – UFPel realizava suas postagens em fotos e vídeos com informações sobre saúde única, pública e coletiva, inspeção de produtos de origem animal e sobre atualidades em doenças emergentes, como a Covid-19. As imagens e vídeos eram acompanhadas de textos com as informações mais relevantes sobre o tema em questão, além da referência utilizada para a elaboração do conteúdo.

Segundo o relatório Social Media Trends Report (2019), no último trimestre de 2019, a rede social Instagram® superou o tamanho total do público da rede social Facebook®, até então líder do segmento. Também foi relatado que as interações totais no Instagram® foram quase 20 vezes maiores que as do Facebook®. Esse fato se equipara com as métricas encontradas neste trabalho, quando foram comparadas as páginas Veterinária Preventiva – UFPel do Facebook® e do Instagram® quanto a interação dos usuários.

Em 30 de agosto de 2020, o perfil Veterinária Preventiva – UFPel da rede social Instagram® possuía 1.109 seguidores e interagia com 1.346 perfis que eram seguidos. Essas interações ocorreram por meio de comentários e curtidas em publicações postadas. Do mês de abril até o mês de agosto de 2020, foram realizadas 88 publicações, uma média de quatro por semana. Essas publicações obtiveram no total 2.038 curtidas, 59 comentários e foram salvas 148 vezes.

Já o perfil do Facebook®, apesar de existir a mais tempo, possuía 647 seguidores com uma média de três curtidas por publicação. No mês de criação do Instagram®, a média de curtidas foi de 14,5 em cada postagem realizada no perfil. Considerando-se o mês de agosto, a média de curtidas foi de 40 likes, o que demonstrou a evolução do alcance a um maior público e engajamento do mesmo.

Segundo as informações cedidas pelo próprio Instagram®, 99% dos seguidores eram residentes do Brasil, sendo cerca de 50% habitantes do estado do Rio Grande do Sul, 42% residindo na cidade de Pelotas-RS. Identificou-se que uma grande parte do público da página se enquadrou residindo na categoria "outros". Essa foi uma das limitações encontradas, quando se teve a necessidade de obter a informação completa de onde residiam os seguidores da página. Para que essa informação fosse melhor detalhada, no questionário aplicado através do Google Forms® foi questionado ao participante em qual cidade/estado ele residia.

Quanto à faixa etária, 45% dos seguidores tinhamidade entre 25 e 34 anos, seguido por 30% com idades de 18 a 24 anos e de 14% entre 35 e 44 anos. As faixas etárias com menor público foram as de a partir de 45 anos, sendo que somente cerca de 1% dos seguidores possuíam idade superior a 55 anos. Pesquisa realizada por Raymundo (2013), pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, demonstrou que o público de maior idade é menos interessado em atualidades da tecnologia, consequentemente menos presente nas redes sociais. Esse trabalho apontou que os principais motivos dessa aversão são por medo ou receio de danificar os aparelhos, resistência ao novo, por dificuldades com letras pequenas e falta de botões. Outro fator a ser comentado foi a renda, pois constatou-se que idosos com menor renda demonstraram maior dificuldade de interação com as interfaces digitais. Esses fatos sugerem que procuremos uma abordagem diferenciada quando se pensa atingir esse grupo, quanto às informações de educação em saúde.

Quanto ao gênero, 79% dos seguidores da página eram do gênero feminino e 21% do gênero masculino. De acordo com os dados divulgados pelo Social Media Trends Report Q4 (2019), o público geral do Instagram® era composto por 58% de pessoas do gênero feminino, e representava a maioria de todas as idades demográficas.

O número expressivo de seguidores do gênero feminino, comparado ao do gênero masculino, pode ter como explicação o crescimento acelerado da participação das mulheres profissionais e estudantes nas áreas de Medicina Veterinária e Zootecnia, que representaram uma boa parte do público seguidor. O Conselho Federal de Medicina Veterinária estima que, em breve, a área da Medicina Veterinária terá mais profissionais mulheres do que homens, quando levado em consideração o número de mulheres cadastradas ao decorrer dos anos, invertendo uma proporção histórica. Em dados de 2018, o Brasil contava com 118 mil médicos veterinários em atividade, dos quais 58,4 mil, ou 49%, eram mulheres. Até os anos 1980, elas representavam apenas 20% da categoria no país (MACHADO, 2018).

No dia 25 de julho de 2020, o perfil do Instagram® foi configurado como perfil *bussiness*, o que permitiu a avaliação das métricas através do *Instagram® Analytics*. Com essa ferramenta ativada, foi possível extrair o máximo de informações: sobre as publicações e *stories,* por período, por tipo de publicação e por tipo de interação. Desde a ativação da ferramenta, o alcance médio por publicação foi de 424 pessoas e a publicação com maior interação obteve 690 impressões, que é o número de vezes queesse conteúdo foi visualizado. Essas métricas contribuem para que conteúdos relevantes possam continuar sendo elaborados, mas também deve ser levado em consideração o dia da semana e os horários de postagens, pois são fatores que podem vir a influenciar no número de interações (AGUIAR, 2018).

A publicação que obteve o maior número de curtidas abordou uma pesquisa científica publicada pelo Dr. Richard Davis, que é diretor do Laboratório de Microbiologia Clínica do Centro Médico Providence Sacred Heart em Spokane, Washington, EUA. Essa pesquisa referia-se sobre a importância do uso correto da máscara e sua eficácia, quando um indivíduo era exposto a contaminantes comparáveis ao Sars-cov 2. Até setembro de 2020 a publicação contava com 88 curtidas, tendo sido salva para posterior consulta por seis usuários (Fig. 2).

Figura 2 – Imagem e texto descritivo da publicação com maior número de curtidas no Instagram® - página: @veterinariapreventiva.ufpel, no período de abril a agosto de 2020.

Fonte: Instagram® - página: @veterinariapreventiva.ufpel

Uma sequência de postagens abordou o assunto Saúde Única (Fig. 3), que representa uma visão integrada entre a saúde humana, a saúde animal e o ambiente, esclarecendo o seu conceito, informando sobre as formas de atuação do médico veterinário nesse campo e exemplificando as ações interdisciplinares realizadas. Essas postagens, elaboradas pela equipe, tiveram o alcance, ou seja, foram exibidas, para cerca de 600 pessoas.

Figura 3 – Série de posts sobre Saúde Única Instagram® - página: @veterinariapreventiva.ufpel, no período de abril a agosto de 2020.

Fonte: Instagram® - página @veterinariapreventiva.ufpel

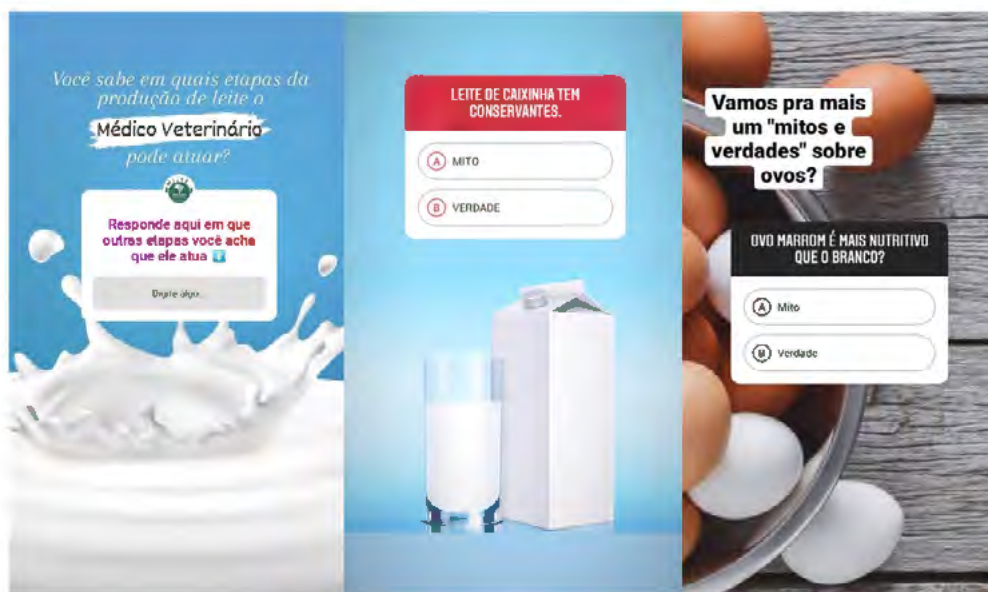
Também foram realizadas postagens sobre Doenças Transmitidas por Alimentos (DTA), aquelas causadas pela ingestão de alimentos e/ou água contaminados. Nelas, continham informações sobre os fatores relacionados à ocorrência de DTA, como falta de saneamento, água de qualidade imprópria para consumo, higiene pessoal inadequada e consumo de alimentos contaminados. Na sequência, foi comunicado sobre as práticas que devem ser adotadas para prevenção de DTA, como higienizar as mãos adequadamente, evitar o consumo de alimentos crus, higienizar os vegetais com solução clorada, comprar alimentos seguros, dentro do prazo de validade e para os produtos de origem animal, consumir apenas aqueles que possuírem o selo do serviço de inspeção. A segunda postagem, sobre as formas de manifestação das DTA – infecção, intoxicação e toxinfecção – teve 12 compartilhamentos, ou seja, as pessoas quiseram passar o conteúdo adiante.

Figura 4 – Posts sobre Doenças Transmitidas por Alimentos (DTA) nas páginas: @veterinariapreventiva.ufpel, no período de abril a agosto de 2020.

Fonte: Instagram® - página @veterinariapreventiva.ufpel

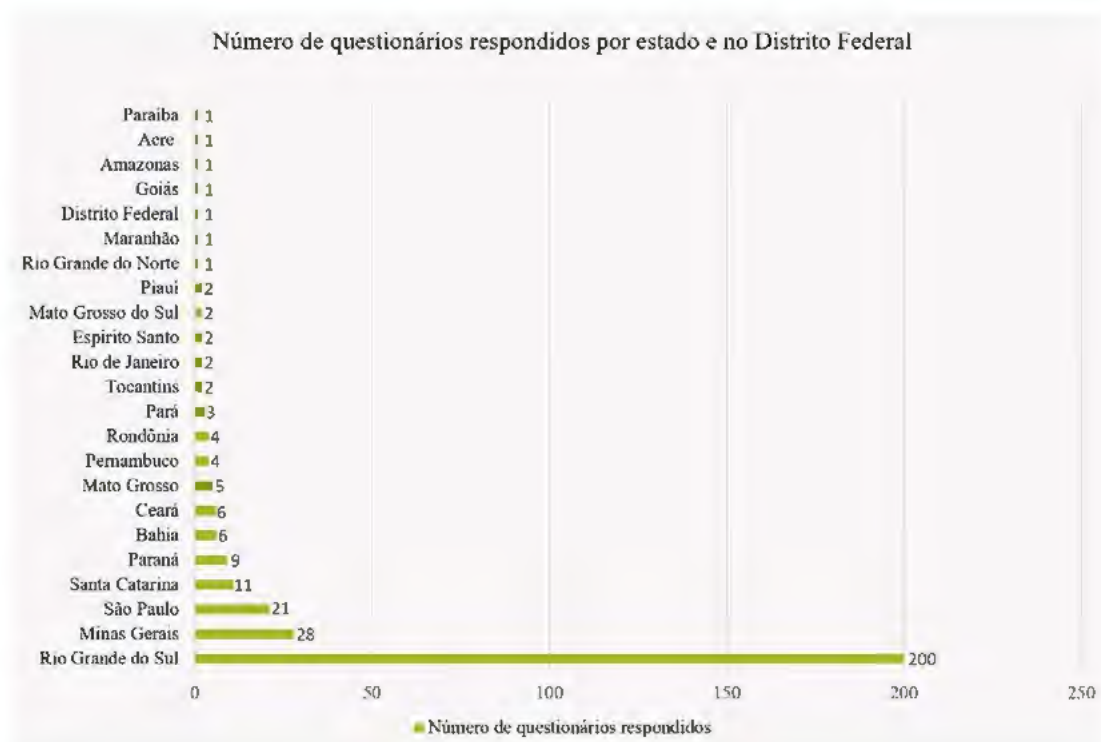
A abordagem do público através da realização de enquetes, votações e caixas de perguntas nos *stories* também foi utilizada, sendo possível ter o *feedback* sobre os temas publicados e o acesso às respostas individuais e coletivas. Utilizamos o recurso para identificar o conhecimento sobre

“Mitos ou Verdades” relacionados aos produtos de origem animal, como leite e ovos, por exemplo, e para perguntar sobre os assuntos das postagens, gerando discussão do tema e interação com os seguidores (Fig. 5).

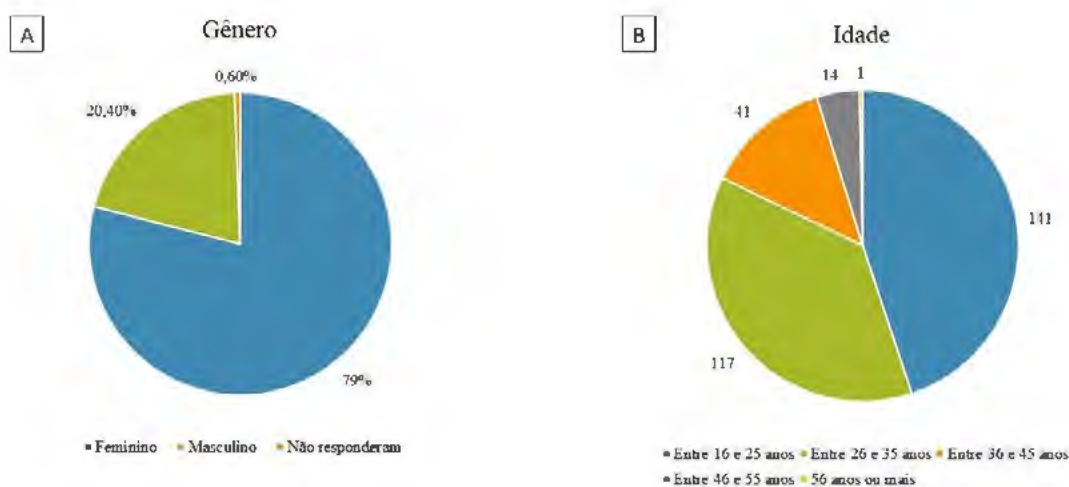
Figura 5 – Imagens de *stories* publicados para interação com os seguidores das páginas: @veterinariapreventiva.ufpel, no período de abril a agosto de 2020.

Fonte: Arquivo de *stories* da página @veterinariapreventiva.ufpel no Instagram®

Questionário Google Forms

Com o objetivo de identificar o perfil dos seguidores das redes sociais utilizadas na ação “Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde” e analisar o conteúdo de interesse, os seguidores foram convidados a responder um questionário. Foram obtidas respostas de 314 seguidores (representando 28%). Desse público, 63% eram residentes no estado do Rio Grande do Sul (Fig. 6), sendo que 58% moravam no município de Pelotas.

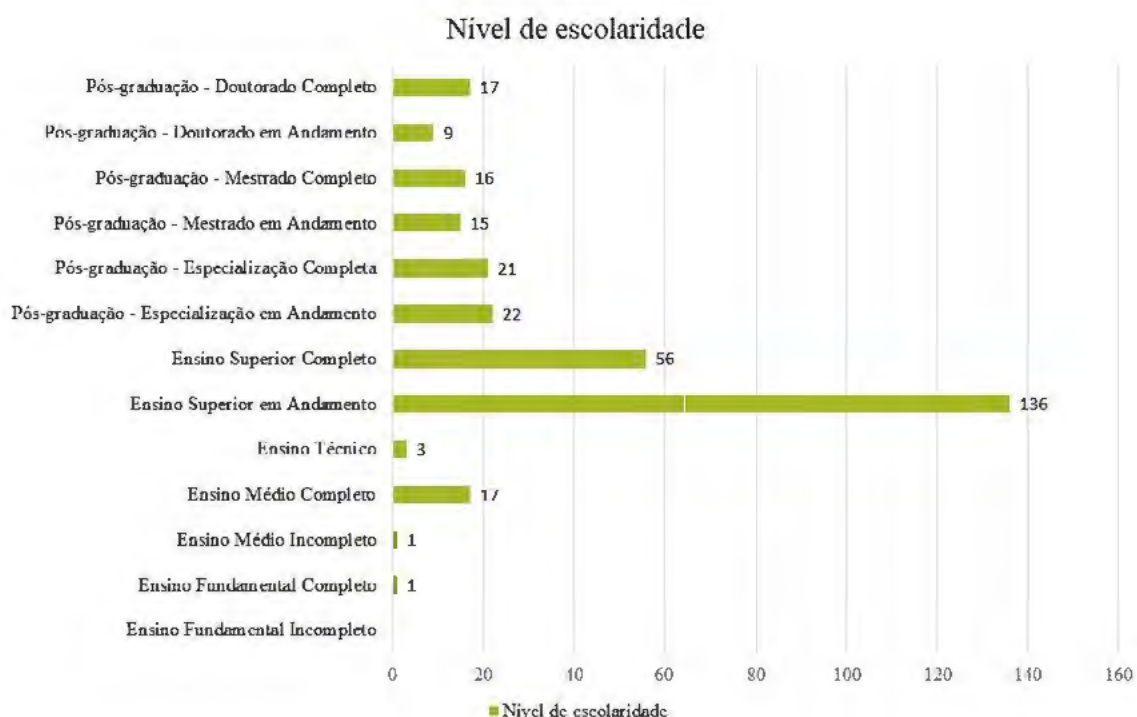
Figura 6 – Distribuição dos seguidores da página "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde" que responderam ao questionário nos estados e no Distrito Federal, em agosto de 2020.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

A figura 7 apresenta o perfil de gênero (A) e de idade do público (B). Notou-se que, assim como os dados apresentados nas estatísticas da rede social Instagram, a maioria do público era composta por mulheres. Quanto à faixa etária, a maioria do público tinha entre 16 e 35 anos (82%), o que justifica-se por ser este o público mais presente nas redes sociais mundialmente.

Figura 7 – Perfil de gênero (A) e perfil de idade (B) dos seguidores da página "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde" que responderam ao questionário em agosto de 2020.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Quanto à profissão ou área de atuação, destacou-se a participação de médicos veterinários (33%) e de estudantes (41%), sendo que destes, 19% eram estudantes de medicina veterinária. Profissionais de outras áreas também estavam entrem os seguidores, como advogados, contadores, corretores, administradores, donas de casa, professores, agrônomos, zootecnistas, entre outras profissões, mostrando um público bem diverso.

No campo escolaridade, os usuários puderam marcar uma opção entre alternativas previamente inseridas no questionário. Destacou-se o público com ensino superior em andamento, completo ou na pós-graduação (Fig. 8).

Figura 8 – Nível de escolaridade dos seguidores da página "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde" que responderam ao questionário em agosto de 2020.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Também foi questionado sobre quais redes sociais o público mais utiliza, visando divulgar as informações e ter maior alcance de público. Entre as respostas do questionário, o Instagram® foi a rede social mais citada, sendo mencionada em 96% das respostas. Esse resultado é seguido pelo Facebook® (48%) e Twitter (18%). Com menor relevância, foram citados o WhatsApp, YouTube, Telegram, Linkedin, TikTok e E-mail. Os dados obtidos quanto ao uso do Instagram® e do Facebook® corroboram com os dados relatados no Social Media Trends ReportQ4 (2019) e também verificados nas páginas da ação nas duas redes sociais. Apesar de 48% das pessoas utilizarem o Facebook®, apenas 20% tinham conhecimento sobre a existência da página "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde" nessa rede. Entre os 79% que não conheciam, 36% preencheram que iriam seguir a página. Apesar disso, não foi notado melhor engajamento na página dessa rede social.

Quanto ao conteúdo postado nas páginas do Instagram®, 65% consideraram o conteúdo muito relevante, 34% relevante e 0,6% pouco

relevante.Outra pergunta, permitindo múltiplas respostas, foi sobre quais assuntos relacionados à Medicina Veterinária Preventiva o público gosta de se informar. Entre os assuntos de maior interesse, estavam epidemiologia e zoonoses (73%), atualidades em saúde e doenças emergentes (62%) e saúde coletiva (55%). Manifestaram interesse também em tecnologia de produtos de origem animal e nas inspeções de carnes, leite, ovos, mel e pescados, assim como em assuntos relacionados a saúde única, ao Sistema Único de Saúde (SUS) e a ecologia e conservação do meio ambiente (Fig. 9).

Figura 9 – Assuntos de interesse do público da página "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde", em agosto de 2020.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

No questionário aplicado, foi criado um espaço extra, de resposta livre, para que o público pudesse deixar sugestão de assuntos de interesse, os quais gostariam de ver publicados na página. Nessa questão, foram obtidas 33 respostas (10% dos respondentes) e, entre os assuntos de interesse, estiveram as zoonoses, a atuação do médico veterinário na área de alimentos, a cadeia produtiva e o processamento dos produtos de origem animal, microbiologia e doenças transmitidas por alimentos,

além daqueles relacionados ao momento em que vivemos, da pandemia do coronavírus, ressaltando a atuação do profissional médico veterinário na saúde única. Muitos também demonstraram interesse relacionado aos animais domésticos, como abandono de animais, zoonoses relacionadas e cuidados de saúde.

Através desse espaço, recebemos alguns elogios, destacando que os assuntos e abordagens da página foram extremamente relevantes, com linguagem de fácil compreensão pelos seguidores. Outros, colaboraram com sugestões de maior engajamento nas publicações, como postagem de mais enquetes e caixinhas de perguntas nos stories, para que pudessem responder e interagir nas postagens.

Segundo Silva, Cruz e Melo (2007), a divulgação de informações e dados em saúde, envolvendo doenças, pesquisas, diagnósticos, ações desenvolvidas, entre outros, caracteriza um avanço significativo na disseminação da informação em saúde, através dos meios de comunicação. Essas informações devem ser divulgadas em uma linguagem fácil, permitindo a compreensão e assim, a socialização dos dados e informações adquiridas.

Os dados obtidos no questionário e da análise de alcance e engajamento nas páginas das redes sociais servirão de base para a criação de conteúdo e interação com o público, visando o interesse nas áreas relacionadas à Medicina Veterinária Preventiva, além de divulgar e esclarecer sobre a atuação do profissional médico veterinário em áreas da saúde pública, muitas vezes, desconhecidas pela população.

Conclusão

No contexto atual, onde o distanciamento social é recomendado devido à pandemia do coronavírus, as mídias sociais tem sido um meio importante para a troca de informações e interação com a comunidade. Desde a criação das páginas "Veterinária Preventiva: Inspeção e Saúde" nas redes sociais, conseguimos levar informação de qualidade aos seguidores, quanto à Covid-19, a atuação do médico veterinário como profissional da área da saúde, a inspeção de produtos de origem animal e a saúde pública. Esperamos que as informações alcancem inclusive

aqueles que não tem acesso às redes sociais, por meio do compartilhamento de conhecimento entre as pessoas, contribuindo assim para a educação em saúde. Além dos temas até aqui abordados na ação, com base no questionário, novos temas serão tratados, atendendo assim as aspirações do público. Como desafio está ampliar a educação em saúde por meio das mídias sociais, destacando a inserção num público cada vez mais variado, especialmente quanto à formação e faixa etária.

Agradecimentos

Às Médicas Veterinárias, residentes do Programa de Residência em Área Profissional da Saúde – Medicina Veterinária, Daniela Aparecida Moreira, Jackeline Vieira Lima e Amanda Krummenauer pelo auxílio no desenvolvimento de conteúdos paras as redes sociais.

Referências

AGUIAR, A. Instagram: saiba tudo sobre esta rede social! *In*: **Blog Rockcontent**. 17 de agosto de 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/instagram/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

ALMEIDA, M; STASIAK, D. A promoção da saúde nas mídias sociais: Uma análise do perfil do Ministério da Saúde no Twitter. *In*: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2013, Rio Verde – GO. **Anais [...]**. Rio Verde – GO: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0620-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União**. Brasília, fev. 2020. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto

Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.163-177, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 ago. 2020.

CRUZ, D. I. *et al*. O uso das mídias digitais na educação em saúde. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v.10, n.13, p.106-129, 2011. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/215/0>. Acesso em: 20 out 2020.

MACHADO, R. Mulheres ocupam espaço crescente na Medicina Veterinária e na Zootecnia. *In*: **Portal CFMV** - Conselho Federal de Medicina Veterinária. 8 de mar. 2018. Disponível em: <https://www.cfmv.gov.br/mulheres-ocupam-espaco-crescente-na-medicina-veterinaria-e-na-zootecnia/comunicacao/noticias/2018/03/08/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MONARI, A.C.P.; BERTOLLI FILHO, C. Saúde sem fake news: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de fake news do ministério da saúde. **Revista Mídia e Cotidiano**, v.13, n.1, p.160-86, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27618/16539>. Acesso em: 10 set. 2020.

PEARLMAN, L. I like this. **The Facebook Blog**, 10 de fevereiro, 2009. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/facebook/i-like-this/53024537130/>. Acesso em: 22 out. 2020.

RAYMUNDO, T. M. **Aceitação de tecnologias por idosos**. 2013. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Bioengenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/82/82131/tde-27062013-145322/publico/TDE_TaiuaniMarquineRaymundo.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SILVA, A.X.; CRUZ, E.A.; MELO, V. A importância estratégica da informação em saúde para o exercício do controle social. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.12, n.3, p. 683-688, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n3/18.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

SOCIALBAKERS, 2019. **Relatório de tendências de mídia social da Socialbakers** - Quarto trimestre de 2019 (Social Media Trends Report Q4 2019). Disponível em: <https://www.socialbakers.com/website/storage/2020/02/Q4TrendsReport_PortugueseVersion.pdf>. Acesso em : 22 ago. 2020.

WHO - World Health Organization, 1986. Carta de Ottawa, p. 11-18. *In*: Ministério da Saúde/FIOCRUZ. **As Cartas da Promoção da Saúde**. Ministério da Saúde, Brasília, 2002. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

Sobre as autoras

NATACHA DEBONI CERESER, graduada em Medicina Veterinária na UNICRUZ. Doutora em Medicina Veterinária na FCAV-UNESP. Professora Associada da Faculdade de Veterinária. Coordenadora do projeto desde 2017.
E-mail: natachacereser@yahoo.com.br

FERNANDA DE REZENDE PINTO, graduada em Medicina Veterinária na FCAV-UNESP. Doutora em Medicina Veterinária na FCAV-UNESP. Professora Associada da Faculdade de Veterinária. Colaboradora do projeto desde 2017.
E-mail: f_rezendevet@yahoo.com.br

HELENICE GONZALEZ DE LIMA, graduada em Medicina Veterinária na UFPel. Doutora em Zootecnia na UFRGS. Professora Associada da Faculdade de Veterinária. Coordenadora adjunta do projeto desde 2017.
E-mail: helenicegonzalez@hotmail.com

UILA SILVEIRA DE MEDEIROS, graduada em Medicina Veterinária na UFPel. Residente em Saúde Coletiva na UFPel. Colaboradora do projeto desde 2020.
E-mail: uilamedeiros@gmail.com

JÉSSICA DAL VESCO, graduada em Medicina Veterinária na UFPel. Residente em Inspeção de Leite e Derivados na UFPel. Colaboradora do

projeto desde 2019.
E-mail: jessica.dalvesco@gmail.com

DANIELE BONDAN PACHECO, graduada em Medicina Veterinária na UFPel. Residente em Inspeção de Leite e Derivados na UFPel. Colaboradora do projeto desde 2020.
E-mail: danielebondan@hotmail.com

EXPOSIÇÃO PATRIMÔNIOS INVISIBILIZADOS: UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA DE EXTENSÃO NA PANDEMIA

Louise Prado Alfonso
Martha Rodrigues Ferreira

"Mas o Margens é muito mais do que eu poderia imaginar"
(GIMENES APUD MARGENS, 2020B)

O presente artigo nasce da necessidade de expressar as vivências de experiências coletivas na montagem de uma exposição digital, em meio à pandemia de Covid-19. A pandemia trouxe muitas mudanças para nossas vidas, dentre elas as alterações que se fazem necessárias para seguirmos com as atividades já existentes nas universidades, fez emergir a necessidade de aprendermos novas formas de pensar pesquisa – ensino – extensão e exercitarmos outras maneiras de conexão com as comunidades parceiras (interlocutoras). Apresentaremos aqui, um fragmento das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto de pesquisa

"Margens, grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas", que abrange os seguintes projetos de extensão: "Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação"; "Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas" e o "Mapeando a Noite: O universo Travesti". Todos desenvolvidos no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) do Departamento de Antropologia e Arqueologia - UFPel.

A equipe total do Margens envolve, aproximadamente, trinta pessoas, é multidisciplinar e interinstitucional, contando com colaboradores/as/us de diferentes universidades e de cursos diversos. Quando mencionamos a equipe Margens, estamos então, nos referindo à junção das equipes dos três projetos de extensão já citados.

Destacamos que este texto se fez de forma coletiva, já que esta é a proposta principal destes projetos, desenvolvermos ações de forma colaborativa articulando ensino – pesquisa – extensão. As equipes dos projetos de extensão mencionados puderam sentar e escrever relatos referentes às suas participações na montagem da exposição "Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas" e sobre a participação nos projetos, momentos que permitiram que todos/as/es refletissem sobre a construção coletiva e sobre aspectos da exposição que poderiam ser importantes para as pesquisas individuais. Algumas destas reflexões serão aqui apresentadas.

Os projetos têm por objetivo compreender, junto a grupos e comunidades diversas, outras formas de "fazer cidade" que não aparecem nas narrativas oficiais do município. Pelotas construiu sua identidade em cima de seus patrimônios edificados, casarões, charqueadas e doces finos, é uma história excludente, que invisibiliza outras narrativas que não as de uma elite branca, heteronormativa e com grande poder econômico. Os projetos têm como proposta repensar e discutir essas narrativas oficiais sobre a cidade a partir de diferentes perspectivas, valorizando as narrativas de grupos que enfrentam processos de exclusão, destacando uma "outra Pelotas", também dando visibilidade a elementos e patrimônios de diversos grupos e comunidades que "fazem a cidade" (AGIER, 2015). Ressaltamos que os projetos são constituídos a partir de demandas das próprias comunidades.

Entendemos as margens não “como fato social, geográfico ou cultural, mas a margem como posição epistemológica e política” (2015, p.4). As margens para nós, não ocupam um lugar geográfico porque, o que é margem hoje, amanhã pode não ser. Tampouco como um lugar social fixo a ser ocupado por algo ou alguém, as margens se reconfiguram por mudanças dos valores sociais, das políticas e, até mesmo, com o passar do tempo. Reafirmamos que margem não é o oposto ao centro, margem é dinâmica, é dialética, é processo. Como, por exemplo, nos mostram as trabalhadoras sexuais trans e travestis que, durante o dia, não saem às ruas do calçadão e do centro com medo da violência, centro este que é central nas políticas patrimoniais e turísticas da cidade, mas afirmam que “a noite o centro é o meu palco”. O próprio centro é margem quando anoitece.

A equipe Margens participa, anualmente, das comemorações municipais do “Dia do Patrimônio”[1]. Em 2016, foi montada a primeira exposição neste evento, esta apresentou debates sobre o então ativo projeto de extensão “O trabalho doméstico entre o passado e o presente”[2]. Em 2017 e 2018, foram efetuadas diferentes montagens da exposição “Margens: Diferentes formas de habitar Pelotas”. A primeira ocorreu em agosto de 2017, no Casarão 2 do Centro Histórico, local de destaque durante as festividades, pois fica ao redor da praça principal e aloca a Secretaria Municipal de Cultura (SECULT).

Em 2018, iniciou uma parceria com o Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense, montamos ali a segunda versão da exposição. Esta parceria permitiu que a exposição ficasse aberta por um mês, incidindo

1. O “Dia do Patrimônio” em Pelotas trata-se de um evento que surge em 2013, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura (SECULT) de Pelotas. O evento objetiva promover os patrimônios da cidade evidenciando sua importância para a cidade. Em 2016, em sua 4ª edição, o evento recebeu o prêmio “Rodrigo Melo de Franco de Andrade””, na categoria “Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural”” realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

2. Hoje os debates do projeto *O trabalho doméstico entre o passado* e o presente integram o projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* que trabalha questões de gênero, abrangendo também o trabalho feminino.

com as datas do evento “Dia do Patrimônio”, em agosto de 2018. Durante o evento, a equipe mediou a exposição, o que possibilitou um diálogo direto com o público, proporcionando novos relatos sobre o fazer a cidade, entender como outros grupos também se conectam, habitam Pelotas e possuem perspectivas diversas sobre os patrimônios oficiais, além de terem seus próprios elementos que consideram patrimônios, pois constam em suas narrativas.

Em 2019, com a parceria ainda mais fortalecida com a Bibliotheca Pública, realizamos a montagem nas comemorações do Dias do Patrimônio da nova exposição, intitulada “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”. Pensada de forma que pudesse complementar a exposição anterior, mas que também fosse possível sua montagem independente.

As ações nos anos anteriores eram pensadas em reuniões presenciais semanais dos projetos de extensão e, às vezes, eram feitos encontros até três vezes por semana. Pois, cada equipe de projeto se reunia semanalmente para pensar seus módulos, sub equipes de coordenação de expografia também se reuniam e, ainda, tínhamos a reunião geral da exposição que abrangia toda a equipe do Margens. Em 2020, com o início da pandemia, foi necessário planejarmos o que faríamos e como? Analisar a situação foi o primeiro passo, “estabilizar corpo e mente nesta nova rotina.” (FERREIRA *apud* MARGENS, 2020b). O grupo todo decidiu que realizar as reuniões virtuais ajudaria a todos/as/es a passar por este momento, também definiu-se que faríamos a exposição anual dos projetos mesmo que de forma virtual. Entendemos que “frente ao contexto de isolamento, que uma crise sanitária como COVID-19 exige de todos/as/es, as atividades extensionistas necessitariam atingir um novo ambiente para continuar articulando o diálogo entre universidade e sociedade.” (CHAGAS *apud* MARGENS, 2020b).

“Teríamos pernas para isso?” (SOUZA *apud* MARGENS, 2020b)

A Universidade Federal de Pelotas tem como base de seu currículo a tríade universitária ensino – pesquisa – extensão, considerados os

pilares da universidade. Em 2017, houve um esforço em inserir no sistema online institucional a opção de projetos unificados, onde seria possível fazer o vínculo entre os três pilares. Contudo, apenas em 2019 o sistema começa a aceitar na prática este tipo de vínculo na plataforma. Esta possibilidade fortalece a compreensão das possibilidades de articulação entre diferentes projetos e disciplinas, contribuindo de forma marcante na experiência formativa da vida acadêmica de estudantes. Salienta-se aqui, a importância do projeto de pesquisa Margens que, desde seu princípio, fortalece e experiência este vínculo entre extensão e ensino, valorizando a potência da extensão na formação universitária.

Faz-se importante destacar que a extensão universitária tem ganhado força nos últimos anos:

> [...] a Extensão na UFPel objetiva promover a interação dialógica e a integração transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade, a difusão do conhecimento produzido e a capacitação dos cidadãos e profissionais comprometidos com a realidade social. (PREC-UFPEL, 2020).

Esta conceituação foi pensada a partir da designação do Plano Nacional de Extensão Universitária do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, referente ao processo do fazer extensão e construir conhecimento junto aos saberes das comunidades.

> Sob a influência das ideias de Paulo Freire (1992), a Extensão foi definida como ação institucional voltada para o atendimento das organizações e populações, com sentido de retroalimentação e troca de saberes acadêmico e popular. Nessa perspectiva, as camadas populares deixaram de ser o objeto para se tornarem o sujeito da ação extensionista [...] (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012).

Embora a UFPel tenha se dedicado a debates importantes sobre a extensão universitária, de forma a criar diretrizes para sua

curricularização, o novo contexto imposto pelas mudanças da pandemia suscita novas perguntas e debates. Seria possível continuar a fazer pesquisa e extensão em meio a uma pandemia? Como fazer extensão sem contato presencial? Como continuar a contar narrativas de outros grupos que habitam a cidade a partir da relação, do diálogo? E, como estes grupos estão (sobre)vivendo e habitando a cidade durante a pandemia? Estas questões passaram a nortear nossos debates no âmbito dos projetos.

Após a volta das reuniões semanais, de forma virtual, o grupo concentrou seus esforços em descobrir novas formas de fazer pesquisa e extensão. Estas reuniões envolveram debates referentes a cada temática, discussões teóricas, observações feitas durante a semana, foram elaboradas ações, planejadas atividades. Mesmo com o afastamento físico, o grupo e os encontros semanais foram extremamente importantes, pessoas que não se conheciam encontraram-se e, assim, começaram a trabalhar juntas, produziram afetos. Em um momento novo como o que vivemos em 2020, é notória como a construção coletiva desperta sensibilidades importantes no que envolve a confiança para o trabalho em equipe. “A pesquisa e a extensão nessas dinâmicas de aprendizado coletivo se refazem a todo instante, ao pesquisarmos com as comunidades, pensarmos os conteúdos para e com estas pessoas” (SOUZA *apud* MARGENS, 2020).

Estas reuniões aconteceram por meio da plataforma institucional da UFPel, Webconf. Cada projeto de extensão tem seus encontros em um dia fixo da semana, com a equipe de cada projeto. Na volta das reuniões, as equipes eram compostas por maioria de pessoas que já faziam parte dos projetos, mas após uma série de divulgações e chamadas para as reuniões, o que, devido à proporção das redes sociais, tornou possível alcançar um público amplo, de ingressantes, pessoas de outras universidades começaram a participar das reuniões. Esses encontros sempre foram a grande potência do Margens, dos projetos de extensão, as trocas que ocorrem neste processo coletivo é que constroem as pesquisas, bem como as trocas com as comunidades e são pensadas as ações de extensão.

“Organização e planejamento de uma exposição certamente não é tarefa fácil.” (EUZÉBIO *apud* MARGENS, 2020b)

> “Pensar na construção da futura exposição e suas narrativas é imaginar os processos de mediação com público e demais sujeites (o que esse público achará, se identificará, se encantará ou não?). Este ano a exposição aconteceria como sempre, o diferencial agora foi o contexto de pandemia.” (SOUZA apud MARGENS, 2020b).

Observadas as diferentes formas possíveis de fazer, escolhemos os métodos que seriam utilizados e mais apropriados para o contexto dos projetos de extensão. Iniciou-se então, o planejamento da exposição Patrimônios Invisibilizados, pela primeira vez em formato digital.

Após a escolha da plataforma wordPress institucional da UFPel, foi criado um espaço para a exposição neste ambiente virtual. Foram feitas pastas dentro dos *drives* de cada projeto, onde adicionamos todos os conteúdos, desde textos até as imagens, vídeos, referências bibliográficas usadas como aporte teórico, reunidas reportagens jornalísticas, termos de autorização de imagem e respostas de formulários.

Os formulários e conversas através de redes sociais foram métodos escolhidos pelas equipes dos projeto para conectar-se com interlocutores/as/us e a comunidade em geral. Bem como, as páginas do GEEUR nas redes sociais Facebook e Instagram, onde fizemos postagens informativas e explicativas sobre os projetos. Com o andamento das reuniões e a necessidade de um diálogo específico com o público, foram feitas postagens sobre as temáticas que seriam abordadas em cada módulo. “A criatividade foi um dos pilares para que nós, enquanto grupo, conseguíssemos dar continuidade às atividades de extensão desenvolvidas durante o ano letivo” (CHAGAS *apud* MARGENS, 2020b).

Figura 1 – Identidade visual da Exposição Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas.

Fonte: Banco de dados projeto de pesquisa Margens (2020).

A exposição foi dividida em oito módulos: “Início”; “O que é Patrimônio?”; “Além da Noite; Além da Baronesa”; “Além das Charqueadas; Além da Materialidade”; “Além da Imaginação”; “Margens”. Os textos principais com explicações da exposição, do projeto de pesquisa e dos projetos de extensão foram baseados nos banners feitos no ano de 2019, trabalhados e ajustados para formato virtual.

O módulo “Início” foi destinado a falar da exposição, explicar seu objetivo e o que seria encontrado naquele ambiente virtual. Depois, contextualizamos a cidade de Pelotas, pois o formato virtual possibilita que pessoas do mundo todo tenham acesso ao site. Também sobre a Bibliotheca Pública Pelotense, parceira no intuito “de mostrar os vários tipos de grupos sociais existentes em Pelotas” (MARGENS, 2020a).

A segunda aba “O que é Patrimônio?” foi destinada a explicar o que entendemos por patrimônios: “São lugares, saberes, fazeres e coisas, escolhidas porque são importantes para um grupo. Os patrimônios representam a história de vida de cidades, pessoas, lugares, são usados como símbolos e atrativos turísticos.” (MARGENS, 2020a). Logo abaixo, apresentamos o “Dia do Patrimônio” de Pelotas. A aba finaliza com uma apresentação sobre os cartões postais do evento, que são produzidos a

partir de imagens que mostram elementos culturais importantes para a cidade, também "nos mostram uma outra Pelotas: das mulheres, de diferentes grupos étnicos, dos saberes e fazeres, das religiões de matriz africana, dos/as/es sujeitos/as/es e vivências esquecidas por muito tempo da cultura local" (MARGENS, 2020a) . Com o intuito de dialogar com visitantes, entender o que são os patrimônios para outros grupos e moradores/as/us da cidade, convidamos os/as/us visitantes a produzirem seus próprios cartões postais e enviarem, ou publicarem em suas redes, marcando o GEEUR.

Os outros módulos foram referentes aos projetos de extensão, cada módulo era uma aba do site, cada aba era referente a um projeto e continha mais três "sub abas".

A terceira aba foi a "Além da Noite" vinculada ao "Projeto de Extensão Mapeando a Noite", que nasceu da demanda de pessoas trans e travestis que exercem o trabalho sexual. Atualmente o projeto busca valorizar e legitimar as diversas formas de habitar e fazer cidade de toda a comunidade LGBTQIA+, bem como os seus direitos à cidade, a partir das ações desenvolvidas, como as exposições, rodas de conversa, participações e organização de eventos e cursos de extensão.

Para a apresentação do módulo, abordamos uma perspectiva muito comentada sobre a cidade, até nacionalmente, Pelotas como "cidade de viado", "história surge quando os filhos de pessoas importantes da cidade, ao retornar dos estudos na Europa, chegam com novos costumes e roupas cheias de "babado". Para o povo daquela época e até hoje, isso não é "coisa de homem" (MARGENS, 2020a). A partir dessa perspectiva de "cidade de viado", contamos as narrativas dessas personas LGBTQIA+ que também constroem a cidade em seus cotidianos.

Dentro deste módulo está a sub aba "Sobre As Diferenças", que fala sobre como os preconceitos vivenciados pela comunidade LGBTQIA+, geram desigualdades, mostrando a necessidade de políticas públicas específicas.

> As políticas públicas são importantes pois trazem mudanças. Podem contribuir para a redução das desigualdades, ao investir em ações e programas dirigidos a grupos que precisam. [...] áreas como educação,

> segurança, trabalho, assistência social, previdência social e saúde, vemos que as políticas públicas voltadas para o combate aos preconceitos e à garantia de direitos para a população LGBTQIA+ são pouco eficientes ou até mesmo inexistentes, embora estejam previstas em leis e ações do governo federal e dos governos estaduais e municipais. Infelizmente, as ações ainda privilegiam políticas que negam as desigualdades sociais relacionadas à identidade de gênero, raça e orientação sexual. (MARGENS, 2020a)

Trouxemos também um espaço intitulado "Sobre Nós", com o intuito de valorizar redes de apoio, principalmente para o momento de pandemia vivenciado.

> O Governo Federal não tem se preocupado com a população LGBTQIA+, principalmente agora no que se refere ao combate ao coronavírus. A população LGBTQIA+ já é mais vulnerável ao desemprego e à depressão, sendo uma das que mais sofre com a violência dentro de casa, tudo isso piora durante a pandemia e o confinamento. (MARGENS, 2020a).

O processo de seleção das referências para compor este espaço foi feito por partes.

> A gente pesquisava em portais grandes voltados para grupos LGBT+ e seguindo pessoas no Twitter, trans influencer e pessoas LGBT's que são influencers que falam sobre a temática.Vereadores, pessoas de ONGS. Pesquisar no Google não adiantou, pois as informações não vinham. Pesquisar políticas públicas LGBT+ pelo Google não foi um método viável. Não deu certo! (KALI BREDER *apud* MARGENS, 2020b)

Buscamos apresentar também debates sobre as políticas de reconhecimento, que são utilizadas para preservar "a memória de grupos invisibilizados ao longo da história" (MARGENS, 2020a), como por

exemplo das comunidades LGBTQIA+. Apresentamos em forma de colagem e texto a história da ativista Juliana Martinelli, que recebeu uma placa em sua homenagem na região central da cidade, dando nome à "Esquina Travesti Juliana Martinelli: educadora social e militante da causa LGBT", inaugurada em 29 de janeiro de 2019.

> As notícias sobre a placa foram comentadas por muita gente, muitas pessoas elogiaram e outras se mostraram descontentes com a homenagem. Nas redes sociais usaram xingamentos como: "traveco", "putas", "cidade de viado", "piada", "vergonha", "triste" e "só Jesus nessa causa". Estes comentários nos mostram como a LGBTQIA+fobia é presente em nossa sociedade. As pessoas LGBTQIA+ sempre (re)existiram e, quase nunca, são representadas na história e cultura de suas cidades. (MARGENS, 2020a).

A falta de materiais relacionados às políticas públicas é apenas mais um exemplo dos processos diários de visibilização que a população LGBTQIA+ sofre. Desta forma, esta sub aba foi pensada para produzir um material informativo e reflexivo.

A última sub aba do módulo foi intitulada de "Por Nós", apresentando mais narrativas LGBTQIA+, através de um formulário google convidou-se artistas para enviarem imagens, fotos, colagens, vídeos, poemas e contassem suas narrativas, a partir da arte, intentando "romper com a naturalização social que só reconhece construções simbólicas, nas diversas expressões artísticas, pautadas numa seletividade binária e heteronormativa. Pretendemos dar visibilidade às produções de artistas, coletivos e demais grupos LGBTQIA+" (MARGENS, 2020a).

O segundo módulo da exposição foi sobre trabalho feminino, vinculado ao projeto de extensão Mapeando a Noite. Intitulado de "Além da Baronesa" teve como proposta apresentar uma cidade construída por mulheres.

> Pelotas não foi construída apenas por homens brancos ricos, como nos conta a história oficial. Nos casarões, nas ruas, nos prostíbulos, nas fábricas, nos engenhos

> e em suas casas, mulheres sempre realizaram trabalha dos que não são valorizados, como as trabalhadoras domésticas, trabalhadoras sexuais, lavadeiras, artesãs, operárias, cozinheiras, costureiras, doceiras e banqueteiras. (MARGENS, 2020a).

Pensando, principalmente, neste período de pandemia buscamos entender e valorizar a vida das mulheres trabalhadoras. A proposta se deu a partir de um relato de uma pessoa da equipe que começou a participar no projeto em 2020:

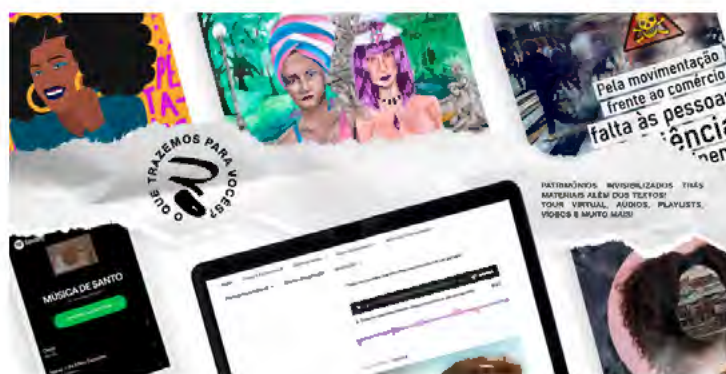
> [...] eu acordava e ia para cozinha, ia dormir três, quatro horas da manhã para dar conta e menos de um mês eu estava esgotada. Quando comecei a perceber que muitas vezes eu esquecia me alimentar, para alimentar os outros, quando pensei "caramba eu não paro de trabalhar", eu estava sempre na cozinha de segunda a segunda, eu não tomava um chimarrão com meu namorado, não caminhava com o cachorro, quando o trabalho acabava parecia que eu acabava junto. Eu cheguei a uma conclusão: isso está querendo me dizer algo. O meu trabalho estava me fazendo pensar a rotina de milhares de mulheres, donas de casa, trabalhadoras domésticas. O trabalho "do lar" não é remunerado ou não decentemente e ele não tem fim. A cozinha consome as mulheres e as paralisa, você produz aquilo o tempo todo e não tem fim. (CONCEIÇÃO *apud* MARGENS, 2020b)

Assim, a partir de um formulário google convidamos mulheres a compartilharem seus relatos, dando vida a sub aba "Sobre Elas", um espaço para as mulheres contarem como estavam vendo e vivendo Pelotas durante o momento de pandemia, quais as principais mudanças nesse novo contexto e quais as expectativas para a cidade após a pandemia.

A terceira sub aba do módulo, intitulada de "Por Elas", apresenta as lutas cotidianas das mulheres na construção da cidade, valorizar seus trabalhos e suas narrativas, pensando nisso coletamos trechos e falas de reportagens que foram realizadas durante a pandemia e de entrevistas

com interlocutoras do projeto, as lutas cotidianas das mulheres foram representadas em colagens digitais com imagens e as frases, junto a áudios com trechos contados pelas interlocutoras.

A última sub aba do módulo "Além da Baronesa" foi um espaço destinado às produções artísticas, buscando "valorizar as artistas, expondo seus trabalhos durante o isolamento, dentre eles fotografias, colagens, desenhos, pinturas, entre outros" (MARGENS, 2020a). Propondo um espaço que instigasse reflexões sobre a importância do trabalho artístico feminino e de todos os tipos de trabalhos que as mulheres exercem. O diálogo com as artistas foi fundamental.

Figura 2 – Colagem de divulgação para as redes sociais com obras de artistas.

Fonte: Banco de dados projeto de pesquisa Margens (2020).

O módulo seguinte foi o "Além das Charqueadas", referente ao projeto de extensão Narrativas do Passo dos Negros, projeto desenvolvido junto à comunidade que nos solicitou auxiliar na patrimonialização de seus bens de forma a preservá-los diante da especulação imobiliária. Sendo estes a Ponte dos Dois Arcos construída por mão de obra escravizada, as diversas figueiras centenárias que são de enorme valor também para as religiões de matrizes africanas. O Passo foi um porto de entrada dos navios que traziam mercadorias, zona de charqueadas, com a decadência do charque deu lugar a um dos maiores engenhos de arroz da época, o Engenho Coronel Pedro Osório. Também abriga uma "leitaria que faz parte da história do Passo dos Negros e permaneceu por muitos anos invisibilizada, assim como tantos elementos existentes nesse local." (DODE *apud* MARGENS, 2020b)

A primeira aba deste módulo foi dedicada a falarmos dos patrimônios de Pelotas pelas periferias da cidade, questionando "o que seriam Pelotas por suas periferias?" "São nessas periferias que a cidade também é construída, bairros têm seus patrimônios e contam partes da história de Pelotas" (MARGENS, 2020a). Falar de uma cidade que se constrói por estes lugares, "se desenha por entre tantos espaços, pelos bairros, pelos campinhos de futebol, pelas rodas das charretes, pelas chaminés dos prédios industriais abandonados, [...] pelo pixo nos muros e pelo vai-vem das pessoas" (MARGENS, 2020a). É apresentar uma cidade movimento (AGIER, 2015), "uma cidade construída por e para todos/as, uma cidade movimento, que pulsa, vibra e é múltipla" (FERREIRA; CASTRO; ALFONSO, 2019) .

Buscando a valorização de outras formas de contar essas narrativas, procuramos apresentar outros patrimônios da cidade que são produzidas pelas periferias. Utilizando de diversas expressões artísticas. Foi preparada uma playlist na plataforma de música *youtube*, apenas com artistas locais que contam as histórias de Pelotas a partir das perspectivas dos/as/us moradores/as/us, sobre a periferia bairros e vivências cotidianas na cidade. Outros suportes artísticos foram poemas, vídeos, fotografias e colagens, recebidos através do formulário google.

A primeira sub aba deste módulo foi a "Sobre o Passo dos Negros", foi um espaço reservado a falar da comunidade do Passo dos Negros, "um desses territórios que se constrói e reconstrói, por meio de várias histórias, narrativas e memórias" (MARGENS, 2020a). Apresentada a importância dessas periferias e da comunidade do Passo, buscou-se trazer para debate os impactos que a pandemia de covid-19 tem causado, na sub aba "Na Pandemia", com a ajuda de estudantes do mestrado em geografia, foram elaborados "mapas informativos sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na comunidade do Passo do Negro e em periferias de Pelotas/RS" (DA SILVA; DOS SANTOS *apud* MARGENS, 2020b).

Desde o início da pandemia, as principais mensagens para o combate ao vírus foram:

> "fique em casa", "lave as mãos". Mas, quem pode ficar em casa? Quem tem esta escolha? Quantas pessoas tem acesso a água potável? Ou, podem de fato, acessar ao

> sistema único de saúde? "[...] A verdade é que muitas pessoas não tem essa segurança em suas casas. Em Pelotas temos aproximadamente 90 mil pessoas em situações de moradias precárias" (MARGENS, 2020a).

Ao total, foram elaborados quatro mapas e textos, o primeiro deles foi o "Mapa de Aglomerados Subnormais", que consideram os bairros e regiões que não tem certos serviços básicos, como água, luz, saneamento básico, coleta de lixo, transporte público, entre outros.

> O fato dessas comunidades não terem acesso a serviços básicos [...] as expõe aos mais diferentes riscos. Quando o acesso aos espaços de atendimento de saúde também é distante, esses riscos se multiplicam. A saúde se torna acessível a quem? [...] Em meio à pandemia do COVID-19, quais os impactos desse distanciamento dos locais de atendimento de saúde e quais as consequências dessa ausência de serviços básicos de subsistência? (MARGENS, 2020a).

O segundo mapa foi sobre "Densidade Demográfica", onde foi possível falar sobre a concentração de pessoas por quilômetro quadrado, se constatando que nas áreas periféricas a concentração de pessoas é muito maior do que no bairro centro e em outros com infraestrutura melhor.

> Qual a relação de densidade demográfica e o coronavírus? Regiões com maiores índices de habitantes por km² devem ter maior atenção durante períodos de pandemia, isso por que, representa que regiões com maior concentração de pessoas (pelas grandes quantidades e proximidades das residências), facilitando a disseminação de vírus e doenças. (MARGENS, 2020a).

O terceiro mapa foi de "Pessoas Residentes- 60 anos ou mais", por se tratarem de um dos grupos de risco em relação ao vírus da covid-19. "De acordo com o Censo realizado pelo IBGE (2010) o setor da comunidade do Osório, apesar da baixa densidade demográfica (moradores por km²)

tem o perfil de idade de habitantes, majoritariamente, idosos de 60 anos ou mais" (MARGENS, 2020a).

O quarto mapa foi o "Mapa de quantidade de pessoas por quarto", os dados indicam que os bairros considerados periféricos têm duas ou mais pessoas por quarto. Mas, qual a relação disso com a pandemia?

> Se em algumas regiões, em especial nas periferias, há um maior número de pessoas que dividem o mesmo quarto (que às vezes é único) o isolamento social, em especial nos casos de pessoas contaminadas, não é possível. Então o isolamento vertical (em que apenas os grupos de risco ficam em casa) também seria inviável nas periferias, pois o contato entre moradores da mesma residência se torna inevitável e assim, há a disseminação do vírus. (MARGENS, 2020a)

Todos os mapas foram acompanhados de textos explicativos.

> A confecção dos mapas foi pensada para que fossem informativos, que pudessem passar a informação para qualquer público, acadêmico ou não. E os textos foram escritos de forma didática, direta, para que ao mesmo tempo que informasse provocasse as pessoas a pensar em outras realidades. (DA SILVA *apud* MARGENS, 2020b)

A última sub aba intitulada "Pelo Passo", foi um espaço destinado a apresentar a comunidade por um tour virtual para que visitantes pudessem transitar pelas ruas, conhecendo diversos pontos importantes. O propósito do tour foi

> [..] criar um roteiro virtual para a própria comunidade do Passo dos Negros atendendo a um pedido deles, através de elementos que a comunidade se identifique. Elementos esses que foram apontados pelos próprios moradores. As diferentes narrativas guiaram o processo de construção do tour - pontos referenciais e histórico desses marcos do Passo dos Negros, onde a construção do conceito de Patrimônio foi feita em conjunto com a comunidade.

> [...] o conteúdo dos totens informativos são textos que trazem o conhecimento dos moradores que habitam a região há anos. (SILVEIRA *apud* MARGENS, 2020b).

Esta sub aba também contou com imagens e áudios de moradores/as/us falando sobre seus patrimônios, pensando em proporcionar uma experiência auditiva para visitantes.

O penúltimo módulo foi referente ao projeto de extensão Terra de Santo, intitulado "Além da Materialidade", a primeira aba foi destinada a introduzir a perspectiva das religiões de matrizes africanas sobre os patrimônios de Pelotas, como por exemplo

> O Mercado Central que tem um significado importante, pois representa a troca, o comércio, a passagem, tudo isso relacionado ao Orixá Bará, responsável pelo movimento. A praia, como o Mercado, também possui grande importância para estas religiões, porque a água liga os dois continentes, Américas (Brasil) e África, sendo a água um dos elementos relacionados a três Orixás: Oxum, Iemanjá e Oxalá. (MARGENS, 2020a).

Pelotas e a cidade de Rio Grande configuram a segunda região com maior números de terreiros, no ano de 2019, o projeto Terra de Santo iniciou um mapeando com os terreiros da cidade, estima-se que Pelotas abriga mais de duas mil Casas de religião de matrizes africanas.

Destacada a importância dessas religiões para a cidade, considerando que cada casa tem diversos filhos de santo, levando em consideração que os filhos de santo ao realizarem os rituais de iniciação, por exemplo, necessitam passar por diversos pontos sagrados da cidade como os citados anteriormente. Foram selecionadas dezenove Casas mapeadas e, a partir dos trajetos e movimentos dessas pela cidade, pudemos mostrar uma Pelotas construída pelo sagrado. Os religiosos "em seus cotidianos transformam toda a cidade em sagrada, já que o sagrado vive em cada um. [...] Pelotas se apresenta quase inteira enquanto um território sagrado, uma cidade que também é (re) construída pelas religiões de matrizes africanas no dia a dia" (MARGENS, 2020a). Assim, se construiu uma cidade colorida, uma

cidade que está se constituindo pelo sagrado, uma cidade que, também, se movimenta pela trajeto de um grupo que é invisibilizado nas narrativas da cidade, mas que faz parte diariamente de sua construção.

A sub aba intitulada "Pelo Sagrado" buscou, a partir de formulários google, dialogar com religiosos/as/us. Devido ao alcance que nos proporciona as redes sociais, recebemos formulários de pessoas do Brasil todo.

> Devido ao distanciamento social, causado pela pandemia, o povo de Santo passa a buscar alternativas para se relacionar com o sagrado, e também com seus irmãos e irmãs. Espaços são reservados em suas Casas consagrando Orixás, lives passam a ser ferramentas de aproximação com as Casas e entre praticantes, a internet ajuda na continuidade dos estudos, além de se unirem em redes para ajudar as comunidades onde se inserem. (MARGENS, 2020a).

A sub aba seguinte foi "Entre as Artes", um espaço onde buscou-se retratar Orixás, a partir de simbologias. A representação de cada Orixá, se deu por meio de colagens e de letras de músicas.

> A colagem é uma técnica das artes visuais que consiste na utilização de recortes, fragmentos ou pedaços de figuras, papéis, entre outros materiais, para composição de outra imagem. Além disso, pode ser feita tanto de forma manual como digital. Considero uma das técnicas mais democráticas das artes, já que não exige aprendizado de métodos complexos ou materiais caros. (PECANTET *apud* MARGENS, 2020b).

Após a representação de Orixás, apresentamos duas playlists feitas de forma interativa e colaborativa, resultou em uma proposta mista mas com a mesma temática, que representou cada Orixá, com referência direta ou não a estas divindades. Ainda nesta sub aba, foram adicionadas referências de páginas em redes sociais, canais, *podcasts*, *lives*, entre outros, que produzem matérias referentes ao universo sagrado, buscando uma disseminação e valorização destes outros saberes.

Figura 3 – Imagem de divulgação após o lançamento da exposição digital.

Fonte: Banco de dados projeto de pesquisa Margens (2020).

O último módulo foi a aba intitulada "Além da Imaginação", um espaço destinado à contação de história para o público infantil, o grupo optou por contar as narrativas com as temáticas dos projetos de extensão. A ideia foi produzir um material didático que pudesse comunicar com o público infantil, servindo de material de apoio para professoras/es/us. Mas essa ação "implicaria em transformar anos de narrativas em uma linguagem de historinha. Fazer de cada momento, narrativa, interlocutor/a, parte dessa criação" (AURÉLIO *apud* MARGENS, 2020b).

A proposta de contar as narrativas levantadas pelos projetos ao público infantil trouxe questionamentos interessantes. Como fazer isso? Qual seria a linguagem utilizada? Como adaptar cada especificidade dos projetos de forma que fosse leal às suas narrativas? Guiada por estas questões, a equipe responsável pelo módulo se dedicou a pesquisar formas de transposição didática para crianças.

Para o projeto Narrativas do Passo dos Negros apresentamos o vídeo "Carmen Tereza em Histórias do Passo Dos Negros", onde a narrativa se dá a partir de uma criança que viaja do presente para o passado e conhece a comunidade do Passo dos Negros no século passado. É narrada pelo Negrinho do Engenho (figura mitológica presente nas narrativas dos/as/us moradores/as/us). Mas por se tratar de uma figura mitológica, consideramos que não o representaríamos seja por desenho, imagens ou descrições, "a gente não pode dar uma cara a ele, porque ele é diferente para cada um, ele faz parte da construção da mitologia daquele local, então a ideia que surgiu foi a de trabalhar com sombras, fazer um teatro de sombras" (EUZÉBIO *apud* MARGENS, 2020b). Após a escolha

do formato, foi construído o cenário, com imagens retiradas das fotografias do banco de dados do projeto, foram desenhados/as personagens e encenadas as histórias para serem gravadas.

O segundo vídeo foi "Kali e As Nereidas do Vale do Arco-Íris", referente ao projeto de extensão Mapeando a Noite. A narrativa da história se dá em um mundo imaginário, para não trazer narrativas de vida de alguém, em decorrência da pluralidade da sigla LGBTQIA+ "isso poderia acabar prejudicando toda a dinâmica de entender, que são vários movimentos ali representados" (EUZÉBIO *apud* MARGENS, 2020b). O enredo da história se dá através de uma pessoa que começa a se entender enquanto LGBTQIA+, e está no processo de perceber que alguns padrões sociais impostos não a contemplam, e o desenrolar da narrativa se dá com o apoio da família, porque "a questão da aceitação da família é importante, esse apoio da família em todo esse contexto social que está envolta. Pra que todo esse caminho seja mais fácil, que é um caminho extremamente violento" (EUZÉBIO *apud* MARGENS, 2020b).

O projeto Terra de Santo foi representado pela história "Mel e Paçoca em Uma Festa Muito Doce". Grande parte da equipe deste projeto de extensão é de religiões de matrizes africanas, assim, a partir de suas vivências, criaram a narrativa da história "nas reuniões, o pessoal começou a contar suas histórias, e como que são as festas, o que elas vivem, onde as crianças estavam nesse ambiente" (EUZÉBIO *apud* MARGENS, 2020b). O cenário acontece em desenhos, colagens e imagens dos elementos importantes para as religiões, como o mercado público e os doces, criando cenas que foram sendo passadas em uma televisão de papelão.

Os três vídeos foram disponibilizados, para que outras pessoas pudessem utilizar deste material, buscando uma democratização dos saberes, e uma difusão de narrativas de grupos em processos de exclusão.

A última aba da exposição chamada "Margens" foi dedicada a apresentar mais detalhadamente o projeto Margens e os projetos de extensão, e toda a equipe que participou da curadoria da exposição digital.

“Participar de uma exposição colaborativa é uma experiência gratificante e envolvente!” (ARDUI *apud* MARGENS, 2020b)

Sendo esta mesma equipe a que deu origem, produziu e fez nascer a subjetividade de todo o presente trabalho, foram diversos relatos escritos e áudios feitos para a composição deste texto, bem como para criar a exposição digital.

Após recebermos os relatos presentes neste trabalho, se evidenciou que as pesquisas de fato se construíram de uma forma nova, não apenas no que se refere ao método digital, mas as próprias relações entre pessoas da equipe se estabeleceram de outra maneira, as reuniões semanais para a construção da exposição tornaram-se um lugar seguro, momento de falar, ouvir, observar e aprender. “Me senti abraçada. Percebo a premissa Umbuntu “sou porque somos” no grupo de maneira fortíssima e me sinto não apenas com voz ativa no projeto, mas também querida, respeitada, trabalhando em coletivo [...]” (SANTANA *apud* MARGENS, 2020b).

E assim, o grupo começa a se (re)aproximar e a dar sentido ao que é fazer extensão em um momento de pandemia e, até mesmo, repensar as formas já existentes do fazer extensão. “Essa pandemia nos fez reinventar formas de trabalho, modos de vida, nos fez olhar para novos horizontes.” (RANGEL *apud* MARGENS, 2020b). “Me senti, de alguma forma, próximo das pessoas e grupos com os quais trabalho há mais de 3 anos, bem como de pessoas que fui conhecendo ao longo deste período [...]” (FERNANDES *apud* MARGENS, 2020b).

Nos relatos recebidos, é possível perceber a importância destes encontros neste novo contexto que vivemos e, principalmente, como este processo coletivo em tempos tão nebulosos se fazem fundamentais, não apenas entre a equipe, mas junto aos grupos, comunidades e todos/as/es aqueles que colaboraram de alguma forma com o processo.

Quanto à atuação política que um trabalho com tais temáticas representa, e que caracteriza a ação extensionista nos tempos atuais, consideramos o debate proposto por Espinoza sobre a politização do afeto, afeto que proporciona uma ação que é política

> [...]que abre visibilidade para compreendermos como as paixões humanas e a subjetividade que elas configuram servem tanto para sustentar processos de dominação política quanto para empoderar aqueles que tendem a emancipação subjetiva, em detrimento da resistência e da criação coletiva." (ESPINOZA *apud* BONVILLANI, 2010, p.5). (Tradução das autoras)

A emancipação subjetiva acontece quando a pessoa cede seus desejos e modos de fazer particulares, para unir-se com o grupo e trabalhar em coletivo, saber ouvir e aprender, entender que formas de fazer, em alguns momentos, devem se ajustar, em detrimento de um resultado final. A resistência, o planejar as melhores formas para manter os projetos em funcionamento, junto às comunidades, valorizando e respeitando "o outro", de modo a resistir a uma cidade que invisibiliza, exclui de suas narrativas oficiais e não garante direitos básicos a determinados grupos é político. No caso do trabalho em equipe, ao abrir mão de determinados jeitos particulares de fazer, aprende-se outros e abre-se oportunidade para potencializar as pesquisas particulares, é uma troca movida pelos afetos de viver as experiências. A experiência da extensão e de tudo que está intrínseco na forma de fazer do Margens permite

> a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDIA, 2002, p.5)

A experiência do trabalho em coletivo pela articulação ensino-pesquisa-extensão nos toca, por que leva tempo, cada ação é construída

após e durante o processo de "Olhar, Ouvir e Escrever", que é a base do método antropológico, a etnografia. (OLIVEIRA, 2006) Procuramos aqui apresentar o resultado de uma etnografia coletiva, método ainda pouco discutido no âmbito da antropologia e nos estudos citadinos, levando em consideração que

> e a cidade não é construída 'só', como poderia apenas pessoa pesquisadora dar conta de toda sua amplitude, mesmo dentro de algum grupo muito limitado, ou do mais específico recorte feito dentro de um trabalho de campo ou do mais singular objeto de estudo? (FERREIRA; CASTRO; ALFONSO, 2019).

O site da exposição foi lançado no dia 18 de Agosto de 2020. Para comemorar a equipe se "encontrou" para uma vernissage através de uma plataforma virtual, um momento importante de encerramento da curadoria e de expor as sensibilidades em relação aos processos de potencialização dos afetos. A partir de uma série de divulgações, em apenas seis horas após seu lançamento, o site já contabilizava 2.038 visitas. Em menos de um mês no ar, a exposição já teve 5.557 visualizações. Foram mais de 20 postagens de divulgação nas redes sociais, algumas de cada módulo, *lives*, vídeos da equipe, participações de artistas da comunidade, artigos no principal jornal de Pelotas, informes em boletins científicos, entrevistas a páginas virtuais.

Mesmo em um momento de tantas incertezas, ficamos com a certeza de que a extensão é possível e necessária. Que a divulgação científica, por meio dos mais diferentes meios, é de extrema importância, de forma a garantir a democratização de saberes diversos. Também possibilita "uma ciência mais equitativa, está mais próxima e sendo construída por outras/os/es e, em conjunto, estamos transformando nossas distintas áreas e vivências para que mais vozes possam estar presentes" (SANTANA *apud* MARGENS, 2020b).

Referências

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**. vol.21 no.3 Rio de Janeiro. Dez. 2015.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p.20-28, 2002.

BONVILLANI, Andrea. Jóvenes Cordobeses: Una cartografía de su emocionalidad política. **Nómadas** vol.32. Bogotá. Abril de 2010.

FERREIRA, M. R.; CASTRO, C. M. R. ; ALFONSO, L. P. Singularidades: o método etnográfico e a construção do conhecimento em coletivo. *In*: XXVIII CIC da 5ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão UFPel, 2019, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2019.

MARGENS. **Patrimônios Invisibilizados: Para Além Dos Casarões, Quindins E Charqueadas.** UFPEL, 2020a. Página Inicial. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>. Acesso em: 24 ago. 20.

MARGENS. **Relatório Final da Exposição Patrimônios Invisibilizados**: Para Além Dos Casarões, Quindins E Charqueadas. 2020b. No Prelo.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 3ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras / **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Partes 4 e 5, p. 28 a 36.

UFPEL. PREC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Extensão Universitária**. [2000?]. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/sobre-a-prec/extensao-universitaria/>. Acesso em: 20 set. 2020.

Sobre as autoras

LOUISE PRADO ALFONSO, graduada em Turismo na PUC – Campinas. Doutora em Arqueologia na USP. Professora Adjunta do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel. Coordenadora dos projetos de extensão “Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”; “Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas” e “Mapeando a

Noite: o universo travesti”.
E-mail: louiseturismo@yahoo.com.br

MARTHA RODRIGUES FERREIRA, graduanda em Antropologia na UFPel. Atual bolsista do Projeto Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação, ex-bolsista FAPERGS do Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, de 2018 a 2020.
E-mail: martharof@hotmail.com

EM TEMPOS DE PANDEMIA: O MUSEU DAS COISAS BANAIS E A EXPOSIÇÃO OBJETOS QUE APROXIMAM DENTRO DE CASA

Juliane C Primon Serres
Joana Schneider
Leonardo Monteiro Alves
Nara Regina Farias Ávila
Rafaella Petrucci Alvetti
Rafael Nascimento

Introdução

A reflexão proposta parte de uma experiência desenvolvida pelo Museu das Coisas Banais (MCB) durante o período da pandemia de Covid-19, no qual diversas atividades educativas e culturais foram apresentadas no ciberespaço. O MCB é um projeto de extensão que promoveu a criação de museu virtual, com sede no site www.museudascoisasbanais.com.br, no qual realiza a maioria de suas ações, da coleta de acervos a exposições.

Antes de apresentar a exposição Objetos que Aproximam dentro de Casa, se faz importante traçar algumas reflexões sobre o museu e sua trajetória.

1. A criação de um museu virtual

O Museu das Coisas Banais nasceu como um projeto de extensão com a proposta de musealizar os objetos cotidianos, de pessoas comuns, objetos que não possuem maior valor que o afetivo para seus proprietários. Por que esses objetos deveriam ser musealizados? Ou, perguntando de outro modo, por que esses objetos comuns deveriam ganhar uma existência pública? Por que deveriam figurar no inventário de alguma instituição? As respostas podem ser diversas, uma delas é porque a vida é feita mais do comum do que do extraordinário; porque é no cotidiano e suas relações que a vida se desenvolve; porque são nessas relações que se estabelecem com outros seres humanos e as coisas que a vida ganha forma e contornos; porque os objetos fazem parte da nossa constituição enquanto espécie, somos homo *sapiens* e homo *faber* (ARENDT, 2003). Os museus também são espaços de seleção, onde os objetos são retirados dos seus contextos originais e levados para o interior desse lugar que separa e, em troca, preserva e oferece proteção. Outra característica desses objetos que figuram nos museus é que foram destituídos de suas funções originais e investidos de novos significados. Os objetos comuns podem também ser um índice daquilo que as pessoas guardam e consideram importante, extrapolando o caráter individual, podem indicar os objetos que são caros a uma sociedade.

Durante muitos anos o espaço do museu protegeu, contra a ação do tempo, apenas objetos reservados a determinados grupos sociais, excluindo a memória e os objetos da maioria das pessoas, ditas comuns. No museu, o objeto é um representante de algo, de um período, de um lugar, de uma espécie, de uma técnica ou de uma arte. Mas, o que os objetos musealizados têm em comum é o fato de que todos foram separados da vida anterior e ganharam uma nova vida no museu. Por longo tempo, os museus colecionavam o raro, o exótico, o consagrado. Com o passar do tempo e as mudanças culturais e mesmo de entendimento histórico, o comum e o banal puderam ser considerados objetos portadores de

informações, mesmo o mais simples objeto pode ser um mensageiro da cultura (BALLART HERNÁNDEZ; TRESSERAS, 2007). Ao lado dessa expansão da compreensão do que pode ser musealizado, surgiram novas formas de colocar em cena esses objetos, não sendo mais necessário tão somente edificações. Um desses novos lugares é a rede mundial de computadores, a internet.

Em primeiro lugar, é importante diferenciar o que seria um museu virtual de um museu virtualizado ou um museu na internet. O aparecimento de museus na Web surge quase concomitantemente com o crescimento da internet comercial nos anos de 1990, mas sua presença era muito limitada aos próprios recursos e à tecnologia disponível. Conforme Schweibenz (2004) as categorias de museus encontradas na internet poderiam ser assim apresentadas: o museu folheto (*brochuremuseum*), usado para divulgar o museu físico e seus serviços básicos; o museu de conteúdo (*contentmuseum*), centrado em exibir as coleções por meio de base de dados; o museu aprendizado (*learningmuseum*), que ofereceria diferentes modos de acesso aos visitantes, proporcionando aprendizados e os motivaria mesmo a conhecer a instituição original para ver os objetos reais; por fim, o museu virtual (*virtual museum*) formado por coleções digitais, um museu sem paredes. O autor ainda afirma:

> O museu virtual não é um concorrente ou perigo para o museu "tijolo e argamassa" porque, pela sua natureza digital, não pode oferecer aos seus visitantes objetos reais, como o faz o museu tradicional. Mas pode estender as ideias e conceitos de coleções para o espaço digital e, assim, revelar a natureza essencial do museu. Ao mesmo tempo, o museu virtual alcançará visitantes virtuais que talvez nunca consigam visitar um determinado museu pessoalmente. (SCHWEIBENZ, 2004, p. 3)

Nesse caso, o museu virtual é definido pelo que ele não é "um concorrente do museu tradicional", porém não há uma definição clara sobre o que de fato ele é. Nos aproximamos apenas de suas características: um museu sem paredes, de natureza digital. Entretanto, quando queremos diferenciá-lo de um site de museu tradicional, a situação

se complexifica, uma vez que ambos apresentam uma interface com informações digitais.

Alguns autores procuram singularizar o museu virtual. Henriques (2018) vai dizer que um museu virtual é aquele que desenvolve suas atividades museológicas, ou parte delas, no ambiente virtual. Loureiro (2004) defende que o museu é um aparato informacional, logo trabalha com informações, apresenta o museu virtual muito próximo ao museu físico. Um museu virtual, seguindo alguns autores como Lévy (2009), trata-se de um museu desterritorializado, considerando o virtual como algo real, mas não fixado espacialmente. Embora não tenha uma localização precisa, o museu virtual pode ser acessado de qualquer lugar desde um ponto onde o virtual possa materializar-se em uma tela, por meio da digitalização que transforma todas as informações, sejam textos, imagens, sons em código binário, 0 e 1.

O museu virtual, portanto, é uma instituição de difícil conceituação e os museus na internet podem ter diferentes graus de virtualização. Nesse caso, teríamos museus essencialmente virtuais, que existem somente na internet e os museus com ações no mundo virtual. O museu virtual, portanto, trata-se de um museu existente no ciberespaço, esse espaço formado a partir da conexão entre humanos e máquinas. Embora, seja preciso avançar mais na compreensão dessa categoria, conforme apontou Schweibenz (2004), independentemente do nome, a ideia por trás desse fenômeno é construir uma extensão digital do museu na internet, um museu sem paredes, acrescentaríamos, um museu acessível quase de qualquer ponto do planeta, um museu desterritorializado, diferente do museu territorializado ou clássico, se preferirmos, o museu virtual seria aquele que tem todas ou suas principais atividades no ciberespaço.

O Museu das Coisas Banais (MCB) foi criado como um museu essencialmente virtual, compreendendo como aquele museu que, presente na rede mundial de computadores, não é localizado fora da internet. A ideia que norteou a criação do museu foi a de criar um repositório digital, onde as memórias dos sujeitos comuns, mediadas pelos objetos, pudessem ser guardadas. O MCB surgiu inicialmente no Facebook e, em seguida, foi criado seu site-sede. Em relação à definição do nome, se pensou em museu das coisas importantes, dos objetos biográficos, dos objetos cotidianos,

por fim, foi chamado de Museu das Coisas Banais, considerando que os objetos, por mais banais que possam ser, conforme mostrou Roche (2000), podem ter uma significância importante para uma pessoa ou mesmo para uma sociedade. O objetivo do Museu das Coisas Banais é o de preservar, no meio virtual, as memórias associadas aos objetos.

Portanto, o Museu das Coisas Banais surge com essa proposta e vem atuando desde então nesse sentido, reunindo acervos afetivos de pessoas comuns. Os objetos recebidos de modo colaborativo são organizados em coleções, a saber: sentimentos, pessoas, lugares, eventos e trecos, troços e coisas. As categorias e as subcategorias associadas a cada uma dessas coleções são dadas pelos doadores. Ao preencher um formulário online de doação, as pessoas escolhem a categoria na qual seus objetos se enquadram. O MCB vem formando uma coleção de objetos banais/afetivos, que permitem, entre outros, conhecer um pouco do que as pessoas valorizam e guardam e as memórias associadas a eles.

2. Os Museus e a Pandemia

Se já havia uma tendência de digitalização de acervos e criação de museus virtuais, e mesmo experiências virtuais de museus tradicionais, esse contexto de pandemia jogou as instituições definitivamente no mundo virtual. Esse processo não é novo, iniciou há 30 anos, com a criação das primeiras conexões em rede e teve um *boom* nos anos 2000, com a popularização da internet.

No Brasil, na primeira década do século XXI, a rede social Orkut, semelhante ao Facebook, que permitia páginas pessoais e comunidades, chegou a ter 30 milhões de usuários no país, a partir da segunda década deste milênio, foi suplantada pelo Facebook, que hoje tem mais de 120 milhões de usuários no Brasil e no mundo ultrapassou os 2,5 bilhões, ou seja, um em cada três seres humanos está conectado a essa rede. Outras redes sociais como o Youtube e o Instagram também vêm ganhando muitos usuários. As redes sociais iniciaram como páginas pessoais e logo tornam-se importantes veículos de comunicação de empresas e instituições, fazendo com que, muitas vezes, essas mantivessem páginas nas redes sociais em detrimento dos próprios sites.

Em relação aos museus, a situação inicialmente parece um pouco distinta dessa descrita, muitos sites de museus são quase uma reprodução do museu sede, do museu físico, com repositórios de acervo, visitas virtuais, ações educativas, retomando a definição de Schweibenz (2004), são museus de conteúdo. Já as redes sociais usadas pelos museus apresentam como finalidade criar comunidades de interessados e motivar os usuários, ao fornecer informações sobre as atividades da instituição e sobre o acervo, procurando, desta forma, levar o usuário para o site e para o museu sede. Também, pelo formato dinâmico e acessível, as redes sociais permitem uma maior agilidade na criação e compartilhamento de conteúdos, tornando-se um canal informativo e interativo. As redes sociais permitem acompanhar "em tempo real" as reações dos usuários-visitantes, o que muita vezes os sites não permitem, ou, se permitem, dependem de conhecimentos mais aprofundados de programação de modo a possibilitar, por exemplo, não apenas a contabilização dos visitantes, mas também conhecer os conteúdos mais acessados, o tempo de acesso, entre outras informações relevantes. De qualquer modo, esses dados são mais limitados que as interações de "curtir – não curtir – compartilhar – comentar". Redes sociais como o Facebook e Instagram permitem obter dados não apenas estatísticos, mas qualitativos sobre as publicações de modo imediato.

A experiência de museus na rede, como mencionado, inicia no próprio nascimento da internet, uma preocupação que surgiu com a própria expansão da rede foi a de digitalizar acervos para salvaguardá-los e publicizá-los. Assim, muitas instituições, além de usarem a internet para fins de divulgação institucional, propuseram lançar seus acervos na web.

Nos anos 2011, um grande projeto da Google Institute levou essa proposta a dimensões planetárias. Por meio de um recurso similar ao do *Street Views,* é possível visitar museus de todo o mundo e ver as principais obras em altíssima resolução. Com o *Google Arts*, pode-se visitar mais de 4.500 museus no mundo, do Brasil são mais 60 instituições. Assim, além dos sites institucionais, os museus passaram a ter seus sites e seus acervos, digitalizados em alta qualidade, disponíveis na rede mundial de computadores.

Com a pandemia, o virtual, muitas vezes utilizado como complementar às atividades presenciais ou alternativo em razão da dificuldade

de deslocamentos, tornou-se uma espécie de modo vida viável. A imposição do isolamento e o distanciamento social, o fechamento de comércios, instituições de ensino, instituições culturais, tornou a internet nossa *second life*. Habitamos o mundo concreto físico onde nos deslocamos no espaço do dia a dia e habitamos o ciberespaço, principalmente com a interdição de muitos espaços.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo ICOM, em 107 países: 94,7% das instituições tiveram que interromper as atividades presenciais, dessas, inclusive, 13% estão em risco de não reabrir após a pandemia. Outro dado importante da pesquisa refere-se a quanto os museus estavam preparados para o trabalho online. Quanto aos trabalhadores dos museus, a pesquisa indicou que 55% dos entrevistados trabalhavam em tempo parcial nas atividades digitais, 26% em tempo integral e 18% não trabalharam nessa modalidade. Em relação aos investimentos em comunicação e atividades digitais, os dados do relatório apontaram que, 17,8% dos museus investem menos de 1% do orçamento nesse tipo de recursos, 23,8% investem de 1-5%, 11% investem de 6-10%, 6,4% investem de 11-15% e apenas 5,4% investem mais de 15% do seu orçamento nesses recursos. Apesar do pouco investimento, houve um aumento considerável das atividades digitais, sobretudo das redes sociais que, por seu baixo custo, acabam sendo mais democráticas. (ICOM, 2020)

Mesmo com a reabertura dos museus, seguindo protocolos anunciados pelo ICOM, como implementação de normas sanitárias de higiene, controle do número de visitantes, ocupação dos espaços, distanciamento, mudanças de horários de aberturas, limitação do tempo de visitas, entre outros, tardará algum tempo para se voltar à tão esperada normalidade. O Conselho aponta que a crise terá um impacto duradouro na forma com que as instituições se comunicam com seu público. Nesse cenário, a virtualização ganhou uma importância sem precedentes e mudará a forma como as instituições se relacionam com o mundo virtual, que provavelmente ganhará mais atenção e investimentos.

3. Exposição Internacional Objetos que Aproximam dentro de Casa

Conforme mencionado, nesse contexto onde o ciberespaço prevaleceu sobre os espaços territorializados, novas formas de comunicação ganharam força. No caso do Museu das Coisas Banais, o virtual já era a principal ferramenta, mas foi nesse cenário que foi concebida a exposição *Objetos que Aproximam dentro de Casa,* a partir do entendimento de que, com o distanciamento social provocado pela pandemia, passamos os dias no interior das nossas casas e, muitas vezes, os objetos que sempre estiveram lá adquiriram novos significados, tanto em relação as suas funções práticas, quanto em relação ao seu aspecto afetivo, possibilitando a aproximação com pessoas, lugares e nossas lembranças.

A humanidade inventou muitos objetos mediadores, que permitem a comunicação entre pessoas que estão fisicamente separadas, sendo que os objetos tecnológicos são a grande ferramenta de aproximação neste momento, contudo, as tecnologias de comunicação não são os únicos objetos capazes de aproximar. Há objetos que, transcendendo a sua funcionalidade, adquirem caráter subjetivo e possuem a capacidade de aproximar pessoas justamente porque são carregados de memória afetiva, ou seja: aproximam porque fazem lembrar.

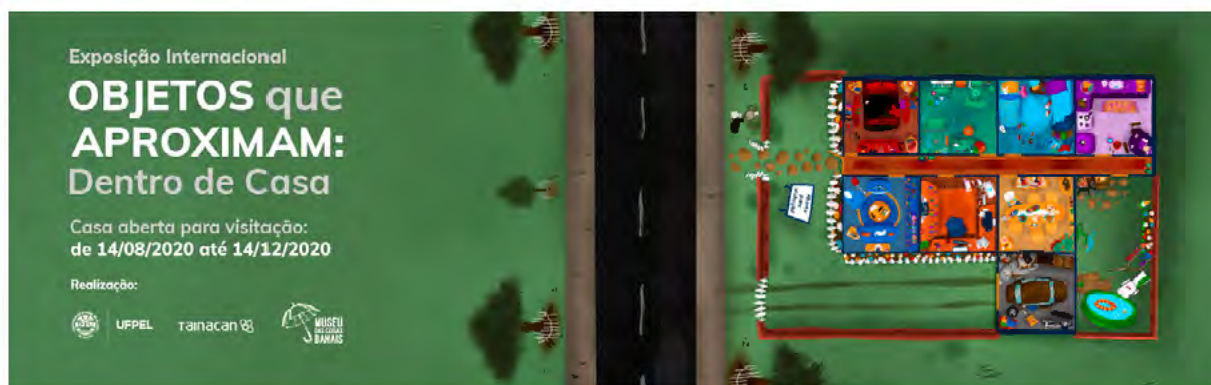
Pensando nisso, o MCB lançou uma chamada para exposição virtual tendo como tema os objetos que estão em casa junto conosco nesse período. A chamada permaneceu aberta para envio de objetos durante trinta dias, entre os meses de junho e julho, e convidou as pessoas a compartilhar, através do preenchimento do formulário disponível no site do museu, fotografias de objetos e suas narrativas. A chamada, publicada no site e nas redes sociais do MCB, atingiu uma grande visibilidade, teve mais de 1700 compartilhamentos no Facebook e, através das redes, chegou ao conhecimento das mídias tradicionais.

A chamada para a exposição foi veiculada pelo jornal Folha de São Paulo, na matéria intitulada "Arquivos e museus estão em busca de relatos de experiências da pandemia" que, utilizando o conceito de cápsula do tempo, tratou de diversas instituições que visam reunir registros desse período, tais como fotografias feitas dentro de casa, nos hospitais ou nas ruas vazias, textos, cartas, vídeos e, é claro, objetos (FOLHA DE

SÃO PAULO, 9/07/2020). A máscara, por exemplo, é praticamente um *objeto pandêmico*, grande símbolo dos tempos em que estamos vivendo. A experiência da exposição, que será brevemente aqui apresentada, mostra alguns aspectos relacionados à exposição, como a comunicação do museu na internet e seus desafios. O alcance e a repercussão da exposição ainda precisam ser avaliados.

Atendendo à chamada do MCB nas redes sociais, a exposição recebeu 444 objetos provenientes de praticamente todos os Estados do Brasil e do exterior, de países como Alemanha, México, Colômbia e Portugal. Organizar uma exposição com tantos objetos foi um desafio, mas também criou novas possibilidades expositivas. A diversificação e o grande número de objetos permitiram a montagem de uma exposição em formato de casa, dentro da qual os objetos foram distribuídos por cômodos (Fig. 2) conforme as suas funcionalidades ou seguindo os indicativos das narrativas, a planta da casa serviu como o banner da exposição (Fig. 1). A ideia de criar uma casa surgiu como uma forma de viabilizar a exposição de todos os objetos, mas também se fez potente enquanto conceito expositivo. A casa é um campo fértil para as discussões acerca dos objetos de valor afetivo, pois possui estreita relação com a memória.

Em "A poética do espaço", Bachelard (2005, p.24) coloca que "a casa é o nosso canto de mundo", ou seja, a casa é o nosso primeiro universo. É na casa que, desde pequenos, vamos explorando os lugares, encontrando cantos, aumentando as distâncias, desbravando as alturas, superando obstáculos. A casa abriga muitas das nossas primeiras vezes: a primeira vez que damos um passo, a primeira vez que subimos um degrau, a primeira vez que descemos uma escada, a primeira vez que escalamos um armário usando as gavetas. É no espaço da casa que começamos a experimentar a vida. Começamos tateando, apertando, olhando. Até que, finalmente, aprendemos os nomes daquilo que nos cerca: mesa, cadeira, urso, bola, boneca, travesseiro, cama, copo, colher, toalha, sapato, mamadeira, bicicleta, sofá, pantufa, casaco, sabonete, televisão, liquidificador, vestido, panela, ventilador. A casa guarda dentro de si quase tudo que nos pertence, por isso, guarda também nossas lembranças.

Figura 1 – Planta da casa utilizada como identidade visual da exposição.

Fonte: Museu das Coisas Banais. Ilustração Raffaela Alvetti.

Neste sentido, Bachelard também afirma que "algo fechado deve guardar as lembranças" (2005, p. 25) e a casa, mais do que um abrigo material, representa também um ambiente de proteção da memória, um local físico onde nossas lembranças se cristalizam – seja pela própria espacialidade da casa, seja através dos objetos que a povoam. Sobre a relação entre a experiência do morar e a preservação da memória, Bosi (1994, p. 443) coloca que ter um passado é um "direito da pessoa que deriva de seu enraizamento." A casa é o principal ponto deste enraizamento, abrigando, além da família, a história dos seus moradores, assim, é possível apreender a casa como um "museu particular", um lugar fechado que, além de objetos meramente funcionais, guarda e protege as relíquias dos sujeitos que ali habitam.

A partir dessa percepção da casa como um museu, a exposição foi organizada em cômodos, dividida em cozinha, sala de estar, sala de jantar, quarto das crianças, quarto adulto, banheiro, escritório, garagem, porão, área de serviço e quintal. A mostra buscou extrapolar a funcionalidade dos cômodos e evidenciar o potencial subjetivo de cada ambiente. A cozinha, por exemplo, é descrita como um lugar de afeto intermediado pelo alimento; a sala de estar, por sua vez, é caracterizada como um ambiente de lazer e encontro; os quartos são colocados como espaços de intimidade; já o banheiro é o local da higienização e do autocuidado. O *Tainacan*[1], repositório digital de acervo que o MCB utiliza desde 2018,

1. Ferramenta desenvolvida pela Universidade de Brasília para criar e organizar metadados de arquivos digitais, utilizada como *plugin* da plataforma do WordPress.

foi o recurso utilizado para organizar os objetos nos cômodos, enquanto os textos e as ilustrações foram utilizados como estratégias para criar a atmosfera mais afetiva e lúdica da exposição.

Figura 2 – Cômodos utilizados como organização dos objetos na exposição.

Fonte: Museu das Coisas Banais. Ilustrações Raffaela Alvetti.

Antes da abertura da exposição, uma situação comum ao mundo virtual ocorreu: a perda de alguns dados. Os primeiros objetos recebidos tiveram parte de suas informações perdidas, este problema inicial acabou gerando uma oportunidade de ação: foi criado um setor de Achados e Perdidos do MCB e lançada nas redes sociais a campanha "Procuro meu dono". Nesta campanha, além da tentativa de encontrar o doador e recuperar os dados, houve um incremento na divulgação da chamada (Fig. 3). A campanha permanecerá ativa até que todos os "objetos perdidos" tenham seus dados recuperados e possam, assim, ingressar na exposição e, mais tarde, no acervo permanente do Museu. Até o momento, foram recuperados os dados de alguns destes objetos. Esses objetos, na mostra virtual, estão no ambiente do porão, aguardando suas narrativas para retornar aos cômodos.

Figura 3 – Cartazes de divulgação da campanha *Procuro meu dono*.

Fonte: Museu das Coisas Banais. Criação gráfica de Greice Ávila Marques.

Ao visitar a exposição no endereço https://museudascoisasbanais.com.br, na aba EXPOSIÇÃO, a primeira imagem que o visitante encontra é a ilustração da planta arquitetônica de uma casa muito colorida e repleta de objetos. Logo abaixo, está um texto que convida o visitante a entrar, transitar pelos cômodos e, assim, conhecer as coisas e as memórias compartilhadas. Depois deste convite, estão apresentados os cômodos, através de pequenas ilustrações individuais, desta maneira, percorrendo os cômodos – todos com ilustrações e textos próprios – o visitante pode passar horas passeando pelas fotografias e histórias dos objetos enviados pelos participantes da exposição. Cabe salientar que o termo visita – deslocamento da própria casa para a casa do outro – é utilizado propositalmente para criar a sensação de deslocamento, nesse caso, da casa do visitante para a casa espaço expositivo do museu.

Considerações finais

Os museus que já vinham avançando na utilização das tecnologias foram impelidos a ampliar os usos durante o período de distanciamento social. O público que já conhecia essas possibilidades de acesso viu nessas possibilidades a única alternativa de acesso aos museus enquanto esses permanecerem fechados. Nesse período, onde o virtual tornou-se parte

da vida cotidiana, as experiências online ganharam um novo impulso e nesse sentido, os museus também ampliaram seu alcance. Surgiram inúmeros museus e memoriais nesse período, alguns talvez se assentem, outros quiçá sobrevivam para além desse período.

Os museus já existentes viram na internet a única forma de comunicação possível, um balanço dessa movimentação ainda está por ser realizado. No caso do Museu das Coisas Banais, percebeu-se uma intensa aderência por parte do público de internautas, que participaram efetivamente das ações do Museu, como da exposição aqui apresentada, além daquele público que compartilhou informações e promoveu interação nas redes sociais. Foi possível às instituições, graças ao ciberespaço, continuar existindo de modo desterritorializado e atingir novos públicos, interagir, fazer-se conhecer, aproximar os museus e demais instituições culturais da sociedade.

De nossa experiência, aqui relatada, podemos concluir que os museus virtuais ganharam um novo impulso e novos desafios, como a necessidade de uma comunicação contínua na rede, do desenvolvimento de novos saberes e técnicas associadas ao trabalho museológico, de novos *experts*, tornando o museu um espaço ainda mais interdisciplinar.

As visitas virtuais não substituirão as visitas *in loco* no caso dos museus tradicionais, mas conferem uma interessante experiência e os museus têm mais um desafio, cativar o público, agora no ciberespaço. Os museus virtuais terão um novo horizonte, o de desenvolver um trabalho realmente consistente em meio a tantas experiências, por vezes instigantes, agora denominadas museus.

A exposição Objetos que Aproximam dentro de Casa reuniu um interessante conjunto de objetos e narrativas que retratam um pouco do período que estamos atravessando, marcado pelo isolamento, mas também pela construção de novos significados de presença, como o virtual, agora tomado em seu sentido filosófico, como potência.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BALLART HERNÁNDEZ, Josep: TRESSERAS, Jordi Juan i. **Gestión Del Patrimonio Cultural**. 3a. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Arquivos e museus estão em busca de relatos de experiências da pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/arquivos-e-museus-estao-em-busca-de-relatos-de-experiencias-da-pandemia.shtml?fbclid=IwAR05vF10gZsAaiY1GrliPMycLEPTZb1EUIyr3N-jYxxO3AC7W85nCZ2wjz3E>. Acesso em: 12 ago. 2020.

HENRIQUES, Rosali. Os Museus virtuais: conceitos e configurações. *In*: **Cadernos de Sociomuseologia**: v. 56 n. 12 (2018): Questões contemporâneas da Sociomuseologia.

ICOM. Museums around the world, in the face of Covid-19. **Unesco Report**. May, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530>. Acesso em: 13 ago. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LOUREIRO, M L.Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. **Ciência da Informação**, 33, dez. 2004.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. São Paulo: Ed. Rocco, 2000.

SCHWEIBENZ, Werner. **O Desenvolvimento dos MuseusVirtuais**. *Icom News* (Newsletter of the International Council of Museums) dedicated to Virtual Museums, v. 57, n. 3, 2004.

JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES, graduada em História na UFSM. Doutora em História na UNISINOS. Professora Associada no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, ICH, UFPel. Coordenadora do Projeto Museu das Coisas Banais.
E-mail: julianeserres@gmail.com

JOANA SCHNEIDER, graduada em Artes Visuais na UFPel. Mestranda em Artes Visuais na UFPel. Colaboradora no Projeto Museu das Coisas Banais.
E-mail: joana.sch@hotmail.com

NARA REGINA FARIAS ÁVILA, graduada em Química no IFSUL e graduanda em Museologia na UFPel. Bolsista do Projeto Museu das Coisas Banais.
E-mail: naraamarques@gmail.com

LEONARDO MONTEIRO ALVES, graduando em Museologia na UFPel. Colaborador do Projeto Museu das Coisas Banais.
E-mail: leoalves1993@hotmail.com

RAFAELLA ALVETTI, graduada em Comunicação Visual no IFSUL e graduanda em Artes Visuais na UFPel. Colaboradora do Projeto Museu das Coisas Banais.
E-mail: rafaellalvetti@gmail.com

RAFAEL NASCIMENTO, graduado em Ciências da Computação na UFPel. Colaborador do Projeto Museu das Coisas Banais.
E-mail: rdsnascimento@inf.ufpel.edu.br

UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS LÚDICAS NO ENSINO DE GEOCIÊNCIAS E ALTERNATIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Viter Magalhães Pinto
Vitor Mateus Lopes Vargas
Johny Barreto Alves
Emanuélle Soares Cardozo
Suyane Gonçalves de Campos
Camile Urban

1. Introdução

A palavra lúdica advém do latim, onde "*ludus*" significa jogo. Porém, ao ser utilizada no processo de ensino, abrange diferentes nuances (NEGRINE, 2000). Para Martins (2017), as crianças têm paixão inata pela descoberta, sendo fundamental a alimentação da sua curiosidade. Nesse aspecto, a metodologia lúdica tem a característica de despertar o

aprendizado com a imaginação, por meio de jogos, teatro, aplicação de tecnologias, brincadeiras, experimentação, entre outros.

Para Kishimoto (2001), ao permitir uma manifestação do imaginário infantil por meio de um sistema simbólico disposto intencionalmente, a função pedagógica proporciona um maior desenvolvimento do intelecto da criança. A metodologia lúdica apresenta caráter educativo e recebe também a denominação geral de jogo ou atividade educativa. Um fator primordial para a realização dos métodos lúdicos é a adequação de termos técnicos e científicos a uma linguagem simples e pertencente ao cotidiano da criança (BATISTA; ARAMAN, 2009; BIZZO, 1998).

Embora existam limitações encontradas em uma primeira abordagem aos conteúdos geocientíficos, a aplicação de metodologias lúdicas no ensino de Geociências possui uma tendência crescente no Brasil (TEIXEIRA *et al.*, 2017).

Isto posto, a Geologia, ciência básica das Geociências, pode ser definida como o entendimento das variáveis naturais da Terra (CARNEIRO; GONÇALVES, 2010). A cultura geológica é primordial, uma vez que são utilizados consideráveis recursos financeiros e intelectuais para pesquisas no âmbito das Geociências (SGARBI, 2001). Campos (1997) afirma que o ensino de temas geocientíficos no Brasil é limitado e muito superficial, organizando-se nos temas “ar, água e solo”, e muitas vezes o material didático utilizado é elaborado por docentes de Biologia e Geografia. Logo, este material acaba não fornecendo a compreensão integrada necessária dos parâmetros geocientíficos (BARBOSA, 2003).

A visão sistemática das Ciências da Terra é um ponto de convergência de diferentes conhecimentos: físicos, químicos, matemáticos e biológicos. Esta interdisciplinaridade implica em um alto potencial de colaboração entre diferentes áreas, e demonstra que tais conhecimentos podem servir como uma espécie de introdução à vida, como um curso fundamental ao cidadão (ERNESTO *et al.*, 2018).

O contexto de escassez que envolve os tópicos geocientíficos no ensino básico e a sua importância são a força motriz deste trabalho. O projeto de extensão buscou proporcionar aos alunos o contato com noções geológicas gerais, utilizando de métodos lúdicos de ensino – uma alternativa com aplicação crescente no ensino de Geociências. São apresentadas uma série de materiais e atividades que foram executadas para transmissão de conceitos.

Considerando o atual contexto de pandemia da COVID-19 (*corona vírus disease*), a internet, apesar de suas limitações, é a principal ferramenta capaz de auxiliar de forma segura as atividades em contexto de distanciamento social. Neste sentido, a alternativa encontrada foi a elaboração e publicação de vídeos tutoriais como materiais didáticos de Geociências que abordem as metodologias lúdicas desenvolvidas pelo projeto de extensão GEOS (Grupo de Estudos de Geociências), executado desde 2019 na Universidade Federal de Pelotas.

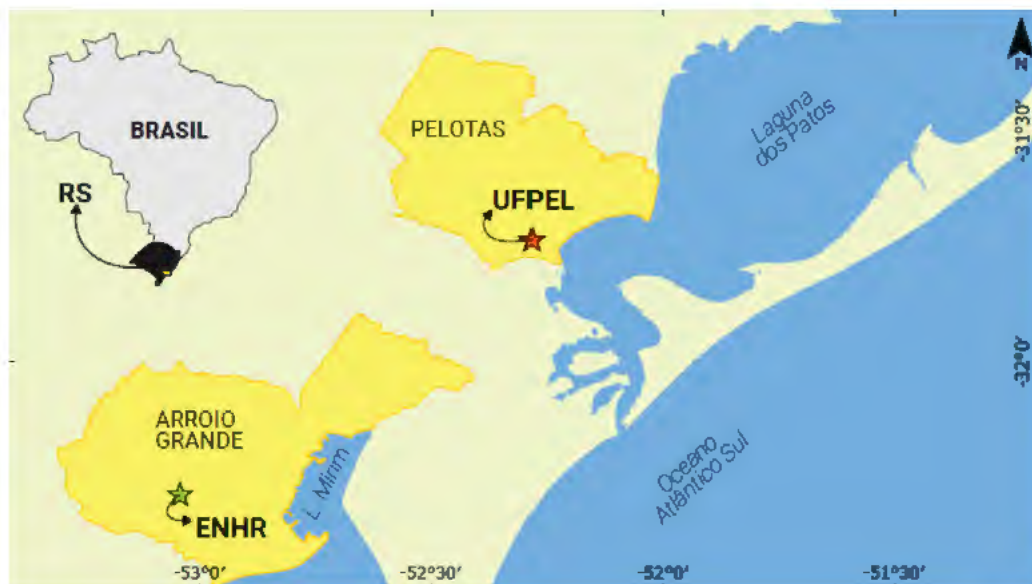
2. Materiais e métodos

Este trabalho foi desenvolvido em duas etapas. A primeira etapa foi de atividade presencial que consistiu na realização de oficinas, jogos e exposições pedagógicas através do uso de ferramentas lúdicas para trabalhar conceitos básicos de Geologia. Os principais temas tratados foram a estrutura do planeta Terra, o ciclo das rochas, a tectônica de placas, os fósseis no tempo geológico e os recursos minerais. Já a segunda etapa foi a produção de dois vídeos vinculados às atividades realizadas visando contemplar a demanda de ensino a distância exigida pela pandemia da Covid-19.

2.1 Oficinas e exposições pedagógicas

2.1.1 ÁREA DO ESTUDO

As metodologias desenvolvidas e as atividades presenciais apresentadas nesta etapa foram aplicadas inicialmente nas turmas de 3º e 5º (terceiro e quinto) anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª. Neir Horner da Rosa (ENHR), no bairro Promorar, na cidade de Arroio Grande, estado do Rio Grande do Sul (Fig. 1), em 2019.

Figura 1 – Localização da idealização das oficinas em Pelotas e da aplicação das atividades no município de Arroio Grande, Rio Grande do Sul. Siglas: UFPEL – Universidade Federal de Pelotas; EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Neir Horner da Rosa; RS – Rio Grande do Sul.

Fonte: IBGE (2020). *Datum* SIRGAS 2000, zona 22J.

2.1.2 ESPAÇO AMOSTRAL

As oficinas presenciais foram realizadas entre os anos de 2018 e 2019. Essas foram inicialmente aplicadas no ensino fundamental, nas disciplinas Geografia e Ciências do 3° e 5° ano, respectivamente. A primeira foi acompanhada por 21 alunos, com idade entre 9 e 11 anos, enquanto na de Ciências compareceram 15 alunos, de faixa etária entre 10 e 12 anos.

As disciplinas foram escolhidas com base nas suas ementas e o ensino de Geociências. Referente à disciplina de Geografia do 3° ano, consta o estudo das características gerais do planeta, objetivando que os alunos sejam capazes de reconhecer a Terra em suas formas de representação e das condições gerais necessárias à evolução da vida. De mesma forma, a ementa da disciplina de Ciências do 5° ano propõe temáticas que abordem o estudo das Geociências que incluem a formatação da Terra em núcleo, manto e crosta, além de noções gerais de rochas, minerais e solos.

A oficina também foi exibida na 5ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIEPE) da Universidade Federal de Pelotas,

apresentada em 25 de outubro de 2019 para um universo amostral de dezenas de alunos e professores presentes no evento. Por fim, a oficina foi aplicada, presencialmente, na 14ª Feira do Livro de Arroio Grande em 30 de novembro de 2019, no Centro de Cultura Basílio Conceição, com participação de dezenas de crianças e adultos de diversas idades.

Visando à ampliação do espaço amostral e à divulgação de vídeos sobre as atividades desenvolvidas pelo GEOS, foi realizada entrevista com a direção da EMEF Profª. Neir Horner da Rosa, escola piloto deste projeto. Este encontro objetivou traçar um perfil dos alunos que receberão o material elaborado especialmente para este momento de pandemia, onde professores e alunos estão tendo a difícil missão de adaptar-se ao ensino remoto.

A quantidade atual de alunos matriculados no 3° e 5° ano do ensino fundamental na referida escola contabiliza 40 alunos. A faixa etária é mais abrangente do que a observada nas oficinas presenciais, variando de 9 a 15 anos, devido ao elevado índice de reprovações, isto é, em torno de 20% no 3° ano e 5% no 5° ano.

2.1.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E MATERIAIS UTILIZADOS

Os materiais e atividades planejados vêm ao encontro da teoria de Carneiro *et al*. (2004), onde dois aspectos podem e devem ser considerados ao abordar a Geologia como objeto de estudo nos níveis básicos: como ciência experimental e como ciência histórica. Para isso, foram utilizados diversos materiais descritos abaixo para cada etapa. Tais materiais foram organizados partindo de metodologias lúdicas de modo a compreender a Geologia em atividades.

Os conceitos e explanações geológicas teóricas foram baseados em livros textos de Geologia Geral (TEIXEIRA *et al*., 2007 e GROTZINGER; JORDAN, 2013).

Já as metodologias lúdico-práticas foram desenvolvidas segundo experiências sensoriais, destinadas a obter uma familiarização perceptiva com os fenômenos, experiências ilustrativas de um princípio abordado e exercícios práticos concebidos para aprender determinados procedimentos, destrezas ou para realizar experiências que ilustrem ou

corroborem uma teoria (VAINE, 2005; MARTINS *et al*., 2007; CONSTANTE, 2009).

A primeira atividade representa o Planeta Terra aplicando a metodologia de oficina. A proposta metodológica de oficina pedagógica busca apreender o conhecimento a partir do conjunto de acontecimentos vivenciais no cotidiano, em que a relação teoria – prática constitui o fundamento do processo pedagógico (OMISTE *et al*., 2000). Para tal fim utilizam-se músicas, relatos de vida, desenhos, dramatizações, gravuras, contos, cartazes, fotografias, que ilustrem o cotidiano das crianças e adolescentes, facilitem a aprendizagem, a troca de saberes e que articulem conteúdo, embasamento teórico e metodológico (CANDAU, 2002). Os materiais utilizados na oficina sobre o Planeta Terra contemplam massas de modelar de diferentes cores, com objetivo de replicar o globo terrestre em escala centimétrica. Também foram utilizados cartazes, ímã para demonstrar o núcleo rico em ferro, doce de leite para o magma e bolacha *cream cracker* para crosta.

A segunda atividade, que representa o ciclo das rochas, utiliza a metodologia de exposição de amostras de rochas do Laboratório de Petrologia da Universidade Federal de Pelotas. O acervo de rochas ígneas é composto por granitos e basaltos. As rochas sedimentares compreendem arenitos, argilitos e calcários. As rochas metamórficas, por sua vez, incluem grafita-xisto, talco-xisto, gnaisses e carbonatitos. Essa coleção ilustrou o ciclo das rochas, assim como os processos erosivos sofridos em amostras intemperizadas e não intemperizadas.

A citada atividade inicia-se respondendo à questão formulada ao final da oficina da primeira atividade. É necessário responder o questionamento anterior, e pode-se simplesmente responder que o magma se transforma em rocha ao chegar ao nosso ambiente. As amostras de rochas ígneas são inseridas juntamente de lupas e ímãs. Posteriormente, são expostas as rochas sedimentares e metamórficas.

Para terceira atividade, sobre fósseis e estratigrafia cronológica, foi aplicado um jogo educativo como metodologia lúdica. Os jogos são fundamentais para desenvolver diversas habilidades no desenvolvimento humano, principalmente nas crianças, que estão em processo de formação (RIZZI; HAYDT, 2007). As atividades dos jogos em grupo desenvolvem as relações sociais e a orientação espacial.

Por conseguinte, essa última atividade inicia-se com a construção interativa de réplicas de fósseis e icnofósseis (vestígios de organismos fósseis, como pegadas, ovos, galerias) utilizando-se massa acrílica para moldar como material. Posteriormente, é inserido o jogo que tem como tarefa relacionar cada fóssil moldado ao tempo geológico correspondente, representado pela carta cronoestratigráfica atualizada. O objetivo desta atividade é fazer as crianças perceberem as informações técnicas de forma lúdica e interativa. Cabe definir aqui que carta cronoestratigráfica (COHEN *et al.*, 2020) é a representação da subdivisão do tempo geológico em unidades estratigráficas com sua hierarquia e seus dados geocronológicos.

2.2 Atividades e materiais utilizados na produção de vídeos pedagógicos para o ensino de geociências

A pandemia que vivemos em função do COVID-19 impôs um contexto de distanciamento social rigoroso, inviabilizando encontros presenciais, exigindo adaptação das ações de extensão. Aqui são apresentadas as etapas da produção dos vídeos abordando as ferramentas utilizadas nas metodologias lúdicas de ensino em Geociências propostas nesse projeto. Essas atividades estão disponibilizadas no *site Youtube*, sítio gratuito de compartilhamento de vídeo no endereço GEOS-UFPEL, através do seguinte link: https://www.youtube.com/channel/UCip3E70XumzZUPHDzhPftgQ.

Foram produzidos em *home office* dois vídeos tutoriais relacionados às atividades anteriores, especificamente aos tópicos um e três.

Para o processo de gravação dos vídeos, foi utilizada uma câmera Canon EOS Rebel T3 com filmagem em HD 1080p e uma lente 50mm f/1.8. A câmera foi inserida em um tripé de aproximadamente 1,70 metros de altura, posicionada atrás da figura do realizador que protagonizou o vídeo e inclinada em 45º. Como finalização, os processos de edição, no qual as principais etapas foram legendadas, as imagens rasterizadas e realizado o *upload* do material nas plataformas de acesso e divulgação.

A seguir, a figura 2 apresenta um infográfico contendo todas as etapas e temas abordados nesse trabalho.

Figura 2 – Infográfico das oficinas e temas abordados de forma presencial, que culmina no período de pandemia da Covid-19 no ano de 2020.

Fonte: Acervo dos autores, embasado em Constante (2009).

3. Resultados e discussão

As atividades realizadas permitem compreender a Geologia de forma simplificada. Os conceitos lúdicos elaborados para cada tópico permitem destacar alguns conceitos gerais que são transmitidos de modo espontâneo. Estes resultados são sintetizados na tabela 1.

Tabela 1 – Relação entre conceitos lúdicos e conceitos gerais abordados nas três atividades.

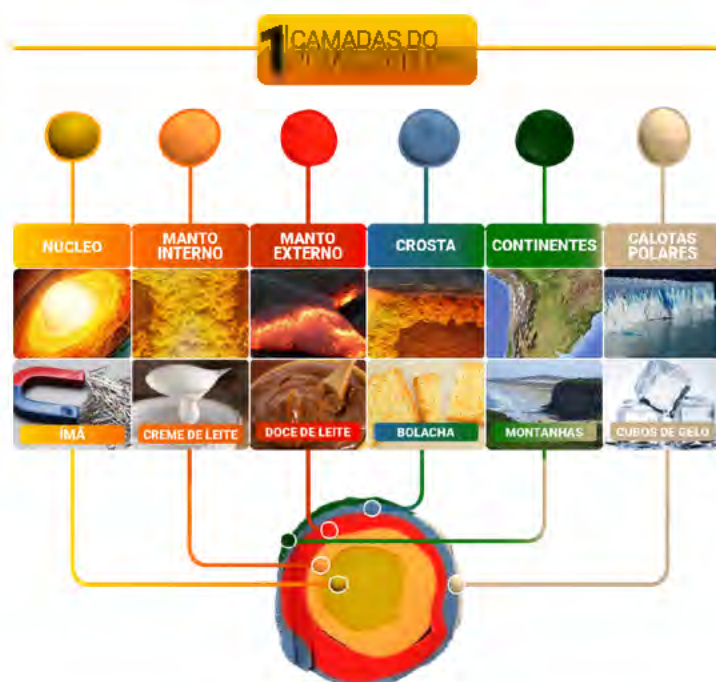
ATIVIDADE	TÓPICO	MÉTODO	CONCEITO LÚDICO	CONCEITOS ABORDADOS
1	NÚCLEO	OFICINAS	ÍMÃ MUITO FORTE QUE ATRAI TUDO AO SEU REDOR	FORÇA DA GRAVIDADE
	MANTO		DOCE DE LEITE	VISCOSIDADE
	CROSTA		CAMADA FINA, BISCOITO TIPO *CRACKER*	ESCALA E COMPORTAMENTO RÚPTIL DOS MATERIAIS
	CONTINENTES		REGIÕES HABITADAS POR HUMANOS E OUTRAS ESPÉCIES	POSICIONAMENTO TOPOGRÁFICO
	OCEANOS		CONECTADOS AOS CONTINENTES ATRAVÉS DE RIOS, HABITADO POR MUITAS ESPÉCIES	INFLUÊNCIA HUMANA EM CORPOS HÍDRICOS, FLORA E FAUNA AQUÁTICA
	CALOTAS POLARES		CUBOS DE GELO	PERCEPÇÃO DO FATOR TEMPERATURA
	MAGMAS		MANTO SUPERAQUECIDO	PLUMAS MANTÉLICAS
	VULCANISMO		PRODUTO DO MANTO	CRISTALIZAÇÃO DO MAGMA
2	ROCHA ÍGNEA	EPOSIÇÃO INTERARIVA DE AMOSTRAS	ROCHA FORMADA FORA OU DENTRO DO VULCÃO	DERRAMES E CÂMARAS MAGMÁTICAS
	INTEMPERISMO		PRESENÇA DE ÁGUA	FORMAÇÃO DE SEDIMENTOS
	ROCHA SEDIMENTAR		ROCHA FORMADA PELO ACÚMULO DE SEDIMENTOS	AMBIENTE DE SEDIMENTAÇÃO
	TECTÔNICA		VULCÕES EM EXCESSO	ARCO VULCÂNICO
	ROCHA METAMÓRFICA		ROCHAS QUE SÃO ALTERADAS PELO CALOR DE UM VULCÃO	METAMORFISMO DE CONTATO
	RECURSOS MINERAIS		A SOMA DO CICLO DAS ROCHAS	APLICAÇÕES
3	ESCAVAÇÕES	JOGO	CAÇA AOS FÓSSEIS	CAMPO DE PALEONTOLOGIA
	FÓSSEIS		VIDAS PRIMITIVAS DO NOSSO PLANETA	GEOCRONOLOGIA
	NEO-PROTEROZOICO		*DICKINSONIA*	PRIMEIROS REGISTROS DE VIDA NO PLANETA
	PALEOZOICO		AMONITA	
	MESOZOICO		SAUROPODES	VIDA TERRESTRE AVANÇADA
	CENOZOICO		DIVERSOS	ORGANISMOS TERRESTRES E MARINHOS
	RECURSOS ENERGÉTICOS		ACUMULAÇÃO DE FÓSSEIS	APLICAÇÕES

Fonte: Acervo dos autores, embasado em Teixeira *et al.* (2007) e Vaine (2005).

A atividade 1 utiliza massas de modelar nas cores amarela, laranja, vermelha, azul, verde e branco. O principal objetivo aqui é a elucidação das camadas internas da Terra, onde o destaque é a principal característica que as individualiza. Foram propostas atividades de observação do planeta Terra de escala maior para menor a fim de que os alunos

pudessem conhecer as camadas concêntricas do planeta. Essa atividade ilustrou o núcleo, o manto inferior e superior e a crosta terrestre. Adicionalmente, o modelo apresentou os continentes, as calotas polares e os oceanos. Ao final, o modelo foi partido com um barbante em duas partes aproximadamente iguais, demonstrando o resultado interno obtido (Fig. 3).

Como resultado do corte, tem-se a subdivisão concêntrica em perfil. Dá-se início às apresentações das camadas. Nesta etapa, é extremamente importante associar as características físico-químicas das camadas a objetos e materiais que são conhecidos pelos alunos. A sequência de apresentação segue conforme a figura 2. O primeiro componente é o núcleo, onde é possível compará-lo a um grande ímã, o qual não atrai apenas metais, mas tudo ao seu redor, sendo sua composição simplificada à presença de minerais metálicos e ao seu estado sólido.

Figura 3 – Atividade 1 – Camadas do Planeta Terra. Na linha superior são apresentadas as massas de modelar em diversas cores, conectadas ao seu significado geológico. Abaixo o modelo da Terra pronto, dividido ao meio. Cada camada representa uma parte da Terra associada a objetos do uso cotidiano. A atividade está representada no endereço https://youtu.be/xNGLqhTuNTk.

Fonte: Acervo dos autores, embasado em Constante (2009) e Vaine (2005).

Os mantos (interno e externo) são apresentados em conjunto. Enfatiza-se que eles não são sólidos como o núcleo, e que eles não são feitos de metal. Por exemplo, pode-se citar a comparação entre a textura do manto externo e a textura presente em doce de leite. A crosta terrestre é uma fina camada acima do manto externo. Ela é frágil e quando o manto esquenta e movimenta-se pode quebrá-la como uma bolacha *cream cracker*.

Associados à crosta terrestre são apresentados três importantes elementos: os continentes, os oceanos e as calotas polares. Os continentes são exemplificados como as regiões habitadas pela nossa espécie e outras espécies terrestres. Já os oceanos são conectados aos continentes pelos rios e são o lar de muitas outras espécies. Em seguida, as calotas polares são comparadas a cubos de gelo que podem se derreter e congelar.

Retorna-se ao conceito do aquecimento do manto e rupturas na crosta terrestre. É introduzido o magma, como uma porção mantélica que se torna muito quente por vezes, e sobe até o topo da crosta terrestre. Assim, formam-se os vulcões. É necessário enfatizar que o magma, ao ser exposto ao nosso ambiente, se torna sólido de forma rápida, não se parecendo mais com doce de leite e sim com algo mais resistente. Essa primeira atividade finaliza com a seguinte indagação: “O que acontece com o magma quando ele fica gelado?”. Por conseguinte, a segunda atividade responde essa pergunta e introduz o ciclo das rochas.

Partindo da primeira atividade, em formato de oficina, os principais conceitos transmitidos foram: força da gravidade, viscosidade, comportamento rúptil dos materiais, posicionamento topográfico do continente, relações entre o continente, corpos d’água e espécies marinhas, o fator temperatura, as plumas mantélicas e cristalização do magma. Os dois últimos conceitos introduzem os resultados da atividade 2 sobre o ciclo das rochas ilustrado na figura 4.

Figura 4 – Atividade 2 – O Ciclo das Rochas: bloco em três dimensões apresentando de forma simplificada alguns aspectos do ciclo das rochas visando à compreensão infantil desses processos.

Fonte: Acervo dos autores, embasado em Teixeira *et al.* (2007).

A segunda atividade sobre o ciclo de rochas inicia-se com uma amostra de rocha basáltica de coloração preta a cinza escuro, sem a visualização de diferentes minerais em sua superfície. Este aspecto maciço da sua textura é explicado em seu próprio evento gênese. A principal mensagem da rocha basáltica é que ela se forma de maneira rápida, e isso configura sua textura.

Posteriormente foram introduzidas as rochas graníticas, de textura e coloração diferentes do basalto. Com o auxílio de lupas de mão, foram visualizados na superfície das amostras cristais minerais contidos em granitos, e quais as suas principais características, como brilho, dureza e cor. O principal intuito destas amostras é fixar a diferença de textura e cor dessas rochas, que é diferente do basalto. Neste caso, formam-se do magma, porém levam muito tempo a resfriarem-se, pois são o magma que ficou preso no vulcão.

Visto a formação das rochas ígneas, foi apresentada a ação do intemperismo. Para alusão, utilizou-se de amostras de rochas ígneas vulcânicas

(basaltos). O primeiro, de coloração preta, foi atribuído a uma rocha que foi guardada em um local distante da água. A segunda rocha, de coloração laranja a vermelha e friável, foi associada à presença intensiva da água, com a consecutiva transformação da rocha em fragmentos menores. A informação mais importante está em evidenciar que este processo ocorre em qualquer tipo de pedra, pois depende da presença de água.

Na sequência, foram apresentadas as rochas sedimentares. Aqui, os alunos foram introduzidos aos sedimentos, reafirmando o efeito da água nas rochas. Para que seja possível uma associação direta com o conteúdo anterior, os sedimentos podem ser vistos como fragmentos de rochas ou como rochas muito pequenas que foram influenciadas durante muitos anos pela água. Os alunos interagiram com rochas sedimentares como arenitos, argilitos e calcários, inspecionadas e apresentadas com o auxílio de lupa de mão.

As rochas sedimentares foram associadas somente a ambientes aquosos. O arenito, por exemplo, simboliza um ambiente de águas agitadas, em ambientes praiais, como a Praia do Cassino. O argilito representa ambientes lagunares de águas calmas, como a Laguna dos Patos ou a Lagoa Mirim, exemplos relacionados à região onde foi apresentada inicialmente a atividade. Já o calcário reflete um ambiente de águas quentes, como as praias do Caribe ou do Nordeste brasileiro, por exemplo.

Ao abordar as rochas metamórficas foram retomados conceitos de vulcanismos, que servem como uma explicação para a compreensão sobre o que são essas rochas. Os movimentos de convecção do manto são de considerável complexidade, portanto a tectônica de placas foi sintetizada a partir do metamorfismo gerado a partir de um vulcão. Neste caso, utiliza-se somente o metamorfismo de contato como responsável pelas rochas metamórficas. A proposta desta tectônica simplificada é coerente ao nível de ensino dos alunos.

Outrossim, os estudantes puderam inspecionar gnaisses oriundos de rochas ígneas, e xistos ricos em grafita e talco oriundos de rochas sedimentares. A partir destas amostras, apresentou-se como a sobreposição de rochas pode alterar a estrutura interna delas. Com a amostra gnáissica, demonstrou-se a estrutura de segregação metamórfica e a consequente organização dos minerais em bandas máficas (escuras) intercaladas com félsicas (cores claras).

O comparativo desta estrutura se deu com a mistura entre água e óleo, onde as diferentes densidades impossibilitam a mistura dos materiais. Nas rochas metamórficas dotadas de xistosidade, foi estabelecido um paralelo com a sobreposição de folhas de ofício, onde os planos entre essas folhas foram formados a partir do esmagamento da rocha por outras rochas. Essa segunda atividade encerra com o raciocínio de que todo material rochoso é suscetível ao metamorfismo, e este processo permite a reciclagem de materiais no Planeta Terra.

A atividade do ciclo das rochas permite conexões com conceitos de derrames e câmaras magmáticas das rochas ígneas. O intemperismo, este sumarizado à presença de água, representa a fragmentação de rochas por processos químicos. As rochas sedimentares permitiram apresentar os ambientes de sedimentação, como a construção de sistemas de rios, lagos e oceanos. A tectônica de placas abordada refere-se às placas convergentes, zonas de formação de vulcanismo. A proximidade com vulcões insere o conceito de metamorfismo de contato. Enfim, com a soma dos ciclos das rochas os alunos são apresentados aos depósitos minerais.

Passando ao jogo descrito na metodologia, diz-se que na terceira atividade ele é realizado com fósseis selecionados às eras geológicas Proterozoica, Paleozoica, Mesozoica e Cenozoica (Fig. 5). Na era (Neo) Proterozoica, uma réplica de *Dickinsonia* (635 a 540 Ma) representa o período Ediacarano. Para a era Paleozoica, foi utilizado um fóssil de *Amonite* e um de *Crossopodia*, do período Devoniano (~419 a 359 Ma). Já para a era Mesozoica, réplicas de *Asteracae*e de Saurópodes referem-se ao período Triássico (~251 a 201 Ma). O período Jurássico (~201 a 145 Ma) foi representado por *Dilophosaurus*, *Stegosaurus* e icnofósseis (pegadas) de *Celossaurus*. No final da era Mesozoica, ovos fossilizados, garras de *Velociraptors* e dentes de *Tiranossauro* representam o período Cretáceo (~145 a 66 Ma). Por fim, na era Cenozóica, uma réplica de dente de um Megalodonte datado do Mioceno (~23 a 5 Ma) ilustra o período Neógeno.

Figura 5 – Atividade 3 – Fósseis e Cronoestratigrafia. Exemplos de réplicas de fósseis produzidos e utilizados nas oficinas e correlação com seus respectivos tempos geológicos de acordo com a Tabela Cronoestratigráfica Internacional (modificado de COHEN *et al.*, 2020). O modo de confecção pode ser visto em vídeo no endereço: https://youtu.be/aFS_-t2Enk4.

Fonte: Acervo dos autores, embasado em Cohen *et al.*(2020)[1].

Essa atividade foi guiada pelos ouvintes, isto é, as crianças tinham a oportunidade de escavar um fóssil em meio a sedimentos arenosos, selecionando o de maior interesse. Conforme executadas as "coletas", os fósseis eram classificados e posicionados no tempo geológico com auxílio de carta cronoestratigráfica atualizada. O conteúdo principal dessa atividade é possibilitar a criança traçar comparativos visuais entre espécies já extintas e espécies existentes.

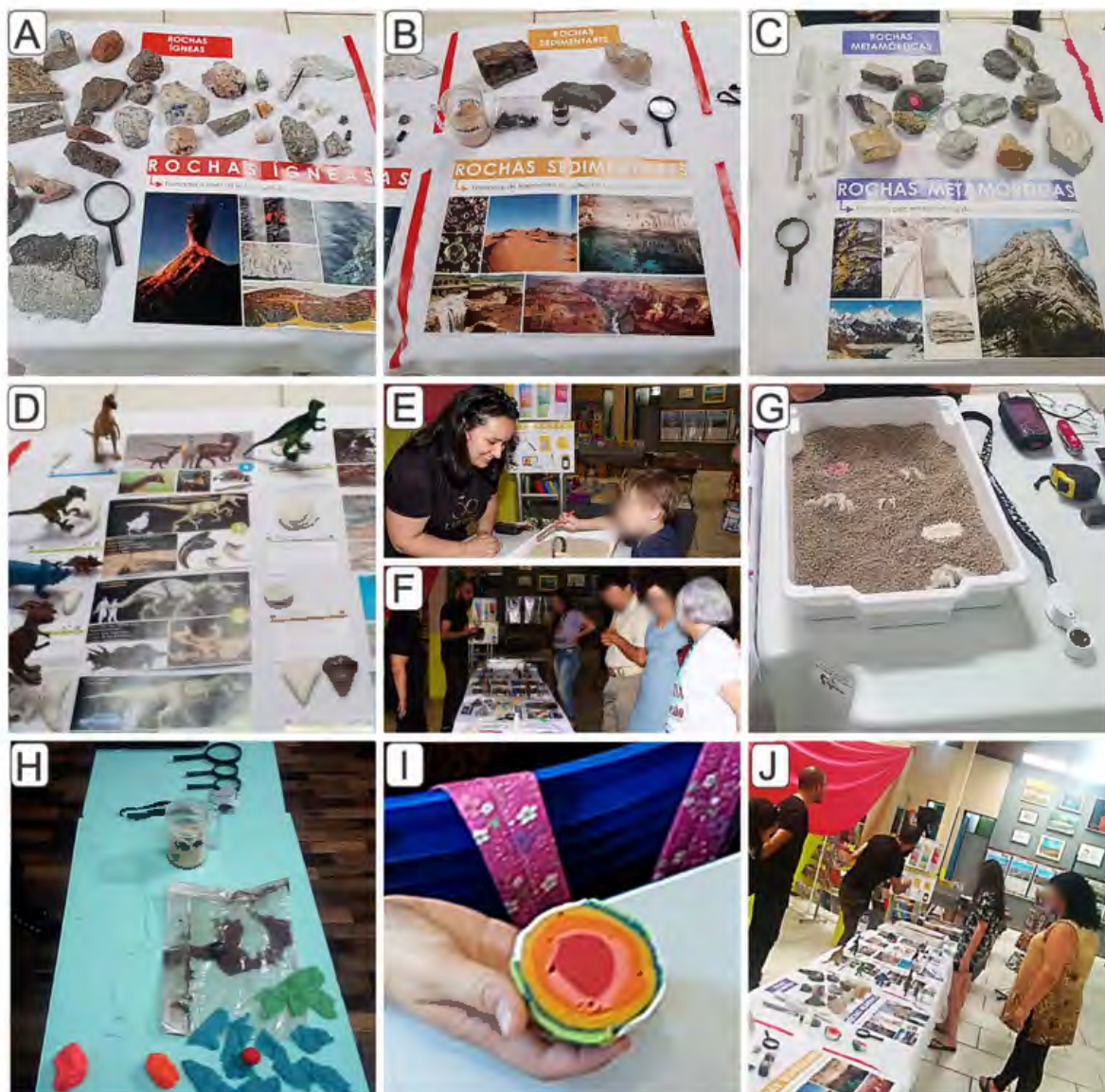
As ferramentas de trabalho consistem em lupas, bússolas, martelos, pincéis e ímãs, sendo apresentados conforme inseridos nas atividades. Ao total, cinco cartazes foram demonstrados, servindo como auxílio e

1. Fonte das imagens dos fósseis de fundo de Freepik, 2020.

apoio para informações verbais, cujos conteúdos fazem referência às rochas ígneas, sedimentares, metamórficas, materiais de trabalho e a carta cronoestratigráfica.

As réplicas de fósseis foram integradas aos conceitos de turfa, carvão e petróleo, elucidando a origem da acumulação de matéria orgânica e formação de petróleo e de diferentes derivados, como gasolina automotiva, óleo diesel, produtos asfálticos e confecção de plásticos reutilizáveis que compõem o nosso cotidiano. Por fim, cascalhos, areias, argilas e acumulações evaporíticas foram correlacionadas com a confecção de estradas, vidros, tijolos e o sal de cozinha respectivamente.

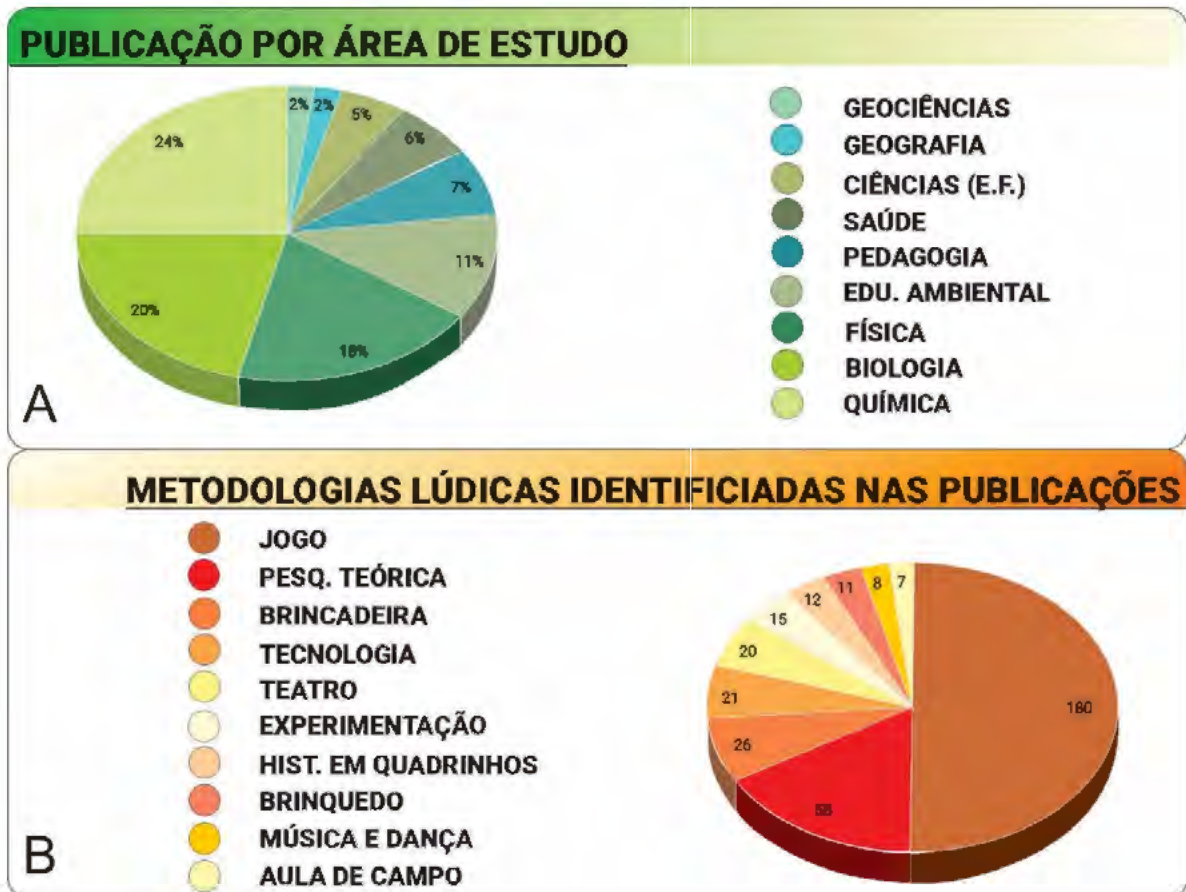
Na terceira atividade, os alunos agregaram conhecimentos sobre os campos de Paleontologia e conceitos pertinentes à distribuição do tempo geológico, desde os primeiros organismos vivos até a vida avançada, bem como a origem de recursos energéticos. Quando apresentada para a comunidade na Feira do Livro da cidade de Arroio Grande, esta foi a atividade que despertou interesse em uma maior abrangência de faixas etárias. A figura 6 apresenta registro fotográfico das oficinas e exposições.

Figura 6 – Materiais utilizados nas oficinas e exposições pedagógicas. A, B e C: amostras de rochas ígneas, sedimentares e metamórficas acompanhadas de cartazes que ilustram os ambientes onde elas podem ser formadas; D: réplicas de fósseis e dinossauros em miniatura com os respectivos cartazes e fichas contendo detalhes de cada tipo apresentado; E: criança realizando a oficina de escavação de fósseis orientada pela integrante do GEOS; F: registro da exposição na Feira do Livro de Arroio Grande-RS; G: caixa de areia com réplica de fósseis produzidos pelos integrantes do GEOS; H: massas de modelar preparadas para a oficina 1 – Camadas do Planeta Terra; I: aluna da ENHR apresentando o modelo da Terra cortado ao meio; J: registro da exposição na Feira do Livro de Arroio Grande-RS e interação da comunidade com o material apresentado.

Fonte: Acervo dos autores.

A atividade referente à produção dos vídeos tutoriais permitiu contornar a dificuldade decorrente do distanciamento social e gerar conteúdo auxiliar para atividades de profissionais do ensino básico. Outro ponto importante, nesse sentido, é disponibilizar um recorte, fundamental para o desenvolvimento do projeto, para toda a comunidade, fomentando o ensino das Geociências e ampliando sua divulgação tanto no período de pandemia como na volta às aulas presenciais.

Os dois vídeos produzidos foram sobre o Planeta Terra e suas camadas (vídeo 1) e sobre réplicas de fósseis e Cronoestratigrafia (vídeo 2). Esse material contém o passo a passo para a execução das atividades citadas (atividade 1 e 3, respectivamente). Tais vídeos são disponibilizados ao público em geral no canal do *youtube* do projeto GEOS (Grupo de Estudos em Geociências), o qual pode ser acessado no seguinte link: https://www.youtube.com/channel/UCip3E70XumzZUPHDzhPftgQ. O roteiro adotado para a produção do vídeo segue as diretrizes das atividades propostas e realizadas nas oficinas presenciais (Etapa 1 deste trabalho).

Os resultados e discussão propostos para este trabalho contribuem para o desenvolvimento e a disseminação das Geociências no mundo acadêmico. Dados de Teixeira (2017) apontam que apenas 2% dos trabalhos publicados entre os anos 2000 a 2016 utilizaram de metodologias lúdicas vinculados às Geociências (Fig. 7 A), identificando uma carência de propostas na área. O autor também apresenta as principais formas de metodologias lúdicas identificadas nas publicações (Fig. 7 B), dentre elas, foram alcançados neste projeto principalmente os temas jogo, experimentação, brincadeira/brinquedo, além de oficinas distribuídas nas atividades anteriormente citadas.

Figura 7 – A. Porcentagem referente às áreas de estudo das publicações utilizando metodologias lúdicas no intervalo de 2000 a 2016; B. Gráfico relacionando o número de trabalhos identificados e as modalidades lúdicas utilizadas pelos autores no mesmo intervalo pesquisado utilizando as palavras-chaves lúdico, ludicidade, jogos, brincadeiras. (Adaptados de TEIXEIRA *et al.* 2017).

Fonte: Modificado de Teixeira *et al.* (2017).

4. Considerações finais

O interesse dos alunos pelos assuntos geocientíficos é nato e ultrapassa barreiras referentes à faixa etária. O ensino das Geociências é fundamental para o desenvolvimento da curiosidade e raciocínio lógico da criança, entretanto é preferível que tais conhecimentos sejam abordados em sala de aula de forma lúdica.

Analisando a atual situação das escolas públicas brasileiras, é perceptível que assuntos científicos dificilmente são trabalhados no

ensino fundamental por uma série de questões, as mais preocupantes são a precariedade da estrutura física e a falta de materiais didáticos adequados nas escolas. Não obstante, deve-se considerar o contexto econômico em que este indivíduo ouvinte está inserido, bem como as suas limitações.

A ludicidade é uma característica presente e aplicável nas mais diversas fases da vida e não deve ser observada pela criança como uma simples diversão, mas como uma maneira concreta e eficaz de disseminação e estruturação do aprendizado. No presente trabalho, com este método de ensino, os alunos tiveram contato com conceitos básicos do sistema Terra. Isso reflete em um melhor entendimento dos processos naturais do nosso planeta.

As alternativas apresentadas para disseminação do conhecimento geocientífico durante a pandemia da COVID-19 mostrou-se positiva e edificadora no desenvolvimento do projeto. Entretanto não é uma realidade viável para todos, principalmente pela baixa inclusão digital do público-alvo principal. As próximas etapas do projeto visam mitigar os desafios encontrados para uma distribuição mais eficaz do material elaborado.

Um próximo passo em andamento é a elaboração de um livro em suporte eletrônico (*e-book*), nos moldes da Fig. 4, que detalha os procedimentos de cada atividade, demonstra exemplos e é acompanhado de um teste online. Esse material visa à divulgação das Geociências à comunidade de escolas públicas da cidade de Pelotas e região.

Dois testes são estipulados atualmente: um voltado aos conceitos absorvidos através do *e-book* e vídeos assistidos; outro voltado ao corpo docente das escolas. O primeiro buscará identificar a assertividade do material textual e visual repassado às escolas. O segundo servirá para obter sugestões e críticas das professoras e professores, com o intuito de aperfeiçoar o material e o conteúdo abordado nos tópicos do projeto.

BARBOSA, R. **Projeto Geo-Escola**: recursos computacionais de apoio ao ensino de geociências nos níveis fundamental e médio. 105p. 2003. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2003.

BATISTA, I.L.; ARAMAN, E.M.O. Uma abordagem histórico pedagógica para o ensino de Ciências nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n. 2, p. 466-489, 2009.

BIZZO, N. **Ciências**: fácil ou difícil? 1ª ed, São Paulo, SP: Ática, 1998.

CAMPOS, O. A. O ensino das ciências da Terra. *In:* III Simpósio A Importância Da Ciência Para O Desenvolvimento Nacional, 1, São Paulo. **Documentos** [...]. São Paulo: Academia Brasileira de Ciências, p. 39-46, 1997.

CANDAU, V.M. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 125p. , 2002.

CARNEIRO, C.D.R.; GONÇALVES, P.W. Earth System Science for undergraduate Geology and Geography courses. **Terrae Didática**, Campinas, Brazil, v.7, n.1, p.29-40, 2010.

CARNEIRO, C.D.R. *et al*. Dez motivos para a inclusão de temas de geologia na educação básica. **Revista Brasileira de Geociências**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 553-560, 2004.

COHEN, K.M. *et al*. ICS International Chronostratigraphic Chart 2020. International Commission on Stratigraphy, IUGS. Disponível em: <www.stratigraphy.org>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CONSTANTE, A. **Actividades lúdico-práticas no Ensino da Geologia:** um estudo com alunos do 7º ano de escolaridade. Porto: Fac. Ciências, Univ. Porto. (Dissert. de Mestrado), 2009.

ERNESTO, M. *et al*. Perspectivas do ensino de Geociências. **Estudos Avançados**. v. 32 n.94, p. 331-343, 2018.

FREEPIK. **Find Free Vectors, Stock Photos, PSD and Icons**. 2020. Disponível em: <https://www.freepik.com/>. Acesso em: 01 set. 2020.

GROTZINGER, J.; JORDAN, T. **Para Entender a Terra**. 6ª ed., Porto Alegre, RS: Bookman, 2013.

IBGE. **Bases cartográficas contínuas - Estados**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 01 set. 2020.

KISHIMOTO, M.T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**: O jogo e a educação infantil. 5ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

MARTINS, I. *et al*. **Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores**. Lisboa: Ministério da Educação, 2007.

MARTINS, J.S. **O trabalho com projetos de pesquisa**: do ensino fundamental ao ensino médio. 5 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2017.

NEGRINE, A. O Lúdico no Contexto da Vida Humana: da primeira infância à terceira idade. *In*: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OMISTE, A.S. *et al*. Formação de grupos populares: uma proposta educativa. *In* CANDAU, V.M.; SACAVINO, S. (Org.) **Educar em direitos humanos**: construir democracia. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2000.

RIZZI, L.; HAYDT, R.C. **Atividades Lúdicas na Educação da Criança**. São Paulo, SP: Ática, 2007.

SGARBI, G.N.C. Geologia Introdutória: base para o novo conhecimento. **Revista de Ciências Humanas**, v. 2. n. 2, São Paulo, p. 153-162, 2001.

TEIXEIRA, D.M. *et al*. O lúdico e o ensino de Geociências no Brasil: principais tendências das publicações na área de Ciências da Natureza. **Terræ Didática**, v. 13, n. 3, São Paulo, p. 286-294, 2017.

TEIXEIRA, W. *et al*. **Decifrando a Terra**. 2ª ed. São Paulo, SP: IBEP - Editora Nacional, 2007.

VAINE, M.E.E. Geologia no Laboratório – Atividades práticas. **Série Geologia na Escola**, Caderno 6. Mineropar – Minerais do Paraná, 2005.

Sobre os autores

VITER MAGALHÃES PINTO, graduado em Geologia pela UFRGS. Doutor em Ciências pelo Instituto de Geociências da UFRGS. Professor adjunto do Ceng/UFPEL. Coordenador dos Projetos Unificados, com ênfase em Extensão, GEOS, Código 2067, e A Utilização de metodologias lúdicas no Processo de Ensino em Geologia, Código 1828, ambos da UFPEL.
E-mail: viter.pinto@ufpel.edu.br

VITOR MATEUS LOPES VARGAS, graduando em Engenharia Geológica na UFPEL. Organizador do Projeto GEOS desde 02/03/2020 e do Projeto "A Utilização de metodologias lúdicas no Processo de Ensino em Geologia" desde 18/11/2019.
E-mail: vitormateuslv@hotmail.com

JOHNY BARRETO ALVES, graduando em Engenharia Geológica na UFPEL. Organizador do Projeto GEOS desde 02/03/2020 e do Projeto "A Utilização de metodologias lúdicas no Processo de Ensino em Geologia" desde 18/11/2019.
E-mail: johnybarreto@gmail.com

EMANUÉLLE SOARES CARDOZO, graduanda em Engenharia Geológica na UFPEL. Bolsista CNPq desde 01 de Setembro de 2020, ação Pesquisa. Organizadora do Projeto GEOS desde 02/03/2020 e do Projeto "A utilização de metodologias lúdicas no processo de ensino em Geologia" desde 03/11/2019.
E-mail: emanuellesoarescardozo@gmail.com

SUYANE GONÇALVES DE CAMPOS, graduada em Sistemas de Informação na UNIPLAC. Graduanda em Engenharia Geológica na UFPEL. Bolsista PBA/UFPEL do Projeto GEOS. Organizadora do Projeto GEOS desde 02/03/2020 e do Projeto "A utilização de metodologias lúdicas no processo de ensino em Geologia" desde 03/11/2019.
E-mail: suyanegc@gmail.com

CAMILE URBAN, graduada em Geologia na UFPR. Mestre em Geologia na UFPR. Professora Adjunta no Centro de Engenharias – UFPel. Colaboradora no projeto "A utilização de metodologias lúdicas no processo de ensino em Geologia" desde 18/11/2019 e do projeto GEOS, desde 02/03/2020.
E-mail: camile.urban@ufpel.edu.br

EXPERIÊNCIAS DA GALERIA A SALA EM PERÍODO DE PANDEMIA: CONSTRUINDO E REFLETINDO AÇÕES VIRTUAIS NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Kelly Wendt
Clovis Martins Costa
Daniel Yuta Higa
Dara de Moraes Blois
Gabriela da Costa Gomes
Nathalie de Jesus Carvalho

Galeria A SALA: arte contemporânea, socialização e construção de saberes

A SALA é um espaço expositivo do Centro de Artes da UFPel em pleno exercício: planejado pelos professores nos anos 90 e conquistado efetivamente no início dos anos 2000, na edificação do prédio das Artes, na região do Porto, na cidade de Pelotas. Docentes dos Cursos de Artes

Visuais são responsáveis pela gestão do espaço, que conta com a colaboração de discentes e demais setores da universidade.

Este espaço proporciona a construção de uma interlocução com a comunidade e a experiência com a arte, legitimando e distribuindo a produção contemporânea local, nacional e internacional, ao acolher e disponibilizar o que faz deste um potente lugar de formação, construindo relações e saberes na e com a arte, conectando, de forma harmoniosa, o ensino, a pesquisa e a extensão.

> A SALA possibilita a presença de artistas de fora do Rio Grande do Sul, que queiram contribuir colocando sua visão de autor do processo de criação, desenvolvido a partir de suas produções e pesquisas visuais e teóricas, de suas experiências de colocação mercadológica ou simplesmente de circulação com o nosso público, que se encontra ávido por mostras de arte contemporânea. Desenvolve ainda, um trabalho sistemático da mediação, por meio do treinamento de alunos bolsistas para exercer a tarefa de aproximar o público das obras e de seus significados. (PELLEGRIN *et al*, 2015, p. 92)

A gestão atual da A SALA é realizada pelos professores Dr. Clóvis Martins Costa e Dra. Kelly Wendt, que coordenam, respectivamente, dois projetos, um de extensão e outro de ensino, para desenvolver as atividades da galeria. O projeto de extensão denominado *Galeria A Sala: artes visuais, contextos e produção de sentidos,* é uma sequência do projeto iniciado em 2017, *Galeria de Arte A Sala: arte contemporânea para todos os públicos*, que visa potencializar a vocação extensionista deste importante espaço expositivo na cidade de Pelotas. Visa também propor atividades e estratégias que levem à produção artística contemporânea ao grande público, por meio de eventos virtuais, organizando exposições de arte e ações educativas, como conversas com curador e artista. Busca, portanto, proporcionar um repertório qualificado, com diferentes abordagens da arte contemporânea, provocando um estímulo da participação da comunidade neste momento tão específico de isolamento social. Por sua vez, o projeto de ensino *Laboratório de Montagem: Equipe de produtores da galeria A SALA* opera no sentido de viabilizar essas ações. Desta forma, consiste

em realizar um trabalho sistemático em produção de exposições e ações virtuais, durante este período pandêmico, através das plataformas digitais da Galeria de arte A SALA. Os acadêmicos participantes[1], por sua vez, trabalham do planejamento à execução desses eventos, ocupando-se de estabelecer desde o contato com os artistas e curadores, logo fazendo o processo de organização de imagens e planejamento expográfico, inclusive sua divulgação. Compreendendo este novo espaço virtual como um lugar de atuação importante, durante o isolamento social, entende-se a Galeria A SALA como veículo de circulação e irradiação das artes visuais nos diversos contextos, que compõem o entorno do ambiente universitário e social da cidade.

Nos últimos anos, percebendo a importância das redes sociais como espaço de interlocução com o público, a galeria iniciou a construção de perfis em algumas redes sociais, assim como a organização de um site institucional[2], para ampliar as interações digitais, colaborando para a divulgação dos eventos organizados, permitindo o alcance da informação pela comunidade geral.

É inegável que as exposições presenciais exerçam grande influência/importância na fruição da arte e seu sistema, seja para fomentar novos discursos e produções ou movimentar o mercado e recepção da arte. Neste momento específico que infelizmente estamos enfrentando e frente à necessidade de seguir alimentando discussões artísticas, planejamos ações que consideramos adequadas e eficientes para o formato digital.

Neste contexto, buscamos a plataforma que entendemos ser, neste momento, a mais potente, enquanto formato para os trabalhos e alcance público. Para essa ação, estudamos sobre a configuração que deveria ter o conjunto de imagens a ser apresentado, pensando as adaptações necessárias para esse novo ambiente. Mesmo que a virtualização não seja nova na arte contemporânea e que plataformas virtuais disponibilizem imagens diariamente, existe uma preocupação quanto à perda de sentido da arte e a banalização da imagem. Aqui, vamos tecer um ensaio acerca

1. Daniel Yuta Higa, Dara de Morais Blois, Gabriela da Costa Gomes, Nathalie de Jesus Carvalho, Jessica Fernandes da Porciúncula.

2. Disponível no link: https://wp.ufpel.edu.br/asala/

da experiência dessas ações realizadas virtualmente na galeria A SALA neste período pandêmico.

O uso de mídias sociais nas atividades da galeria A SALA: ações artísticas, reflexões e desafios

Para refletir acerca das atividades extensionistas desenvolvidas pela galeria A SALA, durante o isolamento, fez-se necessário observar com clareza as ações de trabalho que desenvolvemos no âmbito presencial, como todas as etapas de produção de eventos em artes visuais, para pensar qual plataforma de ação e qual a melhor estratégia para operar sem comprometer o trabalho dos artistas e sua relação com o campo das artes visuais.

De forma sucinta, pode-se afirmar que uma exposição estabelece relação harmoniosa entre objetos de arte e o espaço expositivo, de maneira que alguma discussão em nível conceitual seja efetivamente veiculada. Para tal, contamos com quatro eixos principais que compõem uma exposição: curadoria, expografia, montagem e divulgação.

A prática curatorial implica em diversas ocupações, como por exemplo, definir conceitos, selecionar obras/artistas, pensar a expografia, controlar recursos, divulgar, produzir texto curatorial ou *press release,* ou seja, trabalha com gerenciamento e planejamento de todos os componentes de uma mostra de arte. Definimos a expografia como uma espécie de desenho da exposição, criando sentido ao conjunto para além das obras construindo a narrativa e dialogando entre si e com o espaço, permitindo a experiência que será proporcionada ao público. Uma articulação de objetos dentro de um mesmo espaço, pensando iluminação, interferências, diálogos e construções de saberes. Esta elaboração pode ficar a cargo do curador, bem como de alguma pessoa convocada especificamente para tal função, do mesmo modo que pode ser desenvolvida de forma conjunta entre curador e montador.

Na montagem, realizamos a instalação das obras no espaço físico, o que requer, muitas vezes, a furação das paredes, construção de suportes para trabalhos, bem como encontrar soluções para possíveis

problemas que surjam durante esta atuação, como questões de segurança, entre outras.

Por fim, a divulgação é um dos estágios finais da exposição, dado que uma mostra pressupõe um público e as obras só passam a ter seus sentidos complementados de fato quando expostas. O êxito de uma exposição também resulta de um grande alcance. O *Instagram*[3], *o Facebook*[4] e o site institucional servem como local para publicação de cartazes, informações, registros das aberturas e exposições, que buscam, de alguma forma, a comunicação e a aproximação para com o público da galeria A SALA. Anteriormente à pandemia, as mídias sociais eram usadas, principalmente, como ferramentas de divulgação das exposições, e de maneira institucional, e agora, desta forma passam a ocupar como um lugar expositivo, para apreciação de trabalhos (Fig. 1). No caso da exposição *Armadilhas Para Capturar Sombras*, que falaremos a seguir, ocorreu de forma virtual via *Instagram*. O *Facebook* e o site da galeria serviram como meios de divulgação e direcionamento para exposição no *Instagram* (Fig. 4 e 5).

Figura 1 – Postagem institucional da Galeria A Sala no Instagram com o texto da diretora do Centro de Arte, Ursula Rosa.

Fonte: Disponível no link: https://www.instagram.com/asalagaleria/

3. Disponível no link: https://www.instagram.com/asalagaleria/

4. Disponível no link: https://www.facebook.com/asalagaleria

Constata-se aqui que estes eixos, estas plataformas, *Instagram, Facebook e Site* acabam sendo desenvolvidos em conjunto, para obtenção do melhor resultado possível acerca das exposições, tanto a presencial, quanto a virtual. Podemos observar que, na modalidade presencial, ela é pensada de forma não dissociada do espaço físico e da materialidade das coisas, enquanto na exposição on-line, o espaço é virtual/digital, portanto imaterial, incorpóreo.

Para realizar a primeira exposição online da galeria A SALA, escolhemos a plataforma do *Instagram*, por ser uma das redes sociais mais usadas no mundo e seu formato mais adequado. Essa plataforma, que nos apresentou diversos desafios e novas aprendizagens, também nos proporcionou uma aproximação com o público geral. O *Instagram* é uma mídia social que se constrói, predominantemente, por imagens que são veiculadas por seus usuários, onde qualquer publicação pressupõe uma imagem, fato que a difere de outras plataformas onde há predominância da linguagem textual.

Figura 2 – Cartaz da exposição Armadilhas de Capturar Sombras de Renato Palumbo.

Fonte: https://www.instagram.com/asalagaleria/ e https://www.facebook.com/asalagaleria

Figura 3 – Texto curatorial de Neiva Bohns para a exposição Armadilhas de Capturar Sombras de Renato Palumbo.

A série de trinta fotografias de Renato Palumbo apresentada neste projeto, fala tanto das coisas vistas, quanto do olhar de quem as viu. Em contraposição à glamourização espetacular das marcas de um passado de fausto e riqueza, as imagens melancólicas revelam o conflito visual entre diferentes concepções urbanas que convivem na cidade. Noutros momentos, mostram detalhes esquecidos, fragmentos silenciosos, memórias submersas em águas pretéritas.
As coisas muito conhecidas, como sabemos, podem se tornar invisíveis. Então, o ato de percorrer a cidade com uma câmera na mão, usando a lente como instrumento de investigação, aciona simultaneamente a prática artística e os procedimentos do historiador da arte e da arquitetura. Forma-se, assim, uma pequena coleção de imagens desapegadas dos seus habitats naturais, que sobrevivem em outra dimensão.
Neste caso, o que importa não é partir de um lugar e chegar em outro. Ao contrário, o mais enriquecedor desta experiência, de flanar pela cidade, é perder-se nas observações casuais, nos detalhes mais desimportantes para o cidadão apressado. Numa busca por novos processos historiográficos, as imagens produzidas, que se entregam deliciosamente à fruição estética, também podem ser utilizadas como fontes de pesquisa para os historiadores da arte e da arquitetura.
Sob o ponto de vista do artista que utiliza a câmera fotográfica como armadilha e captura os fragmentos do mundo real, os elementos visíveis são termos avulsos nessa gramática aleatória. As coisas sombreadas pelas rotinas cotidianas irrompem com grande força poética, e cada imagem aciona seu universo particular de referências e sua razão de existir.

NEIVA BOHNS
Pelotas, 28 de julho de 2020

Fonte: https://www.instagram.com/asalagaleria/ e https://www.facebook.com/asalagaleria

Através da mudança da exposição para uma plataforma on-line, podemos observar o modo como o alcance é um determinante essencial para que ela ocorra e chegue em algum público. Sendo assim, fica bem evidente o quão essa experiência de imersão e/ou fruição estética – bastante influenciada pela noção da relação tempo/espaço – dentro de uma exposição, dificilmente se faz presente numa mostra virtual, visto que há a possibilidade do surgimento de distrações dentro deste tipo de ambiente, onde o espectador, enquanto acessa uma exposição, pode a qualquer momento receber notificações de assuntos outros, ou seja, a linearidade e a narrativa podem ser quebradas. Ainda, dentro do próprio *Instagram*, pela lógica das postagens, quando a publicação é feita e a imagem da obra aparece para o público no *feed* – um espaço passível de

interferências – as publicações de outros usuários surgem em sequência. Portanto, a obra passa a dividir espaço com publicações de coisas aleatórias quaisquer, como vídeos de gatinhos, anúncios pagos ou uma selfie de algum conhecido. Sobre tais questões, Machado discorre que:

> Os públicos dessa nova arte são cada vez mais heterogêneos, não necessariamente especializados e nem sempre se dão conta de que o que estão vivenciando é uma experiência estética. À medida que a arte migra do espaço privado e bem definido do museu, da sala de concertos ou da galeria de arte para o espaço público e turbulento da televisão, da Internet, do disco ou do ambiente urbano, onde passa a ser fruída por massas imensas e difíceis de caracterizar, ela muda de estatuto e alcance, configurando novas e estimulantes possibilidades de inserção social. Esse movimento é complexo e contraditório, como não poderia deixar de ser, pois implica um gesto positivo de apropriação, compromisso e inserção, numa sociedade de base tecnocrática e, ao mesmo tempo, uma postura de rejeição, de crítica, às vezes até mesmo de contestação. Ao ser excluída dos seus guetos tradicionais, que a legitimavam e a instituíam como tal, a arte passa a enfrentar agora o desafio da sua dissolução e da sua reinvenção como evento de massa. (MACHADO, 2002, p.31)

Nos preparativos para comportar a exposição on-line, iniciamos nossa movimentação através do projeto *#TakeOver*, que parte do conceito de "tomar conta/ocupar" o espaço virtual, mais especificamente dentro da plataforma do *Instagram*. Esse mecanismo, já adotado por diversos museus, empresas, galerias e espaços culturais, tem como finalidade dar visibilidade a artistas, ações e projetos dentro dessa rede social.

Figuras 4 – Cartaz de participação da artista Ana Júlia Vilela no #takeover.

Fonte: https://www.instagram.com/asalagaleria/

Figura 5 – Cartaz de participação da artista Inácio Rafaela no #takeover.

Fonte: https://www.instagram.com/asalagaleria/

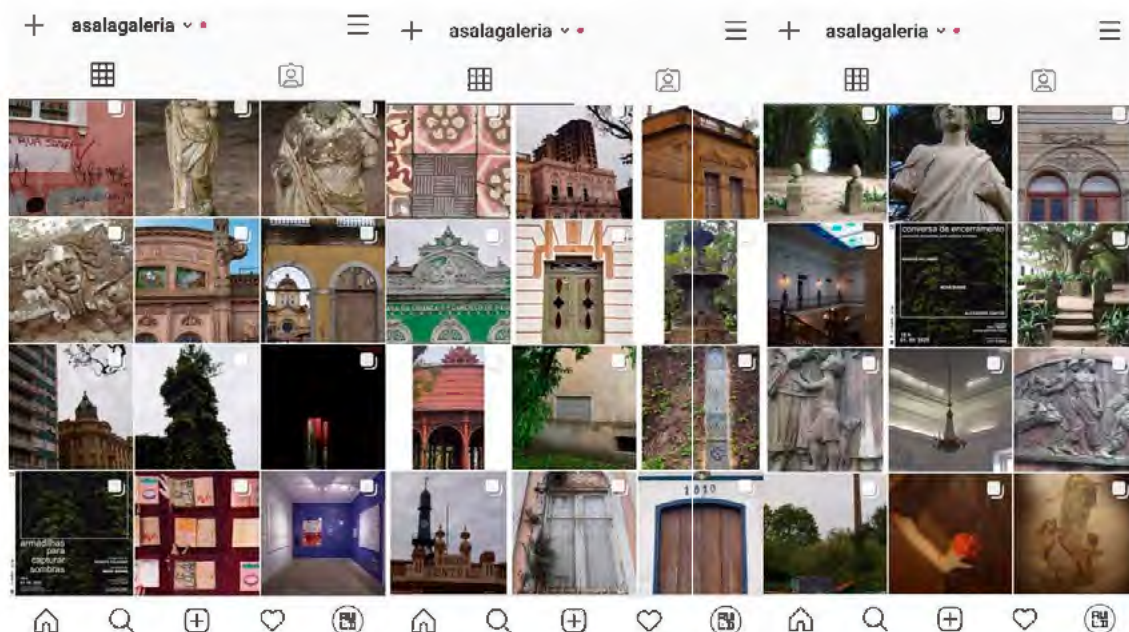
O *takeover* tem como premissa envolver públicos diferentes que possuem interesses em comum, na tentativa de alcançar o máximo de público possível. Nesse sentido, usamos deste recurso para mostrar a produção de egressos/alunos dos cursos de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, assim como de artistas e pesquisadores que contribuíram de alguma maneira na trajetória da galeria. O artista é convidado para ocupar o *stories* da página de maneira livre, durante dois dias, mostrando seu processo, trabalhos produzidos e referências. Por meio da ferramenta "caixas de perguntas", que o *stories* proporciona, conseguimos estabelecer uma interação entre o artista e o público, de maneira mais informal, na tentativa de aproximação entre eles (Fig. 6 e 7).

A partir desta primeira movimentação, fez-se contato com a curadora Neiva Bohns, pesquisadora e docente no Centro de Artes da UFPel e, em parceria com o historiador/artista Renato Palumbo (Rio de Janeiro)[5], começou a articular e selecionar alguns trabalhos do artista, a partir de uma série de fotografias realizadas em novembro e dezembro de 2019 em Pelotas-RS, resultantes de suas perambulações e seu olhar sensível, em torno da arquitetura histórica da cidade (Fig. 6).

Durante algumas reuniões dos coordenadores junto aos discentes e a curadora, discutiram-se maneiras de realizar a exposição on-line, pensando no texto de apresentação, identidade visual, cartazes e divulgação, juntamente à expografia, refletindo, principalmente, na narrativa que se criaria a partir da sequência de imagens postadas na plataforma.

5. Renato Palumbo (Rio de Janeiro, 1967), Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, começou os estudos artísticos nos anos 80, como aluno da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, frequentando o atelier do xilógrafo Rubem Grillo e, posteriormente, já em São Paulo, o de Maria Bonomi. Ao longo dos anos, participou de exposições no Rio de Janeiro, Campinas, Curitiba, Belém do Pará, Genebra e Havana. Transitando pelas linguagens do desenho, da gravura, da fotografia e da colagem, atualmente leciona história da arte no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, onde vem pesquisando novas possibilidades narrativas que integrem o pensamento historiográfico às práticas das artes visuais.

Figura 6 – Imagens da exposição “Armadilhas para capturar sombras” do artista/historiador Renato Palumbo no perfil da galeria no Instagram.

Fonte: https://www.instagram.com/asalagaleria/

Após estas discussões, ficou estabelecido que a exposição ocorreria no mês de agosto e, a cada dia do mês, uma imagem seria postada na plataforma, totalizando 30 fotografias. Pensamos na possibilidade de uma exposição em acontecimento, como uma maneira de promover a aproximação com o público, tentando por um período curto de tempo quebrar essa instantaneidade presente no ambiente virtual. Inquietações que servem para refletir que não é possível substituir uma experiência de uma exposição física, para uma exposição on-line, mas que temos como criar novas experiências e amenizar as dificuldades do campo, utilizando o conhecimento para qualificação destas ações.

Foi um grande um desafio articular esses outros modos de engajamento. A exposição *Armadilhas para capturar sombras,* de certa forma, foi uma experimentação que trouxe retornos positivos, sobretudo, quanto ao alcance de seus conteúdos. Percebemos a riqueza de possibilidades deste ambiente virtual, onde qualquer pessoa com conexão à internet e uma conta na plataforma pode acessar as imagens e informações. Acessibilidade esta que permitiu que todos os envolvidos na produção da exposição viessem a ser também “divulgadores”, ampliando as interações e o alcance do público.

Entretanto, esta abrangência não é sinônimo de universalização da arte, visto que ainda existe toda uma problemática em torno do acesso das imagens: uma aproximação consumista de conteúdos, que ocorre de maneira fugaz e gera um esvaziamento de significado, trazendo a impressão que a exposição é uma gota num oceano de informação. Fotografias da exposição ficam pulverizadas com diferentes conteúdos aleatórios na rede, impedindo muitas vezes uma visão geral da exposição.

Pensando nessas diferentes formas de diálogo, propomos, enquanto encerramento da exposição *Armadilhas para capturar sombras,* uma conversa entre artista e curador, que aconteceu no dia 1º de setembro de 2020, na plataforma *Google Meet* e contou com a presença do artista Renato Palumbo, da curadora Neiva Bohns e o convidado Alexandre Santos[6]. Os coordenadores, Kelly Wendt e Clóvis Martins Costa, foram responsáveis pela mediação da conversa que proporcionou outro espaço de socialização entre estudantes e professores, como também pessoas de diferentes lugares, o que possibilitou refletir e dialogar sobre questões da arte, permitindo conhecer de maneira mais profunda o trabalho do Renato Palumbo e da curadora, mas também os bastidores da produção da exposição. A conversa de encerramento foi gravada, para posteriormente ser editada e incluída tanto no *Instagram*, quanto no *Youtube*, permanecendo enquanto conteúdo e registro do evento e como parte da exposição *Armadilhas para capturar sombras*.

6. Alexandre Ricardo dos Santos: é graduado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS (1990). É mestre (1997) e doutor (2006) em Artes Visuais, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV/UFRGS, com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte. É Professor Associado no Departamento de Artes Visuais (DAV) do Instituto de Artes da UFRGS desde 2007, atuando na graduação (Bacharelado em História da Arte, Bacharelado em Artes Visuais, Licenciatura em Artes Visuais) e na pós-graduação como Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do IA-UFRGS, onde orienta mestrado e doutorado.

Constatações e perspectivas acerca das redes sociais e a abrangência com o público

Por fim, as atividades desenvolvidas, neste primeiro momento, proporcionaram levantamentos acerca das nossas ações nas mídias digitais refletindo em questionamentos para seu uso a serviço das artes visuais. Reflexões diante das alternativas possíveis para suprir os desafios na tentativa de, além da socialização da arte, construir novos espaços para a fruição das artes visuais.

A realização dessas ações virtuais permite que possamos observar, de maneira mais efetiva, como funciona as plataformas e, assim, agir de maneira direcionada em outros eventos on-line. A partir de experiências obtidas na utilização das mídias sociais, as postagens dos conteúdos, tanto da exposição, quanto do *takeover,* podemos perceber que a página da *Instagram*, com aproximadamente 450 seguidores, gera números bem mais expressivos, interações mais aprofundadas e interesse por parte da comunidade de seguidores, diferente do *Facebook* (outra estrutura em questão de layout e dinâmica) conta com aproximadamente 1100 perfis de seguidores e teve muito menos engajamento e retorno da comunidade.

Outra constatação importante é a possibilidade de análise e mensuração do quanto as pessoas estão interagindo e curtindo as postagens, fator que pode definir o público alvo. Observamos que existem diferentes formas para potencializar o acesso de uma exposição no ambiente virtual. A mais evidente é sistematizar horários para publicar diariamente na plataforma. O *stories* é uma ferramenta de compartilhamento, onde sua duração é de 24 horas da imagem publicada na rede social. Ela tem função privilegiada, mostra-se em uma barra onde o usuário não necessita rolar o *feed* para buscar o mesmo, permitindo que o público interaja de diferentes maneira, como por exemplo: caixa de pergunta, uso da *hashtag*, ou em enquetes, onde é possível que a(s) pessoa(as) possa(m) votar entre uma coisa ou outra, assim como o uso de textos, músicas e/ou *GIFs*. Com isso, também podemos contar com a possibilidade de fixá-los no próprio perfil, viabilizando que o usuário possa visualizar novamente, além de poder compartilhar e/ou interagir.

A funcionalidade dos horários das postagens significa estar atento ao momento em que o público alvo estará ativo no perfil, essa informação

pode ser visualizada por qualquer usuário da plataforma em "suas atividades", o que facilita o acompanhamento direto (Fig. 7).

Figura 7 – Gráfico do alcance de perfis, baseado nos horários.

Fonte: Dados gerados pelo Instagram em agosto de 2020.

Constatamos também que outro fator importante para obter maior público é o uso da # (*hashtag*), pois o *Instagram* filtra, na barra de pesquisa, determinados assuntos, e com isso qualquer perfil que se utiliza dessa ferramenta fica visível à *hashtag* criada. Hoje em dia, há um limite de uso de 10 para cada legenda, até mesmo para não ter um declínio ou uma estratégia mal elaborada pelo uso excessivo.

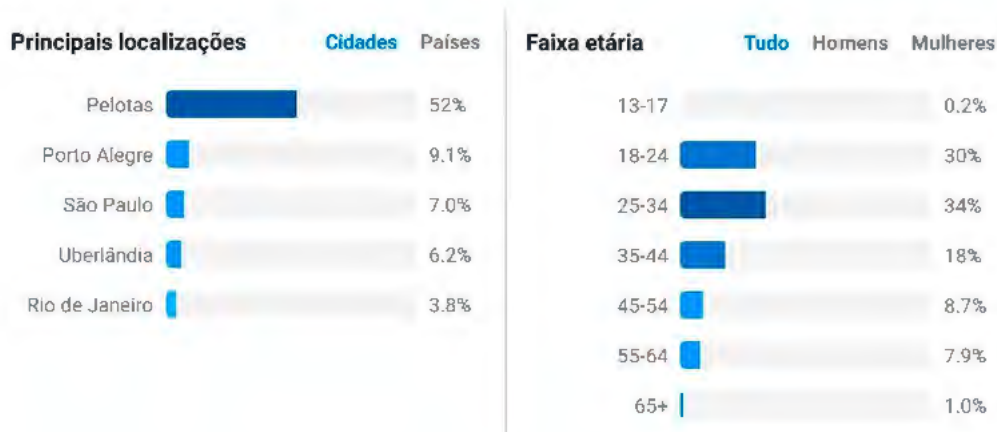
Outro método que compreendemos como eficaz na socialização da arte é o compartilhamento do conteúdo em outras mídias como, por exemplo, o *Facebook*, onde pode ter um outro tipo de alcance a partir das imagens e textos postados, conquistando uma outra fatia do público. Realizamos, conjuntamente com o compartilhamento do *Instagram*, postagens no *Facebook*. Optamos em fazer desta maneira por constatar que geramos um maior alcance da exposição ao utilizarmos as duas plataformas, mas compreendemos que há uma defasagem no engajamento do perfil da A SALA, na plataforma que tem aproximadamente 1100 seguidores e acreditamos que deveria haver mais para maior abrangência das nossas ações. O *Instagram*, com aproximadamente 450 seguidores,

gera números bem mais expressivos, como mostrados nas imagens a seguir (Fig. 8 e 9):

Figura 8 – Números gerados automaticamente pelo Instagram apresentando contas que o perfil consegue alcançar.

Fonte: Dados gerados pelo Instagram.

Outra coisa que descobrimos foi que as impressões são o número de vezes que as publicações - *stories* - aparecem na tela do espectador, que é um contato mais efêmero, mas as contas alcançadas e interações com conteúdos são mais concentradas. Envolvem curtidas, comentários nas publicações e compartilhamentos. Além das mensagens no *direct* e *feedbacks* sobre as fotografias postadas, que promovem, de certa maneira, um "intercâmbio" entre diversas cidades do Brasil, principalmente Pelotas – Rio de janeiro – Uberlândia, onde reside e trabalha o artista Renato Palumbo.

Figura 9 – Dados contendo a localização das pessoas que acessam o perfil da galeria.

Fonte: Dados gerados automaticamente pelo Instagram.

Ao concluir esta breve análise acerca das atividades realizadas pela Galeria A SALA, no ambiente virtual, sublinhamos a importância deste espaço para a fruição da arte contemporânea para além do âmbito universitário. A metáfora da gota d'água no oceano é pertinente, mas a sensação é a de que estamos criando ondas possíveis, conexões para o encontro com o outro (esta entidade abstrata que chamamos de público), neste universo sensibilizado por tantas incertezas. Apesar da alienação do trabalho com o corpo físico, mantemos a aproximação com a arte aquecida, desbravando territórios e construindo sentidos em nossas interlocuções.

Referências

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. **Galáxia: Revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura** / Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUCSP, Fórum: Interação. Metalinguagem. Interpretação, São Paulo: EDUC, n4, p. 31, 2002.

PELLEGRIN, Jose Luiz de *et al.* (Org.). **A sala:** exposições 2014. Projeto de Extensão Ações Educativas na Galeria de Arte A Sala do Centro de Artes da UFPel – Pelotas: Ed. UFPel, 2015.

Sobre os autores

KELLY WENDT, graduada em Bacharelado em Artes Visuais na UFPel e Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais na UFPel. Doutora em Poéticas Visuais na UFRGS. Professora Adjunta do Centro de Artes – UFPel. Coordenadora adjunto do projeto de extensão Galeria A Sala: artes visuais, contextos e produção de sentidos e coordenadora do projeto de ensino Laboratório de Montagem: Equipe de produtores da galeria A Sala vinculado desde 2017.
E-mail: kelly.wendt@hotmail.com

CLOVIS MARTINS COSTA, graduado em Bacharelado em Artes Visuais na UFRGS. Doutor em Poéticas Visuais na UFRGS. Professor Adjunto

do Centro de Artes – UFPel. Coordenador do projeto de extensão Galeria A Sala: artes visuais, contextos e produção de sentidos e coordenador adjunto do projeto de ensino Laboratório de Montagem: Equipe de produtores da galeria A Sala vinculado desde 2017.
E-mail clovismartinscosta@gmail.com

DANIEL YUTA HIGA, graduando em Bacharelado em Artes Visuais na UFPel. Voluntário vinculado ao projeto de extensão Galeria A Sala: artes visuais, contextos e produção de sentidos e coordenador adjunto do projeto de ensino Laboratório de Montagem: Equipe de produtores da galeria A Sala desde 2019.
E-mail: yuta.sonoro@gmail.com

DARA DE MORAES BLOIS, graduanda em Bacharelado em Artes Visuais na UFPel. Voluntária vinculada ao projeto de extensão Galeria A Sala: artes visuais, contextos e produção de sentidos e coordenador adjunto do projeto de ensino Laboratório de Montagem: Equipe de produtores da galeria A Sala desde 2019.
E-mail: darablois@gmail.com

GABRIELA DA COSTA GOMES, graduanda em Bacharelado em Artes Visuais na UFPel. Voluntária vinculada ao projeto de extensão Galeria A Sala: artes visuais, contextos e produção de sentidos e coordenador adjunto do projeto de ensino Laboratório de Montagem: Equipe de produtores da galeria A Sala desde 2018.
E-mail:gabrielachantalle@gmail.com

NATHALIE DE JESUS CARVALHO, graduando em Bacharelado em Artes Visuais na UFPel. Bolsista vinculada ao projeto de extensão Galeria A Sala: artes visuais, contextos e produção de sentidos e coordenador adjunto do projeto de ensino Laboratório de Montagem: Equipe de produtores da galeria A Sala desde 2019.
E-mail: nathaliejcarvalho@gmail.com

COMO É A "FAZEÇÃO" DE UMA CASA-MEMBRANA? A EXPERIÊNCIA DE RESIDÊNCIA POÉTICO-EDUCATIVA PATAFÍSICA EM MODO ON-LINE

Carolina Corrêa Rochefort
Yuri Morroni
Eren Ciriano Castellano
Luana Reis Silvino
Helena dos Santos Moschoutis

1. Porta de entrada

A escrita que segue discorre sobre desdobramentos de outro modo de atuação do grupo Patafísica, projeto de extensão-pesquisa-ensino do Centro de Artes/UFPel, por meio da residência on-line Casa-membrana. Provocada primeiramente pela necessidade e imposição da situação de isolamento ante a pandemia de Covid-19, realizamos entre os meses de agosto e setembro de 2020 encontros remotos que proporcionaram

a participação de artistas e de artistas-educadores de todo o Brasil em uma imersão às experiências de criação coletiva e colaborativa junto ao Patafísica[1].

O grupo Patafísica atua dentro do que considera uma "metodologia do encontro", e se utiliza de uma ação propositiva e criadora, a "fazeção", como um dispositivo que intensifica as relações pela invenção de "modos de existência" (LAPOUJADE, 2017). A "fazeção", portanto, é prática recorrente no trabalho do grupo em espaços de arte institucionais, escolas, espaços urbanos, bem como em eventos acadêmicos e na formação de mediadores.

Diante da situação pandêmica, a campainha toca: Como um grupo que tem como metodologia o encontro entre os corpos, que atua na intensidade da presença física, das materialidades, dos gestos, dos estados, propõe a experiência artística, através da "fazeção", remotamente? A "fazeção" pode acontecer remotamente? É possível relacionar-se com a comunidade em um momento de isolamento social?

1. Iniciado no ano de 2011, pela necessidade de receber as turmas de alunos das escolas do entorno do Centro de Artes/CA/UFPel, realizando mediações no espaço expositivo A Sala, galeria de arte do Centro, o grupo Patafísica torna-se projeto vinculado ao Sistema de Projetos da Pró-reitoria de Extensão/ PREC da Universidade Federal de Pelotas/UFPel em 2013. Nesse ano recebeu seu primeiro nome, "Patafísica: mediadores do imaginário", e número de registro, 470. Buscando reiterar e identificar a amplitude e abrangência das ações desenvolvidas, em 2019 o "Patafísica: mediadores do imaginário" é atualizado e recadastrado no sistema de projetos da Pró-reitoria de Extensão da UFPel sob o nome de "Patafísica: mediação-arte-educacão", sob o número 1483. O projeto desdobra-se em ações de extensão, pesquisa e ensino. É formado por alunos e egressos dos cursos do CA/UFPel. Os Patafísicos exploram a criação e o fazer, propõem reflexões e instigam a interrogação. O grupo atua na Galeria A SALA do Centro de Artes/UFPel, assim como, em eventos acadêmicos/ culturais, trabalhando a criação artística coletiva e na formação de mediadores, visando a ampliação da ideia de mediação artística. Seguem endereços na rede e contato via email: mpatafisica@live.com - Facebook: http://www.facebook.com/PatafisicaMediadoresDoImaginario. A denominação "Patafísica" foi escolhida pelo grupo em função de seu significado, pois, segundo o dramaturgo francês Alfred Jarry, criador da Patafísica, é a "ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções". Enquanto ciência busca explorar, ir além da física e da metafísica que buscam soluções generalizadas. A Patafísica consiste no estudo das exceções, tenta explicar um universo que o saber dominante não ensina a ver.

Assim, o texto busca responder essas perguntas discorrendo sobre a experiência da Casa-membrana. Como quem adentra uma casa iremos compor a escrita por três ambientes: o primeiro busca situar a proposta da residência, apresentar nossos desejos e expectativas, contextualizando essa construção. Num segundo cômodo do texto, iremos abordar o acontecimento da Casa, como se desenvolveu a experiência de criação coletiva num novo ambiente, on-line, bem como a transformação e ampliação do corpo-coletivo patafísico por um grupo novo, os residentes. Ao final, num terceiro compartimento, iremos compartilhar e discutir a produção coletiva realizada nesse ambiente on-line por um novo corpo-coletivo, bem como as reverberações, os relatos dos residentes, enfim, as marcas produzidas na membrana dessas experiências.

Boas-vindas à Casa-membrana, pode entrar.

Figura 1 – Material de divulgação da Casa-membrana nas redes sociais.

Fonte: Material do projeto.

2. Construção

O grupo Patafísica é um projeto de extensão, pesquisa e ensino vinculado à Universidade Federal de Pelotas que se constrói a partir de encontros, em atividade desde 2011. Um grupo mutante composto e pensado por artistas, educadoras, pesquisadoras, estudantes que se interessam pelo processo de criação artística que esses encontros podem proporcionar. A prática patafísica é um híbrido entre oficina-conversa-encontro-acolhimento, uma proposição artística em sua experiência criadora. O grupo se vale de conversas e trocas que articulam e propõem uma "fazeção patafísica", ou seja, uma ação propositiva e criadora que é pensanda como dispositivo que intensifica as diferentes relações agenciadas no encontro e que incita a invenção de modos de vida.

O grupo atua estimulando essas invenções de si a partir da experiência artística animada pela "fazeção" em espaços de arte institucionais, em escolas e espaços urbanos da cidade de Pelotas/RS e região, bem como em eventos acadêmicos, culturais, e na formação de mediadores, visando à experiência artística na sua implicação estética, que se refere à estesia, às afetações.

Uma importante referência para a criação da Casa-membrana foi o "Zigoto: seminário de experimentações poético-educativas" que aconteceu no segundo semestre de 2018. Mais próximo de um antiseminário, teve como ponto de inflexão para os enunciados das "fazeções" a provocação "Como praticar o cotidiano?". Cada um dos quartro encontros propostos aconteceu em um lugar diferente da cidade de Pelotas/RS e também na Barra do Chuí/RS. Anterior à data, à hora e ao local marcados para o encontro, as temáticas e propostas eram enunciadas através de uma pergunta — "Como praticar o cotidiano?"; ou de um pedido — "Traga seu objeto!"; ou, ainda, de uma escuta cotidiana — "Anotações de ar" — sugerindo um envolvimento prévio. O Zigoto atravessou a trama ética-estética, propôs a criação em arte por experiências que se estabeleceram no trânsito do discurso e da ação, deslocando e dobrando a prática artística e educativa rumo às "microgeografias dos encontros" (VERGARA, 2013, p. 65).

No primeiro semestre de 2020, ainda sentindo as reverberações da experiência Zigoto, porém na impossibilidade do encontro presencial, do

corpo-a-corpo tão caro ao corpo-coletivo Patafísica, estudamos, criamos e experimentamos, previamente apenas pelo grupo, possibilidades de encontros e criações coletivas e colaborativas através das telas dos computadores e smartphones. Começamos revisando nossas propostas de "fazeções", trabalhando na reinvenção dessas proposições artísticas para essas plataformas de encontro. Essas experimentações foram se desdobrando até chegarmos na reinvenção do Zigoto por uma residência poética-educativa on-line, a Casa-membrana.

A pandemia nos impôs um outro cotidiano, transformou a casa num lugar composto por diferentes camadas que envolvem os diversos e diários espectros de atuação do nosso corpo. Esse lugar que delineia um tanto da singularidade de cada sujeito é estendido e habitado por tantos outros que atravessam o cotidiano por uma janela de pixels. Abrindo essas janelas digitais, construímos a Casa-membrana — uma residência on-line que proporcionou a participação de artistas e de artistas-educadores em uma imersão às experiências de criação coletiva e colaborativa de proposições artísticas junto ao Patafísica.

Através de edital de seleção, divulgado nas redes sociais do Patafísica (Fig. 1), recebemos 68 inscrições de pessoas desejosas em habitar a Casa, e entre elas 14 foram convidadas a entrar. Esse processo de seleção, assim como o do Zigoto, já solicitava envolvimento e presença mesmo antes de abrirmos as janelas para o encontro. Para realizar a inscrição, o pretendente a residente deveria responder a perguntas que indagavam sobre seu novo cotidiano pandêmico, presente em diferentes espaços, sobrepondo tempos e modos de presença: "Como estou praticando os espaços e os corpos?" e "A gente faz casa ou a casa faz a gente?". As questões eram enunciadas e apresentadas por um pequeno texto que buscava acolher e envolver o candidato como proposta de instigar a criação de uma resposta. Recebemos cartas, escritas narrativas, áudios, outras perguntas, desenhos, vídeos que apresentaram os diferentes cotidianos e suas relações espaciais no excêntrico momento de isolamento social. Desde o ato da inscrição, devido o modo de seleção, procuramos o encontro com essas pessoas. E como quem deseja aproximar a relação e abre a porta da casa para o outro entrar, trocamos uma carta-resposta, escrita por um membro do grupo Patafísica exclusivamente para cada futuro residente da Casa, dialogando com suas cartas enviadas para a seleção.

Cada qual em sua devida janela, expandimos a atuação patafísica para todo o território nacional. Ao esticar a membrana do corpo-coletivo patafísico, encontramos e acolhemos residentes de diferentes cidades do Rio Grande do Sul, adentrando Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, chegando até Olinda, em Pernambuco.

Para nosso primeiro encontro, o dia da chegada na Casa-Membrana, foi solicitado que os residentes levassem consigo algum objeto, alguma coisa que pudesse decorar a Casa, algo que lhes trazia aconchego e acolhida. Esse objeto foi outro ponto de envolvimento entre os habitantes, possibilitando o agenciamento das singularidades de cada um, já que o objeto escolhido diz sobre quem o escolheu e pode ser atravessado pelo ponto de vista daquele de fora da escolha, que em estado de presença e alteridade se relaciona com ele também.

Nos encontramos ao longo de sete semanas, abrindo as janelas digitais de maneira síncrona durante os meses de agosto e setembro, às terças-feiras, das 18h às 21h, de maneira remota através da plataforma Google Meet. No passar dos dias da semana, a Casa-membrana era, e ainda é, estendida-esticada no grupo do WhatsApp através de trocas diárias dos cotidianos — referências, trabalhos, receitas, escritas, músicas, depoimentos e confissões.

Os encontros estruturaram-se por momentos de conversações, criações coletivas dos enunciados das propostas de "fazeções" e compartilhamento das experiências oriundas das mesmas. Desmembramos a "fazeção" em três instantes, mas salientamos que acontece ao mesmo tempo — ocorre na temporalidade simultânea do acontecimento — desde antes das boas-vindas até depois do encontro final: reverberações cíclicas, presentes vivos.

- As conversações patafísicas foram partilhas das percepções de cada integrante do grupo, sobre a relação com o Patafísica e sua metodologia de criação coletiva e colaborativa;
- As criações coletivas dos enunciados das propostas de "fazeções" aconteceram a partir de duas obras cinematográficas[2] que

2. "Saída pela loja de presentes", Banksy (2010); "Histórias que só existem quando lembradas", Júlia Murat (2011)

serviram como provocações do processo da construção de tais ações propositivas e criadoras, considerando que "o enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos" (DELEUZE; PARNET, 1998, p.65).

- O compartilhamento das experiências oriundas das "fazeções" foi o momento de mostrar o que cada habitante fez em seu processo expressivo, estabelecendo relações com o que os demais fizeram, assim como com o enunciado proposto e com a experiência da residência on-line.

Tijolos postos, estávamos prontos para criarmos juntos, residentes e membros do grupo Patafísica, o que veio a ser a Casa-membrana, suas reformas e ampliações.

2.1 Inventar o enunciado da proposta da "Fazeção" — a memória toca na invenção[3]

O silencioso filme deu o tom do 5º encontro na Casa-membrana. O tom do encontro e da fazeção, da criação. O silêncio, o interior, a repetição dos gestos cotidianos, a velhice acompanhada da calmaria e da teimosia, do apego à memória; a juventude de certa arrogância e calor. Nunca fui velha mas suspeito que esteja colada à juventude uma ideia de futuro, à velhice o passado. O filme, "História que só existem quando lembradas", nos coloca na intimidade da rotina de Madalena, uma velha padeira que é surpreendida pela chegada de Rita, uma jovem e andarilha fotógrafa. Madalena acolhe Rita e na partilha dos dias, ensina que "o pão é como a vida, se não respira, endurece". Apesar de Rita e Madalena, de Antônio, José, Anita e Hilário, dentre outras senhoras e senhores que tem sua parte a cumprir na rotina do vilarejo, o filme toca em outros interiores. Me toca na Bahia, em Coaraci, cidade das minhas avós, dos meus pais, que eu visitava a contragosto na infância. Aqui a evidência de memória: não piso em Coaraci há no mínimo 10 anos, e esse filme me levou pra lá.

3. Relato realizado por Luana Silvino a partir da experiência de fazer a "fazeção".

Ao longo da conversa, na Casa, percebo que o mesmo armazém — onde Antônio passa o café e espera o pão que Madalena faz mas não gosta — que me leva ao Sul da Bahia, toca o grupo em diferentes sítios: lembra Bagé, no Rio Grande do Sul, Volta Redonda, no Rio de Janeiro, e o passado sem contorno de pertencer a uma família imigrante. Poderia ainda ser qualquer outro interior, é onde a coisa toca a gente.

Ao inventar o enunciado da proposta da fazeção, reunimos referências e palavras que emergem no encontro *- relicário - pistas - memória - hábitos - inventário - narração - história - objetos - cenário - ancestralidade - testemunho - diário - invenção - adereço - lembranças - contação -* abraçamos a proporção que as imagens podem assumir quando tocam a memória ou a invenção.

Como as coisas despertam histórias? Escolhemos partilhar evidências de memória, de forma anônima, adicionando a uma pasta compartilhada e coletiva no Google Drive (Fig. 2), fotografias em maior número, mas também áudios. De modo que, a seguir, pudéssemos escolher ou ser escolhidos por uma imagem, e então contar, cantar, inventar, escrever, propor uma narrativa por ela evocada. A começar pelas relações que estabelecemos com as coisas, com os espaços, as rotinas, com as pessoas.

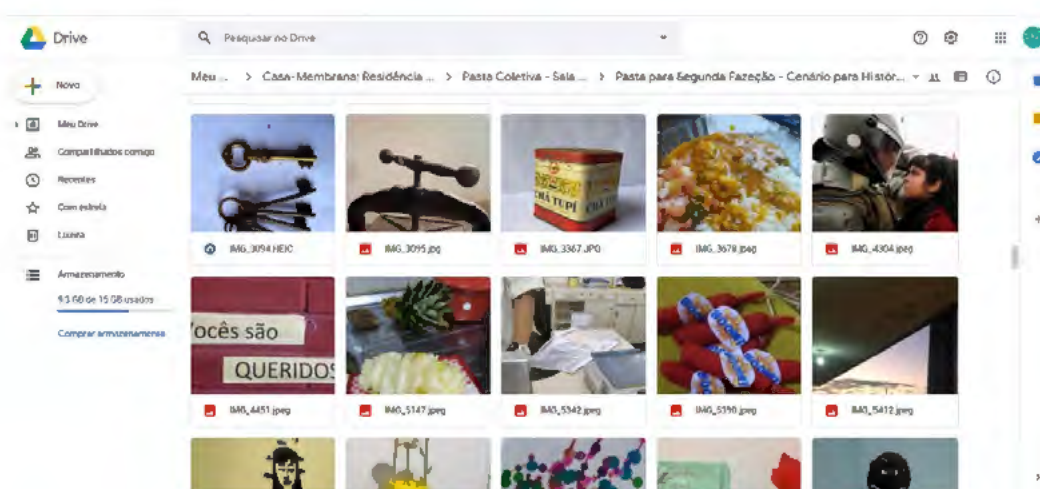
Alguém precisa fazer o pão
O café (mesmo que ruim)
Curtir a cachaça
Conduzir a reza
Alguém precisa tirar o retrato
Nesse dia, todes vestirão suas melhores roupas e sorrisos, aqueles que compõe bem a mentira enviada à família que mora longe, e diz que tá tudo bem, a vida é boa.
Alguém precisa lembrar, para que as histórias existam
E se o esquecimento fizer sua parte
Saber que as coisas não retém memória
Apesar dos rastros, das marcas, do desgaste, das manchas
Podemos apenas chamá-las evidências de memória
As coisas não lembram, a fotografia tampouco
É preciso contar as histórias para que exista memória
E se as coisas se descolam de suas histórias

Driblam ainda o esquecimento ao evocar outras trajetórias
onde toca a memória do outro, compõem memória coletiva

Suspeito que nossa habilidade de lembrar e nossa habilidade de inventar
sejam de igual grandeza
As coisas também existem por invenção

E se inventar é um modo de existir, o patafísica inventa.
A fazeção é um gesto de invenção patafísico.

Na residência, experimentamos o audiovisual como possibilidade de mediar — pela fazeção — e ser mediados — tendo o filme como mediador dos processos de criação coletiva. Não aderimos à chance de ser espectadores passivos, o filme é disparador da nossa prática criadora, que se desdobra infinitamente.

Figura 2 – Print da pasta compartilhada e coletiva no Google Drive da Casa-membrana.

Fonte: Material do projeto.

3. Cômodo

Seja em espaços urbanos, expositivos ou acadêmicos, quando acontece a proposta da “fazeção”, uma característica permanente é a de que os membros do grupo Patafísica também fazem a “fazeção”,

isto é, os patafísicos que lançam a ação propositiva também a realizam, participando do mesmo processo que a comunidade. Essa postura do grupo pressupõe uma relação aberta, apresentando uma condição coletiva e colaborativa entre as pessoas envolvidas, que permite e valida os saberes e não saberes de cada presença, abraçando suas semelhanças e suas diferenças.Tirar o sapato antes de adentrar uma exposição de arte; sentar no chão; falar alto: comportamentos que ressignificam a instituição da arte, "reterritorializando" (DELEUZE e GUATTARI, 2012) a solenidade do cubo branco, por vezes frio e indiferente — incômodo —, para um ambiente da proximidade, dos estados e sentidos da experiência.

O incômodo é valorizado pelo grupo Patafísica, interpretado como uma provocação, um atravessamento, um deslocamento que desequilibra e por consequência gera movimento. Não se rejeita o tropeção que o incômodo pode causar, mas existe, por parte do grupo, um cuidado para que o próximo passo seja dado em um lugar de conforto — cômodo.

Esse ambiente cômodo e horizontal se faz permissivo e potente, condição propícia para fazer a "fazeção". Depois de apresentado o enunciado, lançada a proposta da "fazeção", os patafísicos e a comunidade seguem para o processo da realização de algo, material ou não, que nos coloca como parte criadora da experiência junto às referências do entorno; experiência que nos passa, que nos acontece, que nos toca (BONDÍA, 2002). E acontece por meio do encontro daqueles que a fazem acontecer, que fazem a "fazeção", que experienciam o acontecimento enquanto o fazem, enquanto o são.

Diante das limitações típicas de reuniões virtuais, surge uma inquietação: como alcançar esse ambiente cômodo de forma remota? É possível que a Casa-membrana, como residência on-line, compartilhe da mesma atmosfera que envolve os encontros presenciais?

Sim, é possível. Pela experiência.

A experiência é um estado em gerúndio, acontecendo, reverberando, ecoando no ambiente em que estiver, ressoando no todo e retornando a cada parte, trazendo algo nunca igual àquilo que saiu. E para que se sinta o retorno do eco, para que nos toque, a experiência requer

> [...]demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o

> automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, s/p.)

A arte do encontro, tão cultivada pelo grupo Patafísica, é a pulsação da experiência: marca o ritmo da respiração, alarga a percepção do tempo e ativa os sentidos no espaço — físico ou virtual. É a experiência coletiva que engendra o ambiente cômodo, e isso ressoou na Casa-membrana em seus muitos acontecimentos, falas e escutas, nas partilhas de si, na construção de um novo corpo-coletivo patafísico. Um encontro é um afeto, que põe em comunicação, em relação pontos de vista e os torna sensíveis enquanto pontos de vista, promovendo agenciamentos, combinações. (ZOURABICHVILI, 2016).

Durante reunião on-line, uma residente definiu sua residência na Casa-membrana como "um solo seguro, que por ser seguro se torna fértil", evidenciando este espaço que possibilita, dentro do coletivo, a experiência e a expressão individual. Através da confiança no grupo e da autoconfiança, ser fértil para produzir, fazer e ser parte do acontecimento; encontrar-se na "fazeção". Outra residente da Casa compara o grupo Patafísica com o Carnaval, "onde nós nos fantasiamos de nós mesmos", ratificando o ambiente cômodo no qual se é permitido ser quem quer que seja, ser de verdade, acontecer, experienciar.

Fantasias carnavalescas e solos seguros remetem o ambiente cômodo ao conceito de "círculo mágico" de Huizinga, ao se considerar que

> Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. [...] A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial (HUIZINGA, 2019, p.12).

A “fazeção” é a prática de uma atividade especial, e acontece dentro do círculo mágico — um espaço onde as leis da vida cotidiana perdem o sentido, onde somos diferentes e fazemos coisas diferentes (HUIZINGA, 2019), mesmo que ser diferente seja ser quem se é — no qual o jogo é estabelecer relações, agenciamentos entre uma obra e outra; entre a obra e o eu; entre o eu e o outro; entre presenças e ausências, trespassando espaço, tempo e todos os acontecimentos. Um jogo de sentido subvertido, em que ganhar ou perder não configuram regra; o que interessa é o fato de jogar: a experiência.

Hélio Oiticica encontrava no jogo e na ação de jogar um modo de vivenciar a existência em seu estado mais latente. Segundo o artista, “o ato de jogar impele o participador ao prazer, transforma a obra de arte em prazer destituído do mundo da moral e dos valores” (SILVA, 2011, p.1481). Junto, o grupo Patafísica propõe a “fazeção” como uma ressignificação da obra de arte, estabelecendo relações e inventando modos de existência, como um jogo em que não se perde nem ganha, só se joga pela experiência, que acontece dentro de um círculo mágico e cômodo.

3.1 Fazer a “Fazeção” — um inventário de silêncios presentes[4]

O vídeo documentário é inspirado pelas vistas cotidianas, circuladas dentro de um apartamento que, por maior que seja a janela, ainda é uma janela. Investigamos tais inspirações no contexto de pandemia, criando relações semanais durante reuniões que se estendem para aplicativos de troca de mensagens. Uma residência online pressupõe uma permanência virtual dentro de uma janela delimitada e distante. Mas nesta casa, membranosa, os ouvidos estão atentos e os olhos, curiosos, se tornam agentes investigativos, e a pele transpira como um corpo frio ansioso pelo toque do sol. Numa tentativa falha de encontrar este sol, durante um inverno pandêmico, marcamos reuniões para discutir produções audiovisuais contemporâneas e conversar sobre educação, arte e as trêmulas linhas de intersecção entre. Durante alguns dos encontros procuramos uma fazeção, uma ação prática, que adie o encerramento,

4. Relato realizado por Eren Castellano a partir da experiência de fazer a “fazeção”.

levando em conta a máxima do grupo: "A mediação começa quando termina". Assistimos ao filme "Saída pela Loja de Presentes" como uma pegada-partida, um ponto-largada que oferece um pano de fundo para nossa discussão do dia, e, assim como chega, também o deixamos para trás, buscando em nós, da Casa, o começo para fazeção. Criar um roteiro audiovisual a partir de imagens de arquivo me permite esquadrinhar a vivência de uma moradora, até então, conhecida da época de faculdade. A Raíssa. Quando estava presencialmente com o grupo Patafísica, como estudante da UFPel, ela ainda era uma caloura. Desde então identificada por suas falas pontuais e curtas, Raíssa é uma pessoa que abraça seus silêncios. Particularmente, vejo isso como um de seus mais bonitos adjetivos. Em suas extensas gravações, existe o cotidiano rente à proposição de observar reparando os detalhes de uma ação por vezes simples. Raíssa poderia ser qualquer um. Essa imprecisão nos torna próximas. Em sincronia, leio o livro de Carola Saavedra, uma total desconhecida, que traz a história da família de Nina, uma chilena que morou no Brasil. Mergulhamos, eu e minha namorada, e dali saiu a impulso para entrar na rotina comum de Raíssa. Enquanto Saavedra escreve, eu dito, narro, as ações corriqueiras e banais, mas que persistem em acontecer. Cozinhar, trocar os lençóis, observar a rua. E então, no meio do arquivo de imagens, existe a interferência no meio em que está. Uma vista familiar, o trapiche de Pelotas, na Praia do Laranjal, que adentra a Lagoa dos Patos que é quase mar de tão extensa. A cor, vermelha, é decisiva para dissecar um trabalho delicado de uma estudante empenhada (Fig. 3).

Figura 3 – Print do vídeo criado a partir da proposta da "fazeção".

Fonte: Material do projeto.

E então, para finalizar esse projeto de estudo sobre si e sobre o outro, penso na viscosidade do que fica durante os encontros on-line. Penso na aderência dessa relação, que é marcada pela repetição do encontro marcado na semana. Este vídeo é uma criação que fala sobre o amor entre mulheres e sobre a extensão do que é se reconhecer em um meio virtual e frio.

4. Compartimento

Quando inventamos o enunciado da proposta da "fazeção", já consideramos seu modo de apresentação. Para cada "fazeção" refletimos, previamente, sobre uma estrutura de compartilhamento das reverberações que serão experienciadas — agenciamentos dos atravessamentos da criação e da partilha do fazer e da ação da "fazeção" — considerando o tempo previsto de cada reunião ou encontro, disponibilidade e quantidade de pessoas incluídas no grupo, ainda que o acontecimento possa remodelar o planejamento.

Nos encontros, muitas vezes, a experiência da "fazeção" é o próprio resultado, sem objetivar um produto ou objeto; a experiência é o acontecimento patafísico desejante. O momento do compartilhamento da experiência e dos possíveis resultados é indispensável. O processo aqui não é finalizado, seguimos com as reverberações da experiência de criação, tal como uma obra que pode ser constantemente ressignificada — *work in progress,* obra em processo. Assim, a ideia da "fazeção" enquanto acontecimento é reiterada como processo em movimento, agenciamento, andanças.

Para esse momento de compartilhamento do que repercutiu da "fazeção" na Casa-membrana partimos da premissa de que o acontecimento é, ainda, um efeito contínuo e cíclico. A previsão da maneira de partilha foi primeiramente pensada e discutida pelos patafísicos sendo definida em conjunto com todos os moradores da Casa, no momento da apresentação dos frutos.

A expectativa do encontro, da surpresa do fruto do outro que é apresentado, assim como a redescoberta de seu próprio fruto descortinado pelo grupo, provoca uma sensação de paixão crescente na boca do

estômago de forma agradável, pois partimos desta confiança intrínseca construída pelo coletivo. Por diversas vezes, é citado pelos residentes que o momento de compartilhar o que foi gerado pelo enunciado da "fazeção" é "um gás" para seguir com a semana rotineira, com os trabalhos e a vida reclusa socialmente. Então, a comoção e a troca afetiva se tornam presentes de maneira intensa, reverberam a alegria e a diversão de compartilhar a "fazeção".

Na escuta e na atenção aos detalhes durante a apresentação, torna-se evidente o estado de presença. Um dos residentes, ao final de uma das reuniões comenta em nosso grupo que os encontros o encorajam para a escuta, "*que soa como um carinho no outro*", e observar o encontro "*são esforços com o corpo pra se colocar atento ao outro, cada um a seu jeito.*"

Ao comunicar nossas expressões refletidas na "fazeção", retomamos as discussões anteriores sobre poética, educação e arte. Tudo que foi falado e discutido ressoa nas escritas-vozes-desenhos-fotografias-vídeos-frutos, construindo várias ramificações no tempo cronológico, um acontecimento temporal simultâneo (DELEUZE, 2011). Essa árvore de muitos frutos e muitas raízes sugere uma produção intuitiva, em contrafluxo da produção massificada industrial. A "fazeção" provoca esses corpos desejantes que, isolados em um período pandêmico, buscam a materialidade, o corpo e o sentido. O desejo do tangível, quando bloqueado, brota na manipulação das coisas que são imateriais, transbordando no agenciamento de memórias, invenções e histórias — desvela modos de existência coletiva, do eu e do outro, do outro comigo e do eu comigo mesmo.

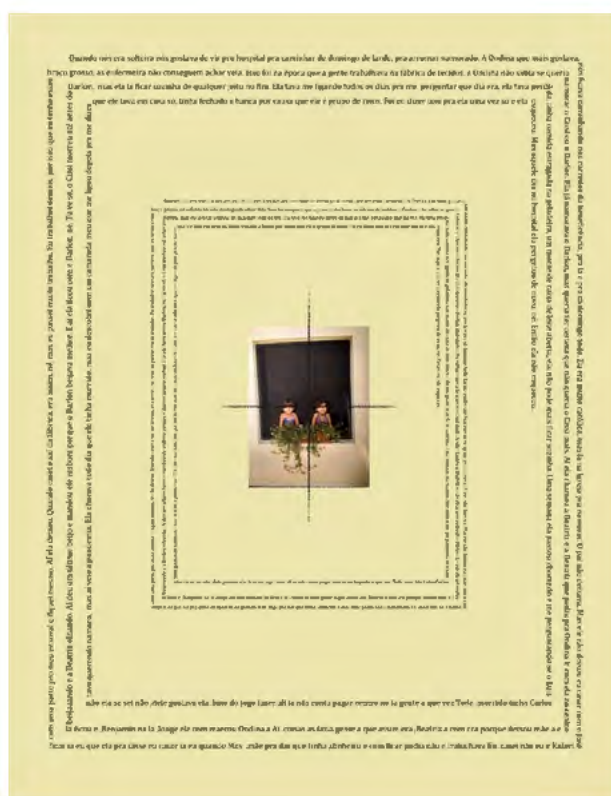
> É o que significa entrar no ponto de vista de uma maneira de existir, não apenas para ver por onde ela vê, mas para fazê-la existir mais, aumentar suas dimensões ou fazê-la existir de outra maneira. "A arte e filosofia têm isso em comum, que uma e outra visam colocar seres cuja existência se legitima por si mesma [...]" (LAPOUJADE, 2017, p.90).

Os compartilhamentos se relacionam, entre si, construindo uma rede, uma teia, que acontece no envolvimento com o processo de criação.

O que ressoa desse processo está entre as materialidades e as sensações das experiências vividas; nas memórias inventadas; na atenção aos gestos; no cuidado com as histórias e os arquivos; de cada corpo. Terra fértil para o brotamento de um corpo-coletivo.

4.1 Compartilhar a "Fazeção" — Vou sair agora, buscar minha irmã[5]

[O trecho a seguir é uma transcrição de áudio, em que relata a experiência de compartilhamento da "fazeção". A imagem resultante da proposição, sobre a qual o relato trata, envolve um texto em espiral que exige virar a cabeça para ser lido, escrito ao redor de uma fotografia de duas meninas. (Fig. 4)]

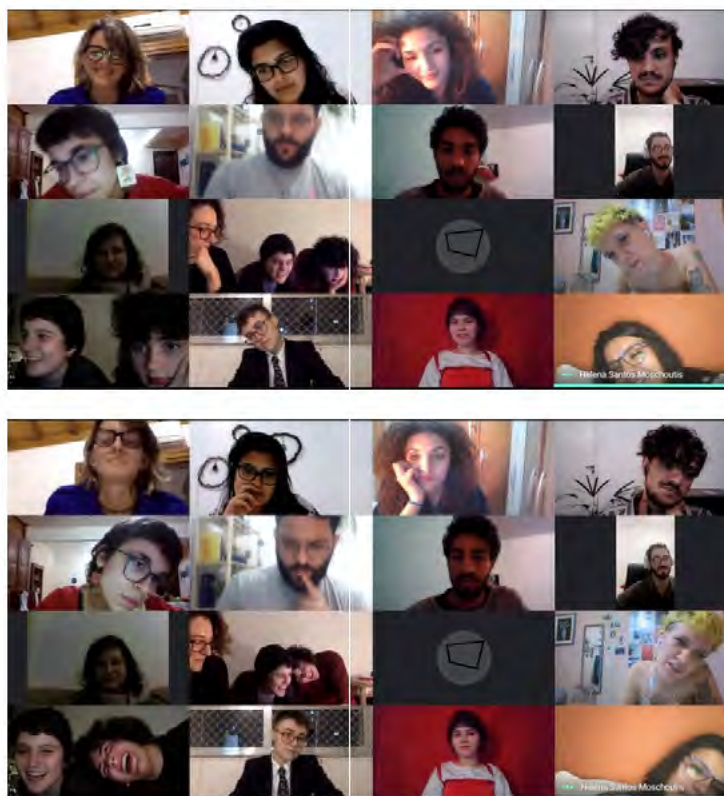
Figura 4 – Imagem criada a partir da proposta da "fazeção".

Fonte: Material do projeto.

5. Relato realizado por Helena Moschoutis a partir da experiência de compartilhamento da "fazeção".

[...] eu fiquei muito preocupada... não olhei quem tinha postado a imagem na pasta, quando peguei eu não tinha olhado e aí resolvi assumir o risco. Mas ao mesmo tempo fiquei pensando que podia ser uma imagem de pessoas que não existem mais... (depois eu descobri que são as irmãs da Eren). Achei que ficou pesado o jeito que usei a imagem e aí fiquei preocupada com isso, que eu tivesse colocando mais um peso em algo que talvez já fosse pesado pra alguém. [...] Mas acho que quem colocou ali [na pasta] doou a imagem de certa forma, pra coletividade. É isso, acho que faz parte do processo de fazer uma fazeção, é a dor e a delícia de fazer junto, de não conhecer direito boa parte das pessoas que estão na Casa-membrana e isso pra mim foi um desafio. Teve um dia que pensei em desmanchar, tirar aquela cruz do meio [...] aí pensei que não, que esse foi o afeto que consegui colocar nos arquivos dos outros, foi assim que aconteceu pra mim.

Acho que isso é a fazeção, né? É uma atitude de mistura, de presentear. Ao mesmo tempo em que a gente tira uns dos outros algumas coisas. Mas foi bem dolorido pra mim. [...] Essa coisa do espiral, dos caminhos da vida. E ficar olhando a vida acabar. Duas mulheres da minha família, duas irmãs. Eu tenho irmãs também. E a Eren também. Não é à toa que a foto das irmãs da Eren tava ali [na pasta]. A Eren tem uma relação muito forte com as irmãs. Isso é muito legal porque eu que tenho uma relação forte com minhas irmãs, peguei uma imagem de uma pessoa que tem uma relação muito forte com as irmãs e falei de duas irmãs [no texto] que tem uma relação muito forte também. Foi uma coisa meio que de falar do que é ser mulher. A gente acaba se fortalecendo entre nós.

[...]

Figuras 5 e 6 – Prints da tela do Google Meet durante o encontro de compartilhamento da “fazeção”.

Fonte: Material do projeto.

Sobre virar a cabeça (Fig. 5 e 6), eu não vi isso acontecer na hora da apresentação porque eu tava virando a cabeça pra ler [risos]. E aí, enquanto eu tava apresentando, aquilo foi tomando conta... (eu não sei se não era porque eu tava nervosa, né?) mas aquilo... o que eu tava lendo e o modo como eu tava lendo e o desafio de virar a cabeça... Claro, era um texto meu, sobre pessoas da minha família, né? Aquilo [o texto] entrou assim em mim... Não entrou, né? Tava dentro de mim, mas fez tipo um... Ai [suspiro], parece que foi uma lança, entrando na minha garganta e foi entrando assim de um jeito BUM! Sabe? E bah, fiquei muito emocionada na hora.

Foi bem forte apresentar e ler porque eu tava falando de mulheres, mas era falar de mim também. E falar de mulheres me emociona muito, demais. Porque ao mesmo tempo em que a gente tá falando de mulheres de um universo bem do individual, do meu caso, eu tava falando também, de certa forma, da condição de várias mulheres do mundo. Ou pelo menos do ocidente, ou brasileiras, que seja. E essas relações, esses vínculos (falei

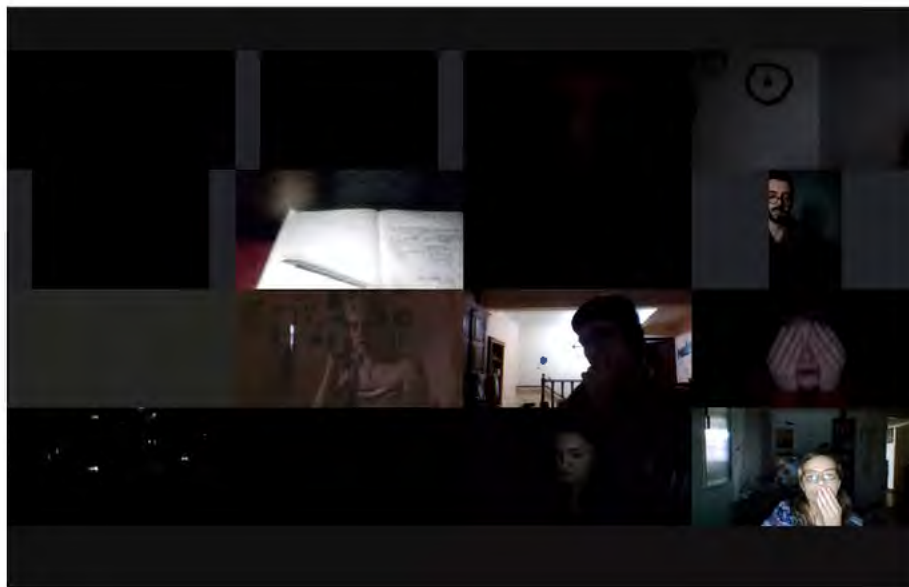
em ligações e me lembrei das ligações da química, das coisas que a gente faz de se ligar umas às outras) compõem o que é o nosso mundo, fala da nossa história. É isso. [fica reticente] É uma coisa minha que vira... vira coletiva [suspiro, riso].

Acho que essa é uma das dimensões da arte... é quando ela te coloca de frente com gabi [risos], não, brincadeira. Te coloca de frente contigo, te coloca num lugar de te olhar por outro lugar e é isso. Por isso que a fazeção pra mim é um acontecimento artístico, ela te coloca nesse lugar de... Ao mesmo tempo que tu produz uma coisa, tu também olha pros outros a partir de um mesmo ponto de partida. É muito legal.

Eu me lembrei dos meus alunos fazendo a fazeção. De quando fomos numa exposição de fotografias analógicas e eles tinham que escrever uma história e aí, bah, aquilo deve ter sido muito desafiador pra eles porque... Escrever e mostrar e produzir, conversar, dividir numa coletividade é uma coisa que exige muito da gente. Ainda mais num mundo meritocrático em que tu precisa mostrar eficiência. Isso mexe em várias coisas do nosso ser. Então foi legal me colocar nesse lugar. Como educadora, tá na Casa-membrana, isso foi uma das coisa mais preciosas de fazer: me colocar nesse lugar de "aluna", entre aspas, de fazer a fazeção.

5. Partida

A experiência de construção e habitação da Casa-membrana mostrou que mesmo em estado de corpo em isolamento é possível que o encontro aconteça. Os outros movimentos suscitados nos corpos por esse período de distanciamento físico engendraram outros modos de relações. "Da possibilidade do choque entre as superfícies, das forças dos fluxos brotam, proliferam variações de sentido, intensidade das sensações" (ROCHEFORT e CLASEN, 2019, p.1320). Em nossos encontros virtuais, é forte o desejo pela presença e partilha dos sentidos, no cheiro do pão, no gosto e calor do vinho, no abraço, na escuta e no silêncio presente. Ainda que em localidades distintas, cada morador e residente da Casa encontrou formas de estar junto, experienciadas em propostas que nos colocaram em atmosferas semelhantes, como, por exemplo, ouvir uma gravação de áudio no escuro (Fig. 7).

Figura 7 – Print da tela do Google Meet durante o encontro de compartilhamento da "fazeção".

Fonte: Material do projeto.

O período proposto para a residência acabou e pôs diante de nós a realidade de um corpo, e um outro corpo-coletivo patafísico: linhas, texturas, cores, cheiros, sabores, dores liberadas da representação, deslocadas nos fluxos e nas intensidades. Após os sete encontros "reterritorializamo-nos" (DELEUZE, 2007), como quem ouve uma música em outra língua e é atravessado, colocando a orelha no ventre, nos pulmões.

Habitamos nossas casas de maneira compulsória, e a cada semana, abrimos uma janela para um encontro acontecer. Fazer e receber visitas faz falta; sentar no chão, abraçar, ver o mundo de cabeça para baixo — com e como uma preguiça. Contudo a Casa-membrana foi uma arquitetura patafísica que não deixou de ser corpo: criamos um espaço virtual e coletivo passível de amenizar distâncias, onde cada residente participou ativamente das articulações e circulações desse sistema... Abrimos janelas, nos encontramos através das telas, cada um em seu quadrado, que está delineado por outro quadrado e outro quadrado... dobras e dobras de quadrados... habitando uma dimensão incógnita.

Entendemos que uma das características mais marcantes do Patafísica é o tanto que ele muda, como tudo que é feito de gente. O grupo acontece como um organismo vivo, encorpa maneiras de existir. Cada

corpo que chega, fica, se distancia, retorna, traz consigo sua mudança, muda a gente junto, ensina, aprende, erra, chora, ri, cresce junto. Daí a multiplicidade de olhares, partilhas de interesse, práticas de atenção que o encontro patafísico suscita. Falamos de um lugar de contágio, cada corpo patafísico divide um tanto de si à medida que descobre seu modo de integrar o corpo-coletivo patafísico.

Para nós a arte acontece no encontro, no movimento de invenção coletivo e colaborativo, no agenciamento das experiências que arrepiam a membrana dos corpos. Nosso rumo é traçado em conformidade com a vibração desse corpo-coletivo. "Museu é o mundo; é a experiência cotidiana." (OITICICA, 1986, p.79). A Casa-membrana foi uma construção de "um espaço epidérmico, um espaço entre, entre o que apresenta-se, real, e o possível, o projetado. Como pele estamos entre a arte, a ciência, o público, entre nós e entre eu mesma. Entre a galeria, a cidade, o quadro, a calçada" (ROCHEFORT e CLASEN, 2019, p.1318). Alargamos o corpo-coletivo patafísico. Hoje, esparramados e trançados como trepadeira em solo seguro, entre aplicativos de mensagem, de música, de imagens e sons, percebemos esse corpo-coletivo membranoso transpirando. Assim como começar um começo e como finalizar um fim são enigmas incabíveis neste corpo, que mesmo depois dois meses ainda redescobre purpurina do Carnaval.

O encontro começa quando acaba.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. nº.19 Rio de Janeiro, Jan./Apr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413=24782002000100003-&lng=en&nrm=iso&tlng-pt>. Acesso em: 20 set. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**: A lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: O jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo, 2019.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

OITICICA, Hélio. Programa Ambiental. *In*: FIGUEIREDO, L.; PAPE, L.; SALOMÃO, W. (org). **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ROCHEFORT, Carolina Corrêa e CLASEN, Carolina. Grupo Patafísica: uma mediação que acontece pela metodologia do encontro. *In*: COLVERO, Ronaldo Bernardino; LEAL, Elisabete da Costa; MACHADO, Juliana Porto; SANTOS, Amanda Basilio (org.). **Fontes, Métodos e Abordagens nas Ciências Humanas** [livro eletrônico]: paradigmas e perspectivas contemporâneas. Pelotas: BasiBooks, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/patafisica/files/2019/07/EIPCH-2018-Fontes-Me%CC%81todos-e-Abordagens-nas-Cie%CC%82ncias-Humanas-livro-eletro%CC%82nico-paradigmas-e-perspectivas-contempora%CC%82neas.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, Carolina Votto. Hélio Oiticica e o jogo como condição estética. *In*: COSTA, Luiz Cláudio da; GERALDO; Sheila Cabo (org.). **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/carolina_votto_silva.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

VERGARA, Luiz Guilherme. Dilemas éticos do lugar da arte contemporânea: Acontecimentos solidários de múltiplas vozes. **Revista Visualidades,** Goiânia v.11 n.1 p. 59-81, 2013.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.

CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT, graduada em Artes Visuais - Bacharelado na UFPel. Doutoranda em Educação na UFPel, mestra em Artes Visuais na UFRGS. Professora adjunta do Centro de Artes da UFPel. Coordenadora do projeto Patafísica desde 2011.
E-mail: carolrochefort.ufpel@gmail.com

YURI MORRONI, graduado em Artes Visuais - Bacharelado na UFPel. Vinculado ao projeto Patafísica desde 2011.
E-mail: yurimorroni@gmail.com

EREN CIRIANO CASTELLANO, graduada em Artes Visuais - Licenciatura na UFPel. Vinculada ao projeto Patafísica desde 2013. Foi bolsista de extensão do projeto Patafísica no ano de 2014.
E-mail: erenccastellano@gmail.com

LUANA REIS SILVINO, graduada em Artes Visuais - Licenciatura na UFPel. Vinculada ao projeto Patafísica desde 2016. Foi bolsista de extensão do projeto Patafísica em 2017 e em 2018 bolsista de ensino do projeto de ensino Zigoto: seminário de experimentações poéticoeducativas, vinculado ao Patafísica.
E-mail: luarsilvino@gmail.com

HELENA DOS SANTOS MOSCHOUTIS, graduada em Artes Visuais- Licenciatura na UFPel. Mestra em Artes Visuais pela UFRGS. Professora da Rede Municipal de Educação Pelotas/RS. Vinculada ao Projeto Patafísica desde 2011.
E-mail: helena.smos@gmail.com

ALTERNATIVAS, INICIATIVAS E DESAFIOS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE NA INFÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Douver Michelon
Catiara Terra da Costa
Marcos Antônio Pacce
Greice Reis

Introdução

O importante papel da Universidade na mediação, formulação e execução de políticas públicas e ações efetivas entre o Estado e a sociedade civil voltadas para educação em saúde (GAZZINELLI *et al*., 2005) pode ser apreciado considerando o grande número de projetos orientados para essa área nas instituições de ensino superior brasileiras. Nesse sentido, a Extensão se reafirma comoa dimensão que mais se destaca no contexto acadêmico quando se considera as extrapolações das funções primárias da Universidade como instituição. A Extensão pode ser vista

ainda como importante instrumento de participação brasileira em políticas públicas em saúde em um contexto mundial (PETERSEN, 2003).

O exercício de ações de extensão universitária foi tradicionalmente pautado pela coparticipação da sociedade no planejamento e execução de projetos. Por essa razão, sempre ocorreu uma forte valorização da prática do contato social entre os sujeitos protagonistas de tais ações, ou seja, os membros da comunidade acadêmica responsáveis pelas iniciativas e os membros das comunidades nelasenvolvidas. Nesse contexto, naturalmente os laços sociais, fortalecidos no cotidiano do desenvolvimento de projetos de extensão, tornaram-se verdadeiramente uma questão identitária para grande das práticas extensionistas. Na área da saúde, em especial, isso se deveu em grande parte pelas necessidades inerentes de comunicação pessoal, e pelas interações requeridas em muitos processos de construção colaborativa de mudanças sociais e culturais necessárias para a conquista de novas e melhores realidades de saúde e qualidade de vida.

Entretanto, no ano de 2020 essa proximidade no contato social, emblemática das práticas em extensão, sofreu um grande impacto repentino. Em um cenário precedido de apreensão generalizada, devido à extraordinária profusão de notícias sobre uma crise sanitária mundial iminente, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, declarou que, em razão da doença infecciosa COVID-19 ter se alastrado rapidamente em vários países, estava a partir dessa data decretada Emergência de Saúde Pública em nível internacional (OMS, 2020). Após, o mundo inteiro se encontrou oficialmente em estado de enfrentamento de uma pandemia. Logo a seguir, os graves riscos ligados à doença em questão trouxeram, e continuam trazendo, grande impacto em toda a sociedade, abrangendo um amplo espectro de dimensões coletivas e individuais, dentre as quais, além da crise sanitária propriamente dita, destacam-se as crises econômica e social e o atingimento mais significativo a populações vulneráveis, entre elas o público infantil.

Devido às características epidemiológicas e patogênicas da pandemia causada pelo vírus SARSCoV-2 e às condições limitadas dos sistemas de saúde, no Brasil e no mundo diversas restrições tornaram-se impositivas. Após a imediata comoção generalizada na sociedade, em muitos dos seus setores, entre eles as universidades, evidenciou-se a necessidade de

implementação de ações no sentido de enfrentar as incertezas e os problemas que caracterizaram a pandemiada COVID-19 (MACHADO, 2020).

Nesse contexto, os integrantes do projeto "Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola", o qual é integrante do programa "Crescendo com um Sorriso", que vinham anteriormente desenvolvendo atividades regulares de Promoção de Saúde dirigidas a crianças em ambientes escolares, viram-se abruptamente diante do desafio de adaptar as metodologias e práticas de acordo com as normativas importas pela nova realidade de pandemia da Covid-19. Os membros da equipe executiva buscaram novas formas de se relacionar com o público alvo, visando construir a viabilidade e a continuidade de trocas de experiências em promoção de saúde, bem como, obter o melhor atingimento possível dos propósitos essenciais inicialmente previstos no projeto.

Quando ocorreram as internações hospitalares, e logo os óbitos decorrentes das infecções pelo vírus SARSCoV-2 atingiram números dramaticamente elevados em várias regiões do Brasil, os desafios para a superação dessa situação inesperada logo se mostraram maiores e mais sérios do que a maioria das pessoas imaginava num primeiro momento.

As universidades estiveram entre as primeiras instituições no país sensíveis a necessidade imediata de descontinuar atividades presenciais, e como em muitos países, logo em seguida também escolas dos níveis fundamental e médio adotaram a mesma conduta, interrompendo suas atividades presenciais.

O isolamento social e as demais necessidades para prevenção e diminuição da transmissão da Covid-19 modificou de forma rápida e radical o cotidiano de toda a sociedade, trazendo como possíveis resultados tensão, estresse e ansiedade (FIOCRUZ, 2020).

Nas rotinas escolares, a pandemia da COVID-19 tem gerado uma série de mudanças significativas, com possíveis impactos na saúde física e mental de toda a comunidade escolar, ainda que estes não estejam ainda completamente avaliados. Nesse sentido, pode ser importante refletir sobre como as questões macrossociais se relacionam com os desdobramentos causados por essa doença que se estabeleceu como pandemia, bem como no modo com que afeta os diferentes grupos sociais, ou ainda, como opera nessa nova realidade as atividades acadêmicas, em especial as extensionistas.

As crianças de modo geral, independentemente de se encontrarem em idade escolar ou não, precisam ser vistas como um grupo especialmente diferenciado, dadas as suas especificidades cognitivas e emocionais relacionadas a cada faixa etária (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981). Assim sendo, nos projetos de extensão que envolvem o público infantil em suas atividades, será sempre necessário considerar a sensibilidade e vulnerabilidade do público infantil, para efeitos de reestruturação apropriada do seu planejamento num contexto de enfrentamento de pandemia.

Entre as ações preventivas, de controle e de proteção preconizadas para o controle da pandemia da COVID-19 (OMS, 2020), o isolamento social, a higienização das mãos e o uso de máscaras representam, aos olhos da população em geral, as principais ações associadas ao processo para evitar a propagação da doença, sendo igualmente necessárias para crianças. No entanto, as necessidades reais se estendem bem além das ações mencionadas, e a população infantil pode exibir muita dificuldade de compreender e assimilar todas as necessidades, e os comportamentos subjacentes a elas associados por esse cenário pandêmico. Devido às características peculiares às crianças, e na medida das diferentes idades, estas podem ser especialmente sensíveis ao comportamento dos familiares (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981), o que portanto oferece um risco adicional para o equilíbrio psicossocial desse estrato da população. Nesse sentido, destacam-se as dificuldades do público infantil compreender e superar as diversas expressões de estresse que ela própria vivencia em uma pandemia, bem como, aquelas presentes nos adultos ao seu redor, que muitas vezes se encontramem estados emocionais fortemente impactados pelas consequências ou riscos decorrentes da COVID-19 (FIOCRUZ, 2020). Os reflexos de tais dificuldades e limitações, juntamente como a crise econômica que acompanha a atual pandemia, podem vir a gerar quadros dramáticos, como o aumento do risco de ocorrência episódios de violência familiar. Sobretudo, aspectos ligados aos significativos desequilíbrios sociais presentes na sociedade brasileira, associados ao ambiente de estresse coletivo gerado pela pandemia, podem compor barreiras significativas no processo de busca por meios alternativos de comunicação e acesso para a promoção de saúde.

As crianças, ainda que possivelmente menos sujeitas a riscos com a doença causada pelo vírus SARSCoV-2, quando comparadas aos adultos,

por outro lado, no âmbito psicossocial podem ser consideradas mais vulneráveis. Desse modo, a busca por proposições que conduzam ao estabelecimento de vias alternativas de continuidade do projeto Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola, ainda que permeada pela aceitação prévia de que poderão não ser tão efetivas quanto as presenciais, representam uma oportunidade de promover um importante apoio a um público que não raro em situações de estresse social está mais vulnerável e sujeito a riscos de carência de amparo.

A superação dos inúmeros obstáculos em projetos de extensão em uma pandemia é sem dúvidas complexa, exigindo estratégias criativas, revisão de metas, e, sobretudo uma considerável flexibilização quanto às possibilidades realistas de acesso ao público alvo. Ao mesmo tempo, também pode proporcionar a descoberta de uma nova visão do trabalho extensionista, e assim representar escrutínio de novas oportunidades (CAETANO *et al*., 2020).

Um momento histórico tão crítico, que trouxe demandas emergenciais de uma maneira tão imperativa e intempestiva, provocou entre outros problemas um abalo generalizado na forma com que as pessoas interagem socialmente. Assim, a proposição de soluções para as práticas em projetos extensionistas se tornaram essenciais para a sua continuidade.

Os impactos e as imposições decorrentes do cenário continuado de incertezasgerados pela pandemia da COVID-19 no contexto do projeto "Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola"

O projeto de extensão "Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola"foi formatado com a composição de cinco ações em seu escopo, uma para cada instituição parceira, as quaisvinham sendo regularmente desenvolvidasaté o período anterior a pandemia. Cada uma das cinco ações foram identificadas com o nome da respectiva instituição parceira, e abarcaram em seu escopo um conjunto de proposições metodologias para Promoção de Saúde bastante similares, entretanto, de cada instituição, adaptadas na dependência da infraestrutura e características individuais de cada

instituição. As ações vinham se desenvolvendo através das atividades básicas, como interpelações breves em salas de aula, comuns a todas as ações, ver figura 1, bem como, de modo diferencial, por exemplo, com a inclusão de práticas de higiene oral ou atividades coletivas naquelas instituições que possuem espaços próprios para essas atividades, ver figuras 2 e 3.

Considerando o papel das Escola como promotora de saúde (DEMARZO; AQUILANTE, 2008), as restrições no convívio social e as muitas incertezas que acompanham a pandemia de COVID-19 resultaram em um grande impacto impeditivo sobre as ações do projeto, bem como, estreitaram os possíveis redirecionamentos alternativos viáveis para contornar as barreiras impostas pela crise sanitária em andamento.

Figura 1 – Acadêmicas interagindo com escolares, sob supervisão de uma das professoras da instituição parceira.

Fonte: Acervo do Projeto.

Figura 2 – Membros da equipe executiva do projeto realizando práticas de higiene oral em espaço próprio para esse fim em uma instituição parceira.

Fonte: Acervo do Projeto.

De modo geral, vários aspectos do cotidiano das práticas extensionistas que até então eram considerados coadjuvantes em projetos de extensão, como é o caso do uso das tecnologias de informação e comunicação, em especial mídias sociais, passaram repentinamente a ter um papel principal em grande parte dos projetos ativos nas universidades brasileiras (CAETANO *et al*., 2020). O projeto de extensão Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola tem sido reestruturado enfatizando o uso mais intenso desses recursos, já que representam a melhor possibilidade de continuidade do trabalho na direção às metas propostas e, ao mesmo tempo, para manter a equipe executiva ativa e motivada e ativa no enfrentamento da crise sanitária, até que essa possa ser superada.

Atualmente o projeto está estruturado por uma equipe composta por oito integrantes ao total, três docentes, com formação e atuação multidisciplinar envolvendo as áreas de Ortodontia e Odontopediatria, e cinco alunos de graduação do curso de Odontologia da UFPel, entre eles um bolsista e quatro voluntários. O projeto que está vinculado ao programa "Crescendo com um Sorriso", o qual articula em seu escopo dois projetos de extensão na UFPel que compartilham da meta comum de Promoção de Saúde na infância. A inserção do projeto no programa, proporciona ainda articulação de ações interprofissionais,

com envolvimento com projeto de extensão do curso de Enfermagem e com outros projetos e grupos da UFPel ativos junto à comunidade.

A sua criação, por ocasião de ter sido contemplado com financiamento via edital ProExt/MEC/2015, o programa Crescendo com um Sorriso, juntamente com o projeto Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola nele inserido, coincidiu com a ocorrência de extinção do referido edital, e com a eclosão de uma das maiores crises no âmbito político, social e econômico que o país já atravessou. Assim, nos últimos anos, a equipe de coordenação do projeto precisou enfrentar intensas necessidades relacionadas à escassez de recursos destinados às universidades públicas brasileiras, em especial no âmbito da extensão, em razão do prolongado desequilíbrio conjuntural que caracterizou o país nesse mesmo período.

O projeto Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola, que outrora teve uma equipe executiva significativamente maior que a atual, já contou com onze bolsistas em atividade concomitante, os quais garantiam atividades continuadas capazes de atingir o dobro de instituições escolares em relação o momento atual. Nos últimos anos foi possível atingir um expressivo número de escolares em suas ações, cerca de 1700 crianças, mas esse número vem no entanto forçosamente declinando ao longo do tempo (MICHELON; BANDEIRA, 2020), em razão da crise de contexto conjuntural já mencionada.

No atual momento, o projeto é mantido devido principalmente à motivação e esforço voluntariado de professores e alunos, bem como, pelo apoio institucional, via editais regulares da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel, que é no entanto limitado ao orçamento da instituição. Contudo, as experiências vivenciadas pela equipe executiva do projeto ao longo do processo de superação das dificuldades relacionadas aos cortes orçamentários governamentais sistemáticos em anos anteriores, ainda que altamente prejudiciais e indesejáveis, proporcionaram a resiliência necessária para que seja possível viabilizar, no atual contexto de grave crise sanitária em curso, uma mobilização imediata de seus membros integrantes. Seus membros têm trabalhando na construção de soluções que permitam a continuidade da Promoção de Saúde na infância no âmbito da Odontologia, que na verdade é a meta essencial do projeto, bem como, do programa em que este se encontra inserido.

Nesse sentido, as reuniões regulares da equipe executiva, outrora presenciais, atualmente se dão através de encontros virtuais sistemáticos. Nessas reuniões, muitos debates e reflexões têm ocorrido com o objetivo de materializar alternativas de continuidade das ações originalmente previstas no projeto. Assim, prevendo um possível cenário de retorno progressivo e limitado para as atividades escolares na região, é visto na coparticipação de professores das cinco escolas parceiras, a principal via para continuidade para os objetivos programáticos do projeto junto as instituições parceiras, ao menos em médio prazo, se considerada a provável necessidade de continuidade do distanciamento social em uma hipótese de retorno de suas atividades regulares. Contudo, a interrupção continuada das aulas nas escolas públicas, e o confinamento dos escolares permanecem como barreiras impeditivas significativas e consistentes (MACHADO, 2020).

Enquanto muitas incertezas continuam, o grupo de integrantes do projeto tem realizado atividades voltadas às temáticas de saúde, e de maneira a trabalhar colaborando no enfrentamento da pandemia junto ao público infantil. Assim, o grupo de integrantes do projeto desenvolve atividades voltadas para as vias alternativas de conscientização sobre os riscos trazidos por falhas na higiene oral, manutenção de hábitos deletérios à saúde oral, como asucção não nutritiva, problemas posturais, problemas ligados à respiração bucal crônica e ocorrência do bruxismo na infância, entre outros temas. Além disso, é fomentada a valorização de comportamentos favoráveis à saúde, como aleitamento materno, realização de atividades físicas, vigilância postural, entre outros.

A produção de materiais como infográficos e animações para uso em mídias digitais foram ampliadas e diversificadas. A necessidade do aumento da sua produção revelou – senão como dificuldade, mas mais como uma oportunidade para melhorias no projeto (CAETANO et al., 2020). Isso se deu por conta da percepção da boa receptividade que infográficos e animações digitais podem ter se adaptado ao universo infantil, já que os infográficos apresentam visual ilustrativo de alto impacto na comunicação em geral. Por outro lado, a falta de acesso aos meios digitais por grande parte da população permanece como uma grande preocupação.

Refletindo sobre estratégias metodológicas alternativas para Promoção de Saúde na infância e no enfrentamento da pandemia da COVID-19

A percepção da necessidade de enfatizar a Promoção de Saúde e o enfrentamento da pandemia da COVID-19 com o uso de tecnologias de informação e comunicação como medida alternativa, levou a equipe do projeto ao encontro de uma concepção mais aberta do acesso à comunidade, considerando que 74,7% dos brasileiros utilizam a internet (IBGE, 2018).

O uso de divulgação digital mais enfática, via site do projeto no servidor da UFPel, envolvendo redes sociais e outras mídias, tem demonstrado que é possível atingir potencialmente uma audiência significativamente mais elevada, e assim incluir a participação de um número maior de crianças e outros públicos, os quais se encontravam anteriormente fora do alcance na proposta das ações presenciais originais do projeto, devido ao bem conhecido maior uso corrente desses meios (IBGE, 2018; MACHADO, 2020).

Nessa perspectiva, o grupo de trabalho do projeto elaborou proposições novas para Promoção de Saúde e divulgação de informações relacionadas às necessidades sanitárias geradas pela pandemia de forma digital adaptada ao público infantil, usando como meio de divulgação de informações o formato dos já referidos infográficos e a internet. Esse formato de comunicação, devido à disponibilidade de aplicativos de construção de infográficos de acesso livre, passaram a ter sua elaboração mais acessível e facilitada. Os infográficos foram confeccionados de maneira a sensibilizar o imaginário infantil, ver figuras 3 e 4, e ao mesmo tempo divulgar informações e conteúdos educativos importantes em saúde, incluindo medidas de enfrentamento da pandemia, ver figura 5. Muitos softwares para edição de vídeos e plataformas de design gráfico representam múltiplas alternativas como a possibilidade de confecção de vídeos e materiais diversos. Essa oferta é importante porque o vídeo é um meio de comunicação audiovisual presente em ambientes virtuais, sendo que assisti-los pode constituir a finalidade de 86,1% da população brasileira com acesso à Internet (IBGE, 2018).

Figura 3 – Infográficos com incentivos à higiene oral para uso em mídia social, os quais foram produzidos pela equipe do Projeto usando a plataforma livre Canva.

Fonte: Elaborado pela equipe.

Figura 4 – Infográficos com incentivos à higiene oral de apelo motivacional inspirado no "dia das bruxas", produzidos pela equipe do Projeto na plataforma livre Canva.

Fonte: Elaborado pela equipe.

Figura 5 – Infográficos com incentivos para adoção de condutas de enfrentamento da pandemia, que formam produzidos pela equipe do Projeto usando a plataforma livre Canva.

Fonte: Elaborado pela equipe.

As animações em vídeo simples e curtas podem trazer resultados eficientes na comunicação para promoção de saúde, além disso, oferecem a possibilidade de serem adaptadas ao ritmo do expectador, permitindo uma melhor compreensão dos conteúdos. Por essas razões, os vídeos vêm se tornando cada vez mais populares, sobretudo, muitos softwares de edição de vídeos são livres e destinados ao público leigo, sendo, portanto acessíveis e menos exigentes em relação às habilidades técnicas necessárias para seu uso.

As mídias de engajamento social oferecem possiblidades ágeis e dinâmicas para divulgação de temáticas de Promoção da Saúde, com destaque para o recurso de compartilhamento de conteúdos produzidos em outros projetos semelhantes, os quais disponibilizam seus produtos para essa finalidade. Assim, a atividade de "compartilhar" conteúdos em redes sociais, constitui uma estratégia que oferece grande vantagem na ampliação e diversificação do processo educativo em saúde do projeto, e consiste em um caminho de duas vias, ou seja, também os conteúdos produzidos no projeto Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola, por exemplo, podem igualmente ser disponibilizados para compartilhamento público nas redes sociais, tão populares no momento atual (MACHADO, 2020).

Entretanto, apesar do grande potencial de oferta de conteúdos em mídias sociais, tal oferta pode por vezes apresentar alguns problemas, e não raro encontram-se conteúdos que, a despeito de se tornarem populares, carecem de qualidade e confiabilidade. Por essa razão, além da preocupação na elaboração qualificada dos conteúdos do próprio projeto, foi criado um plano de trabalho, envolvendo discentes, especialmente dedicada a tarefa de seleção de conteúdos para compartilhamento em meios digitais. O discente bolsista do projeto tem papel de responsável principal nessa atividade, para a qual foi preparado e orientado organizar as buscas e seleções de conteúdos de interesse para o projeto, devendo manter a prática regular de submeter os resultados à coordenação do projeto para uma aprovação final antes da sua divulgação. Nesse trabalho, os discentes envolvidos foram orientados ainda a priorizar suas buscas em mídias de divulgação originadas em sites ou páginas na internet de instituições que gozam de crédito reconhecido e consolidado, como é o caso do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), instituições acadêmicas, fundações como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ONGs reconhecidas, entre outros.

Nesse sentido, verificou-se que mesmo em uma mesma fonte qualificada, podem ser encontrados uma gama ampla de conteúdos, os quais são gerados em diferentes iniciativas das mesmas, com conteúdos envolvendo educação voltadas para saúde da criança que podem ser aproveitadas. Nesse sentido, é possível destacar como exemplo duas iniciativas importantes na UNICEF, as quais trazem consigo uma ampla variedade de informações e conteúdos versando sobre temáticas relacionadas aos objetivos do projeto, sendo elas a "Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) e "O Selo UNICEF".

A IHAC é um selo de qualidade conferido aos hospitais que cumprem os chamados "10 passos para o sucesso do aleitamento materno", além de outras diretrizes em saúde infantil disponibilizadas para compartilhamento.

O "Selo UNICEF" é uma outra iniciativa do mesmo órgão que disponibiliza para compartilhamento conteúdos digitais objetivando estimular e reconhecer avanços reais e positivos na promoção, realização e garantia dos direitos de crianças e adolescentes em municípios do Semiárido e da Amazônia Legal brasileira (UNICEF, 2020), estando entre esses o direito à saúde.

A organização de conteúdos em fontes selecionadas a partir de buscas via internet revelou-se um aporte importante ao projeto, constituindo parte significativa das atividades de rotina de voluntários e bolsistas no período da pandemia da COVID-19.

As necessidades emergenciais em saúde pública levaram os membros da equipe executiva do projeto a reconhecerem, nos meios digitais, uma possibilidade importante de superar as imposições geradas no estado de pandemia, e adicionalmente uma possibilidade de extrapolar os limites em termos de público alvo do projeto, originalmente circunscritos à esfera escolar, com ótimos resultados.

Entretanto, ao mesmo tempo, surgiram discussões e a expressão frequente de inquietações quanto às difíceis condições que certamente muitas famílias com crianças em idade escolar enfrentam nesse momento, ou mesmo que já enfrentavam antes do evento da pandemia. Nesse sentido, entre os problemas importantes identificados, ganha destaque a falta de um programa nacional efetivo em termos de inclusão digital. De acordo com dados do IBGE, o Brasil tem hoje identificadas cerca de 20 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever, o que por si só já é um dado alarmante, mas sobretudo, não há dados precisos sobre quantas pessoas se encontram sem acesso a meios digitais, ou despreparadas para viver a interação com as máquinas – os denominados "excluídos digitais" (BAGGIO, 2000).

Essas preocupações motivaram a equipe executiva do projeto a construir nova proposta, voltada para o uso de mídias tradicionais e populares como a radiodifusão, para levar a Promoção de Saúde infantil um maior número de crianças e familiares.

A "Rádio Federal FM", a primeira FM Educativa do Rio Grande do Sul, pertence à UFPel, e esse fato encorajou a equipe a levar em frente a elaboração de uma proposta para utilização de vinhetas voltadas à educação popular em saúde da criança dentro do âmbito do projeto.

A "Federal FM", como é mais conhecida, é uma estação de rádio brasileira com sede em Pelotas, RS, e opera na frequência 107,9 MHz FM.Trata-se de um veículo de comunicação de natureza educativa tradicional e prestigiado na região, tendo como escopo principal ações pedagógicas. Nesta perspectiva, a Rádio oferece ao público uma programação voltada para a difusão da ciência, da tecnologia, da inovação, da arte e

da cultura, entre outros temas, sempre orientada pela ampla divulgação dos direitos da cidadania.

As pressões originadas na crise sanitária relacionadas ao vírus SARSCoV-2 sensibilizaram a equipe executiva em relação ao potencial de construir ações voltadas para difusão da Promoção de Saúde na Rádio Federal FM, em função do seu grande potencial como meio de comunicação e da sua abrangência (GOUVEIA *et al.*, 2017), tanto sob a perspectiva do programa Crescendo com um Sorriso, como em relação ao projeto Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola. As atividades foram formatadas usando como elemento identificado o nome do programa de extensão universitária, Crescendo com um Sorriso, da UFPel, e com dois eixos programáticos. O primeiro realiza a difusão de informações em vinhetas curtas intituladas “Dicas para um Sorriso Saudável”, e segunda, para a difusão de informações relacionada a dúvidas comuns, através da palavra de especialistas das áreas da Odontologia, intitulada “Pergunte ao especialista”, que oferece a oportunidade da população enviar previamente, via telefone, e-mail ou outros meios, suas dúvidas em saúde oral.

Nesse prisma, foi identificado na região a presença de outras emissoras radiofônicas igualmente prestigiadas, as quais, dentro dos seus respectivos limites de acesso, podem vir a representar um potencial de aumento da Promoção de Saúde na infância promovidas pelo projeto, assumindo a radiodifusão como meio importante abrangente de inclusão social.

Apesar do difícil momento sanitário e econômico que a sociedade como um todo enfrenta atualmente, é importante ressaltar que os diversos meios de comunicação, seja digitais ou não, podem representar espaços essenciais de comunicação em saúde pública, em especial a radiodifusão pode ser vista como meio em destaque nesse sentido (GOUVEIA et al., 2017).

Os membros do projeto Promovendo Hábitos Saudáveis na Escola vivenciaram o difícil esforço para a superação das muitas barreiras geradas em um profunda crise sanitária, a qual foi infelizmente precedida de uma crise econômica e política grave, sendo sobreposição de ambas sem dúvidas o clímax de um dos momentos mais dramáticos da história do país.

Considerações Finais

Os desafios impostos pela dramática realidade sanitária trazida pela pandemia da COVID-19 ocasionarem problemas graves em variados âmbitos da sociedade, sobretudo, exerceram – e continuam exercendo – uma grande pressão psicossocial em toda a população, e com mais ênfase sobre públicos mais vulneráveis, entre estes se encontram as crianças. Essa percepção motivou os membros da equipe executiva do projeto a continuar seu caminho de buscas por soluções que contribuam para a continuidade o projeto Promovendo Hábitos Saudáveis da Faculdade de Odontologia da UFPel.

Os esforços no enfrentamento da pandemia causada pelo vírus SARSCoV-2 levaram professores e alunos envolvidos no projeto ao escrutínio de novos horizontes em suas práticas em extensão, assim como a descoberta de novas possibilidades dialógicas com a sua comunidade. A experiência possibilitou aos estudantes a aquisição de novas habilidades no sentido acadêmico, ao mesmo tempo que a ampliação do senso de humanização no trabalho comunitário. Esse processo, ainda que marcado pela comoção que caracterizou o começo da pandemia, demonstrou que o enfrentamento é uma possibilidade tangível.

Referências

BAGGIO, R. A sociedade da informação e a infoexclusão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 16-21, maio/agosto 2000.

CAETANO, R. *et al*. Desafios e oportunidades para telessaúde em tempos da pandemia pela COVID-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, p. 1-16, 2020.

DEMARZO, M. M. P.; AQUILANTE, A. G. Saúde Escolar e Escolas Promotoras de Saúde. *In*: **Programa de Atualização em Medicina de Família e Comunidade**, Porto Alegre, v. 3, p. 49-76, 2008.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/

saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia -covid--19-violencia -covid-19-violencia -na-covid-19 .pdf>. Acesso em: 08 set. 2020.

GAZZINELLI, M. *et al*. Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiência da doença. **Cardiologia Saúde Pública**, v. 21, n. 1, p. 200, 2005.

GOUVEIA, V. *et al*. Radiodifusão do saber: utilização de vinhetas voltadas à educação popular em saúde. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 25 - 36, 14 março 2017.

IBGE. **USO DE INTERNET, TELEVISÃO E CELULAR NO BRASIL**. IBGE Educa Jovens. Matérias especiais. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisaoe-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 23 set. 2020.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD - OMS. **Brote de enfermedad por coronavirus (COVID-19)**. Disponível em: <https://www.who.int/es/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 07 set. 2020.

MACHADO, P. L. P. Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 8, p. 58-68, junho 2020.

MICHELON, F. F.; BANDEIRA, A. R. (Org.) . **A Extensão Universitária nos 50 anos da UFPel**. 1. ed. Pelotas: Editora da UFPel, v. 1. 843p, 2020.

PETERSEN, P.E. The World Oral Health Report 2003: continuous improvement of oral in the 21st century-the approach of the WHO Global Oral Health Programme. **Community Dent Oral Epidemiol**, v.31, p.3-23, 2003.

RAPPAPORT, C.R.; FIORI, W.R.; DAVIS, C. **Teoria do desenvolvimento. Conceitos fundamentais**. v. 1. São Paulo: EPU, 1981.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF . **O Selo UNICEF**. Disponível em: <http://selounicef.org.br/sobre>. Acesso em: 09 set. 2020.

DOUVER MICHELON, graduado em Odontologia pela UFPel-RS. Doutor em Ortodontia pela UNICAMP-SP. Professor associado da Faculdade de Odontologia na UFPel-RS. Coordenador, vinculado ao projeto desde 2015.
E-mail: douvermichelon@gmail.com

CATIARA TERRA DA COSTA, graduada em Odontologia pela UFPel-RS. Doutora em Odontopediatria pela UFPel-RS. Professora adjunta da Faculdade de Odontologia na UFPel-RS. Coordenadora adjunta vinculada ao projeto desde 2015.
E-mail: catiaraorto@gmail.com

MARCOS ANTÔNIO PACCE, graduado em Odontologia pela UFPel-RS. Doutor em Odontopediatria pela UFPel-RS. Professor associado da Faculdade de Odontologia na UFPel-RS. Orientador vinculado ao projeto desde 2015.
E-mail: marcos.pacce@hotmail.com

GREICE REIS, graduanda em Odontologia na UFPel-RS. Bolsista vinculada ao projeto desde 2019.
E-mail: greicereis0905@gmail.com

PROJETO DE EXTENSÃO "ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS DA QUÍMICA FORENSE NO ÂMBITO PERICIAL"

Clarissa Marques Moreira dos Santos
Angélica de Avila Martins
Caroline Landim Corrêa
Emilly Fiuza Rodrigues
Letícia de Oliveira Voloski
Thais Ortiz Lopes

Introdução

O ano de 2020 tem sido completamente atípico em virtude da pandemia de *Coronavirus Disease* 2019 que assola o mundo. Tudo o que existia no pré-pandemia precisou ser revisto e adaptado visando a garantia da biossegurança. Aulas presenciais canceladas, eventos adiados sem data para realização e o isolamento social sendo a única arma para diminuir a velocidade de propagação da COVID-19. Os números de casos

diagnosticados de depressão praticamente dobraram, enquanto quadros de ansiedade e estresse tiveram um aumento de cerca de 80% no Brasil, conforme concluiu uma pesquisa realizada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (https://www.uerj.br/noticia/11028/).

O aumento expressivo de casos de ansiedade e depressão dá-se, em parte, pela ausência de controle acerca do momento vivenciado, quando anteriormente era considerado normal e, neste momento, não é mais praticável e nem mesmo temos a previsão do fim do isolamento social pelas questões de segurança a saúde.

Para amenizar a ocorrência destas situações, uma das alternativas que vêm sendo implementadas é a utilização do meio virtual para dar seguimento às atividades que ocorriam outrora presencialmente, seja através de conversas por aplicativos, aulas remotas, encontros virtuais e webconferências. Apesar de não substituir por completo a interação pessoal, a interação via internet é segura quanto a questão de saúde e mantém os vínculos existentes na vida pregressa à pandemia.

Neste sentido, também foi necessário adaptar o modo como o funcionamento da Universidade acontece, seja na relação com a comunidade acadêmica ou com a comunidade externa, que é, neste caso, um dos públicos alvos dos projetos de extensão, que tem por finalidade levar as práticas e conhecimentos universitários para além dos *campi*.

A realização de projetos de extensão é de extrema importância para a formação profissional dos alunos do curso de Química Forense, bem como para a sociedade em geral, implicando na ampliação do conhecimento sobre as ações dos químicos e assuntos periciais de ambas as partes. E, neste sentido, devido à ocorrência da pandemia atual, fez-se necessária a adaptação para os recursos virtuais, adaptando os encontros presenciais para *webinars* definido como uma junção dos termos *web based +seminar*, que em tradução livre significa seminário baseado em rede. Na prática, configura-se como uma palestra, conferência ou seminário *online*, de curta duração (no máximo duas horas), com a possibilidade de interação ao vivo com quem está assistindo a transmissão, via bate-papo *online* (https://study.com/academy/lesson/what-is-a-webinar-definition). Neste sentido, o projeto "*Webinar* Projeto de Extensão em Química Forense - WEB PEQF" tem colaboração de perito para a explanação de temáticas periciais e a interação com os participantes e mediadores. Essa

alteração de formato trouxe uma necessidade de mudança no escopo do projeto, o que, em um primeiro momento, parecia desafiador. Entretanto, por conta de tal alteração de formato, foi possível a expansão do projeto, atingindo pessoas de diversas áreas e localizações do país e até mesmo do exterior.

Metodologia

Para a organização inicial das ações de desenvolvimento do projeto de extensão, a coordenadora do projeto iniciou as tratativas de seleção dos discentes, fez-se necessário o preenchimento de um formulário enviado aos alunos de Química Forense da UFPel para que manifestassem o seu interesse em participar da ação como organizador.

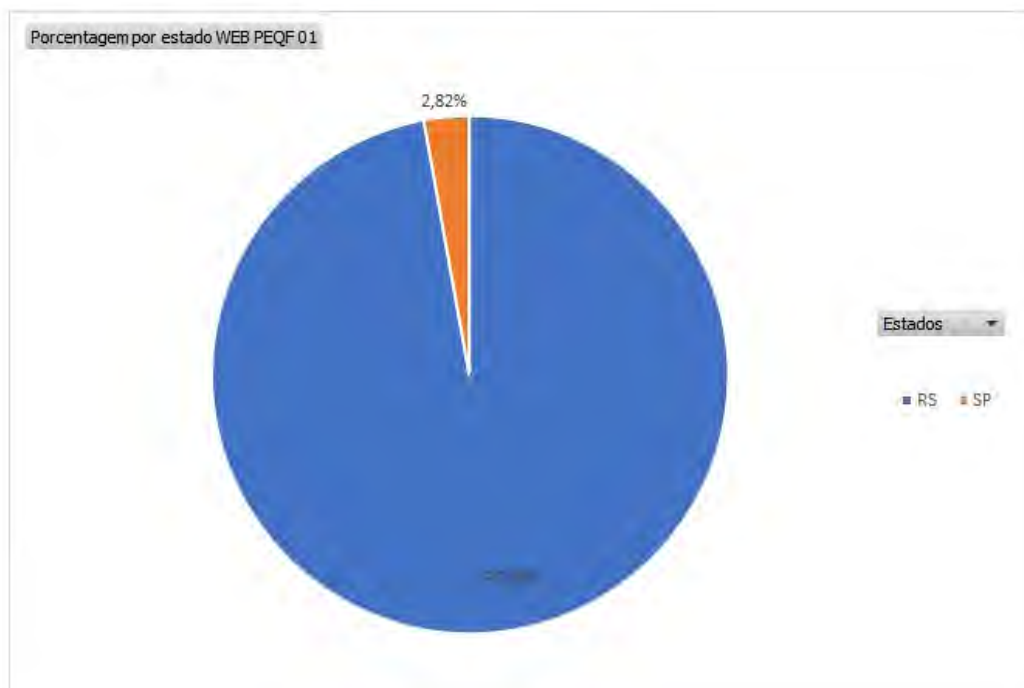
Selecionados os integrantes discentes para compor a organização, deu-se início à ação intitulada na modalidade de *webinar* com temáticas de Química Forense no âmbito pericial, denominado WEB PEQF, em maio de 2020, tendo sua duração prevista para até dezembro do mesmo ano. A ação está sendo desenvolvida com uma equipe de dez discentes do curso de Química Forense da UFPel, a colaboração do Perito Alexandre de Mattos Machado da Unidade Técnica da Polícia Federal de Pelotas, além da coordenadora do projeto, a profª. Clarissa Marques Moreira dos Santos.

Os assuntos abordados foram previamente organizados com a coordenadora do projeto e o perito, de modo que as temáticas fossem desenvolvidas com a difusão do conhecimento básico da Química Forense no âmbito pericial. O perito Alexandre propôs explanar as informações pertinentes na vivência profissional como perito e agregando sua formação profissional como Químico. Desta forma, as temáticas escolhidas para os seis *webinars no* período de julho a novembro são os seguintes: 01) "Cocaína, maconha, ecstasy e LSD e a importância do projeto PEQUI", 02) "NSP (novas substâncias psicoativas): um desafio para a química forense", 03) "Controle de produtos químicos e desvio para o tráfico de drogas", 04) "Análise de fraude em medicamentos, bebidas e combustíveis no âmbito pericial", 05) "Análise de adulterações em numerações de veículos e armas no âmbito pericial" e 06) finalização do projeto com temática pré-definida.

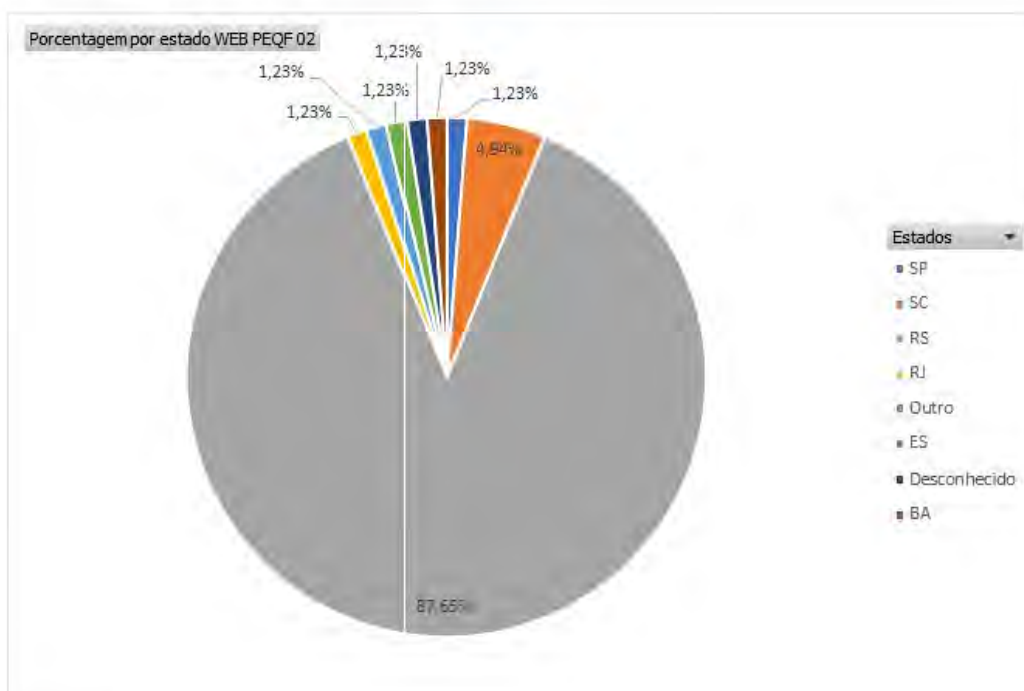
Realizou-se, então, quatro reuniões prévias na plataforma da webconferência da UFPel entre os discentes e a coordenadora do projeto para organização dos encontros como: separação dos discentes em grupos para atuarem como mediadores em cada *webinar,* organização sobre datas, horários e a plataforma utilizada para a realização dos *webinars*, além da escolha de uma identidade visual da ação e a criação de páginas em redes sociais para a divulgação do projeto e interação com o público, avisos sobre os encontros e a disponibilidade do *link* de acesso ao formulário de inscrição e de avaliação de cada *webinar.*

Resultados e Discussão

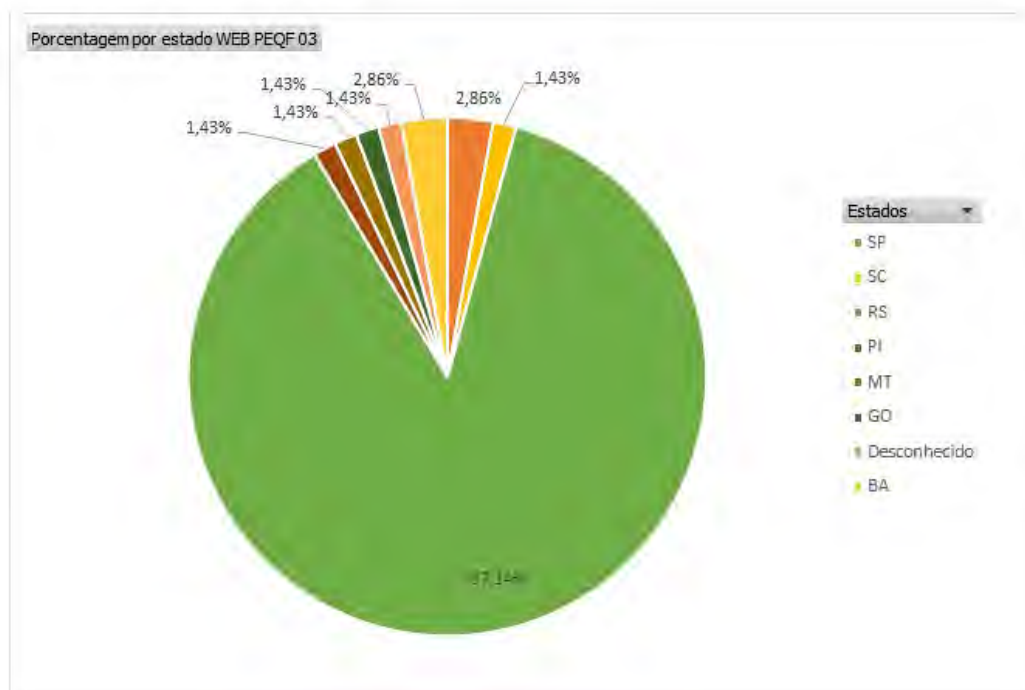
Foi definido que a ação WEB PEQF realizaria seis *webinars* até o final desta ação de extensão, sendo em novembro de 2020 e, até o presente momento três deles já foram realizados. Para cada *webinar* realizada foi feito uma divulgação prévia nas redes sociais da ação (*Facebook* com o nome WEB PEQF e um perfil no Instagram com o *user* @web_peqf), informando data, horário e temática. Além disso, foi disponibilizado um formulário de inscrição no *Google Forms* para preenchimento dos dados dos inscritos e um espaço para questionamentos prévios sobre o tema. De acordo com dados referentes aos estados em que reside cada um dos participantes dos *webinars*, coletados através deste formulário, temos os gráficos 1, 2 e 3 evidenciando o alcance do projeto:

Gráfico 1 – Porcentagem de participantes no WEB PEQF 01 por estado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No WEB PEQF 01, houve participantes dos estados do Rio Grande do Sul (97,18%) e de São Paulo (2,82%).

Gráfico 2 – Porcentagem de participantes no WEB PEQF 02 por estado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No WEB PEQF 02, houve participantes dos estados do Rio Grande do Sul (87,65%), São Paulo (1,23%), Santa Catarina (4,94%), Rio de Janeiro (1,23%), Espírito Santo (1,23%), Bahia (1,23%), Portugal (referente ao "outro" representado no gráfico - 1,23%) e desconhecido (1,23%).

Gráfico 3 – Porcentagem de participantes no WEB PEQF 03 por estado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, no WEB PEQF 03, houve participantes dos estados do Rio Grande do Sul (87,14%), São Paulo (2,86%), Santa Catarina (2,86%), Piauí (1,43%), Mato Grosso (1,43%), Goiás (1,43%), Bahia (1,43%) e desconhecido (1,43%).

A plataforma escolhida para os encontros foi o *Google Meet* e a organização de cada ação WEB PEQF inicia uma semana antes do webinar agendado, com a discussão prévia da temática entre os mediadores, perito e a coordenadora. Na data agendada de cada *webinar*, 15 minutos antes, a bolsista autoriza os inscritos, no seu ingresso a sala virtual da plataforma *Google Meet* e, às 18h inicia o *webinar* com a apresentação do projeto pela coordenadora e, na sequência, a bolsista apresenta o colaborador perito. Para interação com os participantes e o perito, o grupo de mediadores de cada *webinar* desenvolve a ação de forma dinâmica via ferramenta do bate-papo, áudio e câmera da plataforma.

Perguntas feitas previamente no formulário e feitas via bate-papo são questionadas ao perito por intermédio dos mediadores com a finalidade de difusão do conhecimento da temática. Ao fim de cada *webinar,* foi disponibilizado um formulário de confirmação de presença que possui também um espaço para considerações e avaliação sobre a ação de extensão WEB PEQF.

As temáticas abordadas até o momento foram "Cocaína, maconha, ecstasy e LSD e a importância do projeto PEQUI", na primeira *webinar*, "NSP (novas substâncias psicoativas): um desafio para a química forense", na segunda *webinar* e "Controle de produtos químicos e desvio para o tráfico de drogas", na terceira *webinar.* Cabe salientar que ainda estamos em desenvolvimento dos *webinars* com temáticas escolhidas e datas pré-agendadas até o final de novembro.

Conclusão

Portanto, como avaliação destes três encontros até o momento, os alunos colaboradores do projeto evidenciaram a enorme satisfação na amplitude de participantes alcançados, por ser uma modalidade remota, possibilitando a experiência de organizar um projeto com participação de público de outros estados e países. Além disso, a aproximação e interação com público que demonstra interesse pelas temáticas no âmbito pericial. Ademais, um desafio vencido pelos colaboradores foi a adaptação para a condição remota, não somente durante o *webinar,* mas também na divulgação do projeto, sendo necessário adquirir conhecimento nas temáticas para ampla divulgação e busca de público geral nas redes sociais, uso da plataforma virtual, habilidade em *design* e sua aplicação para fins de interação social. Além dos aprendizados absorvidos em decorrência desta adaptação, o Ciclo de Debates propiciou um conhecimento mais realístico das temáticas de acordo com a vivência do perito, além de uma interação tanto dos alunos que atuaram como mediadores, quanto do público em geral com a WEB PEQF.

Referências

STUDY.COM. **Webinar definition**. 2015. Disponível em: <https://study.com/academy/lesson/what-is-a-webinar-definition-tools-quiz.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

UERJ. **Pesquisa da Uerj indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena**. 2020. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/11028/>. Acesso em: 12 set. 2020.

UFPEL. **Abordagens teóricas e práticas da Química Forense no âmbito pericial**. Pelotas/RS - Brasil. 2020. Disponível em: <https://cobalto.ufpel.edu.br/projetos/coordenacao/projeto/editar/2036>. Acesso em: 05 de setembro de 2020.

Sobre as autoras

CLARISSA MARQUES MOREIRA DOS SANTOS, graduada em Farmácia na UFN. Doutora em Ciências - área de Química Analítica na UFSM. Professora adjunta da UFPel, no Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA). Coordenadora do Projeto.
E-mail: clarissa.marques@ufpel.edu.br

ANGÉLICA DE AVILA MARTINS, graduanda em Química Forense na UFPel. Voluntária do projeto.
E-mail: angelica19ch@gmail.com

CAROLINE LANDIM CORRÊA, graduanda em Química Forense na UFPel. Voluntária do projeto.E-mail: caroollandim67@gmail.com

EMILLY FIUZA RODRIGUES, graduanda em Química Forense na UFPel. Voluntária do projeto.E-mail: emillyfiuzarodrigues@yahoo.com

LETÍCIA DE OLIVEIRA VOLOSKI, graduanda em Química Forense na UFPel. Voluntária do projeto.
E-mail: leticiavoloski1999@gmail.com

THAIS ORTIZ LOPES, graduanda em Química Forense na UFPel. Voluntária do projeto.
E-mail: thais.ortiz.lopes@gmail

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ATRAVÉS DA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL EM MEIO À PANDEMIA DA COVID-19

Regiana Blank Wille
Camila Barboza Castro

Projetos de Extensão Universitária: que aprendizado é esse

Na estrutura da Universidade Pública Brasileira, visualizamos que ela se sustenta em três eixos: o ensino, a pesquisa e a extensão e estes devem ser abordados de forma indissociável. A extensão universitária é uma prática acadêmica que necessariamente conecta a universidade e a comunidade e corrobora para a formação do profissional cidadão, trazendo à tona a comunidade como um espaço privilegiado para produção de conhecimento significativo e capaz de superar desigualdades sociais (FORPROEX, 2001). A extensão universitária por sua vez possibilita a formação e a produção de conhecimentos envolvendo

professores e acadêmicos. E isso ocorre de forma dialógica, permitindo, muitas vezes, que a estrutura rígida das disciplinas curriculares, tenham uma flexibilidade curricular que possibilite uma formação mais crítica (JEZINE, 2004). A extensão tem um grande desafio de repensar a relação do ensino e da pesquisa frente às necessidades sociais. As contribuições da extensão são colocadas para que se efetive a cidadania e posterior transformação da sociedade. O modelo extensionista busca auxiliar a sociedade contribuindo para a melhoria dos cidadãos (CARBONARI; PEREIRA, 2007). De acordo com Jezine (2004, p.2), a função acadêmica da extensão se pauta na relação teoria-prática, o que configura "uma nova visão de extensão universitária, esta passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento". Significa envolver professores e alunos de forma dialógica, alterar a estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica (JEZINE, 2004).

A universidade através da efetiva relação dos acadêmicos com a comunidade corrobora para a formação de um profissional cidadão, ou seja, a extensão universitária é uma das estratégias básicas de relacionamento, seja para que o acadêmico se situe historicamente, se identifique culturalmente ou para referenciar sua formação com os problemas que um dia terá que enfrentar (BRASIL, 1999). Assim, a relação mais direta entre universidade e comunidade é proporcionada pela extensão universitária, destacando que este é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político. Mas sempre disposto sobre o princípio da indissociabilidade, capaz de promover a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2010).

Os projetos de extensão aqui relatados foram criados em 2003 e 2007 respectivamente e denominam-se Musicalização para Bebês e Musicalização Infantil, ministrados pela professora/coordenadora e acadêmicos (as) do Curso de Licenciatura. Os projetos além de atenderem a comunidade em geral proporcionando uma vivência musical, possibilitam aos acadêmicos uma forma de ampliar o que é aprendido durante sua formação, reforçando e contribuindo na construção da sua identidade enquanto acadêmico e futuro educador. As crianças atendidas nos projetos têm idade entre dois meses e quatro anos. Nos Projetos de Musicalização, a participação do pai ou da mãe e/ou do cuidador (a)

durante as aulas é fundamental, os pequenos começam a ter contato com outras pessoas, estreitam os laços com as outras crianças e fortalecem o elo entre mãe/pai/cuidador (a) e bebê. As aulas têm uma estrutura pré-estabelecida proporcionando que a criança experimente várias vezes a mesma ação.

Nos Projetos de Musicalização a participação do pai ou da mãe e/ou do cuidador (a) durante as aulas é fundamental, os pequenos começam a ter contato com outras pessoas, estreitam os laços com as outras crianças e fortalecem o elo entre mãe/pai/cuidador (a) e bebê.

As aulas têm uma estrutura pré-estabelecida proporcionando que a criança experimente e desfrute várias vezes a mesma ação, pois as aulas de musicalização com crianças pequenas necessitam ser tratadas com muita competência e responsabilidade, em oposição a um ensino de música de produtos e de produtividades. Salientamos o valor uma educação musical inclusiva que contribua para formação de cidadãos/cidadãs e para o convívio com as diferenças, significa trazemos às crianças para esse contato com o mundo sonoro, de forma que não vemos as crianças como apartadas da sociedade, e que então precisam ser conduzidas por forças externas para que se tornem em membros que então tenham funcionalidade [musical] (CORSARO, 2011). Não temos como objetivos restringirmos a educação musical à formação musical numa referência à formação de músicos, performers, compositores, ou que nossas aulas resultem em apresentações, numa relação de produtividade onde o fazer musical (tradicional) seja objetivo.

Utilizamos como referenciais para embasamento teórico e musical os estudos de Beyer (2000), Ilari (2002), Feres (1989), Parizzi (2005) e Martins, Picosque e Guerra (1998), propiciando uma vivência sonora em consonância com fundamentos pedagógicos e psicomotores. Utilizamos também autores da Educação como Nóvoa (1995), Tardiff (1999) e da inclusão como Louro (2012), Schambeck (2016) entre outros. Destacamos a importância de oportunizar aos acadêmicos práticas ao longo da sua formação, considerando que não é somente a acumulação de conhecimentos que se constrói a formação.

Os projetos de extensão aqui relatados no decorrer dos anos foram crescendo, se ampliando e as turmas também foram aumentando.

Atualmente desenvolvemos atividades com bebês e crianças[1] na faixa etária de zero a quatro anos. Até dezembro de 2019 as aulas foram realizadas no LAEMUS- Laboratório de Educação Musical, tendo duração de aproximadamente trinta a quarenta minutos cada. Os projetos visam à prática e a vivência musical com bebês e crianças pequenas, possibilitando aos licenciandos experiências e práticas pedagógico musicais que enriquecem sua formação buscando torná-los mais próximos desta etapa tão significativa que é a infância. Os monitores do projeto são em sua maioria voluntários, assim como também alunos do Curso de Música Licenciatura de diversos semestres, mas também contando com alunos dos Cursos de Bacharelado em Música, alunos do Mestrado em Educação e voluntários de outros cursos da Universidade que, após passarem por uma preparação, auxiliam como apoio nas aulas. Atualmente contamos com dois bolsistas de extensão[2]. Os monitores são responsáveis pela organização da sala de aula, limpeza, esterilização dos brinquedos e dos instrumentos utilizados pelos bebês, recepção dos pais e cuidadores, apoio na entrega e troca de materiais durante as atividades e, é claro, condução das aulas com violão, piano e/ou instrumentos que tiverem domínio, bem como o desenvolvimento das atividades através do canto.

As aulas de Musicalização antes da Pandemia

Até o último semestre regular de aulas (2019/02), as aulas de musicalização ocorriam presencialmente de segunda a quinta no Laboratório de Educação Musical da universidade, atendendo duas turmas por dia e cada turma com até dez bebês/crianças acompanhados de seus pais/cuidadores, que frequentavam as aulas uma vez por semana. A rotina dos monitores tratava de higienizar e organizar a sala, colocar tapetes e almofadas num grande círculo (para que todos possam se enxergar), esterilizar com álcool todo material cujos bebês/crianças tinham contato

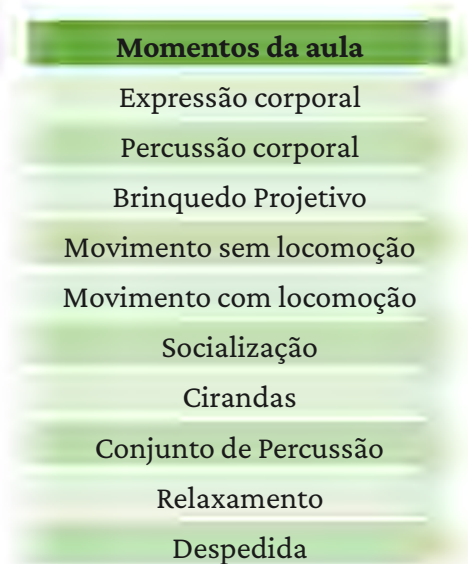
1. Como os projetos se subdividem em Musicalização para Bebês (0-2 anos) e Musicalização Infantil (2-4 anos), neste trabalho estaremos utilizando os termos bebês/crianças.

2. As bolsas são disponibilizadas via edital pela Pró Reitoria de Extensão e Cultura.

(tambores, chocalhos, cachorrinhos de borracha, palhacinhos de papelão forrados com plástico), organizar o repertório, realizar aquecimento vocal, afinar instrumentos e finalmente, abrir a porta para receber nossas crianças e acompanhantes para a aula.

A estrutura das aulas possuía uma organização fixa, tendo como objetivo promover a sensibilização musical utilizando o canto, jogos e brincadeiras, movimentos e sons corporais, de forma a respeitar as etapas de desenvolvimento físico, motor e cognitivo-musical de cada bebê/criança observada a faixa etária. A partir disso, tínhamos a seguinte organização:

Figura 1 – Organização de atividades.

Momentos da aula
Expressão corporal
Percussão corporal
Brinquedo Projetivo
Movimento sem locomoção
Movimento com locomoção
Socialização
Cirandas
Conjunto de Percussão
Relaxamento
Despedida

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessa forma, cada momento tinha seu papel na promoção do processo de aprendizagem e sensibilização referido. Observamos, durante as aulas presenciais, a mudança que ocorre na interação dos pais/cuidadores com seus filhos quando entram para o projeto, a maioria lida com timidez, contidos procurando não errar os gestos que estão sendo aprendidos também por eles, buscando alcançar os outros pais/cuidadores e deixando para segundo plano a execução do bebê/criança. Os pais que já estão acostumados com a rotina do projeto conseguem desfrutar melhor deste momento, compreendendo que o mais importante nas aulas é a troca de afeto com seus pequenos, momento de criar

boas recordações, fortalecendo os laços e aprendizados através do fazer musical, sabendo que a execução aperfeiçoada dos gestos vem com o tempo, como resultado natural da participação ativa, bem como a própria musicalização.

Beyer (2000) e Ilari (2002) afirmam que as aulas de musicalização para bebês/crianças contribuem para um melhor relacionamento afetivo com seus pais/cuidadores, quando estes participam ativamente das aulas, dessa forma, os pais passam a ter um papel muito significativo no desenvolvimento musical de seus filhos, consequentemente propiciando um ambiente mais eficaz para o aprendizado musical em casa, já que cantam e estimulam de forma efetiva este resultado.

As aulas de Musicalização com a Pandemia

Nosso primeiro grande desafio nos projetos foi em 2016 quando os pais de crianças com autismo nos procuraram para que seus filhos tivessem a possibilidade de participar da musicalização e, assim, a inclusão passou a fazer parte dos nossos objetivos[3]. Neste ano de 2020, encontramos possivelmente o maior ou segundo maior desafio do projeto. Estamos experienciando há mais de seis meses a vida de uma nova forma, a vida em meio a uma pandemia, da COVID-19. Trata-se de uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus que foi identificado pela primeira vez no ano passado, em dezembro de 2019 na China. É um vírus que se espalhou pelo mundo e foi encontrado no Brasil em fevereiro de 2020[4], sendo fácil e rápida sua transmissão.

> As evidências disponíveis atualmente apontam que o vírus causador da COVID-19 pode se espalhar por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com

3. Ingressaram no projeto várias crianças com Transtorno do Espectro Autista e a partir daí várias ações foram realizadas até a criação de um Grupo de Estudos e Projetos de Pesquisa.

4. Linha do tempo da pandemia da COVID-19 em https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil, 28 de agosto de 2020.

> pessoas infectadas através de secreções como saliva e secreções respiratórias ou de suas gotículas respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta. As pessoas que estão em contato próximo (a menos de 1 metro) com uma pessoa infectada podem pegar a COVID-19 quando essas gotículas infecciosas entrarem na sua boca, nariz ou olhos (OPAS, 2020).

No final do mês de janeiro deste ano, a Organização Mundial da Saúde declarou que o surto da doença constituía o nível mais alto de alerta da organização, uma *Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional*. Logo, em 11 de março, a pandemia da COVID-19 foi oficialmente caracterizada e declarada pela OMS. Na mesma semana, a universidade, reconhecendo a gravidade da situação, suspendeu as atividades acadêmicas por três semanas[5].

A prefeitura da cidade pouco tempo depois suspendeu atividades *não essenciais*[6] a fim também de combater a pandemia. Havendo crescimento da doença no país e na cidade, ao final da primeira suspensão, a UFPel prorrogou a suspensão de todas atividades presenciais até final do mês de junho[7]. Não havendo qualquer melhora no quadro pandêmico do país, em julho é anunciada a suspensão oficial do calendário acadêmico de 2020 por tempo indeterminado[8].

5. UFPEL suspende atividades acadêmicas março 3 semanas 13 a partir do 16 março. https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/03/13/ufpel-suspende-atividades-academicas-por-tres-semanas

6. Prefeitura decreta fechamento do comércio em 20 de março: http://www.pelotas.com.br/noticia/prefeitura-decreta-o-fechamento-do-comercio-a-partir-deste-sabado-devido-a-pandemia

7. Prefeitura decreta fechamento do comércio em 20 de março: http://www.pelotas.com.br/noticia/prefeitura-decreta-o-fechamento-do-comercio-a-partir-deste-sabado-devido-a-pandemia

8. Suspensão do calendário 2020. Julho: http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/07/29/nota-da-gestao-suspensao-das-atividades-presenciais/
http://www.pelotas.org.br/site/noticias/reitoria-da-ufpel-suspende-atividades-academicas-presenciais-at-31-de-dezembro

A universidade suspendeu suas aulas e todas as atividades presenciais foram canceladas no dia 16 de março, quando nossos projetos estavam exatamente realizando as inscrições para o novo ano letivo. Aguardamos então a possibilidade de uma volta, que não ocorreu como dito anteriormente. Em meio a este caos que se instaurou em meados de abril, com tentativas de adaptação a um calendário alternativo e com possibilidade de aulas online da universidade, nós ainda estávamos aguardando um possível retorno que não sucedeu. Obviamente havia também a preocupação evidente com os projetos de extensão, principalmente porque trabalhamos com crianças. Nessas relações extensionistas, é estabelecido um vínculo entre comunidade e universidade, entre criança e educador, criança e rotina. A criança e seu contato com a música é nosso principal objetivo, são as crianças nossas protagonistas nos projetos acompanhadas de seus pais e/ou cuidadores. A participação dos pais no projeto não se restringe apenas a acompanhar os bebês e crianças, mas também a reproduzir as atividades em casa, cantando com os filhos e os incentivando a cantar, a realizar as dinâmicas trabalhadas nas aulas do projeto, a terem vivências musicais dentro e fora de casa, contribuindo assim para o desenvolvimento musical e cognitivo da criança. De acordo com Filipak e Ilari (2005): “Educando musicalmente pais e crianças, futuramente teremos bons ouvintes e apreciadores musicais”, ou seja, a musicalização tem uma influência sobre todos os participantes do projeto até mesmo na perspectiva de apreciar as músicas. Os pais, em grande parte, cantam as canções utilizadas na musicalização em outros momentos do cotidiano, isso nos faz refletir sobre a família estar se musicalizando juntamente com seus filhos. Essas questões envolvidas no projeto de extensão foram então os fatores principais que provocaram o movimento tomado pelo grupo neste período de isolamento e suspensão das atividades presenciais.

Dessa forma, no contato feito nas reuniões virtuais entre coordenadora e monitores, percebemos que seria necessário tentar manter esses vínculos de alguma forma. Sabendo que esta é uma situação temporária, porém sem data de término ou de volta a uma dita “normalidade”. Mantivemos então nossas reuniões semanais de maneira virtual, através da plataforma disponibilizada pela universidade, realizando nossos estudos sobre infância e musicalização, tentando também manter nossos

vínculos discentes e discente-docente. Nessas reuniões, foi consenso realizar alguma ação em relação ao projeto, às crianças, tentar manter o contato extensionista. Pensamos em fazer aulas ao vivo em formato de *lives*[9]abertas pelo *Instagram, Facebook ou Youtube;* gravações de atividades isoladas em formato de oficina a serem disponibilizadas em alguma plataforma. A discussão levou algumas reuniões virtuais, pensando em todas os fatores que envolviam esse tipo de ação: didática, acesso à internet, equipamentos necessários, planejamento musical pedagógico, quantidade de conteúdo semanal, quantidade de monitores disponíveis, relação dos conteúdos com a faixa etária diversa das crianças, entre outros. A decisão tomada, a metodologia escolhida, ou melhor, o desafio foi: realizar duas gravações de aula de musicalização infantil por semana que seriam disponibilizadas via canal do *Youtube*, apenas para os alunos já matriculados anteriormente nos projetos.

Diferentemente do projeto em modo presencial, no qual selecionamos as turmas por faixa etária de 0-2, 2-3 e 3-4 anos, no formato online e completamente novo para todos, não seria viável para o grupo realizar quatro aulas semanais. Então aproximamos as idades da melhor forma possível, pensando o desenvolvimento cognitivo, e gravamos uma aula para a turma de 0-2 anos e outra para a turma de 2-4 anos.

Pensando na capacidade de concentração de crianças tão pequenas, acreditamos que nosso roteiro de aula precisava ser reduzido, pois sem o contato presencial com os colegas e professores provavelmente não seria possível manter a atenção das crianças em uma tela por trinta minutos. Consideramos ainda o que a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) tem alertado sobre a criança menor de 3 anos e o mundo digital. Significa pensar na prevenção da intoxicação digital com recomendações e materiais de apoio presentes em documentos elaborados desde 2016. A aceleração das redes sociais pela Internet com a multiplicação do acesso aos vários aplicativos e jogos online direcionados às crianças e adolescentes, requer cada vez mais o alerta e a atenção de todos que lidam com as tarefas de responsabilidade dos cuidados de saúde durante

9. *Lives* são transmissões ao vivo pelas plataformas digitais, popularizada em escala mundial durante a quarentena da COVID-19 - https://exame.com/revista-exame/o--mundo-e-uma-live/ .

a infância e a adolescência, principalmente em tempos como estes em que estamos, em que tudo está sendo feito por via remota e através de telas. Destacamos que esta não é uma preocupação só desse momento em que estamos vivendo uma pandemia e precisamos estar em isolamento social. Para Sarmento (2015) é preciso ter em conta que:

> A criança é um corpo brincante, mas brincante, muitas vezes, com tecnologias visuais, tecnologias como televisão, computadores, celulares etc. Este é, portanto, um corpo confinado, restrito, mas um corpo também que se exprime como uma linguagem, portanto, um corpo falante e, nesse sentido, um corpo que passa a resgatar, pela sua linguagem, algumas formas de dominação que o tentam conformar num corpo apagado, um corpo calado, um corpo silenciado (SARMENTO, 2015, p.19).

Nosso trabalho nos projetos abrange crianças e bebês e procuramos as melhores possibilidades de desenvolvê-los musicalmente através de atividade lúdicas, motoras, corporais e com interação, pensando a criança como um sujeito que pode ser mais autônomo, mais competente no domínio da sua musicalidade, mais livre também e, por isso mesmo apto para todas as aprendizagens. Sendo assim, para as crianças não ficarem tempo demais em frente às telas, reduzimos cada momento da aula, o número de atividades e canções, porém, mantivemos a estrutura principal realizando atividades que consideramos essenciais, que relembram nossa rotina presencial, como, por exemplo, as músicas de saudação e despedida. Isso posto, ficamos com a seguinte estrutura para aulas em vídeo:

Figura 2 – Organização de atividades.

Momentos da aula	
0-2	**2-4**
Saudação	Saudação
Brinquedo projetivo	Expressão corporal
Movimento sem locomoção	Escala musical
Conjunto de percussão/cirandas	Conjunto de percussão/cirandas
Despedida	Apreciação musical
	Relaxamento
	Despedida

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Essas deliberações foram parte importante do processo, como também o critério de duração da aula, o qual tomamos por padrão a média de 10 minutos, podendo chegar a no máximo quinze minutos com as edições de vídeo. Estas foram feitas por cada monitor responsável pela aula da semana. Cada dupla ou trio teve a atribuição de se comunicar e realizar as gravações, edições e postagem do vídeo no canal do *Youtube* do projeto criado para este fim. Para as primeiras aulas gravadas e melhor organização do cronograma, um monitor mais antigo e experiente do grupo se voluntariou para fazer dupla ou trio e assim auxiliar outros monitores mais novos. Desta maneira, houve a possibilidade de se apoiarem, trocarem experiências e também se responsabilizar e aprenderem juntos essa nova etapa de ensino remoto. Entretanto, desde o começo, surgiram algumas dificuldades. Alguns monitores, muitas vezes não conseguiam sequer participar das reuniões online onde discorremos sobre esses assuntos. Não puderam participar porque sua conexão com a internet era fraca, porque o sistema ficava por vezes sobrecarregado e travava os vídeos, tivemos *delay* nos áudios, impossibilitando entendimento das falas dos colegas e da coordenadora. Dessa forma, foi demasiado complicado receber o vídeo dos colegas ou conseguir fazer o *upload* do vídeo em alguma plataforma. Mesmo que nossos objetivos

e intenções fossem as melhores, algumas questões não são fáceis de resolver e fogem das nossas capacidades. A falta de acesso dos monitores a uma boa rede de internet, computadores, programas de edição foram questões que dificultaram o trabalho.

Para as gravações, são necessários ao menos um bom local com certo isolamento acústico e um bom aparelho celular ou câmera para captar o áudio e vídeo, condições que nem sempre estão disponíveis ou sequer são existentes para parte dos graduandos, tendo em conta ainda que alguns de nossos monitores não possuem um bom instrumento musical em casa (violão, piano, teclado), eles vêm para a universidade estudar. Circunstâncias provocativas a pensarmos que nesse período de isolamento estamos vivendo num espaço antissocial, onde os esforços educacionais se exaurem, no ir e vir concreto na tensão permanente da cidade, quando muitos dos atingidos são reduzidos à espécie, numa agressão ao indivíduo e numa desagregação da sociedade (FRAGA, 2007). Muitas vezes quando se fala nesse ensino emergencial se pressupõe que todos e todas têm o mesmo acesso e condições, mas em nosso projeto ficou evidente que não, porque o acesso dos licenciandos ficou prejudicado, não somente das crianças.

Então as aulas de musicalização online funcionam?

Essas problemáticas vinculadas ao uso de tecnologias cibernéticas para realização das aulas pelos monitores, também foram nossa preocupação em relação às famílias das crianças. Questões como o acesso à internet e a um dispositivo passível de executar os vídeos. Tal reflexão sobre as famílias também fez parte na tomada de decisão pelo nosso formato das aulas online. Nesse quadro pandêmico com as escolas fechadas, as crianças estão em casa, os pais e mães além de já terem de fazer sua própria adaptação com o trabalho remoto, têm de fazê-lo com a presença de todas as crianças em casa. Muitas vezes, sem espaços ideais ou auxílio de pessoas externas, como cuidadores, acarretando divisão de tarefas de casa e cuidado com os filhos; atentando à necessidade de sair para trabalhar de alguns pais. Devido a estas questões, optamos por gravar as aulas ao invés de realizá-las no formato de *lives*. Após oito

semanas de aulas gravadas, para que tivéssemos um retorno dessas escolhas e do nosso trabalho de uma forma integral, decidimos em reunião (monitores e coordenadora) realizarmos um levantamento e optamos por um questionário no formato online dirigido aos pais. Utilizamos o questionário como ferramenta de avaliação, o qual foi construído para que pudéssemos verificar de alguma forma esse processo de desenvolvimento mediado pela internet. Destacamos que o questionário foi formado por um conjunto de questões, organizadas e sistematizadas para que assim alcançássemos determinadas informações (RUDIO, 2009). As questões, em sua maioria de caráter fechado, foram disponibilizadas no formulário do *Google Forms* e o link de acesso disponibilizado no grupo de *WhatsApp* dos pais das crianças participantes do projeto.

Obtivemos então 48 respostas do questionário, sendo 80 crianças matriculadas atualmente no projeto o que significa 60% de retorno. Dentre as questões a primeira foi sobre o acompanhamento das aulas, se os pais e crianças conseguiram acompanhar todas as aulas postadas até o momento.

Figura 3 – Acompanhamento das aulas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como é possível verificar, a maioria dos pais conseguiram assistir e realizar as aulas até o momento, porém, uma parcela relativamente significativa não conseguiu acompanhar o andamento. Não investimos a fundo nessa questão, mas um pequeno relato de um dos pais pode elucidar um motivo pelo qual não foi possível acompanhar nas palavras deles:

"Estamos atrasados em assistir às aulas. Tenho outros filhos e outras tarefas e atividades da escola, acaba sendo tudo muito corrido. Mas procuramos assistir mesmo que com atraso" (resposta questionário pandemia). Esse exemplo ressalta sobre o que discorremos anteriormente de que a vida não só dos acadêmicos e professores tiveram mudanças expressivas durante a pandemia e tem passando por várias adaptações. São muitos fatores sociais envolvidos na vida das pessoas, das famílias e, estes, precisam ser considerados nesse momento delicado. Já em relação ao acesso a dispositivos, cerca de 58% dos pais que deram retorno assistem às aulas através da televisão, 25% pelo celular e o restante pelo computador ou alternam os acessos entre esses dispositivos.

Em outras questões, direcionamos as perguntas a fim de saber se há aproveitamento das vídeoaulas e que tipo de relação e/ou aprendizados estão sendo atrelados a essa prática de ensino a distância, se as atividades propostas nos vídeos são realizadas, se acreditam ser produtivas, entre outras. Praticamente todos responderam que assistem às aulas junto das crianças e realizam as atividades juntos. Também 100% dos pais responderam que acreditam ser produtivas as vídeoaulas e, questionados o porquê, relataram vários motivos como a possibilidade de vivenciarem momentos de alegria e diversão com a família:

> *Porque é um momento em que a família se une e se diverte. É um momento para cantar e dançar em família (no geral é um dos pais e o irmão), a criança fica cantando e fazendo coreografias durante os dias que seguem, a gente relembra e sente aquela energia leve e gostosa das aulas.* (resposta questionário pandemia).

Ao relatarem se percebiam aprendizados musicais, além de outros para os pequenos durante os momentos das aulas online, os pais destacaram que:

> *O Caetano está interagindo bastante e vimos uma crescente no interesse pela produção de sons. Ele dança, bate palmas, manipula instrumentos. Estamos vendo marcos de desenvolvimento ir se transformando;*

> *O Caio se sente envolvido com a aula. No início ele não prestava atenção, agora já conhece as músicas [...] sorri e dança quando escuta* (resposta questionário pandemia).

A música parece acontecer de forma quase natural na vida das crianças, em todas as culturas humanas, e no contexto das aulas de musicalização pode ser ampliado. Neste momento, nossos pequenos vídeos com duração de pouco mais de dez minutos têm sido essa ponte entre as crianças e um contexto mais formal de música. Os pais destacaram também que este formato, mesmo que restrito, possibilita manter o contato com o projeto e cultivar as relações afetivas:

> *Porque estimula o contato da criança com a música, especialmente nesse momento atípico que estamos vivendo. E também não deixa perder o vínculo com seu grupo de amigos e professores.*
>
> *Dessa forma posso continuar estimulando ele em casa, e não perdemos o contato mesmo que seja a distância* (resposta questionário pandemia).

Segundo Gordon (2008), a formação musical não é um processo isolado que ocorre somente no contexto escolar ou nas aulas de musicalização e suas orientações, a educação musical infantil também acontece em casa junto à família. Assim, nesse momento em que estamos afastados das aulas, tem servido como apoio num momento tão difícil e diferente. Os pais ressaltaram nas suas falas o quanto esse aprendizado presencial na aula de música é importante e o quanto esse momento atual é provisório:

> *Ajuda muito no desenvolvimento do Cassiano, e aproxima do contexto musical e lúdico nesse momento tão difícil em que todos estamos passando. Ajudando assim, "amenizar" o tédio dos pequenos. Estamos amando as aulas!*
>
> *Porque meu filho adora as músicas do projeto, fica feliz e considero muito interativo quando se trata de música e instrumentos musicais. Além de ser uma outra alternativa*

> *nesse momento de quarentena* (resposta questionário pandemia).

No questionário, deixamos um espaço para que os pais pudessem dar sugestões a respeito das vídeoaulas, das atividades. Os pais sugeriram encontros ao vivo através reuniões no *google meet*, para ser um encontro das crianças com outros colegas, para que os pequenos possam ter essa socialização. Sugeriram também uma grande aula ao vivo em alguma plataforma para que eles pudessem interagir com os professores. Assim se revela a necessidade de socialização que a aula presencial proporciona, se percebe uma necessidade por parte dos pais de que seus filhos experienciem os momentos constituídos pela presença na aula de musicalização, tentando nos aproximar o máximo possível da nossa realidade pré-pandemia. Ressaltamos que os processos de construção de conhecimentos ocorrem nas dinâmicas interacionais em contextos socialmente estruturados, sobretudo na família e na escola. Assim, faz-se necessário considerar também o papel da musicalidade comunicativa na construção do conhecimento e crianças. Destacando os fundamentos da musicalidade comunicativa de que são as trocas que estruturam as interações e possibilitam compartilhar de interações significativas com o outro (MENDONÇA, 2015).

Possibilidades a partir de agora

A extensão universitária, a partir dos projetos de musicalização infantil e para bebês, exerce um papel de grande relevância para a formação de professores que irão atuar na educação musical infantil. Ao atuarem nos projetos, os discentes podem despertar a capacidade de aprender com as vivências reais, de forma prática e reflexiva, desenvolvendo as teorias pedagógicas e os conhecimentos técnico musicais abordados dentro da academia. Os projetos de extensão possibilitam que os estudantes de música atuem na educação infantil antes dos estágios obrigatórios, agregando de forma significativa outros sentidos e conhecimentos à sua formação docente-pedagógico-musical. As atividades realizadas nos projetos de musicalização infantil e para bebês

possuem fundamentação teórica, e são organizadas pelos participantes e supervisionadas pela coordenadora. Significa que as aulas e o repertório utilizado nelas, bem como planejamento, discussões e avaliação dos métodos utilizados são planejados previamente durante as reuniões semanais que contam com a participação dos monitores e a coordenadora. Além das reuniões semanais, há o grupo de estudos GEEMIN, que é uma forma de os acadêmicos terem contato sobre as diferentes questões relacionadas à inclusão e às deficiências. O grupo atua fornecendo subsídios e conhecimentos específicos a partir das experiências nos projetos de musicalização, pois não existem disciplinas específicas voltadas sobre a temática no currículo do Curso de Música - Licenciatura.

As atividades extensionistas são complementos essenciais à formação de professores e o principal meio de interação entre a universidade e a sociedade. Nos projetos de musicalização, uma das propostas é o fazer música em conjunto, a prática musical em comunidade. Nas atividades, os pais, mães, cuidadores e as crianças estão envolvidos e todos estão se desenvolvendo musicalmente, aumentando seus vínculos familiares e também com outras pessoas, através de atividades de prática musical.

A pandemia do COVID-19, com certeza, já transformou o mundo no pouco tempo que se estabeleceu e, infelizmente, no nosso país os casos da doença e números de morte continuam a subir[10]. Apesar de todos os desafios apresentados estamos realizando um trabalho que tem obtido resultados. Os pais aguardam ansiosos toda semana a postagem das aulas, interagem entre si e, às vezes, compartilham vídeos dos pequenos fazendo as atividades em casa. Mesmo que diferente e em outra proporção, evidencia-se desenvolvimento e aprendizado.

Durante esse período difícil da pandemia, esperamos continuar com os projetos através das vídeoaulas. Talvez as sugestões dos pais sobre uma aula transmitida ao vivo para várias crianças ao mesmo tempo seja um próximo passo para os projetos, um novo aprendizado de novas provocações pedagógicas neste ensino remoto, enquanto não podemos nos abraçar, compartilhar sorrisos e música em um mesmo ambiente. Convém ressaltar que, neste momento, nossa preocupação

10. Dados atualizados dos casos de COVID19 no mundo (OMS), em: https://covid19.who.int/table

é com o vínculo e o acolhimento das crianças e seus pais, muito mais do que somente desenvolvimento musical. Não deixaremos de lado os saberes e os conhecimentos musicais, mas a ênfase será muito maior nos aspectos anteriores de vínculo e afetividade. Acreditamos em uma educação [musical] para a cidadania onde os planejamentos pedagógico-organizacional, simbólico e político não podem ser trabalhados mesmo nesse espaço limitado da aula (gravada, remota), de forma a não nos contrapormos à exclusão social, mas desejarmos e trabalharmos em prol de uma sociedade de afirmação de direitos sociais (SARMENTO, 2005).

Este trabalho começou de uma maneira triste pelo momento melancólico que estamos passando, mas tem trazido resultados e aprendizados. Não é o nosso objetivo trabalhar de forma remota, mas é o que podemos fazer e acreditamos estar cumprindo com nossa intenção, que tinha como prioridade manter os vínculos. Para além disso, ainda surgem novas possibilidades de pesquisa a partir deste trabalho e, mesmo em meio ao caos, também novas perspectivas de desenvolvimento dos projetos de musicalização e dos futuros professores em conjunto com a comunidade, fortalecendo sempre a importância da extensão universitária.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Documento do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Brasília: MEC/CRUB, 1999.

CARBONARI, Maria; PEREIRA, Adriana. **A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade**. Base de dados do Anhanguera. São Paulo, Setembro de 2007. Disponível em: <http://www.sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewArticle/207>. Acesso em: 09 set. 2017.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância** [recurso eletrônico] . Trad. Lia Gabriele Regius Reis. Revisão Técnica: Maria Letícia Nascimento - Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BEYER, Esther. Tendências curriculares e a construção do conhecimento musical na primeira infância. *In*: IX Encontro da Associação

Brasileira de Educação Musical, 9, 2000. Belém. **Anais [...]**. Belém: ABEM, p. 43-51, 2000.

FERES, Josette. **Iniciação musical**: brincando e aprendendo. São Paulo: Ricordi, 1989.

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e Bebês: vivência e linguagem musical. **Revista Música Hodie**, v. 5, n. 1, 2005.

FRAGA, Valderez. A postura do professor e as grandes questões humanas nas práticas educacionais. *In*: **Cadernos EBAPE.BR**.Volume V – Edição Especial, vol.5. Rio de Janeiro, Jan. 2007. Disponível em: <www.ebape.fgv.br/cadernosebape>. Acesso em: 28 ago. 2020.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX, 2001. **Avaliação Nacional da Extensão Universitária**. Brasília: MEC/SESu; Paraná: UFPR; Ilhéus, BA: UESC, 2001 (Coleção Extensão Universitária; v.3).

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX, 2010. **Extensão Universitária**: organização e sistematização. Belo Horizonte: COOPMED, 2010.

GORDON, Edwin. Introdução à música na primeira infância. *In*: **Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar**. 3.ed. rev. e aum. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.5-16, 2008.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**. Associação Brasileira de Educação musical. Porto Alegre, n. 7, p. 83-90, setembro, 2002.

JEZINE, Edineide. **As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. 2004. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/as-practicas-curriculares/as-practicas-curriculares.pdf>. Acesso em: 26 set. 2017.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência.** 1ª Edição. São Paulo: Editora Som, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M.Terezinha Telles. **Didática do ensino da Arte**. São Paulo: Editora FTD, 1998.

MENDONÇA, Júlia Escalda. **A musicalidade comunicativa em processos de construção de conhecimento de crianças de seis anos**. 2015.

182 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto, p. 11-30, 1995.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Painel de Emergência de Saúde da OMS**. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 28 ago. 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 28 ago. 2020.

PARIZZI, Maria Betânia. **O canto espontâneo da criança de três a seis anos como indicador de seu desenvolvimento cognitivo-musical**. 2005. Dissertação (Mestrado em Música). UFMG. Belo Horizonte. 2005.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 36ª Ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. *In:* **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Entrevista com Manuel Jacinto Sarmento: Infância, Corpoe Educação Física. [Entrevista concedida a Ana Cristina Richter; I, Jaison José Bassani e Alexandre Fernandes Vaz]. *In*: **Cadernos de Formação RBCE**, p. 11-37, set. 2015.

SCHAMBECK, Regina Fink. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. **Revista da ABEM**, Londrina, v.24, n.36, p. 23-35. Jan/Jun.2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Manual de Orientação**: Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

REGIANA BLANK WILLE, graduada em Educação Artística – Habilitação em Música pela UFPel Doutora em Educação pela UFPel. Professora Associada do CA. Coordenadora do Projeto desde 2007.
E-mail: regianawille@gmail.com

CAMILA BARBOZA CASTRO, graduanda em Música – Licenciatura pela UFPel. Monitora do Projeto desde 2015.
E-mail: castrobcamila@gmail.com

CONSERVAÇÃO EM PAUTA: PALESTRAS ONLINE DURANTE A PANDEMIA

Andréa Lacerda Bachettini
Andrea Gonçalves dos Santos
Raquel França Garcia Augustin
Mariana Gaelzer Wertheimer

Introdução

Devido ao surto de COVID-19 que se espalhou por diferentes continentes, países e estados, muitos profissionais da área do Patrimônio se viram impedidos de continuar com seus trabalhos e pesquisas em ambientes públicos e privados, devendo respeitar as orientações de assepsia e distanciamento social recomendadas por profissionais da saúde. Neste contexto, a preservação da memória e do patrimônio viu-se comprometida, já que, desde março de 2020, muitos museus e laboratórios tiveram que fechar as suas portas e interromper seus projetos. Diversos profissionais ligados a esta temática tiveram que procurar

alternativas para divulgar os seus trabalhos e projetos e enfrentar este período de isolamento durante a presente crise de saúde, se redescobrindo e se reinventado.

Assim, muitas instituições tiveram que inovar, as atividades (aulas e reuniões) e os projetos passaram por adequações e cada vez mais dependem e acontecem em ambientes virtuais e nas redes sociais. Nesse âmbito, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) criou o espaço virtual "Tão Longe, Tão Perto" como forma de promover a extensão universitária, neste período de pandemia, dando acesso aos projetos extensionistas para que possam estabelecer conexões com o seu público.

Partindo da necessidade de adaptação das instituições pautada acima e da postura da PREC, a Associação de Conservadores e Restauradores do Rio Grande do Sul (ACOR-RS) motivou-se a buscar a Rede de Museus da UFPel para estabelecer uma parceria através do projeto de extensão chamado "Conservação em Pauta", que pretende apresentar diversos profissionais, trabalhos e instituições envolvidas com a preservação do patrimônio material e imaterial brasileiro, como forma de fortalecer o diálogo com a sociedade e o público.

Este projeto tem proporcionado o diálogo entre diversos setores através de conferências com profissionais de diferentes estados que desenvolvem as suas atividades ou que estão com seus projetos suspensos, mas permanecem atuando em prol da cultura e do patrimônio por meio da disponibilização de artigos, participação em oficinas, palestras e, o mais importante, fortalecendo ações solidárias durante a pandemia da COVID-19.

Assim, o presente texto pretende apresentar a parceria estabelecida entre a ACOR-RS e a Rede de Museus da UFPel para a realização do projeto de extensão "Conservação em Pauta" que acontece dentro da plataforma "Tão Longe, Tão Perto" desenvolvida pela PREC, que tem como objetivo principal apresentar palestras online sobre a conservação e restauração de bens culturais no Brasil durante a pandemia da COVID-19.

"Tão Longe, Tão Perto" é uma plataforma digital criada com o objetivo de informar sobre a disseminação do novo coronavírus e para o entretenimento das pessoas que estão em casa em virtude do isolamento social decorrente da pandemia. "Tão Longe, Tão Perto: Agenda PREC em apoio ao combate à pandemia Covid-19" é uma ação extensionista registrada sob o código 7559 e faz parte do projeto estratégico "Divulgação e Registro em Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultural da UFPel", coordenado pelo professor Dr. João Fernando Igansi Nunes, também Coordenador de Arte e Cultura da PREC. Este projeto teve início em 30 de março de 2020, logo após a UFPel ter suspendido todas as atividades presenciais no âmbito da universidade e tem previsão de término em 31 de dezembro de 2020 (NUNES, 2020).

A plataforma digital tem o objetivo de apresentar as ações de extensão universitária desenvolvidas na UFPel que priorizam o apoio ao combate à pandemia da COVID-19, a interação com a comunidade e o desenvolvimento e promoção da cultura, tendo sido projetada e elaborada em dois eixos: 1) informação e orientações; e 2) apoio ao combate do estresse pelo isolamento social (NUNES, 2020).

A ação extensionista utiliza a plataforma WebConf de conferência web que é um serviço de comunicação e colaboração da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), utilizada pela UFPel. Esta plataforma utiliza recursos próprios de uma conferência (com vídeo e áudio combinados) aliados a outras funcionalidades de interação instantânea e colaborativa (*chat*, bloco de notas, visualização compartilhada de imagens, arquivos ou mesmo da tela de um computador remoto). No ambiente virtual, toda comunicação entre os componentes do serviço nas salas de conferência web (públicas ou privadas) é realizada através de certificados digitais ICPEdu. O Certificado Corporativo da Infraestrutura de Chaves Públicas para Ensino e Pesquisa (ICPEdu) é o serviço que viabiliza a emissão de certificados digitais do tipo SSL (*Secure Sockets Layer*) visando à segurança no acesso e à credibilidade em relação à instituição através da implementação da comunicação criptografada (RNP, 2020).

Todas as ações de extensão desenvolvidas na plataforma "Tão Longe, Tão Perto" estão em consonância com as orientações emitidas

pelo Comitê UFPel Covid-19, e estão sendo realizadas essencialmente através de mídia digital (PREC, 2020).

A página de abertura do site diz:

> Enquanto a Pandemia do Covid-19 está aí, nós estamos em casa: longe de muita gente com quem gostaríamos de estar perto.
> Então é bom ter um lugar para mostrar o que estamos sentindo, para compartilhar ideias, lançar outras, deixar um pouco do que sabemos fazer, ver o que os outros sabem, expor fotos, desenhos, ouvir pessoas, conversar com elas, ouvir histórias.
> Um lugar para estar perto, enquanto é necessário ficar longe.
> Fica por aqui um pouco. Deixa uma marca tua conosco. Vamos ficar juntos, sem estar perto, para que tudo passe logo! (PREC, 2020).

A plataforma tem aproximado as pessoas neste momento complexo de isolamento social, por meio de uma programação diversificada planejada por vários colaboradores e envolvendo diversos atores sociais. Para que o leitor conheça onde está inserido o projeto "Conservação em Pauta", é importante apresentar brevemente algumas das atividades apresentadas no "Tão Longe, Tão Perto":

-"Da Minha Janela": exposição online na qual as pessoas foram convidadas a enviar registros fotográficos das vistas a partir da perspectiva de suas janelas sobre a temática do isolamento social;

-"Eu e minha mãe": o público foi convidado a enviar fotos das mães para homenageá-las em maio na data comemorativa do dia das mães, também foram colocadas "poesias para ouvir", uma forma de lançar afeto e abraços às mães através da poesia;

- "Minha Máscara": exposição virtual com moldes de máscaras com imagens dos acervos dos museus que fazem parte da Rede de Museus da UFPel, idealizada com, o intuito de incentivar o uso de máscara de proteção durante a pandemia da COVID-19;

- "Cine UFPel online": espaço que exibe mostras online de curtas universitários pela rede social Facebook;

- “Desafio online”: forma encontrada para dar continuidade ao “Desafio”, projeto estratégico de extensão da PREC, que se configura como um curso gratuito preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE), tendo sido organizada uma nova versão com a utilização de diferentes ferramentas como *Lives*, *Cards*, *Podcasts* e aulas em vídeo abertas a toda a comunidade;

- “*Gifs* animados”: criação e disseminação de pictogramas e *gifs* representativos das orientações sobre prevenção do Covid-19; atividade com conteúdo voltado para crianças e jovens, assim como para os professores da rede municipal como material de apoio;

- “Lives, Nós, daqui!”: compartilhamento de *lives* de música;

- “Para ouvir”: comporta áudios com leituras de trechos de poemas de autores consagrados; visando a inclusão de pessoas com deficiência visual e concessão de acessibilidade a esse conteúdo, volta-se também aos professores da rede municipal como material de apoio, tal qual o tópico “Gifs animados”;

- “Prosas & versos”: compartilhamento de produções literárias, poéticas, visando a prática da leitura;

- “Vídeos”: disseminação de vídeos produzidos pela equipe do projeto de extensão da UFPel “Barraca da Saúde” com dicas de como se proteger de forma mais adequada das formas de contágio do Covid-19;

- “Notícias”: espaço para acompanhamento das atividades e ações que a comunidade acadêmica da UFPel e outras instituições estão fazendo durante a pandemia de Covid-19;

- “Doações”: ambiente de acompanhamento das ações solidárias que a comunidade acadêmica da UFPel e outras instituições estão fazendo durante a pandemia de Covid-19;

- “É hora de conversar”: área da plataforma com 10 salas de conversa, um lugar virtual para ouvir, perguntar e conversar sobre temas diversos relacionados ao combate do COVID-19 e a nova rotina de isolamento social. Estas salas são gratuitas, abertas à comunidade, com acesso livre por meio do *link* de acesso no horário programado. Durante as salas acontece o registro dos participantes para certificação. Cada sala possui um mediador, responsável pela sua abertura no horário marcado e apresentação do funcionamento da conversa. Após a fala e/ou apresentação do convidado, os participantes podem realizar questionamentos e/ou

comentários mediante inscrição no *chat* da sala. As conferências têm duração aproximada de 1 hora e suas temáticas são (PREC, 2020):

> Sala 1 – Estudantes brasileiros pelo mundo em época de coronavírus;
> Sala 2 – Desempenho Ocupacional em tempos de isolamento social;
> Sala 3 – Aprenda a enfrentar a crise do Coronavírus;
> Sala 4 – Profissionais da frente de combate à Covid-19: entre ações e reflexões;
> Sala 5 – A vida com gastronomia no enfrentamento ao covid-19;
> Sala 6 – Conversas sobre arte e cultura durante a pandemia;
> Sala 7 – Plano de Cultura da UFPEL;
> Sala 8 – Artes & Ofícios;
> Sala 9 – Conversando sobre Extensão;
> Sala 10 – Conservação em Pauta.

Conservação em pauta

A sala "Conservação em Pauta" (Fig. 1) está cadastrada no sistema Cobalto da UFPel sob o número 3349 como projeto unificado com ênfase em extensão. Tem a coordenação das professoras Dra. Andréa Lacerda Bachettini e Dra. Silvana de Fátima Bojanoski, da Rede de Museus e Cultura da UFPel, e conta com a participação de alguns dos membros da diretoria da ACOR-RS, as restauradoras Andrea Gonçalves Santos, Mariana Gaelzer Wertheimer e Raquel França Garcia Augustin. O projeto foi idealizado como um espaço de diálogo, reflexão e exposição de relatos de experiências, projetos e iniciativas no âmbito da conservação preventiva, curativa e restauração no Brasil. As discussões na temática do patrimônio cultural seguem iniciativas de difusão da informação e aproximação entre conservadores-restauradores, estudantes, profissionais de museus e interessados em cultura no geral.

Nesse sentido, o projeto perpetua a concepção de iniciativas de outras instituições objetivando oferecer espaços online para debate sobre

o patrimônio cultural e suas formas de preservação como a Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores (ACCR) com seu ciclo de palestras virtuais, a Associação Nacional de Pesquisa em Tecnologia e Ciência do Patrimônio (Antecipa) com seus ciclos de webinars, a Secretaria de Cultura de Vila Velha com a série de *lives* "Patrimônio cultural e formação das identidades locais", a Universidade Federal do Pará com a série de lives "Patrimônio em conexão", a Escola de Belas Artes da UFRJ, com a série de *lives* "Preservando o efêmero: novas formas de pensar a conservação e restauro de bens culturais contemporâneos", dentre tantos outros.

Figura 1 – Print da tela do site "Tão Longe, Tão Perto" com abertura da sala 10 Conservação em Pauta em parceria da ACOR-RS e Rede de Museus da UFPel.

Fonte: PREC, 2020.

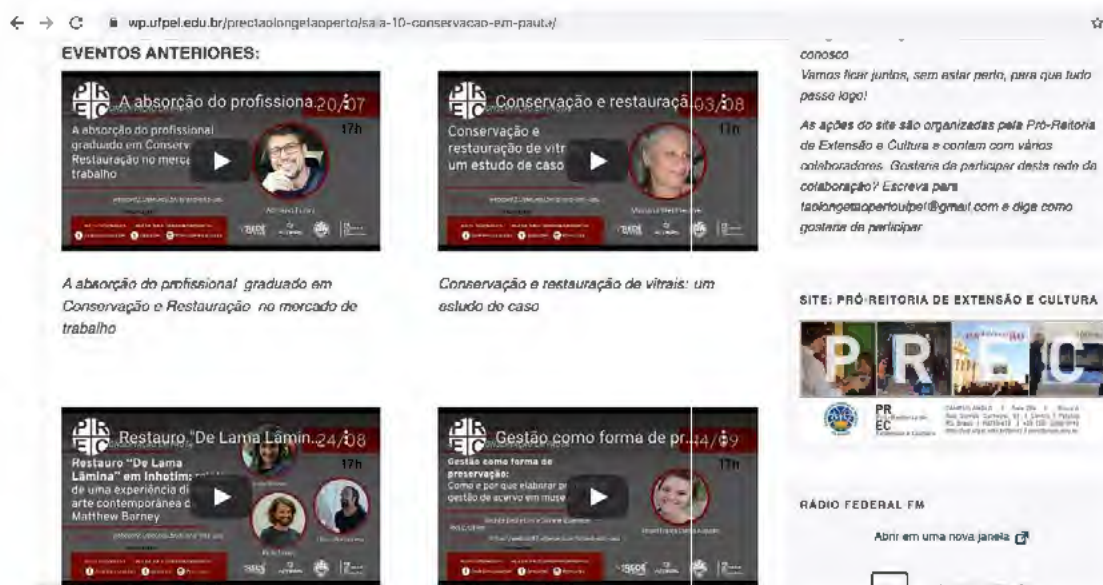
A UFPel, além da Rede de Museus, também possui os cursos de graduação em Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, tornando a viabilização do projeto interessante em âmbito institucional, com o envolvimento dos estudantes destes cursos. A partir daí, formalizou-se uma parceria entre a ACOR-RS e a UFPel, por meio da Rede de Museus.

A ACOR-RS é uma sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos fundada em 08 de julho de 2003. Segundo o seu estatuto, a

associação foi criada para dignificar a prática da conservação e restauração e proteger os profissionais Conservadores e Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul. Desde a sua fundação, vem atuando de forma contínua para a regulamentação da profissão e fornecimento de espaços de troca, formação e representação aos associados, profissionais e estudantes da área fomentando a coesão, fortalecimento e a expansão da classe. Suas atividades visam criar, incentivar e promover meios adequados ao desenvolvimento das técnicas de conservação e restauro dos bens culturais, através do entendimento com entidades públicas ou privadas, nacionais ou internacionais e seus associados. Visa promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão dos trabalhos de conservação e restauração, organizando convenções, congressos, ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários e outras reuniões dos profissionais da classe; assim como manter o intercâmbio com organizações nacionais e internacionais, para alcance dos objetivos da associação, resguardados sempre os interesses nacionais.

Nesse sentido, estabeleceu-se que seriam realizadas conferências *online*, mediadas por membros da ACOR-RS, em um intervalo de quinze dias, às segundas-feiras às 17h. As conferências seriam acessadas através do *link* do WebConf: webconf2.ufpel.edu.br/b/and-w6t-uau.

Desde o dia 20 de julho de 2020, dia da primeira conferência do ciclo, foram realizadas quatro conferências abordando os mais diversos temas, desde a absorção do profissional graduado em Conservação e Restauração no mercado de trabalho, percorrendo experiências em restauração de vitrais e de arte contemporânea até a elaboração de políticas de gestão de acervo em museus, somando mais de 400 participantes. Todos os eventos são veiculados e ficam disponíveis para acesso no canal da PREC do Youtube, na página da PREC (https://wp.ufpel.edu.br/prec/) (Fig. 2), na rede social da Rede de Museus da UFPel (Facebook), nas redes sociais da ACOR-RS (Facebook e Instagram) e replicadas pelos diversos participantes destas em suas redes pessoais.

Figura 2 – Print da tela de acesso às palestras que já aconteceram na sala 10 - Conservação em Pauta.

Fonte: PREC, 2020.

Até o 7 de dezembro de 2020 (data da última palestra do projeto) serão mais seis falas, totalizando 10 (dez) eventos online, momento em que será realizado o relatório final do projeto. Assim, no dia 20 de julho, Adriano Furini, especialista em Conservação Preventiva de Bens Culturais Móveis Eclesiásticos e Gestão de Obras de Restauro, apresentou suas percepções pessoais a respeito do mercado de restauro artístico e arquitetônico no sudeste (Fig. 3). Com 20 anos de atuação como gestor de obras e projetos na Empresa A3 Restauros (Atelier de Arte Aplicada), proporcionou reflexões sobre sua trajetória para fazer parte deste mercado e seu papel como empresário na inserção e absorção dos egressos dos cursos técnicos e de graduação em conservação e restauração de bens culturais móveis na construção do reconhecimento e valorização da profissão. A sala contou com 67 participantes.

Figura 3 – Cartaz de divulgação da palestra de Adriano Furini na sala 10 - Conservação em Pauta.

Fonte: PREC, 2020.

No dia 03 de agosto, Mariana Wertheimer, mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural, discorreu sobre um estudo de caso em que procurou documentar e socializar a intervenção efetuada em um vitral, de propriedade particular, realizada no período de fevereiro a março de 2016, em Porto Alegre/RS (Fig. 4), trabalho apresentado previamente no evento da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) do mesmo ano. Em sua fala teve como objetivo, em vias de possibilitar uma maior instrumentalização nas abordagens preservacionistas deste tipo de bem cultural, apresentar ponderações entre várias opções de tratamento, tomada de decisão, metodologia, especificidades do suporte, etc. A sala contou com 92 participantes.

Figura 4 – Sala de conferência online (sala 10 - Conservação em Pauta) no momento da palestra de Mariana Wertheimer.

Fonte: Fotografia de Andréa Lacerda Bachettini, 2020.

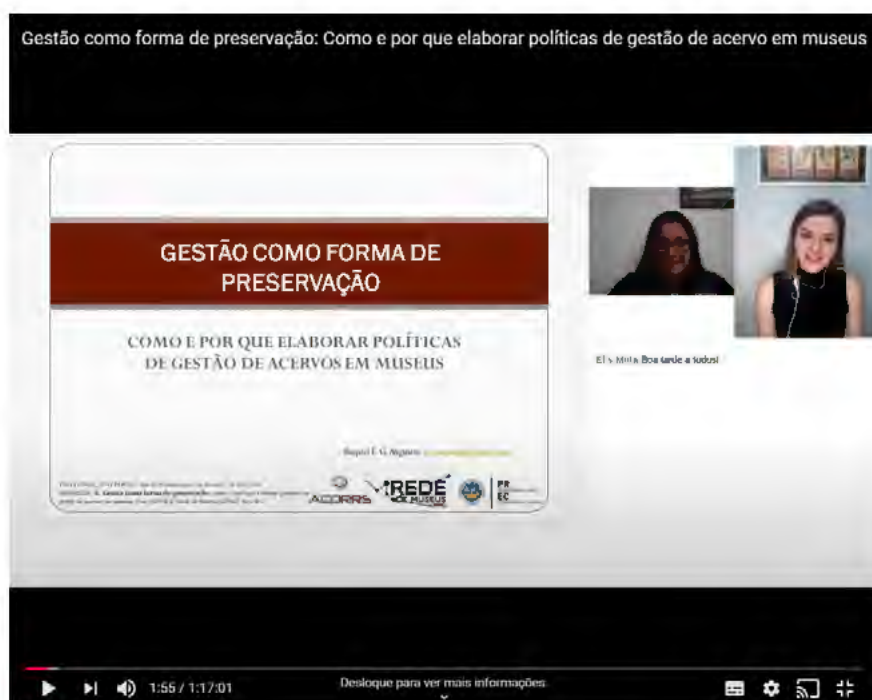
No dia 24 de agosto, Bruna Oliveira, Elton Damasceno e Paulo Soares apresentaram um relato de experiência do processo de restauração da obra "De Lama Lâmina" de autoria de Matthew Barney, presente no Instituto Inhotim (Fig. 5). A restauração de obras contemporâneas envolve desafios e particularidades distintas de outros tipos de acervos, como a degradação de materiais novos, a materialidade da obra perante seu significado e a relação entre o artista e a equipe de restauração, assuntos contemplados durante a fala dos conferencistas. Nesse sentido, foi abordada a degradação do plástico componente da obra, a problemática de substituição de materiais nessa obra, a relação da equipe técnica do museu com o estúdio do artista, a relação da equipe com o processo de produção da obra, as adequações das condições ambientais do espaço pós-restauração e a possibilidades de captação de recursos para o desenvolvimento do projeto de salvaguarda. A sala contou com 55 participantes.

No dia 14 de setembro, Raquel Augustin, conservadora-restauradora, mestre em Ciência da Informação, apresentou a relação entre a gestão de acervos com a sua preservação dentro dos museus, abordando para isso as particularidades e motivos de desenvolvimento das chamadas políticas de gestão de acervos (Fig. 06). Tais políticas são documentos norteadores das atividades técnicas de salvaguarda das coleções, compondo parte da parcela de registros relevantes para a memória institucional de organizações culturais. Assim, a fala contemplou, ademais o conteúdo pertinente e os métodos de desenvolvimento de tais documentos. A sala contou com aproximadamente 60 participantes.

Figura 5 – Cartaz de divulgação da palestra de Bruna Oliveira, Elton Damasceno e Paulo Soares na sala 10 - Conservação em Pauta para *storys* do Facebook e Instagram.

Fonte: PREC, 2020.

No dia 28 de setembro, as conservadoras-restauradoras Flávia Silva Faro e Isabel Halfen da Costa Torino, egressas do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel, mestras em Memória Social e Patrimônio Cultural, programaram uma conversa explicando a "Restauração da escultura metálica do deus Mercúrio no Mercado Central de Pelotas", realizada no interior do Mercado Público, contaram sobre história, a importância e o contato direto com a comunidade pelotense durante a intervenção.

Figura 6 – Print da apresentação de Raquel França Garcia Augustin na sala 10 - Conservação em Pauta, disponível no Youtube.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=5ckHhvOjz8A&feature=emb_logo

No dia 12 de outubro, Diná Marques, conservadora-restauradora, bibliotecária mestra em Ciência da Informação e coordenadora da Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG abordou o tema "Conservação Preventiva em Coleções Bibliográficas Especiais". A fala pautou uma discussão sobre a conservação preventiva dentro do âmbito das Ciências do Patrimônio, suas restrições e perspectivas de ampliação, demonstrando os conhecimentos, instrumentos, ferramentas e técnicas necessárias para a salvaguarda adequada de acervos, especialmente os bibliográficos especiais.

No dia 26 de outubro, Flávio Gil e Elisa Freixo, ele pesquisador e doutor em História Social da Cultura, e ela organista e cravista independente, apresentaram falas a respeito da imaginária missioneira. No dia 09 de novembro, a professora Ana Utsch, doutora em História Cultural, discorreu a respeito das perspectivas de compreensão da noção de patrimônio gráfico, incluindo projetos de preservação em âmbito internacional colaborativo. As datas de 30 de novembro e 7 de dezembro contaram com as falas de Agesilau Neiva Almada e Thais

Sanjad, abordando respectivamente a preservação do patrimônio móvel cerâmico e a conservação e restauração do patrimônio azulejar.

Considerações finais

A plataforma "Tão Longe, Tão Perto" tem se mostrado um portal de aproximação entre a sociedade e a Universidade, configurando-se como um espaço de agregação e promoção do diálogo aberto, reflexões e colaborações entre a comunidade acadêmica e a não-acadêmica.

Em especial, a sala de conversa 10: "Conservação em Pauta" tem proporcionado o diálogo entre os diversos os setores que compreendem o Patrimônio Cultural Brasileiro e os profissionais, através do relato das suas experiências. Estes profissionais que atuam em prol da cultura e do patrimônio por meio da disponibilização de artigos, participação em oficinas e palestras, fortalecem ações solidárias durante a pandemia da COVID-19, em momentos nos quais muitos projetos e atividades estão suspensos.

Em momentos nos quais a saúde mental das pessoas fica abalada em virtude de uma pandemia global e da necessidade de isolamento social, iniciativas como essas promovem espaços de colaboração, de trabalho, fortalecem laços, desmistificam o âmbito universitário e se mostram cada vez mais necessárias.

Agradecimentos

À Rede de Museus e à PREC/UFPel pela acolhida da proposta em sediar o evento na plataforma "Tão Longe, Tão Perto" e a elaboração e veiculação do material de divulgação nas plataformas.

Aos convidados que prontamente aceitaram o convite e se dispuseram a participar das palestras *online*.

À diretoria e associados da ACOR-RS pelo apoio à gestão e a participação na assistência do projeto.

Referências

BACHETTINI, Andréa. **Conservação em Pauta.** *In*: COBALTO, Universidade Federal de Pelotas, 2020. [Projeto Unificado – Extensão]. Disponível em: <https://cobalto.ufpel.edu.br/projetos/coordenacao/projeto/editar/3349>. Acesso em: 18 set. 2020.

CONFERÊNCIA WEB RNP. **RNP**, 2020. Disponível em: <https://conferenciaweb.rnp.br/>. Acesso em: 20 set 2020.

DIAS, Ana Claudia. No Ar Plataforma digital para informar e entreter – Plataforma virtual da UFPel lança diversas atividades para população. **Diário Popular**, Pelotas, 03 abr 2020. Disponível em: https://www.diariopopular.com.br/cultura-entretenimento/plataforma-para-informar-e-entreter-150098/. Acesso em: 18 set. 2020.

I CICLO DE WEBINARS ANTECIPA. ANTECIPA - Associação Nacional de Pesquisa em Tecnologia e Ciência do Patrimônio. [**Programação**] Disponível em: <http://lacicor.eba.ufmg.br/antecipa/index.php/2020/03/16/i-ciclo-de-webinars-antecipa/>. Acesso em: 07 mai. 2020.

NUNES, João Fernando Igansi. **Tão Longe, Tão Perto**: Agenda PREC em apoio ao combate à pandemia Covid-19. *In*: COBALTO, Universidade Federal de Pelotas, 2020. [Projeto Unificado – Extensão]. Disponível em: <https://cobalto.ufpel.edu.br/projetos/coordenacao/projeto/editar/1096>. Acesso em: 18 set. 2020.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA. YOUTUBE. [**Canal da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel**]. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC_bDZe1blH82qVGrg_CNqag>. Acesso em: 20 set. 2020.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA. **Tão Longe, Tão Perto.** Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prectaolongetaoperto>. Acesso em: 18 set. 2020.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA. **Tão Longe, Tão Perto**: Sala 10 - Conservação em Pauta. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prectaolongetaoperto/sala-10-conservacao-em-pauta/>. Acesso em: 20 set. 2020.

ANDRÉA LACERDA BACHETTINI, graduada em Gravura e Pintura na UFPel. Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural na UFPel. Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas da UFPel. Coordenadora do Projeto "Conservação em pauta" desde julho de 2020.
E-mail: andreabachettini@gmail.com

RAQUEL FRANÇA GARCIA AUGUSTIN, graduada em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis na UFMG. Mestre em Ciência da Informação na UFMG. Professora Assistente do Instituto de Educação Continuada da PUC Minas. Voluntária vinculada ao projeto "Conservação em pauta" desde julho de 2020.
E-mail: rfgaugustin@gmail.com

ANDREA GONÇALVES DOS SANTOS, graduada em Arquivologia na UFSM e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis na UFPel. Mestre em Patrimônio Cultural na UFSM. Professora substituta do Curso de Arquivologia da FURG. Voluntária vinculada ao projeto "Conservação em pauta" desde julho de 2020.
E-mail: dea.goncalves.santos@gmail.com

MARIANA GAELZER WERTHEIMER, graduada em Arquitetura e Urbanismo na Ritter do Reis e Artes Visuais na UFRGS. Mestre em Memoria Social e Patrimonio Cultural na UFPel. Presidente da Associação de Conservadores Restauradores do Rio Grande do Sul. Voluntária vinculada ao projeto "Conservação em pauta" desde julho de 2020.
E-mail: arqmgw@gmail.com

USO DE MÍDIAS SOCIAIS COMO ACOMPANHAMENTO E INTEGRAÇÃO PARA ALUNOS DO CURSO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA DURANTE A PANDEMIA

Maurizio Silveira Quadro
Matheus Goulart Carvalho
Grégory Correia da Silva
Henrique Peglow da Silva
Thalia Strelov dos Santos
Sthéfanie da Cunha

Introdução

O ingresso em uma instituição de ensino superior é um momento marcante na vida do jovem universitário, sendo assim é importantíssimo para a permanência deste, uma boa primeira impressão do curso. Nesse sentido, Vicente e Santinon (2012) afirmaram que uma adaptação

bem-sucedida no primeiro ano é crucial para a permanência e sucesso dos alunos no curso.

Os ingressantes do ano de 2020 têm um desafio maior a enfrentar, a oficialização da pandemia de *Covid-19*, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, que resultou na suspensão de aulas presenciais a nível nacional, em todas as etapas do ensino. Embora importantíssimas, não são apenas as aulas que constituem a formação dos alunos, pois eventos como seminários, congressos e cursos, que completam os aprendizados adquiridos através dos professores, também tiveram que ser adaptados para o formato digital.

Desde março, a OMS vem disponibilizando uma série de recomendações para tomada de decisões dos governos, as quais vêm se tornando cada vez mais úteis, uma vez que em 15 de setembro já foram registrados mais de 29 milhões de casos da doença, com mais de 900 mil óbitos, em nível mundial (OMS, 2020). Dentre estas recomendações, levando em consideração a ausência de vacinas e de tratamentos contra a *Covid-19*, sempre esteve presente o distanciamento social, ocasionando que atividades antes realizadas presencialmente, passassem a acontecer remotamente.

As aulas passaram a ser ministradas via internet em diversas universidades. Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por exemplo, foi criado um calendário alternativo, com início em 22 de junho, onde foram ofertadas diversas disciplinas em cursos variados. Para alunos em situação de vulnerabilidade social, a universidade disponibilizou dois auxílios, o emergencial e o auxílio internet, provendo condições para que os alunos assistissem as aulas (UFPel, 2020).

Diante as mudanças emergentes tomadas em razão da pandemia, o acompanhamento dos estudantes é indispensável, já que essa é uma fase de adaptação para todos. As recentes mudanças tornam a comunicação fundamental, e o pouco contato dos ingressantes com seus colegas, professores e com a universidade em si, pode levá-los a evasão do curso escolhido, já que, segundo dados disponibilizados pelo INEP/MEC (2019), 45% dos alunos que ingressam em cursos de Engenharia não concluem a graduação.

Nesse sentido, o Programa de Educação Tutorial (PET), contribui para a continuidade dos estudantes na graduação. Além da qualificação

profissional dos petianos, como são chamados os participantes dos grupos PET, ocorre o incentivo por parte destes, para com os demais alunos da universidade em eventos acadêmicos e outras atividades. O Programa de Educação Tutorial, segundo dados do MEC (2020), conta com um total de 842 grupos de diversas áreas, distribuídos em 121 instituições de ensino superior, tanto públicas como privadas. O programa é direcionado a alunos regularmente matriculados na graduação, que após seleção, recebem tutoria de um docente.

O PET tem como base de trabalho a tríade: ensino, pesquisa e extensão. A partir disso, são realizados projetos que contemplem essas áreas, e que sejam capazes de complementar a formação dos participantes do grupo, além de incentivar e desenvolver os alunos da universidade. Conforme aponta Martin (2005), a educação tutorial atua como ferramenta de formação extensiva aos alunos, contemplando tanto a área do conhecimento explorada no curso de graduação, quanto aos valores sociais de organização e coletividade. Assim, além de incentivar a pesquisa, o PET estimula seus participantes no envolvimento social e cultural, o que o difere de um programa de iniciação científica.

Portanto, é responsabilidade de cada grupo PET compreender as necessidades do curso que atua, e desenvolver atividades que contemplem toda a comunidade acadêmica. Neste sentido, são evidenciados altos índices de evasão nos semestres iniciais dos cursos de Engenharia, sendo diversos fatores agravantes para este problema. Diante disso, é necessário que seja realizado um acompanhamento dos alunos que recém ingressaram na universidade, para que haja um acolhimento e orientação destes discentes nos semestres iniciais. Neste panorama, conforme salienta Soares (2006), o PET apresenta-se como uma ferramenta eficaz na implementação de projetos acadêmicos de acompanhamento de ingressantes, minimizando a evasão e promovendo a retenção dos alunos no curso de graduação.

Neste momento de distanciamento social, é ainda mais importante o acompanhamento de todos os ingressantes do curso, para que não haja desmotivação dos alunos durante esse tempo de afastamento presencial da universidade. Uma das principais ações é o *feedback* constante da situação dos alunos, por meio de fóruns *online*. Nesses momentos, é importante saber quais são os principais desafios enfrentados pelos

estudantes e como o Programa de Educação Tutorial da Engenharia Agrícola pode auxiliar, para que assim, todos possam se sentir contemplados diante das suas necessidades.

Além de realizar o acompanhamento de forma *online*, é importante que seja reforçado os vínculos entre alunos e professores, utilizando técnicas para aprimorar essa relação. Nesse sentido, as transmissões *online* e ao vivo, denominadas *lives*, vêm sendo utilizadas como alternativa para atingir o público através das mídias sociais, abordando diversos assuntos em setores como entretenimento e educação (SOUSA JÚNIOR *et al*., 2020). Essas transmissões ao vivo tornaram-se uma alternativa para a interação em períodos de distanciamento social, já que a partir das redes sociais é possível realizar a aproximação entre discentes, docentes e profissionais da área, sem que haja o deslocamento.

Diante disso, o Programa de Educação Tutorial do curso de Engenharia Agrícola (PET-EA) realizou o Projeto de Acompanhamento de Ingressantes (PAI), com o intuito de aprimorar a relação entre os estudantes que ingressaram no curso, a fim de conhecer suas principais necessidades solicitadas e auxiliá-los na adaptação da trajetória acadêmica durante este período. Além disso, desenvolveram-se *lives* com profissionais do agronegócio brasileiro e egressos do curso, por meio da plataforma *Instagram*, o que serviu como propagação os conhecimentos e interação com os ingressantes e demais alunos do curso de Engenharia Agrícola da UFPel e de outros cursos do país, promovendo então, a disseminação de informações durante este período pandêmico.

Metodologia

As ações do PAI ocorreram no município de Pelotas pela Universidade Federal de Pelotas com a participação dos discentes do curso de Engenharia Agrícola. Inicialmente o projeto focou no combate à evasão do curso, sendo criados três questionários que serviram para se obter informações relacionadas às dificuldades enfrentadas pelos discentes durante a graduação em geral, com objetivo de auxiliá-los de forma que facilitasse sua experiência acadêmica. Devido à *Covid-19* e à paralisação das atividades acadêmicas, o PET-EA acrescentou novas intenções no seu

planejamento inicial, focando a partir desse momento buscar inteirar-se da situação de cada aluno com o intuito de auxiliar em suas dificuldades.

O primeiro questionário foi aplicado já na primeira semana letiva, durante o contato inicial com os ingressantes e a apresentação do grupo PET-EA aos discentes presentes na aula introdutória do curso. As questões contidas neste questionário, com perguntas pessoais, serviram para conhecimento dos perfis, onde o aluno passasse informações de grande relevância como a localidade que vieram, qual grau de escolaridade tiveram, se cursaram ensino médio padrão ou realizaram algum curso técnico ou integrado, de que forma ingressaram na universidade, qual é a faixa etária média dos ingressantes e as motivações que o levaram a optar pelo curso de Engenharia Agrícola.

Através dessas perguntas, foram identificados os percentuais de discentes que vieram de outras regiões e se encontravam no município de Pelotas pela primeira vez, prevendo que, pelo fato da habituação a logística da nova cidade, esses alunos certamente encontrariam algum tipo de dificuldade de localização, locomoção, transporte, entre outras. Visando facilitar a adaptação dos alunos que vieram de fora do município, foi criado pelo PET-EA (2019) um manual chamado "Guia do Aluno" contendo informações sobre o município, como mapas para localização dos campus da universidade, principais paradas de ônibus, localização dos restaurantes universitários (RU's) e sobre a universidade, como adaptação a plataformas, método para utilização da rede de internet disponibilizada pela UFPel, horário de funcionamento de colegiado, Pró - Reitoria de Assuntos Estudantis, dentre outras importantes informações que auxiliaram estes alunos na adaptação inicial na Universidade como um todo. Esta primeira etapa ocorreu antes do período de quarentena, sendo assim, o questionário foi aplicado de forma presencial, reduzindo a probabilidade de não alcançar todos os alunos.

O grupo PET-EA sentiu a necessidade de restabelecer contato com esses alunos durante o período de pandemia, pois previu que por mudança drástica de rotina diária, cortes de certas fontes de renda salarial, escassez de apoio emocional, dentre outros motivos, fizessem com que os mesmos pudessem estar enfrentando algum tipo de dificuldade. Durante a paralisação das atividades acadêmicas, devido à Covid-19, foram aplicados mais dois questionários para o acompanhamento da

situação em que discentes do curso de Engenharia Agrícola encontravam-se. Ambos os questionários foram encaminhados aos alunos através de suas redes sociais que foram buscadas pelo grupo.

O primeiro questionário, modificado para o período de pandemia, foi direcionado aos alunos que participaram da primeira etapa do projeto (ingressantes do ano de 2020), com intuito de ajudá-los caso houvesse algum estudante passando por necessidade. Também buscamos, por meio de perguntas direcionadas contidas no mesmo, saber se todos tiveram acesso a informações como o grau de periculosidade e as medidas de prevenção contra o vírus, indagando qual fora o meio de comunicação pelo qual os discentes receberam essas informações. As duas perguntas centrais deste questionário que fizeram com que o grupo pudesse tomar atitudes futuras sobre o assunto foram: "Você está tomando as medidas necessárias para evitar o contágio do vírus?" e a mais importante "Você está passando por alguma dificuldade?".

O último questionário foi direcionado a todos os discentes do curso de Engenharia Agrícola, visando atingir ao menos 80% dos matriculados, com intuito da atualizar-se sobre as condições físicas e mentais ao longo do período de isolamento social, procurando saber de que maneira estavam lidando com esse período atípico para todos, se estavam conseguindo realizar suas atividades rotineiras e se não tiveram contato com o vírus. Outros pontos questionados, foram sobre a experiência de cursar o calendário acadêmico alternativo disponibilizado pela Universidade, quais as dificuldades em relação ao novo método de ensino, se não pôde cursá-lo qual o motivo, e por fim, se estava passando por dificuldades no período. Caso houvesse situações alarmantes, poder-se-ia tomar as devidas medidas para amparo dos envolvidos.

Uma das ações realizadas em prol da aproximação e perpetuação do conhecimento de temas relacionados ao curso de Engenharia Agrícola foi o projeto de *lives*, que possibilitou a interação dos alunos com profissionais da área do agronegócio e afins. Os seguidores que acompanharam as entrevistas sanaram suas dúvidas sobre o tema ao vivo. Para a execução das *lives, foi* montada uma equipe com alguns petianospara facilitar a comunicação e execução de tarefas necessárias para o andamento da ação. A ação ocorreu pela rede social do PET-EA no *Instagram*, com encontros de no máximo uma hora, que aconteciam de uma a duas vezes

por semana, com egressos do curso ou outros profissionais da área. Cada encontro era mediado por um petiano diferente, proporcionando, assim, um aprimoramento profissional do aluno em quesitos como organização, planejamento e oratória.

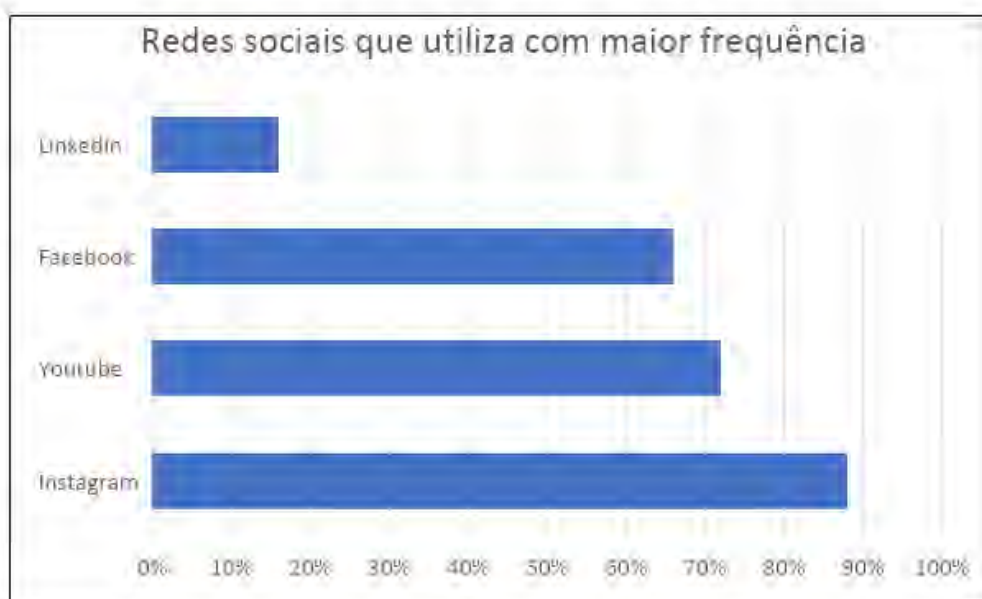
Cada *live* era organizado com uma semana de antecedência, na qual era determinado por meio de pesquisas realizadas entre o grupo, o tema e o entrevistado a ser convidado. Na sequência, a equipe responsável pelas *lives* elaborava um roteiro baseado no histórico acadêmico e profissional do convidado, sendo este, apresentado e aprovado pelo mesmo. Após a finalização de cada encontro era computado o número de visualizações totais e os picos de audiência como resultados da ação.

Resultados e discussão

O primeiro resultado analisado surgiu do questionário aplicado no início do ano letivo. A partir do gráfico 1, é possível observar que 59% dos ingressantes deslumbrou um interesse nos conteúdos específicos do curso, sendo este o viés para a seleção dos temas apresentados nas transmissões. Outrossim, no gráfico 2 é observável que 88% dos alunos que acabaram de ingressar no curso estão frequentemente ativos no *Instagram*, sendo essa informação a principal motivação da realização de ações de integração por meio dessa plataforma.

Gráfico 1 – Motivações que levaram a escolha do curso de Engenharia Agrícola.

Fonte: Autores, 2020.

Gráfico 2 – Redes sociais mais acessadas pelos alunos.

Fonte: Autores, 2020.

A partir dos dois questionários aplicados durante a pandemia, pôde-se analisar que boa parte dos alunos que foram atingidos passam por alguma necessidade nesse momento. Dentro de todas as respostas obtidas nos questionários, aproximadamente 10% do total de alunos alegou estar com algum tipo de dificuldade.

Essas foram divididas, basicamente, em problemas emocionais, como ansiedade, problemas com acesso às aulas *online* e atividades relacionadas ao calendário alternativo e, principalmente, problemas financeiros. Destacaram-se, dentro das respostas e desabafos expostos pelos discentes três situações, nas quais duas delas referiam-se a problemas com a permanência do pagamento de aluguel de imóvel para residir na cidade de Pelotas e por último uma situação mais grave que se encaixa em um problema financeiro sério, onde o referido estava com necessidade em relação à mantimentos e alimentos.

Diante destes fatos, o grupo encaminhou os nomes dos alunos que estavam passando por adversidades à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE, que é o órgão da universidade que trata de questões referentes a auxílios para alunos com dificuldades e baixa renda. Porém, apenas esta iniciativa não seria suficiente para suprir a necessidade momentânea de um dos casos, portanto o grupo decidiu se reunir e ,com o apoio de alguns professores, fazer uma doação de alimentos, referente a aproximadamente duas cestas básicas, para ajudar o aluno diante da situação que estava passando. Ação que foi muito gratificante em meio ao momento que todos passam devido à pandemia da *Covid-19*.

Para se conseguir uma aproximação ainda maior com os alunos, optou-se pela realização de *lives* para manter o laço dos discentes com os temas da área. Inicialmente o grupo necessitou aumentar sua popularidade no *Instagram*, devido ao baixo acesso nessa rede social. No mês de março, início da pandemia, contava-se com 397 seguidores na rede social, ao passo que o cenário de isolamento social foi estabelecido como uma rotina, surgiu a necessidade de melhorar esse números. Com isso, conseguiu-se aproximadamente 4.000 seguidores no mês de outubro. Através do aumento do público, foi possível atingir pessoas de diversas idades e vários lugares do país, mas, principalmente alcançar o público de principal interesse: os ingressantes do curso de Engenharia Agrícola na UFPel do primeiro semestre de 2020.

Em virtude do alcance obtido, a proposta de fazer transmissões ao vivo mostrou-se uma ferramenta para entreter e motivar os recém-ingressantes com temas específicos do curso.

Gráfico 3 – Visualizações totais e picos de audiência em cada *live*.

Fonte: Autores, 2020.

No gráfico 3 é apresentado o tema e a repercussão de cada transmissão realizada. Dentre elas, algumas tomaram proporções extraordinárias, como a *live* intitulada "O futuro do agronegócio no Brasil", a qual contou com 692 expectadores, fato primordial para que os ingressantes tomassem conhecimento da grandeza do curso e da necessidade de formação de profissionais para suprirem a alta demanda de Engenheiros Agrícolas no mercado. Outra relação estabelecida foi a presença de egressos nas transmissões. A proposta de convidá-los trouxe relatos e experiência de profissionais recém-formados na Universidade Federal de Pelotas e já trilhando carreiras bem sucedidas em empresas do ramo, servindo também de inspiração para os ingressantes.

Conclusão

A pandemia trouxe muitas mudanças para a população, tanto nos hábitos como também na estrutura educacional. A atividade *online* foi um método alternativo de solução para que não se perdesse o contato entre a instituição e o aluno.

Os questionários surtiram efeito positivo, visto que proporcionaram proximidade da comunidade acadêmica junto ao PET-EA e a instituição de ensino. Identificou-se que a execução dos mesmos foi aceita e divulgada pelos alunos. Foi possível observar e acompanhar a realidade dos discentes, conhecer alguns de seus desafios e dificuldades, como também contribuir para a solução destes. O grupo pôde perceber que o acompanhamento aos ingressos, por meio de mídias digitais, é um recurso importante e eficaz para combater a evasão do curso de Engenharia Agrícola da UFPel e o afastamento das atividades acadêmicas nestes tempos difíceis.

Com a promoção das *lives*, além de serem proporcionados conteúdos e ensino aos alunos, ocorreu um contato mais amplo, atingindo também a comunidade em geral interessada pelos assuntos transmitidos. A integração foi realizada com a troca de conhecimentos, dicas e auxílios, sanando dúvidas durante as transmissões. Além de proporcionar um aprofundamento dos alunos nos temas mais diversos e específicos das áreas agrícolas, o projeto serviu para aproximar e proporcionar trocas de experiências entre alunos, professores (inclusive de outras instituições) e profissionais da área.

Constatou-se que, a partir destas atividades, foi proporcionado não só o envolvimento dos ingressantes no curso, como também de alunos e professores de diversas instituições, além do público em geral, facilitada a troca de experiências e ampliadas formas e meios para propagar as informações e conhecimentos relacionados ao meio agrícola. Por este motivo pretende-se que este acompanhamento continue após os tempos pandêmicos e se estenda com o retorno das aulas e atividades presenciais nas instituições de ensino. Continuaremos com atividades virtuais como palestras e congressos de acesso gratuito, *lives*, questionários frequentes, comunicação e envolvimento em mídias sociais, a fim de auxiliar no combate à evasão do curso de Engenharia Agrícola e expandir o interesse na área agrícola para além do âmbito acadêmico.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Superior**. 2019. Brasília: INEP-MEC, 2019. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 16 set. 2020.

MARTIN, M. G. M. B. **O Programa de Educação Tutorial – PET**: Formação Ampla na Graduação. 108 p. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

MEC. Ministério da Educação. **Apresentação PET**. 2020. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pet>. Acesso em: 10 out. 2020.

UFPEL. **PRAE lança Edital Auxílio Internet**. 2020. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/05/28/prae-lanca-edital-auxilio-internet/>. Acesso em: 16 set. 2020.

UFPEL. Programa de Educação Tutorial do curso de Engenharia Agrícola (PET-EA). **Guia do Aluno**. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/petea/1731-2/>. Acesso em: 09 nov. 2020.

VICENTE, E. C. F. P.; SANTINON, I. T. G.. Relato de uma Experiência nos Cursos de Engenharia: Projeto De Acompanhamento Acadêmico Do Aluno (PAAA). *In*: XL Congresso Brasileiro De Educação Em Engenharia, 2012, Campinas. **Anais [...]**. Belém: 2012.

SOARES, I. S. Evasão, Retenção e Orientação Acadêmica: UFRJ - Engenharia de Produção - Estudo de Caso. *In*: XXXIV Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, 2006, Passo Fundo. **Anais [...]**. Passo Fundo: 2006.

SOUSA JÚNIOR, J. H. *et al.* "#Fiqueemcasa e Cante Comigo": Estratégia De Entretenimento Musical Durante a Pandemia de Covid-19 no Brasil. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 5, p. 5-5, maio 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Folha informativa COVID-19 – Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. Disponível em:<https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 16 set. 2020.

MAURIZIO SILVEIRA QUADRO, graduado em Engenharia Agrícola pela UFPel. Doutor em Ciências do Solo pela FURG. Professor Associado da UFPel. Coordenador do projeto.
E-mail: mausq@hotmail.com

MATHEUS GOULART CARVALHO, graduando em Engenharia Agrícola na UFPel. Coordenador adjunto do projeto.
E-mail: carvalho9608@gmail.com

GRÉGORY CORREIA DA SILVA, graduando em Engenharia Agrícola na UFPel. Coordenador adjunto do projeto.
E-mail: gregcorreia31@gmail.com

HENRIQUE PEGLOW DA SILVA, graduando em Engenharia Agrícola na UFPel. Bolsista do projeto.
E-mail: henrique.p.s@hotmail.com

THALIA STRELOV DOS SANTOS, graduanda em Engenharia Agrícola na UFPel. Bolsista do projeto.
E-mail: thalia.strelov@gmail.com

STHÉFANIE DA CUNHA, graduanda em Engenharia Agrícola na UFPel. Bolsista do projeto.
E-mail: sthefanie_c@hotmail.com